

Francisco
Candido
Xavier

PAULO
E
ESTEVÃO

Ditado por
EMMANUEL

Livraria Editorada Federação
Avenida Passos - 30
Rio de Janeiro

PAULO E ESTÊVÃO

Francisco Cândido Xavier

PAULO E ESTÊVÃO

Ditado pelo Espírito
de EMMANUEL

2.ª Edição



1943
LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO ESPIRITA
BRASILEIRA
Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro — Brasil

Produções mediúnicas de Francisco Cândido Xavier:

PARNASO DE ALÉM TUMULO

Poesias ditadas por varios Espíritos de poetas brasileiros e portugueses.

EMMANUEL

Trata-se de mensagens ditadas por esse bondoso espírito ao médium Francisco Cândido Xavier, cheias de colorido que nos enchem de consolo e suavidade. —

Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

A CAMINHO DA LUZ

História da Civilização, à Luz do Espiritismo.

Obra prima ditada pelo Espírito lucido de EMMANUEL.

— Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO,

PATRIA DO EVANGELHO

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 7,00; enc. CR\$ 10,00.

CRÓNICAS DE ALÉM TUMULO

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

NOVAS MENSAGENS

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 4,00; enc. CR\$ 7,00.

HA DOIS MIL ANOS

(Ditado pelo Espírito de EMMANUEL).

Br. CR\$ 9,00; enc. CR\$ 12,00.

50 ANOS DEPOIS

(Ditado pelo Espírito de EMMANUEL).

Br. CR\$ 9,00; enc. CR\$ 12,00.

O CONSOLADOR

(Ditado pelo Espírito de EMMANUEL).

Br. CR\$ 7,00; enc. CR\$ 10,00.

BOA NOVA

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 6,00; enc. CR\$ 9,00.

PAULO E ESTÉVÃO

(Ditado pelo Espírito de EMMANUEL).

Br. CR\$ 18,00; Enc. CR\$ 22,00.

RENÚNCIA

(Romance de EMMANUEL).

Br. CR\$ 12,00; Enc. CR\$ 16,00.

REPORTAGENS DE ALÉM TUMULO

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 8,00; Enc. CR\$ 12,00.

INDICE

PAGS.

Breve noticia 7

PRIMEIRA PARTE

I	— Corações flagelados	11
II	— Lagrimas e sacrificios	34
III	— Em Jerusalém	50
IV	— Nas estradas de Joppe	71
V	— A прégação de Estêvão	86
VI	— Ante o Sínédrio	103
VII	— As primeiras perseguições	120
VIII	— A morte de Estêvão	145
IX	— Abigail cristã	172
X	— No caminho de Damasco	189

SEGUNDA PARTE

I	— Rumo ao deserto	207
II	— O tecelão	234
III	— Lutas e humilhações	263
IV	— Primeiros labores apostolicos	315
V	— Lutas pelo Evangelho	378
VI	— Perseguições e sacrificios	405
VII	— As Epístolas	425
VIII	— O martirio em Jerusalém	459
IX	— O prisioneiro de Cristo	503
X	— Ao encontro do Mestre	525

BREVE NOTÍCIA

Não são poucos os trabalhos que correm mundo, relativamente á tarefa gloriosa do apóstolo dos gentios. E' justo, pois, esperarmos a interrogativa: — Por que mais um livro sóbre Paulo de Tarso? Homenagem ao grande trabalhador do Evangelho ou informações mais detalhadas de sua vida?

Quanto á primeira hipótese, somos dos primeiros a reconhecer que o convertido de Damasco não necessita de nossas mesquinhas homenagens; e quanto á segunda, responderemos afirmativamente para atingir os fins que nos propomos, transferindo ao papel humano, com os recursos possíveis, alguma cousa das tradições do plano espiritual a-cerca-dos trabalhos confiados ao grande amigo dos gentios.

Nosso escopo essencial não poderia ser apenas rememorar passagens sublimes dos tempos apostólicos, e sim apresentar, antes de tudo, a figura do cooperador fiél, na sua legítima feição de homem transformado por Jesus Cristo e atento ao divino ministério. Esclarecemos, ainda, que não é nosso propósito levantar apenas uma biografia romanceada. O mundo está repleto dessas fichas educativas, com referência aos seus vultos mais notáveis. Nossa melhor e mais sincero desejo é recordar as lutas acerbas e ásperos testemunhos de um coração extraordinário, que se levantou das lutas humanas

Confeccionado nas oficinas
do REFORMADOR

para seguir os passos do Mestre, num esforço incessante.

As igrejas amornecidas da atualidade e os falsos desejos dos crentes, nos diversos setores do Cristianismo, justificam as nossas intenções.

Em toda parte, ha tendencias á ociosidade do espirito e manifestações de menor esforço. Muitos discípulos disputam as prerrogativas de Estado, enquanto outros, distanciados voluntariamente do trabalho justo, suplicam a proteção sobrenatural, do céu. Templos e devotos entregam-se, gostosamente, ás situações acomodaticias, preferindo as dominações e regalos de ordem material.

Observando esse panorama sentimental, é util recordarmos a figura inesquecível do apóstolo generoso.

Muitos comentaram a vida de Paulo; mas, quantos lhe atribuiram certos títulos-de-favor grande coração ressequido. Para uns, ele foi um santo por predestinação, a quem Jesus apareceu, numa operação mecânica da graça; para outros, foi um espirito arbitrário, absorvente e rispido, inclinado a combater os companheiros, com vaidade quase cruel.

Não nos deteremos nessa posição extremista. Queremos recordar que Paulo recebeu a dádiva santa da visão gloriosa do Mestre, ás portas de Damasco, mas não podemos esquecer a declaração de Jesus relativa ao sofrimento que o aguardava, por amor ao seu nome.

Certo é que o inolvidável tecelão trazia o seu ministério divino; mas, quem estará no mundo sem um ministério de Deus? Muita gente dirá que desconhece a propria tarefa, que é inciente a tal respeito, mas nós poderemos responder que, além da

ignorância, ha desatenção e muito capricho pernicioso. Os mais exigentes advertirão que Paulo recebeu um apêlo direto; mas na verdade, todos os homens menos rudes têm a sua convocação pessoal ao serviço do Cristo. As fórmas podem variar, mas a essencia do apêlo é sempre a mesma. O convite ao ministério chega, ás vezes, de maneira sutil, inesperadamente; a maioria, porém, resiste ao chamado generoso do Senhor. Ora, Jesus não é um mestre de violencias e se a figura de Paulo avulta muito mais aos nossos olhos, é que ele ouviu, negou-se a si mesmo, arrependeu-se, tomou a cruz e seguiu o Cristo até o fim de suas tarefas materiais. Entre perseguições, enfermidades, apodos, zombarias, desilusões, deserções, pedradas, açoites e encarceramentos, Paulo de Tarso foi um homem intrépido e sincero, caminhando entre as sombras do mundo, ao encontro do Mestre que se fizera ouvir nas encruzilhadas da sua vida. Foi muito mais que um predestinado, foi um realizador que trabalhou diariamente para a luz.

O Mestre chama-o, da sua esfera de claridades imortais. Paulo tateia na treva das experiencias humanas e responde: — Senhor, que queres que eu faça?

Entre ele e Jesus havia um abismo, que o apóstolo soube transpôr em decênios de luta redentora e constante.

Demonstra-lo, para o exame do quanto nos compete em trabalho proprio, a-fim-de ir ao encontro de Jesus, é o nosso objetivo.

Outra finalidade dêste esforço humilde é reconhecer que o apóstolo não poderia chegar a essa possibilidade, em ação isolada no mundo.

Sem Estevam, não teríamos Paulo de Tarso. O grande mártir do Cristianismo nascente alcançou

influencia muito mais vasta na experienca paulina, do que poderiamos imaginar tão só pelos textos conhecidos nos estudos terrestres. A vida de ambos está entrelaçada com misteriosa beleza. A contribuição de Esteavam e de outros personagens desta história real vem confirmar a necessidade e a universalidade da lei de cooperação. E, para verificar a amplitude desse conceito, recordemos que Jesus, cuja misericordia e poder abrangiam tudo, procurou a companhia de doze auxiliares, a-fim-de empreender a renovação do mundo.

Aliás, sem cooperação, não poderia existir amor; e o amor é a força de Deus, que equilibra o Universo.

Desde já, vejo os criticos consultando textos e combinando versiculos para trazerem á tona os erros do nosso tentame singelo. Aos bem intencionados, agradecemos sinceramente, por conhecer a nossa expressão de criatura falivel, declarando que este livro modesto foi grafado por um Espírito para os que vivam em espírito; e ao pedantismo dogmático, ou literário, de todos os tempos, recorremos ao proprio Evangelho para repetir que, se a letra mata, o espírito vivifica.

Oferecendo, pois, este humilde trabalho aos nossos irmãos da Terra, formulamos votos para que o exemplo do Grande convertido se faça mais claro em nossos corações, a-fim-de que cada discípulo possa entender quanto lhe compete trabalhar e sofrer, por amor a Jesus Cristo.

EMMANUEL.

Pedro Leopoldo, 8 de julho de 1941.

PAULO E ESTÊVÃO

PRIMEIRA PARTE

I

CORAÇÕES FLAGELADOS

A manhã enfeitava-se de muita alegria e de sol, mas as ruas centrais de Corinto estavam quase desertas.

No ar brincavam as mesmas brisas perfumadas, que sopravam de longe; entretanto, não se observava na fisionomia suntuosa das vias públicas, o sorriso de suas crianças despreocupadas, nem o movimento habitual das liteiras de luxo, em seu giro habitual.

A cidade, reedificada por Julio Cesar, era a mais bela jóia da velha Acaia, servindo de capital á formosa província. Não se podia encontrar, na sua intimidade, o espírito helenico em sua pureza antiga, mesmo porque, depois de um século de lamentavel abandono, após a destruição operada por Mummiós, o grande imperador restaurando-a, transformara Corinto em colónia importante de romanos, para onde acorrera grande número de libertos ansiosos de trabalho remunerador, ou proprietários de futuras fortunas. A estes, associara-se vasta corrente de israelitas e consideravel percentagem de filhos de outras raças que ali se aglomeravam, convertendo a cidade em núcleo de convergência de todos os aventureiros do Oriente e do Ocidente. Sua cultura estava muito distante das realizações intelectuais do gôsto grego mais eminente, misturando-se, em suas praças os templos mais diversos. Obedecendo, talvez, a essa heterogeneidade de sentimentos, Corinto tornara-se famosa pelas tradições de libertinagem da grande maioria dos seus habitantes.

Os romanos lá encontravam campo largo para as suas paixões, entregando-se, desvairadamente, ao veneno perfume desse jardim de flores exóticas. Mas, ao

lado dos aspectos soberbos e das pedrarias rutilantes, o pantano das miserias morais exalava nauseante bafio. A tragedia foi sempre o preço doloroso dos prazeres fáceis. De quando a quando, os grandes escândalos reclamavam as grandes repressões.

Nesse ano de 34, a cidade em peso fôra atormentada por violenta revolta dos escravos oprimidos.

Crimes tenebrosos foram perpetrados na sombra, exigindo severas devassas. O Proconsul não hesitara, ante a gravidade da situação. Expedindo mensageiros oficiais, solicitara de Roma os recursos precisos. E os recursos não tardaram. Em breve, a galera das aguias dominadoras, auxiliada por ventos favoraveis, trazia no bojo as autoridades da missão punitiva, cuja ação deveria esclarecer os acontecimentos.

Eis porque, nessa manhã radiosa e alegre, os edifícios residenciais e as lojas do comércio apresentavam-se envolvidos em profundo silêncio, semi-cerrados e tristes. Os transeuntes eram raros, com exceção de vários magotes de soldados, que cruzavam as esquinas despreocupados e satisfeitos, como quem se entregava, de bom grado, ao sabor das novidades.

Já de alguns dias, um chefe romano cujo nome se fazia acompanhar de sombrias tradições, fôra recebido pela Corte Provincial, ali desempenhando as elevadas funções de legado de Cesar, cercado de grande número de agentes políticos e militares e estabelecendo o terror entre todas as classes, com os seus processos infamantes. Licínio Minúcio chegara ao poder, mobilizando todos os recursos da intriga e da calúnia. Conseguindo voltar a Corinto, onde estacionara anos antes, sem maior autoridade, tudo ousava agora por aumentar seus cabedais, fruto de avareza insaciável e sem escrúpulos. Pretendia recolher-se, mais tarde, áqueles sítios, onde suas propriedades particulares atingiam grandes proporções, esperando aí a noite da decrepitude. Assim, de maneira a consumar seus criminosos designios, iniciou largo movimento de arbitrárias expropriações, a pretexto de garantir a ordem pública em benefício do poderoso Império, que a sua autoridade representava.

Numerosas famílias de origem judaica foram escolhidas como vítimas preferenciais da nefanda extorsão.

Por toda a parte começavam a chorar os oprimidos; entretanto, quem ousaria o recurso das reclamações públicas e oficiais? A escravidão esperava sempre os que se entregassem a qualquer impulso de liberdade contra as expressões da tirania romana. E não era só a figura desprezível do odioso funcionário que constituía para a cidade uma angustiosa e permanente ameaça. Seus assedias espalhavam-se em vários pontos das vias públicas, provocando cenas insuportaveis, características de uma perversidade inconsciente.

A manhã ia alta, quando um homem idoso, dando a entender que buscava o mercado, pelo cesto que lhe pendia das mãos, atravessava a passos vagarosos uma praça ensolarada e extensa.

Um grupo de tribunos alvejava-o com ditérios deprimentes, entre gargalhadas de ironia.

O velhinho, que denunciava nos traços fisionómicos a linha israelita, demonstrava perceber o ridículo de que vinha sendo objeto; mas, distanciando-se dos militares patrícios, como desejoso de resguardar-se, caminhou com mais timidez e humildade, desviando-se em silêncio.

Foi nesse instante que um dos tribunos, em cujo olhar autoritário perpassava acentuada malícia, acercou-se interrogando-o asperamente:

— Olá, judeu desprezível, como ousas passar sem saudar aos teus senhores?

O interpelado estacou, pálido e trêmulo. Seus olhos revelaram estranha angústia que resumia, na sua eloquência silenciosa, todos os martírios infinitos que flagelavam a sua raça. As mãos enrugadas lhe tremiam ligeiramente, enquanto o busto se arqueava reverente, premindo a longa barba encanecida.

— Teu nome? — tornou o oficial entre desrespeitoso e ironico.

— Jochedeb, filho de Jared — respondeu timidamente.

— E porque não saudaste os tribunos imperiais?
— Senhor, eu não ousei! — explicou quase lacrimoso.

— Não ousaste? — perguntou o oficial com profunda aspereza.

E, antes que o interpelado conseguisse oportunidade para mais amplas desculpas, o mandatário imperial assentou-lhe os punhos cerrados no rosto venerável, em bofetões sucessivos e impiedosos.

— Toma! Toma! — exclamava rudemente, ao estridor das gargalhadas dos companheiros presentes á cena, em tom festivo — guarda mais esta lembrança! Cão asqueroso, aprende a ser educado e agradecido!...

O velhinho cambaleou, mas não reagiu. Percebia-se-lhe a surda revolta íntima, a traduzir-se no olhar chamejante, indignado, que lançou ao agressor com uma serenidade terrível. Num movimento espontâneo, olhou os braços encarquilhados na luta e no sofrimento, reconhecendo a inutilidade de qualquer revide. Foi quando o verdugo inesperado, observando-lhe a calma silenciosa, pareceu medir a extensão da propria covardia e, colando as mãos na complicada armadura do cinto, voltou a dizer com profundo desdem:

— Agora que recebeste a lição, podes procurar o mercado, judeu insolente!

A vítima dirigiu-lhe, então, um olhar de ansiosa amargura, no qual transpareciam as dolorosas angústias de toda uma longa existencia. Emoldurado na tunica singela e na velhice venerável, aureolada por cabelos branqueados nas mais penosas experiencias da vida, o olhar do ofendido semelhava-se a um dardo invisível que penetraria, para sempre, a conciencia do agressor desrespeitoso e mau. No entanto, aquela dignidade ferida não se demorou muito na atitude de exprobração, intraduzível em palavras. Em breves instantes, suportando os ditérios da geral zombaria, prosseguiu no objetivo que o levava a sair á rua.

O velho Jochedeb experimentava agora estranhas e amargas reflexões. Duas lágrimas quentes e doloridas sulcavam-lhe as rugas da face macilenta, perdendo-se

nos fios grisalhos da barba veneranda. Que fizera para merecer tão pesados castigos? A cidade fôra trabalhada pelos movimentos de rebeldia de numerosos escravos, mas seu pequeno lar prosseguia com a mesma paz dos que trabalham com dedicação e obediencia a Deus.

A humilhação experimentada fazia-o regressar, pela imaginação, aos períodos mais dificeis da história de sua raça. Por que motivo, e até quando sofreriam os israelitas a perseguição dos elementos mais poderosos do mundo? Qual a razão de serem sempre estigmatizados, como indignos e miseraveis, em todos os recantos da Terra? Entretanto, amavam sinceramente aquele Pai de justiça e amor, que velava dos céus pela grandeza da sua fé e pela eternidade dos seus destinos. Enquanto os outros povos se entregavam ao relaxamento das fôrças espirituais, transformando esperanças sagradas em expressões de egoísmo e idolatria, Israél sustentava a lei do Deus unico, esforçando-se, em todas as circunstancias, por conservar intacto o seu patrimonio religioso, com sacrifício embora da sua independencia política.

De reflexão em raciocínio, entrou a meditar acanhado, na propria sorte.

Espôso dedicado, enviuvara quando aquele mesmo Licínio Minúcio, questor do Império, anos antes, instaurara nefandos processos em Corinto, a-fim-de punir alguns elementos de sua população descontente e rebeldia. Sua grande fortuna pessoal fôra extremamente reduzida e houve de amargar uma prisão injusta, resultante de falsas acusações que lhe valeram pesados dissabores e terríveis confiscos. Sua mulher não havia resistido aos sucessivos golpes que lhe feriram fatalmente o coração sensivel, mergulhando-se na morte, ralada de acerbos desgostos e deixando-lhe os dois filhinhos que constituiam a coroa de esperança da sua laboriosa existencia. Jeziel e Abigail desenvolviam-se sob o carinho de seus braços afetuoso e, por eles, no acúmulo dos sagrados deveres domésticos, sentia que a neve da estrada humana lhe alvejara precocemente os cabelos, consagrando a Deus as suas mais santas experiencias. A' mente lhe veiu então, mais viva, a silhueta graciosa dos filhos. Era

um lenitivo conhecer o sabor agradável das experiências do mundo, a benefício deles. O tesouro filial compensava-o das flagelações em cada acidente do caminho. A evocação do lar, onde o amor carinhoso dos filhos alimentava as esperanças paternas, suavizou-lhe as amarguras.

Que importava a brutalidade do romano conquistador, quando sua velhice se aureolava dos mais santos afetos do coração? Experimentando resignado consolo, chegou ao mercado, onde se abasteceu do que necessitava.

O movimento não era intenso na feira habitual, como nos dias mais comuns; entretanto, havia certa concorrência de compradores, mórmente de libertos e pequenos proprietários, que afluiam das estradas de Kencrées.

Mal não havia terminado a compra de peixe e legumes, luxuosa liteira parou no centro da praça e dela saltou um oficial patrício, desdobrando largo pergaminho. Ao sinal de silêncio, que fizera emudecer todas as vozes, a palavra do estranho personagem vibrou forte na leitura fiel do édito que trazia:

— Licínio Minúcio, questor do Império e legado de Cesar, encarregado de abrir nesta província a necessária devassa para restabelecimento da crdem em toda Acaia, convida a todos os habitantes de Corinto que se considerarem prejudicados em seus interesses pessoais, ou que se encontrarem necessitados de amparo legal, a comparecer amanhã, ao meio dia, no palacio provincial, junto ao templo de Venus Pandemo, a-fim-de exporem suas queixas e reclamações, que serão plenamente atendidas pelas autoridades competentes”.

Lido o aviso, o mensageiro retomou a elegante via turia, que, sustentada por hercúleos braços escravos, desapareceu na primeira esquina, envolvida por uma nuvem de pó levantada em remoinho pela ventania da manhã.

Entre os circunstantes, surgiram logo opiniões e comentários.

Os queixosos não tinham conta. O legado e seus prepostos, logo de comêço apossaram-se de pequenos patrimônios territoriais da maioria das famílias mais

humildes, cujos recursos financeiros não davam para custear processos no fôro provincial. Daí, a onda de esperanças que avassalava o coração de muitos e a opinião pessimista de outros, que não enxergavam no édito senão nova cilada, para obrigar os reclamantes a pagarem muito caro as suas legítimas reivindicações.

Jochedeb ouviu a comunicação oficial, colocando-se imediatamente entre os que se julgavam com direito a esperar legítima indenização pelos prejuízos sofridos noutros tempos. Animado das melhores esperanças, desandou para casa, escolhendo caminho mais longo, de modo a evitar novo encontro com os que o haviam humilhado rudemente.

Não havia muito caminhado, quando lhe surgiram á frente novos grupos de militares romanos, em conversações ruidosas, que transbordavam alacremente nas claridades da manhã.

Defrontando o primeiro grupo de tribunos e sentindo-se alvo de comentários deprimentes a transparecerem em risos escarninhos, o velho israelita considerou: — “Deverei sauda-los, ou passar mudo e reverente, como procurei fazer na vinda?” Preocupado com o evitar novo pugilato que agravasse as humilhações daquele dia, inclinou-se profundamente qual misero escravo e murmurou timido:

— Salve, valorosos tribunos de Cesar!

Mal acabou de o dizer e um oficial de fisionomia dura e impassível, acercou-se, exclamando colérico:

— Que é isso? Um judeu a dirigir-se impunemente aos patrícios? Chegou a tanto a condenável tolerância da autoridade provincial? Façamos justiça por nossas próprias mãos.

E novas bofetadas estalaram no rosto dorido do infeliz, que necessitava concentrar todas as energias na vontade para não se atirar, de qualquer modo, a uma reação desesperada. Sem uma palavra de justificação, o filho de Jared submeteu-se ao castigo cruél. Seu coração, precipite, parecia rebentar de angústia no peito envelhecido; todavia, o olhar refletia a intensa revolta que

lhe ia alma opressa. Impossibilitado de coordenar idéias em face da agressão inesperada, na sua atitude humilde reparou que, desta vez, o sangue jorrava das narinas, tingindo-lhe a barba branca e o linho singelo das vestiduras. Isso, porém, não chegou a sensibilizar o agressor, que, por fim, lhe vibrou a última punhada na fronte enrugada, murmurando:

— Sáfa-te, insolente!

Sustentando, a custo, o cesto que lhe pendia dos braços tremulos, Jochedeb avançou cambaleante, sufocando a explosão do seu extremo desespérado. "Ah! ser velho!" — pensava. E, simultaneamente, os símbolos da fé modificavam-lhe as disposições espirituais, sentia no íntimo a palavra antiga da Lei: — "Não matarás". No entanto, os ensinamentos divinos, a seu ver, na voz dos profetas, aconselhavam o revide — "olho por olho, dente por dente". Seu espírito guardava a intenção da represália como remédio às reparações a que se julgava com direito; mas as forças físicas já se não compadeiam com os requisitos da reação.

Profundamente humilhado e presa de angustiosos pensamentos, buscou recolher-se ao lar, onde se aconselharia com os filhos muito amados, em cujo afeto encontraria, de certo, a necessária inspiração.

Sua modesta vivenda não demorava longe e, ainda à distância, acabrunhado, entreviu o singelo e pequenino teto do qual fizera a edícula do seu amor. Presto, enveredou na trilha que terminava na cancelinha tosca, quase afogada pelas roseiras de Abigail, a exalarem forte e delicioso perfume. As árvores verdes e copadas, espalhavam frescor e sombra, que atenuavam o rigor do sol. Uma voz clara e amiga chegava de longe aos seus ouvidos. O coração paternal adivinhava. Aquela hora, Jeziel, conforme o programa por ele mesmo traçado, arava a terra preparando-a para as primeiras semeaduras. A voz do filho parecia casar-se à alegria do sol. A velha canção hebráica, que lhe saía dos lábios quentes de mocidade, era um hino de exaltação ao trabalho e à Natureza. Os versos harmoniosos falavam do amor à terra e da proteção constante de Deus. O generoso pai

afogava, a custo, as lágrimas do coração. A melodia popular sugeria-lhe um mundo de reflexões. Não havia trabalhado a existência inteira? Não se presumia um homem honesto nos mínimos atos da vida, para jamais perder o título de justo? Entretanto, o sangue da perseguição cruel ali estava a pingar-lhe da barba veneranda sobre a túnica branca e indene de qualquer mácula que lhe pudesse atormentar a consciência.

Ainda não transpusera o cercado rústico da vivenda humilde, quando uma voz carinhosa lhe gritava assustadiça e veemente:

— Pai! Pai! que sangue é esse?

Uma jovem de notável formosura corria a abraçá-lo com imensa ternura, ao mesmo tempo que lhe arrancava o cesto das mãos trêmulas e doloridas.

Abigail, na candidez dos seus dezoito anos, era um gracioso resumo de todos os encantos das mulheres da sua raça. Os cabelos sedosos caíam-lhe em anéis caprichosos sobre os ombros, emoldurando-lhe o rosto atraente num conjunto harmonioso de simpatia e beleza. No entanto, o que mais impressionava no seu talhe esbelto de menina e moça, eram os olhos profundamente negros, nos quais intensa vibração interior parecia falar dos mais elevados mistérios do amor e da vida.

— Filhinha, minha querida filha! — murmurou ele amparando-se nos seus braços carinhosos.

Em breve, dava conta de todas as ocorrências. E, enquanto o velho progenitor banhava o rosto contundido, na infusão balsâmica que a filha preparara cuidadosamente, Jeziel era chamado a inteirar-se do acontecido.

O jovem acorreu solícito e pressuroso. Abraçado ao pai, ouviu-lhe o desabafo amargo, palavra por palavra. No vigor da juventude, não se lhe poderia dar mais de vinte e cinco anos; mas o comedimento dos gestos e a gravidade com que se exprimia, deixavam entrever um espírito nobre, ponderado e servido por uma consciência cristalina.

— Coragem, pai! — exclamou depois de ouvir a dolorosa exposição, pondo nas expressões de firmeza um

acentuado cunho de ternura: — nosso Deus é de justiça e sabedoria. Confiamos na sua proteção!

Jochedeb contemplou o filho de alto a baixo, fixando-lhe o olhar bondoso e calmo, onde desejaría lobrigar, naquele momento, a indignação que lhe parecia natural e justa, dominado pelo desejo das represálias. Verdade que, criara Jeziél para as alegrias puras do dever, em obediencia á leal execução da lei; entretanto, nada o compelia a abandonar suas idéias de desfórra, de maneira a desafrontar-se dos ultrajes recebidos.

— Filho — obtemperou depois de meditar longo tempo — Jeová é cheio de justiça, mas os filhos de Israél, como escolhidos, precisam igualmente exercê-la. Poderíamos ser justos olvidando afrontas? Não poderei descanzar, sem o repouso da conciencia pela obrigação cumprida. Tenho necessidade de assinalar os erros de que fui vítima, no presente e no passado, e amanhã irei ao legado ajustar minhas contas.

O jovem hebreu fez um movimento de espanto e acrescentou:

— Ireis, porventura, á presença do questor Licínio, esperando providencias legais? E os antecedentes, meu pai? Pois não foi esse mesmo patrício quem vos despojou de grande patrimonio territorial, atirando-vos ao carcer? Não vêdes que ele tem nas mãos as fôrças da iniquidade? Não será de temer novas investidas com o fim de extorquir o pouco que nos resta?

Jochedeb mergulhou no olhar do filho, olhar que a nobreza do coração orvalhava de lágrimas emotivas, porém, na sua rigidez de carater, acostumado a executar os designios proprios até o fim, exclamou quase secamente:

— Como sabes, tenho contas velhas e novas a acertar, e, amanhã, de conformidade com o édito, aproveitarei o ensejo que o governo provincial nos faculta.

— Meu pai, suplico-vos — advertiu o rapaz, entre respeitoso e carinhoso — não lanceis mão desses recursos!

— E as perseguições? — explodiu o velho energicamente — e êsse turbilhão incessante de ignominias

em torno dos homens de nossa raça? Não haverá um paradeiro nesse caminho de infinitas angústias? Assistiremos, inérmes, ao enxovalho de tudo o que possuimos de mais sagrado? Tenho o coração revoltado com êsses crimes odiosos, que nos atingem impunemente...

A voz tornara-se-lhe arrastada e melancólica, deixando perceber extremo desânimo; todavia, sem se perturbar com objeções paternas, Jeziél prosseguiu:

— Essas torturas, entretanto, não são novas. Há muitos séculos, os faraós do Egito levaram tão longe a crueldade para com os nossos ascendentes, que os meninos de nossa raça eram trucidados logo ao nascer. Antíoco Epifanio, na Síria, mandou degolar mulheres e crianças, no recesso mesmo dos nossos lares. Em Roma, de tempos a tempos, todos os israelitas sofrem vexames e confiscos, perseguição e morte. Mas, certamente, meu pai, Deus permite que assim aconteça para que Israél reconheça, nos sofrimentos mais atrozes, a sua missão divina.

O velho israelita parecia meditar as ponderações do filho, e contudo, acrescentou resoluto.

— Sim, tudo isso é verdade, mas a justiça réta deve ser cumprida, ceitil por ceitil, e nada poderá demover-me.

— Então, ireis reclamar, amanhã, perante o legado?

— Sim!

Nesse momento, o olhar do jovem demorou na velha mesa onde repousava a coleção dos Escritos Sagrados da família. Animado por súbita inspiração, Jeziél lembrou humildemente:

— Pai, não tenho o direito de exortar-vos, mas vejamos o que nos suscita a palavra de Deus a respeito do que pensais neste momento.

E abrindo os textos ao acaso, conforme o costume da época, a-fim-de conhecer a sugestão que lhes pudessem facultar as sagradas letras, leu na parte dos Proverbios:

— “Filho meu, não rejeites o corretivo do Senhor, nem te enojes de sua repreensão; porque Deus repreende

áquele a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem". (1)

O velho israelita abriu os olhos espantados, revelando a estupefação que a mensagem indireta lhe causava, e como Jeziél o fixasse longamente, demonstrando ansioso interesse por conhecer-lhe a atitude íntima, em face da sugestão dos pergaminhos sagrados, acentuou:

— Recebo a advertência dos Escritos, meu filho, mas não me conformo com a injustiça e, segundo tenho resolvido, levarei minha queixa ás autoridades competentes.

O rapaz suspirou e disse resignado:

— Que Deus nos proteja!...

No dia seguinte, avolumava-se compacta multidão junto ao templo da Venus popular. Do antigo casarão onde funcionava um tribunal improvisado, viam-se as luxuosas e extravagantes viaturas que cruzavam a grande praça em todas as direções. Eram patrícios que se dirigiam ás audiências da Corte provinciana, ou antigos proprietários da fortuna particular de Corinto, que se entregavam aos entretenimentos do dia, a custa do suor dos misérinos cativos. Desusado movimento caracterizava o local, observando-se, de vez em quando, os oficiais embriagados que deixavam o ambiente viciado do templo da famosa deusa, atupido de capitosos perfumes e condenaveis prazeres.

Jochedeb atravessou a praça, sem se deter para fixar qualquer detalhe da multidão que o rodeava e penetrou no recinto, onde Licínio Minúcio, cercado de muitos auxiliares e soldados, expedia numerosas ordens.

Os que se atreveram á queixa pública excediam tão somente de uma centena e, depois de prestarem declarações individuais, sob o olhar percutiente do legado, eram um por um conduzidos para a solução isolada do assunto que lhes dizia respeito.

Chegada a sua vez, o velho israelita expôs suas

(1) Proverbios — III: 11-12.

reclamações particulares, atinentes ás indébitas expropriações do passado e aos insultos de que fôra vítima na véspera, enquanto o orgulhoso patrício lhe anotava as menores palavras e atitudes, do alto de sua cátedra, como quem já conhecia, de longo tempo, o personagem em causa. Conduzido novamente ao interior, Jochedeb esperou, como os demais, a solução dos seus pedidos de reparação á Justiça; mas aos poucos, enquanto outros eram convocados nominalmente ao acerto das contas com o Governo provincial, reparava que o antigo casarão se envolvia em grande silêncio, percebendo que sua vez, possivelmente, fôra adiada por circunstâncias que não podia presumir.

Instado nominalmente a dirigir-se ao juiz, ouviu, grandemente surpreendido, a sentença negativa, lida por um oficial que desempenhava as atribuições de secretário daquela alçada.

— O legado imperial, em nome de Cesar, resolve ordenar o confisco da suposta propriedade de Jochedeb ben Jared, concedendo-lhe três dias para desocupar as terras que ocupa indébitamente, visto pertencerem, com fundamento legal, ao questor Licínio Minúcio, habilitado a provar, a qualquer tempo, seus direitos de propriedade".

A decisão inesperada causou intensa comoção ao velho israelita, á cuja sensibilidade, aquelas palavras levaram um efeito de morte. Nem saberia definir a angustiosa surpresa. Não confiara na justiça e não estava á procura de sua ação reparadora? Queria gritar o seu ódio, manifestar suas pungentes desilusões; mas a língua estava como petrificada na boca retraída e tremula. Após um minuto de profunda ansiedade, fixou no alto a figura detestada do antigo patrício que lhe causava, agora, a derradeira ruina, e, envolvendo-o na vibração cólerica da alma revoltada e sofredora, encontrou energias para dizer:

— O' ilustríssimo questor, onde está a equidade das vossas sentenças? Venho até áqui implorando a intervenção da justiça e me retribuís a confiança com mais uma extorsão que me aniquilará a existência? No passado, sofri a desapropriação descabida de todos os meus bens

territoriais, conservando com enormes sacrifícios a chácara humilde, onde pretendendo esperar a morte!... Será crível que vós, dono de opulentos latifundios, não sintais remorso em subtrair ao misero velho a derradeira côdea de pão.

O orgulhoso romano, sem um gesto que denotasse a mais leve emoção, retrucou secamente:

Ponha-se na rua, e que ninguém discuta as decisões imperiais!

— Não discutir? — clamou Jochedeb já desvairado. — Não poderei altear a voz amaldiçoando a memória dos criminosos romanos que me expoliaram? Onde colocareis vossas mãos, envenenadas com o sangue das vítimas e as lágrimas das viúvas e dos orfãos esbulhados, quando soar a hora do julgamento no tribunal de Deus?...

Mas, recordando subitamente o lar povoado pela ternura dos filhos amorosos, modificou a atitude mental, sensibilizado nas fibras recônditas do sér. Prostrando-se, de joelhos, em convulsivo pranto, exclamou comovedoramente:

— Tende piedade de mim, Ilustríssimo!... Poupaí-me a vivenda modesta, onde, acima de tudo, sou pali... Meus filhos esperam-me com o beijo da sua afeição sincera e desvelada!...

E acrescentava afogado em lágrimas:

— Tenho dois filhos que são duas esperanças do coração. Poupaí-me, por Deus! Prometo conformar-me com esse pouco, nunca mais reclamarei!...

Entretanto, o legado impassível, respondeu com frieza dirigindo-se a um soldado:

— Spartaco, para que êsse judeu impertinente se afaste do recinto, com as suas lamentações, dez bastonadas.

O preposto formalizou-se para cumprir imediatamente a ordem, mas o juiz implacável acrescentou:

— Tenha cuidado em não lhe cortar o rosto, para que o sangue não escandalize os transeuntes.

De joelhos, o pobre Jochedeb suportou o castigo e, terminada a prova, levantou-se, cambaleante, alcançando

a praça ensolarada, sob as risotas disfarsadas de quantos haviam presenciado o ignóbil espetáculo. Nunca, em sua vida, experimentara tão intenso desespérô como naquela hora. Queria chorar e tinha os olhos frios e secos; lamentar a desdita imensa e os lábios estavam petrificados de revolta e dor. Parecia um sonambulo vagando inconsciente entre as viaturas e os transeuntes que se aglomeravam na praça enorme. Contemplou com extrema e intima repugnancia o templo de Venus. Desejava ter voz estentórica e poderosa para humilhar todos os circunstantes com a palavra da condenação. Observando as cortezás coroadas que o encontravam, as armaduras dos tribunos romanos e a ociosa atitude dos afortunados que passavam despercebidos do seu martirio, molemente recostados nas liteiras vistosas da época, — sentiu-se como que mergulhado num dos pântanos mais odiosos do mundo, entre os pecados que os profetas da sua raça jamais se cansaram de profligar, com todas as véras do coração consagrado ao Todo-Poderoso. Corinto, a seus olhos, era uma nova edição da Babilonia condenada e desprezível.

De súbito, apesar dos tormentos que lhe perturbavam a alma exhausta, recordou novamente os filhos queridos, sentindo, por antecipação, a profunda amargura que a notícia da sentença lhes causaria ao espírito sensível e afetuoso. A lembrança da ternura de Jeziél enternecia-lhe o peito galvanizado no sofrimento. Teve a impressão de vê-lo ainda a seus pés, suplicando desistisse de qualquer reclamação e, aos ouvidos ecoava-lhe agora, com mais intensidade a exortação dos escritos: — “Filho meu, não rejeites a repreensão do Senhor!” Mas, ao mesmo tempo, idéias destruidoras invadiam-lhe o cérebro cansado e dolorido. A lei sagrada estava cheia de símbolos de justiça. E para êle, impunha-se como dever soberano providenciar a reparação que lhe parecia conveniente. Agora, em desolação suprema, regressava ao lar, despojado de tudo o que possuia de mais humilde e mais simples, e já no fim da vida! Como lhe viria o pão de amanhã?! Sem elementos de trabalho e sem teto, via-se constrangido a peregrinar em situação parasitária,

ao lado da juventude dos filhos. Inenarrável martírio moral sufocava-lhe o coração.

Dominado por acérbos pensamentos, aproximou-se do sítio bem amado, onde edificara o ninho familiar. O sol quente da tarde fazia mais doce a sombra das árvores, de ramarias verdes e abundantes. Jochedeb avançou no terreno, que era propriedade sua, e, angustiado pela perspectiva de abandoná-lo para sempre, deu ensejo a que terríveis tentações lhe desvairassem a mente. As terras de Licínio não se limitavam com a chácara? Afastando-se do caminho que o levava ao ambiente doméstico, penetrou nos matagais próximos e, depois de alguns passos, demorou o olhar na linha de demarcação, entre ele e o seu verdugo. As pastagens do outro lado não pareciam bem cuidadas. A falta de melhor distribuição da água comum, certa secura geral fazia-se sentir àsperamente. Apenas algumas árvores, isoladas, amenisavam a paisagem com a sua sombra, refrescando a região abandonada, entre espinheiros e parasitas que sufocavam as ervas uteis.

Obsidiado pela idéia de reparação e vingança, o velho israelita deliberou incendiar as pastagens próximas. Não consultaria os filhos, que, possivelmente, dobrariam o seu espírito inclinado à tolerância e à benignidade. Jochedeb recuou alguns passos e, recorrendo ao material de serviço ali guardado nas proximidades, fez o fogo com que acendeu um feixe de ervas ressequidas. O rastilho comunicou-se, célebre, e em rápidos minutos o incêndio das pastagens propagava-se com a velocidade do relâmpago.

Terminada a tarefa, sob a penosa impressão dos ossos doloridos, regressou cambaleante ao lar, onde Abigail o inquiriu, inutilmente, dos motivos de tão profundo abatimento. Jochedeb deitou-se à espera do filho; mas, dentro em pouco, um ruido ensurdecedor ecoava-lhe aos ouvidos. Não longe da chácara, o fogo destruía árvores amigas e frondes robustas, reduzindo pastos verdes a punhados de cinzas. Grande área ardia, irremediavelmente, escutando-se os gritos lamentosos das aves que fugiam espavoridas. Pequenas benfeitorias do questor,

inclusive algumas termas pitorescas de sua predileção, construídas entre as árvores, ardiam igualmente, convertendo-se em negros escombros. Aqui e acolá, o alarido dos trabalhadores do campo, em espantosa correria por salvar da destruição a residencia campeste do poderoso patrício, ou procurando isolar a serpente de fogo que lambia a terra em todas as direções, aproximando-se dos pomares vizinhos.

Algumas horas de ansiedade espalharam as mais angustiosas expectativas; mas, ao fim da tarde o incêndio fôra dominado, depois de ingentes esforços.

Debalde o velho judeu enviara mensageiros à procura do filho, dentro dos círculos de serviço da sua pequena herança. Desejava falar a Jeziel das suas necessidades e da situação tormentosa em que se encontravam novamente, ansioso por descansar a mente atormentada nas palavras dulcificantes da sua ternura filial. Entretanto, somente à noite, com as vestes chamuscadas e as mãos ligeiramente feridas, o jovem entrou em casa, deixando entrever no cansaço da fisionomia a laboriosa tarefa que se impusera. Abigail não se surpreendeu com o seu aspecto, entendendo que o irmão não deixara de auxiliar os companheiros de trabalho da vizinhança, nas ocorrências da tarde e preparando-lhe aos pés cansados e às mãos doloridas o banho de água aromatizada; mas, tão logo o viu e notou as mãos feridas, foi com espanto que Jochedeb exclamou:

— Onde estiveste, filho meu?

Jeziel falou da cooperação espontânea no salvamento da propriedade vizinha e, à medida que relatava os tristes sucessos do dia, o pai deixava traer a propria angústia no fácie sombrio, em que se estereotipavam os traços rudes da revolta que lhe devorava o coração. Ao cabo de alguns minutos, erguendo a voz desalentada, falou com profunda emoção:

— Meus filhos, custa dizer-lhes, mas fomos espoliados na derradeira migalha que nos resta... Reprovando minha reclamação sincera e justa, o legado de

Cesar determinou o sequestro do nosso proprio lar. A iníqua sentença é o passa-porde da nossa ruina total. Pelas suas disposições, somos obrigados a abandonar a chácara em três dias!

E, elevando os olhos para o alto, como a insistir junto á divina misericórdia, exclamava com o olhar embaciado de lágrimas:

— Tudo perdido!... Porque fui assim desamparado, meu Deus?! Onde a liberdade do vosso povo fiél, se, em toda parte nos exterminam e perseguem sem piedade?

Grossas lágrimas escorriam-lhe pelas faces, enquanto com a voz trêmula narrava aos filhos os pesados tormentos de que fôra vítima. Abigail osculava-lhe as mãos enternecidamente e Jeziél, sem qualquer alusão á rebeldia paterna, abraçava-o depois da sua dolorosa exposição, consolando-o com amor:

— Meu pai, por que vos atemorizardes? Deus nunca é avaro de misericórdia. Os Escritos Sagrados nos ensinam que Ele, antes de tudo, é o Pai desvelado de todos os vencidos da Terra! Essas derrotas chegam e passam. Tendes os meus braços e o cuidado afetuoso de Abigail. Porque lastimar, se amanhã mesmo, com o socorro divino poderemos sair desta casa, para buscar outra em qualquer parte, a-fim-de nos consagrarmos ao trabalho honesto?! Deus não guiou o nosso povo expulso do lar, através do oceano e do deserto? Porque negaria, então, seu apoio a nós que tanto o amamos neste mundo? Ele é a nossa bússola e a nossa casa.

Os olhos de Jeziél fixavam o velho progenitor numa atitude de súplica profundamente caríciosa. Suas palavras revelavam o mais doce enternecimento do coração. Jachedeb não era insensível áquelas formosas manifestações de carinho; mas, ante a revelação de tanta confiança do poder divino, sentia-se envergonhado, depois do ato extremo que praticara. Descansando na ternura que a presença dos filhos lhe oferecia ao espírito desolado, dava curso ás lágrimas dolorosas que lhe fluiam

da alma pungida por aceras desilusões. Entretanto, Jeziél continuava:

— Não choreis meu pai, contai conosco! Amanhã eu próprio providenciarei a nossa retirada, como se faz preciso.

Foi nesse instante que a voz paternal se ergueu soturna e acentuou:

— Mas não é tudo, meu filho!...

E, pausadamente, Jchedeb pintou o quadro de suas angústias reprimidas, da sua cólera justa, que culminara com a decisão de atear fogo á propriedade do verdugo execrando. Os filhos ouviam-no espantados, entremos-trando a dor sincera que a conduta paterna lhes causava. Depois de um olhar de infinito amor e funda preocupação, o jóvem abraçou-o murmurando:

— Meu pai, meu pai, porque levantastes o braço vingador? porque não esperastes a ação da justiça divina?...

Embora perturbado pelas afetuosas admoestações, o interpelado esclarecia:

— Está escrito nos mandamentos: — “não furtarás” e fazendo o que fiz, procurei retificar um desvio da lei, porquanto fomos espoliados de tudo o que constituia o nosso humilde patrimônio.

— Acima de todas as determinações, porém, meu pai — acentuou Jeziél sem irritação — Deus mandou gravar o ensinamento do amor, recomendando que o amassemos sobre todas as cousas, de todo coração e todo o entendimento.

— Amo ao Altíssimo, mas não posso amar ao romano cruel — suspirou Jchedeb amargurado.

— Mas, como revelarmos dedicação ao Todo Poderoso que está nos céus — continuou o jóvem compadecido — destruindo suas obras? No caso do incêndio, não temos só a considerar o nosso testemunho de desconfiança para com a justiça de Deus, mas os campos

que nos fornecem agasalho e pão, sofreram com a nossa atitude e os dois melhores servos de Licínio Minúcio, Caio e Rufílio, foram feridos de morte quando tentavam salvar as termas prediletas do amo, procurando inutilmente livra-las do fogo que as destruiu; ambos, apesar de escravos, têm sido nossos melhores amigos. As árvores frutíferas e os canteiros de legumes de nossa propriedade devem quase tudo a eles, não só no concorrente ás sementes vindas de Roma, mas também no esforço e cooperação com o meu trabalho. Não seria justo honrarmos sua amizade, dedicada e diligente, evitando-lhes a punição e os sofrimentos injustos?

Jochedeb pareceu meditar profundamente nas observações filiais, ditas em tom carinhoso. Enquanto Abigail chorava em silêncio, o moço acrescentava:

— Nós que estávamos em paz, nas derrotas do mundo, porque trazíamos a consciência pura, precisamos resolver, agora, em face do que nos advirá em represálias. No instante do meu esforço contra o fogo, observei que muitos afeiçoados de Minúcio me contemplavam com indispensável desconfiança. A esta hora, já ele terá regressado dos serviços da corte provincial. Precisamos encomendar-nos ao amor e à complacência de Deus, pois não ignoramos os tormentos reservados pelos romanos a todos que lhes desrespeitam as determinações.

Penosa nuvem de tristeza mergulhara os três em sombrias preocupações. No velho observava-se uma ansiedade terrível, que se misturava à dor do remorso pungente e, em ambos os jovens notava-se, no olhar, inexcedível amargura, angustiosa e intraduzível.

Jeziél tomou de sobre a mesa os velhos pergaminhos sagrados e disse à irmã, com triste acento:

— Abigail, vamos recitar o Salmo que nos foi ensinado pela mamãe para as horas difíceis.

Ambos se ajoelharam e suas vozes comovidas como a de pássaros torturados, cantavam baixinho uma das formosas orações de David, que haviam aprendido no colo maternal:

"O Senhor é o meu Pastor,
Nada me faltará.
Deitar-me faz em verdes pastos,
Guia-me mansamente
A águas mui tranquilas.
Refrigera minh'alma,
Guia-me nas veredas da justiça
Por amor do seu nome.
Ainda que eu andasse
Pelo vale das sombras da morte,
Não temeria mal algum,
Porque Tu estás comigo...
A tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas-me o banquete do amor
Na presença dos meus inimigos,
Unges de perfume a minha cabeça,
O meu cálice transborda de júbilo!...
Certamente,
A bondade e a misericórdia
Seguirão todos os dias de minha vida
E habitarei na Casa do Senhor
Por longos dias..." (1)

O velho Jochedeb acompanhava o canto dolorido, sentindo-se opreso de amarguradas emoções. Começava a compreender que todos os sofrimentos enviados por Deus são proveitosos e justos, e que todos os males procurados pelas mãos do homem trazem, invariavelmente, torturas infernais à consciência invigilante. O canto abafado dos filhos enchia-lhe o coração de tristezas pungentes. Lembrava, agora, a companheira querida que Deus havia chamado à vida espiritual. Quantas vezes, acalentara-lhe ela o espírito atormentado com aqueles versos inesquecíveis, do profeta? Bastava que sua observação amiga e fiel se fizesse ouvir para que o sentido da obediência e da justiça lhe falasse mais alto ao coração.

(1) Salmo XXIII — Nota de Emmanuel.

Ao ritmo da harmonia cariciosa e triste, que apresentava acento singular na voz dos filhos idolatrados, Jochedeb chorou longamente. Da pequenina janela aberta no aposento humilde, seus olhos buscaram ansiosamente o céu azul, que se encheria de sombras tranquilas. A noite abraçara a natureza e, muito longe, no alto, começavam a luzir as primeiras estrelas. Identificando-se com as sugestões grandiosas do firmamento, experimentou intensas comoções na alma ansiosa. Profundo enternecimento fê-lo levantar-se e, sedento de revelar aos filhinhos quanto os amava e quanto deles esperava naquela hora culminante da sua vida, inclinou-se de braços abertos, com significativa expressão de carinho, e, quando as últimas notas se desprendiam do canto dos jovens enlaçados e genuflexos, abraçou-os em pranto, murmurando:

— Meus filhos! meus queridos filhos!...

Mas, nesse instante abriu-se a porta e um pequenino servidor das vizinhanças anunciou com grande assombro a lhe transparecer nos olhos:

— Senhores, o soldado Zenas e mais alguns companheiros chamam-vos á porta.

O velho colou a destra ao peito opreso, enquanto Jeziél parecia meditar um instante; todavia, revelando a firmeza do seu espírito resoluto, o jovem exclamou:

— Deus nos protejerá.

Dai a instantes, o mensageiro que chefiava a pequena escolta leu o mandado de prisão de toda a família. A ordem era categórica e irrevogável. Os acusados deveriam ser recolhidos imediatamente ao cárcere, a-fim-de que se lhes esclarecesse a situação no dia seguinte.

Abraçado aos dois filhos, o pobre israelita marchou á frente da escolta, que os observava sem piedade.

Jochedeb contemplou os canteiros de flores e as árvores bem amadas, junto da casinha singela onde tecera todos os sonhos e esperanças da sua vida. Singular emoção dominou-lhe o espírito cansado. Uma torrente de lágrimas fluia-lhe dos olhos e, transpondo

acancela florida, falou em voz alta, olhando o céu claro, agora recamado pelos astros da noite:

— Senhor! compadece-te do nosso amargurado destino!

Jeziél apertou-lhe docemente a mão encarquilhada, como a lhe pedir resignação e calma, e o grupo marchou silenciosamente á luz das estrelas.

II

LAGRIMAS E SACRIFICIOS

A prisão que recebera os nossos personagens, em Corinto, era um velho casarão de corredores humidos e escuros, mas a sala destinada aos três, conquanto desprovida de qualquer conforto, apresentava a vantagem de uma janela gradeada, que comunicava o ambiente desolado com a natureza exterior.

Jochedeb estava cansadíssimo e, servindo-se do manto que apanhara ao acaso, ao retirar-se, Jeziél improvisou-lhe um leito sobre as lajes frias. O velho, atormentado por uma aluvião de pensamentos, descansava o corpo dolorido, entregue a penosas meditações sobre os problemas do destino humano. Sem saber externar suas dores pungentes, engolfara-se em angustioso mutismo, evitando o olhar dos filhos. Jeziél e Abigail aproximaram-se da janela segurando-lhe as grades inflexíveis e, abafando, com dificuldade, a justa inquietação. Ambos olharam, instintivamente, o firmamento cuja imensidão sempre resumiu a fonte das mais ternas esperanças para os que choram e sofrem na Terra.

O jóvem abraçou a irmã, com imensa ternura, e disse comovido:

— Abigail, lembra-te da nossa leitura de ontem?

— Sim — respondeu ela com a ingenua serenidade dos seus olhos negros e profundos — tenho agora a impressão de que os Escritos nos davam uma grande mensagem, pois nosso ponto de estudo foi justamente

aquele em que Moisés contemplava, de longe, a terra da Promissão sem poder alcançá-la.

O rapaz sorriu satisfeito por sentir-se identificado nos seus pensamentos e confirmou:

— Vejo que estamos de perfeito acôrdo. O céu, esta noite, oferece-nos a perspectiva de uma patria luminosa e distante. Lá, — continuava apontando o zimbório estrelado — organiza Deus os triunfos da verdadeira justiça; dá paz aos tristes; conforto aos desalentados da sorte. Certamente, nossa mãe está com Deus, esperando por nós.

Abigail mostrou-se muito impressionada com as palavras do irmão e acentuou:

— Estás triste? Ficaste agastado com o proceder de nosso pai?

— De modo algum — atalhou o moço afagando-lhe os cabelos — nós estamos em experiencias que devem ter a melhor finalidade para a nossa redenção, porque, de outro modo, Deus não nos mandaria.

— Não nos aborreçamos com o pai — tornou a jovem, — estive pensando que se a mamãe estivesse conosco, ele não chegaria ás reclamações de tão tristes consequencias. Nós não temos aquele poder de persuasão com que ela, carinhosa sempre, iluminava a nossa casa. Lembras-te? Sempre nos ensinou que os filhos de Deus devem estar prontos para a execução das divinas vontades. Os profetas, por sua vez, nos esclarecem que os homens são varas no campo da criação. O Todo Poderoso é o lavrador e nós devemos ser os galhos floridos ou frutíferos, na sua obra. A palavra de Deus nos ensina a ser bons e amaveis. O bem deve ser a flor e o fruto, que o céu nos pede.

Nessa altura, a bela criança fez uma pausa significativa. Seus grandes olhos estavam velados por um tênué véu de pranto, que não chegava a cair.

— Entretanto, continuou emocionado o irmão carinhoso: sempre desejei fazer algum bem, sem jamais o conseguir. Quando nossa vizinha enviuvou, quis auxiliá-la com dinheiro, mas não o possuia; sempre que me surge uma oportunidade de abrir as mãos, tenho-as po-

bres e vasias. Então, agora, penso que foi util a nossa prisão. Não será uma felicidade podermos sofrer alguma cousa por amor de Deus, neste mundo? Quem nada tem, inda possue o coração para dar.

— E eu estou convicta de que o Céu nos abengoará pela nossa resolução em servi-lo com alegria.

O rapaz aconchegou-a ao peito e exclamou:

— Deus te abençoe pelo entendimento das suas leis, irmázinha!

Longa pausa estabelecerá-se entre ambos, enquanto mergulhavam no infinito da noite clara os olhos ternos e ansiosos.

Em dado instante, voltou a jóven a considerar:

— Porque será que os filhos de nossa raça são perseguidos em toda parte, provando injustiça e sofrimentos?

— Suponho, respondeu o moço — que Deus o permite a exemplo do pai amoroso que, para educar os filhos mais jovens e ignorantes, toma por base os filhos mais experientes. Enquanto os outros povos amortecem fôrças na dominação pela espada, ou nos prazeres condenaveis, nosso testemunho ao Altíssimo, pelas dores e amarguras, multiplica em nosso espírito a capacidade de resistencia, ao mesmo tempo que os outros homens aprendem a considerar, com o nosso esforço, as verdades religiosas.

E, fixando o olhar sereno no firmamento, acrescentou:

— Mas eu creio no Messias Redentor, que virá esclarecer todas as cousas. Os profetas nos afirmam que os homens não o compreenderão; entretanto, ele ha-de vir ensinando o amor, a caridade, a justiça e o perdão. Nascerá entre os humildes, exemplificará entre os pobres, iluminará o povo de Israél, levantará os tristes e oprimidos, tomará, com amor, todos os que padecem no abandono do coração. Quem sabe, Abigail, estará ele no mundo, sem o sabermos? Deus opera em silencio e não concorre com as vaidades da criatura. Temos fé e a nossa confiança no céu é uma fonte de fôrça inexgotável. Os filhos da nossa raça muito têm padecido

mas Deus saberá porque, e não nos enviaria problemas de que não necessitassemos.

A jóven pareceu meditar longamente e obtemperou, depois de alguns instantes:

— E já que falamos em sofrimentos, como deveremos esperar o dia de amanhã? Prevejo grandes contrariedades no interrogatorio e, afinal, que farão os juizes de nosso pai e de nós proprios?

— Não deveremos aguardar senão desgostos e decepções, mas não esqueçamos a oportunidade de obedecer a Deus. Quando experimentou a ironia de sua mulher, nas desditas extremas, Jó teve a boa lembrança de que, se o Criador nos dá os bens para nossa alegria, pode enviar-nos igualmente os dissabores para nosso proveito. Se o papai fôr acusado, direi que fui eu o autor do delito.

— E se te flagelarem por isso? — perguntou ela de olhos ansiosos.

— Entregar-me-ei ao flagicio com a paz da consciencia. Se estiveres junto de mim, nesse instante, cantarás comigo a prece dos que se encontram em aflição.

— E se te matarem, Jeziél?

— Pediremos a Deus que nos proteja.

Abigail abraçou mais ternamente o irmão, que, por sua vez, dissimulava a custo a emoção que lhe ia nálma. A irmã querida constituirá sempre o tesouro afetivo de toda a sua vida. Desde que a morte lhes arrebatara a genitora, dedicara-se á irmã, com todas as véras do coração. Sua vida pura dividia-se entre o trabalho e a obediencia ao pai; entre o estudo da lei e a afeição á meiga companheira da infancia. Abigail contemplava-o, ternamente, enquanto ele a abraçava com o enlêvo da amizade pura, que reune duas almas afins.

Depois de meditar longos minutos, Jeziél falou comovido: — Se eu morrer, Abigail, has de prometer-me seguir á risca aqueles conselhos da mamãe, para que tivessemos a vida sem mácula, neste mundo. Lembrar-te-ás de Deus e da nossa vida de trabalho santificador, e nunca ouvirás a voz das tentações que arrastam as criaturas á quēda nos abismos do caminho. Recór-

das-te das últimas observações da mamãe no leito da morte?

— Se recordo — respondeu Abigail com uma lágrima. Tenho a impressão de ouvir ainda as suas últimas palavras: "e vocês, meus filhos amarão a Deus acima de tudo, de todo coração e de todo entendimento".

Jeziél sentiu os olhos humidos, com aquelas recordações, e murmurou:

— Feliz de ti que não esqueceste.

E como quem desejava mudar o rumo da conversa, acrescentou sensibilizado:

— Agora precisas descansar.

Embora ela se recusasse ao repouso, tomou-lhe o manto pobre, improvisou um leito á luz baça do luar que penetrava pelas grades e, osculando-lhe a fronte com indizível ternura, advertiu afetuosamente:

— Descansa, não te impressiones com a situação, nosso destino pertence a Deus.

Abigail, para lhe ser agradável, aquietou-se como pôde, enquanto ele se aproximava da janela, por contemplar a beleza da noite polvilhada de luz. Seu coração moço, atufava-se de angustiosas cogitações. Agora que o pai e a irmãzinha repousavam na sombra, dava curso ás idéias profundas que lhe empolgavam o espírito generoso. Buscava, ansiosamente, uma resposta ás interrogações que mandava ás estrelas distantes. Esperava, com sinceridade e confiança, no seu Deus de sabedoria e misericórdia, que os pais lhe haviam dado a conhecer. A seus olhos, o Todo-Poderoso sempre fôra infinitamente justo e bom. Ele que esclarecera o progenitor e consolara a irmãzinha, perguntava também, por sua vez, dentro de si, o porquê das suas provas dolorosas. Como se justificava, por causa tão comesinha, a prisão inesperada de um ancião honesto, de um homem trabalhador e de uma criança inocente? Que delito irreparável haviam praticado para merecer expiação tão penosa? O pranto correu-lhe copioso ao relembrar a humilhação da irmã, mas também não procurou enxugar as lágrimas que lhe inundavam o rosto, de maneira a esconde-las de Abigail, que talvez o observasse na som-

bra. Rememorava, um a um, todos os ensinamentos dos Escritos Sagrados. As lições dos profetas consolavam-lhe a alma ansiosa. Entretanto, vagava-lhe no coração uma saudade infinita. Lembrava-se do carinho materno que a morte lhe arrebatara. Se presente áquele transe, a mãe saberia como confortá-los. Quando criança, nas suas pequenas contrariedades, ela ensinava que, em tudo, Deus era bom e misericordioso; que, nas enfermidades corrigia o corpo e nas angústias da alma esclarecia, iluminava o coração; no desfile das reminiscências, considerava igualmente que ela sempre o incitara á coragem e á alegria, fazendo-lhe sentir que a criatura convicta da paternidade divina, anda no mundo fortalecida e feliz.

Edificado na fé, cobrou ânimo e, depois de longas reflexões, aquietou-se na laje fria, procurando o repouso possível no silêncio augusto da noite.

O dia amanheceu prenhe de lugubres expectativas.

Dentro de poucas horas, Licínio Minúcio rodeado de numerosos guardas e satélites, recebeu os prisioneiros na sala destinada aos criminosos comuns, onde se ostentavam alguns instrumentos de punição e suplício.

Jochedeb e os filhos trajam na palidez do semblante a emoção profunda que os dominava.

Os costumes da época eram excessivamente deshumanos para que o juiz implacável e a maioria dos circunstantes se inclinassem á comiseração pelo seu aspecto desditoso.

Alguns esbirros perfilavam-se junto dos potros de castigo, de onde pendiam açoites e algemas impiedosos.

Não houve interrogatório, nem depoimento de testemunhas, como seria de esperar antes de providências tão odiosas, e, chamado rudemente pela voz metálica do legado, o velho judeu aproximou-se vacilante e trêmulo:

— Jochedeb — exclamou o algoz impassível e sahnudo — os que desacatam as leis do Império devem ser punidos de morte, mas eu procurei ser magnânimo, em consideração á tua velhice desamparada.

Um olhar de angustiada expectação transfigurou o rosto do acusado, enquanto o patrício esboçava um sorriso ironico.

— Alguns operarios lá da herdade — continuou Lícínio — viram-te as mãos perversas na tarde de ontem, quando incendiaste as pastagens. Esse ato redundou em sérios prejuízos para os meus interesses, além de ocasional maledicências talvez irreparaveis á saúde de dois servos mui preestimosos. Como nada tens de teu para compensar o dano causado, receberás o justo corretivo em flagelações, para que nunca mais venhas a erguer tuas garras de abutre contra os interesses romanos.

Sob o olhar angustiado e lacrimoso dos filhos, o velho israelita ajoelhou-se e murmurou:

— Senhor, por piedade!

— Piedade? — berrou Minúcio com rispidez. — Cometes um crime e imploras favores?! Bem se diz que tua raça se compõe de vermes asquerosos e desprezíveis.

E, designando o tronco, disse friamente a um dos sequazes:

— Pescêno, avia-te! Vergasta-o vinte vezes.

Ante a muda aflição dos jovens, o respeitável ancião foi solidamente algemado.

O castigo ia começar quando Jeziél rompendo a expectativa geral, aproximou-se da mesa e falou com humildade:

— Questor ilustríssimo, perdoai minha covardia de haver calado até agora; saiba, porém, que meu pai está sendo acusado injustamente. Fui eu quem incendiou os terrenos de vossa propriedade, perturbado pela sentença de confisco exarada contra nós. Dignai-vos, pois, liberta-lo e dar-me a mim a merecida punição. Aceita-la-ei de bom grado.

O patrício teve um lampejo de surpresa nos olhos frios, que se caracterizavam por mobilidade extrema, e acentuou:

— Mas, não auxiliaste os meus homens a salvar uma parte das térmas? Não foste o primeiro a medicar Rufílio?

— Assim fiz levado pelo remorso, ilustríssimo — retrucou o rapaz, ansioso por isentar o pai do suplício iminente — quando vi a extensão do fogo comunicando-se as árvores, temi as consequências do ato praticado, mas, agora confesso ter sido o seu autor.

Nesse interim, receioso pela sorte do filho, Jochedeb exclamou intimamente atormentado:

— Jeziél, não te inculpes por uma falta que não cometeste!...

Mas, pontilhando as palavras com extrema ironia, o legado replicou dirigindo-se ao moço hebreu:

— Está bem: poupei-te até agora, baseado nas falsas informações que me deram a teu respeito; contudo, terás também o teu quinhão de disciplina indispensável. Teu pai pagará pelo crime em que foi visto, de maneira inegável; e tu pagarás pelo que confessaste espontaneamente.

Colhido de surpresa pela decisão que não esperava, Jeziél foi conduzido ao poste de tortura, frente a angústia paterna. A seu lado, postou-se o companheiro de Pescêno, que o atou sem piedade aos élos de bronze, e as primeiras vergastadas começaram a lamber-lhe o dorso, impiedosas, isócronas.

Uma... duas... três...

Jochedeb revelava profunda debilidade, vendo-se-lhe o peito a arfar penosamente, ao passo que o filho demonstrava tolerar o suplício com heroísmo e nobre serenidade; ambos de olhos fixos em Abigail, que os contemplava excessivamente pálida, entremostrando nas lágrimas ardentes que derramava, o cruciante martírio do seu espírito afetuoso.

A punição terrível ia quase a meio, quando um mensageiro entrou no recinto e, em voz alta, anunciou ao legado, em tom solene:

— Ilustríssimo, portadores de vossa casa participam que o servo Rufílio acaba de falecer.

O patrício cruel franziu o sobrólho como costumava fazer nos momentos de explosão colérica. Sentimentos rancorosos lhe afloraram á face, que a perversidade do egoísmo exacerbado vincara de traços indeléveis.

— Era o melhor dos meus homens — bradou. Estes judeus malditos pagarão muito caro esta afronta.

— Filócris, aplica-lhe mais vinte vergastadas e, em seguida, leva-o á prisão, de onde deverá seguir para o cativeiro nas galeras.

Entre as pobres vítimas e a jóvem aflita, trocou-se um olhar de significação intraduzível. Aquele cativeiro era a ruína e a morte; contudo, ainda não se haviam recobrado da cruel surpresa, quando o juiz inexorável prosseguiu:

— Quanto a ti, Pescênia, renova a tarefa. Esse velho, criminoso e sem escrúpulos, pagará a morte do meu fiel servidor. Golpeia-lhe as mãos e os pés até que fique impossibilitado de caminhar e praticar o mal.

Ante a sentença iniqua, Abigail caiu de joelhos, em preces ardentes. Do peito do irmão escapavam fundos suspiros, nevando-se-lhe os olhos de lágrimas dolorosas, ao conjecturar a inexorável desdita da irmãzinha, enquanto o pai lhes buscava ansiosamente o olhar, receoso da hora extrema.

As vergastadas continuavam sem trégua, mas, de uma feita, Pescênia não conseguira equilibrar-se e a ponta aguçada de bronze do açoite lanhou fundo a garganta do pobre israelita, jorrando o sangue em borbotões. Os filhos compreenderam a gravidade da situação e entreolharam-se ansiosos. Em preces de sublimado fervor, Abigail dirigia-se a Deus, aquele Deus terno e amoroso que sua mãe lhe ensinara a adorar. Filócris concluira a sua empreitada. A fronte de Jeziél erguia-se a custo, exibindo pastoso suor tisnado de sangue. Os olhos fixavam-se na irmã muito amada, mas, em todo o seu aspecto deixava transparecer profunda fraqueza, que lhe anulava as ultimas resistências. Incapaz de definir os proprios pensamentos, Abigail repartia sua atenção angustiada com o pai e o irmão; todavia, em breves instantes, ao fluxo incessante do sangue que corria abundante, Jochedeb deixou pender, para sempre, a cabeça alvejada de cabelos brancos. O sangue alagara as vestes e empastava-se-lhe nos pés. Sob o olhar cruel do legado, ninguem ousou articular

palavra. Apenas o açoite cortando o ambiente morno da sala, quebrava o silencio num silvo singular. Mas, notaram que do peito da vítima ainda se escapavam palavras confusas, das quais sobressaíam as carinhosas expressões:

— Meus filhos, meus queridos filhos!...

A jóvem talvez não pudesse compreender que chegara o momento decisivo, mas Jeziél, nada obstante o terrível sofrimento daquela hora, tudo compreendeu e, num esforço profundo, gritou para a irmã.

— Abigail, papai está expirando; tem coragem, confia... Não posso acompanhar-te na oração... mas faze por todos nós... a prece dos aflitos...

Dando mostras de fé invejável em tão amarguradas circunstancias, a jóvem, de joelhos, fixou longamente o velho pai cujo peito já não arfava; depois, erguendo os olhos ao alto, começou a cantar com voz trêmula, porém harmoniosa e cristalina:

"Senhor Deus, pai dos que choram,
Dos tristes, dos oprimidos,
Fortaleza dos vencidos,
Consolo de toda a dor,
Embora a miseria amarga
Dos prantos de nosso erro,
Deste mundo de desterro
Clamámos por vosso amor!"

"Nas aflições do caminho,
Na noite mais tormentosa,
Vossa fonte generosa
E' o bem que não cessará.
Sois, em tudo, a luz eterna
Da alegria e da bonança,
Nossa porta de esperança
Que nunca se fechará."

Suas expressões vocais enchiham o ambiente de sonoridade indefinivel. O canto semelhava-se mais a um gorgorio de dor de um rouxinol que cantasse, ferido, numa alvorada de primavera. Tão grande, tão sincera revelava-se-lhe a fé no Todo-Poderoso, que sua atitude

geral era a de uma filha carinhosa e obediente, comunicando-se com o pai silencioso e invisível. O pranto perturbava-lhe a voz trêmula, mas repetia, com desassombro a prece aprendida no lar, com a mais formosa expressão de confiança no Altíssimo.

Penosa emoção apossara-se de todos. Que fazer com uma criança cantando o suplício dos seus entes amados e a crueldade dos seus verdugos? Soldados e guardas presentes mal dissimulavam a emoção. O próprio questor parecia imobilizado, como que submetido a enfadonho mal-estar. Abigail, estranha à perversidade das criaturas, suplicando o amparo do Onipotente, não sabia que o canticos era inútil à salvação dos seus, mas que despertaria a comiseração pela sua inocência, ganhando-lhe, assim, a liberdade.

Recobrando alento e percebendo que a cena ferira a sensibilidade geral, Licínio esforçou-se por não perder a dureza de espírito e recomendou a um dos velhos servidores, em tom imperioso:

— Justino, leva esta mulher para a rua e sólta-a, mas que não cante mais, nem mesmo uma nota!

Diante da ordem retumbante, Abigail não terminou a oração, emudecendo instantaneamente, como se obedecesse a estranho estacado.

Lançou ao cadáver ensanguentado do pai um olhar inesquecível e, logo contemplando o irmão ferido e algemado, com quem trocava as mais íntimas impressões na linguagem dos olhos doridos e ansiosos, sentiu-se tocada pela mão calosa de um velho soldado que lhe dizia em voz quase áspera.

— Acompanha-me!

Ela estremeceu; todavia, endereçando a Jeziél o derradeiro e significativo olhar, seguiu o preposto de Minúcio, sem resistência. Após de atravessar inúmeros corredores húmidos e sombrios, Justino modificando sensivelmente a voz, deu-lhe a perceber extrema simpatia por sua figura quase infantil, murmurando-lhe ao ouvido comovidamente:

— Minha filha, também sou pai e comprehendo o teu martírio. Se queres atender a um amigo, escuta o meu

conselho. Foge de Corinto a toda pressa. Vale-te deste instante de sensibilidade dos teus verdugos e não voltes aqui.

Abigail cobrou algum animo e sentindo-se encorajada por aquela simpatia imprevista, perguntou extremamente perturbada:

— E meu pai?

— Teu pai descansou para sempre — murmurou o generoso soldado.

O pranto da jovem se fez mais copioso, borbulhando-lhe dos olhos tristes. Todavia, ansiosa por defender-se contra a perspectiva de solidão, perguntou ainda:

— Mas... e meu irmão?

— Ninguem volta do cativeiro das galeras — respondeu Justino com um olhar significativo.

Abigail levou as mãos pequeninas ao peito, desejando afogar a propria dor. Os gonzos de velha porta rangeram vagarosamente e o seu inesperado protetor exclamou apontando a rua movimentada:

— Vai em paz e que os deuses te protejam.

A pobre criatura não tardou a sentir o isolamento entre as fileiras de transeuntes que cruzavam, apressados, a via pública. Habituada aos carinhos domésticos, no lar onde o idioma paterno substituia a linguagem das ruas, sentiu-se estranha no meio de tantas criaturas inquietas, assoberbadas de interesses e preocupações materiais. Ninguem lhe notava as lágrimas, nenhuma voz amiga procurava interirar-se das suas intimas angústias.

Estava só! Sua mãe fôra chamada por Deus, anos antes; seu pai acabava de sucumbir covardemente assassinado; o irmão prisioneiro e cativeiro, sem esperança de remissão. Apesar do sólido dia, tinha a sensação de intenso frio. Deveria regressar ao ninho doméstico? Mas, com que fim, se haviam sido expulsos? A quem confiar sua enorme desdita? Lembrou-se de uma velha amiga da família. Procurou-a. A viúva Sostônia, muito afeiçoada à sua mãe, recebeu-a com o sorriso generoso da sua velhice bondosa.

Desfeita em pranto, a infortunada contou-lhe todo o sucedido.

A veneranda velhinha, acariciando-lhe a cabeleira anelada, falou comovida e amargurada:

— Nas perseguições passadas, nossos sofrimentos foram os mesmos.

E dando a entender que não desejava reviver antigas e dolorosas reminiscências, Sostênia acentuou:

— E' indispensável o máximo de coragem nas situações penosas como esta. Não é fácil elevar o coração em meio de tão terríveis escombros; mas é preciso confiar em Deus nas horas mais amargas. Que contas fazer, agora que todos os recursos desapareceram? Por minha vez, nada posso oferecer-te, senão o coração amigo, pois também aqui estou por esmola da pobre família que me agasalhou caridosamente na última tempestade da minha vida.

— Sostênia — disse Abigail suspirando — meus pais me preparam para uma existência de corajoso esforço próprio. Estou pensando em recorrer ao legado e suplicar-lhe um cantinho da nossa chácara para ali viver uma vida honesta, na esperança de rehaver Jeziél e sua fraterna companhia. Que pensas a respeito?

Notando a indecisão da veneranda amiga, continuou:

— Quem sabe o questor Licínio se condoerá da minha sorte? Minha resolução talvez o enteñeça; voltarei para casa e levar-te-ei comigo. Ser-me-ias uma segunda mãe para o resto da vida.

Sostênia conchegou-a de encontro ao coração e acentuou de olhos húmidos:

— Minha querida, tu és um anjo, mas o mundo ainda é propriedade dos máus. Viveria contigo eternamente, minha boa Abigail; entretanto, não conheces o legado nem a sua camarilha. Ouve, filha! E' preciso que fujas de Corinto, de modo a não incidires em mais duras humilhações.

A moça teve uma exclamação de abatimento e, depois de longa pausa, acrescentou:

— Aceitarei teus conselhos, mas, antes de qualquer providência, necessito voltar á casa.

— Para que? — interrogou a amiga admirada. — E' imprescindível que partas quanto antes. Não voltes

ao lar. A' esta hora, é possível já esteja ocupado por homens sem escrúpulos, que te não respeitariam. Convém-te uma atitude de sincera fortaleza moral, pois vivemos uma época em que necessitamos fugir da perdição, como Lot e seus familiares, correndo o risco de sermos transformados em estátua inutil, se olharmos para trás.

A irmã de Jeziél bebia-lhe as palavras com dolorosa estranheza, em face do imprevisto da situação.

Passado um momento, Sostênia levou a mão á fronte, como a recordar uma providência oportuna e falou com animação:

— Lembra-te de Zacarias, filho de Hanan?

— Aquele amigo da estrada de Kencrées?

— Ele mesmo. Fui informada de que, em companhia da esposa, prepara-se para deixar definitivamente a Acaia, por haver sido assassinado, nestes últimos dias, o seu único filho, pelos romanos irresponsáveis.

Confortada por ardente esperança, concluia com ansiedade:

— Corre á casa de Zacarias! Se ainda o encontrar, fala-lhe em meu nome. Pede-lhe acolhimento. Ruth é um coração generoso e não deixará de estender-te as mãos generosas e fraternais; sei que ela te receberá com afagos maternos!...

Abigail tudo ouvia, parecendo indiferente á propria sorte. Mas Sostênia fê-la considerar a necessidade do recurso e, decorridos minutos de consolações recíprocas, a jovem sob o calor causticante das primeiras horas da tarde, pôs-se a caminho para Kencrées, dando a impressão de um automato que vagasse na estrada, a que vários veículos e inumeros pedestres imprimiam considerável movimento. O porto de Kencrées ficava a certa distância do centro de Corinto. Situado de maneira a servir as comunicações com o Oriente, seus bairros populosos estavam cheios de famílias israelitas, fixadas de longa data nas regiões da Acaia, ou em transito para a capital do Império e adjacências. A irmã de Jeziél chegou á casa de Zacarias dominada por terrível abatimento.

Aliado á vigilia da última noite e ás angústias do dia, penoso cansaço físico lhe agravava os desalentos. Pernas trópegas, a relembrar o pai morto e o irmão prisioneiro, não reparava em si propria, no misero estado do seu organismo enfermo e desnutrido. Somente ao defrontar a modesta morada do amigo, verificou que a febre comecava a devorar-lhe as entranhas, obrigando-a a refletir nas suas dolorosas necessidades.

Zacarias e Ruth, sua mulher, atendendo ao chamado receberam-na espantados e aflitos.

— Abigail!...

O grito de ambos revelava grande surpresa, com o aspecto da jovem despenteada, face esfogueada, olhos fundos e vestes em desalinho.

A filha de Jochedeb, perturbada pela fraqueza e pela febre, rojou-se aos pés do casal, exclamando em tom lancinante:

— Meus amigos, tende piedade do meu infortúnio!... Nossa boa Sostênia lembrou-me vosso afeto, no transe doloroso por que passo. Eu que já não tinha mãe, tive hoje meu pai assassinado e Jeziél escravizado sem remissão. Se é verdade que partireis de Corinto, levai-me, por compaixão, em vossa companhia!

Abigail abraçava-se agora a Ruth, ansiosamente, enquanto a amiga acarinhava entre lágrimas.

Solucante, a jovem relatou os fatos da véspera e os tristes episódios daquele dia.

Zacarias, cujo coração paterno acabava de sofrer tremendo golpe, abraçou-a com afeto e amparou-a sensibilizado, exclamando solícito:

— Dentro de uma semana voltaremos á Palestina. Ainda não sei bem onde nos vamos fixar, mas nós que perdemos o filho querido, teremos em ti uma filha estremecida. Acalma-te! Irás conosco, serás nossa filha para sempre.

Incapaz de traduzir seu jubiloso agradecimento, atormentada pela febre alta, a jovem ajoelhou-se, em pranto,

procurando externar sua gratidão carinhosa e sincera. Ruth tomou-a ternamente nos braços e, qual desvelado anjo maternal, conduziu-a a um leito macio, onde Abigail, assistida pelos dois amigos generosos delirou três dias, entre a vida e a morte.

III

EM JERUSALEM

Depois de contemplar angustiadamente o cadáver paterno, o jovem hebreu acompanhou a irmã, de olhar ansioso, até a porta de acesso a um dos vastos corredores da prisão. Jamais experimentara tão profunda emoção. Ao cérebro atormentado acudiam-lhe os conselhos maternos, quando asseverava que a criatura, acima de tudo, devia amar a Deus. Jamais conhecera lágrimas tão amargas como aquelas que lhe fluíam em torrente, do coração dilacerado. Como rehaver a coragem e reorganizar o caminho? Desejou, num relance, romper as algemas, aproximar-se do pai inanimado, afagar-lhe os cabelos brancos e, simultaneamente, abrir todas as portas, correr no encalço de Abigail, toma-la nos braços para nunca mais se apartarem nas estradas da vida. Debalde se estorceu no tronco do martírio, porque, em retribuição aos esforços, sómente o sangue manava mais copioso das feridas abertas. Singultos dolorosos abalavam-lhe o peito, a cuja altura a túnica se fizera em rubros frangalhos. Abismado em si mesmo, finalmente, foi recolhido a uma cela húmida, onde, por trinta dias mergulhou o pensamento em profundas cogitações.

Ao fim de um mês, as feridas estavam cicatrizadas e um dos prepostos de Licínio julgou chegado o momento de o encaminhar a uma das galeras do tráfego comercial, onde se encontrava o questor, interessado em assuntos lucrativos.

O moço hebreu perdera o viço róseo das faces e o tom ingênuo da fisionomia carinhosa e alegre. A rude

experiência déra-lhe uma expressão dolorosa e sombria. Vagava-lhe no semblante indefinível tristeza e na fronte apontavam rugas precoces, nunciativas de velhice prematura; nos olhos, porém, a mesma serenidade doce, oriunda da íntima confiança em Deus. Como outros descendentes da sua raça, sofrera o sacrifício pungente e todavia guardara a fé, como a auréola divina dos que sabem verdadeiramente agir e esperar. O autor dos Provérbios recomendara, como imprescindível, a serenidade da alma em todas as flutuações da vida humana, porque dela procedem as fontes mais puras da existência. E Jeziél guardara o coração. Orfão de pai e mãe, cativo de verdugos cruéis, saberia conservar o tesouro da esperança e procuraria a irmã, até os confins do mundo, se um dia conseguisse, de novo, o beijo da liberdade na fronte escravizada.

Seguido de perto por sentinelas impiedosas, qual se fôra um vagabundo vulgar, cruzou as ruas de Corinto até o porto, onde o internaram no porão infecto de uma galera adornada com o símbolo das águias dominadoras.

Reduzido á mísera condição de condenado a trabalhos perpétuos, enfrentou a nova situação cheio de confiança e humildade. Foi com admiração que o feitor Lisipo anotou-lhe a boa conduta e o esforço nobre e generoso. Habitado a lidar com malfeiteiros e criaturas sem escrúpulos, que, não raro requeriam a disciplina do chicote, surpreendeu-se ao reconhecer no moço hebreu a disposição sincera de quem se entregava ao sacrifício, sem rebeldias e sem baixeza.

Manejando os remos pesados com absoluta serenidade, como quem se dava a uma tarefa habitual, sentia o suor abundante inundar-lhe a face juvenil, relembrando, comovido, os dias laboriosos da sua charrua amiga. Em breve, o feitor reconhecia nele um servo digno de estima e consideração, que soubera impor-se aos próprios companheiros com o prestígio da natural bondade que lhe transbordava dalma.

— Ai de nós! — exclamou um colega desalentado.

— São raros os que resistem a estes remos malditos, por mais de quatro meses!...

— Mas todo o serviço é de Deus, amigo — respondia Jeziél altamente inspirado — e desde que aqui nos encontramos em atividade honesta e de conciencia tranquila, devemos guardar a convicção de servos do Criador, trabalhando em suas obras.

Para todas as complicações da nova modalidade de sua existencia, tinha uma fórmula conciliatoria, harmonizando os animos mais exaltados. O feitor surpreendia-se com a delicadeza do seu trato e capacidade de trabalho, que se aliamavam aos mais altos valores da educação religiosa recebida no lar.

No bôjo escuro da embarcação, sua firmeza de fé não se modificara. Dividia o tempo entre os labores rudes e as sagradas meditações. A todos os pensamentos, sobrelevava a saudade do ninho familiar, com a esperança de rever a irmã algum dia, por mais que se lhe dilatasse o cativeiro.

De Corinto, a grande embarcação aproara a Cefalônia e Nicópolis, de onde deveria regressar aos portos da linha de Chipre, depois de ligeira passagem pela costa da Palestina, consoante o itinerario organizado para aproveitar o tempo seco e tendo em vista que o inverno paralisava toda a navegação.

Afeito ao trabalho, não lhe foi dificil adaptar-se á pesada faina de carga e descarga do material transportado, á manobra dos remos implacaveis e assistencia aos poucos passageiros, sempre que lhe requisitavam préstimos, sob o olhar vigilante de Lisipo.

Voltando de Cefalônia, a galera recebeu um passageiro ilustre. Era o jovem romano Sergio Paulo, que se dirigia para a cidade de Citium, em comissão de natureza politica. Com destino ao porto de Nea-Pafos, onde alguns amigos o esperavam, o moço patrício se constituiu, desde logo, entre todos, alvo de grandes atenções. Dada a importancia do seu nome e o carater oficial da missão a ele cometida, o comandante Sérvio Carbo lhe reservou as melhores acomodações.

Sergio Paulo, entretanto, muito antes de aportarem novamente em Corinto, onde a embarcação deveria permanecer alguns dias, em prosseguimento da rota prefixada, adoeceu com febre alta, abrindo-se-lhe o corpo em chagas purulentas. Comentava-se, á sorrelfa, que, nas cercanias de Cefalônia grassava uma peste desconhecida. O médico de bordo não conseguiu explicar a enfermidade e os amigos do enférmo começaram a retrair-se com indifarsavel escrúpulo. Ao fim de três dias, o jovem romano achava-se quase abandonado. O comandante, preocupado, por sua vez, com a propria situação e receoso por si mesmo, chamou Lisipo pedindo-lhe que indicasse um escravo dos mais educados e maneirocos, capaz de incumbir-se de toda a assistencia ao passageiro ilustre. O feitor designou Jeziél, incontinenti, e, na mesma tarde o moço hebreu penetrou no camarote do enférmo, com o mesmo espírito de serenidade que costumava testemunhar nas situações mais dispares e arriscadas.

Sergio Paulo tinha o leito em desalinho. Não raro, levantava-se de súbito, no auge da febre que o fazia delirar, pronunciando palavras desconexas e agravando, com o movimento dos braços, as chagas que sangravam em todo o corpo.

— Quem és tu? — perguntou o doente em delírio, logo que enxergou a figura silenciosa e humilde do jovem de Corinto.

— Chamo-me Jeziél, o escravo que vos vem servir.

E a partir daquele momento, consagrou-se ao enférmo com todas as reservas da sua afetividade. Com a permissão dos amigos de Sergio, utilizou todos os recursos de que podia dispôr a bordo, imitando a medicação aprendida no lar. Dias seguidos e longas noites, velou á sua cabeceira, com devotamento e boa vontade. Banhos, esencias e pomadas, eram manipulados e aplicados com extrema dedicação, como se estivesse a tratar um parente íntimo e muito caro. Nas horas mais críticas da enfermidade dolorosa, falava-lhe de Deus, recitava trechos antigos dos profetas, que trazia de cór, cumulando-o de consolações e carinho fraternal.

Sergio Paulo empreendeu a gravidade do mal que afastara os amigos mais caros e, no convívio daqueles dias, afeiçoou-se ao enfermeiro humilde e bom. Depois de alguns dias em que Jeziél conquistara plenamente a sua admiração reconhecida, pelos atos de inexcedível bondade, o doente entrou em rápida convalescência, com os votos de alegria geral.

E contudo, na véspera de regressar ao porão abafado, o jovem cativo apresentou os primeiros sintomas da moléstia desconhecida que grassava em Cefalonia.

Após entender-se com alguns subordinados de categoria, o comandante chamou a atenção do patrício já quase restabelecido e lhe pediu aprovação para o projeto de lançar o jovem ao mar.

— Será preferível envenenar os peixes, antes que afrontar o perigo do contágio e arriscar tantas vidas preciosas — esclarecia Servio Carbo com um sorriso malicioso.

O patrício refletiu um instante e reclamou a presença de Lisipo, entrando os três a tratar do assunto.

— Qual a situação do rapaz? — perguntou o romano com interesse.

O feitor passou a esclarecer que o jovem hebreu lhe viéra com outros homens capturados por Licínio Minúcio, por ocasião dos últimos disturbios da Acaia e Lisipo, que simpatizava extremamente com o moço de Corinto, procurou pintar com fidelidade a corregão da sua conduta, suas maneiras distintas, a benéfica influência moral que ele exercia sobre os companheiros muitas vezes desesperados e insubmissos.

Depois de longas considerações, Sergio ponderou com profunda nobreza:

— Não posso admitir que Jeziél seja atirado ao mar com a minha aquiescência. Devo a esse escravo uma dedicação que equivale á minha propria vida. Conheço Licínio e, se necessário, poderei esclarecer-l-o mais tarde sobre esta minha atitude. Não duvido que a peste de Cefalonia esteja trabalhando o seu organismo e, por isso mesmo é que lhes peço a cooperação

necessaria, a fim de que esse jovem fique liberto para sempre.

— Mas isso é impossível... — exclamou Sérvio reticentemente.

— Porque não? — revidou o romano. — Em que dia atingiremos o porto de Joppe?

— Amanhã, á noitinha.

— Pois bem; espero que vocês não se oponham aos meus planos, e tão logo alcancemos o porto, levarei Jeziél num bote até ás margens, pretextando o ensejo de exercício muscular, que preciso recomeçar. Aí, então, lhe daremos liberdade. E' um feito que se me impõe, em obediencia aos meus princípios.

— Mas, senhor... — obtemperou o comandante indeciso.

— Não aceito restrições quaisquer, mesmo porque, Licínio Minúcio é um velho camarada de meu pai.

E continuou, depois de refletir um momento:

— Não ias atirar o rapaz ao fundo do mar?

— Sim.

— Pois faze constar dos teus apontamentos que o escravo Jeziél, atacado de mal desconhecido, contraído em Cefalonia, foi sepultado no mar, antes que a peste contagiasse os tripulantes e passageiros. Para que o rapaz não se comprometa, instrui-lo-ei a respeito, dando-lhe umas tantas ordens terminantes. Além disso, noto-o bastante enfraquecido para resistir com exito ás crises culminantes da moléstia ainda em comêço. Quem poderá garantir que ele resistirá? Quem sabe morrerá ao abandono, no segundo minuto de liberdade?

O comandante e o feitor trocaram um olhar inteligente, de implícito acôrdo mútuo.

Depois de longa pausa, Servio concordou, dando-se por vencido:

— Está bem, seja.

O moço patrício estendeu a mão aos dois e murmurou:

— Por este obséquio ao meu dever de conciencia, poderão sempre dispor em mim de um amigo.

Daí a instantes, Sergio acercou-se do jovem, semi-adormecido junto do seu camarote e já tomado da febre em comêço de explosão, dirigindo-lhe a palavra com delicadeza e bondade:

— Jeziél, desejarias voltar á liberdade?

— Oh! senhor, exclamou o jovem reanimando o organismo com um raio de esperança.

— Quero compensar a dedicação que me dispensaste nos longos dias da minha enfermidade.

— Sou vosso escravo, senhor. Nada me deveis.

Ambos falavam o grego e, refletindo subitamente na situação de futuro, o patrício interrogou:

— Sabes o idioma comum da Palestina?

— Sou filho de israelitas, que me ensinaram a língua materna nos mais verdes anos.

— Então, não te será difícil recomeçar a vida nessa província.

E, medindo as palavras como se temesse alguma surpresa contrária aos seus projetos, acentuou:

— Jeziél, não ignoras que te encontras enférmo, talvez tão gravemente quanto eu, ha alguns dias. O comandante, atento á possibilidade de um contágio geral, dada a presença de numerosos homens a bordo, pretendia lançar-te ao mar; contudo, amanhã de tarde chegaremos a Joppe e hei de valer-me dessa circunstância para devolver-te á vida livre. Não desconheces, todavia, que, assim procedendo, estou a infringir certas determinações importantes que regem os interesses de meus compatriotas, e é justo pedir-te sigilo do meu feito.

— Sim, senhor — respondia o rapaz extremamente abatido, tentando com dificuldade coordenar as idéias.

— Sei que dentro em pouco a enfermidade assumirá graves proporções, prosseguiu o benfeitor. Dar-te-ei a liberdade, mas só o teu Deus poderá conceder-te a vida. Entretanto, caso te restabeleças, deverás ser um novo homem, com um nome diferente. Não desejo ser inculpado de traíor dos meus próprios amigos e devo contar com a tua cooperação.

— Obdecer-vos-ei em tudo, senhor.

Sergio lançou-lhe um olhar generoso e terminou:

— Tomarei todas as providencias. Dar-te-ei algum dinheiro para atenderes as primeiras necessidades e vestirás uma de minhas velhas túnicas; mas, tão logo seja possível, vai-te de Joppe para o interior da província. O porto está sempre cheio de marinheiros romanos, curiosos e maleficientes.

O enfermo fez um sinal de agradecimento, enquanto Sergio se retirava para atender ao chamado de alguns amigos.

No dia imediato, á hora esperada, o casario palestino estava á vista. E quando luziam os primeiros astros da noite, pequeno batél aproximava-se de um local silencioso das margens, tripulado por dois homens cujos vultos se perdiam na sombra. Derradeiras palavras de bom conselho e despedida, e o moço hebreu osculou, comovidamente, a destra do benfeitor, que voltou á galéria apressado, como num exercício físico de grande efeito.

Mal não dera os primeiros passos, Jeziél sentou-se premido pelas dores gerais que lhe tomavam todo o corpo e pelo abatimento natural, consequente á febre que o consumia. Idéias confusas dansavam-lhe no cérebro. Queria pensar na ventura da libertação; desejava fixar a imagem da irmã, que haveria de procurar no primeiro enséjo; mas, estranho torpor infirmava-lhe as faculdades, acarretando-lhe sonolência invencível. Olhou, indiferente, as estrelas que povoavam a noite refrescada pelas brisas marinhas. Reparou que havia movimento nas casas próximas, mas, deixou-se ficar inerte no matagal a que se recolhera, junto da praia. Pesadelos estranhos dominaram-lhe o repouso físico, enquanto o vento lhe acariciava a fronte enfebrecida.

De madrugada, acordou ao contacto de mãos desconhecidas, que lhe revistavam atrevidamente os bolsos da túnica.

Abrindo os olhos estremunhado, notou que os primeiros clarões da alvorada listravam os horizontes. Um homem de fisionomia sagaz inclinava-se para él, procurando alguma cousa, com ansiedade que o moço hebreu adivinhou de relance, convencido de haver to-

pado um desses malfeiteiros comuns, ávidos da bolsa alheia. Estremeceu e fez um movimento involuntário, observando que o assaltante inesperado alçara a mão direita, empunhando um instrumento, na iminência de exterminar-lhe a vida.

— Não me mates, amigo — balbuciou com voz trêmula.

A essas palavras, ditas comovedoramente, o meliante susteve o golpe homicida.

— Dar-vos-ei todo o dinheiro que possúo — rematou o rapaz com tristeza.

E, vasculhando a algibeira em que guardara o escasso dinheiro que lhe dera o patrício, tudo entregou ao desconhecido, cujos olhos fulguravam de cobiça e prazer. Num relance, aquela fisionomia contrafeita transformava-se no semblante risonho de quem deseja aliviar e socorrer.

— Oh! sois excessivamente generoso! — murmurou apossando-se da bolsa recheada.

— O dinheiro é sempre bom — disse Jeziél — quando com ele podemos adquirir a simpatia ou a misericórdia dos homens.

O interlocutor fingiu não perceber o alcance filosófico daquelas palavras e asseverou:

— Vossa bondade, entretanto, dispensa o concurso de quaisquer elementos estranhos para a conquista de bons amigos. Eu, por exemplo, dirigia-me agora para o meu trabalho no porto, mas experimentei tanta simpatia pela vossa situação que aqui estou para quanto vos preste.

— Vosso nome?

— Irineu de Crótona, para vos servir — respondeu o interpelado, visivelmente satisfeito com o dinheiro que lhe refertava o bolso.

— Meu amigo — exclamou o rapaz extremamente enfraquecido — estou enfermo e não conheço esta cidade, de modo a tomar qualquer resolução. Podeis indicar-me algum albergue ou alguém que me possa prestar a caridade de um asilo?

Irineu esboçou um fácies de fingida piedade e respondeu:

— Pesa-me nada ter para colocar á disposição de vossas necessidades; e tambem não sei onde possa existir um abrigo adequado para receber-vos, como se faz preciso. A verdade é que, para a prática do mal todos estão prontos, mas para fazer o bem...

Depois, concentrando-se por momentos, acrescentou:

Ah! agora me lembro!... Conhego umas pessoas que vos podem auxiliar. São os homens do "Caminho". (1)

Mais algumas palavras, Irineu prontificou-se a conduzi-lo ao conhecido mais próximo, amparando-lhe o corpo enférmo e vacilante.

O sol caricioso da manhã começava a despertar a natureza com os seus raios quentes e confortadores. Feita a reduzida caminhada por um atalho agreste, amparado pelo meliante arvorado em benfeitor, Jeziél parava á porta de uma casa de apariencia humilde. Irineu entrou e de lá regressou com um homem idoso, de semblante agradável, que estendeu a mão, cordialmente, ao moço hebreu, dizendo:

— De onde vens, irmão?

O rapaz admirou-se de tanta afabilidade e delicadeza, num homem a quem via pela primeira vez. Por que lhe dava o título familiar, reservado ao círculo mais íntimo dos que nasciam sob o mesmo teto?

— Por que me chamais irmão, se não me conhecéis? — interrogou comovido.

Mas o interpelado, renovando o sorriso generoso, acrescentava:

— Somos todos uma grande família em Cristo Jesus.

Jeziél não comprehendeu. Quem seria aquele Jesus? Um novo deus para os que desconheciam a lei? Reconhecendo que a enfermidade não lhe dava ensanchas a cogitações religiosas ou filosóficas, respondeu simplesmente:

(1) Primitiva designação do Cristianismo. (Nota de Emmanuel).

— Deus vos recompense pela generosidade da acomodada. Venho de Cefalonia, tendo adoecido gravemente em viagem, e assim é que, neste estado, recorro á vossa caridade.

— Efraim — disse Irineu dirigindo-se ao dono da casa — nosso amigo tem febre e o seu estado geral requer cuidados. Você que é um dos bons homens do "Caminho", ha-de acolhe-lo com o coração dedicado aos que sofrem.

Efraim aproximou-se mais do jovem enfermo e observou:

— Não é o primeiro doente de Cefalonia que o Cristo envia á minha porta. Ainda ante-ontem, outro aqui surgiu com o corpo crivado de feridas de mau caráter. Aliás, conhecendo a gravidade do caso, pretendendo logo á tarde leva-lo para Jerusalém.

— Mas, é necessário ir tão longe? — perguntou Irineu com certo espanto.

— Somente lá, temos maior número de cooperadores — esclareceu com humildade.

Ouvindo o que diziam e considerando a necessidade de ausentarse do porto em obediencia ás recomendações do patrício que se lhe mostrara tão amigo, restituindo-o á liberdade, Jeziél dirigiu-se a Efraim num apelo humilde e triste:

— Por quem sois! levai-me para Jerusalém con-vosco, por piedade!...

O interpelado evidenciando natural bondade, anuiu sem maior estranheza:

— Irás comigo.

Abandonado por Irineu aos cuidados de Efraim, o doente recebeu carinhos de um verdadeiro amigo. Não fosse a febre e teria travado com o irmão um conhecimento mais íntimo, procurando conhecer minuciosamente os nobres princípios que o levaram a estender-lhe a mão protetora. Contudo, mal conseguiu manter-se de pensamento vigilante sobre si mesmo, a-fim-de elucidar as suas interrogações carinhosas, medicando-se convenientemente.

Ao crepúsculo, aproveitando a frescura da noite,

uma carroça cuidadosamente velada por um toldo de pano barato, saía de Jope com destino a Jerusalém.

Caminhando cuidadoso para não esfalfar a pobre alimária, Efraim transportava os dois enfermos á cidade proxima, buscando os recursos indispensaveis. Descansando aqui e ali, somente na manhã seguinte o veículo parou á porta de uma casarão de grandes proporções, aliás paupérrimo em sua feição exterior. Um rapaz de semblante alegre veiu atender ao recém-vindo, que o interpelou com intimidade:

— Urias, poderás dizer-me se Simão Pedro está?

— Está, sim.

— Poderás chama-lo em meu nome?

— Vou já.

Acompanhado de Tiago, irmão de Levi, Simão apareceu e recebeu o visitante com efusivas demonstrações de carinho. Efraim esclareceu o motivo da sua presença. Dois desamparados do mundo requeriam auxílio urgente.

— Mas é quase impossível — atalhou Tiago. — Estamos com quarenta e nove doentes acamados.

Pedro esboçou um sorriso generoso e obtemperou:

— Ora, Tiago, se estivessemos pescando, seria justo nos eximissemos dêsse ou daquele dever, que exorbitasse a esfera das obrigações inadiáveis de cada dia, junto da família, cuja organização vem de Deus; mas agora o Mestre nos legou o trabalho de assistencia a todos os seus filhos, no sofrimento. Presentemente, nosso tempo se destina a isso; vejamos, pois, o que é possível fazer.

E o bondoso Apóstolo adiantou-se para acolher os dois infelizes.

Desde que viera do Tiberíades para Jerusalém, Simão transformara-se em célula central de grande movimento humanitarista. Os filósofos do mundo sempre pontificaram de cátedras confortaveis, mas nunca desceram ao plano da ação pessoal, ao lado dos mais infortunados da sorte. Jesus renovara, com exemplos divinos, todo o sistema de прégação da virtude. Chamando a si os aflitos e os enfermos, inaugurara no mundo a fórmula da verdadeira benemerencia social.

As primeiras organizações de assistencia ergueram-se com o esforço dos Apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre.

Era por esse motivo que a residencia de Pedro, doação de vários amigos do "Caminho", regorgitava de enfermos e desvalidos sem esperança. Eram velhos a exibirem úlceras asquerosas, procedentes de Cesaréia; loucos que chegavam das regiões mais longínquas, conduzidos por parentes ansiosos de alívio; crianças paralíticas, da Iduméia, nos braços maternais, todos atraídos pela fama do profeta Nazareno, que ressuscitava os próprios mortos e sabia restituir tranquilidade aos corações mais infortunados do mundo.

Natural que nem todos se curassem, o que obrigava o velho pescador a agasalhar consigo todos os necessitados, com carinho de um pai. Recolhendo-se ali, com a família, era auxiliado particularmente por Tiago, filho de Alfeu, e por João; mas em breve Filipe e suas filhas instalavam-se igualmente em Jerusalém, cooperando no grande esforço fraternal. Tamanho o movimento de necessitados de toda sorte, que ha muito Simão não mais podia entregar-se a outro mistér, no concernente á прégação da Boa Nova do Reino. A dilatação desses misteres vinculara o antigo discípulo aos maiores nucleos do judaísmo dominante. Obrigado a valer-se do socorro dos elementos mais notaveis da Cidade, Pedro sentia-se cada vez mais escravo dos seus amigos benfeiteiros e dos seus pobres beneficiados, acorridos de toda parte, em gráu de recurso supremo ao seu espírito de discípulo abnegado e sincero.

Atendendo ás solicitações confiantes de Efraim, providenciou para que ambos os enfermos fôssem instalados na sua casa pobre.

Jeziél ocupou o leito asseado e singelo, em estado de completa inconsciencia, no delírio da febre que o devorava. Suas palavras desconexas, entretanto, revelavam tão exato conhecimento dos textos sagrados, que Pedro e João se interessaram de modo especial por aquele jóvem de faces macilentas e tristes. Mórmente Simão, passava longas horas entretido em ouví-lo, anotando-lhe

os conceitos profundos, embora filhos da exaltação febril.

Decorridas duas semanas exaustivas, Jeziél melhorou, reharmonizando as proprias faculdades para melhor analisar e sentir a nova situação. Afeiçoara-se a Pedro, como um filho afetuoso ao legitimo pai. Notando-lhe o carinho, de leito em leito, de necessitado a necessitado, o moço hebreu experimentava deliciosa e íntima surpresa. O ex-pescador de Cafarnaum, relativamente moço ainda, era o exemplo vivo da renúncia fraterna.

Tão logo convalescente, Jeziél foi transferido a um ambiente mais calmo, á sombra amena de grandes tamarreiras que circundavam a velha casa.

Entre ambos estabelecer-se, desde os primeiros dias, a corrente magnética das grandes atrações afetivas.

Nessa manhã, as observações amaveis sucediam-se e, não obstante a justa curiosidade que lhe pairava nálma, a respeito do interessante hóspede, Simão ainda não tinha logrado o enséjo de um intercambio de idéias mais íntimo, de maneira a sondar-lhe os pensamentos, inteirando-se dos seus sentimentos íntimos e da sua origem. Ao sôpro generoso da aragem matinal, sob as árvores frondosas, o Apóstolo criou animo e, a certa altura, depois de distrair o convalescente com alguns ditos afetuoso, buscou penetrar-lhe o mistério cuidadosamente:

— Amigo, — disse com jovial sorriso — agora que Deus te restituiu a saúde preciosa, regosijo-me de havermos recebido tua visita em nossa casa. Nosso júbilo é sincero, pois que, nos minimos detalhes da tua permanencia entre nós, revelaste a condição espiritual de filho legitimo dos lares organizados com Deus, pelo conhecimento que tens dos textos sagrados. E tanto me impressionei com as tuas referencias a Isaías, quando deliravas com febre alta, que desejaria saber de que tribo descendes.

Jeziél comprehendeu que aquele amigo delicado, antes irmão carinhoso nas horas mais críticas da enfermidade, desejava conhece-lo melhor, identifica-lo íntima e profundamente, com delicada argucia psicológica. Achou

justo e considerou que não devia desprezar o amparo de um coração verdadeiramente fraterno para o acendramento das proprias energias espirituais.

— Meu pai era filho dos arredores de Sebaste e descendia da tribo de Issachar — esclareceu atencioso.

— E era tão altamente dedicado ao estudo de Isaías?

— Estudava sinceramente todo o Testamento, sem preferencias talvez, de ordem particular. A mim, porém, Isaías sempre me impressionou profundamente pela beleza das promessas divinas de que foi portador, anunciando-nos o Messias, sobre cuja vinda tenho meditado desde a infancia.

Simão Pedro esboçou um sorriso de viva satisfação e disse:

— Mas, não sabes que o Messias já veiu?

Jeziél teve um brusco sobressalto na cadeira improvisada.

— Que dizeis? — inqueriu ansioso.

— Nunca ouviste falar em Jesus de Nazaré?

Embora recordasse vagamente as palavras ouvidas de Efraim, declarou:

— Nunca!

— Pois o profeta nazareno já nos trouxe a mensagem de Deus para todos os séculos.

E Simão Pedro, olhos acesos na chama luminosa dos que se sentem felizes ao recordar um tempo venturoso, falou-lhe da exemplificação do Senhor, traçando uma perfeita biografia verbal do Mestre sublime.

Em traços de forte colorido, lembrou os dias em que o hospedava no seu tugúrio á margem do Genesaré, as surtidas pelas aldeias vizinhas, as excursões da barca de Cafarnaum aos sítios marginais do lago. Era de ver-se-lhe a emoção intraduzível da voz, a alegria interior com que rememorava os feitos e prédicas junto ao lago marulhoso, acariciado pelo vento, a poesia e a suavidade dos crepusculos vespertinos. A imaginação viva do Apóstolo sabia tecer comentários judiciosos e brilhantes ao evocar um leproso curado, um cégo que recuperara a vista, uma criancinha doente e prestes restabelecida.

Jeziél bebia-lhe as palavras, inteiramente empolgado, como se houvesse encontrado um mundo novo. A mensagem da Boa-Nova penetrava-lhe o espírito desencantado, como um bálsamo suave.

Quando Simão parecia prestes a terminar a narrativa, não pôde conter-se e perguntou:

— E o Messias? Onde está o Messias?

— Ha mais de um ano — exclamou o apóstolo apagando a vivacidade com a lembrança triste — foi crucificado aqui mesmo em Jerusalém, entre os ladrões.

Em seguida, passou a enumerar os martírios pungentes, as dolorosas ingratidões de que fôra vítima, os ensinos derradeiros e a gloriosa ressurreição do terceiro dia. A seguir, falou dos primeiros dias do apostolado, dos acontecimentos do Pentecostes e das últimas aparições do Senhor, no cenário sempre saudoso da Galiléia distante.

Jeziél tinha as pupilas humidas. Aquelas revelações sensibilizavam-lhe o coração. Como se houvesse conhecido o profeta de Nazaré e ligando o seu perfil aos textos, que retinha de cór, repetia, quase em voz alta, como se falasse consigo mesmo:

— “Levantar-se-á (1) como um arbusto verde, na ingratidão de um sólo árido...

Carregado de opróbrios e abandonado dos homens. Coberto de ignominias não merecerá consideração.

Será ele quem carregará o fardo pesado de nossas culpas e sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores.

Parecerá um homem vergado sob a cólera de Deus...

Humilhado e ferido deixar-se-á conduzir como um cordeiro, mas desde o instante em que oferecer sua vida, os interesses do Eterno hão de prosperar nas suas mãos”.

(1) Do capítulo LIII, de Isaías.

Simão admirado de tanto conhecimento dos sagrados textos, terminou dizendo:

— Vou buscar-te os textos novos. São as anotações de Levi (2) sobre o Messias redivivo.

E, em breves minutos o Apóstolo lhe punha nas mãos os pergaminhos do Evangelho. Jeziél não leu; devorou. Assinalou, em voz alta, uma a uma, todas as passagens da narrativa, seguido pela atenção de Pedro intimamente satisfeito.

Terminada a rápida análise, o jovem advertiu:

— Encontrei o tesouro da vida, preciso examina-lo com mais vagar, quero saturar-me da sua luz, pois aqui pressinto a chave dos enigmas humanos.

Quase em lagrimas, leu o Sermão da Montanha, secundado pelas comovedoras lembranças de Pedro. Em seguida, ambos passaram a comparar os ensinamentos do Cristo com as profecias que o anunciaavam. O jovem hebreu estava comovidíssimo e queria conhecer os mínimos episódios da vida do Mestre. Simão procurava satisfaçê-lo, edificado e satisfeito. O generoso amigo de Jesus, tão incompreendido em Jerusalém, experimentava uma alegria orgulhosa por haver encontrado um jovem que se entusiasmava com os exemplos e ensinamentos do Mestre incomparável.

— Desde que dei acôrdo de mim em vossa casa — disse Jeziél — verifiquei que participais de princípios que me não são conhecidos. Tanta preocupação em amparar os desfavorecidos da sorte representa uma lição nova para minha alma. Os doentes que vos abençoam, qual o faço agora, são tutelados desse Cristo que eu não tive a ventura de conhecer.

— O Mestre amparava a todos os sofredores e nos recomendou que o mesmo fizéssemos em seu nome, esclareceu o Apóstolo enfáticamente.

— De acôrdo com as instruções de Levítico, — disse Jeziél — toda cidade deve possuir longe de suas portas um vale, destinado aos leprosos e pessoas con-

(2) Mateus.

sideradas imundas; entretanto, Jesus nos deu um lar no coração daqueles que o seguem.

— Cristo nos trouxe a mensagem do amor — explicou Pedro — completou a lei de Moisés, inaugurando um novo ensinamento. A lei antiga é justiça, mas o Evangelho é amor. Enquanto o código do passado preceituava o “olho por olho, dente por dente”, o Messias ensinou que devemos “perdoar setenta vezes sete vezes” e que se alguém quiser tirar-nos a túnica devemos dar-lhe também a capa.

Jeziél sensibilizou-se e chorou. Aquele Cristo amoso e bom, suspenso na cruz da ignomínia humana, era a personificação de todos os heroismos do mundo. Como se aliviava ao analisa-lo! Sentia-se bem por não haver reagido contra o despotismo de que fôra vítima. Cristo era o Filho de Deus e não desdenhara o sofrimento. Seu cálice transbordara e Pedro lhe fazia sentir que, nos instantes mais acerbos, aquele Mestre desconhecido e humilde, no mundo, sabia transmitir a lição da coragem, da renúncia e da vida. Como exemplo do seu amor, ali estava aquele homem simples e carinhoso, que o chamava de irmão, que o acolhia como pai dedicado. O rapaz lembrou seus últimos dias em Corinto e chorou longamente. Foi aí que, abrindo o coração, tomou as mãos de Pedro e contou-lhe toda a sua tragédia, sem nada omitir e rogando-lhe conselhos.

Finalizando a narrativa, acrescentou comovido:

— Revelaste-me a luz do mundo; perdoai, pois, se vos revelo meus sofrimentos, que devem ser justos. Tendes no coração as claridades da palavra do Salvador e haveis de inspirar minha pobre vida.

O apóstolo abraçou-o e murmurou:

— Julgo prudente guardares o anônimo, pois Jerusalém regorgita de romanos e não seria justo comprometer o generoso amigo que te restituíu à liberdade. Teu caso, entretanto, não é novo, meu amigo. Estou nessa cidade há quase um ano, e, por estes leitos singelos têm passado as mais singulares criaturas. Eu que era um paupéríssimo pescador, tenho adquirido ampla experiência do mundo, nestes poucos meses! A' estas

portas têm batido homens esfarrapados, que foram políticos importantes; mulheres leprosas, que foram quase rainhas! Em contacto com a história de tantos castelos desmoronados, no jôgo das vaidades mundanas, agora reconheço que as almas necessitam do Cristo, acima de tudo.

Essas explicações singulares constituiam um conforto para Jeziél, que interrogou agradecido:

— E achais que vos poderia servir em alguma causa? Eu que era cativo dos homens, desejaria escravizar-me ao Salvador, que soube viver e morrer por todos nós.

— Serás meu filho doravante — exclamou Simão num transporte de júbilo.

— E já que preciso reformar-me em Cristo, como me chamarei? — perguntou Jeziél com olhos fulgurantes de alegria.

O Apóstolo refletiu algum tempo e falou:

— Para que não te esqueças da Acaia, onde o Senhor se dignou de buscar-te para o seu ministério divino, eu te batizarei no credo novo com o nome grego de Estevam.

Consolidaram-se ainda mais os laços de simpatia que os aproximavam desde o primeiro instante, e o moço jamais olvidaria aquele encontro com o Cristo, á sombra das tamareiras aureoladas de luz.

Durante um mês, Jeziél agora conhecido por Estêvão, absorveu-se no estudo de toda a exemplificação e ensinos do Mestre que não chegara a conhecer de modo direto.

A casa dos Apóstolos, em Jerusalém, apresentava um movimento de socorro aos necessitados cada vez maior, requerendo vasto coeficiente de carinho e dedicação. Eram loucos a chegar de todas as províncias, anciães abandonados, crianças esquálidas e faminhas. Não só isso. A hora habitual das refeições, extensas filas de mendigos comuns imploravam a esmola da sôpa. Acumulando as tarefas com ingente sacrifício, João e Pedro, com o concurso dos companheiros, haviam construído um pavilhão modesto, destinado aos serviços

da igreja, cuja fundação iniciavam para difundir as mensagens da Boa Nova. A assistencia aos pobres, entretanto, não dava tréguas ao labor das idéias evangélicas. Foi quando João considerou irrazoável que os discípulos diretos do Senhor menosprezassem a semementeira da palavra divina e despendessem todas as possibilidades de tempo no serviço do refeitório e das enfermarias, visto que, dia a dia, multiplicava o número de doentes e infelizes, que recorriam aos seguidores de Jesus como á ultima esperança para os seus casos particulares. Havia enfermos que batiam á porta, benfeiteiros da nova instituição que requeriam situações especiais para os seus protegidos, amigos que reclamavam providencias a favor dos órfãos e das viúvas.

Na primeira reunião da igreja humilde, Simão Pedro pediu, então, nomeassem sete auxiliares para o serviço das enfermarias e dos refeitórios, resolução que foi aprovada com geral aprazimento. Entre os sete irmãos escolhidos, Estêvão foi designado com a simpatia de todos.

Começou para o jovem de Corinto uma vida nova. Aquelas mesmas virtudes espirituais que iluminavam a sua personalidade e que tanto haviam contribuido para a cura do patrício que o restituira á liberdade, difundiam entre os doentes e indigentes de Jerusalém os mais santos consolos. Grande parte dos enfermos recolhidos ao casarão dos discípulos, recobraram a saúde. Velhos desalentados encontravam bom animo sob a influencia da sua palavra inspirada na fonte divina do Evangelho. Mães aflitas buscavam-lhe o conselho seguro; mulheres do povo, esgotadas pelo trabalho e angústias da vida, ansiosas de paz e consolação, disputavam o conforto da sua presença carinhosa e fraterna.

Simão Pedro não cabia em si de contente, em face das vitórias do filho espiritual. Os necessitados tinham a impressão de haver recebido um novo arauto de Deus para alívio de suas dores.

Em pouco tempo, Estêvão tornou-se famoso em Jerusalém, pelos seus feitos quase miraculosos. Considerado como escolhido do Cristo, sua ação resoluta e

sincera arregimentara, em poucos meses, as mais vastas conquistas para o Evangelho do amor e do perdão. Seu nobre esforço não se limitava á tarefa de mitigar a fome dos desvalidos. Entre os apóstolos galileus, sua palavra resplandecia nas pregações da igreja, iluminada pela fé ardente e pura. Quando quase todos os companheiros, a pretexto de não ferirem velhos princípios estabelecidos, deixavam de ampliar os comentários públicos, para além das considerações agradáveis ao judaísmo dominante, Estêvão apresentava á multidão, desassombradamente, o Salvador do mundo na glória das novas revelações divinas, indiferente ás lutas que iria provocar comentando a vida do Mestre com o seu verbo inflamado de luz. Os próprios discípulos surpreendiam-se com a magia das suas profundas inspirações. Alma temperada na força sublime do sofrimento, sua pregação estava cheia de lágrimas e alegrias, de apelos e aspirações.

Em poucos meses, seu nome era aureolado por uma veneração surpreendente. E, ao fim do dia, quando chegavam as orações da noite, o moço de Corinto, ao lado de Pedro e João falava das suas visões e das suas esperanças, cheio do espírito daquele Mestre adorável, que, através do seu Evangelho, lhe semeara no coração as estrelas abençoadas de um júbilo infinito.

IV

NAS ESTRADAS DE JOPPE

Estamos em Jerusalém, numa clara manhã do ano 35.

No interior de sólido edifício, onde tudo transpira o conforto e luxo da época, um homem ainda moço parece impaciente, á espera de alguém que se demora. Ao menor rumor na via pública, corre á janela apressado, voltando a sentar-se e a examinar papiros e pergaminhos, como quem se diverte matando o tempo.

Chegando á cidade, depois de uma semana de viagem exhaustiva, Sadoc aguardava o amigo Saulo para o abraço afetuoso da sua amizade de muitos anos.

Dentro em breve um carro minúsculo, semelhante ás bigas romanas, estacava á porta, tirado por dois soberbos cavalos brancos. Num minuto, os nossos personagens se abraçaram efusivamente, transbordantes de alegria e juventude.

O jovem Saulo apresentava toda a vivacidade de um homem solteiro, bordejando os seus trinta anos. Na fisionomia cheia de virilidade e máscula beleza, os traços israelitas fixavam-se particularmente nos olhos profundos e percuentes, próprios dos temperamentos apaixonados e indomaveis, ricos de agudeza e resolução. Trajando a túnica do patriciato, versava de preferência o grego, a que se afeiçoara na cidade natal, ao convívio de mestres bem amados e trabalhados pelas escolas de Atenas e Alexandria.

— Quando chegaste? — perguntou Sadoc bem humorado, ao visitante.

— Estou em Jerusalém desde ontem de manhã. Aliás, estive com tua irmã e meu cunhado, que me deram notícias tuas ao partirem para Lydda.

— E como vais de vida lá por Damasco?

— Sempre bem.

Antes que se fizesse alguma pausa, o outro observou:

— Mas como estás modificado!... Um carro á romana, a conversação em grego e...

Saulo, porém, não o deixou prosseguir e rematou:

— E no coração a Lei, sempre desejoso de submeter Roma e Atenas aos nossos princípios.

— Sempre o mesmo homem! — exclamou o amigo com um franco sorriso. — Aliás, posso apresentar um complemento ás tuas próprias explicações. A biga é indispensável ás surtidas a uma casinha florida, na estrada de Joppe; e a conversação grega é necessária aos coloquios com uma legítima descendente de Issachar, nascida entre as flores e os marmores de Corinto.

— Como sabes? — inqueriu Saulo admirado.

— Pois não te disse que estive ontem á tarde com tua irmã?

E os dois, acomodados em poltronas confortaveis da época, entremeando a conversação com algumas pequenas taças do capitoso "Chipre", esfloravam largamente os problemas da vida pessoal, relacionando as pequenas ocorrências de cada dia.

Jovialíssimo, Saulo contou ao amigo que, de fato, se enamorara de uma jovem da sua raça, que aliava os dotes de peregrina beleza aos mais elevados tesouros do coração. Seu culto ao lar constituia um dos mais santificados atributos femininos. Explicou o primeiro encontro que tiveram. Em companhia de Alexandre e Gamaliel, fôra, havia uns três meses, a uma festividade íntima que Zacarias ben Hanan, adiantado lavrador no caminho de Joppe, oferecera a alguns amigos bem colocados, em homenagem á circuncisão dos filhinhos de seus servidores. Acrescentou que o anfitrião era um

antigo comerciante israelita emigrado de Corinto, após longos anos de trabalho na Acaia, desgostoso com as perseguições de que fôra vítima. Após grandes provações na viagem de Kencrées á Cesareia, Zacarias chegara áquele porto em péssimas condições financeiras, mas foi auxiliado por um patrício romano, que lhe facultou recursos para arrendar uma grande propriedade na estrada de Joppe, a regular distância de Jerusalém. Acolhido generosamente em sua casa, agora farta e feliz, ali conhecera na jovem Abigail um terno coração de menina, dona dos mais belos predicados morais que pudessem exornar uma filha da sua raça. Era, de fato, o seu ideal de moço; inteligente, versada na Lei e, sobretudo, dócil e carinhosa. Adotada pelo casal como filha muito cara, havia sofrido amargamente em Corinto, ali deixando o pai morto e o irmão escravizado para sempre. Havia três meses que se conheciam, permutando-se as mais risonhas esperanças e, quem sabe? talvez o Eterno lhes reservasse a união conjugal, como coroamento dos sonhos sagrados da juventude. Saulo falava com o entusiasmo proprio do seu temperamento apaixonado e vibrátil. No olhar profundo, notava-se-lhe a chama viva dos sentimentos resolutos, com respeito á afeição que lhe dominava a capacidade emotiva.

— E já comunicaste a teus pais esses projetos?
— perguntou Sadoc.

— Minha irmã pretende ir a Tarso neste dois meses e será a intérprete dos meus votos, concernentes á organização do meu futuro. Aliás, sabes, isso não pode nem deve ser um problema de soluções precipitadas. Penso que ao homem não convém entregar-se assim, sem mais nem menos, a uma questão decisiva do seu destino. Obedecendo ao nosso velho instinto de prudência, venho analisando demoradamente meus próprios ideais e ainda não trouxe Abigail para conviver com Dalila, alguns dias, em nossa casa; pretendo fazê-lo tão só nas vésperas da visita de minha irmã ao lar paterno.

— Já que acaientas tantos projetos para o futuro

— ajuntou o amigo com bondoso interesse — em que pé estão as tuas pretensões ao cargo de Sinhédrio?

— Não posso queixar-me, por quanto o tribunal me confere atualmente atribuições especialíssimas. Sabes que Gamaliél ha muito vem instando com meu pai, a respeito da minha transferencia para Jerusalém, onde me prometem lugar de relêvo na administração do nosso povo. Como sabemos, o antigo mestre está idoso e deseja retirar-se da vida pública. Não tardarei a substituí-lo no voto das mais altas deliberações, além de auferir atualmente ótima remuneração, independente da contribuição que me vem de Tarso periodicamente. Tenho, acima de tudo, o ideal político de aumentar meu prestígio junto aos rabinos. E' preciso não esquecer que Roma é poderosa e que Atenas é sábia, tornando-se indispensável acordar a eterna hegemonia de Jerusalém como tabernáculo do Deus unico. Precisamos, pois, dobrar os joelhos de gregos e romanos, ante a lei de Moisés.

Sadoc no entanto, deixando perceber que não prestava muita atenção ao seu idealismo nacionalista, retinha o pensamento na situação particular, advertindo delicadamente:

— Pelo que me dizes, folgo em saber que teu pai vai melhorando, progressivamente, as condições financeiras. E dizer-se que foi tecelão humilde...

— Por isso mesmo, talvez — glosou Saulo — ensinou-me a profissão, quando menino, para que nunca me esquecesse que o progresso de um homem depende do seu próprio esforço. Hoje, porém, depois de tantas fadigas no teár, ele descansa, com justiça, numa velhice honrada e sem cuidados, junto de minha mãe. Suas caravanas e camelos percorrem toda a Cilicia e os transportes lhe garantem um desenvolvimento de renda cada vez maior.

A palestra continuou animada e, em dado instante, o moço de Tarso inqueriu o amigo sobre os motivos que o traziam a Jerusalém.

— Vim certificar-me da cura de meu tio Filodemos,

que ficou curado da velha cegueira, mediante processos misteriosos.

E, como se trouxesse o cérebro onusto de interrogações de toda sorte, para as quais não encontrava resposta nos próprios conhecimentos, acentuou:

— Já ouviste falar nos homens do "Caminho"?

— Ah! Andrônico falou-me a respeito deles, há muito tempo. Não se trata de uns pobres galileus maltrapilhos e ignorantes que se refugiam nos bairros desprezíveis?

— Isso, justamente.

E contou que um homem chamado Estêvão, portador de virtudes sobrenaturais, no dizer do povo, havia devolvido a vista ao tio, com assombro geral de muita gente.

— Como é isso? — disse Saulo admirado. Como pôde Filodemos submeter-se a experiências tão sordidas? Acaso não terá compreendido que o fato pode radicar nas artimanhas dos inimigos de Deus? Várias vezes, desde que Andrônico me referiu o assunto pela primeira vez, tenho ouvido comentários a respeito desses homens e cheguei mesmo a trocar idéias com Gamaliél, no intuito de reprimir essas atividades perniciosas; entretanto, o mestre, com a tolerância que o caracteriza, me fez ver que essa gente vem auxiliando a numerosas pessoas sem recursos.

— Sim — atalhou o outro — mas ouço dizer que as pregações de Estêvão estão arrebanhando muitos estudiosos a novos princípios que, de algum modo, confirmam a lei de Moisés.

— Todavia, não foi um carpinteiro galileu, obscuro, sem cultura, que originou tal movimento? Que poderíamos esperar da Galiléia? Porventura terá produzido outra cousa além de legumes e peixes?

— E contudo, o carpinteiro martirizado tornou-se um ídolo para os sequazes. Procurando desfazer as impressões de meu tio, chamando-o à razão com a energia necessária, fui levado a visitar, ontem, as obras de caridade dirigidas por um tal Simão Pedro. E' uma instituição estranha e que não deixa de ser extraordinária.

ria. Crianças desamparadas que encontram carinho, leprosos que recobram a saúde, velhos enfermos e desprotegidos da sorte, que exultam de conforto.

— Mas os doentes? Onde ficam esses doentes? — interrogou Saulo assombrado.

— Todos se agasalham junto desses homens incompreensíveis.

— Estão todos malucos! — disse o moço de Tarso com a franqueza espontânea que lhe marcava as atitudes.

Ambos trocaram impressões íntimas, sobre a nova doutrina, pontuando de ironia o comentário de muitos fatos piedosos, que empolgavam a atenção do povo simples de Jerusalém.

Ao finalizar a conversa, Sadoc acrescentou:

— Não me conformo em ver os nossos princípios aviltados e proponho-me a cooperar contigo, embora esteja em Damasco, para estabelecermos a imprescindível repressão a tais atividades. Com as tuas prerrogativas de futuro rabino, em destaque no Templo, poderás encabeçar uma ação decisiva contra esses misticadores e falsos taumaturgos.

— Sem dúvida — respondeu. E prontifico-me a executar todas as providências que o caso requer. Até agora, a atitude do Sinhédrio tem sido da máxima tolerância, mas farei com que todos os companheiros mudem de opinião e procedam como lhes compete, em face dessas investidas que estão a desafiar severa punição.

E, quase solene, concluiu:

— Quais os dias de pregação dêsse tal Estêvão?

— Os sábados.

— Pois bem; depois de amanhã iremos juntos apreciar os sandeus. Caso verifique o caráter inofensivo dos seus ensinamentos, haverá que os deixar em paz com a sua logomaquia, ao lado das mazelas do próximo; mas, caso contrário, pagará muito caro a audácia de ofender nossos códigos religiosos, na propria metrópole do judaísmo.

Ainda por largo tempo comentaram os fatos sociais, as tricas do farisaísmo a que pertenciam, os sucessos do presente e as esperanças do porvir.

Ao cair da tarde desse mesmo dia, a biga elegante de Saulo de Tarso atravessava as portas de Jerusalém, tomando a direção do porto de Joppe.

O sol ardente, alto ainda no horizonte, enchia o caminho com a sua luz muito viva. O semblante do jóvem doutor da lei irradiava uma alegria louca, ao trotar largo dos animais, que, de quando em vez, passavam a galopar. Recordava, satisfeito, o esporte a que se afeiçoara na cidade natal, tão ao gosto grego em que fôra educado, graças á solicitude paterna. Olhos fixos nos cavalos árdegos e velozes, vinham-lhe á mente as vitórias alcançadas, entre os parceiros de jogos na sua descuidosa adolescência.

Poucas milhas distante, erguia-se uma casá confortável, entre grandes tamareiras e pessegueiros em flor. Em torno, grandes plantações de legumes, ao lado de tênué fio dagua inteligentemente aproveitado em extenso horto. A propriedade era parte integrante de uma das muitas pequenas aldeias que rodeavam a cidade santa, onde quer que houvesse condições favoráveis para a pequena lavoura, de alto interesse nos mercados de Jerusalém, colocada no seio de uma secura singular. Era aí que Zacarias se instalara com a família, para recomeçar a vida honesta. Ruth e Abigail procuravam ajuda-lo no seu nobre esforço de homem ativo e trabalhador, cultivando frutos e flores, e com isso aproveitando toda a terra disponível.

Deixando Corinto, o generoso israelita encontrou grandes dificuldades, até que desembarcou em Cesareia, onde se lhe esgotaram os últimos recursos. Alguns conterraneos, entretanto, o apresentaram a conhecido patrício romano, grande proprietário na Samária e que lhe emprestou avultada soma, recomendando-lhe aquela zona de Joppe onde poderia arrendar-lhe a propriedade de um amigo. Zacarias aceitou o auxílio e tudo ia ás mil maravilhas. A venda de legumes e frutas, bem como a criação de aves e animais pesados, compensava-lhe as fadigas. Embora distante de Jerusalém, tivera ensejo de visitar a cidade, mais de três vezes, sendo que, sob o amparo de Alexandre, parente próximo de

Annaz, conseguira incluir-se entre os negociantes privilegiados, que podiam vender animais para os sacrifícios do Templo. Auxiliado por amigos influentes, do estofo de Gamaliél e de Saulo de Tarso, que se emancipara da condição de discípulo para graduar-se em autoridade competente, no mais alto tribunal da raça, pudera resgatar grande parte de suas dívidas, caminhando viginosamente para uma bela posição de independência financeira, no país natal. Ruth regosijava-se com a vitória do marido, secundada por Abigail, em quem encontrara a dedicada afeição de uma verdadeira filha.

A irmã de Jeziél parecia haver refundido a delicadeza dos traços feminis, na forja dos sofrimentos experimentados. A gracilidade do semblante e o negrume dos olhos haviam-se irmanado a um véu de formosa tristeza, que toda a envolvera, a partir daqueles dias trágicos e lúgubres, passados em Corinto. Quanto desejava uma notícia, ainda que ligeira e banal, do irmão que o destino havia convertido em escravo de verdugos cruéis!... Para isso, desde os primeiros tempos, Zácarias não poupara expedientes nem esforços. Incumbindo a um fiél amigo da Acaia de promover diligências em tal sentido, apenas fôra informado de que Jeziél havia sido levado, quase a ferros, para bordo de um navio mercante que se destinava a Nicópolis. Nada mais. Abigail instara novamente. E de Corinto vinham novas promessas dos amigos, que prosseguiriam investigando nas rodas afeiçoadas a Licínio Minúcio, de modo a descobrirem o paradeiro do jovem cativo.

Nesse dia, a moça recordava profundamente a figura do irmão querido, as suas advertências e conselhos tão carinhosos sempre.

Desde que travara relações com o rapaz de Tarso e entrevira a possibilidade de uma união conjugal, era com ansiedade que suplicava a Deus a consoladora certeza da existência do irmão, fôsse onde fôsse. A seu ver, Jeziél gostaria de conhecer o eleito do seu coração, cujos pensamentos eram igualmente iluminados pelo zélo sincero de bem servir a Deus. Contar-lhe-ia que a afeição da sua alma era também entreteceda de comentários

religiosos e filosóficos, e não tinham conta as vezes em que ambos se submergiam na contemplação da natureza, comparando as suas lições vivas com os símbolos divinos dos Escritos Sagrados. Saulo muito lhe ajudara no cultivo das flores da fé, que Jeziél havia semeado em sua alma singela. Não era ele um homem excessivamente sentimental, dado ás efusões dos carinhos que passam sem maior significação, mas, compreendera-lhe o espírito nobre e leal, que um profundo sentimento de auto-domínio assinalava. Abigail estava certa de entender-lhe as aspirações mais íntimas, nos sonhos grandiosos que lhe empolgavam a mocidade. Sublime atração, essa que a impelia para o jovem sábio, voluntarioso e sincero! A's vezes, parecia-lhe áspero e enérgico em demasia. Suas concepções da lei não admitiam meios termos. Sabia ordenar e desagradava-lhe qualquer expressão de desobediencia aos seus propósitos. Aqueles meses de convívio quase diário, davam-lhe a conhecer o seu temperamento indômito e inquieto, a par de um coração eminentemente generoso, onde uma fonte de ignorada ternura se retraía em abismais profundezas.

Mergulhada em cismas, num gracioso banco de pedra junto dos pessegueros em festa primaveril, viu que o carro de Saulo se aproximava ao trote largo dos animais.

Zácarias o recebeu á distancia e juntos, em conversação animada, demandaram o interior, para onde a jovem se dirigiu.

A palestra estabeleceu-se no tom de cordialidade, que se repetia várias vezes na semana, e, como de costume, os dois jovens, no deslumbramento da paisagem crepuscular, quase de mãos dadas como dois prometidos, desceram ao pomar cuja relva se constituia de largos canteiros de flores orientais. O mar extensão-se á distância de muitas milhas, mas o ar fresco da tarde dava a impressão dos ventos suaves que sopram do litoral. Saulo e Abigail falaram, a princípio, das banalidades de cada dia; contudo, em dado momento, reconhecendo o véu de tristeza que se estampava no rosto da compaheira, o moço interrogou com ternura:

— Porque estás tão triste hoje?

— Não sei — respondeu ela de olhos húmidos — mas tenho pensado muito em meu irmão. Espero, ansiosa, notícias dele, pois guardo a esperança de que te possa conhecer, mais cedo ou mais tarde. Jeziél acolheria tua palavra com entusiasmo e contentamento. Um amigo de Zacarias prometeu informações a respeito e estamos esperando notícias de Corinto.

Depois de pequena pausa, ergueu os grandes olhos e prosseguiu:

— Ouve, Saulo: Se Jeziél ainda estiver preso, prometes-me teu auxílio em seu favor? Teus prestigiosos amigos de Jerusalém poderão intervir para libertá-lo, junto do Proconsul da Acaia! Quem sabe? Minhas esperanças agora resumem-se exclusivamente em ti.

Ele tomou-lhe a mão e replicou enternecido:

— Farei tudo por ele.

E fixando nela os olhos dominadores e apaixonados, acentuou:

— Ahigail, amarias a teu irmão mais que a mim?

— Que dizes? — exclamou, compreendendo a delicadeza da pergunta. — Entendes o meu coração fraternal e isso me exime de mais amplas explicações. Como sabes, querido, Jeziél foi meu amparo nos dias da orfandade materna. Companheiros de infância e amigo da juventude sem sonhos, foi sempre o irmão carinhoso que me ensinou a soletrar os mandamentos, a cantar os Salmos de mãos postas, livrando-me das veredas do mal e inclinando-me ao bem e à virtude. Tudo que encontraste em mim, constitue dádiva da sua generosa assistencia de irmão desvelado.

Saulo observou-lhe o olhar húmido de pranto e considerou com bondade:

— Não chores. Compreendo as tuas sagradas razões afetivas. Se necessário, irei ao fim do mundo descobrir Jeziél, caso ainda esteja vivo. Levarei cartas de Jerusalém à Corte Provincial de Corinto. Farei tudo. Tranquiliza-te, pois. Pelos teus informes, presumo nele um santo. Mas falemos de outras cousas. Ha problemas imediatos a resolver. E nossos projetos, Abigail?

— Deus ha de abençoar-nos, murmurou a jovem, comovida.

— Ontem, Dalila e o espôso foram a Lydda, em visita a alguns parentes nossos. Entretanto, ficou tudo combinado para que estejas conosco em Jerusalém, daqui a dois meses. Antes que minha irmã empreenda a proxima viagem a Tarso, quero que ela te conheça mais intimamente, a-fim-de que exponha com franqueza, a meus pais, o nosso projeto de casamento.

— Teu convite me sensibiliza sobremaneira, mas...

— Nada de restrições nem timidez. Viremos buscar-te. Combinarei todas as providencias indispensaveis, com Ruth e Zacarias e, quanto ao necessário para que te apresentes numa cidade grande, não permitirei que façam aqui despesa alguma. Já estou providenciando para que recebas, em breves dias, várias túnicas de modelo grego.

E rematava a observação com um belo sorriso:

— Quero que apareças em Jerusalém como expoente perfeito da nossa raça, desenvolvida entre as antigas belezas de Corinto.

A moça fez um gesto tímido, demonstrando intimo contentamento.

Mais alguns passos e sentaram-se sob velhos pessegueiros floridos, respirando a longos haustos as virações suaves que perfumavam o ambiente. A terra cultivada e colorida de rosas de todos os matizes, exalava delicioso aroma. O fim do crepúsculo está sempre cheio de sons que passam apressados, como se a alma das cousas estivesse igualmente ansiosa pelo silêncio, amigo do grande repouso. Eram árvores frondosas que se velavam nas sombras, derradeiros passarinhos errantes que voejavam, céleres e as brisas cariciosas que chegavam de longe, agitando as grandes ramarias e acentuando os doces murmúrios do vento.

Saulo, inebriado de indefinivel alegria, contemplou as primeiras estrelas que sorriam no céu recamado de luz. A natureza é sempre o espelho fiel das emoções mais íntimas, e aquelas vagas de perfume que as vira-

ções traziam de longe, encontravam um éco de misterioso júbilo no seu coração.

Abigail — disse retendo-lhe a mãozinha entre as suas — a natureza canta sempre com as almas esperançosas e crentes. Com que ansiedade esperei-te no caminho da vida!... Meu pai falou-me do lar e das suas doçuras e eu aguardava a mulher que me compreendesse inteiramente.

— Deus é bom — replicou ela com enlêvo — e sómente agora reconheço que, depois de tantos sofrimentos, Ele me reservava, na sua misericordia infinita, o tesouro maior da minha vida, o teu amor, na terra de meus pais. Teu afeto, Saulo, concentra todos os meus ideais. O céu nos fará felizes. Todas as manhãs, quando estivermos casados, pedirei em preces fervorosas, aos anjos de Deus, que me ensinem a tecer a rême das tuas alegrias; á noite, quando a benção do repouso envolver o mundo, dar-te-ei um carinho sempre novo, do meu afeto. Tomarei tua cabeça atormentada pelos problemas da vida e ungirei tua fronte com a carícia de minhas mãos. Viverei com Deus e contigo, somente. Ser-te-ei fiél por toda a vida e amarei os próprios sofrimentos que, acaso, o mundo possa acarretar-me, por amor á tua vida e ao teu nome.

Saulo apertou-lhe as mãos com mais enlêvo, redarguindo deslumbrado:

— Dar-te-ei, por minha vez, meu coração dedicado e sincero. Abigail, meu espírito estava possuído sómente do amor á Lei e a meus pais. Minha mocidade tem sido muito inquieta, mas pura. Não te oferecerei uma flor sem perfume. Desde os primeiros dias da juventude, conheci companheiros que me incitaram a lhes seguir os passos incertos na embriaguez dos sentidos, precursora da morte de nossas preocupações mais nobres neste mundo, mas nunca trai o ideal divino que me vibra na alma sincera. Depois dos estudos iniciais da minha carreira, encontrei mulheres que me acenavam, levadas por uma concepção perigosa e errônea do amor. Em Tarso, nos dias suntuosos dos jogos juvenis, após a conquista das melhores láureas, recebia de jovens inqui-

tas, declarações de amor e propostas de núpcias, mas, a verdade é que permanecia insensível, a esperar-te como heroína ignota do meu sonho, nas assembléias ostentosas de púrpuras e flores. Quando Deus aqui me conduziu ao teu encontro, teus olhos me falaram, num lampejo, de sublimes revelações. E's o coração do meu cérebro, a essência do meu raciocínio e serás a mão guidora das minhas edificações, em toda a vida.

Enquanto a moça, sensibilizada e venturosa, tinha os olhos mareados de pranto, o fogoso mancebo continuava:

— Viveremos um para o outro e teremos filhos fiéis a Deus. Serei a ordenação da nossa vida, serás a obediencia em nossa paz. Nossa casa será um templo. O amor a Deus será sua maior coluna e, quando o trabalho exigir minha ausencia do altar doméstico, ficarás velando no tabernáculo da nossa ventura.

— Sim, querido. Que não faria por ti? mandarás e obedecerei. Serás a ordem de minha vida e eu rogaréi ao Senhor que me auxilie a ser teu bálsamo de ternura. Quando estiveres fatigado, lembrar-me-ei de minha mãe e adormecerei tua alma generosa com as mais formosas orações de David!... Interpretarás para mim a palavra de Deus. Serás a lei, serei tua serva.

Saulo enternecia-se ouvindo aquelas expressões blandiciosas. Eram as mais belas que já havia recolhido de um coração feminino. Mulher alguma, jamais, assim lhe falara ao espírito impetuoso. Habitado aos longos e difíceis raciocínios, escaldando o cérebro nos silogismos dos doutores; em busca de um futuro brilhante, sentia a alma ressecada, sedenta de verdadeiro idealismo. Desde criança, com a sadia educação doméstica, guardara puros os primeiros impulsos do coração, sem jamais contamina-los na esteira dos prazeres fáceis ou do fogo das paixões violentas, que sóem deixar na alma o carvão das dores sem esperança. Acostumado ao esporte, aos jogos da época, seguido sempre de muitos companheiros em desvario, tivera o heroísmo sagrado de sobrepor as disposições da Lei, ás próprias tendências naturais. Sua concepção de serviço a Deus não admitia

concessões a si mesmo. A seu ver, todo homem devia conservar-se indene de contactos inferiores com o mundo, até que atingisse o tálamo nupcial. O lar constituído haveria de ser um tabernáculo das bençãos eternas; os filhos, as primícias do altar do Maior Amor, consagrado ao Senhor Supremo. Não que a sua juventude estivesse isenta de desejos. Saulo de Tarso experimentava todos os anseios da mocidade impetuosa do seu tempo. Imaginava situações de anelos satisfeitos e no entanto, sujeito aos carinhos maternos, prometera a si mesmo jamais tergiversar. A vida do lar é a vida de Deus. E Saulo guardava-se para emoções mais sublimadas. De esperança em esperança, via passar os anos, esperando que a inspiração divina determinasse a rota dos seus ideais. Esperava e confiava. Seus pais presumiam encontrar, ali ou acolá, aquela a quem devesse eleger; entretanto, ele, energico e resoluto, removia a intervenção dos entes caros, no concernente a escolha que afetava a decisão do seu destino. Abigail encheria-lhe o coração. Era a flor mística do seu ideal, a alma que lhe entenderia as aspirações em perfeita ressonância de pensamentos. De olhos fixos nas suas feições delicadas, que o luar pálido iluminava, teve ansias de guarda-la para sempre nos braços fortes. Ao mesmo tempo, doce enternecimento lhe vibrava na alma. Desejava atraí-la a si, como se o fizesse a uma criança meiga e afagar-lhe os cabelos sedosos com todo o cabedal do seu carinho.

Inebriados de gôzo espiritual, falaram largo tempo do amor que os identificava na mesma aspiração de ventura. Todos os comentários mais íntimos faziam de Deus o sagrado partícipe de suas esperanças no futuro que se lhes auspiciava, santificado em júbilos infinitos.

De mãos dadas extasiaram-se com o plenilunio maravilhoso. Os eloendros pareciam sorrir-lhes. As rosas orientais, aureoladas pelos raios da lua, eram-lhes qual mensagem de beleza e perfume.

Ao despedir-se, Saulo acrescentou venturoso:

— Dentro de dois dias voltarei a ver-te. Ficamos combinados. Quando Dalila partir levará notícias nos-

sas a meus pais e, precisamente de hoje a seis meses, quero ter-te comigo para sempre.

— Seis meses? — revidou ela meio ruborizada e surpreendida.

— Nada haverá, penso, que possa embargar esta resolução de vez que já temos o indispensável.

— E se ainda não tivermos, até lá, notícias de Jeziél? Por mim, desejaria casar-me convicta do seu contentamento e aprovação.

Saulo esboçando leve sorriso, em que havia muito de contrariedade mal dissimulada, esclareceu:

— Quanto a isso, fica tranquila. Cuidaremos primeiramente da atitude dos meus, que se encontram em plano mais imediato; e tão logo resolvamos o problema, se preciso fôr, irei pessoalmente á Acaia. E' impossível que Zacarias não receba novas notícias de Corinto, nas proximas semanas. Então, providenciaremos com mais segurança.

Abigail teve um gesto de satisfação e reconhecimento.

Irmados, agora, na mesma vibração de júbilo, antes que reentrassem em casa, onde os donos os aguardavam entretidos com a leitura das Profecias, Saulo levou a mão da jovem aos lábios e murmurou a despedida habitual:

— Fiél para sempre!...

Dai a minutos, depois de ligeira palestra com os amigos, ouvia-se o trotear dos animais estrada em fóra, de regresso á Jerusalém. O carro minúsculo rodava, céleremente, ao luar, sob uma nuvem de pó.

V

A PRÉGACAO DE ESTÉVÃO

Saulo e Sadoc entraram na igreja humilde de Jerusalém, notando a massa compacta de pobres e miseráveis que ali se aglomeravam com um raio de esperança nos olhos tristes.

O pavilhão singelo, construído à custa de tantos sacrifícios, não passava de grande telheiro revestido de paredes frágeis, carente de todo e qualquer conforto.

Tiago, Pedro e João surpreenderam-se singularmente com a presença do jovem doutor da lei, que se popularizara na cidade pela sua oratoria veemente e pelo acurado conhecimento das Escrituras.

Os generosos galileus ofereceram-lhe o banco mais confortável. Ele aceitou as gentilezas que lhe dispensavam, sorrindo com indisfarçável ironia de tudo que ali se lhe deparava. Intimamente, considerava que o próprio Sadoc fôra vítima de falsas apreciações. Que podiam fazer aqueles homens ignorantes, irmanados a outros já envelhecidos, valetudinários e doentes? Que podiam significar de perigoso para a Lei de Israél aquelas crianças ao abandono, aquelas mulheres semi-mortas, em cujo coração pareciam aniquiladas todas as esperanças? Experimentava um grande mal-estar defrontando tantos rostos que a lepra havia devastado, que as úlceras malignas haviam desfigurado impiedosamente. Aqui, um velhote com chagas purulentas envolvidas em panos fétidos; além, um aleijado mal coberto de molambos,

ao lado de orfãos andrajosos que se acomodavam com humildade.

O conhecido doutor da lei notou a presença de várias pessoas que lhe acompanhavam a palavra na interpretação dos textos de Moisés, na Sinagoga dos Cílicos; outras que seguiam de perto as suas atividades no Sinhédrio, onde a sua inteligência era tida como penhor de esperança racial. Pelo olhar, comprehendeu que esses amigos ali estavam igualmente pela primeira vez. Sua visita ao templo ignorado dos galileus sem nome, atraíra muitos afeiçoados do farisaísmo dominante, ansiosos pelos serviços eventuais que pudessem destaca-los e recomenda-los ás autoridades mais importantes. Saulo concluiu que aquela fração do auditório fazia ato de presença e de solidariedade em qualquer providencia que houvesse de tomar. Pareceu-lhe natural e lógica aquela atitude, convinhável aos fins que se propunha. Não se contavam fatos incríveis, operados pelos adeptos do "Caminho"? Não seriam grosseiras e escandalosas mistificações? Quem diria que tudo aquilo não fôsse o produto ignobil de bruxarias e sortiléjos condenaveis? Na hipótese de lhe identificar qualquer finalidade deshonesto, podia contar, mesmo ali, com grande número de correligionários, dispostos a defender o rigoroso cumprimento da Lei, custasse-lhes embora os mais pesados sacrifícios.

Anotando um que outro quadro menos grato ao seu olhar acostumado aos ambientes de luxo, evitava fixar os aleijados e doentes que se acotovelavam no recinto, chamando a atenção de Sadoc, com observações ironicas e pitorescas. Quando o vasto recinto desnudo de ornatos e símbolos de qualquer natureza, de todo se encheu, um jovem permeou as filas extensas, ladeado de Pedro e João, galgando os três um estrado quase natural, formado de pedras superpostas.

— Estêvão!... E' Estêvão!...

Vozes abafadas inculcavam o prêgador, enquanto seus admiradores mais fervorosos apontavam para ele com jubiloso sorriso.

Inesperado silêncio mantinha todas as frontes em

singulares expectativas. O moço, magro e pálido, em cuja assistencia os mais infelizes julgavam encontrar um desdobramento do amor de Cristo, orou em voz alta suplicando para si e para a assembléia a inspiração do Todo-Poderoso. Em seguida, abriu um livro em fórmula de rôlo e leu uma passagem das anotações de Mateus:

— "Mas, ide antes ás ovelhas perdidas da casa de Israél; e, indo, pregai dizendo: é chegado o reino de Deus". (1)

Estêvão ergueu alto os olhos serenos e fulgurantes, e, sem se perturbar com a presença de Saulo e dos seus numerosos amigos, começou a falar mais ou menos nestes termos, com voz clara e vibrante:

— "Meus caros, eis que chegados são os tempos em que o Pastor vem reunir as ovelhas em torno do seu zélo sem limites. Eramos escravos das imposições pelos raciocínios, mas hoje somos livres pelo Evangelho do Cristo Jesus. Nossa raça guardou, de épocas imemoriais, a luz do Tabernáculo e Deus nos enviou seu Filho sem mácula. Onde estão em Israél, os que ainda não ouviram as mensagens da Boa Nova? Onde os que ainda não se felicitaram com as alegrias da nova fé? Deus enviou sua resposta divina aos nossos anseios milenários, a revelação dos céus aclara os nossos caminhos. Consoante as promessas da profecia de todos quantos choraram e sofreram por amor ao Eterno, o Emissário Divino veiu até o antro de nossas dores amargas e justas, para iluminar a noite de nossas almas impenitentes, para que se nos desdobrassem os horizontes da redenção. O Messias atendeu aos problemas angustiosos da criatura humana, com a solução do amor que redime todos os sérões e purifica todos os pecados. Mestre do trabalho e da perfeita alegria da vida, suas bênçãos representam nossa herança. Moisés foi a porta, Cristo é a chave. Com a corôa do martírio adquiriu, para nós outros, a láurea imortal da salvação. Eramos cativos do êrro, mas seu sangue nos libertou. Na vida e na

morte, nas alegrias de Caná, como nas angústias do Calvário, pelo que fez e por tudo que deixou de fazer em sua gloriosa passagem pela Terra, Ele é o Filho de Deus iluminando o caminho.

"Acima de todas as cogitações humanas, fóra de todos os atritos das ambições terrestres, seu reino de paz e luz esplende na conciencia das almas redimidas.

"O' Israél! tu que esperaste tantos séculos, tuas angústias e dolorosas experiencias não foram vãs!... Enquanto outros povos se debatiam nos interesses inferiores, cercando os falsos ídolos de falsa adoração e promovendo, simultaneamente, as guerras de extermínio com requintes de perversidade, tu, Israél, esperaste o Deus justo. Carregaste os grilhões da impiedade humana, na desolação e no deserto; converteste em cantos de esperança as ignominias do cativeiro; sofreste o opróbrio dos poderosos da Terra; viste os teus varões e as tuas mulheres, os teus jóvenes e as tuas crianças exterminados sob o guante das perseguições, mas nunca descreste da justiça dos céus! Como o Salmista, afirmaste com teu heroísmo que o amor e a misericórdia vibram em todos os teus dias! Choraste no caminho longo dos séculos, com as tuas amarguras e feridas. Como Jó, viveste da tua fé, subjugada pelas algemas do mundo, mas já recebeste o sagrado depósito de Jeová — O Deus Unico!... Oh! esperanças eternas de Jerusalém, cantai de júbilo, regosijai-vos, embora não tivessemos sido fiéis inteiramente á compreensão, por conduzir o Cordeiro Amado aos braços da cruz. Suas chagas, todavia, nos compraram para o céu, com o alto preço do sacrifício supremo!..."

"Isaias o contemplou, vergado ao peso de nossas iniquidades, florecendo na aridez dos nossos corações, qual flor do céu num sólo adusto, mas, revelou tambem, que, desde a hora da sua extrema renúncia, na morte infamante, a sagrada causa divina prosperaria para sempre em suas mãos.

"Amados, onde andarão aquelas ovelhas que não souberam ou não puderam esperar? Procuremo-las para Cristo, como dráquimas perdidas do seu desvelado amor!"

(1) Mateus, 10: 6-7. — (Nota de Emmanuel).

Anunciemos a todos os desesperançados as glórias e júbilos do seu reino de paz e amor imortal!...

"A Lei nos retinha no espírito de nação, sem conseguir apagar de nossa alma o desejo humano de supremacia na Terra. Muitos de nossa raça hão esperado um príncipe dominador, que penetrasse em triunfo a cidade santa, com os troféus sangrentos de uma batalha de ruina e morte; que nos fizesse empunhar um cetro odioso de força e tirania. Mas Cristo nos libertou para sempre. Filho de Deus e emissário da sua glória, seu maior mandamento confirma Moisés, quando recomenda o amor a Deus acima de todas as cousas, de todo coração e entendimento, acrescentando, no mais formoso decreto divino, que nos amemos uns aos outros, como Ele próprio nos amou.

"Seu reino é o da conciencia reta e do coração purificado ao serviço de Deus. Suas portas constituem o maravilhoso caminho da redenção espiritual, abertas de par em par aos filhos de todas as nações.

"Seus discípulos amados virão de todos os quadrantes. Fóra de suas luzes haverá sempre tempestade para o viajor vacilante da Terra que, sem Cristo, cairá vencido nas batalhas infrutuosas e destruidoras das melhores energias do coração. Sómente o seu Evangelho confere paz e liberdade. E' o tesouro do mundo. Em sua glória sublime os justos encontrarão a coroa de triunfo, os infortunados o consólo, os tristes a fortaleza do bom animo, os pecadores a senda redentora dos resgates misericordiosos.

"E' verdade que o não havíamos compreendido. No grande testemunho, os homens não entenderam sua divina humildade e os mais afeiçoados o abandonaram. Suas chagas clamaram pela nossa indiferença criminosa. Ninguem poderá eximir-se dessa culpa, visto sermos todos herdeiros das suas dádivas celestiais. Onde todos gozam do beneficio, ninguém pôde fugir á responsabilidade. Essa a razão porque respondemos pelo crime do Calvário. Mas, suas feridas foram a nossa luz, seus martírios o mais ardente apelo de amor, seu exemplo o roteiro aberto para o bem sublime e imortal.

"Vinde, pois, comungar conosco á mesa do banquete divino! Não mais as festas do pão putrescível, mas o eterno alimento da alegria e da vida... Não mais o vinho que fermenta, mas o nétar confortante da alma, diluído nos perfumes do amor imortal.

"Cristo é a substancia da nossa liberdade. Dia virá em que o seu reino abranjerá os filhos do Oriente e do Ocidente, num amplexo de fraternidade e de luz. Então, compreenderemos que o Evangelho é a resposta de Deus aos nossos apêlos, em face da Lei de Moisés. A Lei é humana; o Evangelho é divino. Moisés é o condutor; Cristo o Salvador. Os profetas foram mordomos fiéis; Jesus, porém, é o Senhor da Vinha. Com a Lei, eramos servos, com o Evangelho somos filhos livres de um Pai amoroso e justo!..."

Nesse interim, Estêvão sustou a palavra que lhe fluia harmoniosa e vibrante dos lábios, inspirada nos mais puros sentimentos. Os ouvintes de todos os matizes, não conseguiam ocultar o assombro, ante os seus conceitos de vigorosas revelações. A multidão embeecera-se com os princípios expostos. Os mendigos ali aglomerados, endereçavam ao pregador um sorriso de aprovação, bem significativo de jubilosas esperanças. João fixava nele os olhos enternecidos, identificando, mais uma vez, no seu verbo ardente, a mensagem evangélica interpretada por um discípulo dileto do Mestre inesquecível, nunca ausente dos que se reuniam em seu nome.

Saulo de Tarso, emotivo por temperamento, fundia-se na onda de admiração geral; mas, altamente surpreendido, verificou a diferença entre a Lei e o Evangelho anunciado por aqueles homens estranhos, que a sua mentalidade não podia compreender. Analisou, de relance, o perigo que os novos ensinos ácarretavam para o judaísmo dominante. Revoltava-se com a preédica ouvida, nada obstante a sua ressonância de misteriosa beleza. Ao seu raciocínio, impunha-se eliminar a confusão que se esboçava, a propósito de Moisés. A Lei era uma e unica. Aquelle Cristo que culminou na derrota, entre dois ladrões, surgia a seus olhos como

um mistificador indigno de qualquer consideração. A vitória de Estêvão na conciencia popular, qual a verificava naquele instante, causava-lhe indignação. Aqueles galileus poderiam ser piedosos, mas não deixavam de ser criminosos pela subversão dos princípios invioláveis da raça.

O orador preparava-se para retomar a palavra, momentaneamente interrompida e aguardada com expectação de júbilo geral, quando o jóvem doutor levantou-se ousadamente e exclamou, quase colérico, frisando os conceitos com evidente ironia:

— "Piedosos galileus, onde o senso de vossas doutrinas estranhas e absurdas? Como ousais proclamar a falsa supremacia de um nazareno obscuro sobre Moisés, na propria Jerusalém onde se decidem os destinos das tribus de Israél invencivel? Quem era esse Cristo? Não foi um simples carpinteiro?"

Ao orgulhoso entono da inesperada apóstrofe, houve no ambiente um tal ou qual retraimento de temor, mas, nos desvalidos da sorte, para quem a mensagem do Cristo era o alimento supremo, houve para Estêvão um olhar de defesa e jubiloso entusiasmo. Os Apóstolos da Galiléia não conseguiam dissimular seu receio. Tiago estava lívido. Os amigos de Saulo notaram-lhe a máscara escarninha. O pregador também empalidecera, mas revelava no olhar resoluto o mesmo traço de imperiturbável serenidade. Fitando o doutor da lei, o primeiro homem da cidade que se atrevera a perturbar o esforço generoso do evangelismo, sem trair a seiva de amor que lhe desbordava do coração, fez ver a Saulo a sinceridade das suas palavras e a nobreza dos seus pensamentos. E antes que os companheiros voltassem a si da surpresa que os assomara, com admirável presença de espírito, indiferente á impressão do temor coletivo, obtemperou:

— "Ainda bem que o Messias fôra carpinteiro: porque, nesse caso, a Humanidade já não ficaria sem abrigo. Ele era, de fato, o Abrigo da paz e da esperança! Nunca mais andaremos ao leu das tempestades nem na esteira

dos raciocínios quiméricos de quantos vivem pelo cálculo, sem a claridade do sentimento".

A resposta concisa, desassombrada, desconcertou o futuro rabino, habituado a triunfar nas esferas mais cultas, em todas as justas da palavra. Enérgico, ruborizado, evidenciando cólera profunda, mordeu os lábios num gesto que lhe era peculiar e acrescentou com voz dominadora:

— "Onde iremos com semelhantes excessos de interpretação, em torno de um mistificador vulgar, que o Sinhédrio puniu com a flagelação e a morte? Que dizer de um Salvador que não conseguiu salvar-se a si mesmo? Emissário revestido de celestes poderes, como não evitou a humilhação da sentença infamante? O Deus dos exércitos, que sequestrou a nação privilegiada ao cativeiro, que a guiou através do deserto abrindo-lhe a passagem do mar; que lhe saciou a fome com o maná divino e, por amor, transformou a rocha impassível em fonte de agua-viva, não teria meios, outros, de assinalar o seu enviado senão com uma cruz de martírio, entre malfeitos comuns? Tendes, nesta casa, a glória do Senhor Supremo, assim barateada? Todos os doutores do Templo conhecem a história do impostor que celebriais com a simplicidade da vossa ignorância! Não vacilais em rebaixar nossos proprios valores, apresentando um Messias dilacerado e sangrento, sob os apupos do povo!... Lançais vergonha sobre Israél e desejais fundar um novo reino? Seria justo dardes a conhecer, integralmente, a nós outros, o móvel das vossas fábulas piedosas".

Estabelecida uma pausa na sua objurgatória, o orador voltou a falar com dignidade:

— Amigo, bem se dizia que o Mestre chegaria ao mundo para confusão de muitos em Israél. Toda a história edificante do nosso povo é um documento da revelação de Deus. No entanto, não vêdes nos efeitos maravilhosos com que a Providencia guiou as tribus hebreias, no passado, a manifestação do carinho extremo de um Pai desejoso de construir o futuro espiritual de crianças queridas do seu coração? Com o correr do

tempo, observamos que a mentalidade infantil enseja mais vastos princípios educativos. O que ontem era carinho, é hoje energia oriunda das grandes expressões amorosas da alma. O que era ontem bonança e verdor, para nutrição da sublime esperança, hoje pode ser tempestade, para dar segurança e resistência. Antigamente, éramos meninos no trato com a revelação; agora, porém, os varões e as mulheres de Israel atingiram a condição de adultos no conhecimento. O Filho de Deus trouxe a luz da verdade aos homens, ensinando-lhes a misteriosa beleza da vida, com o seu engrandecimento pela renúncia. Sua glória resumiu-se em amar-nos, como Deus nos ama. Por essa mesma razão, Ele ainda não foi compreendido. Acaso poderíamos aguardar um Salvador de acordo com os nossos propósitos inferiores? Os profetas afirmam que as estradas de Deus podem não ser os caminhos que desejamos, e que os seus pensamentos nem sempre se poderão harmonizar com os nossos. Que dizermos de um Messias que empunhasse o cetro no mundo, disputando com os príncipes da iniquidade um galardão de triunfos sangrentos? Porventura a Terra já não estará farta de batalhas e cadáveres? Perguntemos a um general romano quanto lhe custou o domínio da aldeia mais obscura; consultemos a lista negra dos triunfadores, segundo as nossas idéias erraneas da vida. Israel jamais poderia esperar um Messias a exhibir-se num carro de glórias magnificentes do plano material, suscetível de tombar no primeiro resvaladouro do caminho. Essas expressões transitórias pertencem ao cenário efêmero, no qual a púrpura mais fulgurante volta ao pó. Ao contrário de todos os que pretendiam ensinar a virtude, repousando na satisfação dos próprios sentidos, Jesus executou sua tarefa entre os mais simples ou mais desventurados, onde, muitas vezes, se encontram as manifestações do Pai, que educa, através da esperança insatisfeita e das dores que trabalham do berço ao tumulo, a existência humana. Cristo edificou, entre nós, seu reino de amor e paz, sobre alicerces divinos. Sua exemplificação está projetada na alma humana, como luz eterna! Quem de

nós, então, compreendendo tudo isso, poderá identificar no Emissário de Deus um príncipe belicoso? Não! O Evangelho é amor em sua expressão mais sublime. O Mestre deixou-se imolar transmitindo-nos o exemplo da redenção pelo amor mais puro. Pastor do imenso rebanho, Ele não quer se perder uma só de suas ovelhas bem amadas; nem determina a morte do pecador. Cristo é vida e a salvação que nos trouxe está na sagrada oportunidade da nossa elevação, como filhos de Deus, exercendo os seus gloriosos ensinamentos".

Depois de uma pausa, o doutor da lei já se erguia para revidar, quando Estêvão continuou:

— "E agora, irmãos, peço venia para concluir minhas palavras. Se não vos falei como desejeveis, falei como o Evangelho nos aconselha, arguindo a mim próprio na íntima condenação de meus grandes defeitos. Que a bênção de Cristo seja com todos vós".

Antes que pudesse abandonar a tribuna para confundir-se com a multidão, o futuro rabino levantou-se de chofre e observou enraivecido:

— Exijo a continuação da arenga! Que o pregador espere, pois não terminei o que preciso dizer.

Estêvão replicou serenamente:

— Não poderei discutir.

— Porque? — perguntou Saulo irritadíssimo. — Estais intimado a prosseguir.

— Amigo — elucidou o interpelado calmamente — o Cristo aconselhou que devemos dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus. Se tendes alguma acusação legal contra mim, exponde-a sem receio e vos obedecerei; mas, no que pertence a Deus, só a Ele compete arguir-me.

Tão alto espírito de resolução e serenidade, quase desconcertou o doutor do Sinhédrio; comprendendo, porém, que a impulsividade sómente poderia prejudicar-lhe a clareza do pensamento, acrescentou mais calmo, a-pesar-do tom imperioso que deixava transparecer toda a sua energia:

— Mas eu preciso elucidar os erros desta casa. Necessito perguntar e haveis de responder-me.

— No tocante ao Evangelho — replicou Estêvão — já vos ofereci os elementos de que podia dispôr, esclarecendo o que tenho ao meu alcance. Quanto ao mais, este templo humilde é construção de fé e não de justas casuísticas. Jesus teve a preocupação de recomendar a seus discípulos que fugissem do fermento das discussões e das discórdias. Eis porque não será lícito pertermos tempo em contendas inuteis, quando o trabalho de Cristo reclama o nosso esforço.

— Sempre Cristo! sempre o impostor! — trovejou Saulo carrancudo. — Minha autoridade é insultada pelo vosso fanatismo, neste recinto de miséria e de ignorância. Mistificadores, rejeitais as possibilidades de esclarecimento que vos ofereço; galileus incultos, não quereis considerar o meu nobre cartél de desafio. Saberei vingar a Lei de Moisés, da qual se tripudia. Recusais a intimativa, mas não podereis fugir ao meu desfôrço. Aprendereis a amar a verdade e a honrar Jerusalém, renunciando ao nazareno insolente, que pagou na cruz os criminosos desvarios. Recorrerei ao Sinhédrio para vos julgar e punir. O Sinhédrio tem autoridade para desfazer vossas condenáveis alucinações.

Assim concluindo, parecia possesso de fúria. Mas, nem assim logrou perturbar o prêgador, que lhe respondeu de animo sereno:

— Amigo, o Sinhédrio tem mil meios de me fazer chorar, mas não lhe reconheço poderes para obrigar-me a renunciar ao amor de Jesus Cristo.

Dito isso, desceu da tribuna com a mesma humildade, sem se deixar empolgar pelo gesto de aprovação que lhe endereçavam os filhos do infortunio, que ali o ouviam como a um defensor de sagradas esperanças.

Alguns protestos isolados começaram de se ouvir. Fariseus irritados vociferavam insolências e remoques. A massa agitava-se, prevendo atrito iminente; mas, antes que Estêvão caminhasse dez passos para o interior junto dos companheiros, e antes que Saulo o alcançasse com outras objeções pessoais e diretas, uma velhinha maltrapilha apresentou-lhe uma jovem pobramente vestida e exclamou cheia de confiança:

— Senhor! sei que continuais a bondade e os feitos do profeta de Nazaré, que um dia me salvou da morte, a-pesar-dos meus pecados e fraquezas. Atendei-me também, por piedade! Minha filha emudeceu ha mais de um ano. Trouxe-a de Malmanuta até aqui, vencendo enormes dificuldades, confiada na vossa assistencia fraternal!

O prêgador refletiu, antes de tudo, no perigo de qualquer capricho pessoal da sua parte, e, desejoso de atender á suplicante, contemplou a doente com sincera simpatia e murmurou:

— De nós nada temos, mas é justo esperar de Cristo as dádivas que nos sejam necessárias. Ele que é justo e generoso, não te esquecerá na distribuição santificada da sua misericórdia.

E, como atuado por fôrça estranha, acrescentava:

— Has-de falar para o louvor do bom Mestre!...

Então viu-se um fato singular, que impressionou de súbito a numerosa assembléia. Com um raio de infinita alegria nos olhos, a enferma falou:

— Louvarei a Cristo de toda minhalma, eternamente.

Ela e a progenitora, tomadas de forte comoção, caíram ali mesmo, de joelhos e beijaram-lhe as mãos; Estêvão, entretanto, tinha agora os olhos mareados de pranto, profundamente sensibilizado. Era o primeiro a comover-se e admirar a proteção recebida, e não tinha outro meio a não ser o das lágrimas sinceras para traduzir a intensidade do seu reconhecimento.

Os fariseus que se aproximavam no intuito de comprometer a paz do recinto humilde, recuaram estupefatos. Os pobres e os aflitos, como se houvessem recebido um refôrço do céu para o exito da crença pura, encheram a sala de exclamações de sublime esperança.

Saulo observava a cena sem poder dissimular a propria ira. Se possível, desejaria esfrangalhar Estêvão em suas mãos. No entanto, a-pesar-do temperamento impulsivo, chegou á conclusão de que um ato agressivo levaria os amigos presentes a um conflito de sérias

proporções. Refletiu, igualmente, que nem todos os adeptos do "Caminho" estavam, como o pregador, em condições de circunscrever a luta ao plano das lições de ordem espiritual, e, de certa maneira, não recusariam a luta física. De relance, notou que alguns estavam armados, que os anciãos traziam fortes cajados de arimo, que os aleijados exibiam rijas muletas. A luta corporal, naquele recinto de construção frágil, teria consequências lamentáveis. Procurou coordenar melhores raciocínios. Teria a Lei a seu favor. Poderia contar com o Sinhédrio. Os sacerdotes mais eminentes eram amigos devotados. Lutaría com Estêvão até dobrar-lhe a resistência moral. Se não conseguisse submetê-lo, odia-lo-ia para sempre. Na satisfação dos seus caprichos, saberia remover todos os obstáculos.

Reconhecendo que Sadoc e mais dois companheiros iam desfechar o tumulto, gritou-lhes em voz grave e imperiosa:

— Vamo-nos! Os adeptos do "Caminho" pagarião muito caro a sua ousadia.

Nesse momento, quando todos os fariseus se dispunham a lhe atender a voz de comando, o moço de Tarso notou que Estêvão se encaminhava para o interior da casa, passando-lhe rente aos ombros. Saulo sentiu-se abalado em todas as fibras do seu orgulho. Fixou-o, quase com ódio, mas o pregador correspondeu-lhe com um olhar sereno e amistoso.

Tão logo se retirou o jovem doutor da lei com os companheiros numerosos que não conseguiam disfarsar o seu despeito, os Apóstolos galileus passaram a considerar, com grande receio, as consequências que poderiam advir do episódio inesperado.

No dia seguinte, como de costume, Saulo de Tarso, à tardinha, entrava em casa de Zacarias, deixando transparecer na fisionomia a contrariedade que lhe ia no íntimo. Depois de aliviar-se um tanto dos pensamentos sombrios que o atribulavam, graças ao carinho da noiva amada, por ela instado a dizer os motivos

de tamanha preocupação, narrou-lhe os acontecimentos da véspera, acrescentando:

— Esse Estêvão pagará caríssimo a humilhação que pretendeu infligir-me publicamente. Seus raciocínios sutis podem confundir os menos argutos e necessário é fazermos preponderar nossa autoridade em face dos que não têm competência para versar os princípios sagrados. Hoje mesmo conversei com alguns amigos relativamente às providências que nos cumpre tomar. Os mais tolerantes alegam o caráter inofensivo dos galileus, pacíficos e caritativos, mas sou de opinião que uma ovelha má põe o rebanho a perder.

— Acompanho-te na defesa das nossas crenças — advertiu a moça satisfeita — não devemos abandonar nossa fé ao trato e ao sabor das interpretações individuais e incompatentes.

Depois de uma pausa:

— Ah! se Jeziél estivesse conosco, seria seu braço forte na exposição dos conhecimentos sagrados. Certamente, ele teria prazer em defender o Testamento contra qualquer expressão menos razoável e fidedigna.

— Combateremos o inimigo que ameaça a genuinidade da revelação divina — exclamou Saulo — e não cederei terreno aos inovadores incultos e cavilosos.

— Esses homens são muitos? — perguntou Abigail apreensiva.

— Sim, e o que os torna mais perigosos é o mascararem as intenções com atos piedosos, por exaltar a imaginação versátil do povo com pretensos poderes misteriosos, naturalmente alimentados a custa de feitiças e sortilégiós.

— Em qualquer hipótese — advertiu a jovem depois de refletir um momento — convém proceder com serenidade e prudência, para evitar os abusos da autoridade. Quem sabe são criaturas mais necessitadas de educação que de castigo?

— Sim, já pensei em tudo isso. Aliás, não pretendo incomodar os galileus simplórios e despretenciosos que se cercam, em Jerusalém, de inválidos e doentes, dando-nos a impressão de loucos pacíficos. Contudo, não posso

deixar de reprimir o orador, cujos lábios, a meu ver, destilam poderoso veneno no espírito volvel das massas sem conciencia perfeita dos princípios esposados. Aos primeiros importa esclarecer, mas o segundo precisa ser anulado, visto não se lhe conhecerem os fins, quiçá criminosos e revolucionarios.

— Não tenho como desaprovar as tuas ilações — concluiu a jóvem, condescendente.

Em seguida, como de costume, palestraram sobre os sentimentos sagrados do coração, notando-se que o moço de Tarso encontrava singular encanto e caricioso bálsamo nas observações afetuosas da companheira querida.

Passados alguns dias, tomavam-se em Jerusalém providencias para que Estêvão fôsse levado ao Sinhédrio e ali interrogado sobre a finalidade colimada com as prédicas do "Caminho".

Dada a intercessão conciliatoria de Gamaliél, o feito se resumiria a uma discussão em que o pregador das novas interpretações definisse perante o mais alto tribunal da raça os seus pontos de vista, a-fim-de que os sacerdotes, como juizes e defensores da lei, expusessem a verdade nos devidos termos.

O convite á requesta chegou á igreja humilde, mas Estêvão esquivou-se, alegando que não seria razoavel disputar, em obediencia aos preceitos do Mestre, a-pesar dos argumentos do filho de Alfeu, a quem intimidava a perspectiva de uma luta com as autoridades em evidencia, parecendo-lhe que a recusa chocaria a opinião pública. Saulo, a seu turno, não poderia obrigar o antagonista a corresponder ao desafio, mesmo porque, o Sinhédrio só poderia empregar meios compulsórios no caso de uma denúncia pública, depois da instauração de um processo em que o denunciado fôsse reconhecido como blasfemo ou caluniador.

Ante a reiterada excusativa de Estêvão, o doutor de Tarso exasperou-se. E depois de irritar a maioria dos companheiros contra o adversário, arquitetou vasto

plano, de modo a força-lo á polêmica desejada, na qual buscaria humilha-lo diante de todos os maioriais do judaísmo dominador.

Depois de uma das sessões comuns do tribunal, Saulo chamou um de seus amigos humildes e falou-lhe em voz baixa:

— Nehemias, nossa causa precisa de um cooperador decidido e lembrei-me de ti para a defesa dos nossos princípios sagrados.

— De que se trata? — perguntou o outro com enigmático sorriso. — Mandai e estou pronto a obedecer.

— Já ouviste falar num falso taumaturgo chamado Estêvão?

— Um dos tais homens detestaveis do "Caminho"? Já lhe ouví a propria palavra e por sinal que reconheci nas suas idéias as de um verdadeiro alucinado.

— Ainda bem que o conheces de perto — replicou o jóvem doutor, satisfeito. Necessito de alguém que o denuncie como blasfemo á face da Lei e lembrei-me da tua cooperação neste sentido.

— Só isso? — interrogou o interpelado, astutamente. — E' cousa facil e agradavel. Pois não o ouvi dizer que o carpinteiro crucificado é o fundamento da verdade divina? Isso é mais que blasfemia. Trata-se de um revolucionario perigoso, que deve ser punido como caluniador de Moisés.

— Muito bem! — exclamou Saulo num largo sorriso. — Conto, pois, contigo.

No dia imediato, Nehemias compareceu ao Sinhédrio e denunciou o generoso pregador do Evangelho como blasfemo e caluniador, acrescentando criminosas observações de propria conta. Na peça acusatória, Estêvão figurava como feiticeiro vulgar, mestre de preceitos subversivos em nome de um falso Messias que Jerusalém havia crucificado anos antes, mediante idênticas acusações. Nehemias inculcava-se como vítima da perigosa seita que lhe atingira e disturbava a propria família, e afirmava-se testemunha de baixos sortilégios por ele praticados, em prejuizo de outrem.

Saulo de Tarso anotou as mínimas declarações, acentuando os detalhes comprometedores.

A notícia estourou na igreja do "Caminho", produzindo efeitos singulares e dolorosos. Os menos resolutos, com Tiago á frente, deixaram-se empolgar por considerações de toda a ordem, receosos de se verem perseguidos; mas Estêvão, com Simão Pedro e João, mantinha-se absolutamente sereno, recebendo com bom animo a ordem de responder corajosamente ao libelo.

Cheio de esperança, rogava a Jesus não o desamparasse, de maneira a testemunhar a riqueza da sua fé evangélica.

E esperou o ensejo com fidelidade e alegria.

VI

ANTE O SINHÉDRIOS

No dia fixado, o grande recinto do mais alto sodalício israelita enchia-se de verdadeira multidão de cren tes e curiosos, ávidos de assistir o primeiro embate entre os sacerdotes e os homens piedosos e estranhos, do "Caminho". A assembléia congraçava o que Jerusalém tinha de mais aristocrático e de mais culto. Os mendigos, porém, não tiveram acesso, embora se tratasse de um ato público.

O Sinhédrio exibia seus personagens mais eminentes. De mistura com os sacerdotes e mestres de Israél, notava-se a presença das personalidades mais salientes do farisaísmo. Lá estavam representantes de todas as sinagogas.

Compreendendo a acuidado intelectual de Estêvão, Saulo queria fornecer-lhe um confronto do cenáculo em que dominava o seu talento, com a igreja humilde dos adéptos do carpinteiro de Nazaré. No fundo, seu propósito radicava na jactanciosa demonstração de superioridade, afagando, ao mesmo tempo, a intima esperança de conquista-lo para as hostes do judaísmo. Preparara, por isso, a reunião com todos os requisitos de feição a impressionar-lhe os sentidos.

Estêvão comparecia como um homem chamado a defender-se das acusações a ele imputadas, não como prisioneiro comum - obrigado a acertar contas com a justiça. Examinando, pois, a situação, ele rogou com insistencia aos apóstolos galileus não o acompanhasssem,

considerando, não só a necessidade de permanecerem junto dos sofredores, como tambem a possivel ocorrência de sérios atritos, no caso de comparecimento dos adéptos do "Caminho", dada a firmeza de ânimo com que procuraria salvaguardar a pureza e a liberdade do Evangelho de Cristo. Além disso, os recursos de que poderiam dispôr eram demasiadamente simples e não seria justo afrontar com eles o poderio supremo dos sacerdotes, que tinham encontrado recursos para crucificar o proprio Messias. Em favor do "Caminho" pontificavam, apenas, aqueles enfermos desventurados; as convicções puras dos mais humildes; a gratidão dos mais infelizes — unica força poderosa pelo seu conteúdo de virtude divina, a lhes amparar a causa perante as autoridades dominantes no mundo. Assim ponderando, disputava o júbilo de assumir, sózinho, a responsabilidade da sua atitude, sem comprometer qualquer companheiro, tal como fizera Jesus um dia, no seu apostolado sublime. Se necessário, não desdenharia a possibilidade do derradeiro sacrifício, no sagrado testemunho de amor ao seu coração augusto e misericordioso. O sofrimento, por Ele, ser-lhe-ia suave e doce. Sua argumentação vencera o bom desejo dos companheiros mais veementes. Assim, sem amparo de qualquer amigo, compareceu ao Sinhédrio, tomado de forte impressão em lhe observando a grandeza e a suntuosidade. Habitudo aos quadros tristes e pobres dos subúrbios, onde se refugiavam os infelizes de toda a especie, deslumbrava-se com a riqueza do Templo, com o aspecto soberbo da torre dos romanos, com os edifícios residenciais de estilo grego, com a feição exterior das sinagogas que se espalhavam em grande número por toda parte.

Compreendendo a importancia daquela sessão a que acorriam os elementos de escól, para identificarem o invulgar interesse de Saulo, que, no momento, era a expressão de mocidade mais vibrante do judaísmo, o Sinhédrio requisitara o concurso da autoridade romana para a absoluta manutenção da ordem. A Corte Provincial não regateara providencias. Os proprios patri-

cios residentes em Jerusalém compareceram, numerosos, ao grande feito do dia, considerando que se tratava do primeiro processo em torno das idéias ensinadas pelo profeta nazareno, depois da sua crucificação, que deixara tanta perplexidade e tantas dúvidas no espírito público.

Quando o grande recinto regorgitava de pessoas de alto destaque social, Estêvão sentou-se no lugar previamente designado, conduzido por um ministro do Templo, ali permanecendo sob a guarda de soldados que o fixavam ironicamente.

A sessão começou com todas as ceremonias regimentais. Ao iniciar os trabalhos, o sumo sacerdote anunciou a escolha de Saulo, consoante seu proprio desejo, para interpelar o denunciado e averiguar a extensão de sua culpa no aviltamento dos princípios sagrados da raça. Recebendo o convite para funcionar como juiz do feito, o jovem tarsense esboçou um sorriso triunfante. Com imperioso gesto, mandou que o humilde pregador do "Caminho" se aproximasse do centro da sala suntuosa, para onde se dirigiu Estêvão serenamente, acompanhado por dois guardas de cenho carregado.

O moço de Corinto fixou o quadro que o rodeava, considerando o contraste de uma e outra assembléia e recordando a última reunião da sua igreja pobre, onde fôra compelido a conhecer tão caprichoso antagonista. Não seriam aquelas as "ovelhas perdidas" da casa de Israél, a que aludia Jesus nos seus vigorosos ensinamentos? Ainda que o judaísmo não houvesse aceitado a missão do Evangelho, como conciliava ele as observações sagradas dos profetas e sua elevada exemplificação de virtude, com a avareza e o desregramento? O proprio Moisés fôra escravo e, por dedicação ao seu povo, sofrera inumeras dificuldades em todos os dias da existencia consagrada ao Todo-Poderoso. Jó padecera misérias sem nome e dera testemunho da fé nos sofrimentos mais acerbos. Jeremias chorara incomprendido. Amós experimentara o fél da ingratidão. Como poderiam os israelitas harmonizar o egoísmo com a

sabedoria amorosa dos Salmos de David? Estranhavel que, tão zelosos da Lei, se entregassem de modo absoluto aos interesses mesquinhos, quando Jerusalém estava cheia de famílias, irmãs pela raça, em completo abandono. Como cooperante de uma comunidade modesta, conhecia de perto as necessidades e sofrimentos do povo. Com essas ilações, sentia que o Mestre de Nazaré se elevava muito mais, agora, aos seus olhos, distribuindo entre os aflitos as esperanças mais puras e as mais consoladoras verdades espirituais.

Ainda não voltara a si da surpresa com que examinava as túnicas brilhantes e os ornamentos de ouro que exuberavam no recinto, quando a voz de Saulo, clara e vibrante, o chamou á realidade da situação.

Depois de lér a peça acusatória em que Nehemias figurava como principal testemunha e no que foi ouvido com máxima atenção, Saulo interrogou Estêvão entre ríspido e altivo:

— Como vedes, sois acusado de blasfemo, caluniador e feiticeiro, perante as autoridades mais representativas. No entanto, antes de qualquer decisão, o tribunal deseja conhecer vossa origem para determinar os direitos que vos assistem neste momento. Sois, porventura, de família israelita?

O interrogado fez-se pálido, ponderando as dificuldades de uma plena identificação, caso fôsse indispensável, mas respondeu firmemente:

— Pertenço aos filhos da tribo de Issacar.

O doutor da lei surpreendeu-se, ligeiramente, de maneira imperceptível para a assembléia, e continuou:

— Como israelita, tendes o direito de replicar livremente ás minhas interpelações; todavia, faz-se mister esclarecer que essa condição não vos eximirá de pesados castigos, caso persevereis na exposição dos erros crassos de uma doutrina revolucionária, cujo fundador foi condenado á cruz infamante pela autoridade deste Tribunal, onde pontificam os filhos mais veneraveis das tribus de Deus. Aliás, apreciando, por suposição, a vossa origem, convidei-vos a discutir lealmente comigo, quando de nosso primeiro encontro na assembléia dos homens

do "Caminho". Fechei os olhos aos quadros de miséria que então me cercavam, para analisar tão só os vossos dotes de inteligencia; mas, evidenciando estranha exaltação de espirito, talvez em virtude de sortilégios cujas influencias são ali visíveis, vos mantivestes em singular reserva de opinião, apesar dos meus apelos reiterados. Vossa atitude inexplicavel deu azo a que o Sinhédrio considerasse a presente denúncia de vosso nome como inimigo de nossas ordenações. Sereis agora obrigado a responder a todas as interpelações convenientes e necessárias, e eu espero reconheçais que o título de israelita não vos poderá livrar da punição reservada aos traidores de nossa causa.

Depois de não pequeno intervalo em que o juiz e o denunciado puderam verificar a ansiosa expectativa da assembléia, Saulo entrou a interrogar:

— Porque rejeitastes meu convite á discussão, quando honrei a pregação no "Caminho" com a minha presença?

Estêvão, que tinha os olhos fulgurantes, como inspirado por uma força divina, replicou em voz firme, sem revelar a emoção que intimamente o dominava:

— O Cristo, a quem sirvo, recomendou a seus discípulos evitassem, a qualquer tempo, o fermento das discórdias. Quanto ao ato de haverdes honrado minha palavra humilde com a vossa presença, agradeço a prova de imerecido interesse mas prefiro, antes de tudo, considerar com David (1) que nossa alma se gloriará no Senhor, visto nada possuirmos de bom em nós mesmos, se Deus nos não amparar com a grandeza da sua glória.

Em face da lição sutil que lhe era lançada em rosto, Saulo de Tarso mordeu os lábios, entre colérico e despeitado, e, procurando evitar, agora, qualquer alusão pessoal, para não cair em situação semelhante, prosseguiu:

— Sois acusado de blasfemo, caluniador e feiticeiro...

(1) Salmos de David, 34:2 — (Nota de Emmanuel).

— Permito-me perguntar em que sentido — retroucou o interpelado, com desassombro.

— Blasfemo quando inculcais o carpinteiro de Nazaré como Salvador; caluniador quando achincalhais a Lei de Moisés, renegando os princípios sagrados que nos regem os destinos. Confirmais tudo isso? Aprovais essas acusações?

Estêvão esclareceu sem titubear:

— Mantendo minha crença de que o Cristo é o Salvador prometido pelo Eterno, através dos ensinos dos profetas de Israél, que choraram e sofreram no decurso de longos séculos, por transmitir-nos os júbilos doces da Promessa. Quanto à segunda parte, suponho que a acusação procede de interpretação errônea em torno de minhas palavras. Jamais deixei de venerar a Lei e as Sagradas Escrituras, mas considero o Evangelho de Jesus o seu divino complemento. Os primeiros são o trabalho dos homens, o segundo é o salário de Deus aos trabalhadores fiéis.

— Sois então de parecer — disse Saulo sem dissimular irritação, diante de tanta firmeza — que o carpinteiro é maior que o grande legislador?

— Moisés é a justiça pela revelação, mas Cristo é o amor vivo e permanente.

A essa resposta do acusado, houve um prurido de exaltação na grande assembléia. Alguns fariseus encolerizados gritavam injúrias. Saulo, porém, lhes fez um sinal imperioso e o silêncio voltou a possibilitar o interrogatorio. E dando á voz um timbre de severidade, prosseguiu:

— Sois israelita e jovem ainda. Uma inteligencia apreciavel serve ao vosso esforço. Temos então o dever, antes de qualquer punição, de trabalhar pelo vosso regresso ao aprisco. E' imprescindivel chamar o irmão desertor, com carinho, antes do extremo recurso ás armas. A Lei de Moisés poderá conferir-vos uma situação de grande relêvo, mas, que proveito tirarieis da palavra insignificante, inexpressiva, do operário ignorante de Nazaré, que sonhou com a glória para pagar as esperanças loucas numa cruz de ignominia?

— Desprézo o valor puramente convencional que a Lei me poderia oferecer em troca do apoio á política do mundo, que se transforma todos os dias, considerando que a nossa segurança reside na conciencia iluminada com Deus e para Deus.

— Mas, que esperais do mistificador que lançou a confusão entre nós, para morrer no Calvário? — tornou Saulo exaltadamente.

O discípulo de Cristo deve saber a quem serve e eu me honro em ser instrumento humilde nas suas mãos.

— Não precisamos de um inovador para a vida de Israél.

— Compreendereis, um dia, que, para Deus Israél significa a Humanidade inteira.

Diante dessa resposta ousada, a quase totalidade da assembléia prorrompeu em apupos, mostrando sua hostilidade franca ao denunciado de Nehemias. Afeitos a um regionalismo intransigente, os israelitas não toleravam a idéia de confraternização com os povos que consideravam bárbaros e gentios. Enquanto os mais exaltados davam expansão a protestos veementes, os romanos observavam a cena, curiosos e interessados, como se presenciassem uma cerimonia festiva.

Depois de longa pausa, o futuro rabino continuou:

— Confirmais a acusação de blasfemia, enunciando semelhante princípio contra a situação do povo escondido. E' a vossa primeira condenação.

— Isso não me atemoriza — disse o acusado, resoluto — ás ilusões orgulhosas que nos conduziriam a tenebrosos abismos, prefiro acreditar, com o Cristo, que todos os homens são filhos de Deus, merecendo o carinho do mesmo Pai.

Saulo mordeu os lábios raivosamente, e, acentuando sua atitude rigorosa de julgador, prosseguiu com aspreza:

— Calunias Moisés, proferindo tais palavras. Aguardo vossa confirmação.

O interpelado, dessa vez, endereçou-lhe significativo olhar e murmurou:

— Porque aguardais minha confirmação se obedecis a um critério arbitrário? O Evangelho desconhece as complicações da casuística. Não desdenho Moisés, mas não posso deixar de proclamar a superioridade de Jesus Cristo. Podeis lavrar sentenças e proferir anátemas contra mim; entretanto, é necessário que alguém coopere com o Salvador no restabelecimento da verdade acima de tudo, e sem embargo das mais dolorosas consequências. Aqui estou para fazê-lo e saberei pagar, pelo Mestre, o preço da mais pura fidelidade.

Depois de cessar o abafado vozerio da assistência, Saulo voltou a dizer:

— O tribunal reconhece-vos como caluniador, passível das punições atinentes a esse título odioso.

E tão logo foram grafadas as novas declarações pelo escriba que anotava os termos da inquirição, acentuou sem disfarçar a ira que o dominava:

— É indispensável não esquecer que sois acusado de feiticeiro. Que respondeis a semelhante arguição?

— De que me acusam, nesse particular? — interrogou o pregador do "Caminho", com galhardia.

— Eu próprio vos vi curar uma jovem muda, num dia de sábado, e ignoro a natureza dos sortilégios que utilizastes nesse feito.

— Não fui eu quem praticou esse ato de amor, como, certamente, me ouvistes afirmar; foi o Cristo, por intermédio de minha pobreza, que nada tem de bom.

— Pensais inocentar-vos com esta ingênuia declaração? — objetou Saulo com ironia. — A suposta humildade não vos exculta. Fui testemunha do fato e só a feitiçaria poderá elucidar seus ascendentes estranhos.

Longe de se perturbar, o acusado respondeu inspiradamente:

— E contudo, o judaísmo está cheio desses fatos que julgais não compreender. Em virtude de que sortilégio conseguiu Moisés fazer jorrar de uma rocha a fonte de agua viva? Com que feitiçaria o povo eleito viu abrirem-se-lhe as ondas revoltas do mar para a necessária fuga do cativeiro? Com que talismã presumiu Josué atrasar a marcha do sol? Não vêdes, em

tudo isso, os recursos da Providência Divina? De nós nada temos, e todavia, no cumprimento do nosso dever, tudo devemos esperar da divina misericordia.

Analizando a resposta concisa, reveladora de raciocínios lógicos, irretorquíveis, o doutor de Tarso quase rilhou os dentes. Um rápido relancear de olhos na assembleia deu-lhe a conhecer que o antagonista contava com a simpatia e admiração de muitos. Chegava a desconcertar-se intimamente. Como recuperar a calma, dado o temperamento impulsivo que o levava aos extremos emotivos? Examinando a última assertiva de Estêvão, sentia dificuldade em coordenar uma argumentação decisiva. Sem poder revelar o desapontamento próprio, incapaz de encontrar a resposta devida, considerou a urgência de uma saída a propósito e dirigiu-se ao sumo sacerdote, nestes termos:

— O acusado confirma, por sua palavra, a denúncia de que foi objeto. Acaba de confessar, de público, que é blasfemo, caluniador e feiticeiro. Entretanto, por sua condição de nascimento, ele tem direito à defesa última independentemente das minhas interpretações de julgador. Proponho, então, que a autoridade competente lhe conceda esse recurso.

Grande número de sacerdotes e personalidades eminentes entreolharam-se, quase com espanto, como a prelibar a primeira derrota do orgulhoso doutor da lei, cuja palavra vibrante sempre conseguira triunfar sobre qualquer adversário, fixando-lhe o rosto rubro de colébra, denunciando a tempestade que lhe rugia no coração.

ACEITA a proposta formulada pelo juiz da causa, Estêvão passou a usar de um direito que lhe era conferido pelo seu nascimento.

Levantando-se, nobremente contemplou os rostos ansiosos que o buscavam de todos os lados. Adivinhou que a maioria dos presentes presumia na sua figura um perigoso inimigo das tradições raciais, tal a sua expressão de hostilidade; mas notou, igualmente, que alguns israelitas o encaravam com simpatia e compreensão. Valendo-se desse auxílio, sentiu consolidar-se-lhe o bom ânimo, de maneira a expôr com maior serenidade os

sagrados ensinos do Evangelho. Lembrou, instintivamente, a promessa de Jesus aos seus continuadores, de que estaria presente no instante em que devessem dar testemunho pela palavra, competindo-lhe não tremer ante as provocações inconscientes do mundo. Mais que nunca, sentiu a convicção de que o Mestre auxilia-lo-ia na exposição da doutrina de amor.

Passado um minuto de ansiosa expectativa, começou a falar de modo impressionante:

— Israelitas! por maior que fôsse nossa divergência de opinião religiosa, não poderíamos alterar nossos laços de fraternidade em Deus — o supremo dispensador de todas as graças. E' a esse Pai, generoso e justo, que elevo minha rogativa em favor de nossa compreensão fiel das verdades santas. Outrora, nossos antepassados ouviram as exortações grandiosas e profundas dos emissários do céu. Por organizar um futuro de paz solida aos seus descendentes, nossos avós sofreram misérias e penúrias do cativeiro. Seu pão era molhado nas lágrimas de amargura, sua sêde angustiava. Viram malogradas todas as esperanças de independencia, perseguições sem conta destruiram-lhes o lar, com agravio de sofrimentos nas lutas de seu roteiro. A' frente de seus martírios dignificantes, andaram os santos varões de Israél, como gloriosa corôa do seu triunfo. Alimentou-os a palavra do Eterno, através de todas as vicissitudes. Suas experiencias constituem poderoso e sagrado patrimônio. Delas, temos a Lei e os Escritos dos profetas. Apesar disso, não podemos iludir nossa sêde. Nossa concepção de justiça é fruto de um labor milenário, em que empregámos maiores energias, mas sentimos, por intuição, que existe algo de mais elevado, além dela. Temos o cárcere para os que se transviam, o vale dos imundos para os que adoecem sem a proteção da família, a lapidação na praça pública para a mulher que fraqueja, a escravidão para os endividados, os trinta e nove açoites para os mais infelizes. Bastará isso? As lições do passado não estão cheias da palavra "misericórdia"? Algo nos fala á consciencia, de uma vida maior, que inspira sentimentos mais elevados e mais belos.

Ingente foi o trabalho no curso longo e multisecular, mas o Deus justo respondeu aos angustiados apêlos do coração, enviando-nos seu Filho bem amado — O Cristo Jesus!...

A assembléia ouvia grandemente surpreendida. No entanto, quando o orador frisou mais forte a referencia ao Messias de Nazaré, os fariseus presentes, fazendo causa comum com o jóvem de Tarso, prorromperam em protestos, gritando alucinadamente:

— Anátema! Anátema!... Punição ao trânsfuga!

Estêvão recebeu com serenidade a tormenta objurgatoria e tão logo foi a ordem restabelecida, prosseguiu com firmeza:

— Porque me apupais desta forma? Toda precipitação de julgamento demonstra fraqueza. Primeiramente, renunciei á discussão considerando que se deve eliminar todo fermento de discórdia; mas, dia a dia O Cristo nos convoca para um trabalho novo e, certamente, o Mestre me chama hoje, a-fim-de palestrar convosco relativamente ás suas verdades poderosas. Desejais impôr-me o ridículo e a zombaria? Isso, porém, deve confortar-me, porque Jesus experimentou esse tratamento em grau superlativo. Não obstante vossa repulsa, honro-me em proclamar as glórias inexcediveis do profeta nazareno, cuja grandeza veiu ao encontro de nossas ruinas morais, levantando-nos para Deus com o seu Evangelho de redenção.

Nova saraivada de apóstrofes cortou-lhe a palavra. Ditos mordentes e ásperos baldões eram-lhe atirados a esmo, de todos os lados. Estêvão não esmoreceu. Voltando-se, sereno, fixou nobremente os circunstantes, guardando a intuição de que os mais exaltados seriam os fariseus, os mais fundamentalmente atingidos pelas verdades novas.

Esperando que recobrassem calma, falou novamente:

— Fariseus amigos, porque teimais em não compreender? Porventura temeis a realidade das minhas afirmações? Se vossos protestos se fundam nesse receio, calai-vos para que eu continue. Lembrai-vos de que

me refiro aos nossos erros do passado e quem se associa na culpa dá testemunho de amor, no capítulo das reparações. A-pesar-de nossas misérias, Deus nos ama e, reconhecendo eu a propria indigencia, não poderia falar-vos senão como irmão. Entretanto, se expressais desespéro e revolta, recordai que não poderemos fugir á realidade da nossa profunda insignificancia. Lestes, acaso, as lições de Isaias? Importa considerar a exortação (1) de que não poderemos sair, apressadamente, nem enganando a nós mesmos, nem fugindo aos nossos deveres, porque o Senhor irá adiante e o Deus de Israél será a nossa retaguarda. Ouvi-me! Deus é o Pai, Cristo é o Senhor nosso.

Muito falais da Lei de Moisés e dos Profetas; todavia, podereis afirmar com a mão na conciencia a plena observancia dos seus gloriosos ensinamentos? Não estarieis cégos atualmente, negando-vos á comprehensão da mensagem divina? Aquele a quem chamais ironicamente o carpinteiro de Nazaré, foi amigo de todos os infelizes. Sua pregação não se limitou a expôr princípios filosóficos. Antes, pela exemplificação, renovou nossos hábitos, reformou as idéias mais elevadas, com o sêlo do amor divino. Suas mãos nobilitaram o trabalho, pensaram úlceras, curaram leprosos, deram vista aos cegos. Seu coração repartiu-se entre todos os homens, dentro do novo entendimento do amor que nos trouxe com o exemplo mais puro.

“Acaso ignorais que a palavra de Deus tem ouvintes e praticantes? Convém consultardes se não tendes sido mérios ouvintes da Lei, de maneira a não falsear o testemunho.

“Jerusalém não me parece o santuário de tradições da fé, que conheci por informações de meus pais, desde criança. Atualmente, dá impressão de um grande bazar onde se vendem as cousas sagradas. O Templo está cheio de mercadores. As sinagogas regorgitam de assuntos atinentes a interesses mundanos. As células farisáicas assemelham-se a um vespeiro de interesses mes-

(1) Isaias: 25:12 — (Nota de Emmanuel).

quinhos. O luxo das vossas túnicas assombra. Vossos desperdícios espantam. Não sabeis que á sombra de vossos muros ha infelizes que morrem de fome? Venho dos subúrbios, onde se concentra grande parte de nossas misérias.

“Falais de Moisés e dos Profetas, repito. Acreditais que os antepassados veneraveis mercadejassem com os bens de Deus? O grande legislador viveu entre experiencias terríveis e dolorosas. Jeremias conheceu longas noites de angústia, a trabalhar pela intangibilidade do nosso patrimonio religioso, entre as perdições de Babilônia. Amós era pobre pastor, filho do trabalho e da humildade. Elias sofreu toda a sorte de perseguições, compelido a recolher-se ao deserto, tendo só lágrimas como preço do seu iluminismo. Esdras foi modelo de sacrifício pela paz dos seus compatriotas. Ezequiel foi condenado á morte por haver proclamado a verdade. Daniél curtiu as infinitas amarguras do cativeiro. Mencionais os nossos heroicos instrutores do passado, tão só para justificar o gôzo egoístico da vida? Onde guardais a fé? No conforto ocioso, ou no trabalho produtivo? Na bôlsa do mundo, ou no coração que é o templo divino? Incentivais a revolta e quereis a paz? Explorais o proximo e falais de amor a Deus? Não vos lembrais de que o Eterno não pode aceitar o louvor dos lábios quando o coração da criatura permanece dele distante”

A assembléia, ante o sôpro daquela sublime inspiração, parecia imóvel, incapaz de se definir. Muitos israelitas supunham ver em Estêvão o ressurgimento de um dos primeiros profetas da raça. Mas os fariseus, como se quebrassem a misteriosa fôrça que os emudecia, romperam em algazarra ensurdecedora, gesticulando a esmo, proferindo impropérios, no propósito de atenuar a forte impressão causada pelos surtos eloquentes e calorosos do orador.

— Apedrejemos o imundo! Matemos a calúnia! Anátema ao caminho de Satanaz!...

Nesse comenos, Saulo levantou-se rubro de cólera. Não conseguia disfarsar a furia do temperamento impulsivo, a desbordar-lhe dos olhos inquietos e brilhantes.

Caminhou presto para o acusado, dando a entender que ia cassar-lhe a palavra e a assembléia logo se acalmou, embora continuasse o rumor dos comentários abafados.

Percebendo que ia talvez ser coagido pela violencia e mais, que os fariseus pediam sua morte, Estêvão fixou os mais ironicos e arrebatados, exclamando em voz alta e tranquila:

— Vossa atitude não me intimida. Cristo foi solicto no recomendar não temessemos os que só podem matar-nos o corpo.

Não pôde prosseguir. O moço tarsense, mãos á cintura, olhar iracundo e gestos rudes como se defrontasse um malfeitor comum, gritou-lhe furiosamente no ouvido:

— Basta! Basta! Nem mais uma palavra!... Agora que te foi concedido o último recurso inutilmente, tambem usarei o que me faculta a condição do nascimento, em face de um irmão desertor.

E caiu-lhe de punhos fechados no rosto, sem que Estêvão tentasse a menor reação. Os fariseus aplaudiram o gesto brutal, em atoarda delirante, qual se estivessem num dia de festa. Dando arras ao seu arrebamento, Saulo esmurrava sem compaixão. Sem recursos de ordem moral, ante a lógica do Evangelho, recorria á força física, satisfazendo á indole voluntariosa.

O pregador do "Caminho", submetido a tais extremos, implorava de Jesus a necessária assistencia para não se trair no testemunho. Nada obstante a reforma radical que a influência do Cristo havia imposto ás suas concepções mais íntimas, ele não podia fugir á dôr da dignidade ferida. Procurou, contudo, recompôr imediatamente as energias interiores, na compreensão da renúncia que o Mestre predicara como lição suprema. Lembrou os sacrifícios do pai em Corinto, reviu na imaginação o seu suplício e morte. Recordou a prova angustiosa que sofrera e considerou que, se tão só no conhecimento de Moisés e dos Profetas tanto conseguira em energia moral para enfrentar os ignorantes da bondade divina, que não poderia testemunhar agora com o

Cristo no coração? Esses pensamentos acudiam-lhe ao cérebro atormentado, como bálsamo de suprema consolação. Entretanto, embora a fortaleza de animo que lhe marcava o carater, viu-se que ele vertia copiosas lágrimas. Quando lhe observou o pranto misturado com o sangue a jorrar da ferida que a punhadas lhe abrira em pleno rosto, Saulo de Tarso conteve-se saciado na sua imensa cólera. Não podia compreender a passividade com que o agredido recebera os bofetões da sua força enrijada nos exercícios do esporte.

A serenidade de Estêvão perturbou-o ainda mais. Sem dúvida, estava diante de uma energia ignorada.

Esboçando um sorriso de zombaria, advertiu altaneiro:

— Não reages, covarde? Tua escola é tambem a da indignidade?

O pregador cristão, apesar dos olhos molhados, respondeu com firmeza:

— A paz difere da violencia, tanto quanto a força de Cristo diverge da vossa.

Verificando tamanha superioridade de concepção e pensamento, o doutor da lei não podia ocultar o despeito e a fúria que lhe transpareciam nos olhos chamejantes. Parecia no auge da irritação, a estravasar nos maiores despropósitos. Dir-se-ia haver chegado ao cumulo de tolerancia e resistencia.

Voltando-se para observar a aprovação dos seus partidarios, que se contavam por maioria, dirigiu-se ao sumo sacerdote e impetrou uma sentença cruel. Tremia-lhe a voz, pelo esforço físico despendido.

— Analisando a peça condenatoria — acrescentou ufano — e, considerados os graves insultos aqui bolados, como juiz da causa rogo seja o réu lapidado.

Frenéticos aplausos secundaram-lhe a palavra inflexivel. Os fariseus tão duramente atingidos pelo verbo ardente do discípulo do Evangelho supunham vingar, desse modo, o que consideravam escárneo criminoso ás suas prerrogativas.

A autoridade superior recebeu o alvitre e procurou

submete-lo á votação no reduzido círculo dos colegas mais eminentes.

Foi então que Gamaliél, depois de palestrar em voz baixa com os colegas de elevada investidura, comentando talvez o caráter generoso e a incoercível impulsividade do ex-discípulo, dando-lhes a entender que a sanção proposta seria a morte imediata do pregador do "Caminho", levantou-se no inquieto cenáculo e ponderou nobremente:

— Tendo voto neste tribunal e não desejando precipitar a solução de um problema de consciencia, propoно que se estude mais ponderadamente a sentença pedida, retendo-se o acusado em calabouço até que se esclareça a sua responsabilidade perante a justiça.

Saulo percebeu o ponto de vista do antigo mestre, inferindo que ele punha em jôgo o seu reconhecido pendor á tolerancia. Aquela advertencia contrariava-lhe sobremaneira os propósitos resolutos, mas, sabendo que não lhe poderia ultrapassar a autoridade veneranda, acentuou:

— Aceito a proposição na qualidade de juiz do feito; entretanto, adiada a execução da pena, qual fôra de desejar e tendo em vista o veneno distilado pelo seu verbo irreverente e ingrato, espero seja o réu algemado e recolhido imediatamente ao carcere. E propónho igualmente investigações mais amplas sobre as atividades supostamente piedosas dos perigosos crentes do "Caminho", a-fim-de que se extirpe na raiz a noção de disciplina por eles criada contra a Lei de Moisés, movimento revolucionário de consequencias imprevisíveis, que significa, em substancia, desordem e confusão em nossas proprias fileiros e ominoso esquecimento das ordenações divinas, conjurando assim a propagação do mal, cujo crescimento intensificará os castigos.

A nova proposta foi plenamente aprovada. Com a sua profunda experientia dos homens, Gamaliél comprehendeu que era indispensavel conceder alguma cousa.

Ali mesmo, Saulo de Tarso foi autorizado pelo Sinhédrio a iniciar as mais lataas diligencias em torno das atividades do "Caminho", com ordem de admoestar,

corrigir e prender todos os descendentes de Israél dominados pelos sentimentos colhidos no Evangelho, considerado, desde aquela hora, pelo regionalismo semita como repositório de veneno ideológico, com que o ousado carpinteiro nazareno pretendia revolucionar a vida israelita, operando a dissolução dos seus élos mais legitimos.

O moço tarsense, em frente de Estêvão prisioneiro, recebeu a notificação oficial com um sorriso triunfante.

Encerrou-se, assim, a memorável sessão. Numerosos companheiros acercaram-se do moço judeu, felicitando-o pela palavra vibrante, ciosa da hegemonia de Moisés. O ex-discípulo de Gamaliél recebia a saudação dos amigos e murmurava confortado:

— Conto com todos, lutaremos até o fim.

Os trabalhos daquela tarde tinham sido exhaustivos, mas o interesse despertado fôra enorme. Estêvão sentia-se cansadíssimo. Ante os grupos que se retiravam esflorando comentários os mais diversos, foi ele maniatado antes de conduzido á prisão. Polarizando os sentimentos do Mestre, não obstante a fadiga, tinha confortada a consciencia. Com sincera alegria interior, verificava que mais uma vez Deus lhe concedia a oportunidade de testemunhar fé.

Em poucos instantes, a sombra do crepúsculo parecia caminhar rápida para a noite sombria.

Após suportar as mais dolorosas humilhações de alguns fariseus que se retiravam sob profunda impressão de despeito, custodiado por guardas rudes e insensíveis, ei-lo recolhido ao cárcere, com pesadas algemas.

VII

AS PRIMEIRAS PERSEGUÍÇÕES

Saulo de Tarso, nas características de sua impulsividade, deixou-se empolgar pela idéia de vingança, impressionado com o desassombro de Estêvão em face da sua autoridade e da sua fama. A seu ver, o pregador do Evangelho infligira-lhe humilhações públicas, que impunham reparações equivalentes.

Todos os círculos de Jerusalém, nada obstante o curto prazo da sua nova permanência na cidade, não escondiam a admiração que lhe votavam. Os intelectuais do Templo estimavam nele uma personalidade vigorosa, um guia seguro, tomando-o por mestre no racionalismo superior. Os mais antigos sacerdotes e doutores do Sinhédrio reconheciam-lhe a inteligência aguda e nele depositavam a esperança do porvir. Na época, sua juventude dinâmica, votada quase inteiramente ao ministério da Lei centralizava, por assim dizer, todos os interesses da casuística. Com a argúcia psicológica que o caracterizava, o jovem tarsense conhecia o papel que Jerusalém lhe destinava. Assim que, as controvérsias de Estêvão doíam-lhe nas fibras mais sensíveis do coração. No fundo, seu ressentimento era apanágio de uma juventude generosa e sincera; entretanto, a vaidade ferida, o orgulho racial, o instinto de domínio, toldavam-lhe a retina espiritual.

No âmago das suas reflexões, odiava agora aquele Cristo crucificado, porque detestava a Estêvão, considerado então como perigoso inimigo. Não poderia tol-

rar qualquer expressão daquela doutrina aparentemente simples, mas, que vinha abalar o fundamento dos princípios estabelecidos. Perseguiria inflexivelmente o "Caminho", na pessoa de quantos lhe estivessem associados. Mobilizaria, intencionalmente, todas as simpatias de que dispunha, para multiplicar a devassa imprescindível. Certo, deveria contar com as admoestações conciliatórias de um Gamaliél e de outros raros espíritos, que, ao seu ver, se deixariam embair pela filosofia de bondade que os galileus haviam suscitado com as novas escrituras; mas estava convencido de que a maioria farisáica, em função política, ficaria a seu lado, animando-o na empresa começada.

No dia seguinte à prisão de Estêvão, procurou arregimentar as primeiras forças com a máxima habilidade. A cata de simpatia para o amplo movimento de perseguição que pretendia efetuar, visitou as personalidades mais eminentes do judaísmo, abstendo-se, contudo, de procurar a cooperação das autoridades reconhecidamente pacifistas. A inspiração dos prudentes não o interessava. Necessitava de temperamentos análogos ao seu, para que o cometimento não falhasse.

Depois de concertar largo projeto entre os compatriotas, solicitou uma audiência da Corte Provincial, por obter o apoio dos romanos encarregados da solução de todos os assuntos políticos da província. O Proconsul, a-pesar-de residir oficialmente em Cesaréia, estagiava na cidade e ali tivera notícia dos fatos interessantes da véspera. Recebendo a petição do prestigioso doutor da Lei, hipotecou-lhe solidariedade plena, elogiando as providências em perspectiva. Seduzido pelo verbo fluente do moço rabino, fez-lhe sentir com a displicência do homem de Estado de todos os tempos e em quaisquer circunstâncias, pelos assuntos religiosos, que reconhecia no farisaísmo razões de sobra para mover combate aos galileus ignorantes, que perturbavam o ritmo das manifestações de fé, nos santuários da cidade santa. Concretizando as promessas, concedeu, imediatamente, ao moço de Tarso a necessária outorga para o feito colimado, ressalvando naturalmente os direitos de natureza

política, que a suprema autoridade romana devia manter intangíveis.

Entretanto, bastava ao nôvel rabino a adesão dos poderes públicos aos projetos aventados.

Animado em seus propositos pela quase geral aprovação do seu plano, Saulo começou a coordenar as primeiras diligencias por desvendar as atividades do "Caminho" em suas mínimas modalidades. Obsidiado pela idéia da desforra pública, idealizava quadros sinistros na mente superexcitada. Tão logo fôsse possível, prenderia todos os implicados. O Evangelho, aos seus olhos, dissimulava sedição iminente. Apresentaria os conceitos oratorios de Estêvão como senha da bandeira revolucionária, de maneira a despertar a repulsa dos companheiros menos vigilantes, habituados a pactuar com o mal, a pretexto de acomodaticia tolerancia. Combinaria os textos da Lei de Moisés e dos Escritos Sagrados, para justificar que se deveria conduzir os desertores dos princípios da raça, até á morte. Demonstraría a irrepreensibilidade da sua conduta inflexível. Tudo faria por conduzir Simão Pedro ao calabouço. Na sua opinião, devia ser êle o autor intelectual da trama sutil que se vinha formando em torno da memória de um simples carpinteiro. No arrebatamento das idéias precipitadas, chegava a concluir que ninguém seria poupadão nas suas decisões irrevogaveis.

Nesse dia, singularizado pela visita ás autoridades em evidencia, no intuito de as atrair á sua causa, outros fatos surpreendentes vieram agravar as preocupações que o assoberbavam. Oséas Marcos e Samuél Nathan, dois compatriotas riquíssimos, de Jerusalém, depois de ouvirem a defesa pessoal de Estêvão, no Sinhédrio, impressionados com a eloquencia e justeza dos conceitos do orador, distribuiram com os filhos a parte da herança cabível a cada um, e doaram ao "Caminho" o restante de seus haveres. Para isso, procuraram Simão Pedro beijando-lhe as mãos calejadas no trabalho, depois de lhe ouvirem a palavra a-cerca-de Jesus Cristo.

A notícia ecoou nos círculos farisáicos com as características de verdadeiro escândalo.

Saulo de Tarso teve conhecimento do fato, no dia imediato, aferindo o abalo geral que a atitude de Estêvão provocara. A defecção dos dois correligionários bandeando-se para os galileus causou-lhe profundo sentimento de revolta. Falava-se, mais, que Oséas e Samuél entregando ao "Caminho" a totalidade de seus bens, haviam declarado, entre lágrimas, que aceitavam o Cristo como o Messias prometido. Os comentários dos amigos, a respeito, instigavam-no ás mais fortes represalias. Designado pelas caprichosas correntes populares como o mais jóvem defensor da Lei, sentia-se compelido, cada vez mais, a revelar o seu ascendente nesse posto que considerava sagrado. Na defesa do seu mandato, por isso mesmo, desprezaria todas as considerações tendentes a infirmar-lhe o rigorismo, em que presumia um divino dever.

Considerando a gravidade da última ocorrência que ameaçava a estabilidade do judaísmo no seio mesmo dos seus elementos mais destacados, procurou novamente as autoridades supremas do Sinhédrio, a-fim-de apressar as repressões em perspectiva.

Atenta a autorização concedida pelos mais altos poderes políticos da província, Caifaz propôs fôsse o zeloso doutor de Tarso nomeado chefe e promotor de todas as providencias atinentes e indispensaveis á guarda e defesa da Lei. Competia-lhe, então, promover todos os recursos que julgasse convenientes e uteis, reservadas ao Sinhédrio as últimas decisões, maximé, as de natureza mais grave.

Satisfeito com o resultado da reunião que improvisara, o moço tarsense acentuou antes de se despedir dos amigos:

— Hoje mesmo requisitarei o corpo de tropa que deverá operar no perímetro da cidade. Amanhã ordenei a detenção de Samuél e Oséas, até que se resolvam a retomar juizo e, no fim da semana trataré das capturas da gentalha do "Caminho".

— Não temerás, acaso, os sortilégios? — interrogou Alexandre com ironia.

— De modo algum — respondeu sentencioso e decisivo. — Sabendo de outiva que os próprios militares começam a ficar supersticiosos sob a influência das idéias extravagantes dessa gente, chefiarei em pessoa a expedição, porquanto, tenciono recolher o tal Simão Pedro ao calabouço.

— Simão Pedro? — perguntou um dos presentes admirado.

— Porque não?

— Sabes o motivo da ausencia de Gamaliél ao nosso encontro de hoje? — tornou o outro.

— Não.

— E' que, a convite desse mesmo Simão, ele foi observar as instalações e os feitos do "Caminho". Não achas tudo isso extremamente curioso? Temos, de maneira geral, a impressão de que o chefe humilde dos galileus, desaprovando a atitude de Estêvão perante o Sinhédrio, deseja recompôr a situação, buscando aproximar-se de nossa autoridade administrativa. Quem sabe? Talvez tudo isso seja útil. No mínimo, é bem possível estejamos caminhando para a necessária reharmonização.

Saulo mostrava-se mais que surpreso, porque estupefato.

— Mas, que vem a ser tudo isso? Gamaliél visitando o "Caminho"? Chego a duvidar da sua integridade mental.

— Mas sabemos — interveiu Alexandre — que o mestre sempre pautou seus atos e pensamentos com a máxima correção. Era justo se negasse a tal convite, em consideração a nós outros; entretanto, se tal não fez, é igualmente preciso não desacatemos a deliberação tomada, certo, com a nobreza de objetivos que sempre o inspirou.

— De acôrdo — disse Saulo algo contrafeito — entretanto, a-pesar-da amizade e gratidão que lhe consagro, nem mesmo Gamaliél poderá modificar minhas resoluções. E' possível que Simão Pedro se justifique, saindo ileso das provas a que será submetido; mas, seja como fôr, terá de ser conduzido ao cárcere para as necessarias inquirições. Desconfio da sua aparente

humildade. Com que fim se abalançaria ele a deixar suas rôdes para arvorar-se em benfeitor gracioso dos pobres de Jerusalém? Vejo, em tudo isso, propositos de sedição que não deve andar muito longe. Os mais humildes e ignorantes caminham á frente dos perigos. Os senhores da destruição aparecem depois.

A palestra animou-se ainda algum tempo, em torno da espectativa geral dos acontecimentos que se aproximavam, até que Saulo se despediu e voltou para casa, disposto a assentar os últimos detalhes do seu plano.

A prisão de Estêvão tivera na igreja modesta do "Caminho", ampla repercussão, despertando justificados receios aos apóstolos da Galiléia. Pedro recebera a notícia com profunda tristeza. Encontrara no rapaz de Corinto um auxiliar devotado e um irmão. Além disso, pela pobreza de suas qualidades afetivas, Estêvão se tornara uma figura central a focalizar todas as atenções. Para a sua fronte inspirada convergiam numerosos problemas, em cuja solução o ex-pescador de Cafarnaum não mais dispensava a sua prestigiosa cooperação. Amado pelos aflitos e sofredores, tinha sempre a palavra de bom ânimo, que levantava o mais empedernido coração. Pedro e João preocuparam-se mais por amor, que por quaisquer outras considerações. Entretanto Tiago, filho de Alfeu, não conseguia disfarsar seu desgosto em face da conduta desassombrada do irmão de fé, que não hesitara em confrontar os poderes farisáicos, dos senhores da situação. Na opinião dele, Estêvão andara errado no capítulo das exortações; deveria comedir-se, merecera a prisão pelos argumentos precipitados na defesa de si mesmo. Fermentara-se a discussão. Pedro fazia-lhe sentir a oportunidade da ocorrência, para que se revelasse a liberdade do Evangelho. E reforçava os argumentos com a lógica dos fatos. A resolução de Oséas e Samuél entregando-se a Cristo, era invocada para justificar o exito espiritual do "Caminho". Toda a cidade comentava os acontecimentos; muitos se aproximavam da igreja com sincero desejo de melhor conhecer a Cristo, e isso devia significar a vitória da causa. Tiago, no entanto, não se deixava vencer pelos mais

fortes raciocínios. A discordia tomava corpo, mas Si-mão e o filho de Zebedeu sobrepunham a tudo os interesses da Mensagem de Jesus. O Mestre afirmara-se emissário para todos os desalentados e doentes. E estes já conheciam a igreja humilde de Jerusalém, iluminando-se com a palavra de vida e de verdade. Os enférmos, os desiludidos da sorte, os desprotegidos do mundo, os tristes, iam-lhe ao encontro para o esclarecimento consolador. Era de ver-se como se rejubilavam na dor, quando se lhes falava da claridade eterna da ressurreição. Velhinhos trêmulos abriam os olhos desmesuradamente, como se contemplassem novos horizontes de imprevistas esperanças. Criaturas cansadas da luta terrestre sorriam venturoosas, quando em ouvindo a Boa Nova, compreendiam que a existência amargurada não era tudo.

Pedro observava os sofredores que Jesus tanto amara e experimentava novas forças.

Ciente da atitude nobre de Gamaliél ante as acusações do doutor de Tarso, e crente de que só ela evitara o apedrejamento imediato de Estêvão, concebeu o projeto de convidá-lo a visitar as instalações toscas da igreja do "Caminho". Exposta aos companheiros, a idéia foi unanimemente aprovada. João era o mensageiro escolhido para o novo cometimento.

Gamaliél não só recebeu cavalheirescamente o emissário, como demonstrou grande interesse pelo convite, aceitando-o com a generosidade que lhe exornava a velhice veneranda.

Entabolas das combinações, o sábio rabino deu entrada na casa pobre dos galileus, que o receberam com infinita alegria. Simão Pedro, profundamente respeitoso, explicou-lhe as finalidades da instituição, esclareceu-o relativamente aos feitos verificados; falou do conforto dispensado aos que se encontravam em abandono. Carinhosamente, ofereceu-lhe uma cópia, em pergaminho, de todas as anotações de Mateus sobre a personalidade do Cristo e seus gloriosos ensinamentos. Gamaliél agradecia, atencioso, ao ex-pescador, tratando-o igualmente com deferencia e consideração. Dando a en-

tender que desejava expôr á sua respeitável apreciação todos os programas da igreja humilde, Simão conduziu o velho doutor da Lei a todas as dependencias. Chegados á longa enfermaria em que se aglomeravam doentes os mais diversos, o grande rabino de Jerusalém não pôde ocultar a maxima impressão, comovido até as lágrimas com o quadro que se lhe deparava aos olhos espantados. Em leitos acolhedores via anciães de cabelos nevados pelos invernos da vida, e crianças esquálidas cujos olhares agradecidos acompanhavam o vulto de Pedro, como se estivessem na presença de um pai. Não déra ainda dez passos em torno dos móveis singelos e limpos, quando estacou á frente de um velhinho de miserável aspecto. Imobilizado pela enfermidade que o prostrara, o pobre enférmo pareceu reconhece-lo igualmente.

E o diálogo se travou sem preambulos:

— Samonio, tu aqui? — interrogou Gamaliél admirado. — Pois será possível que abandonasses Cesaréia?

— Ah! sois vós, senhor! — respondeu o interpelado com uma lágrima no canto dos olhos. — Ainda bem que um dos meus compatriícios e amigos chegou a observar minha grande miséria.

O pranto embargou-lhe a voz, impedindo-o de continuar.

— Mas, os teus filhos? E os parentes? Na posse de quem estão tuas propriedades da Samária? — perguntava o velho mestre perplexo. — Não chores, Deus tem sempre muito para nos dar.

Decorrida longa pausa em que Samonio pareceu coordenar as idéias para explicar-se, conseguiu limpar as lágrimas e prosseguir:

— Ah! senhor, como Jó, vi meu corpo apodrecer entre os confortos de minha casa; Jeová em sua sabedoria reservava-me longas provanças. Denunciado como leproso, em vão solicitei socorro dos filhos que o Criador me concedeu na mocidade. Todos me abandonaram. Os familiares deram-se pressa em partir deixando-me sózinho. Os amigos que se banqueteavam comigo, em Cesaréia, fugiram sem que os pudesse ver. Fiquei só e desamparado. Um dia, para suprema desesperação da

minha desdita, os executores da justiça procuraram-me para notificar a sentença cruel. Combinados entre si, a conselho da iniquidade, meus filhos destituíram-me de todos os bens, assenhorearam-se de minhas posses e dos títulos em dinheiro, que representavam a esperança de uma velhice honesta. Por fim e para cumulo de sofrimentos, conduziram-me ao vale dos imundos, onde me abandonaram como se fôra um criminoso sentenciado à morte. Senti tanto abandono e tanta fome, experimentei tamanhas necessidades, talvez pela minha vida passada no trabalho e no confôrto, que fugi do vale dos leprosos fazendo longa jornada a pé, esperançoso de encontrar em Jerusalém as amizades valiosas de outrora.

Ouvindo o relato doloroso, o velho mestre tinha os olhos húmidos. Conhecerá Samonio nos dias mais felizes de sua vida. Homenageado em sua residência, de passagem por Cesareia, espantava-se agora daquela angustiosa indigência.

Depois de pequeno interregno em que o doente procurava enxugar o suor e as lágrimas, com voz pausada continuou:

— Empreendi a viagem mas tudo conspirou contra mim. Em breve os pés chagados não podiam caminhar. Arrastava-me como podia, cheio de cansaço e sede, quando um carroceiro humilde, apiedado me colheu e trouxe a esta casa, onde a dor encontra um consolo fraternal.

Gamaliél não sabia como externar sua surpresa, tal a emoção que lhe vibrava no íntimo. Pedro, igualmente, estava sensibilizado. Acostumando-se à prática do bem sem cogitar jamais dos antecedentes do socorrido, via no caso uma confortadora revelação do amoroso poder de Cristo.

O grande rabino estava atônito diante do que ali via e ouvia. Com a sinceridade que lhe era peculiar, não podia dissimular sua amizade agradecida ao pobre enfermo; mas, sem recursos para retira-lo daquele pobre albergue, via-se na contingência de estender seu reconhecimento a Simão Pedro e demais companheiros do ex-pescador de Cafarnaum. Só agora reconhecia que

o judaísmo não havia cogitado desses poucos de amor. Encontrando ali o amigo leproso, desejou sinceramente ampará-lo. Mas como? Pela primeira vez pensou na dolorosa eventualidade de enviar um ente amado ao vale dos imundos. Ele que aconselhara esse recurso a tanta gente, ali estava considerando agora a situação de um amigo querido. O episódio abalava-o profundamente. Procurando evitar raciocínios filosóficos, de modo a não cair em conclusões apressadas, falou com dogura:

— Sim, tens razão para agradecer o esforço dos teus benfeiteiros.

— E também a misericórdia do Cristo — acentuou o doente com uma lágrima. — Creio, agora, que o generoso profeta de Nazaré, com o testemunho de amor que nos trouxe, é o Messias prometido.

O grande doutor comprehendeu o êxito da nova doutrina. Aquele Jesus desconhecido, ignorado da sociedade mais culta de Jerusalém, triunfava no coração dos infelizes, pela contribuição de amor desinteressado que trouxera aos mais desherdados da sorte. Compreendeu, ao mesmo tempo, a discreção que se lhe impunha naquele meio humilde, atentas as suas responsabilidades na vida pública. Precisando prosseguir na conversa por testemunhar o seu altruismo e piedade, advertiu com um sorriso:

— Acredito que Jesus de Nazaré, de fato, foi um modelo de renúncia a prôl de idéias que, até hoje, não pude perquirir ou compreender; mas daí a considerá-lo o próprio Messias...

Essas palavras reticenciosas davam a compreender o escrúpulo do seu coração delicado, entre a lei antiga e as novas revelações do Evangelho. Simão Pedro assim o entendeu e, debalde, procurava um meio para desviar a palestra noutro rumo. O próprio Samonio, porém, como tutelado do Mestre, foi em auxílio do Apóstolo, redarguindo a Gamaliél com observações ponderadas e justas:

— Se eu estivesse com saúde, plenamente identificado com a família e no gozo dos bens que conquistei com esforço e trabalho, talvez duvidasse também dessa

realidade confortadora. Mas estou prostrado, esquecido de todos e sei quem me deu mão amiga. Como israelitas, amantes à Lei de Moisés, temos esperado um Salvador na pessoa mortal de um príncipe do mundo; contudo, essa crença ha-de prevalecer para uma situação passageira. São ilusórios preconceitos, esses que nos levam a induzir uma dominação de fôrças perecíveis. A enfermidade, porém, é conselheira carinhosa e esclarecida. De que nos valeria um profeta que salvasse o mundo para depois desaparecer entre as misérias anônimas de um corpo apodrecido? Não está escrito que toda iniquidade perecerá? E onde está o príncipe poderoso da Terra que domine sem a garantia das armas? O leito de dôr é um campo de ensinamentos sublimes e luminosos. Nele, a alma exausta vai estimando no corpo a função de uma túnica. Tudo o que se refira à vestimenta vai perdendo, consequentemente, de importância. Persevera, contudo, a nossa realidade espiritual. Os antigos afirmavam que somos deuses. Na minha situação atual tenho a perfeita impressão de que somos deuses projetados num turbilhão de pó. A-pesar-das chagas pustulentas que me segregaram das afeições mais queridas, penso, quero e amo. Na camara escura do sofrimento encontrei o Senhor Jesus, para compreendê-lo melhor. Hoje creio que seu poder dominará as nações, porque é a fôrça do amor triunfando da propria morte.

A voz daquele homem marcado de feridas rôxas, no seu grave entono, parecia o clarim da verdade saíndo de um montão de pó. Pedro verificava, satisfeito, o progresso moral daquele mendigo anônimo, para avaliar intimamente a fôrça regeneradora do Evangelho. Gamaliél, por sua vez, aturdia-se com o profundo sentido daqueles conceitos. A pregação do Cristo, nos labios de um doente desamparado, tinha um cunho de beleza misteriosa e singular. Samonio falara no tom de quem tivera experiencias diretas de um encontro real com o profeta nazareno. Buscando afastar qualquer possibilidade de controvérsia religiosa, o generoso rabino sorriu e acrescentou:

— Reconheço que falas com muita sabedoria. Se

é incontestável que estou numa idade em que não seria útil alterar os princípios, não posso manifestar-me contrário ás tuas suposições, pois estou bem de saúde, gózo o carinho dos meus e tenho vida tranquila. Minha faculdade de julgar, portanto, tem de operar noutro rumo.

— Sim, é justo — retrucou Samonio inspirado — por enquanto não estais precisando de um salvador. Eis porque o Cristo afirmava que viera para os doentes e para os aflitos.

Gamaliél compreendeu o alcance dessas palavras que davam para meditar uma vida inteira. Sentiu os olhos húmidos. A observação de Samonio penetrara-lhe fundo o coração sensível de homem justo. Percebendo, todavia, que necessitava de prudêcia para não confundir os sentimentos do povo, atento o cargo oficial que ocupava, esboçou um manso sorriso para o interlocutor, bateu-lhe levemente no ombro, e com acento de fraternal sinceridade acentuou:

— Talvez tenhas razão. Estudarei o teu Cristo.

E lembrando o pouco tempo de que dispunha, recomendou o amigo a Simão, despedindo-se num abraço, para acompanhar o Apóstolo de Cafarnaum ás últimas dependências.

Antes de retirar-se, o sábio rabino felicitou os companheiros de Jesus pela obra que realizavam na cidade, e, compreendendo a delicadeza de sua missão num ambiente por vezes tão hostil, aconselhou a Pedro não esquecer, na igreja do "Caminho", todas as práticas exteriores do judaísmo. Seria justo, ao seu ver, que se cuidasse da circuncisão de todos os que lhe batessem á porta; que evitassem as viandas impuras; que não olvidassem o Templo e seus princípios. Gamaliél sabia que os galileus não seriam isentos de perseguição, ainda mais tratando-se de uma organização iniciada por alguém que fôra condenado á morte pelo Sinhédrio. Com aqueles conselhos, visava aparar os golpes da violencia, que, cêdo ou tarde, haveriam de chegar.

Pedro, João e Tiago agradeceram sensibilizados a carinhosa admoestação e o velho doutor regressou ao

lar, fundamentalmente impressionado com as lições do dia, levando consigo os apontamentos de Mateus, que se pôs a lêr imediatamente.

Mais dois dias decorreram e as perseguições capitaneadas por Saulo de Tarso começaram a sacudir Jerusalém em todos os setores de suas atividades religiosas.

Oséas Marcos e Samuél Nathan fôram presos, sem nota de culpa, a-fim-de responderem a rigoroso inquérito. Os cooperadores do movimento organizaram longas nominatas dos israelitas mais destacados que frequentavam as reuniões da igreja do "Caminho". O moço de Tarso determinara que se abrisse inquerito geral. Entretanto, como desejava dar uma demonstração de desassombro aos adversários, julgou que deveria iniciar as prisões de maior importância, depois do encarceramento de Oséas e Samuél, no reduto mesmo dos galileus obscuros, que haviam ousado afrontar a sua autoridade.

Foi pela manhã de um dia muito claro, que o futuro rabino cercado de alguns companheiros e soldados bateu à porta da casa humilde, fazendo grande alarde dos fins de sua visita insidiosa. Simão Pedro em pessoa foi atende-lo com grande serenidade nos olhos. Indisfarsavel pavor estabeleceu-se entre os mais tímidos, porquanto, dois jovens que acompanhavam o Apóstolo se incumbiram de correr ao interior e espalhar a notícia.

— E's tu Simão Pedro, antigo pescador de Cafarnaum? — perguntou Saulo com certa ironia.

— Eu mesmo — respondeu com firmeza.

— Estás preso! — obtemperou o chefe da expedição num gesto de triunfo. E mandando que dois dos companheiros se adiantassem, ordenou fôsse o Apóstolo algemado incontinente. Pedro não opôs a mínima resistência. Impressionado com o temperamento pacífico que os continuadores do Nazareno testemunhavam sempre, Saulo objetuou com escárneo:

— O Mestre do "Caminho" deve ter sido um alto modelo de inércia e covardia. Ainda não encontrei indí-

cio qualquer de dignidade nos seus discípulos, cujas faculdades de reação parecem mortas.

Recebendo em cheio tão acerba injúria, o ex-pescador respondeu serenamente:

— Enganai-vos quando assim julgais. O discípulo do Evangelho é apenas inimigo do mal e, na sua tarefa, coloca o amor acima de todos os princípios. Além do mais, nós consideramos que todo jugo, com Jesus, é suave.

O jovem tarsense, detentor de tão alto poderio, não dissimulou o mal-estar que a resposta lhe causava e, apontando o continuador de Jesus, disse a um dos homens da escolta:

— Jonas, toma conta dele.

E acentuando ironicamente as palavras, dirigiu-se aos demais com um gesto de desprêzo para o Apóstolo algemado, que o contemplava sereno, embora surpreendido:

— Não discutamos com este homem. Esta gente do "Caminho" está sempre cheia de raciocínios absurdos. E' preciso não perder tempo com a cegueira da ignorância. Vamos até lá dentro, prendamos os chefes. Os sequazes do carpinteiro hão-de ser perseguidos até o fim.

Resoluto, tomou a dianteira, penetrando ousadamente em busca dos apartamentos mais íntimos. De porta a porta, encontrava mendigos que o fitavam tomados de espanto e amargura. O quadro vivo de tanta miséria abrigada, enchia-o de admiração; mas esforçava-se por não perder a enfibratura implacável, de maneira a executar seus projetos nos menores detalhes. Ao lado da enfermaria de mais vastas proporções, encontrou o filho de Zebedeu, que lhe ouviu a voz de prisão sem alterar a serenidade fisionómica.

Sentindo as mãos grosseiras do soldado que lhe aplicava as algemas, João ergueu os olhos ao Alto e murmurou simplesmente:

— Encomendo-me ao Cristo.

O chefe da caravana olhou-o com profundo desprêzo e exclamou altivamente para os companheiros:

— Faltam dois dos mais suspeitos. Procuremo-los. Referia-se a Filipe e Tiago, na qualidade de discípulos diretos do Messias Nazareno.

Mais alguns passos e o primeiro foi encontrado facilmente. Filipe deixou-se algemar sem um protesto. Suas filhas o rodearam aflitas e chorosas.

— Coragem, filhas — disse ele sem temor — acaso seríamos superiores a Jesus, que foi perseguido e crucificado pelos homens?

— Ouves, Clemente? — perguntou Saulo, irritado, a um dos amigos mais cotados. — Não se percebe outra cousa a não ser referencias ao estranho Nazareno! O primeiro falou em jugo do Cristo, o segundo encorajou-se a Cristo, este alude á superioridade do Cristo... Até onde iremos?

Após desabafar a cólera, em termos ásperos, rematava com o estribilho constante:

— Havemos de ir até o fim.

Seguros os três prisioneiros, faltava o filho de Alfeu. Alguem se lembrou de procurá-lo no tosco biombo que ocupava. Com efeito, lá o encontraram ajoelhado, tendo diante dos olhos um rôlo de pergaminhos contendo a lei de Moisés. Via-se-lhe a palidez marmórea do rosto, quando Saulo se aproximou ríspido:

— Que é isso? Ha aqui alguém que cuide da Lei?

O irmão de Levi levantou os olhos transbordantes de sincero receio e explicou humilde:

— Senhor, jamais esqueci a lei de nossos pais. Meus avós ensinaram-me a receber de joelhos as luzes do profeta santo.

A atitude de Tiago não traduzia fingimento. Conagrando o máximo respeito ao libertador de Israél, sempre ouvira dizer que seus livros sagrados estavam tocados de virtude santa. Na expectativa do cárcere, atemorizara-se com o perigo iminente. Não pudera compreender, maiormente, como outros companheiros, o sentido dívino e oculto das lições do Evangelho. O sacrifício inspirava-lhe indissolváveis temores. Afinal, pensava ele na compreensão parcial do Cristo: — quem ficaria para superintender as obras começadas? O Mestre expi-

rara na cruz e, naquele instante, os Apóstolos de Jerusalém estavam presos. Precisava defender-se com os meios possíveis, ao seu alcance. Imaginou recorrer ás virtudes sobrenaturais da Lei de Moisés, de acordo com as velhas crenças. Ganuflexo, esperara os verdugos que se aproximavam.

Em face da atitude imprevista de Tiago, Saulo de Tarso estava atônito. Só os espíritos profundamente aferrados ao judaísmo liam, de joelhos, os ensinamentos de Moisés. Em sã consciência, não poderia ordenar a prisão daquele homem. O argumento que justificava sua tarefa perante as autoridades políticas e religiosas de Jerusalém era o combate aos inimigos das tradições.

— Mas não sois amigo do carpinteiro?

Com invejável presença de espírito o interpelado respondeu:

— Não me consta que a lei nos impeça de ter amigos.

Saulo perturbou-se, mas prosseguiu:

— Mas, que escolheis? A Lei ou o Evangelho? Qual dos dois aceitais em primeiro lugar?

— A Lei é a primeira revelação divina — disse Tiago com inteligência.

Ante a resposta que o desconcertava, de alguma sorte, o moço de Tarso refletiu um momento e acrescentou dirigindo-se aos circunstantes:

— Esta bem. Este homem fica em paz.

O filho de Alfeu, intimamente satisfeito com o resultado de sua iniciativa, acreditava agora que a Lei de Moisés estava tocada de graças vivas e permanentes. A seu ver, fôra o código do judaísmo o talismã que o conservara em liberdade. Desde esse dia, o irmão de Levi ia consolidar, para sempre, suas tendências supersticiosas. O fanatismo que os historiadores do cristianismo encontraram na sua personalidade enigmática teve áí sua origem.

Afastando-se do aposento de Tiago, Saulo preparava-se para sair, quando, de regresso á portaria para ordenar a partida dos prisioneiros, esbarrou com a cena que mais haveria de o impressionar.

Todos os doentes que se podiam arrastar, todos os abrigados capazes de se moverem, cercavam a pessoa de Pedro, chorando comovidamente. Algumas crianças o chamavam de "pai"; anciãos trêmulos osculavam-lhe as mãos...

— Quem se compadecerá de nós, agora? — perguntava uma velhinha debulhada em pranto.

— Meu "pai", aonde vão levar-vos? — dizia um órfão afetuoso abraçando-se ao prisioneiro.

— Vou ao monte, filho — respondia o apóstolo sereno.

— E se vos matarem? — tornava o pequenino com uma grande interrogação nos olhos azuis.

— Encontrar-me-ei com o Mestre e voltarei com ele — esclarecia Pedro bondosamente.

Nesse instante, surgiu a figura de Saulo, que regressava. Contemplando a multidão de aleijados, cegos, leprosos e crianças que entupiam a sala, exclamou irritado:

— Afastem-se, abram caminho!

Alguns recuaram, espavoridos, vendo os soldados que se aproximavam, enquanto que os mais resolutos não arredavam passo. Um leproso que mal se punha em pé, adiantou-se. O velho Samonio, recordando-se do tempo em que podia mandar e ser obedecido, aproximou-se de Saulo com desassombro.

— Nós precisamos saber para onde vão estes prisioneiros — disse com gravidade.

— Para trás! — exclamou o moço tarsense esboçando um gesto de repugnância. — Será possível que um homem da Lei tenha de dar satisfações a um velho imundo?

Os guardas armados tentaram adiantar-se, para castigar o atrevido; no entanto a lepra defendia Samonio dos seus ataques. Prevalecendo-se da situação, o antigo proprietário de Cesaréia revidou com firmeza:

— O homem da Lei não precisa prestar contas senão a Deus, quando no exato cumprimento dos seus deveres; mas, nesta casa falam os códigos de humanidade. Para vós eu sou imundo, mas para Simão Pedro

sou um irmão. Prendeis os bons e libertais os maus! Onde a vossa justiça? Credes somente no Deus dos exércitos? E' indispensável saberdes que se o Eterno é o fator supremo da ordem, o Evangelho nos ensina a buscar em sua providência o carinho de um Pai.

Em ouvindo aquela voz digna, que fluía da miséria e do sofrimento como um apelo de desesperação, Saulo quedara-se admirado. O mendigo, entretanto, depois de longa pausa, prosseguia resoluto:

— Onde estão vossas casas de arrimo aos oprimidos da sorte? Quando vos lembrastes de um asilo para os mais infelizes? Enganai-vos se supondes inércia em nossa atitude. Os fariseus levaram Jesus ao Calvário da crucificação, privando os necessitados de sua presença inefável. Por haver praticado o bem, Estêvão foi metido no cárcere. Agora o Sinhédrio requisita os Apóstolos do "Caminho", retribuindo-lhes a bondade com a escuridão do calabouço. Mas estais equivocados. Nós, os miseráveis de Jerusalém, haveremos de lutar convosco. De Simão Pedro nós disputaremos a propria sombra. Se vos negardes a atender nossas súplicas, importa lembrardes que somos leprosos. Envenenaremos vossos poços. Pagareis a perversidade com a saúde e com a vida.

Nesse interim, não pôde continuar.

Ante a expectação angustiosa de todos, Saulo de Tarso sentenciou ríspido:

— Cala-te miserável! Onde estou que te pude ouvir até agora? Nem mais uma palavra.

E designando-o a um dos soldados, murmurou com desprezo:

— Sínésio, da-lhe dez bastonadas. E' indispensável castigar-lhe a língua insolente e viperina.

Ali mesmo, à vista de todos os companheiros que se retraiam amedrontados, Samonio recebeu o castigo sem balbuciar uma queixa. Pedro e João tinham os olhos húmidos. Os demais doentes encolhiam-se estremecidos.

Terminada a tarefa, um grande silêncio dominava os corações ansiosos e doloridos. O doutor de Tarso

rompeu a expectativa com a ordem de partida, a caminho do cárcere.

- Duas crianças pálidas acercaram-se, então, do expescador de Cafarnaum e perguntaram chorosas:

— "Pai", com quem ficaremos nós?

Pedro voltou-se, acabrunhado, respondeu com ternura:

— As filhas de Filipe ficarão convosco... Se Jesus permitir, meus filhos, não me demorarei.

O proprio Saulo, intimamente, estava comovido; entretanto, não desejava trair-se a si mesmo, deixando-se vencer pela emoção que o quadro lhe provocava.

Pedro comprehendeu que as lágrimas silenciosas de todos os tutelados humildes do "Caminho" traduziam desvelado amor, naquele momento de angustiantes despedidas.

Em seguida a esse feito, o jóvem tarsense desdobrou as energias na primeira perseguição experimentada pelas expressões individuais e coletivas do cristianismo nascente. Mais do que se poderia supôr, Jerusalém regor-gitava de criaturas que se interessavam pelas idéias do Messias Nazareno. Saulo prevaleceu-se dessa circunstancia para fazer sentir, mais uma vez, o perigo ideológico que o Evangelho representava. Numerosas prisões foram efetuadas. Na cidade, iniciara-se um êxodo de grandes proporções. Os amigos do "Caminho", com possibilidades financeiras, preferiam encetar vida nova na Iduméia ou na Arábia, na Cilícia ou na Síria. Os que podiam, escapavam ao rigor dos inqueritos violentos, iniciados com retumbancias de escândalo público. As personalidades mais eminentes eram metidas na prisão, incomunicaveis, mas os anônimos e humildes, os da plebe sofriam grandes vexames nas dependencias do tribunal, onde se faziam os interrogatorios. Os grandes assalariados por Saulo para a execução do nefando trabalho, excediam-se nos abusos.

— E's do "Caminho" de Cristo Jesus? — perguntava um deles a uma desventurada mulher, com risinhos de ironia.

— Eu... eu... — gaguejava a infeliz, comprendendo a delicadeza da situação.

— Depressa, dize depressa! — tornava o beleguim desrespeitoso.

A misera criatura empalidecia a tremer, refletindo nos pesados castigos que lhe seriam impostos e retrucaava com profundo temor:

— Eu... não...

— E que fôste fazer nas suas assembléias sediciosas?

— Fui buscar o remédio para um filhinho doente.

Em face da negativa, o preposto do Sinhédrio parecia acalmar-se, mas logo exclamava para um dos auxiliares:

— Muito bem! A interrogada pode ir em paz; antes, porém, de retirar-se, manda o regulamento se lhe aplique alguns golpes de chanfalho.

E era inutil resistir. Naquele tribunal singular, por longos dias seguidos, verificaram-se punições de toda a especie. Das respostas do querelado dependiam o encarceramento, os açoites, o chanfalho, as bastonadas, as macerações e os apupos.

Saulo tornara-se a mola central do movimento terrível e execrado por todos os simpatizantes do "Caminho". Multiplicando energias, visitava diariamente os núcleos do serviço a que costumava chamar "expurgo de Jerusalém", desenvolvendo atividade pasmosa, dentro da qual mantinha a vigilancia constante das autoridades administrativas, encorajava os auxiliares e prepostos, instigava outros perseguidores dos princípios de Jesus, sem deixar arrefecer-se o zélo religioso do Sinhédrio.

Dentro de uma semana, após as prisões efetuadas na igreja modesta, realizava-se a memorável sessão em que Pedro, João e Filipe deveriam ser julgados. A assembléa excepcional despertara a maior curiosidade. Lá se congregavam todas as personalidades eminentes do farisaísmo dominante. Gamaliél compareceu, dando mostras de profundo abatimento.

De modo geral, comentava-se a atitude dos mendigos que, não obtendo permissão de ingresso, aglomeravam-se em longas filas na grande praça e protestavam em atroante vozerio. Debalde aplicavam-lhes bastonadas a torto e a direito, porque a turba de miseraveis assumira proporções nunca vistas. O quadro era curioso e alarmante. Tomar providencias para correr com a massa, parecia tarefa impossivel. Os peregrinos e os doentes contavam-se por centenas numerosas. Era inutil reprimir nos pontos isolados, o que sómente vinha agravar a revolta e desesperação de muitos. Em altos brados reclamavam a liberdade de Simão Pedro. Exigiam em tumulto a sua libertação, como se exigissem um legado de seu legitimo direito.

No salão nobre, não só os assistentes comentavam o fato, mas, tambem os juizes não dissimulavam profunda impressão. O proprio Anaz contava o assédio de que vinha sendo objeto, por parte dos favorecidos de Jerusalém. Alexandre alegava que á sua residencia afluiram centenas de aflitos a solicitar-lhe os bons ofícios a favor dos prisioneiros. Saulo, de vez em quando, respondia a um que outro, com rápidos monossilabos. Sua fisionomia carregada traduzia propósitos inferiores, relativamente ao destino dos Apóstolos da Boa Nova, que lá estavam á sua frente, no fundo da sala, humildes, serenos, no banco dos criminosos comuns.

Viu-se, então, que Gamaliél se detinha com o sumo sacerdote em conversação íntima, que durou alguns minutos e despertava grande curiosidade entre os colegas. Em seguida, o venerando doutor da Lei chamou o ex-discípulo para um entendimento particular, antes de iniciarem os trabalhos. Os colegas perceberam que o rabino tolerante e generoso ia advogar a causa dos continuadores do Nazareno.

— Qual a sentença a ser proposta para os prisioneiros? — interrogou o velhinho com bondoso interesse, logo que se viram distanciados dos grupos rumorosos.

— Sendo eles galileus — disse Saulo enfático da sua autoridade — não lhes será conferido o direito da palavra no recinto; de maneira que já deliberei a puni-

ção que lhes cabe. Vou propôr a morte dos três, com a de Estêvão, pelo apedrejamento.

— Que dizes? — exclamou Gamaliél surpreso.

— Não vejo outro recurso — disse o moço tar-sense — precisamos extirpar pela raiz os males que começam. Acredito que se encararmos o movimento com tolerancia, teremos o prestigio do judaísmo abalado por nossas proprias mãos.

— Entretanto, Saulo — replicou o velho mestre com profunda bondade — devo invocar o ascendente que tenho em tua formação espiritual, para defender estes homens da pena de morte.

O moço caprichoso fez-se lívido. Não se habituara a transigir nos seus conceitos e decisões. Sua vontade era sempre tiranica e inflexível. Mas Gamaliél fôra de todos os tempos o seu melhor amigo. Aquelas mãos rugosas lhe haviam ministrado os exemplos mais santos. Delas recebera vasto potencial de socorro em todos os dias da vida. Compreendeu que defrontava um obstáculo poderoso na consecução integral de seus desejos. O venerando rabino percebeu a perplexidade e logo insistiu:

— Ninguem mais do que eu conhece a generosidade do teu coração e sou o primeiro a reconhecer que tuas resoluções obedecem ao zélo inexcedivel na defesa de nossos princípios milenários; mas o “Caminho”, Saulo, parece ter uma grande finalidade na renovação dos nossos valores humanos e religiosos. Quem, entre nós, se havia lembrado de amparar os infortunados com o provimento de um lar afetuoso e fraterno? Antes da tua diligencia corretiva, visitei essa instituição singela e pude confortar-me na observação do seu programa excelente.

O jóvem doutor estava pálido, ouvindo tais conceitos, que, a seu ver, eram positivo sinal de fraqueza.

— Mas será possível — disse admirado — que também vós tenhais lido o Evangelho dos galileus?

— Estou-o lendo — confirmou Gamaliél sem titubear — e pretendo meditar mais demoradamente os fenômenos que ocorrem em nosso tempo. Pressinto

grandes transformações em toda parte. Tenciono retirar-me da vida pública em breves dias, a-fim-de tomar o caminho do deserto. E' claro, porém, que estas minhas palavras devem ser guardadas por ti, em penhor de mútua confiança.

Sumamente impressionado, o moço de Tarso não sabia o que responder. Presumia o mestre respeitável mentalmente prejudicado por excesso de lucubrações. O mestre, porém, como se lhe adivinhasse o pensamento, acrescentou:

— Não me suponhas mentalmente debilitado. A velhice do corpo não me apagou a capacidade de pensar e discernir por mim mesmo. Compreendo o escândalo que se levantaria em Jerusalém se um rabino do Sinhédrio modificasse publicamente as convicções mais íntimas. Mas é preciso convir que estou falando a um filho espiritual. E expondo, sinceramente, meu ponto de vista, faço-o tão só para defender homens generosos e justos, de uma sentença iníqua e indevida.

— Vossa revelação — exclamou Saulo de roldão — decepciona-me profundamente!

— Conheces-me de menino e sabes que o homem sincero não se poderá preocupar com os que o elogiem ou o lamentem no cumprimento de um sagrado dever.

E imprimindo carinhoso acento á voz, acentuava solícito:

— Não me faças ir contigo, nesta assembléia, aos debates públicos escandalosos e atentatórios da feição amorosa que toda verdade deve trazer consigo. Liberarás estes homens em atenção ao nosso passado de mútuo entendimento. E' só o que te peço. Deixa-os em paz, por amor aos nossos laços afetivos. Daqui a alguns dias não precisarás conceder mais cousa alguma ao velho mestre. Serás meu substituto neste cenáculo, por quanto tenciono abandonar a cidade em breves dias.

E como Saulo hesitasse, continuou:

— Não precisarás refletir muito tempo. O sumo sacerdote está ciente de que eu pediria tua clemência para os prisioneiros.

— Mas... e a minha autoridade? — interrogou o rapaz com orgulho. — Como conciliar a indulgência com a necessidade de reprimir o mal?

— Toda a autoridade é de Deus. Nós somos simples instrumentos, meu filho. Ninguem se diminuirá por ser bom e tolerante. Quanto á providencia mais digna, cabível no caso, é conceder liberdade a todos eles.

— Todos? — perguntou Saulo num gesto de grande admiração.

— Como não? — confirmou o venerável doutor da Lei. — Pedro é um homem generoso, Filipe é um pai de família extremamente dedicado ao cumprimento de seus deveres, João é um moço simples, Estêvão, se consagrou aos pobres.

— Sim, sim — interrompeu o moço tarsense. — Concordo com a libertação dos três primeiros, com uma condição. Por serem casados, Pedro e Felipe poderão continuar em Jerusalém, restringindo suas atividades ao socorro dos doentes e necessitados; João será banido; mas Estêvão deverá sofrer a sentença decisiva. Ja propus, publicamente, a lapidação e não vejo motivos para transigir, mesmo porque, para escarmento, pelo menos um dos discípulos do carpinteiro deve morrer.

Gamaliél compreendeu a força daquela resolução pela veemência das palavras que a traduziam. Saulo deixara bem claro que não transigiria, quanto ao tauríngulo. O velho rabino não insistiu. Para evitar um escândalo, entendeu que Estêvão pagaria com o sacrifício. Aliás, considerando o temperamento voluntarioso do ex-discípulo, a quem a Cidade havia conferido atribuições tão vastas, já não era pouco obter clemência para três homens justos, consagrados ao bem comum.

Compreendendo a situação, acentuou o respeitável rabino:

— Pois bem, seja assim!

E, com um sorriso de bondade, deixou o moço algo preocupado e perplexo.

Dai a instantes, com surpresa geral da assembléia, Saulo de Tarso, da tribuna, propunha a libertação de

Pedro e Felipe, o banimento de João, e reiterava o pedido de apedrejamento para Estêvão, por considera-lo o mais perigoso dos elementos do "Caminho". As autoridades do Sinhédrio apreciando os alvitres, com satisfação, por saberem que a medida agradaria á turba numerosa, afirmou seu unanime consentimento e a morte de Estêvão foi aprazada para uma semana depois, conviendo Saulo aos amigos para a triste cerimonia pública que ele proprio haveria de presidir.

VIII

A MORTE DE ESTÉVÃO

Apesar das atividades intensas, o moço de Tarso não deixara de comparecer pontualmente em casa de Zacarias, onde, no coração de Abigail encontrava o necessário repouso. Se as lutas em Jerusalém consumiam-lhe as fôrças, perto da mulher amada parecia recobrá-las, no doce encantamento com que esperava a realização das mais caras esperanças. Tinha a impressão de que o mundo era um campo de batalha, no qual lhe cabia combater pela lei de Deus; todavia, como o Eterno era justo e generoso, concedera-lhe, na dedicação da sua eleita, um pouso de consolação.

Abigail era o seu mundo sentimental. As lutas de cada dia, as providencias rigorosas que lhe impunha, o cargo, a rigidez com que deveria tratar as questões confiadas ao seu fôr, eram transvasadas no coração da noiva, cheio de amor, de piedade e justiça. Ela acolhia-lhe as idéias com atenção afetuosa, parecia temperá-las na ternura da alma fraterna, restituindo-as ao noivo amado em fórmula de sugestões carinhosas e justas.

Paulo habituara-se a esse precioso intercambio de cada dia. Quando lhe faltavam ao coração os brandos consolos da estrada de Joppe, sentia-se perturbado pelos proprios sentimentos enérgicos e impulsivos. Abigail corrigia-lhe o espirito. Aparava as arestas do seu caráter violento e rude, cooperava para que se atenuasse o rigor das decisões autoritarias. Horas a-fio o jovem

tarsense embevecia-se a ouvi-la, como se os seus sentimentos de bondade fôssem alimento suave para sua alma, que os raciocínios rígidos do mundo costumavam rescaldar. Ele, que não experimentara as aventuras gallantes do tempo, cioso de conservar pura a conciencia em face da Lei, descobrira na criatura eleita a personificação de todos os sonhos da sua mocidade esperançosa.

Na noite seguinte á memorável sessão do Sinhédrio, Saulo de Tarso abandonando todas as preocupações de ordem imediata, buscou mais ansioso a residencia de Zacarias. As fadigas do dia abalavam-lhe as fôrças. Queria vencer rapidamente a distancia, absorver-se no afeto da noiva, olvidar as preocupações que lhe ardiam na mente trabalhada pelos mais desencontrados raciocínios.

A noite já desdobrava o manto de luar sobre a natureza, quando o jóvem doutor transpôs o umbral, surpreendendo a generosa família com uma saudação delicada e afetuosa.

A presença da noiva como que lhe propinava um bálsamo de suave refrigerio ao coração. Em breves momentos, parecia recomfortar-se. Tomado de bom humor, agora que as energias interiores descansavam em brandas carícias, narrou entusiasticamente os últimos sucessos. Zacarias, como observador fiél da Lei, dava-lhe razões de sobejo no caso das deliberações assumidas. A personalidade de Estêvão foi discutida minuciosamente. O ex-discípulo de Gamaliél, naturalmente esclareceu o assunto a seu modo, retratando o pregador do "Caminho" como homem inteligente e, por isso mesmo, perigoso, em virtude das idéias revolucionárias que o seu verbo fluente propagava.

Abigail e Ruth escutavam silenciosas, enquanto os dois mantinham a palestra animada.

A certa altura, atenta a uma observação direta de Saulo, a jóvem murmurou:

— Mas não haveria um meio de modificar, ao menos, a pena arbitrada?

— Que desejarias que fizessemos? — disse o moço com ênfase. — Não é pouco havermos libertado os três cabeças mais em evidencia, levando-se em conta o atrevimento de suas estranhas prédicas. Quanto a Estêvão, tudo se fez para que voltasse ao aprisco, como descendente direto das tribus de Israél. Entretanto, sua rebeldia foi sua condenação. Insultou-me publicamente no Sinhédrio, espesinhou nossos princípios mais sagrados, criticou as figuras mais representativas do farisaísmo, com ilustreções mentirosas e ingratas.

E concluia:

— De mim para comigo, estou satisfeito. Considero o apedrejamento esperado um dos feitos de mais importância para o futuro da minha carreira. Atestará meu zélo na defesa do nosso patrimônio mais estimável. Precisamos considerar que Israél, nos dias mais sombrios, preferiu a emancipação religiosa á independencia política. Poderíamos, porventura, expôr nossos valores morais mais preciosos á influencia deprimente de um aventureiro qualquer?

O jóvem procurou mudar o curso da conversação, enquanto Ruth mandava servir uma taça de vinho recomfortante.

Antes de partir, o moço tarsense convidou a noiva ao passeio habitual. Nessa noite, a natureza parecia enfeitar-se de maravilhas. O luar que destacava todas as flores em tons pálidos, estava saturado de perfumes deliciosos. Os dois, de mãos enlaçadas, no banco rústico, contemplavam o quadro embevecidamente. Saulo experimentava suave conforto. Desafogava-se. Se Jerusalém lhe obscurecia a mente num torvelinho de preocupações, aquela mansão singela da estrada de Joppe parecia descarregá-lo de todos os desgostos, prodigalizando-lhe ao espírito enorme potencial de consolação.

— Agora, minha querida, tudo está pronto — dizia solícito. — De hoje a seis dias Dalila virá buscar-te pessoalmente. Conhecerás a cidade e os meus amigos honrarão em tua alma generosa a minha feliz escolha. Estás satisfeita?

— Muito — murmurava ela com ternura.

— Já organizamos largo programa recreativo. Quero levar-te a Jericó, onde pessoas de nossas relações nos esperam com imensa alegria. Em Jerusalém farei conhecer todos os edifícios mais importantes. Ficarás deslumbrada com o Templo e com os tesouros ali encerrados pela dedicação religiosa de nossa raça. Verás a torre dos romanos. Meus conterrâneos que frequentam a Sinagoga dos Cílios querem oferecer-te valioso mimo.

Abigail extasiava-se, ouvindo-o discorrer. Aquele moço impulsivo e rude a olhos estranhos, mas afetuoso e sensível na intimidade, era justamente o seu ideal, o homem esperado pela sua alma carinhosa.

— Ninguem poderá oferecer-me um presente mais precioso que o enviado por Deus á minha existencia, com o teu coração leal e generoso — murmurou a jovem num franco sorriso.

— Ganhei muito mais — tornava o doutor de Tarso — recebendo a jóia rara do teu afeto, que enriquecerá toda a minha vida. Às vezes, Abigail — continuava com o entusiasmo próprio da juventude sonhadora — no meu idealismo de vitórias para Jerusalém sobre as grandes cidades do mundo, penso chegar á velhice como um triunfador cheio de tradições de sabedoria e de glória. Desde que te encontrei, aumentou-se-me a fé no destino; consolidei minhas esperanças, terei teu concurso na tarefa imensa que se desdobra a meus olhos. Os romanos outorgam aos triunfadores uma coroa triunfal de louros e rosas. Se um dia Jerusalém me conceder a sua coroa triunfal, não a cingirei em minha fronte, para só deixá-la a teus pés como tributo de amor eterno e único.

— Ainda hoje — prosseguiu Saulo confiante no futuro — Gamaliél notificou-me que vai afastar-se breve do Sinhédrio, para que eu lhe suceda no prestigioso cargo. Aí tens, querida, nossa primeira vitória de maiores proporções. Tão logo Dalila volte de Tarso, podermos marcar o dia jubiloso das núpcias. Presumo que, em te havendo sempre a meu lado, corrigirei meus impulsos, a tarefa ser-me-á mais leve, a existencia mais

facil e mais ditosa. O lar é uma benção. E nós teremos esse lar.

— Nunca me senti tão venturosa — exclamou a jovem, com lágrimas de alegria.

Ele acariciou-lhe as mãos e, como desejava que ela compartilhasse dos seus sentimentos mais íntimos, acrescentou:

— Chegarás conosco á cidade, justamente na véspera da morte do pregador revolucionário. O ato, como de justiça, obedecerá ao ceremonial estabelecido pelos nossos costumes e eu pretendo que o assistas em minha companhia.

— Mas, porque? — perguntou ela estremecendo ligeiramente.

— Porque lá encontraremos nossos amigos mais eminentes e desejo valer-me da oportunidade para apresentar-te, indiretamente, a todos eles.

— Não haveria um meio de me poupar a esse espetáculo? — insistiu timidamente. — A morte de meu pai, no suplício, diante da soldadesca brutal, jamais me saiu da mente.

Saulo não dissimulou a contrariedade e respondeu contrafeito:

— Porventura não estarás compreendendo? O caso de Estêvão é muito diferente. Trata-se de um homem sem significação para nós outros, que se arvorou em reformador sedicioso e insolente. Sua personalidade representa, de fato, a continuidade do desrespeito e do insulto á Lei de Moisés, iniciados em movimento de vastas proporções por um carpinteiro alucinado, de Nazaré. Achas, então, que se não deve punir o ladrão que blasfemam no santuário do Eterno?

A jovem compreendeu que desagradaria ao noivo se lhe demonstrasse divergência de opinião, e acrescentou:

— Vejo que tens muita razão. Não devo discutir os teus conceitos, sábios e justos. Aliás, tenho mesmo a intenção de conquistar a amizade dos teus amigos do Sinhédrio, pois não perco a esperança de sua proteção

para o caso de Jeziél, logo que se ofereça uma oportunidade para novas pesquisas na Acaia. Mas ouve, Saulo: se permitires, irei quando a cerimonia estiver a findar. Esta dito?

Notando a boa vontade conciliatoria, o moço tarsense abriu o semblante num belo sorriso de satisfação

— Sim, ficamos de acôrdo. Espero, porém, que assistas a tudo com serenidade, segura de que eu só poderia tomar encargos justos e decisões estimaveis no cumprimento do dever. E' lamentavel que o prisioneiro se haja mostrado recalcitrante a ponto de me compelir a providencias extremas. No entanto, podes crér que tudo fiz por evitar o derradeiro recurso. Empreguei todos os processos conciliatórios para dissuadí-lo de tão perigosas ilusões, mas sua conduta foi de tal modo irritante que toda transigencia se tornou praticamente impossivel.

Trocaram-se ainda, por longo tempo, impressões afeituosas que a noite amiga guardava, solicitamente, sob o manto luminoso das estrelas. Eram juras cariciosas de um amor imortal, ante a benção de Deus, tomada como objeto mais alto de seus santificados pensamentos, projetos e esperanças de futuro.

Era tarde quando Saulo se despediu, regressando a Jerusalém, de alma feliz.

Daí a dias, Abigail em companhia do noivo e da irmã, demandou a cidade, cujo perfil interessante apresentava novos quadros para os seus olhos. A casa de Dalila, na mesma noite de sua chegada, encheu-se de amigos que iam levar á escolhida de Saulo a homenagem da sua admiração; e a jóvem de Corinto a todos seduzia por seus dotes naturais, aliados a sólida e bem cuidada formação de espírito. Sua palavra, cheia de ternura, parecia distanciar-se profundamente das futilidades que caracterizavam a mocidade da época. Sabia aplicar os mais delicados conceitos, no trato de todos os assuntos a que era convocada, tirando formosas ilações da Lei e dos Escritos Sagrados, para definir a posição da mulher em face dos mais íntimos deveres na vida familiar. O doutor de Tarso sentia-se orgulho-

so, ao notar a admiração geral em torno de sua personalidade vibrante e carinhosa. Abigail, sintetizando o seu maior ideal, enchia-lhe o coração de maravilhosas promessas. A surpresa dos amigos que o felicitavam com o olhar, punha-lhe na alma ardente um júbilo novo.

O dia seguinte rompeu claro e lindo. Ao sol rútilo de Jerusalém, Saulo despediu-se da noiva amada, por atender, ainda cedo, aos trabalhos do Sinhédrio.

— Então, até logo, no Templo — disse carinhosamente.

— No Templo? — perguntou Dalila admirada, abraçando-se a Abigail.

— Sim — explicou solícito — Abigail irá assistir a parte final da punição de Estêvão.

— Mas como? — interrogou ainda a jóvem senhora. — Mulheres na cerimonia?

— A lapidação se dará nas proximidades do altar dos holocaustos e não nos átrios sagrados — esclareceu. A meu ver, não haverá impedimento de representações femininas, e ainda que isso constitua resolução de última hora, a critério dos sacerdotes, a medida não poderá atingir decisão pessoal de minha parte e eu desejo que Abigail participe do meu primeiro triunfo na defesa dos nossos princípios soberanos.

Ambas sorriram, venturosas, observando-lhe as disposições excelentes.

— Em último recurso, Saulo — disse Abigail num gesto de tranquilidade e ternura — não deixes de oferecer ao condenado uma derradeira oportunidade para salvar-se da morte. Após dois meses de cárcere, é possível que tenha refundido os sentimentos mais profundos. Pergunta-lhe, mais uma vez, se insiste em insultar a Lei.

O moço tarsense enviou-lhe um olhar satisfeito e reconhecido, jubiloso por verificar tanta grandeza de coração, e acentuou:

— Assim farei.

Nesse dia, já muito cedo, o mais alto tribunal de

Israél apresentava desusado movimento. A execução do pregador do "Caminho" constituia objeto de largos comentários. Sobretudo os fariseus faziam questão de todos os informes. Ninguem queria perder o angustioso espetáculo. A igreja modesta de Simão Pedro, entretanto, não ousou aproximar-se para qualquer indagação. Saulo, como perseguidor declarado e usando das prerrogativas da investidura legal, mandara anunciar que nenhum adepto do "Caminho" poderia assistir á execução a efetivar-se num dos grandes páteos do santuário. Grandes filas de soldados foram dispostas na grande praça, para dispersar quaisquer grupos de mendigos que se formassem com intuições desconhecidos e, desde as primeiras horas da manhã, numerosos pedintes de Jerusalém eram corridos das imediações a golpes de chanfallo.

Depois do meio dia, autoridades e curiosos reuniam-se, ávidos de sensação, no recinto do Sinhédrio, em abafado vozerio. Aguardava-se o sentenciado, que chegou, finalmente, cercado de escolta armada, como se fôra um malfeitor comum.

Estêvão apresentava-se bastante desfigurado, embora o semblante não traísse a peculiar serenidade. O passo tardio, o cansaço extremo, as equimoses das mãos e dos pés, patenteavam os pesados tormentos físicos que lhe eram infligidos á sombra do calabouço. A barba crescida alterava-lhe o aspecto fisionómico e todavia os olhos tinham a mesma fulgurância de cristalina bondade.

Em meio da curiosidade geral, Saulo de Tarso o encarou satisfeito. Estêvão pagaria, afinal, as incompreensões e os insultos.

No instante aprazado, o doutor inflexível fez a leitura do libelo. Antes, porém, de pronunciar a sentença última, fiel ao que prometera, mandou que os soldados empurrassem o condenado até a sua tribuna. Enfrentando o pregador do Evangelho, sem qualquer expressão de piedade, interrogou com aspereza:

— Estarias disposto, agora, a jurar contra o car-

pinteiro nazareno? Lembra-te que é a última oportunidade de conservares a vida.

Tais palavras, pronunciadas mecanicamente, soaram de modo estranho aos ouvidos do moço de Corinto, que as recebeu, na alma sensível e generosa, como novos dardos de ironia.

— Não insulteis o Salvador! — disse o arauto de Cristo com desassombro. — Nada no mundo me fará renunciar á sua tutela divina! Morrer por Jesus significa uma glória, quando sabemos que ele se imolou na cruz pela humanidade inteira!

Mas, uma torrente de improperios cortava-lhe a palavra.

— Basta! Apedrejemo-lo quanto antes! Morte ao imundo! Abaixo o feiticeiro! Blasfemo!... Caluniador!

A gritaria tomava proporções assustadoras. Alguns fariseus mais irritados, burlando os guardas, aproximaram-se de Estêvão tentando arrasta-lo sem compaixão. Entretanto, ao primeiro puxão na gola rôta, um pedaço da túnica rafada ficava-lhes nas mãos. Foi necessário a intervenção da força armada para que o moço de Corinto não fôsse estraçalhado ali mesmo pela multidão furiosa e delirante. Saulo, em altas vozes, ordenou a intervenção dos soldados. Queria a execução do discípulo do Evangelho, mas, com todo o ceremonial previsto.

Estêvão tinha agora o rosto punício, envergonhado. Semi-nú, foi auxiliado por um legionário romano a recompor os sobejos da veste em frangalhos, acima dos rins, para não ficar inteiramente nú. Com a mão trêmula, pelos maus tratos recebidos, procurava limpar a saliva que os mais exaltados lhe haviam esputado em pleno rosto. Forte pancada no ombro causava-lhe intensa dor no braço todo. Compreendeu que lhe chegavam os últimos instantes de vida. A humilhação doía-lhe fundo. Mas recordou as descrições de Simão a respeito de Jesus no derradeiro transe. Frente a Herodes Antípaso, o Cristo sofrera dos israelitas idênticas ironias. Fôra açoitado, ridicularizado, ferido. Quase nú, suportara todos os agravos sem uma queixa, sem

uma expressão menos digna. Ele que amara os infelizes, que trabalhara por fundar uma doutrina de concórdia e de amor para todos os homens, que abençoara os mais desgraçados e os acolhera com carinho, recebera o galardão da cruz em suplícios imensuraveis. E Estêvão pensou: — "Quem sou eu e quem era o Cristo"? Essa íntima interrogação propinava-lhe certo consôlo. O Príncipe da Paz fôra arrastado pelas ruas de Jerusalém, sob o escárneo das maiores injúrias, e era o Messias esperado, o Ungido de Deus! Porque, sendo ele homem falível, portador de numerosas fraquezas, haveria de hesitar na incude do testemunho? E, com o pranto a escorrer-lhe no rosto lacerado, escutava a voz cariçosa do Mestre no coração: — "Todo aquele que desejar participar do meu reino, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga os meus passos". Era preciso negar-se para aceitar o sacrifício proveitoso. Ao fim de todos os martírios, deveria encontrar o amor glorioso de Jesus, com a beleza da sua ternura imortal. O prêgador humilhado e ferido recordou o passado de trabalhos e esperanças. Parecia-lhe rever a infancia saudosa, na qual o zélo materno lhe propinara os fundamentos da fé confortadora; depois, as nobres aspirações da mocidade, a dedicação paterna, o amor da irmãzinha que as circunstâncias do destino lhe haviam arrebatado. Ao pensar em Abigail, experimentou certa angústia no coração. Agora que deveria enfrentar a morte, desejava revê-la para as últimas recomendações. Relembrou a derradeira noite em que haviam permutado tantas impressões de ternura, tantas promessas fraternais, na lobregá prisão de Corinto. A-pesar-dos movimentos renovadores da fé, cujos trabalhos compartilhava ativamente em Jerusalém, jamais pudera esquecer o dever de procura-la, fôsse onde fôsse. Enquanto em derredor multiplicavam-se impropérios no turbilhão de gritos e ameaças revoltantes, o sentenciado chorava com as suas recordações. Socorrendo-se das promessas do Cristo no Evangelho, experimentava brando alívio. A idéia de que a irmãzinha ficaria no mundo, entregue a Jesus, suavisava-lhe as angústias do coração.

Mal não saíra de suas dolorosas reminiscencias, ouviu a voz imperiosa de Saulo dirigindo-se aos guardas:

— Algemaí-o novamente, tudo está consumado, sigamos para o átrio.

O discípulo de Simão Pedro, estendendo os pulsos para receber as algemas, sofreu pancadas tão fortes de um soldado inescrupuloso, que, logo dos pulsos feridos começou a jorrar muito sangue.

Estêvão, porém, não fez o menor gesto de resistencia. De quando em quando, levantava os olhos como se implorasse os recursos do céu para os seus minutos supremos. Não obstante os apupos e as chagas que o dilaceravam, experimentava uma paz espiritual desconhecida. Todos aqueles aparatos do ceremonial eram por Cristo. Aquela hora era a sua oportunidade divina. O Mestre de Nazaré havia convocado o seu coração fiel ao público testemunho dos valores espirituais da sua gloriosa doutrina. Confiante, raciocinava: — "Se o Messias aceitara a morte infamante do Calvário por salvar todos os homens, não seria uma honra dar a vida por Ele?" Seu coração, sempre ávido de gratificar ao Senhor, desde que lhe conhecera o Evangelho de redenção, não deveria rejubilar-se com o ensejo de oferecer-lhe a propria vida? Entretanto, a ordem de caminhar arrancou-o dos mais elevados pensamentos.

O generoso prêgador do "Caminho" hesitava nos passos cambaleantes, mas tinha sereno e firme o olhar, revelando desassombro nos derradeiros lances do testemunho.

Naquelas primeiras horas da tarde, o sól de Jerusalém era um braseiro ardente. Não obstante o calor insuportavel, a massa deslocou-se com profundo interesse. Tratava-se do primeiro processo concernente ás atividades do "Caminho", após a morte do seu fundador. Destacando-se de todas as correntes judáicas ali presentes em penhor de prestigio á Lei de Moisés, os fariseus faziam grande alarde do feito. Ladeando o

condenado, faziam questão de atirar-lhe em rosto as mais pesadas injúrias.

Ele, porém, embora evidenciasse profunda tristeza, caminhava semi-nú, sereno, imperturbável.

A sala de reuniões do Sinhédrio não distava muito do átrio do Templo, onde se realizaria a macabra cerimônia. Apenas alguns metros e a caminhada terminava, justamente no local onde se erguia o enorme altar dos holocaustos.

Tudo estava preparado a caráter, como Saulo deixara perceber em seus propositos.

Ao fundo do páteo espaçoso, Estêvão foi atado a um tronco, para que o apedrejamento se efetuasse na hora precisa.

Os executores seriam os representantes das diversas sinagogas da cidade, de vez que era função honrosa atribuída a quantos estivessem em condições de operar na defesa de Moisés e de seus princípios. Cada sinagoga indicaria o seu delegado e ao iniciar a cerimônia, como chefe do movimento, Saulo recebia um por um, junto da vítima, guardando nas mãos, de acordo com a pragmática, os mantos brilhantes, enfeitados de púrpura.

Mais uma ordem do moço tarsense e a execução começou entre gargalhadas. Cada verdugo mirava friamente o ponto preferido, esforçando-se parar tirar maior partido.

Risos gerais seguiam-se a cada golpe.

Poupemos-lhe a cabeça — dizia um dos mais exaltados — a-fim-de que o espetáculo não perca em intensidade e interesse.

Cada expressão do judaísmo acompanhava o verdugo indicado pelos maioriais da sinagoga, com atenção e entusiasmo, aos berros de "Morra o traidor! o feiticeiro!..."

— Fére no coração, em nome dos Cílicos! — exclamava alguém, do meio da turba.

— Separa-lhe a perna pelos Idumeus! — secundava outra voz impudente.

Mais ou menos afastado da turba, seguindo de perto os movimentos do condenado, Saulo de Tarso apreciava

a vibração popular, satisfeita e confortado. De qualquer maneira, a morte do pregador de Cristo representava o seu primeiro grande triunfo na conquista das atenções de Jerusalém e de suas prestigiosas corporações políticas. Naquela hora em que focalizava tantas aclamações do povo de sua raça, orgulhava-se com a decisão que o levava a perseguir o "Caminho", sem consideração e sem tréguas. Aquela tranquilidade de Estêvão, no entanto, não deixava de o impressionar bem no ímo do coração voluntarioso e inflexível. Onde poderia ele haurir tal serenidade? Sob as pedras que o alvejavam, aqueles olhos encaravam os algozes sem pestanejar, sem revelar temor nem turbação!

De fato, amarrado de joelhos ao tronco do suplício, o moço de Corinto guardava impressionante característica de paz nos olhos translúcidos, de onde as lágrimas silenciosas corriam abundantes. O peito descoberto era uma chaga sangrenta. As vestes esfrangalhadas colavam-se ao corpo, empastadas de suor e sangue.

O martir do "Caminho" sentia-se amparado por forças poderosas e intangíveis. A cada novo golpe, sentia recrudescer os padecimentos infinitos que lhe azorragavam o corpo macerado, mas, no íntimo guardava a impressão de uma lenidade sublime. O coração batia descompassadamente. O tórax estava coberto de feridas profundas, as costelas fraturadas.

Nessa hora suprema, recordava os mínimos laços de fé que o prendiam á uma vida mais alta. Lembrou todas as orações prediletas da infância. Fazia o possível por fixar na retina o quadro da morte do pai supliciado e incompreendido. Intimamente, repetia o Salmo XXIII de Davi, qual o fazia junto da irmã, nas situações que pareciam insuperáveis. "O Senhor é meu pastor. Nada me faltará..." As expressões dos Escritos Sagrados, como as promessas de Cristo no Evangelho, estavam-lhe no âmago do coração. O corpo quebrantava-se no tormento, mas o espírito estava tranquilo e esperançoso.

Agora, tinha a impressão de que duas mãos cariosas passavam de leve sobre as chagas doloridas, pro-

porcionando-lhe branda sensação de alívio. Sem qualquer receio, recebeu que lhe havia chegado o suor da agonia.

Dedicados amigos, do plano espiritual, rodeavam o martir nos seus minutos supremos. No auge das dores físicas, como se houvesse transposto infinitos abismos de percepção, o moço de Corinto notou que alguma cousa se lhe havia rasgado nalma ansiosa. Seus olhos como que mergulhavam nos quadros gloriosos de outra vida. A legião de emissários de Jesus, que o cercava carinhosamente, figurou-se-lhe a corte celestial. No caminho de luz desdobrado á sua frente, reconheceu que alguém se aproximava abrindo-lhe os braços generosos. Pelas descrições que ouvira de Pedro, percebeu que contemplava o proprio Mestre em toda resplandencia de suas glórias divinas. Saulo observou que os olhos do condenado estavam estáticos e fulgurantes. Foi quando o herói cristão, movendo os lábios, exclamou em alta voz:

— Eis que vejo os céus abertos e o Cristo ressuscitado na grandeza de Deus!...

Viram, então, que duas mulheres jovens aproximavam-se do perseguidor com gestos íntimos. Dalila entregou Abigail ao irmão, despedindo-se logo para atender ao chamado de outra amiga. A noiva terna cingia uma túnica á moda grega, que mais lhe realçava o formoso rosto. Fôsse pela dolorosa cena em curso, ou pela presença da mulher amada, percebia-se que Saulo estava um tanto perplexo e sensibilizado. Dir-se-ia que a coragem indomável de Estêvão o levara a considerar a tranquilidade desconhecida que deveria reinar no espírito do mártir.

Em face da gritaria que a rodeava e notando a miserável situação da vítima, a jovem mal pôde conter um grito de espanto. Que homem era aquele, atado ao tronco do suplício? Aquele peito arfante, emplastrado de sangue, aqueles cabelos, aquele rosto pálido que a barba crescida desfigurava, não seriam de seu irmão? Ah! como falar das ansiedades imensas na surpresa imprevista de um minuto? Abigail tremia. Seus olhos aflitos acompanhavam os menores movimentos do herói, que parecia indiferente, no êxtase que o absorvia. Em-

balde Saulo chamava-lhe a atenção, discretamente, de modo a poupar-lhe de penosas impressões. A moça parecia nada ver além do sentenciado a esvair-se no sangue do martirio. Lembrava-se agora... Em se afastando do calabouço, depois da morte do pai, foi assim mesmo que deixara Jeziél na posição do suplício. O tronco execravel, as algemas impiedosas e o pobrezinho de joelhos! Tinha impetos de atirar-se á frente dos algozes, esclarecer a situação, saber a identidade daquele homem.

Nesse instante, ignorando-se alvo de tão singular atenção, o pregador do "Caminho" saiu de sua impressionante imobilidade. Vendo que Jesus contemplava, melancolicamente, a figura do doutor de Tarso, como a lamentar seus condenaveis desvios, o discípulo de Simão experimentou pelo verdugo sincera amizade no coração. Ele conhecia o Cristo e Saulo não. Assomado de uma fraternidade real e querendo defender o perseguidor, exclamou de modo impresionante:

— Senhor, não lhe imputes este pecado!...

Isso dito, voltou os olhos para fixa-los no verdugo, amorosamente. Eis, porém, que divisou junto dele a figura da irmã, trajada como nos dias de júbilo, na casa paterna. Era ela, a irmãzinha amada, por cujo afeto tantas vezes lhe palpitara o coração, de saudade e de esperança. Como explicar sua presença? Quem sabe havia sido também levada ao reino do Mestre e regressava com ele, em espírito, para trazer-lhe as boas-vindas, de um mundo melhor? Quis bradar sua alegria infinita, atrai-la, ouvir-lhe a voz nos canticos de Davi, morrer embalado pelo seu carinho; mas a garganta já não timbrava. A emoção dominava-o na hora extrema. Sentiu que o Mestre de Nazaré acariciava-lhe a fronte, onde a última pedrada abrira uma flor de sangue. Ouvia, muito longe, vozes argentinas que cantavam hinos de amor sobre os gloriosos motivos do Sermão da Montanha. Incapaz de resistir por mais tempo ao suplício, o discípulo do Evangelho sentia-se desfalecer.

Escutando as expressões do condenado e recebendo-lhe o olhar fulgurante e límpido, Abigail não pôde disimular a angustiosa surpresa.

— Saulo! Saulo!... é meu irmão; — exclamou aterrada.

— Que dizes? — gaguejou baixinho o doutor de Tarso arregalando os olhos. — Não pode ser! Enlouqueceste?

— Não, não, é ele; é ele! — repetia tomada de extrema palidez.

— E' Jeziél — insistia Abigail assombrada — querido, concede-me um minuto, deixa-me falar ao moribundo apenas um minuto.

— Impossível! — replicou o moço, contrafeito.

— Saulo, pela Lei de Moisés, pelo amor de nossos pais, atende — exclamava torcendo as mãos.

O ex-discípulo de Gamaliél não acreditava na possibilidade de semelhante coincidência. Além do mais, havia a diferença do nome. Convinha esclarecer esse ponto, antes de tudo. Certo, a falsa impressão de Abigail se desfaria ao primeiro contacto direto com o agonizante. Sua indole sensível e afetuosa, justificava o que a seu ver era um absurdo. Conjugando essas reflexões de um segundo, falou á noiva com austeridade:

— Irei contigo identificar o moribundo mas, até que o possamos fazer, cala as tuas impressões... Nem uma palavra, ouviste? E' necessário não esquecer a respeitabilidade do local em que te encontras!

Logo após, chamava um funcionário de alta categoria, secamente:

— Manda levar o cadáver para o gabinete dos sacerdotes.

— Senhor — respondeu o outro respeitoso — o condenado ainda não está morto.

— Não importa, vai assim mesmo, quero arrancar-lhe a confissão do arrependimento na hora extrema.

A determinação foi cumprida sem mais demora, enquanto mandava servir, de modo geral, aos amigos e admiradores, várias ânforas de vinho delicioso, por comemorarem o seu primeiro triunfo. Depois, cenho carregado, apreensivo, esgueirou-se quase sorrateiramente até á sala reservada aos padres de Jerusalém, em companhia da noiva.

Atravessando os grupos que o saudavam com frenéticas aclamações, o moço tarsense parecia alheado de si mesmo. Conduzia Abigail pelo braço, delicadamente, mas não lhe dirigia palavra. A surpresa emudecera-o. E se Estêvão fosse, de fato, aquele Jeziél que aguardavam com tamanha ansiedade? Absorvidos em angustiosas reflexões, penetraram na camara solitária. O jovem doutor ordenou a retirada dos auxiliares, fechou cuidadosamente a porta.

Abigail aproximou-se do irmão ensanguentado, com infinita ternura. E, como se sentisse chamado á vida por uma força poderosa e invencível, ambos notaram que a vítima movia a cabeça ensanguentada. Evidenciando o penoso esforço da derradeira agonia, Estêvão murmurou:

— Abigail!...

Aquela voz era quase um sopro, mas o olhar estava calmo, limpido. Ouvindo-lhe a expressão vacilante e arrastada, o jovem tarsense recuou tomado de espanto. Que significava tudo aquilo? Não poderia duvidar. A vítima de sua perseguição implacável era o irmão bem amado da mulher escolhida. Que mecanismo do destino engendrara semelhante situação, que lhe havia de amarrigar toda a vida? Onde estava Deus, que não o inspirara no dédalo de circunstâncias que o levaram até aquele irremediável, cruel desfecho? Sentiu-se possuído de um pesar sem limites. Ele, que elegera Abigail o anjo tutelar da existência, seria obrigado a renuncia-la para sempre. O orgulho do homem não lhe permitiria desposar a irmã do suposto inimigo, confessado e julgado réles criminoso. Aturdido, deixou-se ali ficar, como se uma força incoercível o chumbasse ao sólo, transformando-o em objeto de insuportáveis ironias.

— Jeziél! — exclamou Abigail osculando e regando de lágrimas a fronte do moribundo — como te vejo eu!... Parece que o suplício te durou desde o dia em que nos separámos!... E soluçava...

— Estou bem... — disse o discípulo de Jesus fazendo o possível por mover a destra partida e deixando

perceber o desejo de acariciar-lhe os cabelos, como nos dias da meninice e da primeira juventude. — Não chores!... Eu estou com o Cristo!...

— Quem é Cristo? — murmurou a jovem — Por que te chamam Estêvão? Como te modificaram assim?

— Jesus... é o nosso Salvador... — explicava o agonizante no propósito de não perder os minutos que se escoavam céleres. — E agora chamam-me Estêvão... porque um romano generoso me libertou... mas pediu... absoluto segredo. Perdôa-me... Foi por gratidão que obedeci ao conselho. Ninguém será reconhecido a Deus se não mostrar agradecimento aos homens...

Vendo que a irmã prosseguia em soluços, continuou:

— Sei que vou morrer... mas a alma é imortal... Sinto deixar-te... quando mal torno a ver-te, mas hei de ajudar-te do lugar em que estiver...

— Ouve, Jeziél — exclamou a irmã num desabafio — que te ensinou esse Jesus para te levar a um fim tão doloroso? Quem assim abandona um servo leal, não será antes um senhor cruel?

O moribundo pareceu admoesta-la com o olhar.

— Não penses dessa maneira — prosseguiu com dificuldade. — Jesus é justo e misericordioso... prometeu estar conosco até a consumação dos séculos... mais tarde compreenderás; a mim, ensinou-me amar aos próprios verdugos...

Ela abraçava-o, carinhosa, desfeita em lágrimas abundantes. Depois de uma pausa em que a vítima se revelava nos derradeiros instantes da vida material, viu-se que Estêvão se agitava em esforços supremos.

— Com quem te deixarei?

— Este é meu noivo! — esclareceu a jovem apontando o moço de Tarso, que parecia petrificado.

O moribundo contemplou-o sem ódio e acentuou:

— Cristo os abençoe... Não tenho no teu noivo um inimigo, tenho um irmão... Saulo deve ser bom e generoso; defendeu Moisés até o fim... Quando conhecer a Jesus, servi-lo-á com o mesmo fervor... Sê para ele a companheira amorosa e fiel...

Mas a voz do pregador do "Caminho" estava agora

rouca e quase imperceptível. Nas vascas da morte, contemplava Abigail fraternalmente enternecido.

Ouvindo-lhe as últimas frases, o doutor de Tarso fizera-se livido. Queria ser odiado, maldito. A compaixão de Estêvão, fruto de uma paz que ele, Saulo, jamais conhecera no fastigio das posições mundanas, impressionava-o fundamentalmente. Entretanto, sem saber porque, a resignação e a doçura do agonizante assaltavam-lhe o coração enrijecido. Trabalhava, porém, intimamente para não se comover com a cena dolorosa. Não se dobraria por uma questão de sentimentalismo. Abominaria aquele Cristo, que parecia requisita-lo em toda parte, a ponto de colocar-se entre ele e a mulher adorada. O cérebro atormentado do futuro rabino suportava a pressão de mil fogos. Desprezara o orgulho de família e elegera Abigail para companheira de lutas, embora lhe não conhecesse os ascendentes familiares. Amava-a pelos laços da alma, descobrira no seu delicado coração feminino tudo quanto havia sonhado nas cogitações de ordem temporal. Ela sintetizava as suas esperanças de moço; era o penhor do seu destino, representava a resposta de Deus aos apelos da sua juventude idealista. Agora, abrira-se entre ambos um abismo profundo. Irmã de Estêvão! Ninguém ousara afrontar-lhe a autoridade na vida, a não ser aquele ardoroso pregador do "Caminho", cujas ideias jamais se poderiam casar com as suas. Detestava aquele rapaz apaixonado pelo ideal exótico de um erpinteiro, e tinha culinado nos propósitos de vingança. Se desposasse Abigail, jamais seriam felizes. Ele seria o verdugo, ela a vítima. Além disso, sua família, aferrada ao rigorismo das velhas tradições, não poderia tolerar a união depois de conhecidas as circunstâncias.

Levou as mãos ao peito, dominado por angustioso desalento.

Em pranto, Abigail acompanhava a agonia dolorosa do irmão, cujos derradeiros minutos se escoavam lentamente. Penosa emoção apossara-se de todas as suas energias. Na dor que a dilacerava nas fibras mais sensíveis, parecia não ver o noivo que lhe seguia os menores movimentos, entre surpreso e estarrecido. Com

muito cuidado, a jóvem sustinha a fronte do moribundo, depois de haver sentado para conchega-lo carinhosamente.

Observando que o irmão lhe lançava o último olhar, exclamou angustiada:

— Jeziél, não te vás... Fica conosco! Nunca mais nos separaremos!...

Ele, quase a expirar, ciciava:

— A morte não separa... os que se amam...

E, como se houvera lembrado algo de muito grato ao coração, arregalou os olhos desmesuradamente numa expressão de imenso júbilo:

— Como no Salmo... de Davi... — dizia arrastadamente — podemos... dizer... que o amor... e a misericordia... seguiram... todos os dias... de nossa vida... (1)

A jóvem escutava-lhe as derradeiras palavras, comovidíssima. Enxugava-lhe o suor sangrento do rosto, que se iluminava de uma serenidade superior.

— Abigail... — murmurava ainda como num sôpro — vou-me em paz... Quisera ouvir-te na prece... dos aflitos e agonizantes...

Ela recordou os últimos momentos do suplício do progenitor, no dia inesquecível da separação, nos calabouços de Corinto. De relance, compreendeu que ali, outras forças se encontravam em jôgo. Não mais Licínio Minúcio e os sequazes cruéis, mas o próprio noivo transformado em verdugo, por um terrível engano. Afagou com mais carinho a cabeça sangrenta. Conchegou o moribundo ao coração como se ele fosse uma adorável criança. Então, embora rígido e inquebrantável na apariência, Saulo de Tarso observou, mais nitidamente, o quadro que nunca mais lhe sairia da imaginação. Guardando o moribundo no regaço fraterno, a jóvem elevou o olhar para o alto, mostrando as lágrimas que lhe caiam pungentes. Não cantava, mas a oração lhe saía dos lábios como a súplica natural do seu espírito a um pai amoroso que estivesse invisível:

(1) Salmo XXIII, de David.

Senhor Deus, pai dos que choram,
Dos tristes, dos oprimidos,
Fortaleza dos vencidos,
Consólio de toda dôr,
Embora a miséria amarga
Dos prantos de nosso érro,
Deste mundo de desterro,
Clamamos por vosso amor!

Nas aflições do caminho,
Na noite mais tormentosa,
Vossa fonte generosa
E' o bem que não secará...
Sois, em tudo, a luz eterna
Da alegria e da bonança,
Nossa porta de esperança
Que nunca se fechará.

Quando tudo nos despreza
No mundo da iniquidade,
Quando vem a tempestade
Sobre as flores da ilusão!
O' Pai, sois a luz divina,
O canto da certeza,
Vencendo toda aspereza,
Vencendo toda aflição.

No dia da nossa morte,
No abandono ou no tormento,
Trazei-nos o esquecimento
Da sombra, da dôr, do mal!...
Que nos últimos instantes,
Sintamos a luz da vida,
Renovada e redimida
Na paz ditosa e imortal.

Terminada a prece, Abigail tinha o rosto orvalhado de pranto. Sob a carícia suave de suas mãos, Jeziél aquietara-se. Palidez de neve caracterizava-lhe a face cadavérica, aliada à profunda serenidade fisionômica. Saulo compreendeu que ele estava morto. E enquanto a jóvem de Corinto levantava-se, cuidadosamente, como

se o cadáver do irmão requisitasse toda a ternura do seu espírito bondoso, o moço tarsense aproximou-se de ceno carregado e falou com austeridade:

— Abigail, tudo está consumado e tudo terminou, também, entre nós.

A pobre criatura voltou-se com assombro. Então não lhe bastavam os golpes recebidos? Seria possível que o noivo amado não tivesse uma palavra de conciliação generosa naquela hora difícil da sua vida? Receberia a humilhação mais fria com a morte de Jeziél e ainda por cima o abandono? Consternada por tudo o que viera encontrar em Jerusalém, entendeu que precisava utilizar todas as energias, para não cair nas provas ríspidas que lhe haviam sido reservadas. E viu logo que, no orgulho de Saulo não encontraria consolação. Num momento, chegou ás mais lata conclusões, quanto ao papel que lhe competia em tão embaraçosas conjunturas. Sem recorrer á sensibilidade feminina, cobrou animo e falou com dignidade e nobreza:

— Tudo terminado entre nós porque? O sofrimento não deveria escorraçar o amor sincero.

— Não me comprehendes? — replicou o orgulhoso rapaz... — Nossa união tornou-se inexequível. Não poderei desposar a irmã de um inimigo de maldita memória, para mim. Fui infeliz escolhendo esta ocasião para tua visita a Jerusalém. Sinto-me envergonhado não só diante da mulher com quem nunca mais poderei unir-me pelo matrimonio, como perante os parentes e amigos, pela situação amarga que as circunstancias interpuseram no meu caminho...

Abigail estava pálida e penosamente surpreendida.

— Saulo... Saulo... não te envergonhes perante meu coração. Jeziél morreu estimando-te. Seu cadáver nos escuta — acentuava com doloroso acento. — Não posso obrigar-te a desposar-me, mas não transformes nossa afeição em ódio surdo... Sê meu amigo!... Ser-te-ei eternamente grata pelos meses de ventura que me déste. Voltarei amanhã para casa de Ruth... Não te envergonharás de mim! A ninguem direi que Jeziél

era meu irmão, nem mesmo a Zacarias! Não quero que algum amigo nosso te considere um carrasco.

Observando-a naquela generosidade humilde, o moço de Tarso teve impetos de estreita-la ao coração, como se o fizera a uma criança. Quis avançar, apertá-la contra o peito, cobrir-lhe de beijos a fronte bondosa e inocente. Súbito, porém, vieram-lhe á mente os seus títulos e atribuições; via Jerusalém revoltada, tisnando-lhe a reputação de amargas ironias. O futuro rabino não poderia ser vencido; o doutor da lei rígida e implacável, devia sufocar o homem para sempre.

Mostrando-se impassível, replicou em tom áspero:

— Aceito o teu silêncio em torno das lamentáveis ocorrências deste dia; voltarás amanhã para casa de Ruth, mas não deves esperar a continuação das minhas visitas, nem mesmo por cortesia injustificável, porque, na sinceridade dos de nossa raça, os que não são amigos são inimigos.

A irmã de Jeziél recebia aquelas explicações com espanto profundo.

— Então, abandonas-me inteiramente, assim? — perguntou entre lágrimas.

— Não estás desamparada — murmurou inflexivelmente — tens os teus amigos da estrada de Joppe.

— Mas, afinal, por que odiaste tanto a meu irmão? Ele foi sempre bondoso... Em Corinto nunca ofendeu a ninguem.

— Era prégador do malfadado carpinteiro de Nazaré — esclareceu, contrafeito e ríspido — além disso, humilhou-me diante da cidade inteira.

Abigail, compelida pela severidade das respostas, calou-se inteiramente. Que poder teria o Nazareno para atrair tantas dedicações e provocar tantos ódios? Até ali, não se interessara pela figura do famoso carpinteiro, que morrera na cruz, como malfeitor; mas o irmão lhe dissera ter encontrado nele o Messias. Para seduzir um caráter cristalino, como Jeziél, O Cristo não poderia ser um homem vulgar. Lembrava o passado do irmão para considerar que, no caso da rebeldia paterna,

conseguira manter-se acima dos proprios laços do sangue para admoestar o progenitor, amorosamente. Se tivera forças para analisar os atos paternos com o preciso discernimento, era preciso que aquele Jesus fôsse muito grande, para que a ele se consagrasse, oferecendo-lhe a propria vida ao recobrar a liberdade. Jeziél, a seu ver, não se enganaria. Conhecendo-lhe a indole, do berço, não era possivel que se deixasse iludir em suas convicções religiosas. Sentia-se, agora, atraída para aquele Jesus desconhecido e odiado injustamente. Ele ensinara o irmão a bermquerer os proprios verdugos. Que lhe não reservaria, pois, ao seu coração sedento de carinho e de paz? As ultimas palavras de Jeziél exerciam sobre ela uma influência profunda.

Abismada em profundas cogitações, notou que Saulo abrira a porta, chamando alguns auxiliares, que se precipitaram por cumprir-lhe as ordens. Em poucos minutos os despojos de Estêvão eram removidos, enquanto amigos numerosos cercavam o jóvem par, expansivamente loquazes e satisfeitos.

— Que é isto? — perguntou um deles a Abigail — ao notar-lhe a túnica manchada de sangue.

O sentenciado era israelita — atalhou o moço tarsense, desejoso de antecipar explicações — e, como tal, amparamo-lo na hora extrema.

Um olhar mais severo deu a entender á jóvem quanto devia conter as emoções proprias, longe e acima das ocorrências verídicas.

Daí a minutos, o velho Gamaliél chegava e solicitava ao ex-discípulo alguns momentos de atenção, em particular.

— Saulo — disse bondoso — espero partir na semana próxima para além de Damasco. Vou repousar junto de meu irmão e aproveitar a noite da velhice para meditar e repousar o espírito. Já fiz a necessária notificação no Sinhédrio e no Templo e acredito que, dentro de poucos dias, serás efetivamente provido no meu cargo.

O interpelado fez um ligeiro gesto de agradecimento,

euja frieza mal disfarsava o abatimento que lhe ia na alma.

— Entretanto — prosseguia o generoso rabino solicitamente — tenho um último pedido a fazer-te: Eu que tenho Simão Pedro em conta de um amigo. Esta confissão poderá escandalizar-te, mas sinto-me bem ao faze-la. Acabo de receber sua visita, pedindo a minha interferencia para que o cadáver da vítima de hoje seja entregue á igreja do "Caminho", onde será sepultado com muito amor. Sou o intermediario do pedido e espero não me recuses o obsequio.

— Dizeis "vítima"? — perguntou Saulo admirado.

— A existencia de uma vítima pressupõe um algoz e eu não sou verdugo de ninguem. Defendi a lei até o fim. Gamaliél compreendeu a objeção e replicou:

— Não vejas laivo de recriminação nas minhas palavras. Nem a hora, nem o local, tampouco, se prestam a discussões. Mas, para não faltar á sinceridade que em mim sempre conhecestes, devo dizer-te rapidamente que venho chegando a profundas conclusões a respeito do chamado carpinteiro de Nazaré. Tenho refletido maduramente na sua obra entre nós; todavia, estou velho e alquebrado para iniciar qualquer movimento renovador no seio do judaísmo. Em nossa existencia chega uma fase em que não nos é lícito intervir nos problemas coletivos; mas, em qualquer idade, podemos e devemos operar a iluminação ou o aprimoramento de nós mesmos. Eu o que vou fazer. O deserto, na majestade silenciosa do isolamento, constituiu sempre a sedução dos nossos antepassados. Sairei de Jerusalém, fugirei do escândalo que as minhas novas idéias e atitudes certo provocariam; buscarei a solidão para encontrar a verdade.

Saulo de Tarso estava estupefato. Tampem Gamaliél parecia sofrer a influenciação de estranhos sortilégiros! Sem dúvida, os homens do "Caminho" o haveriam enfeitiçado, desbaratado as últimas energias... O velho mestre acabara capitulando, numa atitude de consequencias imprevisíveis! Ia impugnar, discutir, chama-lo á realidade, quando o venerando mentor da mocidade

farisáica deixando entrever que percebia as vibrações antagónicas do seu espírito ardoroso, sentenciou:

— Já sei o teor da tua resposta íntima. Julgas-me fraco, vencido, e cada qual analisa como pode; mas não me leveis ao enfado das controvérsias. Aqui estou sómente para solicitar-te um favor e espero não me negues. Poderei providenciar para remover os despojos de Estêvão imediatamente?

Via-se que o moço de Tarso hesitava, premido por singulares pensamentos.

— Concede, Saulo!... É o último obséquio ao velho amigo!...

— Concedo — disse afinal.

Gamaliél despediu-se com um gesto de sincero reconhecimento.

Novamente rodeado de muitos amigos que procuravam alegra-lo, o jovem doutor da Lei revelava-se muito alheio de si mesmo. Debalde erguia a taça das saudações. O olhar vago, cismático, demonstrava o profundo alheamento em que se engolfara. Os inesperados acontecimentos acarretaram-lhe à mente um turbilhão de pensamentos angustiados. Queria pensar, desejava recolher-se em si mesmo para o exame necessário das novas perspectivas do seu destino, mas, até o pôr-do-sol, foi obrigado a manter-se no quadro das convenções sociais, atendendo aos amigos até o fim.

Alegando necessidade de trocar as vestes ensanguentadas, Abigail retirara-se logo após à entrevista de Gamaliél.

Na casa de Dalila, entretanto, a pobrezinha foi acometida de febre alta, penalizando e alarmando a todos que lá se encontravam.

Ao cair da noite, Saulo regressava ao lar da irmã, onde lhe comunicaram o estado da enferma.

Resolvido a imprimir novos rumos à sua vida, procurou sufocar a própria emoção para encarar os fatos com a naturalidade possível.

Em lágrimas, a jovem de Corinto pediu que a reconduzissem à casa de Zacarias, receando a marcha da enfermidade. Em vão, Dalila e os parentes procura-

ram intervir com recursos afetuosos. A súplica de Abigail ao espírito enérgico de Saulo foi exposta comovedoramente e, dentro da severidade que lhe caracterizava as atitudes, o ex-discípulo de Gamaliél tomou todas as providências para satisfazê-la.

E à noitinha, com muito cuidado, modesta carreta saiu de Jerusalém pela estrada de Joppe.

Ruth recebeu a jovem nos braços, emocionada e aflita. Ela e o marido recordaram então, que, sómente com a morte do pai, Abigail tivera febre tão alta, acompanhada de abatimento tão profundo. De cenho carregado, Saulo os ouvia, esforçando-se por dissimular a emoção. E enquanto os amigos da jovem procuravam assistí-la carinhosamente, o futuro rabino sucumbido num bulcão de idéias antagónicas, dirigia-se para Jerusalém com intenção de não mais voltar a Joppe.

IX

ABIGAIL CRISTÃ

Desde o martírio de Estêvão, agravara-se em Jerusalém o movimento de perseguição a todos os discípulos ou simpatizantes do "Caminho". Como se fôra tocado de verdadeira alucinação, ao substituir Gamaliél nas funções religiosas mais importantes da Cidade, Saulo de Tarso deixava-se fascinar por sugestões de fanatismo cruél.

Impiedosas devassas foram ordenadas a respeito de todas as famílias que revelassem inclinação e simpatia pelas idéias do Messias Nazareno. A igreja modesta onde a bondade de Pedro prosseguia socorrendo os mais desgraçados, era rigorosamente guardada por soldados, com ordem de impedir as prédicas que representavam o brando consôlo dos infelizes. Obsidiado pela idéia de resguardar o patrimônio farisáico, o moço tarsense entregava-se aos maiores desmandos e tiranias. Homens de bem foram expulsos da cidade, por meras suspeitas. Operários honestos e até mães de família eram interpelados em escandalosos processos públicos, que o perseguidor fazia questão de movimentar. Iniciou-se um êxodo de grandes proporções, como Jerusalém de há muito não via. A cidade começou a despovoar-se de trabalhadores. O "Caminho" havia seduzido para as suas doces consolações a alma do povo, cansada na incompreensão e no sacrifício. Livre das prestigiosas advertências de Gamaliél, que se retirara para o deserto e sem a carinhosa assistência de Abigail, que lhe facultava generosas inspirações, o futuro rabino parecia um

louco em cujo peito o coração estivesse ressequido. Debalde, mulheres indefesas suplicavam-lhe piedade; inútil crianças misérrimas pedirem complacência para os pais, abandonados como prisioneiros infelizes.

O moço de Tarso parecia dominado por uma indiferença criminosa. As rogativas mais sinceras encontravam no seu espírito um rochedo áspero. Incapaz de compreender as circunstâncias que lhe haviam modificado os planos e esperanças da vida, imputava o insucesso dos seus sonhos de mocidade áquele Cristo, que não conseguira entender. Odiá-lo-ia enquanto vivesse. Não sendo possível encontrá-lo para uma vingança direta, persegui-lo-ia na pessoa dos seus caudatários, através de todos os caminhos. A seu ver, era ele, o carpinteiro anônimo, o causador dos seus fracassos em relação ao amor de Abigail, agora envenenado no seu coração impulsivo por sentimentos estranhos, que, dia-a-dia davam profundos abismos entre sua figura inolvidável e as lembranças que lhe eram mais carinhosas. Não mais voltara á casa de Zacarias e embora os amigos da estrada de Joppe instassem suas notícias, mantinha-se irredutível no círculo do seu egoísmo sufocante. De vez em quando, sentia-se premido por uma saudade singular. Experimentava imensa falta da ternura de Abigail, cuja lembrança nunca mais se lhe havia apartado da alma enrijecida e ansiosa. Mulher alguma poderia substitui-la no carinho do seu coração. Entre angústias extremas, recordava a agonia de Estêvão, sua invejável paz de consciência, as palavras de amor e de perdão; em seguida, via a noiva genuflexa, implorando-lhe amparo com um clarão de generosidade nos olhos súplices. Jamais esqueceria aquela prece angustiada e comovedora, ao abraçar o irmão nos derradeiros instantes de vida. Não obstante a perseguição cruel que o transformara em mola-central de todas as atividades contra a igreja humilde do "Caminho", Saulo sentia que as necessidades espirituais se multiplicavam no espírito sedento de consolação.

Oito meses de lutas incessantes passaram sobre a morte de Estêvão, quando o moço tarsense capitulando

ante a saudade e o amor que lhe dominavam a alma, resolveu rever a paisagem florida da estrada de Joppe, onde por certo reconquistaria o afeto de Abigail, de maneira a reorganizarem todos os projetos de um futuro ditoso.

Tomou o carro minúsculo com o coração opresso. Quantas hésitações não vencera para retornar á antiga situação, humilhando a vaidade de homem convencionista e inflexivel! A luz crepuscular enchia a natureza de reflexos de ouro fulgurante. Aquele céu muito azul, a verdura agreste, as brisas cariciosas da tarde, eram os mesmos. Sentia-se reviver. Sonhos e esperanças continuavam, tambem, intangíveis. E refletia na melhor maneira de rehaver a dedicação da mulher escolhida, sem humilhação para sua vaidade. Contar-lhe-ia sua desesperação, diria das suas insonias, da continuidade do imenso amor que nenhuma circunstancia conseguiria destruir. Embora mantivesse firme o propósito de omitir toda e qualquer alusão ao carpinteiro de Nazaré, falaria a Abigail do remorso por não lhe haver estendido mãos amigas no instante em que todas as esperanças de sua alma feminina se haviam abalado, ante o imprevisto da morte dolorosa do irmão, em circunstâncias tão amargas. Esclareceria os detalhes de seus sentimentos. Havia de referir-se á recordação indelével da sua prece angustiosa e ardente, quando Estêvão penetrava os umbrais da morte. Atrai-la-ia ao coração que jamais a esquecera, beijar-lhe-ia os cabelos, formularia novos projetos de amor e felicidade.

Mergulhado em tais pensamentos, atingiu a porta de entrada, identificando as roseiras em flor.

O coração batia-lhe descompassado, quando Zacarias surgiu com grande surpresa. Um abraço demorado assinalou o reencontro. Abigail foi objeto de sua primeira interrogação. Com estranheza notou que Zacarias entristeceu.

— Pensei que algum de teus amigos já te houvesse levado a desagradável notícia — começou dizendo enquanto o jovem buscava ouvi-lo ansioso. — Abigail ha

mais de quatro meses adoeceu dos pulmões e, para falar com franqueza, não temos qualquer esperança.

Saulo fizera-se lívido.

— Logo depois que voltou precipitadamente de Jerusalém, esteve mais de um mês entre a vida e a morte. Em vão nos esforçamos, eu e Ruth, para restituir-lhe o vigor e as cores da juventude. A pobrezinha entrou a definhar e, em pouco tempo, acamou-se abatida. Solicitei tua presença, com ansiedade, a-fim-de resolvemos o possível em seu benefício, mas não apareceste. Parecia-me que um ambiente novo lhe proporcionaria o restabelecimento da saúde, mas faltaram-me os recursos para uma iniciativa mais ampla, tal como se impunha.

— Mas, Abigail fez alguma queixa a meu respeito? — perguntou Saulo, aflito.

— De modo algum. Aliás, o regresso inesperado de Jerusalém, a enfermidade súbita e teu injustificável afastamento desta casa, eram de molde a causar-nos dúvidas e receios; mas logo se verificaram melhoras positivas, após o período mais agudo da febre e ela nos tranquilizou a respeito. Explicou a necessidade da tua ausência, disse estar ciente dos teus muitos afazeres e encargos políticos; referiu-se com gratidão ao acolhimento que lhe dispensaram teus parentes e, quando Ruth, para conforta-la, qualifica de ingrato o teu procedimento, Abigail é sempre a primeira a defender-te.

Saulo quis dizer alguma cousa, enquanto Zacarias fazia uma pausa, mas nada lhe ocorreu á mente. A emoção que lhe causava a nobreza espiritual da noiva amada, paralisava-lhe as idéias.

— Apesar do seu esforço para tranquilizar-nos — continuava o marido de Ruth — temos a impressão de que nossa filha adotiva se encontra dominada por desgostos profundos, que procura ocultar. Enquanto podia andar, visitava os pessegueiros, á mesma hora em que costumava fazê-lo contigo. A princípio, minha mulher surpreendeu-a chorando, nas sombras da noite; mas, em vão procurámos sondar a causa de seus intimos padecimentos. O único motivo que alegava era

justamente o da enfermidade, que começava a minar-lhe o organismo. Mais tarde estagiou uma semana, por aqui, um pobre velho chamado Ananias. Deu-se então um fato estranho: Abigail encontrou-o em casa dos nossos rendeiros e, todas as tardes detinha-se a ouvi-lo horas-a-fio, manifestando dai para cá muita fortaleza espiritual. Ao despedir-se, o pobre mendigo deu-lhe como lembrança alguns pergaminhos contendo ensinamentos do famoso carpinteiro de Nazaré...

— Do carpinteiro? — atalhou Saulo evidentemente contrariado. — E depois?

— Tornou-se dedicada leitora do chamado Evangelho dos galileus. Consideramos a conveniencia de afasta-la de semelhante novidade espiritual, mas Ruth ponderou ser essa, agora, a sua unica distração. Com efeito, desde que começou a falar no discutido Jesus Nazareno, observamos que Abigail se enchera de profundas consolações. E o fato é que não mais vimo-la chorar, embora se lhe não apagasse do semblante abatido a dolorosa expressão de amargura e melancolia. Sua conversação, daí por diante, parece haver adquirido inspirações diferentes. A dor transformou-se-lhe em confortadora expressão de alegria intima. E fala a teu respeito com um amor cada vez mais puro. Dá impressão de haver descoberto nos misteriosos escaninhos da alma a energia de uma vida nova.

Depois de um suspiro Zacarias terminava:

— E contudo, a mudança não alterou a marcha da enfermidade que a devora devagarinho. Dia a dia vemo-la inclinar-se para o tumulo, como flor que tomba do hastil ao sôpro do vento forte.

Saulo experimentava indisfarsavel angústia. Peno-sa emoção revolvia-lhe a alma caprichosa e sensivel. Como definir-se? Esmagavam-lhe o espírito amargurosas interrogações. Quem era, afinal, aquele Jesus que o topava em toda parte? O interesse de Abigail pelo Evangelho perseguido revelava a vitória do carpinteiro nazareno a contrastar os proprios sonhos da sua mocidade.

— Mas, Zacarias — perguntou irritadiço o doutor de Tarso — porque não impediste semelhante contacto? Esses velhos feiticeiros percorrem as estradas disseminando a confusão. Surpreende-me essa condescendencia, porquanto, nossa fidelidade á Lei não admite, ou pelo menos nunca deverá admitir transigencias.

O interpelado recebeu a recriminação com serenidade e acentuou:

— Antes de tudo, importa considerar que pedi em vão o socorro da tua presença, para orientar-me. E além do mais, quem teria coragem de sonegar o remédio ao doente amado? Desde que lhe vi a resignação santiificada, fiz o proposito de não me referir aos seus novos pontos de vista em matéria de crença religiosa.

E, como Saulo estivesse engolfado em profundas cismas, sem saber o que responder, o bom homem rematou:

— Vem comigo, verás com os proprios olhos!...

O rapaz seguiu-lhe os passos, cambaleando. As idéias baralhavam-se-lhe no cérebro dolorido. Aquelas notícias inesperadas envenenavam-lhe o coração.

Reclinada no leito, assistida pela afeição maternal de Ruth, a moça de Corinto estampava no rosto um profundo abatimento. Muito magra, a epiderme adquirira a côr do marfim, mas o olhar lúcido denotava absoluta calma espiritual. Carinhosa serenidade estampava-se-lhe na fisionomia entristecida. De vez em quando, renovava-se a dispnéia com prolongada aflição, voltando-se então para a janela aberta, como se dali esperasse remédio ao seu cansaço, através das brisas frescas que chegavam do seio generoso da natureza.

Ao vê-la, Saulo não dissimulou o seu espanto. A jovem, por sua vez, recebendo a jubilosa surpresa, tomou-se de sincera e transbordante alegria.

Saudações afetuosas se trocaram entre ambos, enquanto os olhos traduziam a saudade angustiosa com que haviam esperado aquele momento. O futuro rabino acariciou-lhe as mãos mimosas, que pareciam agora modeladas em cera translúcida. Falaram da esperança que os alentara, constante, antes do reencontro. No-

tando que eles desejavam ficar sós para confidenciar mais á vontade, Zacarias e Ruth retiraram-se discretamente.

— Abigail! — exclamou Saulo comovidíssimo, logo que se viram a sós — abdiiquei do meu orgulho e da minha vaidade de homem público para vir até aqui, perguntar se me perdoaste, se me não esqueceste!

— Esquecer-te? — perguntou ela de olhos húmidos. Por mais rude e longa que seja a estação de sol ardente, a folha do deserto não poderá esquecer a chuva benéfica que lhe deu vida. Não me fales, igualmente, em perdão, pois acaso poderá alguém perdoar-se a si mesmo? E nós, Saulo, pertencemo-nos um ao outro para a eternidade. Não me disseste, muitas vezes, que eu era o coração do teu cérebro?

Ouvindo o timbre caricioso daquela voz amada, o jovem de Tarso comovia-se nas entranhas do proprio sér arrebatado e ardente. Aquela humildade, aquele tom de ternura, penetravam-lhe o coração, reconquistando-lhe o discernimento para o caminho reto.

Guardando entre as suas, as mãos pálidas da noiva, exclamou com um lampejo de alegria nos olhos:

— Porque dizes que “eras o coração”, se ainda és e se-lo-ás para sempre? Deus abençoará nossas esperanças. Realizaremos nosso ideal. Voltei para levar-te comigo. Teremos um lar, serás nele a rainha!...

Dominada por indefinível alegria, a noiva contemplava-o com lágrimas e murmurou:

— Desconfio, Saulo, que os lares da Terra não foram feitos para nós!... Deus sabe quanto desejei, ardenteamente, ser a mãe carinhosa de teus filhos; como conservei o ideal acima de todas as circunstâncias, para aformosear tua existencia com o meu carinho! Desde menina, em Corinto, vi mulheres que desbaratavam os tesouros do céu, simbolizados no amor do espôso e dos filhinhos; e pensei que o Senhor me concederia o mesmo patrimonio de esperanças divinas, pois aguardava as bençãos do santuário doméstico para glorifica-lo de todo o coração. Para exalta-lo, idealizei a vinda do homem amado, que me auxiliaria a erguer o altar da próle; e

assim que me chegaste, organizei vastos planos de uma vida santa e venturosa, na qual pudessemos honrar a Deus.

Saulo escutava comovido. Nunca lhe observara tamanha largueza de raciocínio e lucidez, naquele tom de ternura tranquila.

— Mas o céu — prosseguiu resignada — retirou-me as possibilidades de semelhante ventura na Terra. Nos meus primeiros dias de solidão, visitava os lugares ermos, como a procurar-te, requisitando o socorro do teu afeto. Os pessegueiros de nossa predileção pareciam dizer que nunca mais voltarias; a noite amiga aconselhava-me a esquecer; o luar que me ensinaste a bem querer, agravava as minhas recordações e amortecia as minhas esperanças. Da peregrinação de cada noite, voltava com lágrimas nos olhos, filhas do desespere do coração. Embalde procurava tua palavra confortadora. Sentia-me profundamente só. Para lembrar e seguir tuas advertencias, recordava que me chamaste a atenção, a ultima vez que nos encontrámos, para a amizade de Zacarias e de Ruth. E' verdade que não tenho outros amigos mais fiéis e generosos que eles; entretanto, não lhes poderia ser mais pesada na vida, além do que sou. Evitei, então, confiar-lhes minhas angústias. Nos primeiros meses da tua ausencia amarguei sem consolo a minha grande desdita. Foi quando surgiu aqui um velhinho respeitável, chamado Ananias, que me deu a conhecer as luzes sagradas da nova revelação. Conheci a historia do Cristo, o Filho de Deus Vivo; devorei o seu Evangelho de redenção, edifiquei-me nos seus exemplos. Desde essa hora, comprehendi-te melhor, comprehendo a minha propria situação.

Súbito acesso de tósse cortou-lhe a narrativa.

As palavras da noiva caiam-lhe no coração como gôtas de fél. Nunca experimentara dôr moral tão aguda. Constatando a sinceridade natural, o carinho doce das quelas confissões, sentia-se pungido de acerbos remorsos. Como pudera abandonar, assim, a escolhida de sua alma, olvidando-lhe a fidelidade e o amor? Onde encontrara tamanha dureza de espírito para esquecer deveres

tão sagrados? Agora, vinha encontra-la exanime, desiludida de realizar na Terra os sonhos da juventude. Além de tudo, o carpinteiro odiado parecia tomar-lhe o lugar no coração da noiva adorada. Naquele momento, não experimentava apenas o desejo de lhe arrazar a doutrina e os adéptos, mas sentia ciúmes dele na alma caprichosa. De que poderes podia dispôr o nazareno obscuro e martirizado na cruz, para conquistar os sentimentos mais puros da noiva carinhosa?

— Abigail — disse comovido — abandona as idéias tristes que poderiam envenenar os sonhos de nossa mocidade. Não te entregues a ilusões. Renovemos nossas esperanças. Breve estarás restabelecida. Sei que me perdoaste a morte de teu irmão, e minha família te receberá em Tarso com júbilos sinceros! Seremos felizes, muito felizes!...

Seus olhos pareciam pairar numa região de sonhos deliciosos, procurando reavivar no coração amado os seus projetos de felicidade terrena.

Ela, porém, misturando sorrisos e lágrimas acrescentava:

— Francamente, querido, eu também desejaria reviver!... Ser tua, entretecer teus sonhos de juventude, inventar estrelas para o céu da tua existência; tudo isso constitui meu ideal de mulher!... Ah! se pudesse, buscarias os teus parentes com amor, haveria de conquista-los para o meu coração, ao prego de um grande afeto; mas, pressinto que os planos de Deus são diferentes, no que concerne aos nossos destinos. Jesus chamou-me para a sua família espiritual...

— Ai de mim! — exclamou Saulo cortando-lhe a palavra — em toda parte, tópico expressões do carpinteiro de Nazaré! Que flagelo! Não repitas semelhante cousa. Deus não seria justo se te sequestrasse ao meu afeto. Quem poderia, então, como esse Cristo, interpôr-se aos nossos votos?

Mas Abigail fixou-o com um gesto súplice e falou: — Saulo, de que nos valeria a desesperação? Não será melhor inclinarmo-nos com paciência aos sagrados designios? Não alimentemos dúvidas prejudiciais. Este

leito é de meditação e de morte. O sangue, várias vezes, já me golpou prenunciando o fim. Mas nós cremos em Deus e sabemos que esse fim é apenas corporal. Nossa alma não morrerá, amar-nos-emos eternamente...

— Não concordo — respondia ele extremamente aflito — essas presunções são fruto de ensinamentos absurdos, quais os desse fanático nazareno que morreu na cruz, entre a humilhação e a covardia. Nunca assim foste, melancólica e desalentada; sómente os sortilégiros galileus podiam convencer-te de tais absurdos funestos. Mas, procura raciocinar por ti mesma! Que te deu o crucificado senão tristeza e desolação?

— Enganas-te, Saulo! Não me sinto desanimada, embora convicta da impossibilidade de minha ventura terrena. Jesus não foi um mestre vulgar de sortilégiros, foi o Messias dispensador de consolação e vida. Sua influência renovou-me as forças, saturou-me de bom ânimo e verdadeira compreensão dos designios supremos. Seu Evangelho de perdão e amor é o tesouro divino dos sofredores e desherdados do mundo.

O jovem não conseguia dissimular a irritação que lhe vagava na alma.

— Sempre o mesmo refrão — disse confuso — invariavelmente, a afirmativa de ter vindo para os infelizes, para os doentes e infortunados. Mas, as tribus de Israél não se compõem apenas de criaturas dessa espécie. E os homens valorosos do povo escolhido? E as famílias de tradições respeitáveis? Estariam fóra da influência do Salvador?

— Tenho lido os ensinamentos de Jesus — respondeu a moça com firmeza — suponho compreender as tuas objeções. O Cristo, cumprindo a sagrada palavra dos profetas, revela-nos que a vida é um conjunto de nobres preocupações da alma, a-fim-de que marchemos para Deus pelos caminhos retos. Não podemos conceber o Criador como juiz ocioso e isolado, senão como Pai desvelado no benefício de seus filhos. Os homens valorosos a que te referes, os fôrros de enfermidades e sofrimentos, na posse das bênçãos reais de Deus, deviam ser filhos laboriosos, preocupados com o rendi-

mento da tarefa que foram chamados a cumprir, a pról da felicidade de seus irmãos. Mas, no mundo, temos contra nossas tendencias superiores o inimigo que se instala em nosso proprio coração. O egoísmo ataca a saúde, o ciúme prejudica o mandato divino, como a ferrugem e a traça que inutilizam nossas vestes e instrumentos, quando nos descuidamos. São poucos os que se recordam da proteção divina, nos dias alegres da fartura, como raríssimos os que trabalham á revelia do aguilhão. Isso demonstra que o Cristo é um roteiro para todos, constituindo-se em consôlo para os que choram e orientação para as almas criteriosas, chamadas por Deus a contribuir nas santas preocupações do bem.

Saulo estava impressionado com aquela clareza de raciocínio. Mas a conversação exigira da enferma maior esforço e consequente fadiga. A respiração tornara-se difícil e, não tardou que o sangue lhe borbotasse do peito em prolongada hemoptise. Aquele sofrimento, adornado de ternura e humildade, comovia e exasperava profundamente o noivo. Compreendeu que seria impiedoso atacar, perante a noiva, aquele Jesus que lhe cumpria perseguir até o fim. Não queria crer que a sua Abigail estivesse nas vésperas da morte. Preferia encarar o futuro com otimismo. Restabelecida, fa-la-ia voltar aos seus antigos pontos de vista. Não toleraria a intromissão do Cristo no santuário doméstico. No esforço introspectivo, entretanto, concluiu que precisava dar uma trégua aos seus pensamentos antagónicos, para cogitar dos problemas essenciais da sua propria tranquilidade. A jovem enferma, após a crise que durara minutos longos e tristes, tinha os grandes olhos serenos e lúcidos. Contemplando-a naquela doce atitude de suprema resignação, Saulo de Tarso experimentou enternecedoras comoções íntimas. Seu temperamento arrebatado entregava-se facilmente ás impressões extremadas. Aproximando-se mais da noiva amada, tinha os olhos húmidos. Desejou acaricia-la como se o fizesse a uma criança.

— Abigail — murmurou ternamente — não falemos mais de idéias religiosas. Perdoa-me! Recordemos

nosso porvir de flores, esqueçamos tudo para consolidar as melhores esperanças.

E as palavras lhe borbulhavam ardentes de emoção. O carinho que evidenciavam era sintoma do arrependimento e das aspirações nobres e sinceras que lhe trabalhavam, agora, no espírito angustiado. Entretanto, como se fôra presa de singular abatimento depois do esforço dispendido, a jovem de Corinto estava lânguida receando prosseguir no colóquio, em virtude dos acéssos de tósse que a ameaçavam frequentemente. O noivo, preocupado, comprehendeu a situação e apertando-lhe as mãos transparentes, beijou-as enternecido.

— Precisas repousar — disse com inflexão carinhosa — não te preocipes por minha causa. Dar-te-ei de minhas forças proprias. Breve estarás restabelecida.

E depois de envolvê-la num olhar cheio de gratidão e infinda ternura, rematava:

— Voltarei a ver-te todas as noites que possa afastar-me de Jerusalém, e logo que puderemos voltaremos a ver o luar, lá no jardim, para que a natureza abençoe os nossos sonhos, sob as vistas de Deus.

— Sim, Saulo — disse pausadamente — Jesus nos concederá o melhor. De qualquer modo, no entanto, estarás no meu coração, sempre, sempre...

O doutor da lei ia despedir-se, mas refletiu que a noiva nada lhe dissera com referência ao irmão. A generosidade daquele silêncio impressionava-o. Preferia ser acusado, discutir o feito com as suas penosas circunstâncias, para que também se justificasse. Mas, em vez de reprimendas, encontrava carícias, em vez de exprobrações uma tranquilidade generosa, que sabia ocultar as profundas feridas que ele lhe causara.

— Abigail — exclamou algo hesitante — antes de partir, quisera saber francamente se me desculpastes pela morte de Estêvão. Nunca mais pude falar-te das contingências que me levaram a tão triste desfecho; no entanto, estou convicto de que tua bondade ovidou minha falta.

— Porque te recordas disso? — respondeu-lhe esforçando-se por manter a voz firme e clara. — Mi-

nh'alma está agora tranquila. Jeziél está com o Cristo e morreu legando-te um pensamento amistoso. Que poderia eu reclamar de minha parte, se Deus tem sido tão misericordioso para comigo? Ainda agora, estou agradecendo ao Pai justo, de todo o coração, a dádiva da tua presença nesta casa. Ha muito vinha pedindo ao céu não me deixasse morrer sem te rever e ouvir...

Saulo calculou a extensão daquela generosidade espontânea e teve os olhos húmidos. Despediu-se. A noite fresca estava repleta de sugestões para o seu espírito. Nunca meditara nos insondáveis designios do Eterno, como naquele momento em que recebera tão profundas lições de humildade e amor, da mulher amada. Experimentava na alma opressa o embate de duas fôrças antagonicas, que lutavam entre si para a posse do seu coração generoso e impulsivo.

Não comprehendia Deus senão como um senhor poderoso e inflexível. A' sua vontade soberana, dobrasse-iam todas as preocupações humanas. Mas começava a perquirir o motivo de suas dolorosas inquietudes. Porque não encontrava, em parte alguma, a paz ansiada ardenteamente? E todavia, aquela gente miserável do "Caminho" entregava-se ás algemas do cárcere, sorridente e tranquila. Homens enférmos e valetudinários, isentos de qualquer esperança do mundo, suportavam-lhe as perseguições com louvores no coração. O proprio Estêvão, cuja morte lhe servira de exemplo inesquecível, abençoara-o pelos sofrimentos recebidos por amor ao carpinteiro de Nazaré. Aquelas criaturas desamparadas gozavam de uma tranquilidade que ele desconhecia. O quadro da noiva doente não lhe saía dos olhos. Abigail era sensível e afetuosa, mas lembrava sua ansiedade feminina, a intensidade de suas preocupações de mulher, quando, eventualmente, não conseguia comparecer com pontualidade no adorável recanto da estrada de Joppe. Aquele Jesus desconhecido proporcionara-lhe fôrças ao coração. Se era inconteste que a enfermidade lhe extinguia a vida aos poucos, também evidente era o rejuvenescimento das suas energias espirituais. A noiva falara-lhe como que tocada de novas inspirações;

aqueles olhos pareciam contemplar interiormente a paisagem de outros mundos.

Essas reflexões não lhe deram ensejo a admiração da natureza. Reentrando em Jerusalém, guardou a impressão de quem despertava de um sonho. A' sua frente desenhavam-se as linhas majestosas do grande santuário. O orgulho de raça falava-lhe mais forte ao espírito. Era impossível conferir superioridade aos homens do "Caminho". Bastou a visão do Templo para que encontrasse em si mesmo os esclarecimentos que desejava. A seu ver, a serenidade dos discípulos do Cristo provinha, naturalmente, da ignorância que lhes era apanágio. Geralmente, os que se afeiçoavam aos galileus, eram apenas criaturas que o mundo desclassificara pela decadência física, pela educação falha, pelo supremo abandono. O homem de responsabilidade, por certo, não poderia encontrar a paz a preço tão vil. Figurara-se-lhe haver resolvido o problema. Continuaria a luta. Contava com o breve restabelecimento da noiva, logo que possível desposaria Abigail e, com facilidade, dissuadira-a dos fantasiosos quão perigosos engodos daqueles ensinamentos condenados. Do âmbito do seu lar feliz, prosseguiria na perseguição de quantos esquecessem a Lei, trocando-a por outros princípios.

Esses raciocínios lhe acalmaram, de certo modo, as inquietações.

Mas, no dia seguinte, manhã alta, um mensageiro de Zacarias golpeava-lhe a alma com uma notícia grave: Abigail piorara, estava agonizante!

Incontinenti, tomou o caminho de Joppe, ansioso de arrebatara a bem amada ao perigo iminente.

Ruth e o marido estavam desolados. Desde a madrugada, a enferma cairia em penosa prostração. Os vomitos de sangue sucediam-se, ininterruptos. Dir-se-ia que só esperava a visita do noivo para morrer. Saulo escutou-os, lívido de câra. Mudo, dirigiu-se para o quarto, onde o ar fresco penetrava embalsamado, trazendo a mensagem das flores do pomar e do jardim, que pareciam enviar despedidas ás mãos delicadas e carinhosas que lhes haviam dado a vida.

Abigail recebeu-o com um raio de infinita alegria nos olhos translúcidos. O tom de marfim do semblante abatido, acentuara-se rapidamente. O peito arfava-lhe precipite, o coração batia sem ritmo. Sua expressão geral evidenciava a derradeira agonia. Saulo aproximou-se angustiado. Pela primeira vez na vida, sentia-se tremulo diante do irremediável. Aquele olhar, aquela palidez de mármore, aquela aflição tocada de angústia, anunciam-lhe o desenlace. Depois de inquiri-la, quanto à razão daquele abatimento inesperado, tomou-lhe as mãos flácidas, banhadas do suor frio dos moribundos

— Como foi isso, Abigail? — dizia perturbado — ainda ontem, deixei-te tão esperançado... Pedi sinceramente a Deus te curasse para mim!...

Extremamente sensibilizados, Zacarias e sua mulher afastaram-se.

Vendo que a noiva tinha imensa dificuldade em expôr as últimas idéias, Saulo ajoelhou-se a seu lado, cobriu-lhe as mãos de beijos ardentes. A agonia dolorosa parecia-lhe o sofrimento injustificável, que o céu houvera enviado a um anjo. Ele que trazia o espírito ressecado pela hermeneutica das leis humanas, sentiu que chorava intensamente pela primeira vez. Lendo-lhe a sensibilidade através das lágrimas que lhe desciam silenciosamente dos olhos, Abigail esboçou um gesto de carinho com dificuldade infinita. Conhecia Saulo e comprovava-lhe a rigidez do caráter. Aquele pranto revelava o calvário íntimo do bem-amado, mas demonstrava, igualmente, o alvorecer de uma vida nova para o seu espírito.

— Não chores, Saulo — murmurou dificilmente — a morte não é o fim de tudo...

— Quero-te comigo em toda a vida — replicou o rapaz desfeito em lágrimas.

— E contudo, é preciso morrer para vivermos verdadeiramente — acrescentava a moribunda, cortando as palavras com a respiração opressa. — Jesus nos ensinou que a semente caindo na terra fica só, mas se morrer dá muitos frutos!... Não te rebeles contra os designios supremos que me arrebatam do teu convívio material!

Se nos uníssemos pelo matrimonio talvez tivessemos muitas alegrias; teríamos um lar com os nossos filhos; mas, destruindo nossas esperanças de uma felicidade passageira na Terra, Deus nos multiplica os sonhos generosos... Enquanto esperarmos a união indissolúvel, auxiliar-te-ei de onde estiver e te consagrará ao Eterno, em esforços sublimes e redentores...

Via-se que a agonizante movimentava recursos supremos para pronunciar as derradeiras palavras.

— Quem te deu semelhantes idéias? — perguntou o jovem ralado de angústia.

— Esta noite, depois que partiste, senti que alguém se aproximava enchendo o quarto de luz... Era Jeziél que vinha ver-me... Ao avista-lo, lembrei-me de Jesus no inefável mistério da sua ressurreição. Anunciou-me que Deus santificava os nossos propósitos de ventura, mas que seria levada ainda hoje à vida espiritual. Ensinou-me a quebrar o egoísmo de minh'alma, encheu-me de bom ânimo e trouxe-me a grata nova de que Jesus ama-te muito, tem esperanças em ti!... Refleti, então, que seria útil entregar-me jubilosa ás mãos da morte, pois, quem sabe, se ficasse no mundo não iria perturbar a missão que o Salvador te destinou... Jeziél afirmou que nós te ajudaremos de um plano mais alto! Porque, então, deixarei de ser tua companheira?... Seguirei teus passos no caminho, levar-te-ei onde se encontrem nossos irmãos do mundo, em abandono, auxiliarei teus raciocínios a descobrir sempre a verdade!... Ainda não aceitaste o Evangelho, mas Jesus é bom e terá algum meio de nos unir os pensamentos na verdadeira compreensão!...

O esforço da moribunda havia sido imenso. A voz extinguira-se-lhe na garganta. De seus olhos, profundamente lúcidos, as lágrimas corriam abundantes.

— Abigail! Abigail! — gritava Saulo desesperado.

Mas, após longos minutos de angustiosa ansiedade, ela dizia num arranco supremo:

— Jeziél já veiu... buscar-me...

Instintivamente, Saulo comprehendeu que era chegado o momento fatal. Em vão chamou pela moribunda,

cujos olhos se empanavam; debalde lhe beijou as mãos geladas, agora cobertas de um palor de neve translúcida. Como louco, gritou por Zacarias e Ruth. Esta, soluçante, desfeita em pranto, abraçou-se a Abigail que, desde a morte do filho, resumia todo o seu tesouro maternal.

A agonizante fixou o olhar, respectivamente em cada um, como a evidenciar amoroso agradecimento. Depois... uma só lágrima silenciosa foi o seu último adeus.

Do jardim próximo chegavam perfumes brandos; o céu crepuscular tonalizava-se de nuvens aurifulgentes, enquanto os passaros em recolhida cruzavam os ares alegramente...

Pesada amargura abatera-se sobre a mansão da estrada de Joppe. Alara-se ao céu a filha dileta, a noiva amada, a amiga carinhosa das flores e dos passarinhos.

Saulo de Tarso ali se deixou ficar mudo, estarrecido, enquanto Ruth, lavada em lágrimas, cobria de rosas a morta adorada, que parecia dormir.

X

NO CAMINHO DE DAMASCO

Durante três dias, Saulo deixou-se ficar em companhia dos amigos generosos, recordando a noiva inesquecível. Profundamente abatido, procurava remédio às máguas íntimas, na contemplação da paisagem que Abigail tanto amara. Como triste consôlo ao coração desesperado, buscava inteirar-se das preocupações da morta nos ultimos tempos e, de olhos húmidos, ouvia as referencias carinhosas de Ruth a tudo que se relacionava com a morta querida. Acusava a si proprio de não haver chegado mais cédo para arrebata-la á enfermidade dolorosa. Pensamentos amargos o atormentavam, tomado de angustioso arrependimento. Afinal, com a rigidez das suas paixões, aniquilara todas as possibilidades de ventura. Com o rigorismo da sua perseguição implacavel, Estêvão encontrara o suplício terrivel; com o orgulho inflexivel do coração, atirara com a noiva ao antro indevassável do túmulo. Entretanto, não podia esquecer que devia todas as coincidencias penosas áquele Cristo crucificado, que não pudera compreender. Porque topava, em tudo, traços do carpinteiro humilde de Nazaré, que seu espirito voluntarioso detestava? Desde a primeira controvérsia na igreja do "Caminho", nunca mais conseguira passar um dia sem contra-lo na fisionomia de algum transeunte, na admoestaçao dos amigos, na documentação oficial das suas diligencias punitivas, na bôca dos miserios prisioneiros. Estêvão expirara falando

nele com amor e júbilo; Abigail nos ultimos instantes consolava-se em recorda-lo e o exortava a segui-lo. Por todo esse acervo de considerações que se lhe represavam na mente exausta, Saulo de Tarso galvanizara o ódio pessoal ao Messias escarnecido. Agora que se encontrava só, inteiramente liberto de preocupações particulares, de natureza afetiva, buscaria concentrar esforços na punição e corretivo de quantos encontrasse transviados da Lei. Julgando-se prejudicado pela difusão do Evangelho, renovaria os processos da perseguição infamante. Sem outras esperanças, sem novos ideais, já que lhe faltavam os fundamentos para constituir um lar, entregar-se-ia de corpo e alma á defesa da Lei de Moisés, preservando a fé e a tranquilidade dos compatriotas.

Na véspera do seu regresso á Jerusalém, vamos encontrar o jovem doutor em conversa particular com Zacarias, que procurava ouví-lo atentamente.

— A-final-de contas — exclamava Saulo sombriamente preocupado — quem será esse velho que conseguiu fascinar Abigail, a ponto de abraçar as doutrinas estranhas do Nazareno?

— Ora — replicava o outro sem maior interesse — é um desses miseraveis eremitas que se entregam comumente a longas meditações no deserto. Zelando o patrimônio espiritual da pupila que Deus me confiou, indaguei da sua origem e das atividades de sua vida, chegando a saber que se trata de um homem honesto, a-pesar-de extremamente pobre.

— Seja como fôr — objetava o rapaz com austeridade — ainda não pude compreender os motivos da tua tolerancia. Como não te insurgiste contra o inovador? Tenho a impressão de que as idéias tristes e absurdas dos adéptos do "Caminho" contribuíram, de modo decisivo, para a moléstia que vitimou a nossa pobre Abigail.

— Ponderei tudo isso, mas a atitude mental da querida morta revestiu-se de imensa consolação, depois do contacto com esse anacoreta honesto e humilde. Ananias tratou-a sempre com profundo respeito, aten-

deu-a sempre alegre, não exigiu qualquer recompensa e assim procedeu com os proprios empregados, revelando uma bondade sem limites. Seria, então, lícito impugnar, desprezar benefícios? E' verdade que, na esfera de minha compreensão não poderei aceitar outras idéias além das que nos foram ensinadas por nossos avós, respeitaveis e generosos; mas não me julguei com o direito de subtrair aos outros o objeto de suas consolações mais preciosas. Tua ausencia, ao demais, colocou-me em situação dificil. Abigail fizera da tua pessoa o centro de todos os seus interesses afetivos. Sem compreender as razões que te levaram a desaparecer de nossa casa, compadeci-me da sua amargura íntima, a traduzir-se em tristeza inalteravel. A pobreza não conseguia ocultar suas máguas aos nossos olhos amorosos. O encontro de um remédio era providencial. Desde a intervenção de Ananias, Abigail transformou-se, parecia converter toda angústia em esperanças de uma vida melhor. Embora doente, recebia os mendigos que lhe vinham falar desse Jesus que, tambem eu, não consigo compreender. Eram amigos da vizinhança, gente simples, com quem ela parecia alegrar-se. Observando o mal irremediavel que a consumia, eu e Ruth acompanhavamos tudo isso enternecidamente. Como não proceder assim, se estava em jôgo a paz espiritual de uma filha dileta, nos derradeiros dias da sua vida? E' possível que ainda não consigas entender o sentido da minha conduta, neste particular, mas em sã consciencia estou justificado, porquanto sei que cumprí meu dever, não lhe embargando os recursos que julgou necessários á sua consolação.

Saulo ouvia-o admirado. A serenidade e a ponderação de Zacarias infirmavam-lhe os estôs mais fortes de reprimenda e severidade. As acusações veladas ao seu afastamento da noiva, sem motivo justificado, penetravam-lhe o coração com pruridos de remorso pungente.

— Sim — revidou menos áspero — reconsidero melhor as razões que te induziram a suportar tudo isso, mas, não quero, não posso e não devo exonerar-me do compromisso que assumi em desafronta da Lei.

— Mas, a que compromisso te referes? — interroga Zacarias surpreendido.

— Quero dizer que preciso encontrar Ananias, a-fim-de castigá-lo devidamente.

— Que é isso, Saulo? — objetou Zacarias penosamente impressionado. — Abigail acaba de baixar ao sepulcro; seu espírito, de compleição sensibilíssima e afetuoso, sofreu profundamente por motivos que ignoramos e que talvez conheças; o conforto unico que ela encontrou foi, justamente, a amizade paternal desse velhinho bom e honesto; e queres puni-lo pelo bem que nos fez e á criatura inesquecível?

— Mas é a defesa da Lei de Moisés que está em jôgo — respondeu o moço tarsense com firmeza.

— Entretanto — advertiu sensatamente Zacarias — revistando os textos sagrados, não encontrei qualquer dispositivo que autorize a castigar os benfeiteiros.

O doutor da lei esboçou um gesto de contrariedade em face da observação justa, mas, valendo-se da sua hermeneutica, considerou com sagacidade.

Mas uma cousa é estudar a Lei e outra é defender a Lei. Na tarefa superior em que me encontro, sou obrigado a examinar se o bem não oculta o mal que condenamos. Aí reside a nossa divergência. Tenho de punir os transviados, como necessitas podar as árvores da tua chacara.

Fez-se prolongado silêncio. Absortos em profunda meditação, separados mental e intimamente, foi Saulo quem retomou a palavra perguntando:

— Desde quando Ananias se ausentou destas paragens?

— Ha mais de dois meses.

— E chegaste a conhecer o rumo que tomou?

— Abigail disse-me que ele fôra chamado a Jerusalém, a-fim-de confortar os doentes dos bairros pobres, dada a situação difícil que por lá se criara com a perseguição.

— Pois a sua ação será igualmente jugulada pelas forças da nossa vigilância. Regressando á cidade, amanhã, como pretendo, procurarei localizar-lhe o paradeiro.

Ananias não dementará outras cabeças, nem chegou a pensar na reação que provocou em minhalma, embora não nos conheçamos pessoalmente.

Zacarias não conseguiu dissimular o seu desgôsto e sentenciou:

— Na simplicidade da minha vida rural não posso atinar com a razão das lutas religiosas de Jerusalém; mas, enfim, trata-se de problema inerente aos teus misteres profissionais e não devo intrometer-me nas providências que mais convenham.

Saulo deixou-se ficar longo tempo pensativo, para, em seguida, imprimir novos rumos á conversação.

No dia seguinte, muito consternado, regressou á cidade, ansioso por encher o vácuo do coração, perdido no labirinto das horas vagas. A ninguém revelou a grande amargura que lhe ia na alma. Fechando-se em mutismo absoluto, retomou as funções religiosas, de semblante carregado.

Ao sol claro da manhã alta, vamos encontra-lo no Sinhédrio, interrogando um auxiliar de serviço, com vivacidade:

— Isaac, cumpriste minhas ordens para os informes desejados?

— Sim, senhor, encontrei entre os prisioneiros um rapaz que conhece o velho Ananias.

— Muito bem — disse o doutor de Tarso evidentemente satisfeito — e onde mora o tal Ananias?

— Ah! lá isso ele não quis dizer, a-pesar-do muito que insisti. Alegou que não sabia.

— Entretanto, é possível que esteja mentindo — ajuntou Saulo com ironia. — Esses homens são capazes de tudo. Providência já para que ele aqui compareça quanto antes. Saberei como arrancar-lhe a verdade.

Como quem já lhe conhecia as decisões irrevogáveis, Isaac obedeceu com humildade. Daí a uma hora mais ou menos, dois soldados penetravam no gabinete, acompanhando um rapaz de fisionomia miserável. Sem trair qualquer comoção, Saulo de Tarso mandou que se recolhessem á sala de punições, onde iria ter com o prisioneiro dentro de alguns minutos.

Terminada a escrituração de alguns papiros, dirigiu-se, resoluto, ao salão dos castigos. Alinhavam-se, ali, todos os instrumentos odiosos e execraveis das perseguições político-religiosas, que envenenavam Jerusalém nos embates da época.

Depois de sentar-se enfaticamente, o moço de Tarso inquiriu o mísero encarcerado com aspereza:

— Teu nome?

— Matatias Johanan.

— Conheces o velho Ananias, prégador ambulante da igreja do "Caminho"?

— Sim, senhor.

— Desde quando?

— Conheci-o nas vésperas de minha prisão, que se verificou ha um mês.

— E onde reside esse adépto do carpinteiro?

— Isso não sei — exclamou o interpelado em voz tímida. — Quando o conheci, morava num bairro pobre de Jerusalém, onde ensinava o Evangelho. Mas Ananias não tinha pouso certo. Veio de Joppe estacionando em diversas aldeias, onde pregava as verdades de Jesus Cristo. Aqui, vivia de bairro em bairro, no seu piedoso mistér.

O moço tarsense não prestou atenção naquela atitude de profunda humildade e franzindo o sobrolho acrescentou ironicamente:

— Achas que podes mentir a um doutor da Lei?

— Senhor, eu juro... — dizia o jovem ansiosamente.

Saulo não se dignou fixar-lhe o gesto suplicante. Dirigindo-se a um dos guardas, exclamou impassível:

— Julio, não temos tempo a perder. Necessito da informação necessária. Aplica-lhe o tormento das unhas. Acredito que, por esse processo, não se animará a prosseguir na dissimulação da verdade.

A ordem foi logo cumprida. Aguçadas pontas de ferro foram tiradas de um grande armário cheio de pó. Em poucos instantes, Julio e o companheiro, depois de amarrarem o pobre rapaz num tronco rústico, aplicavam-lhe os instrumentos ponteagudos na ponta dos dedos,

provocando-lhe gritos lancinantes. O jovem prisioneiro clamava, em vão, suas dores atrozes. Os verdugos ouviam-no com indiferença. Quando o sangue começou a gotejar da unha arrancada violentamente, a vítima bradou em altas vozes:

— Por piedade!... Confessarei tudo, direi onde ele está!... Tende compaixão de mim!...

Saulo ordenou sustassem a punição por momentos, a-fim-de ouvir as novas declarações.

— Senhor! — acrescentou o infeliz entre lágrimas

— Ananias não se encontra mais em Jerusalém. Em nossa ultima reunião, três dias antes de cairmos no cárcere, o velho discípulo do Evangelho se despediu afirmando que ia fixar-se em Damasco.

Aquela voz lamentosa era um éco de profundas amarguras a se represarem num coração moço, mas repleto de penosas desilusões da vida. Saulo, entretanto, parecia não ter olhos de ver sofrimentos tão comovedores.

— E' tudo quanto sabes? — perguntou secamente.

— Juro-o — tornou o rapaz humildemente.

Diante daquela afirmação categorica, transparente no olhar sincero e na inflexão da voz comovente e triste, o doutor da lei deu-se por satisfeito mandando recolher o prisioneiro ao calabouço.

Daí a dois dias, o moço tarsense convocava uma reunião no Sinhédrio, á qual atribuia singular importância. Os colégas acorreram ao chamado, sem exceção. Abertos os trabalhos, o doutor de Tarso esclareceu o motivo da convocação.

— Amigos, declarou ciosamente — ha tempos nos reunimos para examinar o caráter da luta religiosa que se criara em Jerusalém com as atividades dos asseclas do carpinteiro de Nazaré. Felizmente, nossa intervenção chegou a tempo de evitar grandes males, dada a argúcia dos falsos taumaturgos exportados da Galiléia. A' custa de grandes esforços a atmosfera desanuviou-se. E' verdade que os cárceres da cidade transbordam, mas a medida justifica-se, porquanto, é indispensável reprimir o instinto revolucionario das massas ignorantes. A cha-

mada igreja do "Caminho" restringiu suas atividades a assistencia aos enférmos desamparados. Nossos bairros mais humildes estão em paz. Voltou a serenidade aos nossos afazeres no Templo. Entretanto, não se pode afirmar o mesmo quanto ás cidades vizinhas. Minhas consultas ás autoridades religiosas de Joppe e Cesaréia dão a conhecer os distúrbios que os adéptos do Cristo vêm provocando, acintosamente, com prejuizo sério para a ordem pública. Não somente nesses nucleos precisamos desenvolver a obra saneadora, mas, ainda agora, chegam-me notícias alarmantes de Damásco, a requererem providencias imediatas. Localizam-se ali perigosos elementos. Um velho chamado Ananias, lá está perturbando a vida de quantos necessitam de paz nas sinagogas. Não é justo que o mais alto tribunal da raça se desinteresse das coletividades israelitas noutros setores Proponho, então, estendermos o benefício dessa campanha a outras cidades. Para esse fim, ofereço todos meus préstimos pessoais, sem onus para a casa a que servimos. Bastar-me-á, tão só, o necessário documento de habilitação, a-fim-de acionar todos os recursos que me pareçam acertados, inclusive o da propria pena de morte, quando a julgue necessaria e oportuna.

A proposta de Saulo foi recebida com demonstrações de simpatia. Houve mesmo quem chegasse a propor um voto especial de louvor ao seu zélo vigilante, com aplausos unanimes da reduzida assembléia. Faltava ao cenáculo a ponderação de um Gamaliél e o sumo-sacerdote, compelido pela aprovação geral, não hesitou em conceder as cartas indispensaveis, com ampla autorização para agir discricionariamente. Os presentes abraçaram o jóvem rabino com muitos encomios ao seu espírito arguto e energico. Francamente, aquela mentalidade moça e vigorosa constituia auspicioso penhor de um futuro maior, com a emancipação política de Israél. Alvo das referencias lisonjeiras e estimuladoras dos amigos, Saulo de Tarso aguçava o orgulho de sua raça, esperançoso nos dias do porvir. Verdade é que sofria amargamente com a derrocada dos sonhos da juventude, mas

empregaria a soledade da existencia nas lutas que repudava sagradas, ao serviço de Deus.

De posse das cartas de habilitação para agir convenientemente, em cooperação com as sinagogas de Damasco, aceitou a companhia de três varões respeitaveis, que se ofereceram a acompanhá-lo na qualidade de servidores muito amigos.

Ao fim de três dias, a pequena caravana se deslocou de Jerusalém para a extensa planície da Síria.

Na véspera da chegada, quase a termo da viagem difícil e penosa, o moço tarsense sentia agravarem-se as recordações amargas que lhe assomavam constantes. Fôrgas secretas impunham-lhe profundas interrogações. Passava em revista os primeiros sonhos da juventude. Sua alma desdobrava-se em perguntas atrozes. Desde a adolescencia que encarecia a paz interior; tinha sede de estabilidade para realizar a sua carreira. Onde encontrar aquela serenidade, que, tão cêdo, fôra objeto das suas cogitações mais intimas? Os mestres de Israél preconizavam, para isso, a observancia integral da Lei. Mais que tudo, havia ele guardado os seus princípios. Desde os impulsos iniciais da juventude, abominava o pecado. Consagrara-se ao ideal de servir a Deus com todas as suas fôrças. Não hesitara na execução de tudo o que considerava dever, ante as ações mais violentas e rudes. Se era incontestável que tinha inumeros admiradores e amigos, tinha igualmente poderosos adversários, graças ao seu carater inflexivel no cumprimento das obrigações que considerava sagradas. Onde, então, a paz espiritual que tanto almejava nos esfôrços comuns? Por mais energias que despendesse, via-se como um laboratorio de inquietações dolorosas e profundas. Sua vida assinalava-se por idéias poderosas, mas no seu íntimo lutava com antagonismos irreconciliaveis. As noções da Lei de Moisés pareciam não lhe bastar á sede devoradora. Os enigmas do destino empolgavam-lhe a mente. O mistério da dôr e dos destinos diferenciais criava-o de enigmas insolueis e sombrias interrogações. Entretanto, aqueles adéptos do carpinteiro crucificado ostentavam uma serenidade desconhecida! A alegação

de ignorancia dos problemas mais graves da vida, não prevalecia no caso, pois Estêvão era uma inteligencia poderosa e mostrara, ao morrer, uma paz impressionante, acompanhada de valores espirituais que infundiam assombro.

Por mais que os companheiros lhe chamassem a atenção para os primeiros quadros de Damasco, que se desenhavam ao longe, Saulo não conseguia forrar-se ao solilóquio sombrio. Parecia não ver os camelos resignados, que se arrastavam pesadamente soh o sol de brasas, a pino do meio dia. Embalde foi convidado á refeição. Detendo-se por minutos num pequeno oasis delicioso, esperou que terminasse o leve repasto dos companheiros e prosseguiu na marcha, absorvido pela intensidade dos pensamentos íntimos.

Ele proprio não saberia explicar o que se passava. Suas reminiscencias atingiam os períodos da primeira infancia. Todo o seu passado laborioso aclarava-se, nitidamente, naquele exame introspectivo. Dentre todas as figuras familiares, a lembrança de Estêvão e de Abigail destacava-se, como a solicita-lo para mais fortes interrogações. Porque haviam adquirido, os dois irmãos de Corinto, tal ascendencia em todos os problemas do seu égo? Porque esperava Abigail através de todas as estradas da mocidade que idealizara uma vida pura? Recordava os amigos mais eminentes e, em nenhum deles encontrou qualidades morais semelhantes ás daquele jovem prégador do "Caminho", que afrontara a sua autoridade político-religiosa, diante de Jerusalém em peso, desdenhando a humilhação e a morte, para morrer depois abençoando-lhe as resoluções iníquias e implacaveis. Que fôrça os unira nos labirintos do mundo, para que o seu coração nunca mais os esquecesse? A verdade dolorosa é que se encontrava sem paz interior, não obstante a conquista e gôzo de todas as prerrogativas e privilegios, entre os vultos mais destacados da sua raça. Enfileirava, no pensamento, as jovens que havia conhecido no transcurso da vida, as afeiçoadas da infancia e em nenhuma podia encontrar as mesmas características de Abigail, que lhe adivinhava os mais re-

conditos desejos. Atormentado pelas indagações profundas que lhe assoberbavam a mente, pareceu despertar de um grande pesadelo. Devia ser meio dia. Muito distante ainda, a paisagem de Damasco apresentava os seus contornos. Pomares espessos, cúpolas cintzentas que se esboçavam ao longe. Bem montado, evidenciando o aprumo de um homem habituado aos prazeres do esporte, Saulo ia á frente, em atitude dominadora.

Em dado instante, todavia, quando mal despertara das angustiosas cogitações, sentiu-se envolvido por luzes diferentes da tonalidade solar. Tem a impressão de que o ar se fende como uma cortina, sob pressão invisível e poderosa. Intimamente, considera-se presa de inesperada vertigem após o esfôrço mental, persistente e doloroso. Quer voltar-se, pedir o socorro dos companheiros, mas não os vê, a-pesar-da possibilidade de suplicar o auxilio.

— Jacó!... Demétrio!... Socorram-me!... — grita desesperadamente.

Mas a confusão dos sentidos lhe tira a noção de equilibrio e tomba do animal, ao desamparo, sôbre a areia ardente. A visão, no entanto, parece dilatar-se ao infinito. Outra luz lhe banha os olhos deslumbrados, e no caminho que a atmosfera rasgada lhe desvenda, vê surgir a figura de um homem de magestática beleza, dando-lhe a impressão de que descia do céu ao seu encontro. Sua túnica era feita de pontos luminosos, os cabelos tocavam nos ombros, á nazarena, os olhos magnéticos, imantados de simpatia e de amor, iluminando a fisionomia grave e terna, onde pairava uma divina tristeza.

O doutor de Tarso contemplava-o com espanto profundo:

— Saulo!... Saulo!... — falou o desconhecido com inflexão de voz inesquecivel — porque me persegues?

O moço tarsense não sabia que estava instinctivamente de joelhos. Sem poder definir o que se passava, comprimiu o coração numa atitude desesperada. Incoerível sentimento de veneração apossou-se inteiramente dele. Que significava aquilo? De quem o vulto divino

que entrevia no painél do firmamento aberto e cuja presença lhe inundava o coração precipite de emoções desconhecidas?

Enquanto os companheiros cercavam o jovem genuflexo, sem nada ouvir nem ver, não obstante haverem percebido, a princípio, uma grande luz no alto, Saulo interrogava em voz trêmula e receosa:

— Quem sois vós, Senhor?

Aureolado de uma luz balsamica e num tom de inconcebível doçura, o Senhor respondeu:

— Eu sou Jesus!...

Então viu-se o orgulhoso e inflexível doutor da Lei curvar-se para o sólo, em pranto convulsivo. Dir-se-ia que o apaixonado rabino de Jerusalém fôra ferido de morte, experimentando num momento a derrocada de todos os princípios que lhe conformaram o espírito e o nortearam, até então, na vida. Diante dos olhos tinha, agora, e assim, aquele Cristo magnanimo e incompreendido! Os pregadores do "Caminho" não estavam iludidos! A palavra de Estêvão era a verdade pura! A crença de Abigail era a senda real. Aquele era o Messias! A história maravilhosa da sua ressurreição não era um recurso lendário para fortificar as energias do povo. Sim, ele Saulo, via-o ali no esplendor de suas glórias divinas! E que amor deveria animar-lhe o coração cheio de augusta misericórdia, para vir encontrá-lo nas estradas desertas, a ele Saulo, que se arvorara em perseguidor implacável dos discípulos mais fiéis!... Na expressão de sinceridade da sua alma ardente, considerou tudo isso na fugacidade de um minuto. Experimentou invencível vergonha do seu passado cruel. Uma torrente de lágrimas impetuosas lavava-lhe o coração. Quis falar, penitenciar-se, clamar suas infindas desilusões, protestar fidelidade e dedicação ao Messias de Nazaré, mas a contrição sincera do espírito arrependido e dilacerado embargava-lhe a voz.

Foi quando notou que Jesus se aproximava e, contemplando-o carinhosamente, tocou-lhe os ombros com ternura, dizendo com inflexão paternal:

— Não recalcites contra os aguilhões!...

Saulo comprehendeu. Desde o primeiro encontro com Estêvão, fôrças profundas o compeliam a cada momento e em qualquer parte, á meditação dos novos ensinamentos. Cristo chamara-o por todos os meios e de todos os modos.

Sem que pudessem entender a grandeza divina daquele instante, os companheiros de viagem viram-no chorar mais copiosamente.

O moço de Tarso solujava. Ante a expressão doce e persuasiva do Messias Nazareno, considerava o tempo perdido em caminhos escabrosos e ingratos. Doravante necessitava reformar o patrimônio dos pensamentos mais íntimos; a visão de Jesus ressuscitado aos seus olhos mortais renovava-lhe integralmente as concepções religiosas. Certo, o Salvador apiedara-se do seu coração leal e sincero, consagrado ao serviço da Lei, e descreda da sua glória estendendo-lhe as mãos divinas. Ele, Saulo, era a ovelha perdida no resvaladouro das teorias escaldantes e destruidoras. Jesus era o Pastor amigo que se dignava fechar os olhos para os espinheiros ingratos, a-fim-de salva-lo carinhosamente. Num ápice, o jovem rabino considerou a extensão daquele gesto de amor. As lágrimas brotaram-lhe do coração amargurado, como a linfa pura de uma fonte desconhecida. Ali mesmo, no santuário augusto do espírito, fez o protesto de entregar-se a Jesus para sempre. Recordou, de súbito, as provações rígidas e dolorosas. A idéia de um lar morrera com Abigail. Sentia-se só e acabrunhado. Doravante, porém, entregar-se-ia ao Cristo, como simples escravo do seu amor. E tudo invidaria para provar-lhe que sabia compreender o seu sacrifício, amparando-o na senda escura das iniquidades humanas, naquele instante decisivo do seu destino. Banhado em pranto, como nunca lhe acontecera na vida, fez, ali mesmo, sob o olhar assombrado dos companheiros e ao calor escaldante do meio dia, a sua primeira profissão de fé:

— Senhor, que quereis que eu faça?

Aquela alma resoluta, mesmo no transe de uma capitulação incondicional, humilhada e ferida em seus princípios mais estimaveis, dava mostras de sua nobreza

e lealdade. Encontrando a revelação maior, em face do amor que Jesus lhe demonstrava solícito, Saulo de Tarso não escolhe tarefas para servi-lo, na renovação de seus esforços de homem. Entregando-se-lhe de alma e corpo, como se fôra ínfimo servo, interroga com humildade o que desejava o Mestre da sua cooperação.

Foi aí que Jesus, contemplando-o mais amorosamente e dando-lhe a entender a necessidade dos homens se harmonizarem no trabalho comum da edificação de todos, no amor universal, em seu nome, esclareceu genericamente:

— Levanta-te, Saulo! Entra na cidade e lá te será dito o que te convém fazer...

Então, o moço tarsense não mais percebeu o vulto amorável, guardando a impressão de estar mergulhado num mar de sombras. Prosternado, continuava chorando, causando piedade aos companheiros. Esfregou os olhos como se desejasse rasgar o véu que lhe obscurecia a vista, mas, só conseguia tactear no seio das trevas densas. Aos poucos, começou a perceber a presença dos amigos, que pareciam comentar a situação:

— A-final, Jacó — dizia um deles evidenciando grande preocupação — que faremos agora?

— Acho bom — respondia o interpelado — enviarmos Jonas a Damasco, requisitando providências imediatas.

— Mas, que se teria passado? — perguntava o velho respeitável que respondia por Jonas.

— Não sei bem — esclarecia Jacó impressionado — a princípio, notei intensa luz nos céus e, logo em seguida, ouvi que ele pedia socorro. Nem tive tempo de atender, porque, no mesmo instante ele caiu do animal, sem poder esperar qualquer recurso.

— O que me preocupa — ponderava Demétrio — é esse diálogo com as sombras. Com quem conversará ele? Se lhe escutamos a voz e não vemos ninguém, que se passará aqui, nesta hora, sem que possamos compreender?

— Mas não percebes que o chefe está em delírio? — objetou Jacó prudentemente — as grandes viagens,

com o sól causticante, costumam abater as organizações mais resistentes. Além disso, como vimos, desde a manhã, ele parece acarbrunhado e doente. Não se alimentou, enfraqueceu-se com o esforço destes dias tão longos, que vimos atravessando, desde Jerusalém, com grande sacrifício. A meu ver — concluia abanando a cabeça entristecido — trata-se de um desses casos das febres que atacam repentinamente no deserto...

O velho Jonas, no entanto, de olhos arregalados, fixava o rabino soluçante, com grande admiração. Depois de ouvir a opinião dos companheiros, falou, receoso, como se temesse ofender alguma entidade desconhecida:

— Tenho grande experiência destas marchas com o sól a pino. Gastei a mocidade conduzindo camelos através dos desertos da Arábia. Mas, nunca vi um doente, nesses lugares, com estas características — a febre dos que cãem extenuados no caminho não se manifesta com delírio e com lágrimas. O enfermo cai abatido, sem reações. Aqui, porém, observamos o patrão como se estivesse a conversar com um homem invisível para nós. Reluto em aceitar essa hipótese, mas estou desconfiado de que, em tudo isso, haja sinal dos sortilégiros do "Caminho". Os seguidores do carpinteiro sabem processos mágicos que estamos longe de compreender. Não ignoramos que o doutor se consagrou á tarefa de perseguí-los onde se encontrem. Quem sabe planejaram contra ele alguma vingança cruel? Ofereci-me para vir a Damasco, a-fim-de fugir dos meus parentes, que parecem seduzidos por essas doutrinas novas. Onde já se viu curar a cegueira de alguém com a simples imposição das mãos? Entretanto, meu irmão curou-se com o famoso Simão Pedro. Só a feitiçaria, a meu ver, esclarecerá essas cousas. Vendo tantos fatos misteriosos, em minha propria casa, tive medo de Satanaz e fugi.

Recolhido em si proprio, surpreendido no meio das trevas densas que o envolviam, Saulo escutou os comentários dos amigos, experimentando grande abatimento, como se voltasse exausto e cégo, de uma imensa derrota.

Limpando as lágrimas, chamou um deles com profunda humildade. Acudiram todos solicitamente.

— Que aconteceu? — perguntou Jacó preocupado e ansioso. — Estamos aflitos por vossa causa. Estais doente, senhor!... Providenciaremos o que julgardes necessário...

Saulo fez um gesto triste e acrescentou:

— Estou cego.

— Mas que foi? — perguntou o outro inquieto.

— Eu vi Jesus Nazareno! — disse contrito, inteiramente modificado.

Jonas fez um sinal significativo, como a afirmar aos companheiros que tinha razão, entreolhando-se todos muito admirados. Entenderam, de modo intuitivo, que o jovem rabino se havia perturbado. Jacó, que era pessoa da sua intimidade, tomou a iniciativa das primeiras providências e acentuou:

— Senhor, lamentamos vossa enfermidade. Precisamos resolver quanto ao destino da caravana.

O doutor de Tarso, entretanto, revelando uma humildade que jamais se coadunara com o seu feitio dominador, deixou cair uma lágrima e respondeu com profunda tristeza:

— Jacó, não te preocupes comigo... Relativamente ao que me cumpre fazer, preciso chegar a Damasco, sem demora. Quanto a vocês... — e a voz reticenciosa quebrantara-se dolorosamente, como premida de grande angústia, para concluir em tom amargo — façam como quiserem, pois, até agora, vocês eram meus servos, mas, de ora em diante eu também sou escravo, não mais me pertenço a mim mesmo.

Ante aquela voz humilde e triste, Jacó começou a chorar. Tinha plena convicção de que Saulo enlouquecera. Chamou os dois companheiros á parte e explicou:

— Vocês voltarão para Jerusalém com a triste nova, enquanto me dirijo á cidade proxima, com o doutor, a providenciar da melhor forma. Leva-lo-ei aos seus amigos e buscaremos o socorro de algum médico... Noto-o extremamente perturbado...

O jovem rabino cientificou-se das deliberações quase sem surpresa. Conformou-se passivamente com a resolução do servo. Naquela hora, submerso em trevas densas e profundas, tinha a imaginação repleta de conjecturas transcendentais. A cegueira súbita não o afligia. Do âmbito daquela escuridão que lhe enchia os olhos da carne, parecia emergir o vulto radioso de Jesus, aos seus olhos de Espírito. Era justo que cessassem as suas percepções visuais, a-fim-de conservar, para sempre, a lembrança do glorioso minuto de sua transformação para uma vida mais sublime.

Saulo recebeu as observações de Jacó, com a humildade de uma criança. Sem uma queixa, sem resistência, ouviu o trotar da caravana que regressava, enquanto o velho servidor lhe oferecia o braço amigo, tomado de infinitos receios.

Com o pranto a escorrer dos olhos inexpressivos, como perdidos nalguma visão indevassável no vacuo, o orgulhoso doutor de Tarso, guiado por Jacó, seguiu a pé, sob o sol ardente das primeiras horas da tarde.

Comovido pelas bençãos que recebera das esferas mais elevadas da vida, Saulo chorava como nunca. Estava cego e separado dos seus. Dolorosas angústias represavam-se-lhe no coração opresso. Mas a visão do Cristo redivivo, sua palavra inesquecível, sua expressão de amor lhe estavam presentes na alma transformada. Jesus era o Senhor, inacessível á morte. Ele orientaria os seus passos no caminho, dar-lhe-ia novas ordens, secaaria as chagas da vaidade e do orgulho que lhe corriam o coração; sobretudo, conceder-lhe-ia forças para reparar os erros dos seus dias de ilusão.

Impressionado e triste, Jacó guiava o chefe amigo, perguntando a si próprio a razão daquele pranto incessante e silencioso.

Envolvido na sombra da cegueira temporária, Saulo não percebeu que os mantos espessos do crepúsculo abraçavam a natureza. Nuvens escuras precipitavam a queda da noite, enquanto ventos sufocantes sopravam da imensa planície. Dificilmente, acompanhava as passadas de Jacó, que desejava apressar a marcha, re-

ceoso da chuva. Coração resoluto e enérgico, não reparava os obstáculos que se antepunham á sua jornada dolorosa. Faltava-lhe a visão, necessitava de um guia; mas Jesus recomendara que entrasse na cidade, onde lhe seria dito o que tinha a fazer. Era preciso obedecer ao Salvador que o honrara com as supremas revelações da vida. A passos indecisos, ferindo os pés em cada movimento inseguro, caminharia de qualquer modo para executar as ordens divinas. Era indispensável não observar as dificuldades, era imprescindível não esquecer os fins. Que importava o olhar em trevas, o regresso da caravana a Jerusalém, a penosa caminhada a pé em demanda de Damasco, a falsa suposição dos companheiros a respeito da inolvidável ocorrência, a perda dos títulos honoríficos, o repúdio dos sacerdotes seus amigos, a incompreensão do mundo inteiro, diante do fato culminante do seu destino?

Saulo de Tarso, com a profunda sinceridade que lhe caracterizava as mínimas ações, só queria saber que Deus havia mudado de resolução a seu respeito. Servilhe-ia fiel até o fim.

Quando as sombras crepusculares se faziam mais densas, dois homens desconhecidos entravam nos subúrbios da cidade. Embora a ventania afastasse as nuvens tempestuosas na direção do deserto, grossos pingos de chuva caiam, aqui e ali, sobre a poeira ardente das ruas. As janelas das casas residenciais fechavam-se com estreíto.

Damasco podia recordar o jovem tarsense, formoso e triunfador. Conhecia-o nas suas festas mais brilhantes, costumava aplaudí-lo nas sinagogas. Mas vendo passar na via pública aqueles dois homens cansados e tristes, jamais poderia identifica-lo naquele rapaz, que caminhava cambaleando, de olhos mortos...

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

I

RUMO AO DESERTO

— Aonde iremos, senhor? — atreveu-se Jacó a perguntar, timidamente, logo que entraram nas ruas tortuosas.

O moço tarsense pareceu refletir um minuto e acen-tuou:

— E' verdade que trago comigo algum dinheiro; entretanto, estou em situação muito difícil; sinto pre-cisar mais de assistencia moral que de repouso físico. Tenho necessidade de alguém que me ajude a compre-ender o que se passou. Sabes onde reside Sadoc?

— Sei — respondeu o servo compungido.

— Leva-me até lá... Depois de me avistar com al-gum amigo, pensarei numa estalagem.

Não se passou muito tempo e ei-los á porta de um edifício de singular e soberba aparencia. Muralhas bem delineadas cercavam extenso átrio adornado de flores e arbustos. Descansando junto ao portão de entrada, Saulo recomendou ao companheiro:

— Não convém que me aproxime assim, sem aviso. Jamais visitei Sadoc nestas condições. Entra no átrio, chama-o e conta-lhe o que se passou comigo. Esperarei aqui, mesmo porque não posso dar um passo.

O servo obedeceu prontamente. O banco de repouso distava alguns passos do largo portão de acesso, mas ficando só, ansioso de ouvir um amigo que o compreen-

desse, Saulo identificou o muro tacteando-o. Vacilante e trêmulo, arrastou-se dificilmente e atingiu a entrada, ali permanecendo.

Acudindo ao chamado, Sadoc procurou saber o motivo da visita inesperada. Jacó explicou com humildade, que vinha de Jerusalém, acompanhando o doutor da lei e desfiou os mínimos incidentes da viagem e os fins colimados; mas quando se referiu ao episódio principal, Sadoc arregalou os olhos estupefido. Custava-lhe acreditar no que ouvia, mas não podia duvidar da sinceridade do narrador, que, por sua vez, mal encobria o próprio assombro. O homem falou, então, do miserável estado do chefe, da cegueira, das lágrimas copiosas que vertia. Saulo a chorar?! O amigo de Damasco recebia as estranhas notícias com imensa surpresa, sintetizando as primeiras impressões numa resposta desconcertante para Jacó:

— O que me contas é quase inverosímil; entretanto, em tais circunstâncias, torna-se impossível acoche-los aqui. Desde ante-ontem tenho a casa cheia de amigos importantes, recém-chegados de Cittium para uma boa reunião na sinagoga, sábado próximo. Cá por mim, suponho que Saulo se perturbou, inesperadamente e não quero expô-lo a juizos e comentários menos dignos.

— Mas, senhor, que lhe direi? — interpôs Jacó hesitante.

— Diga que não estou em casa.

— Entretanto... encontro-me só com ele, assim perturbado e enférmo e, como vêdes, a noite é tempestuosa...

Sadoc refletiu um momento e acrescentou:

— Não será difícil remediar. Na próxima esquina vocês encontrarão a chamada "rua direita" e, depois de caminhar alguns passos encontrarão a estalagem de Judas, que tem sempre muitos cômodos disponíveis. Mais tarde, procurarei lá chegar para saber o que ocorreu.

Ouvindo palavras tais, que pareciam mais uma ordem que resposta a um apelo amigo, Jacó despediu-se surpreso e desanimado.

— Senhor — disse ao rabino, regressando ao portão de entrada — infelizmente vosso amigo Sadoc não se encontra em casa.

— Não está? — exclamou Saulo admirado — daí que lhe ouvi a voz, embora não distinguisse o que dizia. Será possível que meus ouvidos estejam igualmente perturbados?

Diante daquela observação tão expressiva e sincera, Jacó não conseguiu dissimular a verdade e contou ao rabino o acolhimento que tivera, a atitude reservada e fria de Sadoc.

Seguindo as pisadas do guia, Saulo tudo ouviu, mudo, enxugando uma lágrima. Não contava com semelhante recepção da parte de um colega que sempre considerara digno e leal, em todas as circunstâncias da vida. A surpresa chocava-o. Era natural que Sadoc temesse pela renovação de suas ideias, mas não era justo abandonasse um amigo doente, às intempéries da noite. No entanto, no rebojar de máguas que começavam a entumecer-lhe o coração, recordou repentinamente a visão de Jesus e refletiu que, efetivamente, possuía agora experiências que o outro não pudera conhecer, chegando à conclusão de que talvez fizesse o mesmo se os papéis estivessem invertidos.

Concluído o relato do companheiro, comentou resignado:

— Sadoc tem razão. Não ficava bem perturba-lo com a descrição do fato, quando tem à mesa amigos de responsabilidade na vida pública. Além disso, estou cego... Seria um estafermo e não um hóspede.

Essas considerações comoveram o companheiro, que, aliás, deixara perceber ao jovem rabino os próprios receios. Nas palavras de Jacó, Saulo entrevira uma vaga expressão de temores injustificáveis. O procedimento de Sadoc talvez lhe houvesse aumentado as desconfianças. Suas advertências eram reticenciosas, hesitantes. Parecia intimidado, como se antevisse ameaças a sua tranquilidade pessoal. Nos conceitos mais simples evidenciava o medo de ser acusado como portador de alguma expressão do "Caminho". Na sua amplitude de

senso psicológico, o moço tarsense tudo compreendia. Verdade que ele, Saulo, representava o chefe supremo da campanha demolidora, mas, de ora em diante, consagraria a vida a Jesus, assim comprometendo a quantos dele se aproximasse diretamente e ostensivamente. Sua transformação provocaria muitos protestos no ambiente farisáico. Pressentiu nas indecisões do guia o receio de ser acusado de algum sortilégio ou bruxedo.

Com efeito, depois de convenientemente instalados na modesta estalagem de Judas, o companheiro falou-lhe preocupado:

— Senhor, pesa-me alegar minhas conveniências, mas, consoante os projetos feitos, preciso regressar a Jerusalém, onde me esperam dois filhos, a-fim-de nos fixarmos em Cesareia.

— Perfeitamente — respondeu Saulo respeitando-lhe os escrúpulos — poderás partir ao amanhecer.

Aquela voz, antes agressiva e autoritária, tornava-se agora compassiva e meiga, tocando o coração do servo nas suas fibras mais sensíveis.

— Entretanto, senhor, estou hesitando — disse o velho já picado de remorso — estais cégo, necessitais de auxílio para recobrar a vista e sinto sinceramente deixar-vos ao abandono.

— Não te preocipes por minha causa — exclamou o doutor da lei resignado — quem te disse que ficarei abandonado? Estou convicto de que meus olhos estarão curados muito breve.

— Aliás — continuou Saulo como a confortar-se a si mesmo — Jesus mandou-me entrar na cidade, a-fim-de saber o que me convinha. Certo, não me deixará ignorando o que devo fazer.

Assim falando, não pôde ver a expressão de piedade com que Jacó o contemplava desconcertado e opri-mido.

Entretanto, mau grado a máqua que lhe causava o chefe em semelhante estado, e recordando os castigos infligidos aos seguidores do Cristo, em Jerusalém, não conseguiu subtrair-se aos intimos temores e partiu aos primeiros albores da manhã.

Saulo, agora, estava só. No véu espesso das sombras, podia entregar-se ás suas meditações profundas e tristes.

A bôlsa farta e franca assegurou-lhe a solicitude do stalajadeiro, que, de quando em quando, vinha saber suas necessidades, mas, em vão, o hóspede foi convidado a repastos e diversões, porque nada o demovia do seu taciturno isolamento.

Aqueles três dias de Damasco foram de rigorosa disciplina espiritual. Sua personalidade dinâmica havia estabelecido uma trégua ás atividades mundanas, para examinar os erros do passado, as dificuldades do presente e as realizações do futuro. Precisava ajustar-se á inelutável reforma do seu eu. Na angústia do espirito, sentia-se, de fato, desamparado de todos os amigos. A atitude de Sadoc era típica e valeria pela de todos os correligionários, que jamais se conformariam com a sua adesão aos novos ideais. Ninguem acreditaria no ascendente da conversão inesperada; entretanto, havia que lutar contra todos os céticos, de vez que Jesus, para falar-lhe ao coração, escolhera a hora mais clara e rutilante do dia, em local amplo e descampado e na só companhia de três homens muito menos cultos que ele, e, por isso mesmo, incapazes de algo compreenderem na sua pobreza mental. No apreciar os valores humanos, experimentava a insuportável angústia dos que se encontram em completo abandono, mas, no torvelinho das lembranças destacava os vultos de Estêvão e Abigail, que lhe proporcionavam consoladoras emoções. Agora compreendia aquele Cristo que viera ao mundo principalmente para os desventurados e tristes de coração. Antes, revoltava-se contra o Messias Nazareno, em cuja ação presumia tal ou qual incompreensível volúpia de sofrimento; todavia, chegava a examinar-se melhor, agora, haurindo na propria experiência as mais proveitosas ilações. Não obstante os títulos do Sinhêdrio, as responsabilidades públicas, o renome que o fazia admirado em toda parte, que era ele senão um necessitado da proteção divina? As convenções mundanas e os preconceitos religiosos proporcionavam-lhe uma

tranquilidade aparente; mas, bastou a intervenção da dôr imprevista para que ajuizasse de suas necessidades imensas. Abismalmente concentrado na cegueira que o envivia, orou com fervor, recorreu a Deus para que o não deixasse sem socorro, pediu a Jesus lhe clareasse a mente atormentada pelas idéias de angústia e desamparo.

No terceiro dia de preces fervorosas, eis que o hoteleiro anuncia alguém que o procura. Seria Sadoc? Saulo tem sede de uma voz carinhosa e amiga. Manda entrar. Um velhinho de semblante calmo e afetuoso ali está, sem que o convertido possa ver-lhe as cãs respeitáveis e o sorriso generoso.

O mutismo do visitante indicava o desconhecido.

— Quem sois? — pergunta o cego admirado.

— Irmão Saulo — replica o interpelado com docura — o Senhor que te apareceu no caminho, enviou-me a esta casa para que tornes a ver e recebas a iluminação do Espírito Santo.

Ouvindo-o, o moço de Tarso tacteou ansiosamente nas sombras. Quem seria aquele homem que sabia os feitos lá da estrada! Algum conhecido de Jacó? Mas... aquela inflexão de voz enternecedora e carinhosa?

— Vosso nome? — perguntou quase aterrado.

— Ananias.

A resposta era uma revelação. A ovelha perseguida vinha buscar o lobo voraz. Saulo comprehendeu a lição que o Cristo lhe ministrava. A presença de Ananias revoca-lhe á memória os apelos mais sagrados. Fôra ele o iniciador de Abigail na doutrina e o motivo da viagem a Damasco, onde encontrara Jesus e a verdade renovadora. Tomado de profunda veneração, quis avançar, ajoelhar-se ante o discípulo do Senhor, que o chamava ternamente de "irmão"; oscular-lhe enternecido as mãos benfazejas, mas, apenas tacteou o vácuo, sem conseguir a execução do gratíssimo desejo.

— Quisera beijar vossa túnica — falou com humildade e reconhecimento — mas, como vêdes, estou cego!...

— Jesus mandou-me, justamente para que tivesses, de novo, o dom da vista.

Comovidíssimo, o velho discípulo do Senhor notou que o perseguidor cruel dos apóstolos do "Caminho" estava totalmente transformado. Ouvindo-lhe a palavra plena de fé, Saulo de Tarso deixava transparecer no semblante sinais de profunda alegria interior. Dos olhos ensombrados, manaram lágrimas cristalinas. O moço apaixonado e caprichoso aprendera a ser humano e humilde.

— Jesus é o Messias eterno! Depûs minh'alma em suas mãos!... — disse entre compungido e esperançoso.

— Penitêcio-me no meu caminho!...

Banhado no pranto do arrependimento sincero, sem saber manifestar o reconhecimento daquela hora, em virtude das trevas que lhe dificultavam os passos, ajoelhou-se com humildade.

O velhinho generoso quis adiantar-se, impedir aquele gesto de renúncia suprema, considerando a sua propria condição de homem falível e imperfeito; mas, desejando estimular todos os recursos daquela alma ardente, em favor da sua completa conversão ao Cristo, aproximou-se comovido e, colocando a mão calosa naquela fronte atormentada, exclamou:

— Irmão Saulo, em nome de Deus Todo Poderoso eu te batizo para a nova fé em Cristo Jesus!...

Entre as lágrimas ardentes que corriam dos olhos, o moço tarsense acentuou contrito:

— Digne-se o Senhor perdoar meus pecados e iluminar meus propósitos para uma vida nova.

— Agora — disse Ananias impondo-lhe as mãos nos olhos apagados e num gesto amoroso — em nome do Salvador, peço a Deus para que vejas novamente.

— Se é do agrado de Jesus que isso aconteça — advertiu Saulo compungido — ofereço meus olhos aos seus santos serviços, para todo o sempre.

E como se entrassem em jôgo forças poderosas e invisíveis, sentiu que das pálpebras doridas caiam substâncias pesadas como escamas, á proporção que a vista lhe voltava, embebendo-se de luz. Através da janela

aberta, viu o céu claro de Damasco, experimentando indefinível ventura naquele oceano de claridades deslumbrantes. A aragem da manhã, como perfume do sol, vinha banhar-lhe a fronte, traduzindo para o seu coração uma benção de Deus.

— Vejo!... Agora vejo!... Glória ao redentor de minh' alma!... — exclamava estendendo os braços num transporte de gratidão e de amor.

Ananias também não se conteve mais; em face daquela prova inaudita da misericórdia de Jesus, o velho discípulo do Evangelho abraçou-se ao jovem de Tarso, a chorar de reconhecimento a Deus pelos favores recebidos. Trêmulo de alegria, levantou-o, amparando-lhe a alma surpreendida e perturbada de júbilo, nos seus braços generosos.

— Irmão Saulo — disse pressuroso — este é o nosso grande dia; abracemo-nos na memória sacrossanta do Mestre que nos irmanou em seu grande amor!...

O convertido de Damasco não disse palavra. As lágrimas de gratidão sufocavam-no. Abraçando-se ao antigo pregador, num gesto expressivo e mudo, fê-lo como se houvesse encontrado o pai dedicado e amoroso da sua nova existência. Por momentos, ficaram mudos, maravilhados com a intervenção divina, como dois irmãos muito queridos que se houvessem reconciliado sob as vistas de Deus.

Saulo sentia-se agora fortalecido e ágil. Num minuto, pareceu rehaver todas as energias de sua vida. Voltando a si do contentamento divino que o felicitava, tomou a mão do velho discípulo e beijou-a com veneração. Ananias tinha os olhos rasos de pranto. Ele próprio não podia prever as alegrias infinitas que o esperavam na pensão singela da "rua Direita".

— Ressuscitastes-me para Jesus — exclamou jubiloso — serei dele eternamente. Sua misericórdia suprirá minhas fraquezas, compadecer-se-á de minhas feridas, enviará auxílios á miséria de minh' alma pecadora, para que a lama do meu espírito se converta em ouro do seu amor.

— Sim, somos de Cristo — ajuntou o generoso velhinho com a alegria a transbordar dos olhos.

E, como se fosse de súbito transformado num menino ávido de ensinamentos, Saulo de Tarso sentando-se junto do benfeitor amigo, rogou-lhe todos os informes a respeito do Cristo, dos seus postulados e atos imorredouros. Ananias contou-lhe tudo quanto sabia de Jesus, por intermédio dos Apóstolos, depois da crucificação a que ele também assistiu, em Jerusalém, na tarde tragica do Calvário. Esclareceu que era sapateiro em Emaús e tinha ido á cidade santa para as comemorações do Templo, tendo acompanhado o drama pungente nas ruas regorgitantes de povo. Falou da compaixão que lhe causara o Messias coroado de espinhos e apupado pela turba furiosa e inconciente. Profunda a emoção, ao descrever a marcha penosa com a cruz, protegido por soldados impiedosos, da fúria popular, que vociferava o crime hediondo. Curioso pelo desenrolar dos acontecimentos, seguira o condenado até o monte. Da cruz do martírio, Jesus lançara-lhe um olhar inesquecível. Para o seu espírito, aquele olhar traduzia um chamamento sagrado, que era indispensável compreender. Profundamente impressionado, a tudo assistiu até o fim. Daí a três dias, ainda sob o peso daquelas angustiosas impressões, eis que lhe chega a nova alvíçareira de que o Cristo havia ressuscitado dos mortos para a glória eterna do Todo-Poderoso. Seus discípulos estavam ebrios de ventura. Então, procurou Simão Pedro para conhecer melhor a personalidade do Salvador. Tão sublime a narrativa, tão elevados os ensinamentos, tão profunda a revelação que lhe aclarava o espírito, que aceitou o Evangelho sem mais hesitação. Desejoso de compartilhar o trabalho que Jesus legara aos que lhe pertenciam, regressou a Emaús, dispôs dos bens materiais que possuia e esperou os Apóstolos galileus em Jerusalém, onde se associou a Pedro nas primeiras atividades da igreja do "Caminho". A essencia dos ensinamentos do Cristo vitalizara-lhe o espírito. Os achaques da velhice haviam desaparecido. Logo que João e Filipe chegaram a Jerusalém para cooperar com o antigo pescador de Cafar-

naum na edificação evangélica, combinaram sua transferencia para Jope, a-fim-de atender a inúmeros pedidos de irmãos desejosos de conhecer a doutrina. Ali estivera até que as perseguições intensificadas com a morte de Estêvão obrigaram-no a retirar-se.

Saulo bebia-lhe as palavras com singular enlêvo, como quem franqueava um mundo novo. A referencia ás perseguições avivava os remorsos acerbos. Em compensação, a alma estava repleta de votos sinceros, premissores de uma vida nova.

— E' verdade — dizia enquanto o narrador fazia longa pausa — vim a Damasco com outorga do Templo para vos levar preso, a Jerusalém, mas fostes vós que chegastes com outorga de Jesus e a Ele me jungistes para sempre. Se vos algemasse, na minha ignorancia, levar-vos-ia ao tormento e á morte; vós, salvando-me do pecado me transformastes em escravo voluntário e feliz!...

Ananias sorriu, sumamente satisfeito.

Saulo pediu-lhe então, falasse de Estêvão, no que foi atendido, com solicitude. Em seguida, pediu informes da sua viagem de Joppe a Jerusalém. Com muita prudencia, desejava do benfeitor qualquer alusão a Abigail. Formulando o pedido, fê-lo com tal inflexão carinhosa, que o velho discípulo adivinhando-lhe o intuito, falou com brandura:

— Não precisarás confessar teus anseios de moço. Leis em teus olhos o que principalmente desejas. Entre Joppe e Jerusalém, descansei muito tempo na vizinhança de um compatriício que, apesar de fariseu, nunca privou os empregados de receberem as sagradas alegrias da Boa Nova. Esse homem, Zacarias, tinha sob seu teto um verdadeiro anjo do céu. Era a jovem Abigail, que, depois de receber o batismo de minhas mãos, confessou que te amava muito. Falava do teu amor com ternura ardente e muitas vezes me convidou a orar pela tua conversão a Jesus Cristo!...

Saulo ouvia emocionado e após ligeiro intervalo em que o amoroso velhinho parecia meditar, voltou a dizer como se falasse consigo:

— Sim, se ela ainda vivesse!...

Ananias recebeu a observação sem surpresa e acen-tuou:

— Desde que se aproximou de mim, notei que Abigail não ficaria muito tempo na Terra. Suas cores esmaecidas, o brilho intenso dos olhos, falavam-me da sua condição de anjo exilado. Mas, devemos crer que ela vive no plano imortal. E quem sabe? Talvez suas rogativas aos pés de Jesus hajam contribuido para que o Mestre te convocasse á luz do Evangelho, ás portas de Damasco!...

O velho discípulo do "Caminho" estava comovido. Recebendo aquelas carinhosas evocações, Saulo chorava. Compreendia, sim, que Abigail não poderia estar morta. A visão de Jesus redivivo bastava para dissipar-lhe todas as dúvidas. Certamente, a escolhida de sua alma apiedara-se de suas misérias, rogara ao Salvador, com insistencia, lhe socorresse o espírito mesquinho e, por venturosa coincidencia, o mesmo Ananias que lhe havia preparado o coração para as bençãos do céu, estendera-lhe igualmente as mãos amigas, cheias de caridade e perdão. Agora, pertenceria para sempre áquele Cristo amoroso e justo, que era o Messias prometido. Nas emoções extremas que lhe caracterizavam os sentimentos, passou a considerar o poder do Evangelho, examinando seus ilimitados recursos transformadores. Queria mergulhar o espírito nas suas lições iluminadas e sublimes, banhar-se naquele rio de vida, cujas aguas do amor de Jesus fecundavam os corações mais áridos e desertos. Aquela meditação profunda empolgava-lhe, agora, a alma toda.

— Ananias, meu mestre — começou dizendo com entusiasmo — onde poderei obter o Evangelho sagrado?

O antigo discípulo sorriu com bondade, e observou:

— Antes de tudo, não me chames mestre. Este é e será sempre o Cristo. Nós outros, por acréscimo da misericórdia divina, somos discípulos, irmãos na necessidade e no trabalho redentor. Quanto á aquisição do Evangelho, sómente na igreja do "Caminho", em

Jerusalém, poderíamos obter uma cópia integral das anotações de Leví.

E revolvendo o interior de surrada patrona, retirava alguns pergaminhos amarelentos, nos quais conseguira reunir alguns elementos da tradição apostólica. Apresentando essas notas dispersas, Ananias acrescentava:

— Verbalmente, tenho de cór quase todos os ensinamentos; mas no que se refere á parte escrita, aqui tens tudo o que posso.

O moço convertido recebeu as anotações, assaz admirado. Debruçou-se imediatamente sobre os velhos rabiscos e devorava-os com indisfarsavel interesse.

Depois de refletir alguns minutos, acentuava:

— Se possível, pedir-vos-ia deixar-me estes preciosos ensinamentos, até amanhã. Enpregarei o dia em copia-los para meu uso particular. O estalajadeiro me comprará os pergaminhos necessários.

E como que já iluminado daquele espírito missionário que lhe assinalou as menores ações, para o resto da vida, ponderava atento:

— Precisamos estudar um meio de difundir a nova revelação com a maior amplitude possível. Jesus é um socorro do céu. Tardar na sua mensagem é delongar o desespero dos homens. Aliás, a palavra "evangelho" significa "boas notícias". E' indispensavel espalhar essas notícias, do plano mais elevado da vida.

Enquanto o velho pregador do "Caminho" observava-o interessado, o convertido de Damasco chamou o hoteleiro para comprar os pergaminhos. Judas surpreendeu-se verificando a cura insolita. Satisfazendo-lhe a curiosidade, o jóvem de Tarso falou sem rebuços:

— Jesus enviou-me um médico. Ananias veiu curar-me em seu nome.

E antes que o homem se recobrasse do espanto, cumulava-o de recomendações a respeito dos pergaminhos que desejava, entregando-lhe a quantia necessaria.

Dando largas ao entusiasmo que lhe ia n alma, diriu-se novamente a Ananias, expondo-lhe seus planos:

— Até aqui, ocupava o meu tempo no estudo e

na exegese da Lei de Moisés; agora, porém, encherei as horas com o espírito do Cristo. Trabalharei nesse mistério até o fim dos meus dias. Buscarei iniciar meu trabalho aqui mesmo em Damasco.

E fazendo uma pausa, interrogava ao benfeitor que o ouvia em silêncio:

— Conheceis na cidade um rapaz fariseu de nome Sadoc?

— Sim, é quem tem chefiado as perseguições nesta cidade.

— Pois bem — continuava o jóvem tarsense atencioso — amanhã é sábado e haverá preleção na sinagoga. Pretendo procurar os amigos e falar-lhes publicamente do apêlo que o Cristo me endereçou. Quero estudar vossas anotações ainda hoje, porque me darão assunto para a primeira прédica do Evangelho.

— Para ser sincero — disse Ananias com a sua experiência dos homens — acho que deves ser muito prudente nesta nova fase religiosa. E' possível que teus amigos da sinagoga não estejam preparados para receber a luz da verdade toda. A má fé tem sempre caminhos para tentar a confusão do que é puro.

— Mas se eu vi Jesus, não tenho o direito de ocultar uma revelação incontestável — exclamou o neófito, como a salientar, antes de tudo, a boa intenção que o animava.

— Sim, não digo que fujas do testemunho — explicou, calmo, o velho discípulo — mas devo encarecer a maior prudencia nas atitudes, não pela doutrina do Cristo, superior e invulnerável a quaisquer ataques dos homens, mas, por ti mesmo.

— Por mim nada posso temer. Se Jesus me resitiui a luz dos olhos, não deixará de iluminar meus caminhos. Quero comunicar a Sadoc a ocorrência que deu novos rumos ao meu destino. E o ensejo não poderia ser mais oportuno, porque sei que hospeda em sua casa, ainda agora, alguns levitas de renome, recém-chegados de Chipre.

— Que o Mestre te abençoe os bons propositos — disse o velho soridente.

Saulo sentia-se feliz. A presença de Ananias confortava-o sobremodo. Como velhos e fiéis amigos, almoçaram juntos. Em seguida e sempre satisfeito, o generoso enviado de Cristo retirou-se, deixando o ex-rabino todo entregue á meticulosa cópia dos textos.

No dia seguinte, Saulo de Tarso levantou-se lépido e bem disposto. Sentia-se revigorado para uma vida nova. As recordações amargas lhe desertaram da memória. A influencia de Jesus enchia-o de alegrias substanciosas e duradouras. Tinha a impressão de haver aberto uma porta nova em sua alma, por onde sopravam céleres as inspirações de um mundo maior.

Depois da primeira refeição, não obstante o dissabor que a atitude de Sadoc lhe causara, procurou avisar-se com o amigo, levado pela sinceridade que lhe pautava os mínimos atos da vida. Não o encontrou, contudo, na residencia particular. Um servo informou que o amo saíra com alguns hóspedes, em direção á sinagoga.

Saulo foi até lá. Os trabalhos do dia estavam iniciados. Fôra feita a leitura dos textos de Moisés. Um dos levitas de Cittium havia tomado a palavra para os comentários respectivos.

A entrada do ex-rabino provocou curiosidade geral. A maioria dos presentes tinha conhecimento da sua importancia pessoal, bem como do seu verbo ardoso e seguro. Sadoc, porém, ao vê-lo, fez-se pálido, e mais ainda quando o jovem de Tarso lhe pediu uma palavra em particular. Embora contrafeito, foi-lhe ao encontro. Cumprimentaram-se sem dissimular a nova impressão que, já agora, mantinham entre si.

Em face das primeiras observações do nôvel evanglista, formuladas em tom amavel, o amigo de Damasco explicou, evidenciando o seu orgulho ofendido:

— De fato, sabia que estavas na cidade e cheguei mesmo a procurar-te na pensão de Judas; tais foram, porém, as informações do hoteleiro, que me abstive de ir ao teu aposento. E cheguei até a pedir-lhe segredo da minha visita. Com efeito, parece incrivel que te rendesses, tambem tu, passivamente, aos sortilégios do

"Caminho"! Não posso compreender semelhante transmutação em tua robusta mentalidade.

— Mas, Sadoc — replicou o jovem tarsense muito calmo — eu vi Jesus ressuscitado...

O outro fez grande esfôrço para conter uma ruidosa gargalhada.

— Será possivel — objetou com ironia — que tua índole sentimental, tão contrária a manifestações de misticismo, tenha capitulado nesse terreno? Acreditarias mesmo em tais visões? Não poderias imaginar-te vítima de algum desfaçado adepto do carpinteiro? Tuas atitudes de agora nos causarão profunda vergonha. Que dirão os homens irresponsaveis, que nada conhecem da Lei de Moisés? E a nossa posição no partido dominante, da raça? Os colegas do farisaísmo hão de arregalar os olhos, quando souberem da tua clamorosa defecção. Quando aceitei o encargo de perseguir os companheiros do operario de Nazaré, reprimindo-lhes as atividades perigosas fi-lo, pela amizade que te consagrava; e não te doerá a traição aos votos anteriores? Considera como se dificultará nosso escópo, quando se espalhar a notícia de que capitulaste perante esses homens sem cultura e sem conciencia.

Saulo fitou o amigo, revelando imensa preocupação no olhar ansioso. Aquelas acusações eram as premissas do acolhimento que o aguardava no cenáculo dos velhos companheiros de lutas e edificações religiosas.

— Não — disse ele sentindo fundamente cada palavra — não posso aceitar as tuas arguições. Repito que vi Jesus de Nazaré e devo proclamar que nele reconheço o Messias prometido pelos nossos profetas mais eminentes.

Enquanto o outro fazia largo gesto admirativo, ao observar aquela inflexão de certeza e sinceridade, Saulo continuava convicto:

— Quanto ao mais, considero que, a todo tempo devemos e podemos reparar os erros do passado. E é com esse ardor de fé que me proponho regenerar minhas proprias estradas. Trabalharei, doravante, pela minha certeza em Cristo Jesus. Não é justo que me

perca em ponderações sentimentalistas, olvidando a verdade; e assim procederei em beneficio dos meus pró prios amigos. Os amantes das realidades da vida sempre foram os mais detestados, ao tempo em que viveram. Que fazer? Até aqui, minhas pregações nasciam dos textos recebidos dos antepassados veneraveis, mas, hoje minhas asserções se baseiam não sómente nos repositorios da tradição, como tambem na prova testemunhal.

Sadoc não conseguiu ocultar a surpresa.

— Mas... a tua posição? E os teus parentes? E o nome? E tudo o que recebeste dos que rodeiam tua personalidade com fervorosos compromissos? — perguntou Sadoc revocando-o ao passado.

— Agora, estou com o Cristo e todos nós lhe pertencemos. Sua palavra divina convocou-me a esforços mais ardentes e ativos. Aos que me compreenderem devo, naturalmente, a gratidão mais sagrada; entretanto, para os que me não possam entender guardarei a melhor atitude de serenidade, considerando que o proprio Messias foi levado á cruz.

— Tambem tu com a mania do martírio?

O interpelado guardou uma bela expressão de dignidade pessoal e concluiu:

— Não posso perder-me em opiniões levianas. Esperarei que o teu amigo de Chipre termine a preleção, para relatar minha experiencia diante de todos.

— Falar nisso aqui?

— Porque não?

— Seria mais razoavel descansares da viagem e da enfermidade, meditando melhor no assunto, mesmo porque, tenho esperança nas tuas reconsiderações, relativamente ao acontecido.

— Sabes, porém, que não sou nenhuma criança e cumpre-me esclarecer a verdade, em qualquer circunstancia.

— E se te apuparem? E se fôres considerado traidor?

— A fidelidade a Deus deve ser maior que tudo isso, aos nossos olhos.

— E' possivel, no entanto, que não te concedam a palavra — ponderou Sadoc após de esbarrar com a força daquelas profundas convicções.

— Minha condição é bastante para que ninguem se atreva a negar-me o que é de justiça.

— Então, seja. Responderás pelas consequencias — concluiu Sadoc constrangido.

Naquele momento, ambos compreenderam a imensidão da linha divisória que os extremava. Saulo percebeu que a amizade que Sadoc sempre lhe testemunhara baseava-se nos interesses puramente humanos. Abandonando a falsa carreira que lhe dava prestígio e brilho, via esfumar-se a cordialidade do outro. Mas, de tal cogitação, logo lhe veiu á mente que, tambem ele assim procederia, provavelmente, se não tivesse Jesus no coração.

Sereno e desassombrado, evitou aproximar-se do local onde se acomodavam os visitantes ilustres, buscando aproximar-se do largo estrado em que se improvisara uma nova tribuna. Terminada a dissertação do levita de Cittium, Saulo surgiu á vista de todos os presentes, que o saudaram com olhares ansiosos. Cumprimentou, afavel, os diretores da reunião e pediu vénia para expôr suas idéias.

Sadoc não tivera coragem de criar um ambiente antípatico, para deixar que tudo corresse á feição das circunstancias, e foi por isso que os sacerdotes abriram a mão de Saulo com a simpatia de sempre, acolhendo com imensa alegria o seu alvitre.

Com a palavra, o ex-rabino ergueu a fronte, nobremente, como costumava fazer nos seus dias triunfais.

— Varões de Israél! começo em tom solene — em nome do Todo-Poderoso, venho anunciar-vos hoje, pela primeira vez, as verdades da nova revelação. Temos ignorado, até agora, o fato culminante da vida da humanidade. O Messias prometido já veiu, consoante o afirmaram os profetas que se glorificaram na virtude e no sofrimento. Jesus de Nazaré é o Salvador dos pecadores.

Uma bomba que estourasse no recinto, não causaria maior espanto. Todos fixavam o orador, atonitos.

A assembléia estava obstupida. Saulo, contudo, prosseguia intrépido, depois de uma pausa:

— Não vos assombréis com o que vos digo. Conheceis minha conciencia pela retidão de minha vida, pela minha fidelidade ás leis divinas. Pois bem: é com este patrimonio do passado que vos falo hoje, reparando as faltas involuntárias que cometí nos impulsos sinceros de uma perseguição cruel e injusta. Em Jerusalém fui o primeiro a condenar os apóstolos do "Caminho"; provoquei a união de romanos e israelitas para a repressão, sem tréguas, a todas as atividades que se prendessem ao Nazareno; varejei lares sagrados, encarcerei mulheres e crianças, submeti alguns á pena de morte, occasionei um vasto êxodo das massas operarias que trabalhavam pacificamente na cidade para seu progresso; errei para todos os espíritos mais sinceros um regime de sombras e terrores. Fiz tudo isso, na falsa suposição de defender a Deus, como se o Pai Supremo necessitasse de míseros defensores!... Mas, de viagem para esta cidade, autorizado pelo Sinhédrio e pela Corte Provincial, para invadir os lares alheios e perseguir criaturas inofensivas e inocentes, eis que Jesus me aparece ás vossas portas e me pergunta, em pleno meio dia, na paisagem desolada e deserta: — Saulo, Saulo, porque me persegues?

A essa evocação, a voz eloquente se enternecia e as lágrimas lhe corriam copiosas. Interrompera-se ao recordar a ocorrência decisiva do seu destino. Os ouvintes contemplavam-no assombrados.

— Que é isso? — diziam alguns.

— O doutor de Tarso graceja!... — afirmavam outros sorrindo, convictos de que o jovem tribuno estivesse buscando maior efeito oratório.

— Não, amigos — exclamou com veemencia — jamais gracejei convosco nas tribunas sagradas. O Deus justo não permitiu que minha violencia criminosa fôsse até o fim, a detrimento da verdade, e consentiu por misericórdia de acrescimo, que o mísero servo não encontrasse a morte sem vos trazer a luz da crença nova!...

Não obstante o ardor da pregação, que deixava em todos os ouvidos ressonâncias emocionais, rompeu no

recinto estranho vozerio. Alguns fariseus mais exaltados interpelaram Sadoc, em voz baixa, quanto ao inesperado daquela surpresa, obtendo a confirmação de que Saulo, de fato, parecia extremamente perturbado, alegando ter visto o carpinteiro de Nazaré nas vizinhanças de Damasco. Imediatamente estabeleceu-se enorme confusão em toda a sala, porque havia quem visse no caso perigosa defecção do rabino, e quem opinasse por enfermidade súbita, que o houvesse dementado.

— Varões de minha antiga fé — trovejou a voz do moço tarsense, mais incisiva — é inutil tentardes empalar a verdade. Não sou traidor nem estou doente. Estamos defrontando uma era nova, em face da qual todos os nossos caprichos religiosos são insignificantes.

Uma chuva de impropérios cortou-lhe repentinamente a palavra.

— Covarde! Blasfemo! Cão do "Caminho"!... Fóra o traidor de Moisés!...

Os apodos partiam de todos os lados. Os mais afeiçoados ao ex-rabino, que se inclinavam a supô-lo vítima de graves perturbações mentais, entraram em conflito com os fariseus mais rudes e rigorosos. Algunmas bengalas foram atiradas á tribuna com extrema violencia. Os grupos que se haviam atracado em luta, espalhavam forte celeuma na sinagoga, percebendo o orador que se encontravam na iminencia de irreparáveis desastres.

Foi quando um dos levitas mais idosos assomou no grande estrado, levantando a voz com toda a energia de que era capaz e rogando aos presentes acompanhá-lo na recitação de um dos Salmos de David. O convite foi aceito por todos. Os mais exaltados repetiram a prece tomados de vergonha.

Saulo acompanhava a cena com profundo interesse.

Terminada a oração, disse o sacerdote, com ênfase irritante:

— Lamentemos este episódio, mas evitemos a confusão que em nada aproveita. Até ontem, Saulo de Tarso honrava as nossas fileiras como paradigma de triunfo; hoje sua palavra é para nós um galho de es-

pinhos. Com um passado respeitável, esta atitude de agora só nos merece condenação. Perjúrio? Demencia? Não o sabemos com certeza. Outro fôra o tribuno e apedreja-lo-iamos sem pestanejar; mas, com um antigo colégia os processos devem ser outros. Se está doente, só merece compaixão; se traidor, só poderá merecer absoluto desprêzo. Que Jerusalém o julgue como seu embaixador. Quanto a nós, encerremos as pregações da sinagoga e recolhamo-nos á paz dos fiéis cumpridores da Lei.

O ex-rabino suportou a increpação com grande serenidade a lhe transparecer dos olhos. Intimamente, sentia-se ferido no seu amor proprio. Os remanescentes do "homem velho" exigiam revide e reparação imediata, ali mesmo, á vista de todos. Quis falar novamente, exigir a palavra, obrigar os companheiros a ouví-lo, mas sentia-se presa de emoções incoercíveis, que lhe infirmavam os impetos explosivos. Imovel, notou que velhos afeiçoados de Damasco abandonavam o recinto calmamente, sem lhe fazer siqueira ligeira saudação. Observou, tambem, que os levitas de Cittium pareciam entender-lo, através de um olhar de simpatia, ao mesmo tempo que Sadoc fixava-o com ironia e risinhos de triunfo. Era o repúdio que chegava. Acostumado aos aplausos onde quer que aparecesse, fôra vítima da propria ilusão, acreditando que, para falar com êxito, sobre Jesus, bastavam os louros efêmeros já conquistados ao mundo. Enganara-se. Seus compares punham-no á margem, como inutil. Nada lhe doía mais que ser assim desaproveitado, quando lhe ardia nalma a devoção sacerdotal. Preferia que o esbafeteassem, que o prendessem, que o flagelassem, mas não lhe tirassem o ensôjo de discutir sem peias, a todos vencendo e convencendo com a lógica de suas definições. Aquele abandono feria-o fundo, porque, antes de qualquer consideração, reconhecia não laborar a benefício pessoal, por vaidade ou egoísmo, mas pelos proprios correligionarios atidos ás concepções rígidas e inflexíveis, da Lei. Aos poucos a sinagoga ficara deserta, sob o calor ardente das primeiras horas da tarde. Saulo sentou-se num banco tosco e chorou. Era a luta

entre a vaidade de outros tempos e a renúncia de si mesmo, que começava. Para conforto da alma opressa, recordou a narrativa de Ananias, no capítulo em que Jesus dissera ao velho discípulo que lhe mostraria quanto importava sofrer por amor ao seu nome.

Acabrunhado, retirou-se do Templo, em busca do benfeitor, a-fim-de reconfortar-se com a sua palavra.

Ananias não se mostrou surpreendido com a exposição das ocorrências.

— Vejo-me cercado de enormes dificuldades — dizia Saulo um tanto perturbado. — Sinto-me no dever de espalhar a nova doutrina, felicitando os nossos semelhantes; Jesus encheu-me o coração de energias inesperadas, mas a secura dos homens é de amedrontar os mais fortes.

— Sim — explicava o ancião paciente — o Senhor confiou-te a tarefa do semeador; tens muito boa vontade, mas, que faz um homem recebendo encargos dessa natureza? Antes de tudo, procura ajuntar as sementes no seu mealheiro particular, para que o esfôrço seja profícuo.

O neófito percebeu o alcance da comparação e perguntou:

— Mas, que desejais dizer com isso?

— Quero dizer que um homem de vida pura e réta, sem os erros da propria boa-intenção, está sempre pronto a plantar o bem e a justiça no roteiro que perlustra; mas aquele que já se enganou ou que guarda alguma culpa, tem necessidade de testemunhar no sofrimento proprio, antes de ensinar. Os que não foram integralmente puros ou nada sofreram no caminho, jamais são bem compreendidos por quem lhes ouve simplesmente a palavra. Contra os seus ensinos estão suas proprias vidas. Além do mais, tudo o que é de Deus reclama grande paz e profunda compreensão. No teu caso, deves pensar na lição de Jesus permanecendo trinta anos entre nós, preparando-se para suportar nossa presença durante apenas três. Para receber uma tarefa do céu, David conviveu com a natureza apascentando rebanhos; para desbravar as estradas do Salvador, João

Batista meditou muito tempo nos ásperos desertos da Judéia.

As ponderações carinhosas de Ananias caíam-lhe na alma opressa como bálsamo vitalizante.

— Quando hajas sofrido mais — continuava o benfeitor e amigo sincero — terás apurado a compreensão dos homens e das cousas. Só a dôr nos ensina a ser humanos. Quando a criatura entra no período mais perigoso da existência, depois da matinal infância e antes da noite da velhice; quando a vida exubera energias, Deus lhe envia os filhos, para que, com os trabalhos se lhe enterneça o coração. Pelo que me has confessado, é possível não venhas a ser pai, mas terás os filhos do Calvário em toda parte. Não viste Simão Pedro, em Jerusalém, rodeado de infelizes? Naturalmente, encontrarás um lar maior na Terra, onde serás chamado a exercer a fraternidade, o amor, o perdão... E' preciso morrer para o mundo, para que o Cristo viva em nós...

Aquelas observações tão sadias e tão mansas penetraram o espírito do ex-rabino como bálsamo de consolação de horizontes mais vastos. Suas palavras carinhosas fizeram-no recordar alguém que o amava muito. De cérebro cansado pelos embates do dia, Saulo esforçava-se por fixar melhor as idéias. Ah!... agora lembrava-se perfeitamente. Esse alguém era Gamaliél. Veiu-lhe de súbito o desejo de se avistar com o velho mestre. Compreendia a razão daquela lembrança. E' que, também ele, pela última vez, lhe falara da necessidade que sentia dos lugares ermos, para meditar as sublimes verdades novas. Sabia-o em Palmira, na companhia de um irmão. Como não se recordara ainda do antigo mestre, que lhe fôra quase um pai? Certamente, Gamaliél recebeu-lo-ia de braços abertos, regosijar-se-ia com as suas conquistas recentes, dar-lhe-ia conselhos generosos quanto aos rumos a seguir.

Engolfado em recordações cariciosas, agradeceu a Ananias com um olhar significativo, acrescentando sensibilizado:

— Tendes razão... Buscarei o deserto em vez de

voltar a Jerusalém precipitadamente, sem fôrças, talvez, para enfrentar a incompreensão dos meus confrades. Tenho um velho amigo em Palmira, que me acolheria de bom grado. Ali repousarei algum tempo, até que possa internar-me pelas regiões ermas, a-fim-de meditar as lições recebidas.

Ananias aprovou a idéia com um sorriso. Ainda ficaram conversando longo tempo, até que a noite mergulhou a alma das cousas no seu velório de sombras espessas.

O velho prêgador conduziu, então, o novo adépto para a humilde reunião que se realizava nesse sábado de grandes desilusões para o ex-rabino.

Damasco não tinha propriamente uma igreja; entretanto, contava numerosos crentes irmanados pelo ideal religioso do "Caminho". O nucleo de orações era em casa de uma lavadeira humilde, companheira de fé, que alugava a sala para poder acudir a um filho paralítico. Profundamente admirado, o moço tarsense enxergou ali a miniatura do quadro observado pela primeira vez, quando tivera a curiosidade invencível de assistir as célebres prégas de Estêvão em Jerusalém. Em torno da mesa rústica, juntavam-se miseráveis criaturas da plebe, que ele sempre mantivera extrema da sua esfera social. Mulheres analfabetas com crianças ao colo, velhos pedreiros rudes, lavadeiras que não conseguiam conjugar duas palavras certas. Anciãos de mãos trêmulas, amparando-se a cajados fortes, doentes misérrimos que exibiam a marca de enfermidades dolorosas. A cerimônia parecia ainda mais simples que as de Simão Pedro e seus companheiros galileus. Ananias chefiava e presidia o ato. Sentando-se à mesa, qual patriarca no seio da família, rogou as bênçãos de Jesus para a boa vontade de todos. Em seguida, fez a leitura dos ensinos de Jesus, respigando algumas sentenças do Mestre Divino nos pergaminhos esparsos. Depois de comentar a página lida, ilustrando-a com a exposição de fatos significativos, do seu conhecimento, ou da sua experiência pessoal, o velho discípulo do Evangelho deixava o lugar, percorria as filas de bancos e impunha as mãos sobre os

doentes e necessitados. Comumente, segundo o hábito das primeiras células cristãs do primeiro século, ao memorar as alegrias de Jesus quando servia o repasto aos discípulos, fazia-se modesta distribuição de pão e agua pura, em nome do Senhor. Saulo serviu-se do bôlo simples, enternecidamente. Para sua alma, o cibo mesquinho tinha o sabor divino da fraternidade universal. A agua clara e fresca da bilha grosseira soube-lhe a fluido de amor que partia de Jesus, comunicando-se a todos os sérbes. Ao fim da reunião, Ananias orava fervorosamente. Depois de contar a visão de Saulo e a sua propria, nos comentários singelos daquela noite, pedia ao Salvador protegesse o novo servo em demanda a Palmira, a-fim-de meditar mais demoradamente na imensidão de suas misericordias. Ouvindo-lhe a rogativa que o calor da amizade revestia de amavio singular, Saulo chorou de reconhecimento e gratidão, comparando as emoções do rabino que fôra, com as do servo de Jesus que agora queria ser. Nas reuniões suntuosas do Sinhêdrio, jamais ouvira um companheiro exorar ao céu com aquela sinceridade superior. Entre os mais afeiçoados só encontrara elogios vãos, prontos a se transformarem em calúnias torpes, quando não lhes podia conceder favores materiais. Em toda parte, admiração superficial, filha do jôgo dos interesses inferiores. Ali, a situação era outra. Nenhuma daquelas criaturas desfavorecidas da sorte viera pedir-lhe facilidades; todos pareciam satisfeitos ao serviço de Deus, que assim os congregava a termo de trabalhos exhaustivos e penosos. E por fim, ainda rogavam a Jesus lhe concedesse paz de espírito para o seu empreendimento.

Terminada a reunião, Saulo de Tarso tinha lágrimas nos olhos. Na igreja do "Caminho", em Jerusalém, os apóstolos galileus o trataram com especial deferencia, atentos á sua posição social e política, senhor das regalias que as convenções do mundo lhe conferiam; mas os cristãos de Damasco impressionaram-no mais vivamente, arrebataram-lhe a alma, conquistando-a para uma afeição imorredoura, com aquele gesto de confiança e carinho, tratando-o como irmão.

Um a um, apertaram-lhe a mão com votos de feliz viagem. Alguns velhos mais humildes beijaram-lhe as mãos. Tais provas de afeto davam-lhe novas fôrças. Se os amigos do judaísmo lhe desprezavam a palavra, acintes e hostis, começava agora a encontrar no seu caminho os filhos do Calvário. Trabalharia por eles, consagraria ao seu consôlo as energias da mocidade. Pela primeira vez na vida, revelou interêsse pelo sorriso das criancinhas. Como se desejasse retribuir as demonstrações de carinho recebidas, tomou nos braços um menino doente. Diante da pobre mãe soridente e agradecida, fez-lhe festas, acariciou-lhe os cabelos desajeitadamente. Entre os acúleos agressivos de sua alma apaixonada, começavam a desabrochar as flores de ternura e gratidão.

Ananias estava satisfeito. Junto dos irmãos de mais confiança, acompanhou o neófito até a pensão de Judas. Aquele modesto grupo desconhecido percorreu as ruas banhadas de luar, estreitamente unido e recomfortando-se em comentários cristãos. Saulo admirava-se de haver encontrado tão depressa aquela chave de harmonia que lhe proporcionava segura confiança em todos. Teve a impressão de que nas genuinas comunidades do Cristo a amizade era diferente de tudo que lhe dava expressão nos agrupamentos mundanos. Na diversidade das lutas sociais o traço dominante das relações cifrava-se agora, a seus olhos, nas vantagens do interesse individual; ao passo que, na unidade de esforços da tarefa do Mestre, havia um cunho divino de confiança, como se os compromissos tivessem o ascendente divino, original. Todos falavam, como nascidos no mesmo lar. Se expunham uma idéia digna de maior ponderação, faziam-no com serenidade e geral compreensão do dever; se versavam assuntos leves e simples, os comentários timbravam franca e confortadora alegria. Em nenhum deles notava a preocupação de parecer menos sincero na defesa dos seus pontos de vista; mas, ao invés, lhaneza de trato sem laivos de hipocrisia, porque em regra, sentiam-se sob a tutela do Cristo, que, para a conciencia de cada

um, era o amigo invisível e presente, a quem ninguem deveria enganar.

Consolado e satisfeito de haver encontrado amigos na verdadeira acepção da palavra, Saulo chegou á estalagem de Judas, despedindo-se de todos profundamente comovido. Ele proprio surpreendia-se com o sabor de intimidade com que as expressões lhe afloravam aos lábios. Agora comprehendia que a palavra "irmão", largamente usada entre os adéptos do "Caminho", não era fútil e vã. Os companheiros de Ananias conquistaram-lhe o coração. Nunca mais esqueceria os irmãos de Damasco.

No dia imediato, contratando um serviçal indicado pelo estalajadeiro, Saulo de Tarso, ao amanhecer, embora surpreendesse o dono da casa com o seu ânimo resoluto, pôs-se a caminho da cidade famosa, situada num oásis em pleno deserto.

Nas primeiras horas da manhã, saíam das portas de Damasco dois homens modestamente trajados, á frente de pequeno camelo carregado das necessarias provisões.

Saulo fizera questão de partir assim, a pé, de modo a iniciar a vida com rigores que lhe seriam sumamente benéficos mais tarde. Não viajaria mais na qualidade de doutor da Lei, rodeado de servos, sim como discípulo de Jesus, adstrito aos seus programas. Por esse motivo, considerou preferivel viajar como beduino, para aprender a contar, sempre, com as proprias fôrças. Sob o calor calcinante do dia, sob as bençãos refrigeradoras do crepúsculo, seu pensamento estava fixo n'Aquele que o chamara do mundo para uma vida nova. As noites do deserto, quando o luar enche de sonho a desolação da paisagem morta, são tocadas de misteriosa beleza. Sob as frondes de alguma tamareira solitaria, o convertido de Damasco aproveitava o silêncio para profundas meditações. O firmamento estrelado tinha agora para seu espírito confortadoras e permanentes mensagens.

Estava convicto de que sua alma havia sido arrebatada a novos horizontes, porque, através de todas as cousas da natureza, parecia receber o pensamento do Cristo que lhe falava cariciosamente ao coração.

II

O TECELÃO

A-pesar-de acostumados ao espetáculo permanente da chegada de estrangeiros á cidade, dada a sua privilegiada situação no deserto, os transeuntes de Palmira anotaram, com profundo interesse, a passagem daquele beduíno seguido de humilde serviçal a puxar um mísero camelo arquejante de cansaço. Sem dúvida, reconheceram-lhe o perfil de judeu nos traços característicos do rosto, na energia serena que lhe transparecia do olhar.

Saulo, por sua vez, transitava com ar indiferente, como se convivesse naquele cenário, de ha muito tempo.

Ciente de que o irmão do antigo mestre era ali negociante dos mais conhecidos e abastados, não teve dificuldade em obter informações de um compatriício, que lhe indicou a residencia.

Acomodando-se numa estalagem comum para refazer-se das fadigas da viagem, consultou a bolsa para regular o seu programa. O dinheiro exgotava-se, mal chegaria para remunerar o companheiro dedicado que lhe fôra amigo fiél em toda a penosa viagem. Depois de informado do "quantum" a pagar, verificando a insuficiencia dos recursos, falou-lhe com humildade:

— Judá, de momento não tenho o bastante para compensar melhor o serviço que me prestaste. Entretanto, dou-te metade da importancia e mais o camelo em pagamento do restante.

O proprio servo comoveu-se com o tom humilde da proposta.

— Não precisa tanto, senhor — respondeu confuso — o valor do animal basta e sobra. Dêsse modo, não

ficará desprevenido. Contento-me com algumas moedas, apenas o necessário para custear a volta.

Saulo teve para ele um olhar de reconhecimento e alegando a impossibilidade de o reter por mais tempo, despediu-o com expressões de conforto e votos de feliz regresso a Damasco.

Depois, recolhendo-se ao quarto pobre que tomara, entrou a meditar, acuradamente, nos últimos acontecimentos da sua vida.

Estava só, sem parentes, sem amigos, sem dinheiro.

Pouco antes daquela resolução de partir no encalço de Ananias, não vacilaria em decretar a morte de quem profetizasse o futuro que o esperava. Sua existencia, seus planos, estavam transformados nos detalhes mais íntimos. Que fazer agora? E se não encontrasse em Palmira o socorro de Gamaliél, conforme aguardava em suas esperanças secretas? Considerou a extensão das dificuldades que se desdobravam a seus olhos. Tudo difícil. Estava como o homem que houvesse perdido a família, a patria e o lar. Profunda amargura ameaçava invadir-lhe o coração. Repentinamente, porém, recordou-se de Cristo e a lembrança da visão gloriosa encheu-lhe de conforto o espírito desolado. Confiando muito mais n'Aquele que lhe estendera as mãos, do que em suas próprias fôrças, procurou acalmar os sobresaltos íntimos, dando repouso ao corpo fatigado.

No dia seguinte, manhã alta, saiu á rua preocupado e ansioso. Obedecendo aos informes recolhidos, parou á porta de confortável edifício, á frente do qual funcionavam grandes lojas comerciais.

Procurando Ezequias, foi logo atendido por um homem idoso, de semblante risonho e respeitável, que o saudou com muita simpatia. Tratava-se do irmão de Gamaliél, que, logo se familiarizando com o patrício recém-chegado de longe, proporcionou-lhe confortadora palestra. Buscando informar-se, delicadamente, a respeito do venerável rabino de Jerusalém, Saulo obtinha de Ezequias os esclarecimentos necessários, tomado de profundo interesse:

— Meu irmão — dizia ele preocupado — desde que

chegou á Palmira pareceu-me muito diferente. E' possível que a mudança de Jerusalém tenha influido para essa profunda transformação. A diferença de ambiente social, a alteração de hábitos, o clima, a ausencia dos trabalhos usuais, tudo isso pode ter-lhe prejudicado a saúde.

— Como assim? — perguntou o moço sem dissimular a estranheza.

— Passa dias e dias numa cabana abandonada que possuo, á sombra de algumas tamareiras, num dos muitos oásis que nos rodeiam; e isso, veja, tão só para lér e meditar um manuscrito sem importancia, que não consegui compreender. Além disso, parece-me completamente desinteressado de nossas práticas religiosas, vive como que alheio ao mundo. Fala em visões do céu, refere-se constantemente a um carpinteiro que se transformou em Messias do povo, alimentava-se de cousas imaginárias, de sonhos irreais. A's vezes, é com profundo pesar que lhe observo a decadencia mental. Minha mulher, porém, tudo atribúe á idade avançada e eu que o crér seja antes, ou pelo menos, em grande parte, devido á intensidade do estudo, das meditações prolongadas.

Ezequias fez uma pausa, enquanto Saulo fixava nele o olhar percuciente e significativo, compreendendo a condição do velho mestre.

A' uma nova observação do moço tarsense, continuava o outro, loquaz:

— No seio de minha família, Gamaliél é tratado como se fôra o nosso pai. Aliás, devo meu inicio de vida ás suas imensas dedicações fraternais. Por isso mesmo, eu e minha mulher combinámos com os filhinhos, relativamente á atmosfera de paz que deverá cercar aqui o prezado e nobre enférmo. Quando ele discorre sobre as ilusões religiosas que o empolgam no seu desequilibrio mental, ninguem nesta casa o contradiz. Já sabemos que não fala mais por si. A mentalidade poderosa esmaeceu, a estrela se apagou. Considerando essas penosas circunstancias, ainda rendo graças a Deus que mo trouxe aqui, para terminar seus dias aquecido pelo nosso afeto familiar, e indene do escárneo de que talvez

pudesse ser objeto em Jerusalém, onde nem todos estão á altura de lhe compreender e honrar o passado ilustre.

— Mas a cidade sempre venerou nele um mestre inesquecível — ajoutou o rapaz como se quisesse defender seus proprios sentimentos de amizade e admiração.

— Sim — esclareceu o negociante, convicto — um homem do seu nível intelectual estaria preparado a entender tudo, mas os outros? O senhor não ignora, naturalmente, a perseguição implacável, movida pelas autoridades do Sinhédrio e do Templo, contra os simpatizantes do famoso carpinteiro nazareno. Palmira teve notícias dos fatos, por intermédio de inúmeros patrícios pobres, que deixaram Jerusalém ás pressas, ameaçados de prisão e morte. Ora, foi justamente com a personalidade desse homem que Gamaliél deu as primeiras demonstrações de fraqueza mental. Se estivesse por lá, que seria da sua velhice desamparada? Naturalmente, muitos amigos como o senhor, estariam a postos para a defesa; mas, o caso podia tomar aspectos mais graves, surgirem inimigos políticos reclamando medidas ingratas. E de nossa parte nada poderíamos tentar para restabelecer a situação, porque, na verdade, a sua loucura é pacífica, quase imperceptivel e, de maneira alguma conseguiríamos suportar sua apologia ao celerado que o Sinhédrio mandou á cruz dos ladrões.

Saulo sentia extremo mal-estar ouvindo aquelas observações, agora tão injustas e superficiais ao seu ver. Compreendia a delicadeza do momento e a natureza dos recursos psicológicos a empregar, para não se comprometer, agravando, ainda mais, a posição do mestre ilustre.

Desejando imprimir novo rumo á conversa, perguntou com serenidade:

— E os médicos? qual a opinião dos entendidos?

— No último exame a que se submeteu, por insistência nossa, descobriram que o estimado doente além de perturbado, padece de singular astenia organica, que lhe vai consumindo as ultimas forças vitais.

Saulo fez ainda algumas observações, contrastado, e, depois de reconsiderar as primeiras impressões rela-

tivamente á amavel hospitalidade de Ezequias, auxiliado por um pequeno servo da casa, demandou o local onde o antigo mentor o recebeu com surpresa e alegria.

O ex-discípulo notou que Gamaliél, com efeito, apresentava sintomas de profundo abatimento. Foi com infinito júbilo que o apertou afetuosamente nos braços, osculando-lhe, amoroso, as mãos encarquilhadas e tremulas. Seus cabelos pareciam mais brancos; a epiderme sulcada de rugas veneraveis dava impressão do alabastro; uma palidez indefinivel.

Falaram longamente das saudades, dos sucessos de Jerusalém, dos amigos distantes. Depois dos preambulos afetuoso, o moço tarsense relatou ao mestre venerando as graças recolhidas ás portas de Damasco. A voz de Saulo tinha a inflexão vibrante da paixão e da sinceridade que costumava imprimir ás emoções proprias. O velhinho ouviu-lhe a narrativa com indizivel espanto; nos olhos vivos e serenos, porejavam lágrimas de emoção, que não chegavam a cair. Aquela prova enchia-o de profundo consôlo. Não havia aceitado, em vão, aquele Cristo sábio e amoroso, incompreendido dos colegas. Ao término da exposição, Saulo de Tarso tinha o olhar velado em pranto. O bondoso ancião abraçou-o comovidamente, atraíndo-o ao coração.

— Saulo, meu filho — disse exultante — bem sabia que me não enganava a respeito do Salvador, que tão profundamente me falou á velhice exausta, através da luz espiritual do seu Evangelho de redenção. Jesus dignou-se estender as mãos amorosas ao teu espírito dedicado. A visão de Damasco bastará para a consagração de tua existencia inteira ao amor do Messias. E' verdade que muito trabalhaste pela Lei de Moisés, sem hesitar na adoção de medidas extremas, na sua defesa. Entretanto, é chegado o momento de trabalhares por quem é maior que Moisés.

— Sinto-me, porém, grandemente desorientado e confundido — murmurou o jovem de Tarso cheio de confiança — desde a ocorrência, noto que estou sendo objeto de singulares e radicais transformações. Obediente ao meu feitio absolutamente sincero, quis começar

meu esforço por Cristo, em Damasco, e no entanto, recebi dos nossos amigos dali, as maiores manifestações de desprezo e ridículo, que muito me fizeram sofrer. Repentinamente, ví-me sem companheiros, nem ninguem. Alguns componentes da reunião do "Caminho" consolaram minha alma abatida com as suas expressões de fraternidade, mas não foram bastantes para ressarcir as amargas desilusões experimentadas. O proprio Sadoc, que, na infancia foi pupilo de meu pai, cobriu-me de recriminações e zombarias. Desejei voltar a Jerusalém, mas, através do quadro da sinagoga de Damasco, comprehendi o que me esperava junto ás autoridades do Sinhédrio e do Templo, em grande escala. Naturalmente, a profissão de rabino não me poderá interessar o espirito sincero, porque, de outro modo, seria mentir a mim proprio. Sem trabalho, sem dinheiro, acho-me num labirinto de questões insolueis, sem o auxilio de um coração mais experiente que o meu. Resolvi, então, demandar o deserto e procurar-vos para o socorro necessário.

E concluindo a rogativa, com os olhos suplices revelando as ansiedades tormentosas que lhe povoavam a alma, exclamou:

— Mestre amado, sempre enxergastes as soluções do bem, onde minha imperfeição não devassava senão sombras amarguradas!... Amparai meu coração mergulhado em dolorosos pesadelos. Preciso servir Áquele que se dignou arrancar-me das trevas do mal, não posso dispensar vossa auxílio neste transe difícil da minha vida!...

Essas palavras eram ditas com inflexão profundamente comovedora. Olhos firmes, embora iluminados de intensa ternura, o generoso velhinho acariciou-lhe as mãos e começou a falar comovidamente:

— Examinemos tuas dúvidas, de maneira particular, a-fim-de estudarmos uma solução adequada a todos os problemas, á luz dos ensinamentos que hoje nos iluminam.

E após uma pausa em que parecia catalogar os assuntos, continuava:

— Falas do desprezo experimentado na sinagoga de Damasco; mas, os exemplos são claros e convincentes. Também eu, atualmente, sou considerado como louco pacífico, no ambiente dos meus. Em Jerusalém, viste Simão Pedro vilipendiado por amar os pobres de Deus e dar-lhes acolhida; viste Estêvão morrer sob pedradas e que mais? O próprio Cristo, redentor dos homens, não se furtou aos martírios de uma cruz infamante, entre malfeiteiros condenados pela justiça do mundo. A lição do Mestre é grande demais para que seus discípulos estejam à espera de dominações políticas ou de altas expressões financeiras, em seu nome. Se ele que era puro, e inimitável, por excelência, andou entre sofrimentos e incompreensões neste mundo, não é justo aguardemos repouso e vida fácil em nossa miserável condição de pecadores.

O moço tarsense ouvia aquelas palavras mansas e energéticas, com a alma dolorida, mórmamente no que se referia às perseguições infligidas a Pedro e no capítulo das lembranças de Estêvão, ás quais o velho amigo tinha a delicadeza de não aludir nominalmente ao ver-

— A respeito das dificuldades que dizes experimentar depois dos sucessos de Damasco — prosseguia Gamaliél serenamente — nada mais justo e natural a meus olhos experimentados nos problemas do mundo. Nossos avós, antes de receber o maná do céu, atravessaram tempos sombrios de miséria, escravidão e sofrimento. Sem as angústias do deserto, Moisés jamais encontraria na rocha estéril a fonte de água viva. E talvez ainda não tenhas meditado melhor nas revelações da Terra Prometida. Que região seria essa, se guardando a compreensão mais vasta de Deus, descobrimos em todos os pontos do mundo mananciais de sua proteção? Ha tamaras, frondosas e amigas, medrando nos areais ardentes. Essas árvores generosas não transformam o próprio deserto em caminhos abençoados, cheios do pão divino para matar nossa fome? Nas minhas reflexões solitárias, cheguei á conclusão de que a Terra Prometida

pelas divinas revelações é o Evangelho do Cristo Jesus. E a meditação nos sugere comparações mais profundas. Quando nossos ascendentes mais corajosos trabalhavam por conquistar a região privilegiada, numerosas pessoas tentavam desaninar os mais pertinazes, asseverando que o terreno era inhóspito, que os ares eram insalubres e portadores de febres mortais, que os habitantes eram intratáveis, devoradores de carne humana; mas Josué e Caléb num esforço heróico penetraram a terra desconhecida, venceram os primeiros obstáculos e voltaram dizendo que dentro da região manavam leite e mel. Não temos ái um simbolo perfeito? A revelação divina deve referir-se a uma região bendita, cujo clima espiritual seja feito de paz e luz. Adaptarmo-nos ao Evangelho é descobrir outro país, cuja grandeza se perde no Infinito da alma. A nosso lado permanecem aqueles que tudo fazem por nos desaninar na empresa conquistada. Acusam a lição do Cristo de criminosa e revolucionária, enxergam no seu exemplo intutos de desorganização e de morte; qualificam um apóstolo como Simão Pedro de pescador presunçoso e ignorante; mas, pensando naquela estupenda serenidade com que Estêvão entregou a alma a Deus, vi nele a figura do companheiro corajoso e digno, que voltava das lições do "Caminho" para nos afirmar que na Terra do Evangelho ha fontes do leite da sabedoria e do mél do amor divino. E' preciso, pois, marchar sem repouso e sem contar os obstáculos da viagem. Procuremos a mansão infinita que nos seduz o coração.

Gamaliél fizera uma pausa em suas expressões amigas e altamente consoladoras. Saulo estava admirado. Aquelas comparações tão simples, aquelas deduções preciosas do estudo da antiga Lei, com relação a Jesus, deixavam-no perplexo. A sabedoria do ancião renovava-lhe as fôrças.

— Alegas tua estranheza — continuou o venerando amigo, enquanto o jovem o fixava com interesse crescente — com a mudança de profissão e a falta de dinheiro para as necessidades mais imediatas... Entre-

tanto, Saulo, basta meditar um pouco na realidade dos fatos, para que vejas claramente. Um velho, como eu, está na situação de Moisés contemplando a Terra Prometida, sem poder alcançá-la. Mas, quanto a ti, é preciso convir que estás ainda muito moço. Podes multiplicar as energias com o adextramento de tuas forças e penetrar o terreno das aspirações do Salvador, a nosso respeito. Para isso, é indispensável simplificar a vida, recomeçar a luta. Josué não poderia ter vencido os óbices do caminho tão só com a leitura dos textos sagrados, ou com os favores de quantos o estimavam. Cértamente, manipulou instrumentos rudes, aplaniou estradas onde havia abismos, a custa de esforços sobre-humanos.

— E que me aconselhais neste sentido? — interrogou o rapaz com profunda atenção, enquanto o velho mestre fazia longa pausa.

— Quero dizer que conheço teu pai, bem como sua situação de abastança. Naturalmente, nas suas expressões de afeto, não se negaria a te prestar todo o auxílio, nesta emergência. Mas teu pai é humano e pode ser chamado amanhã á vida espiritual. Seu amparo, portanto, seria valioso, mas não deixaria de ser precário, se não cooperasses com teu esforço próprio na solução dos teus problemas. E vives uma fase em que todo trabalho enérgico se faz indispensável. Examinada a questão de família, vejamos tua condição profissional. Até agora foste rabino da Lei, preocupado com os erros alheios, com as discussões da casuística, com a situação de evidência entre os doutores; ganhavas dinheiro na vigilância dos outros, mas Deus te chamou á verificação dos teus próprios desvios, como chamou a mim mesmo. A Terra Prometida desenha-se aos nossos olhos. E' preciso vencer os obstáculos e marchar. Como doutor da Lei, isso não mais te seria possível. Então, é necessário recomeçar a tarefa como o homem que procurava inutilmente o ouro no lugar onde ele não existia. O problema é de trabalho, de esforço pessoal.

O moço de Tarsó demorou o olhar humido de emoção no velho generoso e exclamou:

— Sim, agora comprehendo...

— Que aprendeste na infancia, antes da posição conquistada? — perguntou o ancião previdente.

— Consoante os costumes da nossa raça, meu pai mandou-me aprender o ofício de tecelão, como sabeis.

— Não podias receber das mãos paternas dádiva mais generosa — acrescentou Gamaliél com um sorriso sereno — teu pai foi previdente como todos os chefes de família do povo de Deus, procurando afeiçoar tuas mãos ao trabalho, antes que o cérebro se povoasse de muitas idéias. Está escrito que devemos comer o pão com o suor do rosto. O trabalho é o movimento sagrado da vida.

Fazendo um intervalo, como que procurando refletir mais profundamente, o velho mentor da mocidade farísäica voltou a dizer:

— Foste humilde tecelão antes de conquistar os títulos honoríficos de Jerusalém... Agora que te candidatas a servir o Messias na Jerusalém da Humanidade, é bom que voltes a ser modesto tecelão. As tarefas apagadas são grandes mestras do espírito de submissão. Não te sintas humilhado regressando ao tear que nos surge, presentemente, qual amigo generoso. Estás sem dinheiro, sem recursos materiais... A' primeira vista, considerando tua situação de realce no mundo, seria justo recorrer a parentes ou amigos. Mas não estás doente, nem envelhecido. Tens a saúde e a força. Não será mais nobre converter-las em elemento de socorro a ti mesmo? Todo trabalho honesto está selado com a benção de Deus. Ser tecelão, depois de ter sido rabino, é para mim mais honroso que descansar sobre os títulos ilusórios, conquistados num mundo onde a maioria dos homens ignora o bem e a verdade.

Saulo comprehendeu a grandeza dos conceitos e tomado-lhe a mão, beijou-a com profundo respeito, murmurando:

— Não esperava de vós senão esta franqueza e esta sinceridade que iluminam meu espírito! Aprenderei, de novo, o caminho da vida, encontrarei no ruído do tear os estímulos brandos e amigos do trabalho santificante.

Conviverei com os mais desfavorecidos da sorte, penetrarei mais intimamente nas suas amarguras de cada dia; em contacto com as dores alheias hei de saber dominar meus proprios impulsos inferiores, tornando-me mais paciente e mais humano!...

Tomado de grande alegria, o sábio velhinho acariciou-lhe os cabelos, exclamando emocionado:

— Deus abençoará tuas esperanças!...

Longo tempo ficaram em silencio, como desejosos de prolongar, indefinidamente, aquele instante glorioso de comprehensão e harmonia.

Foi Saulo quem, devotando no olhar as muitas preocupações íntimas, quebrou o silencio, dizendo re-
ceioso:

— Pretendo retomar o ofício da primeira idade, mas estou sem dinheiro para a viagem. Se fôsse possí-
vel, exerceeria a profissão aqui mesmo, em Palmira...

Falava hesitante, deixando perceber ao venerável amigo a vergonha que experimentava com o fazer-lhe essa confissão.

— Como não? — obtemperou Gamaliél solícito — considero que as dificuldades da volta não seriam pequenas. Entretanto, não incluo nos obstáculos os problemas do dinheiro, porque, de qualquer forma, poderíamos obtê-lo para as despesas mais urgentes. Refiro-me simplesmente aos perigos da situação que passou. Acho justo que regresses a Jerusalém ou a Tarso, plenamente integrado nos teus novos deveres. Toda a planta é frágil quando começa a crescer. As tricas do farisaísmo, a falsa ciencia dos doutores, as vaidades familiares podiam abafar a semente gloriosa que Jesus te lançou no coração ardente. O rebento mais promissor não se desenvolverá se o cobrirmos de detritos e lama. E' bom que voltes ao berço, aos nossos companheiros e à família, como árvore frondejante, honrando a dedicação do Divino Cultivador.

— Mas que fazer? — tornou Saulo preocupado.

O antigo mestre refletiu um instante e esclareceu:

— Sabes que as zonas do deserto são grandes mer-
cados dos artigos de couro. O serviço de transportes

depende inteiramente dos tecelões mais habeis e dedicados. Assim o comprehendendo, meu irmão estabeleceu diversas tendas de trabalho nos oásis mais distantes, para atender ás necessidades do seu comércio. Conversarei com Ezequias a teu respeito. Não direi que se trata de um grande chefe em Jerusalém, que pretende exilar-se por algum tempo, não pelo receio de envergonhar teu nome ou tua origem, mas por julgar util que proves a humildade e a solidão no teu novo caminho. As considerações convencionais poderiam perturbar-te, agora que necessitas exterminar o "homem velho" a golpes de sacrifício e disciplina.

— Compreendo e obedęço em meu proprio beneficio — murmurou Saulo com atenção.

— Aliás, Jesus exemplificou tudo isso, permanecendo em nosso meio, sem que o percebessemos.

O moço tarsense pôs-se a meditar na elevação dos alvitres recebidos. Iniciaria uma existencia nova. Tomaria o tear com humildade. Alegrava-se, ao recordar que o Mestre não desdenhara, por sua vez, o banco do carpinteiro. O deserto lhe proporcionaria consolação, trabalho, silencio. Ganharia não mais o dinheiro facil da admiração indevida, mas os recursos necessarios á existencia, com o subido valor dos obstáculos vencidos. Gamaliél tinha razão. Não era lícito rogar o favor dos homens quando Deus lhe havia feito o maior de todos os favores, iluminando-lhe a conciencia para sempre. E' verdade que em Jerusalém havia sido cruel verdugo, mas contava apenas trinta anos. Buscaria conciliar-se com todos a quem havia ofendido no seu rigorismo sectario. Sentia-se jovem, trabalharia para Jesus enquanto lhe restassem energias.

A palavra carinhosa do ancião veiu arranca-lo das profundas cismas.

— Tens o Evangelho? — perguntou o velhinho com bondoso interesse.

Saulo mostrou-lhe a parte fragmentária que trazia, explicando-lhe o trabalho que teve, em Damasco, para copia-la dos manuscritos do generoso prégador que lhe curara a cegueira repentina. Gamaliél examinou-a com

atenção e, depois de concentrar-se longo tempo, acrescentou:

— Tenho uma cópia integral das anotações de Levi, cobrador de impostos em Cafarnaum, que se fez Apóstolo do Messias — lembrança generosa de Simão Pedro á minha pobre amizade; presentemente não necessito mais desses pergaminhos, que considero sagrados. Para gravar na memória as lições do Mestre, procurei copiar todos os ensinos, fixando-os na retentiva, para sempre. Assim é que, já posso três exemplares completos do Evangelho, sem a cooperação de escriba algum. Desse modo, por considerar a dádiva de Pedro como santificada relíquia de nobre afecção, quero depô-la em tuas mãos. Levarás contigo as páginas escritas na igreja do balho.

O ex-rabino escutava-lhe as declarações afetuosas, tomado de profunda emoção.

— Mas, porque desfazer-vos de uma lembrança carinhosa, por minha causa? — perguntou sensibilizado. — Ficaria muito contente com uma das cópias feitas por vossas mãos!...

O velho mestre fixou o olhar tranquilo na paisagem e murmurou com voz profética:

— Cheguei ao fim da carreira, devo esperar a morte do corpo. Se hei de abandonar a dádiva de Pedro a pessoas que lhe não podem reconhecer o valor que lhe atribuimos, é justo entrega-la a um amigo fiel, que pode ajuizar do seu caráter sagrado. Além disso, tenho a convicção de que não mais poderei voltar a Jerusalém; neste mundo, não me será possível qualquer entendimento direto com os Apóstolos galileus, a respeito das luzes que o Salvador derramou em meu espírito. E temo pronto, quando regressares á cidade santa. Terás, então, esta lembrança para te apresentares a Pedro em meu nome.

Aquele tom profético impressionava o moço tarsense, que baixou a cabeça, de olhos húmidos.

Depois de longo intervalo, como que procurando recompôr as idéias com perfeita sabedoria, Gamaliél continuava solícito:

— Vejo-te, no futuro, dedicado a Jesus, com o mesmo zelo ardente com que te conheci consagrado a Moisés! Se o Mestre te chamou ao serviço é porque confia na tua compreensão de servo fiel. Quando o esforço das mãos te haja granjeado a liberdade para escolheres o novo caminho a seguir, Deus ha-de abençoar-te o coração, para difundires a luz do Evangelho entre os homens, até o último dia de vida aqui na Terra. Nesse labor, meu filho, se topares incompreensão e luta em Jerusalém, não desesperes nem esmoreças. Semeaste por lá certa confusão nos espíritos, é justo recolhas os resultados. Em toda tarefa, porém, lembra-te de Cristo e passa adiante com o teu esforço sincero. Não te perturbem as desconfianças, a calúnia e a má fé; atento a que Jesus venceu galhardamente tudo isso!...

Saulo sentia profundo descanso naquela exortação amorosa, terna, leal. Ouvindo-a, deixou-se ficar, longo tempo, entre lágrimas ardentes que testemunhavam o arrependimento do passado e as esperanças do futuro.

Naquela tarde, Gamaliél deixou a rústica choupana, dirigindo-se com o ex-discípulo á casa do irmão, que acolheu, desde então, o jovem tarsense sob o seu teto, com indisfarçável contentamento.

A inteligência fulgurante e a juventude comunicativa do ex-doutor da Lei, conquistaram Ezequias e os seus, numa bela expressão de amizade espontânea.

Nessa mesma noite, concluídas as cerimônias domésticas da ultima colação habitual, o velho rabino de Jerusalém expôs ao negociante a situação do seu protegido. Explicou-lhe que Saulo fôra seu discípulo, desde menino, exaltando-lhe o valor pessoal e concluindo com a exposição de suas necessidades económicas, verdadeiramente críticas. E diante do proprio interessado que acentuava sua admiração por aquele velhinho sábio e generoso, esclareceu que ele tencionava trabalhar como tecelão nas tendas do deserto, rogando a Ezequias auxi-

liasse, com sua bondade, tão nobres aspirações de trabalho e esforço proprios.

O comerciante de Palmira admirou-se.

— Mas o rapaz, de modo algum — advertiu atencioso — necessitará isolar-se para ganhar a vida. Tenho meios de localizá-lo aqui mesmo, na cidade, onde ficará em contacto permanente conosco.

— Entretanto, preferiria vosso amparo generoso lá no deserto — acentuou Saulo em tom significativo.

— Porque? — indagou Ezequias interessado — não comprehendo mocidades como a tua exiladas nos extensos de areia intermináveis. Os imigrantes do êxodo de Jerusalém, na condição de solteiros, não toleraram os elementos que lhes ofereci nos oásis distantes. Apenas alguns casais aceitaram as propostas e partiram. Quanto a ti, com os teus dotes intelectuais, não comprehendo como preferes ser tecelão humilde, segregado de todos...

Gamaliél comprehendeu que a estranheza do irmão poderia leva-lo a suposições erroneas, a cerca-do jovem amigo, e antes que alguma suspeita injusta se lhe esboçasse ao espírito indagador, ponderou com prudencia:

— Tua pergunta, Ezequias, é natural, pois as soluções de Saulo inspiram estranheza a qualquer homem prático. Trata-se de um moço cheio de talento, credor de belas promessas e, ao demais, muito instruído. Os menos avisados poderão chegar ao extremo de presuarem na sua atitude o desejo de fugir a consequencias de algum crime. Mas não ha tal. Para ser mais franco, devo dizer que meu antigo discípulo quer consagrar-se, mais tarde, á difusão da palavra de Deus. Achas, então, que Saulo, se elegesse a carreira da mocidade triunfante, da nossa época, preferiria Palmira a Jerusalém? A situação, portanto, não é apenas de necessidade pecuniária, é tambem de carencia de meditação nos problemas mais graves da vida. Bem sabemos que os profetas e homens de Deus foram aos lugares ermos, a-fim-de sentirem as reais inspirações do Altíssimo, antes de ministrarem, com êxito, a santidade da palavra.

— Se é assim... replicou o outro, vencido.

E após meditar alguns momentos, o negociante voltou a dizer:

— Na região que conhecemos por "oásis de Dan", daqui distante mais de cinquenta milhas, precisamente, instalei ha cerca-de um mês um jóven casal de tecelões de que chegou na última leva de refugiados. Trata-se de Aquila, cuja mulher, de nome Prisca, foi serva de minha espôsa, quando menina e orfã desamparada. Esses bons operarios são, atualmente, os únicos habitantes do oásis. Saulo poderá fazer-lhes companhia. Ali ha tendas proprias, casa confortavel e teares indispensaveis ao serviço.

— E qual o sistema do trabalho? — interrogou o jovem tarsense interessado pela nova tarefa.

— A especialidade desse posto avançado — esclareceu Ezequias com certo orgulho — é a preparação de tapetes de lã e dos tecidos resistentes do pelo caprino, destinados a barracas de viagem. Esses artigos são fornecidos por nossa casa comercial, em grande escala, mas, situando a manufatura desse trabalho tão distante, tive em vista as necessidades urgentes dos grupos de camelos de minha propriedade, empregados no meu tráfico comercial com toda a Síria e pontos outros mais florescentes, do comércio em geral.

— Tudo farei por corresponder á vossa confiança — confirmou o ex-rabino confortado.

A palestra prosseguiu ainda, longo tempo, no comentário das perspectivas, das condições e vantagens do negócio.

Dai a três dias, Saulo despedia-se do mestre, debaixo de profunda comoção. Figurava-se-lhe que aquele abraço afetuoso era o último e até que os camelos da caravana largassem em direção da imensa planicie, o jóven envolveu o venerando ancião nas vibrações cariocas do angustioso adeus.

No dia imediato, os serviços de Ezequias ladeando a extensa fila de camelos resignados, deixavam-no com vultosa carga de couros, na companhia de Aquila e sua mulher, no grande oásis que florecia em pleno deserto.

Os dois operários da pequena oficina receberam-no com as melhores mostras de fraternidade e simpatia. Saulo reconheceu neles, de relance, as mais nobres qualidades espirituais. A mocidade do generoso casal expandia-se em formosas expressões de trabalho e bom ânimo. Prisca desdobrava-se em atividades para assinalar em tudo as preciosidades do seu carinho. Suas velhas canções hebráicas ressoavam no grande silêncio como notas de soberana e harmoniosa beleza. Terminados os serviços domésticos, ei-la junto do companheiro, nas lides do tear, até as horas mais avançadas do crepúsculo. O marido, por sua vez, parecia um temperamento privilegiado, desses que se movimentam sem a presença do aguilhão. Plenamente integrado nas responsabilidades que lhe competiam, Aquila trabalhava sem descanso, à sombra das árvores acolhedoras e amigas.

Saulo compreendeu a bênção que havia recebido. Tinha a impressão de encontrar naquelas duas almas fraternas, que nunca mais se haviam de separar espiritualmente da grandeza de sua missão, dois habitantes de um mundo diferente que, até então, não lhe fôra dado conhecer na vida.

Aquila e Prisca, antes que espôsos, pareciam verdadeiros irmãos. No primeiro dia de esforço conjunto, o ex-doutor da Lei observou-lhes o respeito mútuo, a perfeita conformidade de idéias, a elevada noção de deveres que lhes caracterizava as menores atitudes e, sobretudo, a alegria sã que irradiava dos seus menores gestos. Seus costumes puros e generosos encantavam-lhe a alma desencantada das hipocrisias humanas. As refeições eram simples; cada objeto tinha o seu aproveitamento e lugar adequado e as palavras, quando saíam do círculo da alegria comum, jamais incidiam em maleficencia ou frivolidade.

O primeiro dia correu com agradabilíssimas surpresas para o ex-rabino, sequioso de paz e solidão para os seus novos estudos e meditações. O companheiro de trabalho desfazia-se em gentilezas para atender-lhe ás pequeninas dificuldades no mistér que ha longo tempo

deixara de praticar. Aquila estranhou, naturalmente, as mãos delicadas, as maneiras diferentes, em nada semelhantes ás de um tecelão comum; mas, com a nobreza que o caracterizava, nada perguntou relativamente aos motivos do seu isolamento.

Naquela mesma tarde, cessada a tarefa, o casal acomodou-se ao pé de frondosa palmeira, não sem lançar ao novo companheiro olhares indagadores, que traduziam indifarsavel inquietude. Silenciosos, desenrolaram uns velhos pergaminhos e começaram a lêr com muita atenção.

Saulo percebeu aquela atitude receosa e aproximou-se.

— De fato — disse carinhoso — a tarde no deserto convida á meditação... O lençol infinito de areia parece um oceano parado... A aragem branda representa a mensagem das cidades distantes. Tenho a impressão de estarmos num templo de paz imperturbável, fóra do mundo...

Aquila admirou-se daquelas imagens evocativas e experimentou maior simpatia por aquele rapaz anônimo, segregado talvez dos afetos mais caros, a contemplar a planicie sem fim, com imensa tristeza.

— E verdade — respondeu atencioso — sempre acreditei que a natureza conservou o deserto como altar de silêncio divino, para que os filhos de Deus tenham na Terra um local de perfeito repouso. Aproveitamos, pois, nosso estágio na solidão para pensar no Pai justo e santo, considerando sua magnanimidade e grandeza.

A esse tempo, Prisca debruçava-se sobre a primeira parte do rôlo de pergaminhos, absorvida na leitura.

Lendo casualmente, de longe, o nome de Jesus, Saulo aproximou-se ainda mais e sem conseguir ocultar seu grande interesse, perguntou:

— Aquila, tenho tanto amor ao profeta nazareno que me permito indagar se tua leitura sobre a grandeza do Pai Celestial é feita pelos ensinamentos do Evangelho.

O jovem casal experimentou profunda surpresa em face do inesperado de semelhante pergunta.

— Sim... — esclareceu o interpelado hesitando — mas, se vens da cidade, não ignoras as perseguições movidas a quantos se encontram em ligação com o "Caminho" do Cristo Jesus...

Saulo não dissimulou sua alegria, verificando que os companheiros, amantes da leitura, estavam em condições de permutar mais elevadas idéias do novo aprendizado.

Animado pela confissão do outro, sentou-se nas pedras rústicas e tomando os pergaminhos com interesse, perguntava:

— Anotações de Levi?

— Sim — esclareceu Aquila mais senhor de si e certo de se encontrar em face de um irmão de ideal — copiei-as na igreja de Jerusalém, antes de partir.

Num instante, Saulo buscou a cópia do Evangelho que constituia para seu coração uma das mais preciosas lembranças da vida. Conferiram, satisfeitos, os textos e os ensinos.

Tomado de sincero interesse fraternal, o ex-rabino interrogou com solicitude:

— Quando saíram de Jerusalém? Folgo imenso quando encontro irmãos que conhecem de perto nossa cidade santa. Quando saí de Damasco, não previa que Jesus me reservasse tão gratas surpresas.

— Faz meses que de lá saímos — explicou Aquila, agora cheio de confiança na espontaneidade das palavras ouvidas. — Fomos compelidos a isso pelo movimento das perseguições.

Aquela referencia brusca e indireta ao seu passado perturbava o jovem tarsense no mais recondito do coração.

— Chegaste a conhecer Saulo de Tarso? — perguntou o tecelão com uma grande ingenuidade a transparente-lhe dos olhos. — Aliás — continuava, enquanto o interpelado buscava o que responder — o célebre inimigo de Jesus tem nome igual ao teu.

O ex-rabino considerou que seria melhor seguir á risca o conselho de Gamaliél. Era preferível ocultar-se, experimentar a reprevação justa do seu passado conde-

navel, humilhar-se ante o juizo dos outros, por mais implacaveis que fossem, até que os irmãos do "Caminho" lhe comprovassem de pleno a fidelidade do testemunho.

— Conheci-o — replicou vagamente.

— Pois bem — prosseguia Aquila, iniciando a narração das suas vicissitudes — é bem possível que, pela tua passagem em Damasco e Palmira não tivesses conhecimento perfeito dos martírios que o famoso doutor da Lei nos impôs, muitas vezes, arbitrariamente. Talvez o proprio Saulo, segundo creio, não pudesse saber as atrocidades cometidas pelos homens inescrupulosos que tinha ás suas ordens, porque as perseguições foram de tal natureza que, como irmão do "Caminho", não posso admitir que um rabino educado pudesse assumir a responsabilidade pessoal de tanta iniquidade.

Enquanto o ex-doutor procurava, em vão, uma resposta adequada, Prisca entrava na conversa exclamando com simplicidade:

— E' claro que o rabino de Tarso não podia conhecer todos os crimes cometidos em seu nome. O proprio Simão Pedro, na véspera de partirmos, ocultamente, à noite, nos afirmou que ninguem devia odiá-lo, porque, não obstante o papel que representou na morte de Estêvão, era impossível fôsse o mandante de tantas medidas odiosas e perversas.

Saulo comprehendia, agora que ouvia os mais humildes, a extensão da campanha criminosa que desenca-deara, dando ensanchas a tantos abusos de subalternos e apaniguados.

— Mas — perguntou admirado — sofreste tanto assim? Foste condenado a alguma pena?

— Não foram poucos os que sofreram vexames iguais aos que experimentei — murmurou Aquila explicando-se — dado o condenável procedimento de uns tantos energúmenos fanáticos, escolhidos como auxiliares prestimosos do movimento.

— Como assim? — inquiriu Saulo sumamente interessado.

— Dar-te-ei um exemplo. Imagina que um patrício de nome Jochaí, várias vezes interpelou meu pai relati-

vamente á possibilidade da compra de sua padaria em Jerusalém. Eu cuidava de minha tenda; meu velho progenitor, de seus serviços. Vivíamos felizes e, considerando nossa paz, a-pesar-das investidas do ambicioso, meu pai jamais pensou em alienar a fonte dos seus recursos. Jochai, entretanto, logo no início das perseguições, logrou posição de realce. Em tais feitos, os caracteres mesquinhos sempre levam a palma. Bastou lhe dessem um pouco de autoridade, o invejoso logo expandiu seus criminosos desejos. E' verdade que eu e Prisca fomos dos primeiros a frequentar a igreja do "Caminho", não só por afinidade de sentimento, como por dever a Simão Pedro a cura de antigos males que me vinham da infancia. Meu pai, no entanto, a-pesar-da simpatia pelo Salvador, sempre alegava estar bastante idoso para mudar de idéias religiosas. Aferrado á Lei de Moisés, não podia compreender uma renovação geral de princípios em matéria de fé. Isso, todavia, não invalidou os instintos perversos do ambicioso. Certo dia, Jochai nos bateu á porta acompanhado de escolta armada, com ordem de prisão para os três. Era inutil resistir. O doutor de Tarso lançara um édito em que toda resistencia significava morte. Lá nos fomos á prisão. Em vão meu pai jurou fidelidade á Lei. Depois do interrogatório, eu e Prisca recebemos ordem de regressar á casa, mas o velho foi encarcerado sem confiscados. Depois de muitas providencias de nossa parte, conseguimos voltasse ele á nossa companhia e o valoroso velhinho, cujo unico arrimo era a minha dedicação filial, na sua senetude e viuvez, expirou em nossos braços no dia imediato ao livramento por nós esperado ansiosamente. Quando nos reveiu parecia um fantasma. Guardas caridosos trouxeram-no quase agonizante. Ainda lhe pude ver os ossos quebrados, as feridas abertas, a epiderme lanhada de açoites. Em palavras titubeantes, descreveu as cenas lamentaveis do cárcere. O proprio Jochai, rodeado de sequazes foi o autor dos últimos suplicios. Não podendo resistir aos sofrimentos entregou a alma a Deus!

Aquila estava profundamente comovido. Furtiva lágrima viera associar-se ás penosas recordações.

— E a autoridade do movimento? — perguntou Saulo emocionado ao extremo — estaria alheia a esse crime?

— Creio que sim. A crueldade foi demasiada para que se lhe atribuisse tão só a punição por motivos religiosos.

— Mas não te valeste de alguma petição de justiça?

— Quem se atreveria a fazê-lo? — perguntou o empregado de Ezequias com admiração. — Tenho amigos que chegaram a recorrer, mas pagaram com castigos mais violentos o desejo de justiça.

O ex-rabino compreendeu a justeza dos conceitos. Somente agora tinha bastante largueza de vistas espirituais para avaliar a velha cegueira que lhe negrejara a alma. Aquila tinha razão. Muitas vezes fôra surdo ás rogativas mais comovedoras. Invariavelmente, mantinha as decisões mais absurdas dos seus prepostos inconscientes. Recordava-se do proprio Jochai, que lhe parecia tão prestimoso nos dias de ignorancia.

— E que pensas de Saulo? — perguntou bruscamente.

Longe de saber com quem permutava as idéias mais íntimas, Aquila respondeu sem titubear:

— O Evangelho manda considerá-lo irmão extremamente necessitado da luz de Jesus Cristo. Nunca o ví e temendo as iniquidades praticadas em Jerusalém, aqui vim parar em fuga precipitada, mas tenho orado a Deus por ele, esperando que um raio do céu o esclareça, não tanto por mim, que nada valho, mas por causa de Pedro, que considero um segundo pai muito querido. Acredito que se operariam maravilhas se a igreja do "Caminho" pudesse trabalhar livremente. Julgo que os Apóstolos galileus são dignos de um campo sem espinhos para a semementeira de Jesus.

Dirigindo-se á espôsa, enquanto o moço de Tarso silenciava, o tecelão exclamava com interesse:

— Lembras-te, Prisca, como se exorava pelo seguidor nas preces intimas da igreja? Muitas vezes,

para esclarecer nosso espírito fraco no perdão, Pedro nos ensinava a considerar o implacável rabino como a um irmão que as violências obscureciam. Para que nossos ressentimentos mais vivos se desfizessem, historiava o seu passado, dizendo que, também ele, por ignorância chegara a negar o Mestre, mais de uma vez. Salientava nossas fraquezas humanas, induzia-nos a melhor compreensão. Certo dia chegou a declarar que toda a perseguição de Saulo era útil, porque nos levava a pensar em nossas próprias misérias, a fim de estarmos vigilantes nas responsabilidades com Jesus.

O ex-discípulo de Gamaliél tinha os olhos humidos.

— Sem dúvida, o famoso pescador de Cafarnaum é um dos grandes irmãos dos infelizes — murmurou convictamente.

A palestra desviou-se para outros comentários, depois da intervenção de Prisca nas derradeiras notas do assunto, revelando conhecer muitas mulheres de Jerusalém, que, tendo marido e filhos encarcerados, pediam sinceramente a Jesus pela iluminação do célebre perseguidor do "Caminho". Em seguida, falaram do Evangelho. O manto de estrelas cobriu suas grandiosas esperanças, enquanto Saulo bebia a longos haustos a água pura da amizade sincera, naquele novo mundo tão reduzido.

Nessas palestras carinhosas e fraternais, os dias se foram passando rápidos. De quando a quando, chegavam de Palmira reforços de abastecimentos e outros recursos. Os três habitantes do oásis silencioso, entrelaçavam aspirações e pensamentos em torno do Evangelho de Jesus, o único livro de suas meditações naquelas paragens tão remotas.

O ex-rabino modificara o próprio aspecto, ao contacto direto das forças agressivas da natureza. A epiderme queimada pelo sol dava a impressão de um homem acostumado à inclemência do deserto. A barba crescida transformara-lhe o semblante. As mãos afeitas ao trato dos livros, tornaram-se calosas e rudes. Entretanto, a solidão, as disciplinas austeras, o tear laborioso, lhe haviam enriquecido a alma de luz e serenidade.

dade. Os olhos calmos e profundos atestavam os novos valores do espírito. Entendera, finalmente, aquela paz desconhecida que Jesus desejava aos discípulos; sabia, agora, interpretar a dedicação de Pedro, a tranquilidade de Estêvão no instante da morte ignominiosa, o fervor de Abigail, as virtudes morais dos frequentadores do "Caminho", que perseguia em Jerusalém. A auto-educação, na ausência dos recursos da época, ensinara-lhe a alma ansiosa o segredo sublime de se entregar ao Cristo, para repousar em seus braços misericordiosos e invisíveis. Desde que se consagrara ao Mestre, de alma e coração, os remorsos, as dores, as dificuldades como que se afastaram do seu espírito. Recebia todo trabalho como um bem, toda necessidade como elemento de ensino. Sem esforço, afeiçoou-se a Aquila e sua mulher, como se houvessem nascido juntos. Certa vez, o companheiro adoeceu e esteve à morte, prostrado por violenta febre. A situação dolorosa, a multiplicação das tempestades de areia, abateram igualmente o ânimo de Prisca, que se recolheu ao leito com poucas esperanças de vida. Saulo, porém, mostrou-se de uma coragem e desvelo inauditos. Tomado de sincera confiança em Deus, esperou a restauração da calma e da alegria. Júbilosamente, viu o regresso de Aquila ao tear e a volta da compaheira aos labores domésticos, cheios de novas expressões de paz e confiança.

Quando mais de um ano havia corrido sobre aquela soledade, uma caravana vinda de Palmira trazia-lhe um bilhete laconico. O negociante comunicava-lhe a morte súbita do irmão, aliás de há muito esperada.

A partida de Gamaliél para os reinos da morte não deixou de ser uma dolorosa surpresa. O velho mestre, depois do pai, foi o maior amigo que encontrou na vida. Meditou seus últimos conselhos, ponderou-lhe a profunda sabedoria. Ao seu influxo, conseguiu a paz desejada para ajustar-se à situação espiritual necessária, de maneira a reorganizar a existência. Nesse dia, pensamentos de profunda saudade martirizaram-lhe a alma sensível.

A' tarde, após a refeição e na hora das meditações costumeiras, o ex-rabino contemplou o casal com ternura maior a transparecer dos olhos fracos.

Cada qual se engolfava na meditação do Evangelho Divino, quando o moço tarsense falou com certa timidez, em desacordo com seus gestos resolutos:

— Aquila, muita vez, na solidão do nosso trabalho, tenho pensado na enormidade do mal que te causou o doutor de Tarso. Que farias se um dia te visses repentinamente em face do verdugo?

— Procuraria estimar nele um irmão.

— E tu, Prisca? — perguntou á mulher que o fixava curiosa.

— Seria ótima ocasião para testemunhar o amor que Jesus exemplificou em suas lições divinas.

O ex-doutor da lei recobrou a serenidade e alteando a voz, exclamou convictamente:

— Sempre considerei que um homem chamado a administrar, responde por todos os erros de seus prepostos, no que toca ao plano geral dos serviços. Portanto, no meu modo de pensar, não culparei tanto a Jochá que se arvorou em criminoso vulgar, abusando de uma prerrogativa que lhe foi conferida para execução de tantas vinganças torpes.

— A quem imputarias, então, o assassinio de meu pai? — perguntou Aquila impressionado, enquanto o amigo fazia ligeira pausa.

— Julgo que Saulo de Tarso deveria responder pelo processo. É verdade que ele não autorizou o feito crúel, mas tornou-se culpado pela indiferença pessoal, quanto aos detalhes da tarefa que competia ao seu tirocinio.

Os cônjuges entraram a meditar no motivo de tais perguntas, enquanto o moço se calava, retraído.

Por fim, com voz humilde e comovedora, recomeçou a falar:

— Meus amigos, sob a inspiração do Senhor, é justo confessarmo-nos uns aos outros. Minhas mãos calejadas no trabalho, meu esforço por bem aprender as virtudes da fé, que ambos têm exemplificado a meus

olhos, devem ser um atestado da minha renovação espiritual. Sou Saulo de Tarso, o sanhoso perseguidor, transformado em servo penitente. Se muito errei, hoje muito necessito. Na sua misericórdia, Jesus rasgou a túnica miserável das minhas ilusões. Os sofrimentos regeneradores chegaram-me ao coração lavando-o com lágrimas dolorosas. Perdi tudo que significava honrarias e valores do mundo, por tomar a cruz salvadora e seguir o Mestre na trilha da redenção espiritual. É verdade que ainda não pude abraçar-me ao madeiro das lutas construtivas e santificantes, mas persevero no esforço de negar-me a mim mesmo, desprezando o passado de iniquidades para merecer a cruz da minha ascensão para Deus.

Aquila e a mulher contemplavam-no com assombro.

— Não duvideis da minha palavra — continuou de olhos húmidos. — Assumo a responsabilidade dos meus tristes feitos. Perdoem-me, porém, levando em conta a minha ignorância criminosa!...

O tecelão e a esposa compreenderam que as lágrimas lhe sufocavam a voz. Como tolhido por singular emoção, Saulo começou a chorar convulsivamente. Aquila aproximou-se e abraçou-o. Aquela atitude carinhosa parecia agravar a contrição penosa, porque o pranto jorrou mais abundante. Recordou o momento em que encontrara a afetividade sincera de Ananias e sentindo-se ali, nos braços de um irmão, deixou que as lágrimas lavassem plenamente o coração. Sentia necessidade de expandir sentimentos afetuosos. A velha vida de Jerusalém era convencionalismo e segura. Como doutor destacado, tivera muitos admiradores, mas em nenhum chegara a sentir afinidades fraternas. Naquele recanto do deserto, porém, o quadro era outro. Tinha á frente um homem digno e honesto, companheiro dedicado e trabalhador, antiga vítima das suas perseguições inflexíveis e cruéis. Quantos, como Aquila e sua mulher, não estariam dispersos no mundo, comendo o pão amargo do exílio por sua causa? Os grandes sentimentos nunca povoam a alma de uma só vez, em sua beleza integral. A criatura envenenada no mal é qual recipiente de vinagre, que

necessita ser esvaziado pouco a pouco. A visão de Jesus constituia um acontecimento vivo, imorredouro; mas, para que pudesse compreender toda a extensão dos seus novos deveres, impunha-se-lhe o caminho angusto das provas ríspidas e amargas. Vira o Cristo; mas, para ir ter com Ele, era indispensável voltar atrás e transpôr abismos. As desilusões da sinagoga de Damasco, o reconforto junto dos irmãos humildes sob a direção de Ananias, a falta de recursos financeiros, os conselhos austeros de Gamaliél, o anonimato, a solidão, o abandono dos entes mais caros, o tear pesado sob o sol ardente, a penúria de todo e qualquer conforto material, a meditação diária nas ilusões da vida — tudo isso representara auxílio precioso para sua decisão vitoriosa. O Evangelho funcionara como lampada na jornada difícil, para o descobrimento de si mesmo, a-fim-de ajuizar as necessidades mais prementes.

Abraçando-se estreitamente ao amigo, que buscava enxugar-lhe as lágrimas, recordava-se de que em Damasco, após a grande visão do Messias, talvez ainda guardasse no íntimo o orgulho de saber ensinar, o amor á cátedra de mestre em Israél, a tendência despótica de obrigar o semelhante a pensar com ele; ao passo que agora podia examinar o passado culposo e sentir o júbilo da reconciliação, dirigindo-se com humildade á sua vítima. Naquele instante, teve a impressão de que Aquila representava a comunidade de todos os ofendidos por seus desmandos cruéis. Serenidade branda enchia-lhe o coração. Sentia-se mais distanciado do orgulho, do amor proprio, das idéias amargas, dos remorsos terríveis. Cada gôta de pranto era um pouco de fél que expungia da alma, renovando-lhe as sensações de tranquilidade e de alívio.

— Irmão Saulo — disse o tecelão sem ocultar seu júbilo — regosijemo-nos no Senhor, porque, como irmãos estávamos separados e agora nos encontramos juntos novamente. Não falemos do passado, comentemos o poder de Jesus, que nos transforma por seu amor.

Prisca que também chorava, interveiu com ternura:

— Se Jerusalém conhecesse esta vitória do Mestre, renderia graças a Deus!...

Sentados os três sobre a relva rala do oásis, ao sôpro do vento que abrandava os rigores da tarde quente, irmanados na sublimidade da fé comum, o moço tarsense narrou-lhes o sucesso inolvidável da jornada de Damasco, revelando as profundas transformações da sua vida.

O casal chorou de emoção e alegria ouvindo o feito da misericórdia de Jesus, que, a seus olhos piedosos, não representava apenas um gesto de carinho ao servo desviado, mas uma bênção de amor para a Humanidade inteira.

Daí por diante, a tarefa lhes parecia mais leve, as dificuldades menos penosas. Nunca mais passou um crepusculo sem que comentassem a dáliva gloriosa do Cristo ás portas de Damasco.

— Agora que o Mestre nos reuniu — exclamava Aquila satisfeito — saímos do deserto, proclamemos os favores de Jesus pelo mundo inteiro. Eu e Prisca não temos muitas obrigações de família. Com a morte de meu pai, estamos sós no tocante aos deveres mais pesados e é razoável não perdermos o ensejo de auxiliar a difusão da Boa-Nova. Além das lições de Levi, temos agora a visão de Jesus ressuscitado, para ilustrar nossa palavra.

Depois de muito tempo, ás vésperas de retornarem á luta nos grandes centros populosos, em lhes ouvindo os apelos entusiásticos, Saulo indagou dos projetos que acalentavam.

— Desde a tua revelação — exclamou o tecelão confiante e esperançoso — alimento um grande ideal. Parece incrível á primeira vista; mas, antes de morrer, sonho ir á Roma e anunciar o Cristo aos irmãos da velha Lei. Tua visão no caminho de Damasco enche-me de coragem! Narrarei o fato aos mais indiferentes e darei um pouco de luz aos mais insensatos. Como servidor humilde dos homens, saberei dedicar-me aos interesses do Salvador.

— Mas, quando pretendes partir?

— Quando o Mestre rasgar o caminho com o primeiro ensejo. Isto posto, abandonaremos Palmira.

Depois de uma pausa em que Saulo se conservava pensativo, o outro murmurou:

— Porque não vais conosco á Roma?

— Ah! se eu pudesse!... — disse o ex-rabino dando a entender o seu desejo. — Julgo que Jesus desejará ver-me, antes de tudo, inteiramente reconciliado com quantos ofendi em Jerusalém. Além disso preciso rever meus pais, matando as saudades do coração.

Com efeito, depois da passagem da grande caravana que lhes trazia os substitutos, servidos de um camelo, os três irmãos do "Caminho" deixaram o oásis em direção á Palmira, onde a família de Gamaliél os acolheu com desvelado carinho.

Aquila e a mulher ali ficariam algum tempo ao serviço de Ezequias, até que pudesssem realizar o formoso ideal de trabalho na poderosa Roma dos césares, mas Saulo de Tarso agora, resistente como um beduino, depois de agradecer a generosidade do benfeitor e despedir-se dos amigos com lágrimas nos olhos, tomou novamente o rumo de Damasco, radicalmente transformado pelas meditações de três anos consecutivos, passados no deserto.

III

LUTAS E HUMILHACÕES

A jornada se fez sem incidentes. Entretanto, em sua nova soledade o moço tarsense reconhecia que forças invisíveis proviam-lhe a mente de grandiosas e consoladoras inspirações. Dentro da noite cheia de estréllas, tinha a impressão de ouvir uma voz carinhosa e sábia, a traduzir-se por apelos de infinito amor e de infinita esperança. Desde o instante em que se desligara da companhia amorável de Aquila e sua mulher, quando se sentiu absolutamente só para os grandes emprendimentos do seu novo destino, encontrou energias interiores até então imprevistas, por desconhecidas.

Não podia definir aquele estado espiritual, mas o caso é que dali por diante, sob a direção de Jesus, Estêvão conservava-se a seu lado como companheiro fiél.

Aquelas exortações, aquelas vozes brandas e amigas que o assistiram em todo o curso apostolar e atribuídas diretamente ao Salvador, provinham do generoso mártir do "Caminho", que o seguiu espiritualmente durante trinta anos, renovando-lhe constantemente as forças para execução das tarefas redentoras do Evangelho.

Jesus quis, dessarte, que a primeira vítima das perseguições de Jerusalém ficasse para sempre irmãao ao primeiro algoz dos prosélitos de sua doutrina de vida e redenção.

Ao invés dos sentimentos de remorso e perplexidade em face do passado culposo; da saudade e desalento

que, às vezes, lhe ameaçavam o coração, sentia agora radiosas promessas no espírito renovado, sem poder explicar-se a sagrada origem de tão profundas esferas. Nada obstante as singulares alterações fisionómicas, que a vida, o regimen e o clima do deserto lhe produziram, entrou em Damasco com alegria sincera na alma agora devotada, absolutamente, ao serviço de Jesus.

Com júbilo indefinível abraçou o velho Ananias, pondo-o ao corrente de suas edificações espirituais. O respeitável ancião retribuiu-lhe o carinho com imensa bondade. Dessa vez, o ex-rabino não precisou isolar-se numa pensão entre desconhecidos, porque os irmãos do "Caminho" ofereceram-lhe franca e amorosa hospitalidade. Diariamente, repetia a emoção confortadora da primeira reunião a que comparecera, antes de recolher-se ao deserto. A pequena assembléia fraternal congregava-se todas as noites, trocando idéias novas sobre os ensinamentos do Cristo, comentando os acontecimentos mundanos à luz do Evangelho, permutando objetivos e conclusões. Saulo foi informado de todas as novidades atinentes à doutrina, experimentando os primeiros efeitos do choque entre os judeus e os amigos do Cristo, a propósito da circuncisão. Seu temperamento apaixonado percebeu a extensão da tarefa que lhe estava reservada. Os fariseus formalistas, da sinagoga, não mais se insurgiam contra as atividades do "Caminho", desde que o seguidor de Jesus fôsse, antes de tudo, fiel observador dos princípios de Moisés. Sómente Ananias e alguns poucos perceberam a sutileza dos casuistas que provocavam deliberadamente a confusão em todos os setores, atrasando a marcha vitoriosa da Boa-Nova redentora. O ex-doutor da Lei reconheceu que, na sua ausência, o processo de perseguição tornara-se mais perigoso e mais imperceptível, porquanto, às características cruéis mas francas do movimento inicial, sucediam as manifestações de hipocrisia farisáica, que, a pretexto de contemporização e benignidade, mergulhariam a personalidade de Jesus e a grandeza de suas lições divinas em criminoso e deliberado olvido. Coerente com as

novas disposições do fôro íntimo, não pretendia voltar à sinagoga de Damasco, para não parecer um mestre pretensioso a pugnar pela salvação de outrem, antes de cuidar do aperfeiçoamento próprio; mas, diante do que via e coligia com alto senso psicológico, comprehendeu que era útil arrostar todas as consequências e demonstrar as disparidades do formalismo farisáico com o Evangelho; o que era a circuncisão e o que era a nova fé. Expondo a Ananias o projeto de fomentar a discussão em torno do assunto, o velhinho generoso estimulou-lhe os propósitos de restabelecer a verdade em seus legítimos fundamentos.

Para esse fim, no segundo sábado de sua permanência na cidade, o vigoroso pregador compareceu à sinagoga. Ninguem reconheceu o rabino de Tarso na sua túnica rafada, na epiderme tostada de sol, no rosto descarnado, no brilho mais vivo dos olhos profundos.

Terminada a leitura e a exposição regulamentares, franca a palavra aos sinceros estudiosos da religião, eis que o desconhecido galga a tribuna dos mestres de Israél e, buscando interessar a numerosa assistência, falou primeiramente do caráter sagrado da Lei de Moisés, detendo-se, apaixonado, nas promessas maravilhosas e sábias de Isaías, até que penetrou o estudo dos profetas. Os presentes escutavam-no com profunda atenção. Alguns esforçavam-se por identificar aquela voz que lhes não parecia estranha. A pregação vibrante suscitava ilações de grande alcance e beleza. Imensa luz espiritual transbordava dos raptos altiloquentes.

Foi aí que o ex-rabino, conhecendo o poder magnético já exercido sobre o vultoso auditório, começou a falar do Messias Nazareno comparando sua vida, feitos e ensinamentos, com os textos que o anunciavam nas sagradas escrituras.

Quando abordava o problema da circuncisão, eis que a assembléia rompe em furiosa gritaria.

— E' ele!... E' o traidor!... clamavam os mais audaciosos, depois de identificar o ex-doutor de Jerusalém. — Pedra ao blasfemo!... E' o bandido da seita do "Caminho"!...

Os chefes do serviço religioso, por sua vez, reconheceram o antigo companheiro, agora considerado trânsfuga da Lei, a quem se devia impôr castigos rudes e crueis.

Debalde gritavam silêncio à multidão que se multi-partira em grupos agressivos.

Saulo assistia à repetição da mesma cena de quando se fazia ouvir na seléta reunião, com a presença dos levitas de Chipre. Enfrentou impassível a situação, até que as autoridades religiosas conseguissem acalmar os animos turbulentos.

Após as fases mais agudas do tumulto, o arquivesgo tomado posição, determinou que o orador descesse da tribuna para responder ao seu interrogatorio.

O convertido de Damasco comprehendeu de relance toda a calma de que necessitava para sair-se com êxito daquela difícil aventura, e obedeceu de pronto, sem protestar.

— Sois Saulo de Tarso, antigo rabino em Jerusalém? — perguntou a autoridade com ênfase.

— Sim, pela graça de Cristo Jesus! — respondeu em tom firme e resoluto.

— Não vem ao caso referencias quaisquer ao carpinteiro de Nazaré! Interessa-nos, tão só, a vossa prisão imediata, de acordo com as instruções recebidas do Templo — explicou o judeu em atitude solene.

— Minha prisão? — interrogou Saulo admirado.

— Sim.

— Não vos reconheço o direito de efetua-la — esclareceu o prégador.

Diante daquela atitude energica, houve um movimento de admiração geral.

— Porque relutais? O que só vos cumpre é obedecer.

Saulo de Tarso fixou-o com decisão, explicando:

— Nego-me porque, não obstante haver modificado minha concepção religiosa, sou doutor da Lei e, além disso, quanto á situação política, sou cidadão romano e não posso atender a ordens verbais de prisão.

— Mas estais preso em nome do Sinhédrio.

— Onde o mandado?

A pergunta imprevista desnorteou a autoridade. Havia mais de dois anos, chegara de Jerusalém o documento oficial, mas ninguém podia prever aquela eventualidade. A ordem fôra arquivada cuidadosamente, mas não podia ser exibida de pronto, como exigiam as circunstancias.

— O pergaminho será apresentado dentro de poucas horas — acrescentou o chefe da sinagoga um tanto indeciso.

E como a justificar-se, acrescentava:

— Desde o escândalo da vossa última pregação em Damasco, temos ordem de Jerusalém para vos prender.

Saulo fixou-o com energia e voltando-se para a assembléia, que lhe observava a coragem moral, tomada de pismo e admiração, e disse alto e bom som:

— Varões de Israél, trouxe ao vosso coração o que possuia de melhor, mas rejeitais a verdade trocando-a pelas formalidades exteriores. Não vos condeno. Lastimo-vos, porque também fui assim como vós outros. Entretanto, chegada a minha hora, não recusei o auxilio generoso que o céu me oferecia. Lançais-me acusações, vituperais minhas atuais convicções religiosas; mas, qual de vós estaria disposto a discutir comigo? Onde o sincero lutador do campo espiritual que deseje sondar, em minha companhia, as santas escrituras?

Profundo silêncio seguiu-se ao répto.

— Ninguem? — perguntou o ardoroso artifice da nova fé, com um sorriso de triunfo. — Conheço-vos, porque também palmei esses caminhos. Entretanto, convenhamos em que o farisaísmo nos perdeu, atirando nossas esperanças mais sagradas num oceano de hipocrisias. Venerais Moisés na sinagoga; tendes excessivo cuidado com as fórmulas exteriores, mas qual a feição da vossa vida doméstica? Quantas dores ocultas sob a túnica brilhante! Quantas feridas dissimulais com palavras falaciosas! Como eu, devieis sentir imenso tédio de tantas máscaras ignóbeis! Se fôssemos apontar os feitos criminosos que se praticam á sombra da Lei,

não teríamos açoites para castigar os culpados; nem o número exato das maldições indispensaveis á pintura de semelhantes abominações! Padeci de vossas úlceras, envenenei-me tambem nas vossas trevas e vinha trazeros o remédio imprescindivel. Recusais-me a cooperação fraterna; entretanto, em vão recalcitrais perante os processos regeneradores, porque sómente Jesus poderá salvar-nos! Trouxe-vos o Evangelho, ofereço-vos a porta de redenção para nossas velhas mazelas e inda quereis compensar meus esfôrços com o cárcere e a maldição? Recuso-me a receber semelhantes valores em troca de minha iniciativa espontanea!... Não podereis prender-me, porque a palavra de Deus não está algemada. Se a rejeitais, outros me compreenderão. Não é justo abandonar-me aos vossos caprichos, quando o serviço a fazer me pede dedicação e boa-vontade.

Os proprios diretores da reunião pareciam dominados por forças magnéticas, poderosas e indefiniveis.

O moço tarsense passeou o olhar dominador sobre todos os presentes, revelando a rigidez do seu ânimo poderoso.

— Vosso silencio fala mais que as palavras — concluiu quase com audácia. — Jesus não vos permite a prisão do servo humilde e fiél. Que a sua benção vos ilumine o espírito na verdadeira compreensão das realidades da vida.

Assim dizendo, caminhou resoluto para a porta de saída, enquanto o olhar assombrado da assembléia lhe acompanhava o vulto, até que, a passo firme, desapareceu em uma das ruas estreitas que desembocavam na grande praça.

Como se despertasse, após o audacioso desafio, a reunião degenerou em acaloradas discussões. O arquissinagogo, que parecia sumamente impressionado com as declarações do ex-rabino, não ocultava a indecisão, relutando entre as verdades amargas de Saulo e a ordem de prisão imediata. Os companheiros mais enérgicos procuraram levantar-lhe o espírito de autoridade. Era preciso prender o atrevido orador a qualquer preço. Os mais decididos puseram-se á procura imediata do

pergaminho de Jerusalém e logo que o encontraram, resolveram pedir auxilio ás autoridades civis, promovendo diligencias. Daí a três horas, todas as medidas para a prisão do audacioso prégador estavam assentadas. Os primeiros contingentes foram movimentados ás portas da cidade. Em cada uma postou-se pequeno grupo de fariseus, secundados por dois soldados, a-fim de burlar qualquer tentativa de evasão.

Em seguida, iniciaram a devassa em bloco, na residencia de todas as pessoas suspeitas de simpatia e relações com os discípulos do Nazareno.

Saulo, por sua vez, afastando-se da sinagoga, procurou avistar-se com Ananias, ansioso da sua palavra amorosa e conselheira.

O sábio velhinho ouviu a narração do acontecido aprovando-lhe as atitudes.

— Sei que o Mestre — dizia o moço por fim — condenou as contendes e jamais andou entre os discutidores; mas, tambem jamais contemporizou com o mal. Estou pronto a reparar meu passado de culpas. Afrontarei as incompreensões de Jerusalém, a-fim-de patenteiar minha transformação radical. Pedirei perdão aos ofendidos pela insensatez da minha ignorancia, mas, de modo algum poderei fugir ao ensejo de afirmar-me sincero e verdadeiro. Acaso serviria o Mestre humilhando-me diante das explorações inferiores? Jesus lutou quanto possível e seus discípulos não poderão proceder de outro modo.

O bondoso ancião acompanhava-lhe as palavras com sinais afirmativos. Depois de conforta-lo com a sua aprovação, recomendou-lhe a maior prudencia. Seria razoável afastar-se quanto antes dali, do seu tugúrio. Os judeus de Damasco conheciam a parte que tivera na sua cura. Por causa disso, muita vez lhes suportara as injurias e remoques. Certo, procura-lo-iam ali para prendê-lo. Assim, era de opinião que se recolhesse á casa da confrade lavadeira, onde costumavam orar e estudar o Evangelho. Ela saberia acolhê-lo com bondade.

Saulo atendeu ao conselho sem hesitar.

Daí a três horas, o velho Ananias era procurado e interpelado. Atenta a sua conduta discreta, foi recolhido ao cárcere para ulteriores averiguações.

O fato é que, inquirido pela autoridade religiosa, apenas respondia:

— Saulo deve estar com Jesus.

Nos seus escrúpulos de conciencia, o generoso velhinho entendia que, desse modo, não mentia aos homens nem comprometia um amigo fiél. Depois de preso e incomunicável 24 horas, deram-lhe liberdade, mas não sem receber castigos dolorosos. A aplicação de vinte bastonadas deixara-lhe o rosto e as mãos gravemente feridos. Contudo, logo que se viu livre, esperou a noite e, cautamente encaminhou-se á choupana humilde, onde se realizavam as prédicas do "Caminho". Reencontrando-se com o amigo, expôs-lhe o plano que vinha remediar a situação.

— Quando criança — explicou Ananias prazeiroso — assisti á fuga de um homem sobre os muros de Jerusalém.

E como se recapitulasse os pormenores do fato na memória cansada, perguntou:

— Saulo, terias medo de fugir num cesto de vime?

— Porque? — disse o moço soridente. — Moisés não começou a vida num cesto sobre as águas?

O velho achou graça na alusão e esclareceu o projeto. Não muito longe dali, havia grandes árvores junto dos muros da cidade. Alçariam o fugitivo num grande cesto e depois, com insignificantes movimentos, ele poderia descer do outro lado, em condições de encetar a viagem para Jerusalém, conforme pretendia. O ex-rabino experimentou imensa alegria. Na mesma hora, a dona da casa foi buscar o concurso dos três irmãos de mais confiança. E quando o céu se fez mais sombrio, depois das primeiras horas da meia noite, um pequeno grupo se reunia junto a muralha, em ponto mais distante do centro da cidade. Saulo beijou as mãos de Ananias, quase com lágrimas. Despediu-se em voz baixa dos amigos, enquanto um lhe entregava volumoso pacote de bolos de cevada. Na copa da árvore frondosa e escura,

o mais jovem esperava o sinal. O moço tarsense entrou na sua embarcação improvisada e a evasão se deu no âmbito silencioso da noite.

Do outro lado, saiu lesto do cesto, deixando-se empolgar por estranhos pensamentos. Seria justo fugir assim? Não havia cometido crime algum. Não seria covarde deixar de comparecer perante a autoridade civil para os esclarecimentos necessários? Ao mesmo tempo, considerava que sua conduta não provinha de sentimentos pueris e inferiores, pois ia a Jerusalém desassombrado, buscaria avistar-se com os antigos companheiros, falar-lhes-ia abertamente, concluindo que também não seria razoável entregar-se inérme ao fanatismo tirânico da sinagoga de Damasco.

Aos primeiros raios de sol, o fugitivo ia longe. Levava consigo os bolos de cevada como única provisão, e o Evangelho presenteado por Gamaliél como lembrança de tanto tempo de solidão e de luta.

A jornada foi assaz difícil e penosa. O cansaço obrigava-o a paradas constantes. Mais de uma vez recorreu á caridade alheia, no trajeto penoso. Com auxílio de camelos, cavalos ou dromedários, a viagem de Damasco a Jerusalém não exigia menos de uma semana de marchas exhaustivas. Saulo, porém, ia a pé. Poderia talvez valer-se do concurso definitivo de alguma caravana, onde conseguisse os recursos imprescindíveis, mas preferiu familiarizar a vontade poderosa com os obstáculos mais duros. Quando a fadiga lhe sugeria o desejo de aguardar a cooperação eventual de outrem, buscava vencer o desanimo, punha-se novamente de pé, apoiava-se em cajados improvisados.

Depois de suaves recordações no local em que tivera a visão gloriosa do Messias ressuscitado, voltou a experimentar carinhosas emoções ao penetrar na Palestina, atravessando vagarosamente extensas regiões da Galiléia. Fazia questão de conhecer o teatro das primeiras lutas do Mestre, identificar-se com as paisagens mais queridas, visitar Cafarnaum e Nazaré, ouvir a palavra dos filhos da região. Naquele tempo, já o ardoroso Apóstolo dos gentios desejava inteirar-se de todos os

fatos referentes á vida de Jesus, ansiava por cooderná-los com segurança, de maneira a legar aos irmãos em Humanidade o melhor repositório de informações sobre o Emissário Divino.

Quando chegou a Cafarnaum, um crepúsculo de ouro entornava maravilhas de luz na bucólica paisagem. O ex-rabino desceu religiosamente ás margens do lago. Embebeu-se na contemplação das aguas marulhosas. Pensando em Jesus, no poder do seu amor, chorou, dominado por singular emoção. Queria ter sido pescador humilde para captar os ensinamentos sublimes na fonte de suas palavras generosas e imortais.

Por dois dias ali permaneceu em suave embevecimento. Sem revelar-se, procurou Levi, que o recebeu de boa vontade. Mostrou-lhe sua dedicação e conhecimento do Evangelho, falou da oportunidade de suas anotações. O filho de Alfeu alegrou-se ao contágio daquela palavra inteligente e confortadora. Saulo viveu em Cafarnaum horas deliciosas para o seu espírito emotivo. Fôra o local das pregações do Mestre; mais adiante, a casinha de Simão Pedro; além a coletoria onde o Mestre fôra chamar Levi para o desempenho de importante papel entre os Apóstolos. Abraçou homens fortes, da localidade, que tinham sido cegos e leprosos, curados pelas mãos misericordiosas do Messias; foi á Dalmanuta, onde conheceu Madalena. Enriqueceu o mundo impressivo de suas observações, colhendo informes inéditos.

Daí a dias, depois de repousar em Nazaré, ei-lo ás portas da cidade santa dos israelitas, extenuado de fadiga, das caminhadas penosas, das noites de vigília cujos sofrimentos muita vez lhe pareceram sem fim.

Em Jerusalém, todavia, aguardavam-no outras surpresas não menos dolorosas.

Estava empolgado por ansiosas interrogações. Não mais tivera notícia dos pais, dos amigos, da irmã carinhosa, dos familiares sempre vivos na sua retentiva. Como o receberiam os companheiros mais sinceros? Não poderia esperar amaveis recepções do Sinhédrio. O episódio de Damasco dava-lhe a perceber o estado de

animo dos membros do Tribunal. Certo, fôra sumariamente expulso do cenáculo mais conspicuo da raça. Em compensação, fôra admitido por Cristo no cenáculo infinito das verdades eternas.

Dominado por essas reflexões, atravessou a porta da cidade, recordando o tempo em que, numa biga veloz saíra, noutro local, buscando a casa de Zacarias, na direção de Joppe. As reminiscencias das horas mais venturoosas da mocidade encheram-lhe os olhos de pranto. Os transeuntes de Jerusalém estavam longe de imaginar quem era aquele homem magro e pálido, barba grande e olhos encovados, que passava arrastando-se de fadiga.

Após grande esforço, atingiu um prédio residencial do seu conhecimento. O coração palpitou-lhe apressado. Como simples mendigo, bateu á porta, em ansiosa expectativa.

Um homem de semblante severo atendeu secamente.
— Podeis informar, por favor — disse com humildade — se ainda aqui reside uma senhora chamada Dalila?

— Não — respondeu o outro, ríspido.
Aquele olhar duro não ensejava novas perguntas, mas, ainda assim, aventurou:

— Poderieis dizer, por obséquio, para onde se mudou?

— Ora esta! — replicou o dono da casa irritadiço — dar-se-á que tenha de prestar contas a um mendigo? Daqui a pouco o senhor me perguntará se comprei esta casa; depois me pedirá o preço, exigirá datas, reclamará novas informações sobre os antigos moradores, tomará meu tempo com mil interrogações ociosas.

E fixando em Saulo os olhos impassíveis, rematou de chofre.

— Nada sei, está ouvindo? Ponha-se na rua!.. O fugitivo de Damasco voltou serenamente para a via pública, enquanto o homemzinho dava expansão aos nervos doentes, batendo a porta com estrondo.

O ex-discípulo de Gamaliél refletiu na realidade

amarga daquela primeira recepção simbólica. Jerusalém, certamente, nunca mais poderia conhecê-lo. Não obstante a impressão dolorosa, não se deixaria empolgar pelo desanimo. Resolveu procurar Alexandre, seu companheiro de atividades no Sinhédrio e no Templo, parente de Caifáz. Cansadíssimo, bateu-lhe á porta, com minguidas esperanças. Um servo da casa, depois da primeira pergunta, vinha trazer-lhe a alviçareira notícia de que o amo não se demoraria a atender.

Com efeito, daí a pouco, Alexandre recebia o desconhecido com indifarsavel surpresa.

Satisfeito por conseguir a atenção de um velho amigo, Saulo adiantou-se cumprimentando-o com efusão.

O israelita ilustre não conseguiu ocultar o desapontamento e sentenciou com alguma generosidade nas palavras:

— Amigo, a que vindes a esta casa?

— Será possível que me não reconheças? — interrogou bem humorado, a-pesar-da imensa fadiga.

— Vossa fisionomia não me é de todo estranha, entretanto...

— Alexandre! — exclamou por fim, prazenteiro — não te recordas mais de Saulo?

Um grande abraço foi a resposta do amigo, que perguntava solícito, modificando o tratamento:

— Muito bem! Até que enfim! Graças a Deus vejo que estás curado! Não me enganei esperando que voldasses! Grande é o poder do Deus de Moisés!

Saulo compreendeu de pronto a ambiguidade daquelas expressões. Sentindo dificuldade em fazer-se entendido, procurava o melhor meio de explicar-se com exito, enquanto o amigo prosseguia:

— Mas que aspecto é este? Olha que mais pareces um beduino do deserto... Dize-me: quanto tempo durou a enfermidade pertinaz?

Saulo encheu-se de coragem e acentuou:

— Mas, ha negano com certeza, ou estarás mal informado, porque nunca estive doente.

— Impossível! — disse Alexandre visivelmente desapontado depois de tantas demonstrações afetuosas.

— Jerusalém anda repleta de lendas a teu respeito. Sadoc veiu até aqui, ha três anos, pediu providencias enérgicas do Sinhédrio para que se esclarecesse tua situação e, depois de longos debates, levou uma ordem de prisão contra ti. Desde essa época, lutei desesperadamente para que se modificassem as disposições da peça condenatoria. Provei que se havias adotado uma atitude simpática para com a gente do "Caminho", certo, essa decisão obedecia a fins que não estavamos habilitados a compreender de pronto, como, por exemplo, o de sondar melhor a extensão de suas atividades revolucionárias.

Saulo não pôde conter-se e revidou, antes que o amigo continuasse:

— Mas, nesse caso, seria um hipócrita refalsado e indigno do cargo e de mim mesmo.

O outro, contrafeito, carregou o sobrolho.

— Aliás, ponderei todas as hipóteses e como não podia tomar-te á conta de hipócrita — acentuou Alexandre procurando emendar a mão — consegui provar que tua atitude em Damasco provinha de transitória demencia. Não era justo pensar de outro modo, mesmo porque, do contrário, serias tambem insincero, conosco, na esfera do farisaísmo.

O ex-rabino sentiu a delicadeza do impasse. Havia renovado as concepções religiosas mas estava diante de um amigo. Quando muitos o abandonavam, aquele o recebia fraternalmente. Era necessário não magua-lo. Todavia, era impossível mascarar a verdade. Sentiu os olhos hámidos. Impunha-se-lhe testemunhar o Cristo, a qualquer preço, embora tivesse de perder as maiores afeições do mundo.

— Alexandre — disse humildemente — é verdade que iniciei o grande movimento de perseguição ao "Caminho"; mas, agora é indispensavel confessar que me enganei. Os Apóstolos galileus têm razão. Estamos no limiar de grandes transformações. A's portas de Damasco, Jesus me apareceu na sua gloriosa ressurreição e exortou-me ao serviço do seu Evangelho de amor.

A palavra saía-lhe tímida, lavada no desejo de não ferir as crenças do amigo, que, não obstante, deixava transparecer profunda deceção no rosto lívido.

— Não digas tais absurdos! — exclamou ironico e sorridente — desgraçadamente, vejo que o mal continua minando-te as fôrças físicas e mentais. A sinagoga de Damasco tinha razão. Se não te conhecesse da infancia, dar-te-ia agora o título de blasfemo e desertor.

O moço tarsense, não obstante a energia viril, estava desapontado.

— Aliás — prosseguiu o outro assumindo ares de protetor — desde o inicio de tua viagem, não concordei com o mísero cortejo que levavas. Jonas e Memétrio são quase boçais, e Jacob vive de cadiquices. Com semelhante companhia, qualquer perturbação da tua parte haveria de acarretar grandes desastres morais para a nossa posição.

— No entanto, Alexandre — dizia o ex-rabino um tanto humilhado — devo insistir na verdade. Vi com estes olhos o Messias de Nazaré; ouví-lhe a palavra de viva voz. Compreendendo os erros em que vivia, na minha defeituosa concepção da fé, demandei o deserto. Lá estive três anos em serviço rude e longas meditações. Minha convicção não é superficial. Creio, hoje, que Jesus é o Salvador, o Filho do Deus Vivo.

Pois tua enfermidade — repetia Alexandre altaneiro, modificando o diapasão da intimidade — transformou a vida de toda a tua família. Envergonhados com as notícias chegadas da Síria, Jaqués e Dalila mudaram-se de Jerusalém para a Cilicia. Quando soube da ordem de prisão lavrada pelo Sinhédrio contra a tua pessoa, tua mãe faleceu em Tarso. Teu pai, que te educou com esmero, esperando da tua inteligencia os maiores galardões de nossa raça, vive acabrunhado e infeliz. Teus amigos, cansados de suportar as ironias do povo, em Jerusalém, vivem esquivos e humilhados depois de te procurarem em vão. Não te doerá a visão deste quadro? Uma dôr como esta não bastará para refazer-te o equilíbrio mental?

O ex-doutor da Lei tinha o coração ralado de angústia. Tantos dias ansiosos, tantas amarguras vividas no intuito de lograr alguma compreensão e repouso junto dos seus, via agora, era tudo ilusão e ruinaria. A família desorganizada, a mãe morta, o pai infeliz; os amigos execravam-no; Jerusalém lançava-lhe ironias.

Vendo-o em tal atitude, o amigo regosijava-se intimamente, esperando ansioso o efeito de suas palavras.

Depois de concentrar-se um minuto, Saulo acentuou:

— Lamento ocorrências tão tristes e tomo a Deus por testemunha de que não cooperei intencionalmente para isso. No entanto, mesmo aqueles que ainda não aceitaram o Evangelho deveriam compreender, segundo a antiga Lei, que não devemos ser orgulhosos. Moisés, nada obstante a energia das recomendações, ensinou a bondade. Os profetas que lhe sucederam, foram emissários de mensagens profundas para o nosso coração, que se perdia na iniquidade. Amós nos concitou a buscar Jeová para conseguirmos viver. Lastimo que os meus afeiçoados se julguem ofendidos; mas é preciso considerar que, antes de ouvir qualquer julgamento ocioso do mundo, devemos buscar os juízos de Deus.

— Quer dizer que persistes nos teus erros? — perguntou Alexandre quase hostil.

— Não me sinto enganado. Dada a incompreensão geral — comentou o ex-rabino dignamente — também me encontro em penosa situação; mas o Mestre não me faltará com o seu auxilio. Lembro-me dele e experimento grande confôrto. Os afetos da família e a consideração dos amigos eram no mundo minha unica riqueza. Contudo, encontrei nas anotações de Leví o caso de um moço rico, que me ensina a proceder nesta hora (1). Desde a infancia procurei cumprir rigorosamente meus deveres; mas, se é preciso lançar mão da riqueza que me resta, para alcançar a iluminação de Jesus, renunciarei á propria estima deste mundo!...

Alexandre pareceu comover-se com o tom melân-

(1) Mateus: 19, 16 a 23.

cólico das últimas palavras. Saulo dava a impressão de alguém que estivesse prestes a chorar.

— Estás fundamentalmente transtornado — objetou Alexandre — só um demente poderia proceder assim.

— Gamaliél não era um louco e aceitou Jesus como o Messias prometido — acrescentou o ex-doutor invocando a venerável memória do grande rabino.

— Não creio! — disse o outro com ar superior.

Saulo baixou a fronte silencioso. Grande a humilhação daquela hora. Depois de havido como demente, era tido por mentiroso. A-pesar disso, no auge da perplexidade, considerou que o amigo não estava em condições de compreendê-lo integralmente. Refletia na situação embaraçosa, quando Alexandre voltou a dizer:

— Infelizmente, preciso convencer-me do estado precário do teu cérebro. Por enquanto, poderás ficar em Jerusalém, à vontade, mas será justo não multiplicar o escândalo da tua enfermidade, com falsos panegíricos do carpinteiro de Nazaré. A decisão do Sinhédrio, que consegui com tantos sacrifícios, poderia modificar-se. Quanto ao mais — terminava como a despedi-lo — sabes que continuo ás tuas ordens para uma retificação definitiva de atitudes, a qualquer tempo.

Saulo compreendeu a advertência; não era preciso dilatar a entrevista. O amigo expulsava-o com boas maneiras.

Em dois minutos achou-se novamente na via pública. Era quase meio dia, um dia quente. Sentiu sede e fome. Consultou a bolsa, estava quase vazia. Um resto do que recebera das mãos generosas do irmão de Gamaliél, ao deixar Palmira definitivamente. Procurou a pensão mais modesta de uma das zonas mais pobres da cidade. Em seguida á frugal refeição e antes que caíssem as sombras cariciosas da tarde, encaminhou-se, esperançado para o velho casarão reformado, onde Simão Pedro e companheiros desenvolviam toda a atividade em prol da causa de Jesus.

No trajeto, recordou-se de quando fôra ouvir Estêvão em companhia de Sadoc. Como tudo, agora, se passava inversamente! O crítico de outrora, voltava

para ser criticado. O juiz, transformado em réu, mergulhava o coração em singulares ansiedades. Como o receberiam na igreja do "Caminho"?

Parou á frente da habitação humilde. Pensava em Estêvão, mergulhado no passado, de alma opressa. Ante os colegas do Sinhédrio, entestando as autoridades do judaísmo, outra era a sua atitude. Conhecia-lhes as fraquezas peculiares, passara também pelas máscaras farisáicas e podia aquilatar de seus erros clamorosos. No entanto, defrontando os Apóstolos galileus, sagrada veneração se lhe impunha á conciencia. Aqueles homens poderiam ser rudes e simples; podiam viver distanciados dos valores intelectuais da época; mas tinham sido os primeiros colaboradores de Jesus. Além disso, não poderia aproximar-se deles sem experimentar profundo remorso. Todos haviam sofrido vexames e humilhações por sua causa. Não fosse Gamaliél, talvez o próprio Pedro teria sido lapidado... Precisava consolídar as noções de humildade para manifestar seus desejos ardentes de cooperação sagrada com o Cristo. Em Damasco, lutara na sinagoga contra a hipocrisia de antigos companheiros; em Jerusalém enfrentara Alexandre com todo o desassombro; entretanto, parecia-lhe que outra deveria ser sua atitude ali, onde tinha necessidade de renúncia para alcançar a reconciliação com aqueles a quem havia ferido.

Assomado de profundas reflexões, bateu á porta quase tremulo.

Um dos auxiliares do serviço interno, de nome Prócoro, veiu atender solicitamente.

— Irmão — disse o moço tarsense em tom humilde — podeis informar se Pedro está?

— Vou saber — respondeu o interpelado, amistoso.

— Caso esteja — acrescentou Saulo algo indeciso — dizei-lhe que Saulo de Tarso deseja falar-lhe em nome de Jesus.

Prócoro gaguejou um "sim", com extrema palidez, fixou no visitante os olhos assombrados e afastou-se com dificuldade, sem dissimular a enorme surpresa. Era o perseguidor que voltava, depois de três anos. Lembra-

va-se, agora, daquela primeira discussão com Estêvão, em que o grande pregador do Evangelho sofrera tantos insultos. Em poucos momentos alcançava a camara onde Pedro e João confabulavam sobre os problemas internos. A notícia caiu entre ambos como uma bomba. Ninguem poderia prever tal cousa. Não acreditavam na lenda que Jerusalém enfeitava com detalhes desconhecidos, em cada comentário. Ispossível que o algoz implacável dos discípulos do Senhor estivesse convertido á causa do seu Evangelho de amor e redenção.

O ex-pescador do "Caminho" antes de recambiar o portador ao inesperado visitante, mandou chamar Tiago para resolverem os três a decisão a tomar.

O filho de Alfeu, transformado em rígido asceta, arregalou os olhos.

Depois das primeiras opiniões, que traduziam reios justos, e emitidas precipitadamente, Simão exclamou com grande prudencia:

— Em verdade, ele nos fez o mal que pôde; entretanto, não é por nós que devemos temer e sim pela obra do Cristo que nos está confiada.

— Aposto em que toda essa história da conversão se resume numa farsa, a-fim-de que venhamos a cair em novas ciladas — obtemperou Tiago um tanto displicente.

— Por mim — disse João — peço a Jesus nos esclareça, embora me recorde dos açoites que ele mandou aplicar-me no cárcere. Antes de tudo, é indispensável saber se o Cristo, de fato, lhe apareceu ás portas de Damasco.

— Mas saber como? — dizia Pedro com profunda compreensão. — Nosso material de reconhecimento é o proprio Saulo. Ele é o campo que revelará ou não a planta sagrada do Mestre. A meu ver, tendo a zelar um patrimonio que nos não pertence, somos obrigados a proceder como aconselha a prudencia humana. Não é justo abrirmos as portas, quando não lhe conhecemos o intuito. Da primeira vez que aqui esteve, Saulo de Tarso foi tratado com o respeito que o mundo lhe consagrava. Busquei-lhe o melhor lugar para que

ouvisse a palavra de Estêvão. Infelizmente, sua atitude desrespeitosa e ironica provocou escândalo, que culminou na prisão e morte do companheiro. Veiu espontaneamente e voltou para prender-nos. Ao carinho fraternal que lhe oferecemos, retribuiu com algemas e cordas. Assim me externando, também não devo esquecer a lição do Mestre, relativamente ao perdão e por isso reafirmo que não penso por nós, mas pelas responsabilidades que nos foram conferidas.

Ante considerações tão justas, os outros calaram, enquanto o ex-pescador acrescentava:

— Por conseguinte, não me é permitido recebê-lo nesta casa, sem maior exame, ainda que me não falte sincera boa vontade para isso. Resolvendo o assunto por esta forma, convocarei uma reunião para hoje á noite. O assunto é muito grave. Saulo de Tarso foi o primeiro perseguidor do Evangelho. Quero que todos cooperem comigo nas decisões a tomar, pois, de mim mesmo não quero parecer nem injusto, nem imprevidente.

E depois de longa pausa, dizia para o emissário:

— Vai, Prócoro. Dize-lhe que volte depois, que hoje não posso deixar os quefazeres mais urgentes.

— E se ele insistir? — perguntou o diácono preocupado.

— Se ele de fato aqui vem em nome de Jesus, saberá compreender e esperar.

Saulo aguardava ansiosamente o mensageiro. Era-lhe preciso encontrar alguém que o entendesse e lhe sentisse a transformação. Estava exhausto. A igreja do "Caminho" era a derradeira esperança.

Prócoro transmitiu-lhe o recado com grande indecisão. Não era preciso mais para que tudo compreendesse. Os Apóstolos galileus não acreditavam na sua palavra. Agora examinava a situação com mais clareza. Percebia a indefinível e grandiosa misericordia do Cristo visitando-o, inesperadamente, no auge do seu abismo espiritual, ás portas de Damasco. Pelas dificuldades para ir ter com Jesus, avaliava quanta bondade e compaixão seriam necessárias para que o Mestre o acolhesse,

endereçando-lhe sagradas exortações, no encontro inesquecível.

O diácono fixou-o com simpatia. Saulo recebera a resposta altamente desapontado. Ficou pálido e tremulo, como que envergonhado de si mesmo. Além disso, tinha aspecto doentio, olhos encovados, era péle e osso.

— Compreendo, irmão — disse de olhos molhados.
— Pedro tem motivos justos...

Aquelas palavras comoveram a Prócoro no mais íntimo da alma e, evidenciando seu bom desejo de ampara-lo, exclamou a demonstrar perfeito conhecimento dos fatos:

— Não trazeis de Damasco alguma apresentação de Ananias?

— Já tenho comigo as do Mestre.

— Como assim? — perguntou o diácono admirado.

— Jesus disse em Damasco — falou o visitante com serenidade — que mostraria quanto me compete sofrer por amor ao seu nome.

Intimamente, o ex-doutor da Lei sentia imensas saudades dos irmãos de Damasco, que o haviam tratado com a maior simplicidade. Entretanto, considerou, simultaneamente, que semelhante proceder era justo, por quanto, déra provas na sinagoga e junto de Ananias, de que sua atitude não comportava simulação. Ao refletir que Jerusalém o recebia, em toda parte, como vulgar mentiroso, sentiu lágrimas quentes lhe afluirem aos olhos. Mas, para que o outro não lhe visse a sensibilidade ferida, exclamou justificando-se:

— Tenho os olhos cansados pelo sól do deserto! Podereis fornecer-me um pouco de água fresca?

O diácono atendeu prontamente.

Daí a instantes, Saulo mergulhava as mãos num grande jarro, lavando os olhos em água pura.

— Voltarei depois — disse em seguida, estendendo a mão ao auxiliar dos apóstolos, que se afastou impressionado.

Amargando a fraqueza orgânica, o cansaço, o abandono dos amigos, as desilusões mais acerbas, o moço de Tarso retirou-se cambaleante.

A' noite, consoante deliberara, Simão Pedro evidenciando admirável bom senso, reuniu os companheiros de mais responsabilidade para considerar o assunto. Além dos Apóstolos galileus, estavam presentes os irmãos Nicanor, Prócoro, Parmenas, Timon, Nicolau e Barnabé, este último incorporado ao grupo de auxiliares mais diretos da igreja, por suas elevadas qualidades de coração.

Com permissão de Pedro, Tiago iniciou as conversações, manifestando-se contrário a qualquer especie de auxílio imediato ao convertido da última hora. João ponderou que Jesus tinha poder para transformar os espíritos mais perversos, como para levantar os mais infortunados da sorte. Prócoro relatou suas impressões a respeito do pertinaz perseguidor do Evangelho, ressaltando a compaixão que seu estado de saúde despertava nos corações mais insensíveis. Chegada a sua vez, Barnabé esclareceu que, ainda em Chipre, antes de transferir-se definitivamente para Jerusalém, ouvira alguns levitas descreverem a coragem com que o convertido falara na sinagoga de Damasco, logo após a visão de Jesus.

O ex-pescador de Cafarnaum solicitou pormenores do companheiro, impressionado com a sua opinião. Barnabé explicou quanto sabia, manifestando o desejo de que resolvesssem a questão com a maior benevolência.

Nicolau, percebendo a atmosfera de boa vontade que se formava em torno da figura do ex-rabino, objetava com a sua rigidez de princípios:

— Convenhamos que não é justo esquecer os aleijados que se encontram nesta casa, vítimas da odiosa truculência dos asseclas de Saulo. E' das escrituras, que exige cuidado com os lobos que penetram no redil sob a péle das ovelhas. O doutor da Lei que nos fez tanto mal, sempre deu preferência às grandes expressões espetaculares contra o Evangelho, no Sinhédrio. Quem sabe nos prepara atualmente nova armadilha de grande efeito?

A tal pergunta, o bondoso Barnabé curvou a fronte, em silêncio. Pedro notou que a reunião se dividia em

dois grupos. De um lado estavam ele e João chefiando os pareceres favoráveis; do outro, Tiago e Felipe encabeçavam o movimento contrário. Acolhendo a admoestação de Nicolau, exprimiu-se com brandura:

— Amigos, antes da enunciação de qualquer ponto de vista pessoal, conviria refletirmos na bondade infinita do Mestre. Nos trabalhos de minha vida, anteriores ao Pentecostes, confesso que as faltas de toda sorte aparecem no meu caminho de homem fragil e pecador. Não hesitava em apedrejar os mais infelizes e cheguei, mesmo, a advertir o Cristo para fazê-lo! Como sabeis, fui dos que negaram o Senhor na hora extrema. Entretanto, depois que nos chegou o conhecimento pela inspiração celeste, não será justo olvidarmos o Cristo em qualquer iniciativa. Precisamos pensar que, se Saulo de Tarso está se valendo de semelhantes expedientes para desferir novos golpes nos servidores do Evangelho, então ele é ainda mais desgraçado que antes, quando nos atormentava abertamente. Sendo, pois, um necessitado, de qualquer modo não vejo razões para lhe recusarmos mãos fraternas.

Percebendo que Tiago preparava-se para defender o parecer de Nicolau, Simão Pedro continuou, depois de ligeira pausa:

— Nossa irmão acaba de referir-se ao símbolo do lobo que surge no redil com a péle das ovelhas generosas e humildes. Concordo com essa expressão de zélo. Também eu não pude acolher Saulo, quando hoje nos bateu à porta, atento à responsabilidade que me foi confiada. Nada quis decidir sem o vosso concurso. O Mestre nos ensinou que nenhuma obra útil se poderá fazer na Terra sem a cooperação fraternal. Mas aproveitando o parecer enunciado, examinemos, com sinceridade, o problema imprevisto. Em verdade, Jesus recomendou nos acautelássemos contra o fermento dos fariseus, esclarecendo que o discípulo deverá possuir consigo a docura das pombas e a prudência das serpentes. Convenhamos em que, de fato, Saulo de Tarso possa ser o lobo simbólico. Ainda aí, após desse conhecimento hipotético, teríamos profunda questão a resolver.

Se estamos numa tarefa de paz e de amor, que fazer com o lobo, depois da necessária identificação? Matar? Sabemos que isso não entra em nossa linha de conta. Não seria mais razoável refletir nas possibilidades da domesticação? Conhecemos homens rudes que conseguem dominar cães ferozes. Onde estaria, pois, o espírito que Jesus nos legou como sagrado patrimônio, se por temores mesquinhos deixássemos de praticar o bem?

A palavra concisa do apóstolo tivera efeito singular. O próprio Tiago parecia desapontado pelas anteriores reflexões. Em vão, Nicolau procurou argumentos novos para formular outras objeções. Observando o pesado silêncio que se fizera, Pedro sentenciou serenamente:

— Desse modo, amigos, proponho convidarmos Barnabé para visitar pessoalmente o doutor de Tarso, em nome desta casa. Ele e Saulo não se conhecem, valorizando-se melhor semelhante oportunidade, porque ao vê-lo, o moço tarsense nada terá que recordar do seu passado em Jerusalém. Se fôsse visitado, pela primeira vez por um de nós, talvez se perturbasse, julgando nossas palavras como de alguém que lhe fôsse pedir contas.

João aplaudiu a idéia calorosamente. Em face do bom senso que as expressões de Pedro revelavam, Tiago e Felipe mostravam-se satisfeitos e tranquilos. Combinou-se a diligência de Barnabé para o dia seguinte. Aguardariam Saulo de Tarso com interesse. Se, de fato, sua conversão fôsse real, tanto melhor.

O diácono de Chipre destacava-se por sua grande bondade. Sua expressão carinhosa e humilde, seu espírito conciliador, contribuia, na igreja, para a solução pacífica de todos os assuntos.

Com um sorriso generoso, Barnabé abraçou o ex-rabino, pela manhã, na pensão em que ele se hospedara. Nenhum traço da sua nova personalidade indicava aquele perseguidor famoso, que fizera Simão Pedro decidir a convocação dos amigos para resolver o seu acolhimento. O ex-doutor da Lei era todo humildade e estava doente. Indisfarçável fadiga transparecia-lhe nos mínimos gestos. A fisionomia não iludia um grande

sofrimento. Correspondia ás palavras afetuosas do visitante com um sorriso triste e acanhado. Via-se-lhe, entretanto, a satisfação que a visita lhe causava. O gesto espontaneo de Barnabé sensibilizava-o. A seu pedido, Saulo contou-lhe a viagem a Damasco e a gloriosa visão do Mestre, que constituia o marco inolvidável da sua vida. O ouvinte não dissimulou simpatias. Em poucas horas, sentia-se tão identificado com o novo amigo, quais se fôssem conhecidos de longos anos. Após a conversação, Barnabé pretextou qualquer cousa para dirigir-se ao dono da hospedaria, a quem pagou as despesas da hospedagem. Em seguida, convidou-o a acompanhá-lo á igreja do "Caminho". Saulo não deixou de hesitar, enquanto o outro insistia.

— Receio — disse o moço tarsense um tanto indeciso — pois já ofendi muito a Simão Pedro e demais companheiros. Só por acrescimo de misericórdia do Cristo consegui uma réstea de luz, para não perder o resto dos meus dias.

— Ora essa! — exclamou Barnabé batendo-lhe no ombro com bonomia — quem não terá errado na vida? Se Jesus nos tem valido a todos, não é porque o merecemos, mas pela necessidade de nossa condição de pecadores.

Em poucos minutos, encontravam-se a caminho, notando o emissário de Pedro o penoso estado de saúde do antigo rabino. Muito pálido e abatido, parecia caminhar com esforço; tremiam-lhe as mãos, sentia-se febril. Deixava-se levar como alguém que conhecesse a necessidade de amparo. Sua humildade comovia o outro, que, a seu respeito ouvira tantas referencias desairosas.

Chegados á casa, Prócoro lhes abriu a porta, mas, desta vez, Saulo não ficaria a esperar indefinidamente. Barnabé tomou-lhe a mão, afetuoso e dirigiram-se para o vasto salão, onde Pedro e Timon os esperavam. Saudaram-se em nome de Jesus. O antigo perseguidor empalidecera mais. Por sua vez, ao vê-lo, Simão não ocultou um movimento de espanto ao notar-lhe a diferença física.

Aqueles olhos encovados, a extrema fraqueza orgânica, falavam aos apóstolos galileus de profundos sofrimentos.

— Irmão Saulo — disse Pedro comovido — Jesus quer que sejas benvindo a esta casa.

— Assim seja — respondeu o recém-chegado de olhos húmidos.

Timon abraçou-o com palavras afetuosas, em lugar de João que se ausentara ao amanhecer, a serviço da confraria de Joppe.

Em breves momentos, vencendo o constrangimento do primeiro contacto com os amigos pessoais do Mestre, depois de tão longa ausencia, o moço tarsense atendendo-lhes ao pedido, relatava a jornada de Damasco com todos os pormenores do grande acontecimento, evidenciando singular emotividade nas lágrimas que lhe banhavam o rosto. Sensibilizara-se, sobremaneira, ao lembrar tamanhas graças. Pedro e Timon já não tinham dúvidas. A visão do ex-rabino tinha sido real. Ambos, em companhia de Barnabé, seguiram a descrição até ao fim, com olhos cheios de pranto. Efetivamente, o Mestre voltara a converter o grande perseguidor da sua doutrina. Requisitando Saulo de Tarso para o redil do seu amor, revelara, mais uma vez, a lição imortal do perdão e da misericórdia.

Terminada a narrativa, o ex-doutor da Lei estava cansado e abatido. Instado a explanar suas novas esperanças, seus projetos de trabalho espiritual, bem como o que pretendia fazer em Jerusalém, confessou-se desde logo profundamente reconhecido por tanto interesse afetuoso e falou com certa timidez:

— Necessito entrar numa fase ativa de trabalho com que possa desfazer meu passado culposo. E' verdade que fiz todo o mal á igreja de Jesus, em Jerusalém; mas, se a misericórdia de Jesus dilatar minha permanencia no mundo, empregarei o tempo em estender esta casa de amor e paz a outros lugares da Terra.

— Sim — replicou Simão ponderadamente — certo que o Messias renovará tuas fôrças, de modo a poderes atender a tão nobre cometimento, na época oportuna.

Saulo parecia confortar-se com a palavra de encorajamento, e deixando perceber que desejava consolidar a confiança dos ouvintes, arrancou das dobras da túnica rafada um rôlo de pergaminhos e, apresentando-o ao ex-pescador de Cafarnaum, exclamou sensibilizado:

Aqui está uma relíquia da amizade de Gamaliél, que trago invariavelmente comigo. Pouco antes de morrer, ele deu-me a cópia das anotações de Levi, concorrentes á vida e feitos do Salvador. Tinha em grande conta estas notas, porque as recebeu desta casa, na primeira visita que lhe fez.

Simão Pedro evocando gratas recordações, tomou os pergaminhos com vivo interesse. Saulo verificava que o presente de Gamaliél tivera a finalidade prevista pelo generoso doador. Desde esse instante, os olhos do antigo pescador fixaram-se nele com mais confiança. Pedro falou da bondade do generoso rabino, informando-se da sua vida em Palmira; dos seus últimos dias, do seu traspasse. O discípulo atendia satisfeito.

Voltando ao assunto das suas novas perspectivas, explicou-se mais amplamente, sempre humilde:

— Tenho muitos planos de trabalho para o futuro, mas sinto-me combatido e doente. O esforço da última viagem, sem recursos de qualquer natureza, agravou-me a saúde. Sinto-me febril, o corpo dolorido, a alma exausta.

— Tens falta de dinheiro? — interrogou Simão bondosamente.

— Sim... — respondeu hesitante.

— Essas necessidades — esclareceu Pedro — já foram providas em parte. Não te preocupes em demasia. Recomendei a Barnabé que pagasse as primeiras despesas da hospedaria e, quanto ao mais, convidamos-te a repousar conosco o tempo que quiseres. Esta casa é também tua. Usa de nossas possibilidades como te aprouver.

O hóspede sensibilizou-se. Recordando o passado, sentia-se ferido no seu amor próprio; mas, ao mesmo tempo rogava a Jesus o auxílio para não desprezar as oportunidades de aprendizado.

— Aceito... — respondeu em voz reticenciosa, revelando acanhamento — ficarei convosco enquanto minha saúde necessitar de tratamento...

E como se tivesse extrema dificuldade em acrescentar um pedido ao favor que aceitava, depois de longa pausa em que se lhe notava o esforço para falar, sollicitou comovedoramente:

— Caso fôsse possível, desejaria ocupar o mesmo leito em que Estêvão foi recolhido, generosamente, nesta casa.

Barnabé e Pedro ficaram altamente emocionados. Todos haviam combinado não fazer alusão ao prêgador massacrado sob apupos e pedradas. Não queriam lembrar o passado perante o convertido de Damasco, ainda mesmo que sua atitude não fôsse essencialmente verdadeira.

Ouvindo-o, o antigo pescador de Cafarnaum chegou quase a chorar. Com extrema dedicação, satisfez-lhe o pedido e assim foi ele conduzido ao interior, onde se acomodou entre lençóis muito alvos. Pedro fez mais: compreendendo a profunda significação daquele desejo, trouxe ao convertido de Damasco os singelos pergaminhos que o mártir utilizava diariamente no estudo e meditação da Lei, dos Profetas e do Evangelho. A-pesar-da febre, Saulo regosijou-se. Tomado de profunda comoção, nas passagens prediletas dos pergaminhos sagrados, leu o nome de "Abigail", grafado diversas vezes. Ali estavam frases peculiares á dialética da noiva amada, datas que coincidiam, perfeitamente, com as suas revelações íntimas, quando ambos se entretinham a falar do passado, no pomar de Zacarias. A palavra "Corinto" era repetida muitas vezes. Aqueles documentos pareciam ter uma voz. Falavam-lhe ao coração, de um grande e santo amor fraternal. Ouviu-a em silêncio e guardou as conclusões avaramente. Não revelaria a ninguém suas íntimas dores. Bastavam aos outros, os grandes erros da sua vida pública, os remorsos, as retificações que, a-pesar-de verificadas em campo aberto, raros amigos conseguiam compreender. Observando-lhe a atitude

de constante meditação, Pedro desdobrou-se na tarefa de assistencia fraternal. Eram as palestras amigas, os comentários a-cerca-do poder de Jesus, os caldos succulentos, as frutas substanciosas, a palavra de bom ânimo. Por tudo isso, sensibilizava-se o doente, sem saber como traduzir sua gratidão imperecivel.

Entretanto, notou que Tiago, filho de Alfeu, receoso, talvez, dos seus antecedentes, não se dignava dirigir-lhe uma palavra. Arvorado em rígido cumpridor da Lei de Moisés, dentro da igreja do "Caminho", era percebido, de vez em quando, pelo moço tarsense, qual sombra impassivel a deslizar, balbuciando preces silenciosas, entre os enférmos. A princípio, sentiu quanto lhe doía aquele desinteresse; mas logo considerou a necessidade de humilhar-se diante de todos. Nada fizera, ainda, que pudesse positivar suas novas convicções. Quando dominava no Sinhédrio, tambem não perdoava as adesões da última hora.

Logo que entrou a convalescer, já plenamente identificado com a afeição de Pedro, pediu-lhe conselhos sobre os planos que tinha em mente, encarecendo a máxima franqueza, para que pudesse enfrentar a situação, por mais duras que lhe fossem as circunstancias.

— De minha parte — disse o Apóstolo ponderadamente — não me parece razoável permaneceres em Jerusalém, por enquanto, neste período de renovação. Para falar com sinceridade, ha que considerar teu novo estado d'alma como a planta preciosa que começa a germinar. E' necessário dar liberdade ao germe divino da fé. Na hipótese da tua permanencia aqui, encontrarias, diariamente, de um lado os sacerdotes intransigentes em guerra contra o teu coração; e de outro as pessoas incomprensiveis, que falam nas extremas dificuldades do perdão, embora conheçam, de sobra, as lições do Mestre nesse sentido. Não deves ignorar que a perseguição aos simpatizantes do "Caminho" deixou traços muito profundos na alma popular. Não raro, aqui chegam pessoas mutiladas, que amaldiçoam o movimento. Isso para nós, Saulo, está num passado que jamais voltará; contudo, essas criaturas não o poderão compreender assim, de

pronto. Em Jerusalém estarias mal colocado. O germe de tuas novas convicções encontraria mil elementos hostis e talvez ficasses á mercé da exasperação.

O rapaz ouviu as advertencias ralado de angústia, mas não protestou. O apóstolo tinha razão. Em toda a cidade encontraria críticas soezes e destruidoras.

— Voltarei a Tarso... — disse com humildade — é possivel que meu velho pai comprehenda a situação e ajude meus passos. Sei que Jesus abençoará meus esforços. Se é preciso recomeçar a existencia, recomeça-la-ei no lar de onde provim...

Simão contemplou-o com ternura, admirado daquela transformação espiritual.

Diariamente, ambos reatavam as palestras amistosas. O convertido de Damasco, inteligencia fulgurante, revelava curiosidade insaciavel a respeito da personalidade do Cristo, dos seus minimos feitos e mais sutis ensinamentos. Outras vezes, solicitava ao ex-pescador todos os informes possiveis sobre Estêvão, regosijando-se com as lembranças de Abigail, embora guardasse avaramente os pormenores do seu romance da mocidade. Inteirou-se, então, dos seus pesados trabalhos no cativéiro; da sua dedicação a um patrício de nome Sergio Paulo; da fuga em miseravel estado de saúde, no porto palestinense; do ingresso na igreja do "Caminho" como indigente, das primeiras noções do Evangelho e consequente iluminação em Cristo Jesus. Encantava-se, ouvindo as narrativas simples e amorosas de Pedro, que revelava sua veneração ao mártir, evitando melindra-lo na sua condição de verdugo repeso.

Logo que pôde levantar-se da cama, foi ouvir as pregações naquele mesmo recinto onde insultara o irmão de Abigail, pela primeira vez. Os expositores do Evangelho eram, mais frequentemente, Pedro e Tiago. O primeiro falava com profunda prudencia, embora valendo-se de maravilhosas expressões simbólicas. O segundo, entretanto, parecia torturado pela influencia judeizante. Tiago dava a impressão de reingresso da maioria dos ouvintes nos regulamentos farisáicos. Suas preleções fugiam ao padrão de liberdade e de amor em

Jesus Cristo. Revelava-se encarcerado nas concepções estreitas do judaísmo dominante. Longos períodos de seus discursos referiam-se às carnes impuras, às obrigações para com a Lei, aos imperativos da circuncisão. A assembleia também parecia completamente modificada. A igreja assemelhava-se muito mais a uma sinagoga comum. Israelitas, em atitude solene, consultavam pergaminhos e papiros, contendo prescrições de Moisés. Saulo procurou, em vão, a figura impressionante dos sofredores e aleijados que vira no recinto, quando ali esteve pela primeira vez. Curiosíssimo, notou que Simão Pedro atendia-os numa sala contígua, com grande bondade. Aproximou-se mais e pôde observar que, enquanto a pregação reproduzia a cena exata das sinagogas, os aflitos se sucediam ininterruptamente na sala humilde do ex-pescador de Cafarnaum. Alguns saíam conduzindo bilhas de remédio, outros levavam azeite e pão.

Saulo impressionou-se. A igreja do "Caminho" parecia muito mudada. Faltava-lhe alguma cousa. O ambiente geral era de asfixia de todas as idéias do Nazareno. Não mais encontrou ali a grande vibração de fraternidade e de unificação de princípios pela independência espiritual. Depois de aturadas reflexões, tudo atribuia à falta de Estêvão. Morto ele, extinguira-se o esforço do Evangelho livre. Ele era o fermento divino da renovação. Sómente agora capacitava-se da grandeza da sua elevada tarefa.

Quis pedir a palavra, falar como em Damasco, surzir os erros de interpretação, sacudir a poeira que se adensava sobre o imenso e sagrado idealismo do Cristo, mas lembrou as ponderações de Pedro e calou-se. Não era justo, por enquanto, verberar o procedimento de outrem, quando não dera obras de si mesmo, por testemunhar a própria renovação. Se tentasse falar, podia ouvir, talvez, reprimendas justas. Além disso, notava que os conhecidos de outros tempos, frequentadores agora da igreja do "Caminho", sem abandonar, de modo algum, seus princípios errôneos, olhavam-no de soslaio, sem dissimular desprezo, considerando-o em perturbação mental. No entanto, era com esforço supremo

que sopitava o desejo de terçar armas, mesmo ali, para restauração da verdade pura.

Após a primeira reunião, procurou oportunidade de estar a sós com o ex-pescador de Cafarnaum, a fim de interirar-se das inovações observadas.

— A tempestade que desabou sobre nós — explicou Pedro generosamente, sem qualquer alusão ao seu procedimento de outrora — levou-me a sérias meditações. Desde a primeira diligencia do Sinhédrio nesta casa, notei que Tiago sofrera profundas transformações. Entregou-se a uma vida de grande ascetismo e rigoroso cumprimento da Lei de Moisés. Pensei muito na mudança das suas atitudes, mas, por outro lado, considerei que ele não é mau. E' companheiro zeloso, dedicado e leal. Calei-me para mais tarde concluir que tudo tem uma razão de ser. Quando as perseguições apertaram o cérco, a atitude de Tiago, embora pouco louvável, quanto a liberdade do Evangelho, teve seu lado benéfico. Os delegados mais truculentos respeitaram-lhe o devocionismo mosaico e suas amizades sinceras no judaísmo nos permitiram a manutenção do patrimônio de Cristo. Eu e João tivemos horas angustiosas, na consideração desses problemas. Estaríamos sendo insinceros, falseariam a verdade? Ansiosamente rogamos a inspiração do Mestre. Com o auxílio de sua divina luz, chegamos a criteriosas conclusões. Seria justo lutar a videira ainda tenra com a figueira brava? Se fossemos atender ao impulso pessoal de combater os inimigos da independência do Evangelho, esqueceríamos, fatalmente, a obra coletiva. Não é lícito que o timoneiro, por testemunhar a excelencia de conhecimentos náuticos, atire o barco contra os rochedos, com prejuizo de vida para quantos confiaram no seu esforço. Consideramos, assim, que as dificuldades eram muitas e precisavamos, enquanto mínima fosse a nossa possibilidade de ação, conservar a árvore do Evangelho ainda tenra, para aqueles que viesssem depois de nós. Além do mais, Jesus ensinou que só conseguimos elevados objetivos neste mundo, cedendo alguma cousa de nós mesmos. Por intermédio de Tiago, o farisaísmo acede em caminhar conosco. Pois

bem: consoante os ensinamentos do Mestre, caminharemos as milhas possíveis. E julgo mesmo que, se Jesus assim nos eninou, é porque na marcha temos a oportunidade de ensinar alguma cousa e revelar quem somos.

Enquanto Saulo o contemplava com redobrada admiração pelos judiciosos conceitos emitidos, o apóstolo rematava:

— Isso passa! A obra é do Cristo. Se fôsse nossa, falharia por certo, mas nós não passamos de simples e imperfeitos cooperadores.

Saulo guardou a lição e recolheu-se pensativo. Pedro parecia-lhe muito maior agora, no seu fôro íntimo. Aquela serenidade, aquele poder de compreensão dos fatos mínimos, davam-lhe idéia da sua profunda iluminação espiritual.

De saúde refeita, antes de qualquer deliberação sobre o novo caminho a tomar, o moço tarsense desejou rever Jerusalém num impulso natural de afeição aos lugares que lhe sugeriam tantas lembranças cariciosas. Visitou o Templo, experimentando o contraste das emoções. Não se animou a penetrar no Sinhédrio, mas procurou, ansioso a sinagoga dos cilicianos, onde presumia reencontrar as amizades nobres e afaveis de outros tempos. Entretanto, mesmo ali onde se reuniam os conterraneos residentes em Jerusalém, foi recebido friamente. Ninguem o convidou ao labor da palavra. Apenas alguns conhecidos de sua família apertaram-lhe a mão secamente, evitando-lhe a companhia, de modo ostensivo. Os mais ironicos, terminados os serviços religiosos, dirigiram-lhe perguntas, com sorrisos escarninhos. Sua conversão ás portas de Damasco era glosada com ditérios acerados e deprimentes.

— Não seria algum sortilégio dos feiticeiros do "Caminho"? — diziam uns. — Não seria Demétrio que se vestira de Cristo e lhe deslumbrara os olhos doentes e fatigados? — interrogavam outros.

Percebeu as ironias de que estava sendo objeto. Tratavam-no como demente. Foi aí que, sem sopitar a impulsividade do coração honesto, subiu ousadamente num estrado e falou com orgulho:

— Irmãos da Cilícia, estais enganados. Não estou louco. Não busqueis arguir-me porque eu vos conheço e sei medir a hipocrisia farisáica.

Estabeleceu-se luta imediata. Velhos amigos vociferavam improperios. Os mais ponderados cercaram-no como se o fizessem a um doente e pediram-lhe que se calasse. Saulo precisou fazer um esforço heroico para conter a indignação. A custo, conseguiu dominar-se e retirou-se. Em plena via pública, sentia-se assaltado por idéias escaldantes. Não seria melhor combater abertamente, pregar a verdade sem consideração pelas máscaras religiosas que enchião a cidade? A seus olhos era justo refletir na guerra declarada aos erros farisáicos. E se, ao contrário das ponderações de Pedro, assumisse em Jerusalém a chefia de um movimento mais vasto, a favor do Nazareno? Não tivera a coragem de perseguir-lhe os discípulos, quando os doutores do Sinhédrio eram todos complacentes? Porque não assumir, agora, a atitude da reparação encabeçando um movimento em contrário? Havia de encontrar alguns amigos que se lhe associassem ao esforço ardente. Com esse gesto, auxiliaria o proprio irmão na sua tarefa dignificante em prol dos necessitados.

Fascinado com tais perspectivas, penetrou no Templo famoso. Recordou os dias mais recuados da infância e da primeira juventude. O movimento popular no recinto já lhe não despertava o interesse de outróra. Instintivamente, aproximou-se do local onde Estêvão sucumbira. Lembrou a cena dolorosa, detalhe por detalhe. Penosa angústia assomava-lhe ao coração. Orou com fervor ao Cristo. Entrou na sala onde estivera a sós com Abigail, a ouvir as últimas palavras do mártir do Evangelho. Compreendia, enfim, a grandeza daquela alma que o perdoara *in extremis*. Cada palavra do moribundo ressoava-lhe agora, estranhamente, nos ouvidos. A elevação de Estêvão fascinava-o. O prégador do "Caminho" havia-se imolado por Jesus! Porque não fazê-lo tambem ele?... Era justo ficar em Jerusalém, seguir-lhe os passos heróicos, para que a lição do Mestre fosse compreendida. Na recordação do passado, o moço

tarsense mergulhava-se em preces fervorosas. Suplicava a inspiração do Cristo para seus novos caminhos. Foi aí que o convertido de Damasco, exteriorizando as faculdades espirituais, fruto das penosas disciplinas, observou que um vulto luminoso surgia inopinadamente a seu lado, falando-lhe com inefável ternura:

— Retira-te de Jerusalém, porque os antigos companheiros não aceitarão, por enquanto, o testemunho!

Sob o pálio de Jesus, Estêvão seguia-lhe os passos na senda do discípulo, embora a posição transcendental de sua assistência invisível. Saulo, naturalmente, cuidou que era o próprio Cristo o autor da carinhosa advertência e, fundamentalmente impressionado, demandou a igreja do "Caminho", informando a Simão Pedro o que ocorreu.

— Entretanto — acabou dizendo ao generoso apóstolo que o ouvia admirado — não devo ocultar que tencionava agitar a opinião religiosa da cidade, defender a causa do Mestre, restabelecer a verdade em sua feição integral.

Enquanto o ex-pescador escutava em silêncio, como a reforçar a resposta, o novo discípulo continuava:

— Estêvão não se entregou ao sacrifício? Sinto que nos falta aqui uma coragem igual à do martir, sucedido a pedradas da minha ignorância.

— Não, Saulo — replicou Pedro com firmeza — não seria razoável pensar assim. Tenho maior experiência da vida, embora não tenha cabedais de inteligência semelhantes aos teus. Está escrito que o discípulo não poderá ser maior que o mestre. Aqui mesmo, em Jerusalém, vimos Judas cair numa cilada igual a esta. Nos dias angustiosos do Calvário, em que o Senhor provou a excelência e a divindade do seu amor e nós o amargo testemunho da exigua fé, condenamos o infotunado companheiro. Alguns irmãos nossos mantêm, até o presente, a opinião dos primeiros dias; mas, em contacto com as realidades do mundo, cheguei à conclusão de que Judas fai mais infeliz que perverso. Ele não acreditava na validade das obras sem dinheiro, não aceitava outro poder que não fosse o dos principes do mundo. Estava sempre inquieto pelo triunfo imediato

das idéias de Cristo. Muitas vezes, vimo-lo altercar, impaciente pela construção do Reino de Jesus, adstrito aos princípios políticos do mundo. O Mestre sorria e fingia não entender as insinuações, como quem estava senhor do seu divino programa. Judas, antes do apostolado, era negociante. Estava habituado a vender a mercadoria e receber o pagamento imediato. Julgo, nas meditações de agora, que ele não pôde compreender o Evangelho de outra forma, ignorando que Deus é um credor cheio de misericórdia, que espera generosamente a todos nós, que não passamos de miseráveis devedores. Talvez amasse profundamente o Messias, e contudo, a inquietação fê-lo perder na oportunidade sagrada. Tão só pelo desejo de apressar a vitória, engendrou a tragédia da cruz, com a sua falta de vigilância.

Saulo ouvia assombrado aquelas considerações justas e o bondoso apóstolo continuava:

— Deus é a Providência de todos. Ninguem está esquecido. Para que ajuizes melhor da situação, admitamos que fôsses mais feliz que Judas. Figuremos tua vitória pessoal no feito. Concedamos que pudesses atrair para o Mestre toda a cidade. E depois? Deverias e poderias responder por todos os que aderissem ao teu esforço? A verdade é que poderias atrair, mas não converter. Como não te fôsse possível atender a todos, em particular, acabarias execrado pela mesma forma. Se Jesus, que pôde o tudo neste mundo, sob a égide do Pai espera com paciencia a conversão do mundo, porque não poderemos esperar, de nossa parte? A melhor posição da vida é a do equilíbrio. Não é justo desejar fazer nem menos, nem mais do que nos compete, mesmo porque, o Mestre sentenciou que a cada dia bastam os seus trabalhos.

O convertido de Damasco estava surpreso a mais não poder. Simão apresentava argumentos irretorquíveis. Sua inspiração assombrava-o.

— A' vista do que ocorreu — prosseguiu o ex-pescador serenamente — importa que te vás logo que caia a noite. A luta iniciada na sinagoga dos Cílios é muito mais importante que os atritos de Damasco

E' possivel que amanhã procurem encarcerar-te. Além disso, a advertencia recebida no Templo não é de molde a procrastinarmos providencias indispensaveis.

Saulo concordou de boamente com o alvitre. Poucas vezes na vida escutara observações tão sensatas.

— Pretendes voltar á Cilicia? — disse Pedro com inflexão paternal.

— Já não tenho mais aonde ir — respondeu com resignado sorriso.

— Pois bem, partirás para Cesaréia. Temos ali amigos sinceros que te poderão auxiliar.

O programa de Simão Pedro foi rigorosamente cumprido. A' noite, quando Jerusalém se envolvia em grande silêncio, um cavalheiro humilde transpunha as portas da cidade, na direção dos caminhos que conduziam ao grande porto palestinense.

Torturado pelas apreensões constantes da sua nova vida, chegou á Cesaréia decidido a não se deter ali muito tempo. Entregou as cartas de Pedro que o recomendavam aos amigos fiéis. Recebido com simpatia por todos, não teve dificuldades em retomar o caminho da cidade natal.

Dirigindo-se agora para o cenário da infancia, sentia-se extremamente comovido com as mínimas recordações. Aqui, um acidente do caminho a sugerir cariciosas lembranças; ali, um grupo de árvores envelhecidas a despertarem especial atenção. Várias vezes, passou por caravanas de camelos que lhe faziam relembrar as iniciativas paternas. Tão intensa lhe fôra a vida espiritual, nos últimos anos, tão grandes as transformações, que a vida do lar se lhe figurava um sonho bom, de ha muito evanescido. Através de Alexandre, recebera as primeiras notícias de casa. Lamentava a partida de sua mãe, justamente quando tinha maior necessidade da sua compreensão afetuosa; mas entregava a Jesus os seus cuidados nesse particular. Do velho pai não era razoável esperar um entendimento mais justo. Espírito formalista, radicado ao farisaísmo de maneira integral, certo não aprovaria a sua conduta.

Atingiu as primeiras ruas de Tarso, de alma opresa. As recordações sucediam-se ininterruptas.

Batendo á porta do lar paterno, pela fisionomia indiferente dos servos comprehendeu como voltava transformado. Os dois criados mais antigos não o reconheceram. Guardou silêncio e esperou. Ao fim de longa espera, o progenitor foi recebe-lo. O velho Isac amparando-se ao cajado, nas adiantadas expressões de um reumatismo pertinaz, não dissimulou um gesto largo de espanto. E' que reconhecerá de pronto o filho.

— Meu filho!... — disse com voz energica, procurando dominar a emoção — será possivel que os olhos me enganem?

Saulo abraçou-o afetuosamente, dirigindo-se ambos para o interior.

Isac sentou-se e, buscando penetrar o intimo do filho, com o olhar percutiente interrogou em tom de censura:

— Será que estejas mesmo curado?

Para o rapaz, tal pergunta era mais um golpe desferido na sua sensibilidade afetiva. Sentia-se cansado, derrotado, desiludido; necessitava de alento para recomendar a existencia num idealismo maior e até o pai c reprovara com perguntas absurdas! Ansioso de compreensão, retrucou de maneira comovedora:

— Meu pai, por piedade, acolhei-me!... Não estive doente, mas sou agora necessitado pelo espírito! Sinto que não poderei reiniciar minha carreira na vida sem algum repouso!... Estendei-me vossas mãos!...

Conhecendo a austeridade paterna e a extensão das proprias necessidades naquela hora difícil do seu caminho, o ex-doutor de Jerusalém humilhou-se inteiramente, pondo na voz toda a fadiga que se lhe represava no coração.

O ancião israelita contemplou-o hieratico, solene, e sentenciou sem compaixão:

— Não estiveste doente? que significa então a triste comédia de Damasco? Os filhos podem ser ingratos e conseguem esquecer, mas os pais, se nunca os retiram do pensamento, sabem sentir melhor a crueldade do seu

proceder... Não te doeria ver-nos vencidos e humilhados com a vergonha que lançaste sobre nossa casa? Ralada de desgostos, tua mãe encontrou lenitivo na morte; mas, eu? Acreditas-me insensível á tua descerção? Se resisti, foi porque guardava a esperança de buscar Jeová, supondo que tudo não passasse de mal-entendido, que uma perturbação mental houvesse atirado contigo na incompreensão e nas críticas injustificáveis do mundo!... Criei-te com todo o desvelo que um pai, da nossa raça, costuma dedicar ao único filho varão... Sintetizavas gloriosas promessas para nossa estirpe. Sacrifiquei-me por ti, cumulei-te de afagos, não poupei esforços para que pudesses contar com os mestres mais sábios, cuidei da tua mocidade, enchi-te com a ternura do coração e é desse modo que retribues as dedicações e os carinhos do lar?

Saulo podia enfrentar muitos homens armados, sem abdicar da coragem desassombrada que lhe assinalava as atitudes. Podia verberar o procedimento condenável dos outros, ocupar a mais perigosa tribuna para o exame das hipocrisias humanas, mas diante daquele velhinho que não mais podia renovar a fé, e considerando a amplitude dos seus sagrados sentimentos paternais, não reagiu e começou a chorar.

— Choras? — continuou o ancião com grande segurança. — Mas eu nunca te dei exemplos de covardia! Lutei com heroísmo nos dias mais difíceis, para que nada te faltasse. Tua fraqueza moral é filha do perjúrio, da traição. Tuas lágrimas vêm do remorso inelutável! Como enveredaste, assim, pelo caminho da mentira execravel? Com que fim engendraste a cena de Damasco para repudiar os princípios que te alimentaram do berço? Como abandonar a situação brilhante do rabino de quem tanto esperavamos, para arvorar-se em companheiro de homens desclassificados, que nunca tiveram a tradição amorosa de um lar?

Ante as acusações injustas, o moço tarsense soluçava, talvez pela primeira vez na vida.

— Quando soube que ias desposar uma jovem sem pais conhecidos — prosseguia o velho implacável — sur-

preendí-me e esperei que te pronunciasses diretamente. Mais tarde, Dalila e o marido eram compelidos a deixar Jerusalém precipitadamente, ralados de vergonha com a ordem de prisão que a sinagoga de Damasco requisitava contra ti. Várias vezes conjecturei se não seria essa criatura inferior que elegeste, a causa de tamanhos desastres morais. Ha mais de três anos levanto-me diariamente para refletir no teu criminoso proceder em detrimento dos mais sagrados deveres!

Em ouvindo aqueles conceitos injustos á pessoa de Abigail, o rapaz cobrou ânimo e murmurou com humildade.

— Meu pai, essa criatura era uma santa! Deus não a quis neste mundo! Talvez, se ela ainda vivesse, teria eu o cérebro mais equilibrado para harmonizar a minha nova vida.

O pai não gostou da resposta, embora a objeção fosse feita em tom de obediencia e carinho.

— Nova vida? — glosou irritado — que queres com isso dizer?

Saulo enxugou as lágrimas e respondeu resignado:

— Quero dizer que o episódio de Damasco não foi ilusão e que Jesus reformou minha vida.

— Não pederias ver em tudo isso rematada loucura? — continuou o pai com espanto. — Impossível! como abandonar o amor da família, as tradições veneráveis do teu nome, as esperanças sagradas dos teus, para seguir um carpinteiro desconhecido?

Saulo compreendeu o sofrimento moral do progenitor quando assim se exprimia. Teve impetos de atirar-se-lhe nos braços amorosos; falar-lhe do Cristo, proporcionar-lhe entendimento real da situação. Mas prevendo simultaneamente a dificuldade de se fazer compreendido, observava-o resignado, enquanto ele prosseguia de olhos húmidos, revelando a máqua e a cólera que o dominavam.

— Como pôde ser isso? Se a doutrina malfadada do carpinteiro de Nazaré impõe criminosa indiferença pelos laços mais santos da vida, como negar-lhe nocividade e bastardia? Será justo preferir um aventureiro,

que morreu entre malfeiteiros, ao pai digno e trabalhador que envelheceu no serviço honesto de Deus?!

— Mas, pai — dizia o moço em voz súplice — Cristo é o Salvador prometido!...

Isac pareceu agravar a propria fúria.

— Blasfemas? — gritou. — Não temes insultar a Providencia Divina? As esperanças de Israél não poderiam repousar numa fronte que se esvaiu no sangue do castigo, entre ladrões!... Estás louco! Exijo a reconsideração de tuas atitudes.

Enquanto fazia uma pausa, o convertido objetou:

— E' certo que meu passado está cheio de culpas quando não hesitei em perseguir as expressões da verdade; mas, de três anos á esta parte, não me recordo de ato algum que necessite reconsideração.

O ancião pareceu atingir o auge da cólera e exclamou áspero:

— Sinto que as palavras generosas não quadram á tua razão perturbada. Vejo que tenho esperado em vão, para não morrer odiando alguém. Infelizmente, sou obrigado a reconhecer nas tuas atuais decisões um louco, ou um criminoso vulgar. Portanto, para que nossas atitudes se definam, peço-te que escolhas em definitivo, entre mim e o desprezível carpinteiro!...

A voz paternal, ao enunciar semelhante intimativa era abafada, vacilante, evidenciando profundo sofrimento. Saulo comprehendeu e, em vão, procurava um argumento conciliador. A incompreensão do pai angustiava-o. Nunca refletiu tanto e tão intensamente no ensino de Jesus sobre os laços de família. Sentia-se estreitamente ligado ao generoso velhinho, queria ampará-lo na sua rigidez intelectual, abrandar-lhe a feição tirânica, mas comprehendia as barreiras que se antepunham aos seus desejos sinceros. Sabia com que severidade fôra formado o seu proprio caráter. Prejulgando a inutilidade dos apelos afetivos, murmurou entre humilde e ansioso:

— Ambos nós, meu pai, precisamos de Jesus!..

O velho, inflexível, endereçou-lhe um olhar austero e retrucou com aspereza:

— Tua escolha está feita! Nada tens a fazer nesta casa!...

O velhinho estava trêmulo. Via-se-lhe o esforço espiritual para tomar aquela decisão. Criado nas concepções intransigentes da Lei de Moisés, Isac sofria como pai; entretanto, expulsava o filho depositário de tantas esperanças, como se cumprisse um dever. O coração amoroso sugeria-lhe piedade, mas o raciocínio do homem, encarcerado nos dogmas implacaveis da raça, abafava-lhe o impulso natural.

Saulo contemplou-o em atitude silenciosa e suplicante. O lar era a derradeira esperança que ainda lhe restava. Não queria crer na última perda. Cravou no ancião os olhos quase lacrimosos e, depois de longo minuto de expectação, implorou num gesto comovedor que lhe não era hábitual:

— Meu pai, tudo me falta. Estou cansado e doente! Não tenho dinheiro algum, necessito da piedade alheia:

E acentuando a queixa dolorosa:

— Tambem vós me expulsais?!

Isac sentiu que a rogativa lhe vibrava no mais íntimo do coração. Mas, julgando talvez que a energia era mais eficiente que a ternura, no caso, respondeu secamente:

— Corrige as tuas impressões, porque ninguem te expulsou. Foste tu que votaste os amigos e os afetos mais puros ao supremo abandono!... Tens necessidades? E' justo que peças ao carpinteiro as providencias acertadas... Ele que fez tamanhos absurdos, terá poder bastante para valer-te.

Imensa dôr represou-se no espírito do ex-rabino. As alusões ao Cristo doíam-lhe muito mais que as reprimendas diretas que recebera. Sem conseguir refrear a propria angústia, sentiu que lágrimas ardentes rolam-lhe nas faces queimadas pelo sol do deserto. Nunca experimentara pranto assim amargo. Nem mesmo na cegueira angustiosa, consequente á visão de Jesus, chorara tão penosamente. Não obstante esquecido numa pensão sem nome, cégo e acarbrunhado, sentia a proteção do Mestre que o convocara ao seu divino serviço.

Guardava a impressão de estar mais perto do Cristo. Regosijava-se nas dores mais acerbas, pelo fato de haver recebido, ás portas de Damasco, o seu apelo glorioso e direto. Mas depois de tudo, procurava, em vão, apoio nos homens para iniciar a sagrada tarefa. Os mais amigos recomendavam-lhe a distancia. Por último, ali estava o pai, velho e abastado, a recusar-lhe a mão no instante mais doloroso da vida. Expulsava-o. Manifestava aversão por suas idéias regeneradoras. Não lhe tolerava a condição de amigo do Cristo. No pranto que lhe borbulhava dos olhos, recordou-se, porém, de Ananias. Quando todos o abandonavam em Damasco, surgira o mensageiro do Mestre, restituindo-lhe o bom ânimo. Seu pai falara-lhe, ironicamente, dos poderes do Senhor. Sim, Jesus não lhe faltaria com os recursos indispensaveis. Lançando ao progenitor um olhar inolvidável, disse humildemente:

— Então, adeus, meu pai!... Dizeis bem, porque estou certo de que o Messias não me abandonará!...

A passos indecisos, aproximou-se da porta de saída. Vagou o olhar nevoado de pranto pelos antigos adornos da sala. A poltrona de sua mãe estava na posição habitual. Recordou o tempo em que os olhos maternos liam para ele as primeiras noções da Lei. Julgou divisar-lhe a sombra a lhe acenar com amoroso sorriso. Jamais experimentara tamanho vácuo no coração. Estava só. Teve receio de si mesmo, porquanto, jamais se vira em tais conjunturas.

Depois da meditação dolorosa, retirou-se em silêncio. Olhou, indiferente, o movimento da rua, como alguém que houvesse perdido todo o interesse de viver.

Não déra ainda muitos passos, no seu incerto destino, quando ouviu chamarem-no com insistencia.

Deteve-se á espera e verificou tratar-se de velho servidor do pai, que corria ao seu encalço.

Em poucos instantes, o criado entregava-lhe uma bolsa pesada, exclamando em tom amistoso:

— Vosso pai manda este dinheiro como lembrança.

Saulo experimentou no íntimo a revolta do "homem velho". Imaginou invocar a propria dignidade para de-

volver a dádiva humilhante. Assim procedendo ensinaria ao pai que era filho e não mendigo. Dar-lhe-ia uma lição, mostraria o valor proprio, mas considerou, ao mesmo tempo, que as provações rigorosas talvez se verificassem com assentimento de Jesus, para que seu coração ainda voluntarioso aprendesse a verdadeira humildade. Sentiu que havia vencido muitos tropécos; que se havia mostrado superior em Damasco e em Jerusalém; que dominara as hostilidades do deserto; que suportara a ingratidão dos climas e as canseiras dolorosas; mas, que o Mestre agora lhe sugeria a luta consigo mesmo, para que o "homem do mundo" deixasse de existir, ensejando o renascimento do coração enérgico, mas amoroso e terno, do discípulo. Seria, talvez, a maior de todas as batalhas. Assim comprehendeu, num relance, e buscando vencer-se a si mesmo, tomou a bolsa com resignado sorriso, guardou-a humildemente entre as dobras da túnica, saudou o servo com expressões de agradecimento e disse, esforçando-se por evidenciar alegria:

— Sinésio, conte a meu pai o contentamento que me causou com a sua carinhosa oferta e diga-lhe que rogo a Deus que o ajude.

Seguindo o curso incerto de sua nova situação, viu na atitude paterna o reflexo dos antigos hábitos do judaísmo. Como pai, Isac não queria parecer ingrato e inflexível, procurando ampará-lo; mas como fariseu nunca lhe suportaria a renovação das idéias.

Com ar indiferente, tomou leve refeição em modesta locanda. Entretanto, não conseguia tolerar o movimento das ruas. Tinha sede de meditação e silêncio. Precisava ouvir a consciencia e o coração, antes de assentar os novos planos de vida. Procurou afastar-se da cidade. Como eremita anônimo, buscou o campo agreste. Depois de muito caminhar sem destino, atingiu os arredores do Taurus. Começava o cortejo das sombras tristes da tarde. Exhausto de fadiga, descansou junto de uma das inumeraveis cavernas abandonadas. Muito ao longe, Tarso repousava entre arvoredos. As auras vespertinas vibravam no ambiente, sem perturbar a pla-

cidez das cousas. Mergulhado na quietude da natureza, Saulo recuou mentalmente ao dia da sua radical transformação. Lembrou o abandono na pensão de Judas, a indiferença de Sadoc á sua amizade. Rememorou a primeira reunião de Damasco, na qual suportara tantos apupos, ironias e sarcasmos. Demandara Palmira, ansioso pela assistencia de Gamaliél, a-fim-de penetrar a causa do Cristo, mas o nobre mestre lhe aconselhara o isolamento no deserto. Recordou as duras dificuldades do tear e a carencia de recursos de toda a especie, no oásis solitário. Naqueles dias silenciosos e longos, jamais pudera esquecer a noiva morta, lutando por erguer-se, espiritualmente, acima dos sonhos desmoronados. Por mais que estudasse o Evangelho, intimamente experimentava singular remorso pelo sacrificio de Estêvão, que, a seu ver, fôra a pedra tumular do seu noivado futuroso. Suas noites estavam cheias de infinitas angústias. A's vezes, em pesadelos dolorosos, sentia-se de novo em Jerusalém, assinando sentenças iniquas. As vítimas da grande perseguição acusavam-no, olhando-o assustadas, como se a sua fisionomia fôsse a de um monstro. A esperança em Cristo reanimava-lhe o espírito resoluto. Depois de provas ásperas, deixara a solidão para regressar á vida social. Novamente em Damasco, a sinagoga o recebeu com ameaças. Os amigos de outros tempos, com profunda ironia, lançavam-lhe epitetos crueis. Necessário fugir como criminoso comum, saltando muros pela calada da noite. Depois, buscara Jerusalém, na esperança de fazer-se compreendido. Contudo, Alexandre, em cujo espírito culto pretendia encontrar melhor entendimento, recebera-o como visionário e mentiroso. Extremamente fatigado, batera á porta da igreja do "Caminho", mas fôra obrigado a recolher-se a uma réles hospedaria, por fôrça das suspeitas justas dos Apóstolos da Galiléia. Doente e abatido, fôra levado á presença de Simão Pedro, que lhe ministrara lições de alta prudencia e excessiva bondade, mas, a exemplo de Gamaliél, lhe aconselhara prévio recolhimento, discreção, aprendizado em suma. Embalde, procurava um meio de harmonizar as circunstancias, de maneira a

cooperar na obra do Evangelho e todas as portas pareciam fechadas ao seu esforço. A-final, dirigira-se a Tarso, ansioso do amparo familiar para reiniciar a vida. A atitude paterna só lhe agravara as desilusões. Repelindo-o, o progenitor lançava-o num abismo. Agora começava a compreender que, reencontrar a existencia não era volver á atividade do ninho antigo, mas principiar do fundo dalmá, do esfôrço interior, alijar o passado nos mínimos resquícios, ser outro homem enfim.

Compreendia a nova situação, mas não pôde impedir as lágrimas que lhe afloravam copiosas.

Quando deu acôrdo de si, a noite havia fechado de todo. O céu oriental resplandecia de estrelas. Ventos suaves sopravam de longe, refrescando-lhe a fronte incandescida. Acomodou-se como pôde, entre as pedras agrestes, sem coragem de eximir-se ao silencio da natureza amiga. Não obstante prosseguir no curso de suas amargas reflexões, sentia-se mais calmo. Confiou ao Mestre as preocupações acerbas, pediu o remédio da sua misericórdia e procurou manter-se em repouso. Após a prece ardente, cessou de chorar, figurando-se-lhe que uma fôrça superior e invisivel lhe balsamizava as chagas da alma opressa.

Breve, em doce quietude do cérebro dolorido, sentiu que o sono começava a empolga-lo. Suavissima sensação de repouso proporcionava-lhe grande alívio. Estaria dormindo? Tinha a impressão de haver penetrado uma região de sonhos deliciosos. Sentia-se ágil e feliz. Tinha a impressão de que fôra arrebatado a uma campina tocada de luz primaveril, isenta e longe deste mundo. Flores brilhantes, como feitas de névoa colorida, desabrochavam ao longe de estradas maravilhosas, rasgadas na região banhada de claridades indefiniveis. Tudo lhe falava de um mundo diferente. Aos seus ouvidos toavam harmonias suaves, dando idéia de cavaatinas executadas ao longe, em harpas e alaúdes divinos. Desejava identificar a paisagem, definir-lhe os contornos, enriquecer observações, mas um sentimento profundo de paz deslumbra-o inteiramente. Devia ter penetrado um reino maravilhoso, porquanto, os porten-

tos espirituais que se patenteavam a seus olhos excediam todo entendimento. (1)

Mal não havia despertado desse deslumbramento, quando se sentiu presa de novas surpresas com a aproximação de alguém que pisava de leve, acercando-se de mansinho. Mais alguns instantes, viu Estêvão e Abigail á sua frente, jovens e formosos, envergando véses tão brilhantes e tão alvas que mais se assemelhavam a pepluns de neve translúcida.

Incapaz de traduzir as sagradas comoções de sua alma, Saulo de Tarso ajoelhou-se e começou a chorar.

Os dois irmãos, que voltavam a encoraja-lo, aproximaram-se com generoso sorriso.

— Levanta-te, Saulo! — disse Estêvão com profunda bondade.

— Que é isso? Choras? — perguntou Abigail em tom blandicioso. — Estarias desalentado quando a tarefa apenas começa?

O moço tarsense, agora de pé, desatou em pranto convulsivo. Aquelas lágrimas não eram sómente um desabafo do coração abandonado no mundo. Traduziam um júbilo infinito, uma gratidão imensa ao Jesus pródigo de proteção e benefícios. Quis aproximar-se, oscular as mãos de Estêvão, rogar perdão para o nefando passado, mas foi o mártir do "Caminho" que, na luz de sua ressurreição gloriosa, aproximou-se do ex-rabino e o abraçou efusivamente, como se o fizesse a um irmão amado. Depois, beijando-lhe a fronte, murmurou com ternura:

— Saulo, não te detenhas no passado! Quem haverá, no mundo, isento de erros?! Só Jesus foi puro!...

O ex-discípulo de Gamaliél sentiu-se mergulhado em verdadeiro oceano de venturas. Queria falar das

(1) NOTA: — Mais tarde na II Epistola aos Coríntios, (12:2-4) Saulo afirmava: — "Conheço um homem em Cristo que ha 14 anos (se no corpo não sei, se fóra do corpo não sei; Deus o sabe) foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que o tal homem foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar". Dessa gloriosa experiência o Apóstolo dos gentios extraiu novas conclusões sobre suas idéias notáveis, referentemente ao corpo espiritual. — (Nota de EMMANUEL).

suas alegrias infindas, agradecer tamanhas dádivas, mas indômita emoção lhe selava os lábios e confundia o coração. Amparado por Estêvão, que lhe sorria em silêncio, viu Abigail mais formosa que nunca, recordando-lhe as flores da primavera na casa humilde do caminho de Joppe. Não pôde furtar-se ás reflexões do homem, esquecer os sonhos desfeitos, lembrando-os, acima de tudo, naquele glorioso minuto da sua vida. Pensou no lar que poderia ter constituído; no carinho com que a jovem de Corinto lhe cuidaria dos filhos afetuosa; no amor insubstituível que sua dedicação lhe poderia dar. Mas, compreendendo-lhe os mais íntimos pensamentos, a noiva espiritual aproximou-se, tomou-lhe a dextra calejada nos labores rudes do deserto e falou comovidamente:

— Nunca nos faltará um lar... Tê-lo-emos no coração de quantos vierem á nossa estrada. Quanto aos filhos, temos a família imensa que Jesus nos legou em sua misericordia... Os filhos do Calvário são nossos também... Eles estão em toda parte, esperando a herança do Salvador!...

O moço tarsense entendeu a carinhosa advertencia, arquivando-a no imo do coração.

— Não te entregues ao desalento — continuou Abigail, generosa e solicita — nossos antepassados conheceram o Deus dos Exércitos, que era o dono dos triunfos sangrentos, do ouro e da prata do mundo; nós, porém, conhecemos o Pai, que é o Senhor de nosso coração. A Lei nos destacava a fé, pela riqueza das dádivas materiais nos sacrifícios; mas o Evangelho nos conhece pela confiança inesgotável e pela fé ativa ao serviço do Todo-Poderoso. E' preciso ser fiél a Deus, Saulo! Ainda que o mundo inteiro se voltasse contra ti, possuirias o tesouro inesgotável do coração fiél. A paz triunfante de Cristo é a da alma laboriosa, que obedece e confia... Não tornes a recalcitrar contra os aguilhões. Esvasia-te dos pensamentos do mundo. Quando hajas esgotado a derradeira gôta da posca dos enganos terrenos, Jesus encherá teu espírito de claridades imortais!...

Experimentando infino consôlo, Saulo chegava a perturbar-se pela incapacidade de articular uma frase. As exortações de Abigail calar-lhe-iam para sempre. Nunca mais permitiria que o desânimo se apossasse dele. Enorme esperança represava-se, agora, em seu íntimo. Trabalharia para Cristo em todos os lugares e circunstâncias. O Mestre sacrificara-se por todos os homens. Dedicar-lhe a existência representava um nobre dever. Enquanto formulava estes pensamentos, recordou a dificuldade de harmonizar-se com as criaturas. Encontraria lutas. Lembrou a promessa de Jesus, de que estaria presente onde houvesse irmãos reunidos em seu nome. Mas, tudo lhe pareceu subitamente difícil, naquela rápida operação intelectual. As sinagogas combatiam-se entre si. A própria igreja de Jerusalém tendia, novamente, às influências judaizantes. Foi aí que Abigail respondeu, de novo, aos seus apelos íntimos, exclamando com infinito carinho:

— Reclamas companheiros concordes contigo nas edificações evangélicas. Mas é preciso lembrar que Jesus não os teve. Os Apóstolos não puderam concordar com o Mestre senão com o auxílio do céu, depois da ressurreição e do Pentecostes. Os mais amados dormiam, enquanto Ele agoniado orava no horto. Uns negaram-no, outros fugiram na hora decisiva. Concorda com Jesus e trabalha. O caminho para Deus está subdividido em verdadeira infinitade de planos. O espírito passará sózinho de uma esfera para outra. Toda elevação é difícil, mas somente aí encontramos a vitória real. Recorda a "porta estreita" das lições evangélicas e caminha. Quando seja oportuno, Jesus chamará ao teu labor os que possam concordar contigo, em seu nome. Dedica-te ao Mestre em todos os instantes de tua vida. Serve-o com energia e ternura, como quem sabe que a realização espiritual reclama o concurso de todos os sentimentos que enobreçam a alma.

Saulo estava enlevado. Não poderia traduzir as sensações cariciosas que lhe represavam no coração tomado de inefável contentamento. Esperanças novas bafejavam-lhe a alma. Em sua retina espiritual desdo-

brava-se radioso futuro. Quis mover-se, agradecer a dádiva sublime, mas a emoção privava-o de qualquer manifestação afetiva. Entretanto, pairava-lhe no espírito uma grande interrogação. Que fazer, doravante, para triunfar? Como completar as noções sagradas que lhe competia exemplificar praticamente, sem anotação de sacrifícios? Deixando perceber que lhe ouvia as mais secretas interpelações, Abigail adiantou-se sempre carinhosa:

— Saulo, para certeza da vitória no escabroso caminho, lembra-te de que é preciso dar: Jesus deu ao mundo quanto possuía e, acima de tudo, deu-nos a compreensão intuitiva das nossas fraquezas, para tolerarmos as misérias humanas...

O moço tarsense notou que Estêvão, nesse interim, se despedia, enderezando-lhe um olhar fraterno.

Abigail, por sua vez, apertava-lhe as mãos com imensa ternura. O ex-rabino desejava prolongar a deliciosa visão para o resto da vida, manter-se junto dela para sempre; contudo, a entidade querida esboçava um gesto de amoroso adeus. Esforçou-se, então, por catalogar apressadamente suas necessidades espirituais, desejoso de ouví-la relativamente aos problemas que o defrontavam. Ansioso de aproveitar as mínimas parcelas daquele glorioso, fugaz minuto, Saulo alinhava mentalmente grande número de perguntas. Que fazer para adquirir a compreensão perfeita dos designos de Cristo?

— Ama! — respondeu Abigail espontaneamente. Mas, como proceder de modo a enriquecermos na virtude divina? Jesus aconselhara o amor aos próprios inimigos. Entretanto, considerava quão difícil devia ser semelhante realização. Penoso testemunhar dedicação, sem o real entendimento dos outros. Como fazer para que a alma alcançasse tão elevada expressão de esforço com Jesus Cristo?

— Trabalha! — esclareceu a noiva amada sorrindo bondosamente.

Abigail tinha razão. Era necessário realizar a obra de aperfeiçoamento interior. Desejava ardente mente fa-

ze-lo. Para isso, isolara-se no deserto, por mais de mil dias consecutivos. Todavia, voltando ao ambiente do esforço coletivo, em cooperação com antigos companheiros, acalentava sadias esperanças que se converteram em dolorosas perplexidades. Que providencias adotar contra o desânimo destruidor?

— Espera! — disse ela ainda, num gesto de terna solicitude, como quem desejava esclarecer que a alma deve estar pronta a atender ao programa divino, em qualquer circunstância, extreme de caprichos pessoais.

Ouvindo-a, Saulo considerou que a esperança fôra sempre a companheira dos seus dias mais ásperos. Sabeia aguardar o porvir com as bençãos do Altíssimo. Confiaria na sua misericordia. Não desdenharia as oportunidades do serviço redentor. Mas... os homens? Em toda parte medrava a confusão nos espíritos. Reconhecia que, de fato, a concordância geral em torno dos ensinamentos do Mestre Divino representava uma das realizações mais difíceis, no desdobramento do Evangelho; mas, além disso, as criaturas pareciam igualmente desinteresadas da verdade e da luz. Os israelitas agaravam-se á Lei de Moisés, intensificando o regime das hipocrisias farisáicas; os seguidores do "Caminho" aproximavam-se novamente das sinagogas, fugiam dos gentios, submetiam-se, rigorosamente, aos processos da circuncisão. Onde a liberdade do Cristo? Onde as vastas esperanças que o seu amor trouxera á Humanidade inteira, sem exclusão dos filhos de outras raças? Concordava em que se fazia indispensável amar, trabalhar, esperar; entretanto, como agir no âmbito de fôrças tão heterogêneas? Como conciliar as grandiosas lições do Evangelho com a indiferença dos homens?

Abigail apertou-lhe as mãos com mais ternura, a indicar as despedidas e acentuou docemente:

— Perdoa!...

Em seguida, seu vulto luminoso pareceu diluir-se, como se fôsse feito de fragmentos de aurora.

Empolgado pela maravilhosa revelação, Saulo viu-se só, sem saber como coordenar as expressões do próprio deslumbramento. Na região que se coroava de clarida-

des infinitas, sentiam-se vibrações de misteriosa beleza. Aos seus ouvidos continuavam chegando écos longínquos de sublimes harmonias siderais, que pareciam traduzir mensagens de amor, oriundas de sóis distantes... Ajoelhou-se e orou! Agradeceu ao Senhor a maravilha das suas bençãos. Daí a instantes, como se energias imponderaveis o reconduzissem ao ambiente da Terra, sentiu-se no leito rustico, improvisado entre as pedras. Incapaz de esclarecer o prodigioso fenômeno, Saulo de Tarso contemplou os céus embevecido.

O infinito azul do firmamento não era um abismo em cujo fundo brilhavam estrelas... A seus olhos, o espaço adquiria nova significação; devia estar cheio de expressões de vida, que ao homem comum não era dado compreender. Haveria corpos celestes, como os, havia terrestres. A criatura não estava abandonada, em particular, pelos poderes supremos da Criação. A bondade de Deus excedia a toda a inteligência humana. Os que se haviam libertado da carne, voltavam do plano espiritual por confortar os que permaneciam á distância. Para Estêvão ele fôra verdugo cruel, para Abigail noivo ingrato; entretanto, permitia o Senhor que ambos regressassem á paisagem caliginosa do mundo, reanimando-lhe o coração. A existência planetaria alcançava novo sentido nas suas elocubrações profundas. Ninguém estaria abandonado. Os homens mais miseráveis teriam no céu quem os acompanhasse com desvelada dedicação. Por mais duras que fôssem as experiências humanas, a vida, agora, assumia nova feição de harmonia e beleza eternas.

A natureza estava calma. O luar esplendia no alto em vibrações de encanto indefinível. De quando a quando, o vento sussurrava de leve, espalhando mensagens misteriosas. Lufadas cariciosas acalmavam a fronte do pensador, que se embevecia na recordação imediata de suas maravilhosas visões do mundo invisível.

Experimentando uma paz até então desconhecida, acreditou que renascia naquele momento para uma existência muito diversa. Singular serenidade tocava-lhe o espírito. Uma compreensão diferente felicitava-o para

o reinício da jornada no mundo. Guardaria o lema de Abigail, para sempre. O amor, o trabalho, a esperança e o perdão, seriam seus companheiros inseparáveis. Cheio de dedicação por todos os seres, aguardaria as oportunidades que Jesus lhe concedesse, abstendo-se de provocar situações, e, nesse passo saberia tolerar a ignorância ou a fraqueza alheias, ciente de que também ele carregava um passado condenável, que, nada obstante, merecera a compaixão do Cristo.

Sómente muito depois, quando as brisas leves da madrugada anunciavam o dia, o ex-doutor da Lei conseguiu conciliar o sono. Quando despertou, era manhã alta. Muito ao longe, Tarso havia retomado o seu movimento habitual.

Ergueu-se encorajado como nunca. O colóquio espiritual com Estêvão e Abigail renovara-lhe as energias. Lembrou, instintivamente, a bolsa que o pai lhe havia mandado. Retirou-a para calcular as possibilidades financeiras de que podia dispôr para novos cometimentos. A dádiva paterna fôra abundante e generosa. Contudo, não conseguia atinar, de pronto, com a decisão preferível.

Depois de muito refletir, decidiu adquirir um tear. Seria o recomêço da luta. A-fim-de consolidar as novas disposições interiores, julgou util exercer em Tarso o mistér de tecelão, visto que ali, na terra do seu berço, se ostentara como intelectual de valor e aplaudido atléta.

Dentro em pouco, era reconhecido pelos conterrâneos como humilde tapeceiro.

A notícia teve desagradável repercussão no lar antigo, motivando a mudança do velho Isac, que, após desherdá-lo ostentivamente, transferiu-se para uma de suas propriedades á margem do Eufrates, onde esperou a morte junto de uma filha, incapaz de compreender o primogenito muito amado.

Assim que, durante três anos, o solitário tecelão das vizinhanças do Taurus exemplificou a humildade e o trabalho, esperando devotadamente que Jesus o convocasse ao testemunho.

IV

PRIMEIROS LABORES APOSTÓLICOS

Transformado em rude operário, Saulo de Tarso apresentava notável diferença fisionómica. Acentuava-se-lhe a feição de asceta. Os olhos, contudo, denunciando o homem ponderado e resoluto, revelavam igualmente uma paz profunda e indefinível.

Compreendendo que a situação não lhe permitia idealizar grandes projetos de trabalho, contentava-se em fazer o que fôsse possível. Sentia prazer em testemunhar a mudança de conduta aos antigos camaradas de triunfo, por ocasião das festividades tarsenses. Orgulhava-se quase, de viver do modesto rendimento do seu árduo labor. Vezes várias, ele próprio atravessava as praças mais frequentadas, carregando pesados fardos de pêlo caprino. Os conterrâneos admiravam a atitude humilde, que era agora o seu traço dominante. As famílias ilustres contemplavam-no com piedade. Todos os que o conheciam na fase aurea da juventude, não se cansavam de lamentar aquela transformação. A maioria tratava-o como alienado pacífico. Por isso, nunca faltavam encomendas ao tecelão das vizinhanças do Taurus. A simpatia dos seus concidadãos, que jamais lhe compreenderiam integralmente as idéias novas, tinha a virtude de amplificar seu esforço, aumentando-lhe os parcos recursos. Ele, por sua vez, vivia tranquilo e satisfeito. O programa de Abigail constituía permanente mensagem ao seu coração. Levantava-se, todos os dias, procurando amar a tudo e a todos; para

prosseguir nos caminhos rétos, trabalhava ativamente; se lhe chegavam desejos ansiosos, inquietações para intensificar suas atividades fóra do tempo apropriado, buscava esperar; se alguém dele se compadecia, se outros o apelidavam de louco, desertor ou fantasista, procurava esquecer a incompreensão alheia com o perdão sincero, refletindo nas vezes muitas que, também ele, ofendera aos outros, por ignorância. Estava sem amigos, sem afetos, suportando os desencantos da solidade que parecia sem fim; mas, para confortar-se considerava que, se não tinha companheiros carinhosos, também não necessitava temer os sofrimentos oriundos das amizades infidas. Procurava encontrar no dia o colaborador valioso que não lhe subtraía as oportunidades. Com ele tecia tapetes complicados, barracas e tendas, exercitando-se na paciência indispensável aos trabalhos outros que ainda o esperavam nas encruzilhadas da vida. A noite era a bênção do espírito. A existência corria sem outros pormenores de maior importância, quando, um dia, foi surpreendido com a visita inesperada de Barnabé.

O ex-levita de Chipre encontrava-se em Antioquia, a braços com sérias responsabilidades. A igreja ali fundada reclamava a cooperação de servos inteligentes. Inúmeras dificuldades espirituais a serem resolvidas, intensos serviços a fazer. A instituição fóra iniciada por discípulos de Jerusalém, sob os alvitres generosos de Simão Pedro. O ex-pescador de Cafarnaum ponderou que deveriam aproveitar o período de calma, no capítulo das perseguições, para que os laços de Cristo fossem dilatados. Antioquia era dos maiores centros operários. Não faltavam contribuintes para o custeio das obras, porque o empreendimento grandioso tivera repercussão nos ambientes de trabalho mais humildes; entretanto, escasseavam os legítimos trabalhadores do pensamento. Ainda, aí, entrou a compreensão de Pedro para que não faltasse ao tecelão de Tarso o ensejo devido. Observando as dificuldades, depois de indicar Barnabé para a direção do núcleo do "Caminho", aconselhou-o a procurar o convertido de Damasco, a fim de que sua ca-

pacidade alcançasse um campo novo de exercício espiritual.

Saulo recebeu o amigo com imensa alegria.

Vendo-se lembrado pelos irmãos distantes, tinha a impressão de receber um novo alento.

O companheiro expôs o elevado plano da igreja que lhe reclamava o concurso fraterno, o desdobramento dos serviços, a colaboração constante de que poderiam dispôr para a construção das obras de Jesus Cristo. Barnabé exaltou a dedicação dos homens humildes que cooperavam com ele. A instituição, todavia, reclamava irmãos dedicados, que conhecessem profundamente a Lei de Moisés e o Evangelho do Mestre, a fim de não ser prejudicada a tarefa da iluminação intelectual.

O ex-rabino edificou-se com a narração do outro e não teve dúvidas em atender ao apelo. Apenas, apresentava uma condição, qual a de prosseguir no seu ofício, de maneira a não ser pesado aos seus confrades de Antioquia. Inutil qualquer objeção de Barnabé, nesse sentido.

Pressuroso e prestativo, Saulo de Tarso em breve se instalava em Antioquia, onde passou a cooperar ativamente com os amigos do Evangelho. Durante largas horas do dia, concertava tapetes ou se entretinha no trabalho de tecelagem. Destarte, ganhava o necessário para viver, tornando-se um modelo no seio da nova igreja. Utilizando o grande cabedal de experiências já adquirido nas refregas e padecimentos do mundo, jamais o viam ocupar os primeiros lugares. Nos Atos dos Apóstolos, vemos-lhe o nome citado sempre por último, quando se referem aos colaboradores de Barnabé. Saulo havia aprendido a esperar. Na comunidade, preferia os labores mais simples. Sentia-se bem, atendendo aos doentes numerosos. Recordava Simão Pedro e procurava cumprir os novos deveres na pauta da bondade despretenciosa, embora imprimindo em tudo o traço da sua sinceridade e franqueza, quase ásperas.

A igreja não era rica, mas a boa vontade dos componentes parecia provê-la de graças abundantes.

Antioquia, cidade cosmopolita, tornara-se um fóco de grandes devassidões. Na sua paisagem enfeitada de mármores preciosos, que deixavam entrever a opulência dos habitantes, proliferava toda a espécie de abusos. Os fortunados entregavam-se aos prazeres licenciosos, desenfreadamente. Os bosques artificiais reuniam assembleias galantes, onde criminosa indiferença caracterizava todos os propositos. A riqueza pública ensejava grandes possibilidades ás extravagancias. A cidade estava cheia de mercadores que se guerreavam sem tréguas, de ambições inferiores, de dramas passionais. Mas, diariamente, á noite reuniam-se, na casa singela onde funcionava a célula do "Caminho", grandes grupos de pedreiros, de soldados paupérrimos, de lavradores pobres, ansiosos todos pela mensagem de um mundo melhor. As mulheres de condição humilde compareciam, igualmente, em grande número. A maioria dos frequentadores interessava-se por conselhos e consolações, remédios para as chagas do corpo e do espírito.

Geralmente, eram Barnabé e Manahen os pregadores mais destacados, ministrando o Evangelho ás assembleias heterogeneas. Saulo de Tarso limitava-se a cooperar. Ele mesmo notara que Jesus, por certo, recomendara absoluto recomêço em suas experiencias. Certa feita, fez o possível por conduzir as pregações gerais, mas nada conseguiu. A palavra, tão facil noutros tempos, parecia retrair-se-lhe na garganta. Compreendeu que era justo padecer as torturas do reinício, em virtude da oportunidade que não soubera valorizar. Não obstante as barreiras que se antepunham ás suas atividades, jamais se deixou avassalar pelo desânimo. Se ocupava a tribuna, tinha extrema dificuldade na interpretação das idéias mais simples. Por vezes, chegava a corar de vergonha ante o público que lhe aguardava as conclusões com ardente interesse, dada a fama de pregador de Moisés, no Templo de Jerusalém. Além disso, o sublime acontecimento de Damasco cercava-o de nobre e justa curiosidade. O proprio Barnabé, várias vezes, surpreendera-se com a sua dialética confusa na interpretação dos evangelhos e refletia na tradição do seu passado

como rabino, que não chegara a conhecer pessoalmente, e na timidez que o assomava, justo no momento de conquistar o público. Por esse motivo, foi afastado discretamente da pregação e aproveitado noutros misteres. Saulo, porém, comprehendia e não desanimava. Se não era possível regressar, de pronto, ao labor da pregação, preparar-se-ia, de novo, para isso. Nesse intuito, retinha irmãos humildes na sua tenda de trabalho e, enquanto as mãos teciam com segurança, entabolava conversas sobre a missão do Cristo. A' noite, promovia palestras na igreja com a cooperação de todos os presentes. Enquanto não se organizava a direção superior para o trabalho das assembleias, sentava-se com os operários e soldados que compareciam em grande numero. Interessava a atenção das lavadeiras, das jovens doentes, das mães humildes. Lia, ás vezes, trechos da Lei e do Evangelho, estabelecia comparações, provocava pareceres novos. Dentro daquelas atividades constantes, a lição do Mestre parecia sempre tocada de luzes progressivas. Em breve, o ex-discípulo de Gamaliél tornava-se um amigo amado de todos. Saulo sentia-se imensamente feliz. Tinha enorme satisfação sempre que via a tenda pobre repleta de irmãos que o procuravam, tomados de simpatia. As encomendas não faltavam. Havia sempre trabalho suficiente para não se tornar pesado a ninguem. Ali conheceu Trófimo; que lhe seria companheiro fiel em muitos transes difíceis; ali abraçou Tito pela primeira vez, quando esse abnegado colaborador mal saía da infancia.

A existencia, para o ex-rabino, não podia ser mais tranquila nem mais bela. Era-lhe o dia cheio das notas harmoniosas do trabalho digno e construtivo; á noite, recolhia-se á igreja em companhia dos irmãos, entregando-se prazenteiro ás lides sublimes do Evangelho.

A instituição de Antioquia era, então, muito mais sedutora que a propria igreja de Jerusalém. Vivia-se ali num ambiente de simplicidade pura, sem qualquer preocupação com as disposições rigoristas do judaísmo. Havia riqueza, porque não faltava trabalho. Todos amavam as obrigações diuturnas, aguardando o repouso da

noite nas reuniões da igreja, qual uma bênção de Deus. Os israelitas, distantes do fóco das exigências farisáicas, cooperavam com os gentios, sentindo-se todos unidos por soberanos laços fraternais. Raríssimos os que falavam na circuncisão e que, por constituiram fraca minoria, eram contidos pelo convite amoroso á fraternidade e á união. As assembléias eram dominadas por ascendentes profundos de amor espiritual. A solidariedade estabelecer-se com fundamentos divinos. As dores e os júbilos de um pertenciam a todos. A união de pensamentos em torno de um só objetivo dava ensejo a formosas manifestações de espiritualidade. Em noites determinadas, havia fenômenos de "vozes diretas". A instituição de Antioquia foi um dos raros centros apostólicos onde semelhantes manifestações chegaram a atingir culminância indefinível. A fraternidade reinante justificava essa concessão do céu. Nos dias de repouso, a pequena comunidade organizava estudos evangélicos no campo. A interpretação dos ensinos de Jesus era levada a efeito em algum recanto ameno e solitário da natureza, quase sempre ás margens do Oronte.

Saulo encontrara em tudo isso um mundo diferente. A permanencia em Antioquia era interpretada como um auxilio de Deus. A confiança recíproca, os amigos dedicados, a boa compreensão, constituem alimento sagrado da alma. Procurava valer-se da oportunidade, a-fim de enriquecer o celeiro íntimo.

A cidade estava repleta de paisagens morais menos dignas, mas o grupo humilde dos discípulos anônimos aumentava sempre em legítimos valores espirituais.

A igreja tornou-se venerável por suas obras de caridade e pelos fenômenos de que se constituira organismo central.

Viajantes ilustres visitavam-na cheios de interesse. Os mais generosos faziam questão de lhe amparar os encargos de benemerencia social. Foi aí que surgiu, certa vez, um médico muito jovem, de nome Lucas. De passagem pela cidade, aproximou-se da igreja animado por sincero desejo de aprender algo de novo. Sua atenção fixou-se, de modo especial, naquele homem de apa-

rencia quase rude, que fermentava as opiniões, antes que Barnabé empreendesse a abertura dos trabalhos. Aquelas atitudes de Saulo, evidenciando a preocupação generosa de ensinar e aprender simultaneamente, impressionaram-no a ponto de apresentar-se ao ex-rabino, desejoso de ouví-lo com mais freqüencia.

— Pois não — disse o Apóstolo satisfeito — minha tenda está ás suas ordens.

E enquanto permaneceu na cidade, ambos se empenhavam diariamente em proveitosas palestras, concernentes ao ensino de Jesus. Retomando aos poucos seu poder de argumentação, Saulo de Tarso não tardou a incutir no espirito de Lucas as mais sadias convicções. Desde a primeira entrevista, o hóspede de Antioquia não mais perdeu uma só daquelas assembléias simples e construtivas. Na véspera de partir, fez uma observação que modificaria para sempre a denominação dos discípulos do Evangelho.

Barnabé havia terminado os comentários da noite, quando o médico tomou a palavra para despedir-se. Falava emocionado e por fim considerou acertadamente:

— Irmãos, afastando-me de vós, levo o propósito de trabalhar pelo Mestre, empregando nisso todo o cabedal de minhas fracas fôrças. Não tenho dúvida alguma quanto á extensão deste movimento espiritual. Para mim, ele transformará o mundo inteiro. Entretanto, pondero a necessidade de imprimirmos a melhor expressão de unidade ás suas manifestações. Quero referir-me aos títulos que nos identificam a comunidade. Não vejo na palavra "caminho" uma designação perfeita, que traduza o nosso esforço. Os discípulos de Cristo são chamados "viajores", "peregrinos", "caminheiros". Mas há viandantes e estradas de todos os matizes. O mal tem, igualmente, os seus caminhos. Não seria mais justo chamarmo-nos — cristãos — uns aos outros? Este título nos recordará a presença do Mestre, nos dará energia em seu nome e caracterizará, de modo perfeito, as nossas atividades em concordância com os seus ensinos.

A sugestão de Lucas foi aprovada com geral alegria. O próprio Barnabé abraçou-o, enternecidamente, agradecendo o acertado alvitre, que vinha satisfazer a certas aspirações da comunidade inteira. Saulo consolidou suas impressões excelentes, a respeito daquela vocação superior que começava a exteriorizar-se.

No dia seguinte, o novo convertido despediu-se do ex-rabino com lágrimas de reconhecimento. Partiria para a Grécia, mas fazia questão de lembrá-lo em todos os pormenores da nova tarefa. Da porta de sua tenda rústica, o ex-doutor da Lei contemplou o vulto de Lucas até que desaparecesse ao longe e voltou ao tear, de olhos húmidos. Gratamente emocionado reconhecia que, no trato do Evangelho, aprendera a ser amigo fiel e dedicado. Cotejava os sentimentos de agora com as concepções mais antigas e verificava profundas diferenças. Outrora, suas relações se prendiam a conveniências sociais, os afeiçoados vinham e seguiam sem deixar grandes sinais em sua alma vibrátil; agora o coração renovara-se em Jesus Cristo, tornara-se mais sensível em contacto com o divino, as dedicações sinceras insculpiam-se nele para sempre.

O alvitre de Lucas estendeu-se rapidamente a todos os núcleos evangélicos, inclusive Jerusalém, que o recebeu com especial simpatia. Dentro de breve tempo, em toda parte, a palavra "cristianismo" substituia a palavra "caminho".

A igreja de Antioquia continuava oferecendo as mais belas expressões evolutivas. De todas as grandes cidades afluiam colaboradores sinceros. As assembleias estavam sempre cheias de revelações. Numerosos irmãos profetizavam, animados do Espírito Santo. (1) Foi aí que Agabo, grande inspirado pelas forças do plano superior, recebeu a mensagem referente às tristes provações de que Jerusalém seria vítima. Os orientadores da

(1) Ninguem deverá ignorar que Espírito Santo designa a legião dos espíritos santificados na luz e no amor, que cooperam com o Cristo desde os primeiros tempos da humanidade. — (Nota de EMMANUEL).

instituição ficaram sobremaneira impressionados. Por insistência de Saulo, Barnabé expediu um mensageiro a Simão Pedro, enviando notícias e exortando-o à vigilância. O emissário regressou, trazendo a impressão de surpresa do ex-pescador, que agradecia os apelos generosos.

Com efeito, daí a meses, um portador da igreja de Jerusalém chegava apressadamente a Antioquia, trazendo notícias alarmantes e dolorosas. Em longa missiva, Pedro relatava a Barnabé os últimos fatos que o acabrunhavam. Escrevia na data em que Tiago, filho de Zebedeu, sofrera a pena de morte, em grande espetáculo público. Herodes Agripa não lhe tolerara as pregações cheias de sinceridade e apelos justos. O irmão de João vinha da Galiléia com a primitiva franqueza dos anúncios do novo Reino. Inadaptado ao convencionalismo farisáico, levara muito longe o sentido de suas exortações profundas. Verificou-se perfeita repetição dos acontecimentos que assinalaram a morte de Estêvão. Os judeus exasperaram-se contra as noções de liberdade religiosa. Sua atitude, sincera e simples, foi levada à conta de rebeldia. Tremendas perseguições irromperam sem tréguas. A mensagem de Pedro relatava também as penosas dificuldades da igreja. A cidade sofria fome e epidemias. Enquanto a perseguição cruel apertava o círculo, inumeráveis filas de famintos e doentes batiam-lhe às portas. O ex-pescador solicitava de Antioquia os socorros possíveis.

Barnabé apresentou as notícias, de alma confrangida. A laboriosa comunidade solidarizou-se, de bom grado, para atender a Jerusalém.

Recolhidas as quotas de auxílio, o ex-levita de Chipre prontificou-se a ser o portador da resposta da igreja; Barnabé, porém, não poderia partir só. Surgiram dificuldades na escolha do companheiro necessário. Sem hesitar, Saulo de Tarso ofereceu-se para lhe fazer companhia. Trabalhava por conta própria — explicou aos amigos — e desse modo poderia tomar a iniciativa de acompanhar Barnabé, sem esquecer as obrigações que ficavam à sua espera.

O discípulo de Simão Pedro alegrou-se. Aceitou, jubiloso, o oferecimento.

Daí a dois dias, ambos demandavam Jerusalém corajosamente. A jornada era assaz difícil, mas os dois venceram os caminhos no menor prazo de tempo.

Imensas surpresas aguardavam os emissários de Antioquia, que já não encontraram Simão Pedro em Jerusalém. As autoridades haviam efetuado a prisão do ex-pescador de Cafarnaum, logo após a dolorosa execução do filho de Zebedeu. Amargas provações haviam caído sobre a igreja e seus discípulos. Saulo e Barnabé foram recebidos especialmente por Prócoro, que os informou de todos os sucessos. Por haver solicitado pessoalmente o cadáver de Tiago para dar-lhe sepultura, Simão Pedro fôra preso sem compaixão e com todo desrespeito, pelos criminosos sequazes de Herodes. Mas, dias depois, um anjo visitara o cárcere do Apóstolo, restituindo-o à liberdade. O narrador referiu-se ao feito, com os olhos fulgurantes de fé. Contou o júbilo dos irmãos quando Pedro surgiu à noite com o relato da sua libertação. Os companheiros mais ponderados induziram-no, então, a sair de Jerusalém e esperar na igreja incipiente de Joppe a normalidade da situação. Prócoro contou como o Apóstolo relutara em aquiescer a esse alvitre dos mais prudentes. João e Felipe haviam partido. As autoridades apenas toleravam a igreja em consideração à personalidade de Tiago, que, pelas suas atitudes de profundo ascetismo impressionava a mentalidade popular, criando em torno dele uma atmosfera de respeito intangível. Na mesma noite da libertação, por atender-lhe a insistência, Pedro fôra conduzido à igreja pelos amigos. Desejava ficar, despreocupado das consequências; mas, quando viu a casa cheia de enférmos, de famintos, de mendigos andrajosos, houve de ceder a Tiago a direção da comunidade e partir para Joppe, a-fim-de que os pobresinhos não tivessem a situação agravada por sua causa.

Saulo mostrava-se grandemente impressionado com tudo aquilo. Junto de Barnabé, tratou logo de ouvir a palavra de Tiago, o filho de Alfeu. O Apóstolo rece-

beu-os de bom grado mas, podiam-se-lhe notar desde logo os receios e inquietações. Repetiu as informações de Prócoro, em voz baixa, como se temesse a presença de delatores; alegou a necessidade de transigência com as autoridades; invocou o precedente da morte do filho de Zebedeu; referiu-se às modificações essenciais que introduzira na igreja. Na ausência de Pedro, criara novas disciplinas. Ninguém poderia falar do Evangelho sem referir-se à Lei de Moisés. As pregações só poderiam ser ouvidas pelos circuncisos. A igreja estava equiparada às sinagogas. Saulo e o companheiro ouviram-no com grande surpresa. Entregaram-lhe em silêncio o auxílio financeiro de Antioquia.

A ausência eventual de Simão transformara a estrutura da obra evangélica. Aos dois recém-chegados tudo parecia inferior e diferente. Barnabé, sobretudo, anotara algo, em particular. E' que o filho de Alfeu, elevado à chefia provisória, não os convidou para se hospedarem na igreja. À vista disso, o discípulo de Pedro foi procurar a casa de sua irmã Maria Marcos, mãe do futuro evangelista, que os recebeu com grande júbilo. Saulo sentiu-se bem no ambiente de fraternidade pura e simples. Barnabé, por sua vez, reconheceu que a casa da irmã se tornara o ponto predileto dos irmãos mais dedicados ao Evangelho. Ali se reuniam, à noite, às ocultas, como se a verdadeira igreja de Jerusalém houvesse transferido sua séde para um reduzido círculo familiar. Observando as assembleias íntimas do santuário doméstico, o ex-rabino recordou a primeira reunião de Damasco. Tudo era afabilidade, carinho, acolhimento. A mãe de João Marcos era uma das discípulas mais desassombradas e generosas. Reconhecendo as dificuldades dos irmãos de Jerusalém, não vacilara em colocar seus bens à disposição de todos os necessitados, nem hesitou em abrir as portas para que as reuniões evangélicas, em sua feição mais pura, não sofressem solução de continuidade.

A palestra de Saulo impressionou-a vivamente. Seduziam-na, sobretudo, as descrições do ambiente frater-

nal da igreja antioquena, cujas virtudes Barnabé não cessava de glosar instantemente.

Maria expôs ao irmão o seu grande sonho. Queria dar o filho, ainda muito jovem, a Jesus. De havia muito vinha preparando o menino para o apostolado. Todavia, Jerusalém afogava-se em lutas religiosas, sem tréguas. As perseguições surgiam e ressurgiam. A organização cristã da cidade experimentava profundas alternativas. Só a paciencia de Pedro conseguia manter a continuidade do ideal divino. Não seria melhor que João Marcos se transferisse para Antioquia, junto do tio? Barnabé não se opôs ao plano da irmã entusiasmada. O jovem, a seu turno, seguia as conversações mostrando-se satisfeito. Chamado a opinar, Saulo percebeu que os irmãos deliberavam sem consultar o interessado. O rapaz acompanhava os projetos, sempre jovial e sorridente. Foi aí que o ex-doutor da Lei, profundo conhecedor da alma humana, desviou a palestra, procurando interessá-lo mais diretamente.

— João — disse bondosamente — sentes, de fato, verdadeira vocação para o ministério?

— Sem dúvida! — confirmou o adolescente algo perturbado.

— Mas, como defines teus propósitos? — tornou a perguntar o ex-rabino.

— Penso que o ministério de Jesus é uma glória, — respondeu um tanto acanhado sob o exame daquele olhar ardente e inquiridor.

Saulo refletiu um instante e sentenciou:

— Teus intuitos são louváveis, mas é preciso não esquecer que a mínima expressão de glória mundana apenas chega após o serviço. Se assim acontece no mundo, que não será com o trabalho para o reino de Cristo? Mesmo porque, na Terra, todas as glórias passam e a de Jesus é eterna!...

O jovem anotou a observação e, embora desconcertado pela profundez dos conceitos, acrescentou:

— Sinto-me preparado para os labores do Evangelho e, além disso, mamãe faz muito gôsto que eu aprenda

os melhores ensinamentos nesse sentido, a fim de tornar-me um prégador das verdades de Deus.

Maria Marcos olhou o filho cheia de maternal orgulho. Saulo percebeu a situação, teve um dito alegre e depois acentuou:

— Sim, as mães sempre nos desejam todas as glórias deste e do outro mundo. Por elas, nunca haveria homens perversos. Mas, no que nos diz respeito convém lembrar as tradições evangélicas. Ainda ontem, lembrei a generosa inquietação da esposa de Zebdeu, ansiosa pela glorificação dos filhinhos!... Jesus lhe recebeu os anseios maternais, mas, não deixou de lhe perguntar se os candidatos ao Reino estavam devidamente preparados para beber do seu cálice... E ainda agora, vimos que o cálice reservado a Tiago continha vinagre tão amargo quanto o da cruz do Messias!...

Todos silenciaram, mas Saulo continuou em tom prazenteiro, modificando a impressão geral:

— Isto não quer dizer que devamos desanimar ante as dificuldades, por aliciar as glórias legítimas do Reino de Jesus. Os obstáculos renovam as forças. A finalidade divina deve representar nosso objetivo supremo. Se assim pensares, João, não duvido de teus futuros triunfos.

Mãe e filho sorriram tranqüilos.

Ali mesmo, combinaram a partida do jovem, em companhia de Barnabé. O tio discorreu ainda sobre as disciplinas indispensáveis, o espírito de sacrifício reclamado pela nobre missão. Naturalmente, se Antioquia representava um ambiente de profunda paz, era também um núcleo de trabalhos ativos e constantes. João precisaria esquecer qualquer expressão de esmorecimento, para entregar-se, de alma e corpo, ao serviço do Mestre, com absoluta compreensão dos deveres mais justos.

O rapaz não hesitou nos compromissos, sob o olhar amorável de sua mãe, que lhe buscava amparar as decisões com a coragem sincera do coração devotado a Jesus.

Dentro de poucos dias os três demandavam a formosa cidade de Oronte.

Enquanto João Marcos extasiava-se na contemplação das paisagens, Saulo e Barnabé entretinham-se em longas palestras, relativamente aos interesses gerais do Evangelho. O ex-rabino voltava sumamente impressionado com a situação da igreja de Jerusalém. Desejaria sinceramente ir até Joppe, para avistar-se com Simão Pedro. No entanto, os irmãos dissuadiram-no de o fazer. As autoridades mantinham-se vigilantes. A morte do Apóstolo chegara a ser reclamada por vários membros do Sinhédrio e do Templo. Qualquer movimento mais importante, no caminho de Joppe, poderia dar aso á tirania dos prepostos herodianos.

— Francamente — dizia Saulo a Barnabé, mostrando-se apreensivo — regresso de animo quase abatido aos nossos serviços de Antioquia. Jerusalém dá impressão de profundo desmantelo e acentuado indiferença pelas lições do Cristo. As altas qualidades de Simão Pedro, na chefia do movimento, não me deixam dúvidas; mas precisamos cerrar fileiras em torno dele. Mais que nunca me convenço da sublime realidade de que Jesus veio ao que era seu, mas não foi compreendido.

— Sim — obtemperava o ex-levita de Chipre, desejoso de dissipar as apreensões do companheiro — confio, antes de tudo, em Cristo; depois espero muito de Pedro...

— Entretanto — insinuava o outro sem vacilar — precisamos considerar que em tudo deve existir uma pauta de equilíbrio perfeito. Nada poderemos fazer sem o Mestre, mas não é lícito esquecer que Jesus instituiu no mundo uma obra eterna e, para inicia-la, escolheu doze companheiros. Certo, estes nem sempre corresponderam á expectativa do Senhor, mas não deixaram de ser os escolhidos. Assim também, precisamos examinar a situação de Pedro. Ele é, sem contestação, o chefe legítimo do colégio apostólico, por seu espirito superior afinado com o pensamento do Cristo, em todas as circunstâncias; mas, de modo algum, poderá operar sózinho. Como sabemos, dos doze amigos de Jesus, quatro ficaram em Jerusalém, com residencia fixa. João foi obriga-

do a retirar-se; Felipe compelido a abandonar a cidade, com a família; Tiago volta aos poucos para as comunidades farisáicas. Que será de Pedro se lhe faltar a cooperação devida?

Barnabé pareceu meditar sériamente.

— Tenho uma idéia que parece vir de mais alto — disse o ex-doutor da Lei sinceramente comovido.

E continuou:

— Suponho que o Cristianismo não atingirá seus fins, se esperarmos tão só dos israelitas anquilosados no orgulho da Lei. Jesus afirmou que seus discípulos viriam do oriente e do ocidente. Nós que pressentimos a tempestade e eu, principalmente, que a conheço nos seus paroxismos, por haver desempenhado o papel de verdugo, precisamos atrair esses discípulos. Quero dizer, Barnabé, que temos necessidade de buscar os gentios onde quer que se encontrem. Só assim reintegrar-se-a o movimento em função de universalidade.

O discípulo de Simão Pedro fez um movimento de espanto.

O ex-rabino percebeu o gesto de estranheza e ponderou de modo conciso:

— E' natural prever com isso muitos protestos e lutas enormes; no entanto, não consigo vislumbrar outros recursos. Não é justo esquecer os grandes serviços da igreja de Jerusalém aos pobres e necessitados, e creio mesmo que a assistencia piedosa dos seus trabalhos tem sido, muitas vezes, sua tábua de salvação. Existem, porém, outros setores de atividade, outros horizontes essenciais. Poderemos atender a muitos doentes, ofertar um leito de repouso aos mais infelizes; mas sempre houve e haverá corpos enférmos e cansados, na Terra. Na tarefa cristã, semelhante esforço não poderá ser esquecido, mas a iluminação do espirito deve estar em primeiro lugar. Se o homem trouxesse Cristo no íntimo, o quadro das necessidades seria completamente modificado. A compreensão do Evangelho e da exemplificação do Mestre renovaria as noções de dôr e sofrimento. O necessitado encontraria recursos no proprio esforço, o doente sentiria, na enfermidade mais longa, um escoa-

douro das imperfeições; ninguém seria mendigo, porque todos teriam luz cristã para o auxílio mutuo, e, por fim, os obstáculos da vida seriam amados como corrigendas benditas de Pai amoroso a filhos inquietos.

Barnabé pareceu entusiasmar-se com a idéia. Mas, depois de pensar um minuto, acrescentou:

— Entretanto, esse empreendimento não deveria partir de Jerusalém?

— Penso que não — sentenciou Saulo de pronto — Seria absurdo agravar as preocupações de Pedro. Excede a tudo esse movimento de pessoas necessitadas e abatidas, convergentes de todas as províncias, por bater-lhe ás portas. Simão está impossibilitado para o desdobramento dessa tarefa.

— Mas, os outros companheiros? — inquiriu Barnabé revelando espírito de solidariedade.

— Os outros, certo, hão de protestar. Principalmente agora que o judaísmo vai absorvendo os esforços apostólicos, é justo prever muitos clamores. Contudo, a propria natureza dá lições neste sentido. Não clamamos tanto contra a dôr? E quem nos trás maiores benefícios? Às vezes, nossa redenção está naquilo mesmo que antes nos parecia verdadeira calamidade. E' indispensável sacudir o marasmo da instituição de Jerusalém chamando os incircuncisos, os pecadores, os que estejam fóra da Lei. De outro modo, dentro de alguns poucos anos, Jesus será apresentado como aventureiro vulgar. Naturalmente, depois da morte de Simão, os adversários dos princípios ensinados pelo Mestre acharão grande facilidade em deturpar as anotações de Leví. A Boa-Nova será aviltada e, se alguém perguntar por Cristo, daqui a cinquenta anos, terá como resposta que o Mestre foi um criminoso comum, a expiar na cruz os desvios da vida. Restringir o Evangelho a Jerusalém será condena-lo á extinção, no fóco de tantos dissídios religiosos, sob a política mesquinha dos homens. Necessitamos levar a notícia de Jesus a outras gentes, ligar as zonas de entendimento cristão, abrir estradas novas... Será mesmo justo que também façamos anotações do que sabemos de Jesus e de sua divina exemplifi-

cação. Outros discípulos, por exemplo, poderiam escrever o que viram e ouviram, pois, com a prática vou reconhecendo que Leví não anotou mais amplamente o que se sabe do Mestre. Ha situações e fatos que não foram por ele registrados. Não conviria também que Pedro e João anotassem suas observações mais íntimas? Não hesito em afirmar que os pósteros hão de rebuscar muitas vezes a tarefa que nos foi confiada.

Barnabé rejubilava-se com perspectivas tão sedutoras. As advertencias de Saulo eram mais que justas. Haveria que prestar informações amplas ao mundo.

— Tens razão — disse admirado — precisamos pensar nesses serviços, mas como?

— Ora — esclareceu Saulo tentando aplacar as dificuldades — se quiseres chefiar qualquer esforço neste sentido, podes contar com a minha cooperação incondicional. Nossa plano seria desenvolvido na organização de missões abnegadas, sem outro fito que servir, de forma absoluta, á difusão da Boa-Nova do Cristo. Começaríamos, por exemplo, em regiões não de todo desconhecidas, formaríamos o hábito de ensinar as verdades evangélicas aos mais vários agrupamentos; em seguida, terminada essa experiência, demandaríamos outras zonas, levaríamos a lição do Mestre a outras gentes...

O companheiro ouvia-o, afagando sinceras esperanças. Tomado de novo animo, disse ao convertido de Damasco, esboçando o primeiro numero do programa:

— De ha muito, Saulo, tenho necessidade de voltar á minha terra, a-fim-de resolver certos problemas de família. Quem sabe poderíamos iniciar o serviço apostólico através das aldeias e cidades de Chipre? Conforme o resultado, prosseguiríamos por outras zonas. Estou informado de que a região em que demora Antioquia da Písidia é habitada por gente simples e generosa, e suponho que colheríamos belos resultados no empreendimento.

— Poderás contar comigo — respondeu Saulo de Tarso, resoluto. — A situação requer o concurso de irmãos corajosos e a igreja de Cristo não poderá vencer com o comodismo. Comparo o Evangelho a um campo

infinito, que o Senhor nos deu a cultivar. Alguns trabalhadores devem ficar ao pé dos mananciais, velando-lhes a pureza, outros revolvem a terra em zonas determinadas; mas não ha dispensar a cooperação dos que precisam empunhar instrumentos rudes, desfazer cipoais intensos, cortar espinheiros para ensolarar os caminhos.

Barnabé reconheceu a excelencia do projeto, mas considerou:

— Todavia, temos ainda a examinar a questão do dinheiro. Tenho alguns recursos, mas insuficientes para atender a todas as despesas. Por outro lado, não seria possivel sobrecarregar as igrejas...

— Absolutamente — adiantou o ex-rabino — onde estacionarmos, poderei exercer o meu oficio. Porque não? Qualquer aldeia paupérrima tem sempre teares de aluguel. Montarei, então, uma tenda movel!

Barnabé achou graça no expediente e ponderou:

— Teus sacrifícios não serão pequenos. Não receias as dificuldades imprevisíveis?

— Porque? — interrogou Saulo com firmeza — Certo, se Deus não me permitiu a vida em familia foi para que me dedicasse exclusivamente ao seu serviço. Por onde passarmos, montaremos a tenda singela. E onde não houver tapetes a consertar e a tecer, haverá sandálias.

O discípulo de Simão Pedro entusiasmou-se. O resto da viagem foi dedicado aos projetos da futura excursão. Havia, entretanto, uma cousa a considerar. Além da necessidade de submeter o plano á aprovação da igreja de Antioquia, era indispensavel pensar no jovem João Marcos. Barnabé procurou interessar o sobrinho nas conversações. Em breve, o rapaz convenceu-se de que deveria encorporar-se á missão, caso a assembléia antioquiana não a desaprovasse. Interessou-se por todos os detalhes do programa tracejado. Seguiria o trabalho de Jesus, fosse onde fosse.

— E se houver muitos obstáculos? — perguntou Saulo avisadamente.

— Saberei vence-los — respondia João, convicto.

— Mas é possivel venhamos a experimentar dificuldades sem conta — continuava o ex-rabino preparando-lhe o espírito. Se Cristo, que era sem pecado, encontrou uma cruz entre apodos e flagelos, quando ensinava as verdades de Deus, que não devemos esperar em nossa condição de almas frágeis e indigentes?

— Hei de encontrar as fôrças necessarias.

Saulo contemplou-o admirado da firme resolução que suas palavras deixaram transparecer, e observou:

— Se deres um testemunho tão grande como a coragem que revelas, não tenho dúvidas quanto á grandeza de tua missão.

Entre confortadoras esperanças, a viagem terminou com formosas perspectivas de trabalho para os três.

Na primeira reunião, depois de relatar as observações pessoais concernentes á igreja de Jerusalém, Barnabé expôs o plano á assembléia, que o ouviu atentamente. Alguns anciãos falaram da lacuna que se abria na igreja, expuseram o desejo de que se não quebrasse o conjunto harmonioso e fraternal. No entanto, o orador voltou a explicar as necessidades novas do Evangelho. Pintou os quadros de Jerusalém com a fidelidade possivel, fez a súmula de suas conversações com Saulo de Tarso e salientou a conveniencia de chamar novos trabalhadores ao serviço do Mestre.

Quando tratou o problema com toda a gravidade que lhe era devida, os chefes da comunidade mudaram de atitude. Estabeleceu-se o acôrdo geral. De fato, a situação explanada por Barnabé era muito séria. Seus pareceres veementes eram mais que justos. Se perseverasse o marasmo nas igrejas, o Cristianismo estava destinado a perecer. Ali mesmo, o discípulo de Simão recebeu a aquiescencia irrestrita e, no instante das preces, a voz do Espírito Santo se fez ouvir no ambiente de simplicidade pura, inculcando fôssem Barnabé e Saulo destacados para a evangelização dos gentios.

Aquela recomendação superior, aquela voz que provinha dos arcanos celestes, ecoou no coração do ex-rabino como um cantico de vitória espiritual. Sentia que

acabava de atravessar imenso deserto para encontrar de novo a mensagem doce e eterna do Cristo. Por conquistar a dignidade espiritual, só experimentara padecimentos, desde a cegueira dolorosa de Damasco. Ansiara por Jesus. Tivera sede abrasadora e terrível. Pedira em vão a compreensão dos amigos, debalde buscará o terno aconchego da família. Mas, agora a palavra mais alta o chamava ao serviço, deixava-se empolgar por júbilos infinitos. Era o sinal de que havia sido considerado digno dos esforços confiados aos discípulos. Refletindo como as dores passadas lhe pareciam pequeninas e infantis, comparadas à alegria imensa que lhe inundava a alma, Saulo de Tarso chorou copiosamente, experimentando maravilhosas sensações. Nenhum dos irmãos presentes, nem mesmo Barnabé, poderia avaliar a grandiosidade dos sentimentos que aquelas lágrimas revelavam. Tomado de profunda emoção, o ex-doutor da Lei reconhecia que Jesus se dignava de aceitar suas oblatas de boa vontade, suas lutas e sacrifícios. O Mestre chamava-o e para responder ao apelo iria aos confins do mundo.

Numerosos companheiros colaboraram nas provisões iniciais, em favor do empreendimento.

Dentro em pouco, cheios de confiança em Deus, Saulo e Barnabé, seguidos por João Marcos, despediam-se dos irmãos, a caminho de Seleucia. A viagem para o litoral decorreu em ambiente de muita alegria. De quando a quando, repousavam à margem do Oronte, para a merenda salutar. A sombra dos carvalhos, na paz dos bosques enfeitados de flores, os missionários comentaram as primeiras esperanças.

Em Seleucia não foi demorada a espera de embarcação. A cidade estava sempre cheia de peregrinos que demandavam o ocidente, sendo frequentada por elevado número de navios de toda ordem. Entusiasmados com o acolhimento dos irmãos de fé, Barnabé e Saulo embarcaram para Chipre, sob a impressão de comovente e carinhosa despedida.

Chegaram à ilha, com o jovem João Marcos, sem incidentes dignos de menção. Estacionados em Cittium

por muitos dias, ali solucionou Barnabé vários assuntos de seu interesse familiar.

Antes de se retirarem, visitaram a sinagoga, num sábado, com o propósito de iniciar o movimento. Como chefe da missão, Barnabé tomou a palavra, procurou conjugar o texto da Lei examinado naquele dia, às lições do Evangelho, por destacar a superioridade da missão do Cristo. Saulo notou que o companheiro explanava o assunto, com respeito algo excessivo às tradições judaicas. Via-se claramente que desejava, antes de tudo, conquistar as simpatias do auditório; em alguns pontos, demonstrava o temor de encetar o trabalho, abrindo as lutas tão em desacordo com o seu temperamento. Os israelitas mostraram-se surpreendidos, mas satisfeitos. Observando o quadro, Saulo não se sentiu plenamente confortado. Fazer reparos a Barnabé seria ingratidão e indisciplina; concordar com o sorriso dos compatriotas perseverantes nos erros do fingimento farisaico seria negar fidelidade ao Evangelho.

Procurou resignar-se e esperou.

A missão percorreu numerosas localidades, entre vibrações de largas simpatias. Em Anathonte, os mensageiros da Boa Nova demoraram mais de uma semana. A palavra de Barnabé era profundamente contemporizadora. Caracterizava-se, em tudo, pelo grande cuidado de não ofender os melindres judaicos.

Depois de grandes esforços, chegaram a Nea-Paphos, onde residia o Proconsul. A sede do governo provincial era uma formosa cidade cheia de encantos naturais e que se assinalava por sólidas expressões de cultura. O discípulo de Pedro, porém, estava exausto. Nunca tivera labores apostólicos tão intensos. Conhecendo a deficiência do verbo de Saulo nos serviços da igreja de Antioquia, temia confiar ao ex-rabino as responsabilidades diretas do ensinamento. Não obstante sentir-se cansadíssimo, fez a pregação na sinagoga, no sábado imediato à chegada. Nesse dia, entretanto, ele estava divinamente inspirado. A apresentação do Evangelho foi feita com raro brilhantismo. O próprio Saulo comoveu-se profundamente. O sucesso foi inexcedível. A segunda

assembléia reuniu os elementos mais finos; judeus e romanos aglomeravam-se ansiosos. O ex-levita fez nova apologia do Cristo, bordando conceitos de maravilhosa beleza espiritual. O ex-doutor da Lei, com os trabalhos informativos da missão, atendia prazeirosamente a todas as consultas, pedidos, informações. Nenhuma cidade manifestara tamanho interesse, quanto aquela; os romanos, em grande numero, iam solicitar esclarecimentos quanto aos objetivos dos mensageiros, recebiam notícias de Cristo revelando júbilos e esperanças; desfaziam-se em gestos de espontânea bondade. Entusiasmados com o sucesso, Saulo e Barnabé organizaram reuniões em casas particulares, especialmente cedidas para esse fim pelos simpatizantes da doutrina de Jesus, onde encetaram formoso movimento de curas. Com alegria infinita, o tecelão de Tarso viu chegar a extensa fileira dos "filhos do Calvário". Eram mães atormentadas, doentes desiludidos, anciãos sem nenhuma esperança, orfãos sofredores, que agora procuravam a missão. A notícia das curas julgadas impossíveis encheu Nea-Paphos de grande assombro. Os missionários impunham as mãos, fazendo preces fervorosas ao Messias Nazareno; de outras vezes, distribuiam agua pura, em seu nome. Extremamente cansado e achando que o novo auditório não requeria maior erudição, Barnabé encarregou o companheiro das pregações da Boa-Nova; mas, com grande surpresa, verificou que Saulo se modificara radicalmente. Seu verbo parecia inflamado de nova luz; tirava do Evangelho ilações tão profundas que o ex-levita o escutava agora sem dissimular o proprio espanto. Notava, particularmente, o carinho do ex-doutor no apresentar os ensinamentos do Cristo aos mendigos e sofredores. Falava como alguém que houvesse convivido com o Senhor, por largos anos. Referia-se a certos lances das lições do Mestre com um manancial de lágrimas nos olhos. Prodigiosas consolações derramavam-se no espírito das turbas. Dia e noite, havia operários e estudiosos copiando as anotações de Levi.

Os acontecimentos abalaram a opinião da cidade em peso. Os resultados eram os mais confortadores. Foi

quando enorme surpresa chegou ao espírito dos missionários.

A manhã ia alta. Saulo atendia a numerosos necessitados quando um legionário romano se fez anunciar.

Barnabé e o companheiro deixaram os serviços entregues a João Marcos e foram atender.

— O Proconsul Sergio Paulo — disse o mensageiro, solene — manda convidar-vos a visita-lo em palacio.

A mensagem era muito mais uma ordem que simples convite. O discípulo de Simão comprehendeu de pronto e respondeu:

— Agradecemos de coração e iremos ainda hoje.

O ex-rabino estava confuso. Não só o conteúdo político do fato surpreendia-o, sobremaneira. Em vão, procurava recordar-se de alguma cousa. Sergio Paulo? Não conheceria alguém com esse nome? Buscou relembrar os jovens de origem romana, do seu conhecimento. Afinal, veiu-lhe á memoria a palestra de Pedro sobre a personalidade de Estêvão e concluiu que o Proconsul não podia ser outro senão o salvador do irmão de Abigail.

Sem comunicar as íntimas impressões a Barnabé, examinou a situação em sua companhia. Quais os objetivos da delicada intimação? Segundo a voz pública, o chefe político vinha sofrendo pertinaz enfermidade. Dejaria curar-se ou, quem sabe, provocar um meio de expulsa-los da ilha, induzido pelos judeus? A situação, entretanto, não se resolveria por conjecturas.

Incumbindo João Marcos de atender a quantos se interessassem pela doutrina, no referente a informes necessarios, os dois amigos puseram-se a caminho, resolutamente.

Conduzidos através de galerias extensas, foram dar com um homem relativamente moço, deitado em largo divã e deixando perceber extremo abatimento. Magro, pálido, revelando singular desencanto da vida, o Proconsul entremostrava, todavia, uma bondade imensa na suave irradiação do olhar humilde e melancólico.

Recebeu os missionarios com muita simpatia, apre-

sentando-lhes um mago judeu de nome Barjesus, que, de longa data o vinha tratando. Sergio Paulo, prudentemente, mandou que os guardas e servos se retirassem. Apenas os quatro se viram a sós, em círculo muito íntimo, falou o enfermo com amarga serenidade:

— Senhores, diversos amigos me deram notícia dos vossos sucessos nesta cidade de Nea-Paphos. Tendes curado moléstias perigosas, devolvido a fé a inúmeros descrentes, consolado miseráveis sofredores... Ha mais de um ano venho cuidando de minha saúde arruinada. Nestas condições, estou quase inutilizado para a vida pública.

Apontando Barjésus que, por sua vez, fixava o olhar malicioso nos visitantes, o chefe romano prosseguiu:

— Ha muito contratei os serviços deste vosso terraneo, ansioso e confiante na ciencia de nossa época, mas os resultados têm sido insignificantes. Mandei chamar-vos desejoso de experimentar os vossos conhecimentos. Não estranheis minha atitude. Se pudesse, teria ido procurar-vos em pessoa, pois conheço o limite de minhas prerrogativas; como vêdes, porém, sou antes de tudo um necessitado.

Saulo ouviu aquelas declarações profundamente comovido pela bondade natural do ilustre enfermo. Barnabé estava atônito, sem saber o que dizer. O ex-doutor da Lei, entretanto, senhor da situação e quase certo de que o personagem era o mesmo que figurara na existência do martir vitorioso, tomou a palavra e disse convictamente:

— Nobre Proconsul, temos conosco, de fato, o poder de um grande médico. Podemos curar, quando os enfermos estejam dispostos a compreendê-lo e segui-lo.

— Mas quem é ele? — perguntou o enfermo.

— Chama-se Cristo Jesus. Sua fórmula é sagrada — continuava o tecelão, com ênfase — destina-se a medicar, antes de tudo, a causa de todos os males. Como sabemos, todos os corpos da Terra terão de morrer. Assim, por força de leis naturais inelutáveis, jamais teremos, neste mundo, absoluta saúde física. Nossa or-

ganismo sofre a ação de todos os processos ambientes. O calor incomoda, o frio nos faz tremer, a alimentação nos modifica, os atos da vida determinam a mudança dos hábitos. Mas o Salvador nos ensina a procurar uma saúde mais real e preciosa, que é a do espírito. Possuindo-a, teremos transformado as causas de preocupação de nossa vida, e habilitamo-nos a gozar a relativa saúde física que o mundo pode oferecer nas suas expressões transitórias.

Enquanto Barjesus, ironico e sorridente, escutava o intróito, Sergio Paulo acompanhava a palavra do ex-rabino, atento e comovido:

— Contudo, como encontrar esse médico? — perguntou o Proconsul, mais preocupado com a cura do que com o elevado sentido metafísico das observações ouvidas.

— Ele é a bondade perfeita — esclareceu Saulo de Tarso — e sua ação consoladora está em toda parte. Antes mesmo que o compreendamos, cerca-nos com a expressão do seu amor infinito!...

Observando o entusiasmo com que o missionário tarsense falava, o chefe político de Nea-Paphos buscou a aprovação de Barjesus com o olhar indagador.

O mago judeu evidenciando profundo desprezo, exclamou:

— Julgavamos que estivesseseis aparelhados de alguma ciencia nova... Não quero acreditar no que ouço. Acaso me supondes um ignorante, relativamente ao falso profeta de Nazaré? Ousais franquear o palacio de um governador, em nome de um miserável carpinteiro?

Saulo mediou toda a extensão daquelas ironias, respondendo sem se intimidar:

— Amigo, quando eu afivelava a máscara farisáica, também assim pensava; mas, agora, conheço a gloriosa luz do Mestre, o Filho do Deus Vivo!...

Essas palavras eram ditas num tom de convicção tão ardente que o próprio charlatão israelita se fizera lívido. Barnabé também empalidecera, enquanto que o nobre patrício observava o ardoroso pregador com visi-

vel interesse. Depois de angustiosa expectativa, Sergio Paulo voltou a dizer:

— Não tenho o direito de duvidar de ninguem, enquanto as provas concludentes não me levem a fazê-lo.

E procurando fixar a fisionomia de Saulo, que lhe enfrentava o olhar perquiridor, serenamente continuou:

— Falais desse Cristo Jesus, enchendo-me de assombro. Alegais que sua bondade nos assiste antes mesmo de o conhecermos. Como obter uma prova concreta de vossa afirmativa? Se não entendo o Messias de que sois mensageiros, como saber se sua assistencia me influenciou algum dia?

Saulo lembrou repentinamente as palestras de Simão Pedro em lhe narrando os antecedentes do martir do Cristianismo. Num instante alinhou os mínimos episódios. E valendo-se de todas as oportunidades para destacar o amor infinito de Jesus, como aconteceu nos menores fatos da sua carreira apostólica, sentenciou com singular entono:

— Proconsul, ouví-me! Para revelar-vos, ou melhor, a-fim-de lembrar-vos a misericordia de Jesus de Nazaré, o nosso Salvador, chamarei vossa atenção para um acontecimento importante.

Enquanto Barnabé manifestava profunda surpresa, em face da desassombrada atitude do companheiro, o político aguçava a curiosidade.

— Não é a primeira vez que experimentais uma grave enfermidade. Ha quase dez anos, ao tentardes os primeiros passos na vida pública, embarcastes no porto de Cefalônia em demanda desta Ilha. Viajaveis para Cítiu, mas, antes que o navio aportasse em Corinto, fôstes acometido de febre terrível, o corpo aberto em feridas venenosas...

Brancura de cera estampava-se no semblante do chefe de Nea-Paphos. Colocando a mão no peito, como a conter as pulsações aceleradas do coração, ergueu-se extremamente perturbado.

— Como sabeis tudo isso? — murmurou aterrado.

— Não é só — disse o missionario, sereno — especiei o resto. — Vários dias permanecestes entre a vida

e a morte. Debalde os médicos de bordo comentaram vossa enfermidade. Vossos amigos fugiram. Quando ficasse de todo abandonado, não obstante o prestígio político do vosso cargo, o Messias Nazareno vos mandou alguém, no silencio de sua misericordia divina.

O proconsul, com o despertar das velhas reminiscencias, sentia-se profundamente comovido.

— Quem teria sido o mensageiro do Salvador? — prosseguia Saulo, enquanto Barnabé o contemplava com inaudito assombro. — Um de vossos íntimos? Um amigo eminent? Um dos colegas ilustres que presenciavam vossas dores? Não! Apenas um escravo humilde, um serviçal anônimo dos remos homicidas. Jeziél velou por vós, dia e noite! E o que a ciencia do mundo não conseguiu fazer, fê-lo o coração empossado pelo amor do Cristo! Compreendeis agora? Vosso amigo Barjesus fala de um carpinteiro sem nome, de um Messias que preferiu a condição da humildade suprema por nos trazer as torrentes preciosas de suas graças!... Sim, Jesus tambem, como aquele escravo que vos restabeleceu a saúde perdida, fez-se servo do homem para conduzi-lo a uma vida melhor!... Quando todos nos abandonam, Ele está conosco; quando os amigos fogem, sua bondade mais se aproxima. Para forrarmo-nos das miserias contingencias desta vida mortal, é preciso crer nele e segui-lo sem descanso!...

Ante as lagrimas convulsivas do Proconsul, Barnabé aturdido considerava: Onde fôra o companheiro colher tão profundas revelações? A seu ver, naquele instante, Saulo de Tarso estaria iluminado pelo dom maravilhoso das profecias.

— Senhores, tudo isso é a verdade pura! Trouxestes-me a santa notícia de um Salvador!... — exclamou Sergio Paulo.

Reconhecendo a capitulação do generoso patrício que lhe recheava a bolsa de fartos recursos, o mago israelita, a-pesar-de muito surpreso, exclamou com energia:

— Mentira!... São mentirosos! Tudo isso é obra de Satanaz! Estes homens são portadores de sortilégios infames do "Caminho"! Abaixo a exploração vil!...

A boca lhe espumava, os olhos rebrilhavam de cólera. Saulo mantinha-se calmo, impassível, quase sorridente. Depois, timbrando forte:

— Acalmai-vos, amigo! A fúria não é amiga da verdade e quase sempre esconde inconfessaveis interesses. Acusai-nos de mentirosos, mas nossas palavras não se desviaram uma linha da realidade dos acontecimentos. Alegais que nosso esforço procede de Satanaz, e contudo, onde já se viu maior incoerencia? Onde encontrariamos um adversario trabalhando contra si mesmo? Afirmais que somos portadores de sortilégios; se o amor constitue esse talismã, nós o trazemos no coração, ansiosos por comunicar a todos os séres sua benéfica influencia. Finalmente, lançais a nós outros a pécha de exploradores salazes, quando aqui viemos chamados por alguém que nos honrou com sinceridade e confiança e, de modo algum, poderíamos oferecer as graças do Salvador a título mercatorio.

Seguiu-se acalorada discussão: Barjesus fazia empenho em demonstrar a inferioridade dos intutitos de Saulo, enquanto este se esforçava em timbrar nobreza e cordialidade.

Embalde o Proconsul tentava dissuadir o judeu de continuar na requesta e naquele diapasão. Barnabé, por sua vez, confiando muito mais nos poderes espirituais do amigo, acompanhava o discrime sem ocultar admiração pelos infinitos recursos que o missionário tarsense estava revelando.

A polemica já durava mais de hora, quando o mago fez uma alusão mais ferina á personalidade e feitos de Jesus Cristo.

Em atitude mais energica, o Apóstolo sentenciou:

— Tudo fiz por convencer-vos sem demonstrações mais diretas, de maneira a não ferir a parte respeitável de vossas convicções; todavia, estais cego e é nessa condição que podereis enxergar a luz. Como vós, também já vivi em trevas e, no instante do meu encontro pessoal com o Messias, foi necessário que as trevas se adensassem em meu espírito, a-fim-de que a luz ressurgesse mais brilhante. Tereis igualmente ese beneficio.

A visão do corpo se fechará, para que possais divisar a verdade em espírito!...

Nesse comenos, Barjesus deu um grito.

— Estou cego!

Estabeleceu-se alguma confusão no recinto. Barnabé adiantou-se, amparando o israelita que tateava afliito. O tecelão e o governador aproximaram-se surpreendidos. Foram chamados alguns servos que atenderam as necessidades do momento, carinhosos e solícitos. Por quatro horas longas, Barjesus chorou, mergulhado na sombra espessa que lhe invadira os olhos cansados. Ao fim desse tempo, os missionários oraram de joelhos... Branda serenidade estabeleceu-se no aposento vasto. Em seguida, Saulo impôs-lhe as mãos na frente e, com um suspiro de alívio, o velho israelita recobrou a vista, retirando-se confuso e sucumbido.

O Proconsul, porém, vivamente interessado nos fatos intensos daquele dia, chamou os missionários em particular e falou sensibilizado:

— Amigos, creio nas verdades divinas que anunciais e desejo sinceramente compartilhar do Reino esperado. Nada obstante, conviria inteirar-me dos vossos objetivos de trabalho, dos vossos planos enfim. Estou ciente de que não mercadejais os dons espirituais de que sois portadores, mas proponho-me auxiliar-vos com os meus prestimos em tudo que me for possível. Poderia saber os projetos que vos animam?

Os dois missionários entreolharam-se, surpresos. Barnabé ainda não havia saído do espanto que o companheiro lhe causara. Saulo, por sua vez, mal dissimulava o proprio assombro pelo auxilio espiritual que obtivera no afan de confundir os maliciosos intutitos de Barjesus.

Reconhecendo, contudo, o elevado e sincero interesse do chefe político da província, esclareceu com jubilosos conceitos:

— O Salvador fundou a religião do amor e da verdade, instituição invisivel e universal, onde se acomodam todos os homens de boa vontade. Nossa fim é dar feição visivel á obra divina, estabelecendo templos

que se irmanem nos mesmos princípios, em seu nome. Avaliamos a delicadeza de semelhante tentame e estamos crentes de que as maiores dificuldades vão surgir em nosso caminho. E' quase impossivel encontrar o cabedal humano indispensavel ao cometimento; mas é forçoso movimentar o plano. Quando falhem os elementos da instituição visivel, esperaremos na igreja infinita, onde, nas luzes da universalidade, Jesus será o chefe supremo de todas as forças que se consagrem ao bem.

— Trata-se de sublime iniciativa — aparteou o Proconsul evidenciando nobre interesse — onde encetas a construção dos santuários?

— Nossa missão está começando precisamente agora. Os discípulos do Messias fundaram as igrejas de Jerusalém e Antioquia. Por enquanto, não temos outros nucleos educativos, além desses. Há muitos cristãos em toda parte, mas suas reuniões se fazem em domicílios particulares. Não possuem templos, propriamente, que os habilitem a mais eficiente esforço de assistencia e propaganda.

— Nea-Paphos terá, então, a primeira igreja, filha do vosso trabalho direto.

Saulo não sabia como traduzir sua gratidão por aquele gesto de generosidade espontânea. Profundamente comovido adiantou-se, então, e, como cidadão Chíprio, agradeceu a dádiva que vinha prestigiar e facilitar a obra apostolar.

Os três falaram ainda largo tempo, sobre os empreendimentos em perspectiva. Sergio Paulo pediu lhe indicassem as pessoas capazes de construir o novo templo, enquanto Barnabé e o companheiro expunham suas esperanças.

Somente á noite os missionarios puderam voltar á tenda humilde das pregações.

— Estou impressionado! — dizia Barnabé, recordando o ocorrido. — Que fizeste? Tenho para mim que hoje é o dia maior da tua existencia. Tua palavra tinha um timbre sagrado e diferente; anima-te, agora, o dom das profecias... Além disso, o Mestre agraciou-te com

o poder de dominar as idéias malignas. Viste como o charlatão sentiu a influencia de energias poderosas quando fizeste o teu apelo?

Saulo ouviu atento e com a maior simplicidade acentuou:

— Tambem não sei como traduzir meu espanto pelas graças obtidas. Foi por Cristo que nos tornamos instrumentos da conversão do Proconsul, pois a verdade é que de nós mesmos nada valemos.

— Nunca esquecerei os acontecimentos de hoje — tornou o ex-levita, admirado.

E depois de uma pausa:

— Saulo, quando Ananias te batizou não chegou a sugerir a mudança do teu nome?

— Não me lembrei disso.

— Pois suponho que, doravante, deves considerar tua vida como nova. Foste iluminado pela graça do Mestre, tiveste o teu Pentecostes, foste sagrado Apóstolo para os labores divinos da redenção.

O ex-doutor da Lei não dissimulou a propria admiração e concluiu:

— E' muito significativo para mim que um chefe politico seja atraído para Jesus, por nosso intermédio, mesmo porque, nossa tarefa conclama os gentios ao sol divino do Evangelho de salvação.

Intimamente, recordou os laços sublimes que o ligavam á memória de Estêvão, a generosa influencia do patrício romano que o libertara dos trabalhos duros da escravidão e, invocando a memória do mártir, num apelo silencioso, falou comovido:

— Sei, Barnabé, que muitos dos nossos companheiros trocaram de nome quando se converteram ao amor de Jesus; quiseram assinalar desse modo sua separação dos enganos fatais do mundo. Não quis valer-me do recurso, considerando que devia consagrarme ao Senhor, de qualquer modo. Mas a transformação do governador, a luz da graça que nos acompanhou no curso dos acontecimentos de hoje, levam-me, igualmente a procurar um motivo de perenes lembranças.

Depois de longa pausa, dando a entender quanto refletira para tomar aquela resolução, falou:

— Razões intimas, absolutamente respeitaveis, obrigam-me a reconhecer, doravante, um benfeitor no chefe político desta Ilha. Sem trocar formalmente meu nome, passarei a assinar-me á romana.

— Muito bem — respondeu o companheiro — entre Saulo e Paulo nenhuma diferença existe, a não ser a do hábito de grafia ou de pronúncia. A decisão será uma formosa homenagem ao nosso primeiro triunfo missionario junto dos gentios, ao mesmo tempo que constituirá agradavel lembrança de um espírito tão generoso.

Nesse fato baseou-se a mudança de uma letra no nome do ex-discípulo de Gamaliél. Carater integro e energico, o rabino de Jerusalém nem mesmo transformado em modesto tecelão, quis modificar, portas a dentro do Cristianismo, a sua fidelidade inata. Se servira a Moisés como Saulo, com o mesmo nome haveria de servir igualmente a Jesus Cristo. Se errara e fôra perverso na primeira condição, aproveitaria a oportunidade dos céus, corrigiria a existência e seria um homem bom e justo na segunda. Nesse particular, não chegou a considerar qualquer sugestão dos amigos. Fôra o primeiro perseguidor da instituição cristã, verdugo inflexivel do proselitismo alvorecente, mas fazia questão de continuar como Saulo, para lembrar-se de todo o mal e envidar esforços para fazer todo bem ao seu alcance. Mas, naquele instante, a lembrança de Estêvão falava-lhe brandamente ao coração. Ele fôra o seu maior exemplo para a marcha espiritual. Era o Jeziél bem amado de Abigail. Para procura-lo, ambos se haviam prometido ir, sem vacilações, fôsse aonde fôsse. Os dois irmãos de Corinto estavam vivos, de tal modo, em sua alma sensivel, que não era possivel apagar na memória os mininos fatos de sua vida. A mão de Jesus o encaminhara ao libertador de Jeziél. O Proconsul o havia libertado dos grilhões do cativeiro; o ex-escravo demandara Jerusalém para tornar-se discípulo de Cristo! O ex-rabino sentia-se ditoso, por ter sido auxiliado pelas fôrças

divinas, tornando-se por sua vez libertador de Sergio Paulo, escravizado ao sofrimento e ás ilusões perigosas do mundo. Era justo gravar na memória uma lembrança indelevel de quem, vítima dele em Jerusalém, era agora irmão abençoado, que ele não conseguia esquecer nos mais fugazes instantes da vida e do seu ministério.

Daí por diante, o convertido de Damasco, em memória do inolvidavel pregador do Evangelho, que su-cumbira a pedradas, passou a assinar-se Paulo, até o fim de seus dias.

A notícia da cura e da conversão do Proconsul encheu Nea-Paphos de grande assombro. Os missionários não mais tiveram descanso. Embora o protesto quase apagado dos israelitas, a comunidade cresceu extraordinariamente. Integrado nos bens da saúde, o chefe provincial forneceu o necessário á construção da igreja. O movimento era extraordinário. E os dois mensageiros do Evangelho não cessavam de render graças a Deus.

O triunfo cercava-os de profunda consideração, quando Paulo foi procurado por Barjesus que lhe solicitava uma palavra confidencial. O ex-rabino não hesitou. Era uma boa ocasião para provar ao velho israelita os seus propositos generosos e sinceros. Recebeu-o, pois, com toda a afabilidade.

Barjesus parecia tomado de grande acanhamento. Após cumprimentar o missionário, atencioso, exprimiu-se com certo embaraço:

— Afinal, precisava desfazer o mal-entendido, no caso do Proconsul. Ninguem desejava tanto a saúde do enfermo, e por conseguinte, ninguem mais agradecido á vossa intervenção, libertando-o de enfermidade tão dolorosa.

— Sou muito grato ao vosso parecer e regosijo-me com a vossa compreensão — disse Paulo, com gentileza.

— Entretanto...

O visitante vacilava se devia ou não expôr seus objetivos mais intimos. Atento ás reticencias sem presumir-lhes a causa, o ex-rabino adiantou-se benévolo.

— Que desejais dizer? Com franqueza. Nada de ceremonias!

— Acontece — retrucou mais animado — que venho afagando a idéia de consultar-vos a respeito dos vossos dons espirituais. Penso que não haverá maior tesouro para triunfar na vida...

Paulo estava confundido, sem saber que rumo tomaria a conversação. Mas, focando o ponto mais delicado da pretensão, Barjesus continuou:

— Quanto ganhais no vosso ministério?

— Ganho a misericordia de Deus — disse o missionário compreendendo, agora, todo o alcance daquela visita inesperada — vivo do meu trabalho de tecelagem e não seria lícito mercadejar com o que pertence ao Pai que está nos céus.

— E' quase incrivel! — murmurou o mago arregalando os olhos. — Eu estava convicto de que trazieis convosco certos talismãs, que me dispunha a comprar por qualquer preço.

E enquanto o ex-rabino o contemplava cheio de comiseração pela sua ignorância, o visitante prosseguiu:

— Mas, será crivel que façais semelhantes obras sem contribuição de sortilégiós?

O missionário fixou-o mais atento e murmurou:

— Só conheço um sortilégio eficiente.

— Qual é? — interrogou o mago de olhar faiscante e cubiçoso.

— E' o da fé em Deus com sacrifício de nós mesmos.

O velho israelita demonstrou não entender toda a significação daquelas palavras, objetando:

— Sim, mas a vida tem suas necessidades urgentes. E' indispensável prever e amealhar recursos.

Paulo pensou um minuto e disse:

— De mim mesmo, nada tenho com que vos esclarecer. Mas Deus tem sempre uma resposta para nossas preocupações mais simples. Consultemos suas eternas verdades. Vejamos qual a mensagem destinada ao vosso coração.

Ia abrir o Evangelho, conforme seu costume, quando o visitante observou:

— Nada conheço desse livro. Para mim, portanto, não poderá trazer advertencia alguma.

O missionário compreendeu a relutância e acentuou:

— Que conhecéis então?

— Moisés e os Profetas.

Tomou do rôlo de pergaminhos onde se podia lêr a Lei antiga e deu-a ao velho malicioso, para que abrisse alguma sentença, ao acaso, segundo os hábitos da época. No entanto, Barjesus, com evidente má vontade acrescentou:

— Só leio os Profetas, de joelhos.

— Podeis lêr como quiserdes, porque o ato de compreender é o que nos interessa, antes de tudo.

Assinalando suas presunções farisáicas, o charlatão ajoelhou-se e abriu solenemente o texto, sob o olhar sereno e perquiridor do ex-rabino. O velho israelita fez-se pálido. Esboçou um gesto para se abstrair da leitura; mas, Paulo percebeu o movimento util e, aproximando-se falou com alguma veemencia:

— Leiamos a mensagem permanente dos emissarios de Deus.

Tratava-se de um fragmento dos Proverbios, que Barjesus pronunciou em voz alta, com enorme desapontamento:

“Duas cousas te pedi; não mas negues, antes que eu morra. Afasta de mim as vaidades e as mentiras. Não me dês a pobreza, nem a riqueza. Concede-me o alimento de que necessito para não acontecer que, estando farto, eu te negue e pergunte: — Quem é Jeová? — ou que, estando pobre, me ponha a furtar e profane o nome de meu Deus”. (1)

O mago levantou-se atarantado. O proprio missionário estava surpreso.

— Vistes, amigo? — interrogou Paulo — a palavra da verdade é muito eloquente. Será grande talismã, na existencia, o sabermos viver com os nossos proprios recursos, sem exorbitar do necessário ao nosso enriquecimento espiritual.

(1) Proverbios: 30 — 7, 9.

— Efetivamente — respondeu o charlatão — este processo de consultas é muito interessante. Vou meditar seriamente na experiência de hoje.

Logo em seguida despedia-se, depois de mastigar alguns monossílabos que mal disfarçavam a perturbação que todo o empolgara.

Impressionado, o tecelão consagrado a Cristo, anotou as profundas exortações, para consolidar o seu programa de atividades espirituais, isento de interesses inferiores.

A missão permaneceu em Nea-Paphos ainda alguns dias, sobrecarregada de muito trabalho. João Marcos colaborava com os recursos ao seu alcance; todavia, de vez em quando, Barnabé surpreendia-o entristecido e queixoso. Não esperava encontrar tão vultosa quota de trabalho.

— Mas, assim é melhor — acentuava Saulo — o serviço do bem é a muralha defensiva das tentações.

O rapaz conformava-se; contudo, sua contrariedade era evidente.

Além disso, fiel observador do judaísmo, não obstante a paixão pelo Evangelho, o filho de Maria Marcos sentiu grandes escrúpulos, com a largueza de vistos do tio e do missionário, relativamente aos gentios. Desejava servir a Jesus, sim, de todo o coração, mas não podia distanciar o Mestre das tradições do berço.

Enquanto as sementes lançadas em Chipre começavam a germinar na terra dos corações, os trabalhadores do Messias abandonavam Nea-Paphos, absorvidos em vassas esperanças.

Depois de muito confabularem, Saulo e Barnabé resolveram extender a missão aos povos da Panfilia, com grande escândalo para João Marcos, que se admirava de semelhante alvitre.

— Mas que fazemos com essa gente tão estranha? — perguntou o rapaz contrariado. — Sabemos, em Jerusalém, que esse país é povoado por criaturas supinamente ignorantes. E, ao demais, que ali existem ladrões por toda a parte.

— No entanto — obtemperou Paulo convicto — penso que devemos procurar a região, justamente por isso. Para outros, uma viagem á Alexandria pode oferecer maior interesse; mas todos esses grandes centros estão cheios de mestres da palavra. Possuem sinagogas importantes, conhecimentos elevados, grandes expoentes de ciencia e riqueza. Se não servem a Deus é por má vontade ou endurecimento de coração. A Panfilia, ao contrário, é muito pobre, rudimentar e carecente de luz espiritual. Antes de ensinar em Jerusalém, o Mestre preferiu manifestar-se em Cafarnaum e noutras aldeias quase anônimas, da Galiléia.

Ante o argumento irretorquível, João absteve-se de insistir.

Dentro de poucos dias, singela embarcação deixava-os em Atália, onde Paulo e Barnabé encontraram singular encanto nas paisagens que circundavam o Cestrus.

Nessa localidade muito pobre, pregaram a Boa-Nova ao ar livre, com exito imenso. Observando no companheiro um traço superior, Barnabé como que entregara a chefia do movimento ao ex-rabino, cuja palavra, agora, sabia despertar encantadores arrebatamentos. O povo simples acolheu a pregação de Paulo, com profundo interesse. Ele falava de Jesus, como de um príncipe celestial, que visitara o mundo e fôra esperar os súditos amados na esfera da glorificação espiritual. Via-se a atenção que os habitantes de Atália dispensaram ao assunto. Alguns pediram cópias das lições do Evangelho, outros procuravam obsequiar os mensageiros do Mestre com o que possuiam de melhor. Muito comovidos, recebiam as carinhosas dádivas dos novos amigos, que, quase sempre, se constituíam de pratos de pão, laranjas ou peixe.

A permanencia na localidade trouxera novos problemas. Era indispensável alguma atividade culinária. Barnabé, delicadamente designou o sobrinho para o mister, mas o rapaz não conseguia disfarçar a contrariedade. Notando-lhe o constrangimento, Paulo adiantou-se, pressuroso:

— Não nos impressionemos com os problemas naturais. Procuremos restringir, doravante, as necessidades e gostos alimentares. Comeremos apenas pão, frutas, mel e peixe. Destarte, o trabalho de cozinha ficará simplificado e reduzido á preparação dos peixes assados, no que tenho grande prática, desde o meu retiro lá no Tauros. Que João não se amofine com o problema, pois é justo que essa parte fique a meu cargo.

Não obstante a atitude generosa de Paulo, o rapaz continuou acabrunhado.

Em breve a missão alugava um barco, largando-se para Perge. Nesta cidade, de regular importância para a região em que se localizava, anunciaram o Evangelho com imensa dedicação. Na pequena sinagoga, encheram o sábado de grande movimento. Alguns judeus e numerosos gentios, na maioria gente pobre e simples, acolheram os missionários, cheios de júbilo. As notícias de Cristo despertaram singular curiosidade e encantamento. O modesto pardieiro alugado por Barnabé, ficava repleto de criaturas ansiosas por obter cópia das anotações de Levi. Paulo regosijava-se. Experimentava alegria indefinível ao contacto daqueles corações humildes e simples, que lhe davam ao espírito cansado de causística, a doce impressão de virgindade espiritual. Alguns indagavam da posição de Jesus na hierarquia dos deuses do paganismo; outros desejavam saber a razão por que haviam crucificado o Messias, sem consideração aos seus elevados títulos, como Mensageiro do Eterno. A região estava cheia de superstições e credícies. A cultura judaica restringia-se ao ambiente fechado das sinagogas. A missão, não obstante consagrar seu maior esforço aos israelitas, pregando no círculo dos que seguiam a Lei de Moisés, interessara as camadas mais obscuras do povo, em razão das curas e do convite amoroso ao Evangelho, movimento esse no qual os trabalhadores de Jesus punham todo seu empenho.

Plenamente satisfeitos, Paulo e Barnabé resolveram seguir dali mesmo para Antioquia da Pisídia. Informado a esse respeito, João Marcos não conseguiu sopitar os íntimos receios, por mais tempo, e perguntou:

— Supunha que não iríamos além da Panfilia. Como pois, chegar até Antioquia? Não temos recursos para atravessar tamanhos precipícios. As florestas estão infestadas de bandidos, o rio encachoeirado não facilita o transito de barcas. E as noites? Como dormir? Essa viagem não se pode tentar sem animais e servos, cousa que não temos.

Paulo refletiu um minuto e exclamou:

— Ora, João, quando trabalhamos para alguém, devemos faze-lo com amor. Julgo que, anunciar o Cristo áqueles que não o conhecem em vista de suas numerosas dificuldades naturais, representa uma glória para nós. O espírito de servidão nunca atira a parte mais difícil para os outros. O Mestre não transferiu sua cruz aos companheiros. Em nosso caso, se tivessemos muitos escravos e cavalos, não seriam eles os carregadores das responsabilidades mais pesadas, no que se refere ás questões propriamente materiais? O trabalho de Jesus, entretanto, é tão grande aos nossos olhos que devemos disputar qualquer parte de sua execução, aos outros, em benefício próprio.

O rapaz pareceu mais desolado. A energia de Paulo era desconcertante.

— Mas não seria mais prudente — continuou muito pálido — demandarmos Alexandria e organizar pelo menos alguns recursos mais fáceis?

Enquanto Barnabé acompanhava o diálogo com a serenidade que lhe era peculiar, o ex-rabino continuou:

— Dás demasiada importância aos obstáculos. Já pensaste nas dificuldades que o Senhor certamente venceu para vir ter conosco? Ainda que pudesse atravessar livremente os abismos espirituais para chegar ao nosso círculo de perversidade e ignorância, temos de considerar a muralha de lodo de nossas viscerais misérias... E tu te espantas apenas com os palmos de caminho que nos separam da Pisídia?

O jovem calou-se, evidentemente contrariado. A argumentação era forte demais, a seus olhos, e não lhe ensejava qualquer nova objeção.

A' noite, Barnabé aproximou-se do companheiro visivelmente preocupado, expondo-lhe as intenções do sobrinho. O rapaz resolvera regressar a Jerusalém, de qualquer modo. Paulo ouviu calmamente as explicações, como quem não podia opôr qualquer embargo á decisão.

— Não poderíamos acompanhá-lo, pelo menos, até algum ponto mais próximo do destino? — perguntou o ex-levita de Chipre, como tio solícito.

— Destino? — perguntou Paulo admirado. — Mas já temos o nosso. Desde o primeiro entendimento, planejamos a excursão á Antioquia. Não posso impedir que faças companhia ao rapaz; por mim, contudo, não devo modificar o roteiro traçado. Caso resolvias regressar, seguirei sózinho. Julgo que as empresas de Jesus têm seu momento justo de atuação. E' preciso aproveita-lo. Se deixarmos a visita á Pisídia para o mês proximo, talvez seja tarde.

Barnabé refletiu alguns minutos, retrucando convictamente:

— Tua observação é incontestável. Não posso quebrar os compromissos. Além do mais, João está homem e poderá voltar só. Tem o dinheiro indispensável a esse fim, em virtude dos cuidados maternos.

— O dinheiro quando não bem aproveitado — rematou Paulo tranquilamente — sempre dissolve os laços e as responsabilidades mais santas.

A conversação terminou, enquanto Barnabé voltava a aconselhar o sobrinho altamente impressionado.

Daí a dois dias, antes de tomar a barca que o levaria á foz do Cestrus, o filho de Maria Marcos despedia-se do ex-doutor de Jerusalém com um sorriso contrafeito.

Paulo abraçou-o sem alegria e falou em tom de serena advertencia:

— Deus te abençoe e te proteja. Não te esqueças de que a marcha para o Cristo é feita igualmente por fileiras. Todos devemos chegar bem; entretanto, os que se desgarram têm de chegar bem por conta propria.

— Sim — disse o jovem envergonhado — procuro trabalhar e servir a Deus, de toda minha alma.

— Fazes bem e cumprirás teu dever assim procedendo — exclamou o ex-rabino convicto — lembra sempre que David enquanto esteve ocupado, foi fiel ao Todo-Poderoso; mas, quando descansou, entregou-se ao adulterio; Salomão, durante os serviços pesados da construção do Templo foi puro na fé; mas quando chegou ao repouso, foi vencido pela devassidão; Judas começou bem e foi discípulo direto do Senhor, mas bastou a impressão da triunfal entrada do Mestre em Jerusalém, para que cedesse á traição e á morte. Com tantos exemplos expostos aos nossos olhos, será útil não venhamos nunca a descansar.

O sobrinho de Barnabé partiu, sinceramente tocado por essa palavras, que o seguiriam, de futuro, como apêlo constante.

Logo após o incidente, os dois missionarios demandaram as estradas impérvias. Pela primeira vez, foram obrigados a pernoitar ao relento, no seio da natureza. Vencendo precipícios, encontraram uma gruta rochosa na qual se ocultaram, para repousar o corpo mortificado e dorido. O segundo dia da marcha escoou-se-lhes com a coragem indómita de sempre. A alimentação constituía-se de alguns pães trazidos de Perge e frutas silvestres, colhidas ali e acolá. Resolutos e bem humorados, enfrentavam e venciam todos os óbices. De quando em vez, era indispensável ganhar a outra margem do rio, ao toparem barreiras intransponíveis. Ei-los então apalpando o alveo das torrentes, cautelosos, com longas varas verdes, ou desbravando os caminhos perigosos e ignorados.

A solidão lhes sugeria belos pensamentos. Sagrado otimismo extravasava dos menores conceitos. Ambos afagavam carinhosas lembranças do passado afetivo e esperançoso. Como homens experimentavam todas as necessidades humanas, mas era profundamente comovedora a fieldade com que se entregavam ao Cristo, confiando ao seu amor a realização dos santificados desejos de uma vida mais alta.

Na segunda noite acomodaram-se em pequena caverna, algo distante do trilho estreito, logo após os

derradeiros tons do crepúsculo. Depois de frugalissima refeição, passaram a comentar animadamente os feitos da igreja de Jerusalém. Noite fechada e ainda suas vozes quebravam o grande silencio. Desdobrando os assuntos, passaram a falar das excelencias do Evangelho, exaltando a grandeza da missão de Jesus Cristo.

— Se os homens soubessem... — dizia Barnabé fazendo comparações.

— Todos se reuniriam em torno do Senhor e descanhariam — rematava Paulo cheio de convicção.

— Ele é o Príncipe que reinará sobre todos.

— Ninguem trouxe a este mundo riqueza maior.

— Ah! comentava o discípulo de Simão Pedro — o tesouro de que foi mensageiro engrandecerá a Terra para sempre.

E assim prosseguiam, valendo-se de preciosas imagens da vida comum para simbolizar os bens eternos, quando singular movimento lhes despertou atenção. Dois homens armados precipitaram-se sobre ambos, á fraca luz de uma tocha acesa em resinas.

— A bôlsa! — gritou um dos malfeiteiros.

Barnabé empalideceu ligeiramente, mas Paulo estava sereno e impassível.

— Entreguem o que têm ou morrem — exclamou o outro bandido alçando o punhal.

Olhando fixamente o companheiro, o ex-rabino ordenou:

— Dá-lhes o dinheiro que resta, Deus suprirá nossas necessidades de outro modo.

Barnabé esvaziou a bôlsa que trazia entre as dobras da túnica, enquanto os malfeiteiros recolhiam, ávidos, a moçina quantia.

Reparando nos pergaminhos do Evangelho que os missionários consultavam á luz da tocha improvisada, um dos ladrões interrogou desconfiado e ironico:

— Que documentos são esses? Falaveis de um príncipe opulento... Ouvimos referencias a um tesouro... Que significa tudo isso?

Com admirável presença de espírito, Paulo explicou:

— Sim, de fato, estes pergaminhos são o roteiro do

imenso tesouro que nos trouxe o Cristo Jesus, que ha de reinar sobre os príncipes da Terra.

Um dos bandidos, grandemente interessado, examinou o rôlo das anotações de Levi.

— Quem encontrar esse tesouro — prosseguia Paulo resoluto — nunca mais sentirá necessidades.

Os ladrões guardaram o Evangelho cuidadosamente.

— Agradece a Deus não vos tirarmos a vida — disse um deles.

E apagando a tocha bruxoleante, desapareceram na escuridão da noite. Quando se viram a sós, Barnabé não conseguiu dessimular o assombro.

— E agora? — perguntou com voz trêmula.

— A missão continua bem — glosou Paulo cheio de bom ânimo — não contavamos com a excelente oportunidade de transmitir a Boa-Nova aos ladrões.

O discípulo de Pedro, admirando-se de tamanha serenidade, voltou a dizer:

— Mas levaram-nos, também, os derradeiros pães de cevada, bem como as capas...

— Haverá sempre alguma fruta na estrada — esclarecia Paulo, decidido — quanto ás coberturas, não tenhamos maior cuidado, pois não nos faltará o musgo das árvores.

E, desejoso de tranquilizar o companheiro, acrescentava:

— De fato, não temos mais dinheiro, mas julgo não será difícil conseguir trabalho com os tapeceiros de Antioquia da Pisidia. Além disso, a região está muito distante dos grandes centros e posso levar certas novidades aos colegas do ofício. Esta circunstância será vantajosa para nós.

Depois de tecerem esperanças novas, dormiram ao relento, sonhando com as alegrias do Reino de Deus.

No dia seguinte, Barnabé continuava preocupado. Interpelado pelo companheiro, confessou compungido:

— Estou resignado com a carencia absoluta de recursos materiais, mas não posso esquecer que nos subtraíram tambem as anotações evangélicas que possuimos. Como recomeçar nossa tarefa? Se temos de cár

grande parte dos ensinamentos, não poderemos conferir todas as expressões...

Paulo, todavia, fez um gesto significativo e desabotoando a túnica, retirou alguma cousa que guardava junto do coração.

— Enganas-te, Barnabé — disse com um sorriso otimista — tenho aqui o Evangelho que me recorda a bondade de Gamaliél. Foi um presente de Simão Pedro ao meu velho mentor, que, por sua vez, me deu pouco antes de morrer.

O missionário de Chipre apertou nas mãos o tesouro de Cristo. O júbilo voltou a iluminar-lhe o coração. Poderiam dispensar todo o conforto do mundo, mas a palavra de Jesus era imprescindível. Vencendo obstáculos de toda sorte, chegaram a Antioquia fundamentalmente abatidos. Paulo, principalmente, a determinados momentos da noite sentia-se cansado e febril. Barnabé tinha frequentes acessos de tósse. O primeiro contacto com a natureza hostil acarretara aos dois mensageiros do Evangelho fortes desequilíbrios orgânicos.

Nada obstante a precária saúde, o tecelão de Tarso procurou informar-se, logo na manhã da chegada, sobre as tendas de artefatos de couro existentes na cidade.

Antioquia de Pisídia contava grande número de israelitas. Seu movimento comercial era mais que regular. As vias públicas ostentavam lojas bem sortidas e pequenas indústrias variadas.

Confiando na Providência Divina, alugaram um quarto muito simples, e enquanto Barnabé repousava da fadiga extrema, Paulo procurou uma das tendas indicadas por um negociante de frutas.

Um judeu de bom aspecto, cercado de três auxiliares, entre numerosas prateleiras com sandálias, tapetes e outras utilidades numerosas, atinentes à sua profissão, dirigia extensa banca de serviço. Cliente do seu nome, dado o interesse de sua indagação junto ao comerciante referido, o ex-doutor de Jerusalém chamou pelo senhor Ibraim, sendo atendido com enorme curiosidade.

— Amigo — explicou Paulo sem rodeios — sou vosso colega de ofício e, premido por necessidades ur-

gentes, venho solicitar-vos o imenso obséquio de admitir-me às atividades da vossa tenda. Tendo de fazer longa viagem e não possuindo recurso algum, apelo para vossa generosidade, esperando favorável acolhimento.

O tapeceiro contemplava-o com simpatia, mas, um tanto desconfiado. Espantava-se e agradava-se, simultaneamente, da sua franqueza e desembaraço. Depois de refletir algum tempo, respondeu algo vagamente:

— Nosso trabalho é muito escasso e, para usar de sinceridade, não disponho de capital para remunerar a muitos empregados. Nem todos compram sandálias; os arreiamentos de tropa ficam à espera das caravanas que somente passam de tempos a tempos; poucos tapetes vendemos, e se não fôssem os tecidos de couro para tendas improvisadas, suponho que não teríamos o necessário para manter o negócio. Como vêdes, não seria fácil arranjar-vos trabalho.

— Entretanto — tornou o ex-rabino comovido com a sinceridade do interlocutor — ouso insistir no pedido. Será tão só por alguns dias... Além do mais, ficaria satisfeito em trabalhar a troco de pão e této, para mim e um companheiro enfermo.

O bondoso Ibraim sensibilizou-se com aquela confissão. Depois de uma pausa longa, em que o tapeceiro de Antioquia ainda hesitava entre o "sim" e o "não", Paulo rematou:

— Tão grande é a minha necessidade que insisto convosco, em nome de Deus.

— Entraí — disse o negociante, vencido pela argumentação.

Embora doente, o emissário de Cristo atirou-se ao trabalho com afã. Um velho tear foi instalado apressadamente, junto à banca cheia de facas, martelos e peças de couro.

Paulo entrou a trabalhar, tendo um olhar amigo e uma boa palavra para cada companheiro. Longe de se impôr pelos conhecimentos superiores que possuía, observava o sistema de trabalho dos auxiliares de Ibraim e sugeria novas providências favoráveis ao serviço, com bondade, sem afetação.

Comovido pelas suas declarações sinceras, o dono da casa mandou a refeição a Barnabé, enquanto o ex-rabino vencia galhardamente as primeiras dificuldades, experimentando o júbilo de um grande triunfo.

Naquela noite, junto do companheiro de lutas, elevou a Jesus a prece do mais entranhado agradecimento. Ambos comentaram a nova situação. Tudo ia bem, mas era necessário pensar no dinheiro indispensável, com que atender ao aluguel do quarto.

Edificado na exemplificação do amigo, agora era Barnabé que procurava conforta-lo:

— Não importa, Jesus levará em conta a nossa boa vontade, não nos deixará ao desamparo.

No dia seguinte, quando Paulo regressou da oficina, teve de esperar o companheiro, com alguma ansiedade. O mensageiro de Ibraim, que levava a refeição de Barnabé não o havia encontrado. Após alguma inquietação, o ex-rabino abriu-lhe a porta com inexcedível surpresa. O discípulo de Pedro parecia extremamente abatido, mas profunda alegria lhe transbordava do olhar. Explicou que também ele conseguira trabalho remunerador. Empregara-se com um oleiro necessitado de operários para aproveitar o bom tempo. Abraçaram-se comovidos. Se houvessem alcançado o domínio do mundo, com a fortuna fácil, não experimentariam tanto júbilo. Pequena fração de serviço honesto lhes bastava ao coração iluminado por Jesus Cristo.

No primeiro sábado de permanência em Antioquia, os arautos do Evangelho dirigiram-se à sinagoga local. Ibraim, satisfeitos com a cooperação do novo empregado, lhe deu duas túnica usadas, que Paulo e Barnabé envergaram com alegria.

Toda a população "temente a Deus" comprimia-se no recinto. Sentaram-se os dois no local reservado aos visitantes ou desconhecidos. Terminado o estudo e comentários da Lei e dos Profetas, o diretor dos serviços religiosos perguntou-lhes em voz alta se desejariam dizer algumas palavras aos presentes.

De pronto, Paulo levantou-se e aceitou o convite. Dirigiu-se à modesta tribuna em atitude nobre e co-

meçou a discorrer sobre a Lei, tomado de eloquência sublime. O auditório, não afeito a raciocínios tão altos, seguia-lhe a palavra fluente como se houvesse encontrado um profeta autêntico, a espalhar maravilhas. Os israelitas não cabiam em si de contentes. Quem era aquele homem de quem se poderia orgulhar o próprio Templo de Jerusalém? Em dado momento, contudo, as palavras do orador passaram a ser quase incomprensíveis para todos. Seu verbo sublime anuncjava um Messias que já viéra ao mundo. Alguns judeus aguçaram os ouvidos. Tratava-se do Cristo Jesus, por intermédio de quem as criaturas deveriam esperar a graça e a verdade da salvação. O ex-doutor observou que numerosas fisionomias mostravam-se contrariadas, mas a maioria escutava-o com indefinível vibração de simpatia. A relação dos feitos de Jesus, sua exemplificação divina, a morte na cruz, arrancavam lágrimas do auditório. O próprio chefe da sinagoga estava profundamente surpreendido...

Terminada a longa oração, o novo missionário foi abraçado por grande número de assistentes. Ibraim, que acabava de conhecê-lo sob novo aspecto, cumprimentou-o radiante. Eustáquio, o oleiro que deu trabalho a Barnabé, aproximou-se para as saudações, altamente sensibilizado. Os descontentes, no entanto, não faltaram. O êxito de Paulo contrariou o espírito fariseu da assembléia.

No dia imediato, Antioquia da Pisídia estava empolgada pelo assunto. A tenda de Ibraim e a olaria de Eustáquio foram locais de grandes discussões e entendimentos. Paulo falou, então, das curas que se poderiam fazer em nome do Mestre. Uma velha tia do seu patrão foi curada de enfermidade pertinaz, com a simples imposição das mãos e as preces ao Cristo. Dois filhinhos do oleiro restabeleceram-se com a intervenção de Barnabé. Os dois emissários do Evangelho ganharam logo muito conceito. A gente simples vinha solicitar-lhes orações, cópias dos ensinos de Jesus, enquanto muitos enfermos se restabeleciaiam. Se o bem estava crescendo, a animosidade contra eles também crescia, da parte

dos mais altamente colocados na cidade. Iniciou-se o movimento contrário ao Cristo. Não obstante a continuidade das pregações de Paulo, aumentava, entre os israelitas poderosos, a perseguição, o apôdo e a ironia. Os mensageiros da Boa-Nova, entretanto, não desanimaram. Confortados pelos mais sinceros, fundaram a igreja na casa de Ibraim. Quando tudo ia bem, eis que o ex-rabino, ainda em consequencia das vicissitudes experimentadas na travessia dos pantanos da Panfilia, cai gravemente enfermo, preocupando a todos os irmãos. Durante um mês, esteve sob a influencia maligna de uma febre devoradora. Barnabé e os novos amigos foram inexcedíveis em cuidados.

Explorando o incidente, os inimigos do Evangelho puseram-se em campo, ironizando a situação. Havia mais de três meses que os dois anunciavam o novo Reino, reformavam as noções religiosas do povo, curavam as moléstias mais pertinazes e, por que motivo o poderoso pregador não se curava a si mesmo? Fervilhavam, assim, os ditos mordazes e os conceitos deprimentes.

Os confrades, entretanto, foram de uma dedicação sem limites. Paulo foi tratado com extremos de ternura, no lar de Ibraim, como se houvesse encontrado um novo lar.

Após a convalescência, o desassombrado tecelão voltou mais alviçareiro à pregação das verdades novas.

Observando-lhe a coragem, os elementos judaicos, ralados de despeito, tramaram sua expulsão sem qualquer condescendencia. Por várias meses o ex-doutor de Jerusalém lutou contra os golpes do farisaísmo dominante na cidade, mantendo-se superior a calúnias e insultos. Mas, quando revelava seu poder de resolução e firmeza de ânimo, eis que os israelitas descontentes ameaçam Ibraim e Eustáquio com a supressão de regalias e banimento. Os dois antigos habitantes de Antioquia da Pisídia eram acusados como partidários da revolução e da desordem. Altamente comovidos, receberam a notificação de que sómente a retirada de Paulo e Barnabé poderia salva-los do cárcere e da flagelação.

Os missionarios de Jesus consideram a penosa si-

tuação dos amigos e resolvem partir. Ibraim tem os olhos rasos de lágrimas. Eustáquio não consegue esconder o abatimento. Ante as interrogações de Barnabé, o ex-rabino expõe o plano das atividades futuras. Damandariam Iconio. Prégariam ali as verdades de Deus. O discípulo de Simão Pedro aprova sem hesitar. Reunindo os irmãos em noite memorável para quantos lhe viveram as profundas emoções, os mensageiros da Boa-Nova se despedem. Por mais de oito meses haviam ensinado o Evangelho. Afrontaram zombarias e apôdos, haviam conhecido provações bem amargas. Seus labores estavam sendo premiados pelo mundo com o banimento, como se eles fossem criminosos comuns, mas a igreja do Cristo estava fundada, Paulo falou nisso, quase com orgulho, não obstante as lágrimas que lhe rolavam dos olhos. Os novos discípulos do Mestre não deveriam estranhar as incompreensões do mundo, mesmo porque, o proprio Salvador não escapara á cruz da ignominia, acrescentando que a palavra "cristão" significava seguidor do Cristo. Para descobrir e conhecer as sublimidades do Reino de Deus era preciso trabalhar e sofrer sem descanso.

A assembléia afetuosa, por sua vez, acolheu as exortações, lavada em lágrimas.

Na manhã imediata, munidos de uma carta de recomendação de Eustáquio e carregando vasta provisão de pequeninas lembranças dos companheiros de fé, puseram-se a caminho, intrépidos e felizes.

O percurso excedente a cem quilómetros, foi difícil e doloroso, mas os picneiros não se detiveram na consideração de qualquer obstáculo.

Chegados á cidade, apresentaram-se ao amigo de Eustáquio, de nome Onesiforo. Recebidos com generosa hospitalidade, no sabado imediato, antes mesmo de fixar-se no trabalho profissional, Paulo foi expôr os objetivos de sua passagem pela região. A estréia na sinagoga provocou animadas discussões. O elemento político da cidade constituía-se de judeus ricos e instruidos na Lei de Moisés; contudo, os gentios representavam, em grande número, a classe média. Estes últimos, receberam

a palavra de Paulo com profundo interesse, mas os primeiros desfecharam grande reação logo de início. Houve tumultos. Os orgulhosos filhos de Israél não podiam tolerar um Salvador que se entregara, sem resistência, á cruz dos ladrões. A palavra do Apóstolo, entretanto, alcançara tão grande favor público que os gentios de Icônio ofereceram-lhe um vasto salão para que lhes fosse ministrado o ensinamento evangélico, todas as tardes. Queriam notícias do novo Messias, interessavam-se pelos seus menores feitos e por suas maximas mais simples. O ex-rabino aceitou o encargo, cheio de gratidão e simpatia. Diariamente, terminada a tarefa comum, compacta multidão de iconienses aglomerava-se ansiosa por lhe ouvir o verbo vibrante. Dominando a administração, os judeus não tardaram em reagir, mas foi inútil a tentativa de intimidar o pregador com as mais fortes ameaças. Ele continuou pregando intrépida, desassombradamente. Onesíforo, a seu turno, dáva-lhe mão forte e, dentro em pouco, fundava-se a igreja em sua propria casa.

Os israelitas mantinham viva a idéia da expulsão dos missionários, quando um incidente ocorreu em seu auxílio.

E' que uma jovem noiva, ouvindo ocasionalmente as pregações do apóstolo dos gentios, diariamente penetrava no salão em busca de novos ensinamentos. Enlevada com as promessas do Cristo e sentindo extrema paixão pela figura empolgante do orador, fanatizara-se lamentavelmente, esquecendo os deveres que a prendiam ao noivo e á ternura maternal. Tecla, que assim se chamava, não mais atendia aos laços sacros-santos que deveria honrar no ambiente doméstico. Abandonou o trabalho diurno para esperar o crepúsculo, com ansiedade. Teóclia, sua mãe, e Tamiris, o noivo, acompanharam o caso com desagradável surpresa. Atribuíam a Paulo semelhante desequilíbrio. O ex-doutor, por sua vez, estranhava a atitude da jovem, que diariamente, insinuava-se com perguntas, olhares e momices singulares.

Certa vez, quando se dispunha a voltar para casa de Onosíforo, em companhia de Barnabé, a moça lhe pediu uma palavra em particular.

Ante suas perguntas atenciosas, Tecla córava, gaguejando:

— Eu... eu...

— Dize, filha — murmurou o Apóstolo um tanto preocupado — deves considerar-te em presença de um pai.

— Senhor — conseguiu dizer ofegante — não sei porque tenho recebido grande impressão com a vossa palavra.

— O que tenho ensinado — esclareceu Paulo — não é meu; vem de Jesus que nos deseja todo o bem.

— De qualquer modo, porém — disse ela com mais timidez — amo-vos muito!...

Paulo assentou-se. Não contava com essa declaração. A expressão "amo-vos muito" não era articulada em tom de fraternidade pura, mas com laivos de particularismo que o Apóstolo percebeu sobremaneira impressionado. Depois de meditar muito na situação impre vista, respondeu convicto:

— Filha, os que se amam em espírito, unem-se em Cristo para a eternidade das emoções mais santas; mas, quem sabe está amando a carne que vai morrer?

— Tenho necessidade da vossa afeição — exclamou a jovem de olhar lacrimoso.

— Sim — esclareceu o ex-rabino — mas nós ambos temos necessidade da afeição de Cristo. Sómente amparados nele poderemos experimentar algum ânimo em nossas fraquezas.

— Não poderei esquecer-vos — soluçou a moça — despertando-lhe compaixão.

Paulo ficou pensativo. Recordou a mocidade. Lem brou os sonhos que tecera ao lado de Abigail. Num minuto, seu espírito devassou um mundo de suaves e angustiosas reminiscências; e como se voltasse de um misterioso país de sombras, exclamou como se falasse consigo mesmo:

— Sim, o amor é santo, mas a paixão é venenosa. Moisés recomendou que amássemos a Deus acima de tudo; e o Mestre acrescentou que nos amássemos uns aos outros, em todas as circunstâncias da vida...

E, fixando os olhos agora muito brilhantes, na jovem que chorava, exclamou quase acrimonioso:

— Não te apaixones por um homem feito de lodo e de pecado, e que se destina a morrer!...

Tecla ainda não voltara a si da propria surpresa, quando o noivo desolado penetrou no recinto deserto. Tamiris faz as primeiras objeções em grandes brados, ao passo que o mensageiro da Boa Nova lhe ouve as reprimendas com grande serenidade. A noiva replica mal humorada. Reafirma sua simpatia por Paulo, expõe francamente as intenções mais íntimas. O rapaz escandaliza-se. O Apóstolo espera pacientemente que o noivo o interrogue. E quando convocado a justificar-se, explica em tom fraternal:

— Amigo, não te acabrunhes nem te exalte, em face dos sucessos que se originam de profundas incompreensões. Tua noiva está simplesmente enferma. Estamos anunciando o Cristo, mas o Salvador tem os seus inimigos ocultos em toda parte, como a luz tem por inimiga a treva permanente. Mas a luz vence a treva de qualquer natureza. Iniciamos o labor missionario nesta cidade, sem grandes obstáculos. Os judeus nos ridicularizam e todavia nada encontraram em nossos atos que justifique a perseguição declarada. Os gentios nos abraçam com amor. Nosso esforço desenvolve-se pacificamente e nada nos induz ao desânimo. Os adversários invisíveis, da verdade e do bem, certo lembraram-se de influenciar esta pobre criança, por fazê-la instrumento perturbador de nossa tarefa. E' possível que não me compreendas de pronto; no entanto, a realidade não é outra.

Tamiris, contudo, deixando entrever que padecia da mesma influencia perniciosa, bradou enraivecido:

— Sois um feiticeiro imundo! Esta é que é a verdade. Mistificador do povo simplório e rude, não passais

de réles sedutor de moças impressionaveis. Insultaí uma viúva e um homem honesto, qual sou, insinuando-vos no espírito frágil de uma orfã de pai.

Espumava de cólera. Paulo ouviu-lhe as diatribes, com grande presença de espírito.

Quando o moço cansou de esbravejar, o Apóstolo tomou o manto, fez um gesto de despedida e acentuou:

— Quando somos sinceros, estamos em repouso invulnerável; mas cada um aceita a verdade como pode. Pensa, pois, e entende como puderem.

E abandonou o recinto para ir ter com Barnabé.

Os parentes de Tecla, porém, não descansaram em face do que consideravam um ultraje. Na mesma noite, valendo-se do pretexto, as autoridades judaicas de Icônio ordenaram a prisão do emissário da Boa-Nova. A fileira dos descontentes afluiu à porta de Onesiforo, vociferando impropérios. A-pesar-da interferencia dos amigos, Paulo foi arrastado ao cárcere, onde sofreu o suplício dos trinta e nove açoites. Acusado como sedutor e inimigo das tradições da familia, ao demais blasfemo e revolucionario, foi indispensável muita dedicação dos confrades recém convertidos para restituir-lhe a liberdade.

Depois de cinco dias de prisão com severos castigos, Barnabé o recebeu exultante de alegria.

O caso de Tecla revestira proporções de grande escândalo, mas o Apóstolo, na primeira noite de liberdade, reuniu a igreja doméstica, fundada com Onesifiro e esclareceu a situação, para conhecimento de todos.

Barnabé considerou impossível ali ficarem por mais tempo. Novo atrito com as autoridades poderia prejudicar-lhes a tarefa. Paulo, entretanto, mostrava-se bastante resoluto. Se preciso, voltaria a pregar o Evangelho na via pública, revelando a verdade aos gentios, já que os filhos de Israél se compraziam nos desvios clamorosos.

Chamados a opinar, Onesiforo ponderou a situação da pobre moça, transformada em objeto da ironia popular. Tecla era noiva e orfã de pai. Tamiris havia

criado a lenda de que Paulo não passava de poderoso feiticeiro. Se, na qualidade de noiva, ela fôsse encontrada novamente junto do apóstolo, mandava a tradição que fôsse condenada á fogueira.

Ciente das superstições regionais, o ex-rabino não hesitou um minuto. Deixaria Iconio, no dia imediato. Não que capitulasse diante do inimigo invisível, mas porque a igreja estava fundada e não era justo cooperar no martírio moral de uma criança.

A decisão do apóstolo mereceu aprovação geral. Assentaram-se as bases para a continuação do aprendizado evangélico. Onesíforo e os demais irmãos assumiram o compromisso de velar pelas sementes recebidas como dádiva celestial.

No curso das conversações, Barnabé estava pensativo. Para onde iriam? Não seria justo pensar na volta? As dificuldades avultavam dia a dia e a saúde de ambos, desde a internação nas margens do Cestrus, era muito inconstante. O discípulo de Pedro, contudo, conhecendo o ânimo e o espírito de resolução do companheiro, esperou pacientemente que o assunto aflorasse espontanea e naturalmente.

Em socorro dos seus cuidados, um dos amigos presentes interrogou Paulo com vivacidade.

— Quando pretendem partir?

— Amanhã — respondeu o Apóstolo.

— Mas, não será melhor repousar alguns dias? Tendes as mãos inchadas e o rosto ferido pelos açoites.

O ex-doutor sorriu e falou prazenteiro:

— O serviço é de Jesus e não nosso. Se cuidarmos muito de nós mesmos, nesse capítulo de sofrimentos, não daremos conta do recado; e se paralisarmos a marcha nos lances difíceis, ficaremos com os tropeços e não com o Cristo.

Seus argumentos pitorescos e concludentes espalhavam uma atmosfera de bom humor.

— Voltareis á Antioquia? — perguntou Onesíforo com atenção.

Barnabé aguçou os ouvidos para conhecer detalhadamente a resposta, enquanto o companheiro retrucava:

— Certo que não: Antioquia já recebeu a Boa Nova da redenção. E a Licaonia?

Olhando agora para o ex-levita de Chipre, como a solicitar a sua aprovação, acentuava:

— Marcharemos para a frente. Não estás de acordo, Barnabé? Povos da região precisam do Evangelho. Se estamos tão satisfeitos com as notícias de Cristo, porque nega-las aos que necessitam do batismo da verdade e da nova fé?!

O companheiro fez um sinal afirmativo e concordou, resignado:

— Sem dúvida. Iremos para a frente; Jesus nos auxiliará.

E os presentes passaram a comentar a posição de Listra, bem como os costumes interessantes da sua gente simples. Onesíforo tinha lá uma irmã viúva, por nome Loide. Daria uma carta de recomendação aos missionários. Seriam hóspedes de sua irmã, durante o tempo que precisassem.

Os dois pregueiros do Evangelho rejubilaram-se. Principalmente Barnabé não cabia em si de contentamento, afastando a idéia triste de ficarem completamente isolados.

No dia seguinte, sob comovidos adeuses, os missionários tomavam a estrada que os conduziria ao novo campo de lutas.

Após viagem penosíssima, chegaram á pequena cidade, num crepúsculo pardacento. Estavam exhaustos.

A irmã de Onesíforo, no entanto, foi pródiga em gentilezas. Velha viúva de um grego abastado, Loide morava em companhia de sua filha Eunice, igualmente viúva, e de seu neto Timóteo, cuja inteligência e generosos sentimentos de menino constituiam o maior encanto das duas senhoras. Os mensageiros da Boa Nova foram recebidos nesse lar com inequivocas provas de simpatia. O inexcedível carinho dessa família foi um bálsamo confortador para ambos. Conforme seu hábito, Paulo referiu-se na primeira oportunidade ao desejo

imenso de trabalhar, durante o tempo de sua permanência em Listra, de modo a não se tornar passível de maledicencia ou crítica, mas a dona da casa opôs-se terminantemente. Seriam seus hóspedes. Bastava a recomendação de Onesiforo para que ficassem tranquilos. Além disso, explicava: Listra era uma cidade muito pobre, possuía apenas duas tendas humildes, onde nunca se faziam tapetes.

Paulo estava muito sensibilizado com o acolhimento carinhoso. Na mesma noite da chegada, observou a ternura com que Timóteo, tendo pouco mais de treze anos, tomava os pergaminhos da Lei de Moisés e os Escritos Sagrados dos Profetas. Deixou o apóstolo que as duas senhoras comentassem as revelações em companhia do menino, até que fosse chamado a intervir. Quando tal se deu, aproveitou o ensejo para fazer a primeira apresentação de Cristo ao coração enlevado dos ouvintes. Tão logo começou a falar, observou a profunda impressão das duas mulheres, cujos olhos brilhavam enternecidos; mas o pequeno Timóteo ouvia-o com tais demonstrações de interesse que, muitas vezes, lhe acariciou a fronte pensativa.

Os parentes de Onesiforo receberam a Boa Nova com júbilos infinitos. No dia imediato não se falou de outra causa. O rapaz fazia interrogações de toda a especie. O Apóstolo, porém, atendia-o com alegria e interesse fraternais.

Durante três dias os missionários entregaram-se a caricioso descanso das energias físicas. Paulo aproveitou a ocasião para conversar largamente com Timóteo, junto do grande curral onde as cabras se recolhiam.

Sómente no sábado, procuraram tomar contacto mais íntimo com a população. Listra estava cheia das mais estranhas lendas e credices. As famílias judaicas eram muito raras e o povo simplório aceitava como verdades todos os símbolos mitológicos. A cidade não possuía sinagoga, mas um pequeno templo consagrado a Júpiter, que os camponeses aceitavam como o pai absoluto dos deuses do Olimpo. Havia um culto orga-

nizado. As reuniões efetuavam-se periodicamente, os sacrifícios eram numerosos.

Numa praça nua movimentava-se o mercado parco, pela manhã.

Paulo compreendeu que não encontraria melhor local para o primeiro contacto direto com o povo.

Do cimo de uma tribuna improvisada de pedras superpostas, começou a прégação em voz forte e como-vedora. Os populares aglomeravam-se de súbito. Alguns surgiam das casas pacíficas, para verificar o motivo do compacto ajuntamento. Ninguem se lembrou das aquisições de carne, de frutas, de verduras. Todos queriam ouvir o desconhecido forasteiro.

O apóstolo falou, primeiramente, das profecias que haviam anunciado a vinda do Nazareno e, em seguida, passou a relatar os feitos de Jesus entre os homens. Pintou a paisagem da Galiléia com as cores mais brilhantes do seu genio descriptivo, falou da sua humildade e da sua abnegação. Quando se referia ás curas prodigiosas que o Cristo realizara, notou que um pequeno grupo de assistentes lhe dirigiam chufas. Inflamado de fervor na sua parenética, Paulo recordou o dia em que vira Estêvão curar uma jovem muda, em nome do Senhor.

Crente de que o Mestre não o desampararia, passeou o olhar pela turba numerosa. A distancia de alguns metros enxergou um mendigo miserável, que se arrastava penosamente. Impressionado com o discurso evangélico, o aleijado de Listra aproximou-se, bracejando no solo e, sentando-se com dificuldade, fixou os olhos no pregador que o observava sumamente comovido.

Renovando os valores da sua fé, Paulo contemplou-o com energia e falou com autoridade:

— Amigo, em nome de Jesus, levanta-te!

O mísero, olhos fixos no apóstolo, levantou-se com facilidade, enquanto a multidão dava gritos, surpreendida. Alguns recuaram aterrados. Outros procuraram o vulto de Paulo e o de Barnabé, contemplando-os, deslumbrados e satisfeitos. O aleijado começou a saltar

de alegria. Conhecido na cidade, de longa data, a cura prodigiosa não deixava a menor dúvida.

Muitas pessoas se ajoelharam. Outras correram aos quatro cantos de Listra para anunciar que o povo havia recebido a visita dos deuses. A praça encheu-se em poucos minutos. Todos queriam ver o mendigo reintegrado nos seus movimentos livres. Espalhou-se o sucesso, rapidamente. Barnabé e Paulo eram Júpiter e Mercúrio descendidos do Olimpo. Os apóstolos, jubilosos com a dádiva de Jesus, mas, profundamente surpreendidos com a atitude dos licaonios, perceberam logo o mal-entendido. Em meio do respeito geral, Paulo subiu de novo á tribuna improvisada, explicando que ele e o companheiro eram simples criaturas mortais e realçando a misericordia de Cristo, que se dignara ratificar a promessa do Evangelho, naquele minuto inesquecível. Debalde, porém, multiplicava os seus esclarecimentos. Todos lhe ouviam a palavra genuflexos, em atitude estática. Foi aí que um velho sacerdote, paramentado segundo os hábitos da época, surgiu inesperadamente conduzindo dois bois engrinaldados de flores, com ademanhes e medidas solenes. Em voz alta, o ministro de Júpiter convida o povo ao ceremonial do sacrifício aos deuses vivos.

Paulo percebe o movimento popular e descendo ao centro da praça grita com toda força dos pulmões, abrindo a túnica na altura do peito:

— Não cometais sacrilégios!... não somos deuses!... Vêde!... somos simples criaturas de carne!...

Seguido de perto por Barnabé, arrebata das mãos do velho sacerdote a delicada trança de couro que prendia os animais, soltando os dois touros pacíficos, que se puseram a devorar as verdes coroas.

O ministro de Júpiter quis protestar, calando-se em seguida, muito desapontado. E entre os mais estravagantes comentários, os missionários bateram em retira da, ansiosos por um local de oração, onde pudessem elevar a Jesus seus votos de alegria e reconhecimento.

— Grande triunfo! — disse Barnabé quase orgu-

lhoso. — As dádivas de Cristo foram numerosas, o Senhor lembra-se de nós!...

Paulo ficou pensativo e redarguiu:

— Quando recebemos muitos favores, precisamos pensar nos muitos testemunhos. Penso que experimentaremos grandes provações. Aliás, não devemos esquecer que a vitória da entrada do Mestre em Jerusalém precedeu os suplícios da cruz.

O companheiro, considerando o elevado sentido das afirmações, entrou a meditar em profundo silêncio.

Loide e a filha estavam radiantes. A cura do aleijado conferia aos mensageiros da Boa-Nova singular situação de evidencia. Paulo valeu-se da oportunidade para fundar o primeiro nucleo do cristianismo na pequena cidade. As providencias iniciais foram tomadas na residencia da generosa viúva, que pôs á disposição dos missionários todos os recursos ao seu alcance.

Tal como em Néa-Paphos, estabeleceram num cabsre muito humilde a séde das atividades de informações e de auxilio. Em lugar de João Marcos, era o pequeno Timóteo quem auxiliava em todos os mistérios. Numerosas pessoas copiavam o Evangelho, durante o dia, enquanto os enférmos acorriam de toda a parte, cadiados de imediata assistencia.

Nada obstante um tal exito, crescia igualmente a animosidade de uns tantos, contra a nova doutrina.

Os poucos judeus de Listra deliberaram consultar as autoridades de Icônio, relativamente aos dois desconhecidos. E foi isso o bastante para que se turvassem os horizontes. Os comisionários regressaram com um acervo de notícias ingratas. O caso de Tecla era pintado a cores negras. Paulo e Barnabé eram acusados de blasfemos, feiticeiros, ladrões e sedutores de mulheres honestas. Paulo, principalmente, era apresentado como revolucionario temível. O assunto, em Listra, foi discutido "intra muros". Os administradores da cidade convidaram o sacerdote de Júpiter a entrar na campanha contra os embusteiros e, com a mesma facilidade com que haviam acreditado na sua condição de deuses, pas-

saram todos a atribuir aos pregadores as maiores perversões. Combinaram-se providências criminosas. Desde a chegada dos dois desconhecidos, que falavam em nome de um novo profeta, Listra vivia sobressaltada por idéias diferentes. Era preciso coibir os abusos. A palavra de Paulo era audaciosa e requeria corretivo eficaz. Finalmente, deliberaram que o fogoso pregador fosse apedrejado na primeira ocasião que falasse em público.

Ignorando o que se tramava, o Apóstolo dos gentios, deixando Barnabé acamado por excesso de trabalho, fez-se acompanhar do pequeno Timóteo, no sábado imediato ao entardecer, até a praça pública onde, mais uma vez, anunciaria as verdades e promessas do Evangelho do Reino.

O logradouro apresentava movimento invulgar. O pregador notou a presença de muitas fisionomias suspeitas e absolutamente desconhecidas. Todos lhe acompanhavam os mínimos gestos com evidente curiosidade.

Com a máxima serenidade, subiu à tribuna e começou a falar das glórias eternas que o Senhor Jesus havia trazido à Humanidade sofredora. No entanto, mal não havia iniciado o sermão evangélico, quando, aos gritos furiosos dos mais exaltados, começaram a chover pedras em barda.

Paulo recordou subitamente a figura inesquecível de Estêvão. Certo, o Mestre lhe reservara o mesmo gênero de morte, para que se redimisse do mal infligido ao mártir da igreja de Jerusalém. Os pequenos e duros granizos caiam-lhe nos pés, no peito, na fronte. Sente o sangue a escorrer-lhe da cabeça ferida e ajoelha-se, sem uma queixa, rogando a Jesus que o fortaleça no angustioso transe.

Nos primeiros momentos, Timóteo aterrado põe-se a gritar, suplicando socorro; mas um homem de braços atléticos, aproxima-se cauteloso e murmura-lhe no ouvido:

— Cála-te se queres ser útil...

— E's tu, Gaio? — exclamou o pequeno de olhos lacrimosos, experimentando certo conforto em reconhecer um rosto amigo no pandemonio em que se via.

— Sim — disse o outro baixinho — aqui estou para socorrer o Apóstolo. Não posso esquecer que ele curou minha mãe.

E olhando o movimento da turba criminosa, acrescentou:

— Não temos tempo a perder. Não tardará que o levem ao monturo. Se tal se der, procura seguir-nos com um pouco de água. Se o missionário não sucumbe, prestarás os primeiros socorros, até que eu consiga prevenir tua mãe!...

Separaram-se imediatamente. Ralado de aflição, o rapaz viu o pregador de joelhos, olhos fitos no céu, num transporte inesquecível. Filetes de sangue desciam-lhe da fronte fraturada. Em dado momento, a cabeça pendeu e o corpo tombou desamparado. A multidão parecia tomada de assombro. Prevalecendo-se da situação em que não se observavam diretrizes prévias, Gaio insinuou-se. Aproximou-se do Apóstolo inerme, fez um gesto significativo para o povo e bradou:

— O feiticeiro está morto!...

Sua figura gigantesca despertara as simpatias da turba inconsciente. Estrugiram aplausos. Os que haviam promovido o nefando atentado, desapareceram. Gaio compreendeu que ninguém ousava assumir a responsabilidade individual. Em estranhas vibrações, bradavam os mais perversos:

— Fóra das portas!... fóra das portas!... Feiticeiro ao monturo!... Feiticeiro ao montu...u...ro!...

O amigo de Paulo disfarçando a comiseração com gestos de ironia, falou à multidão satisfeita:

— Levarei os despojos do bruxo!

A turba fez um alarido ensurdecedor e Gaio procurou arrastar o missionário com a cautela possível. Atravessaram vielas extensas, em grito, até que, atingindo um local deserto, um tanto distante dos muros de Listra, deixaram Paulo semi-morto, na montureira do lixo.

O latagão inclinou-se, como a verificar a morte do apedrejado e observando, cuidadosamente, que ainda vivia, gritou:

— Deixemo-lo aos cães, que se incumbirão do resto! E' preciso celebrar o feito com algum vinho!...

E seguindo o líder daquela tarde, a multidão bateu em retirada, enquanto Timóteo se aproximava do local, valendo-se das sombras da noite que começava a fechar-se. Correndo a um poço mofino, não muito distante, que se destinava á serventia pública, o pequeno encheu o gorro impermeável de agua pura, prestando os primeiros socorros ao ferido. Banhado em lágrimas, notou que Paulo respirava com dificuldade, como se houvesse mergulhado em profundo desmaio. O jóven listrense assentou-se ao seu lado, banhou-lhe a testa ferida com extremos de carinho. Mais alguns minutos e o apóstolo voltava a si para examinar a situação. Timóteo o informou de tudo. Muito compungido, o Apóstolo agradeceu a Deus, pois reconhecia que sómente a misericórdia do Altíssimo poderia ter operado o milagre, por sequestra-lo aos propósitos criminosos da turba inconciente.

Decorridas duas horas, três vultos silenciosos aproximavam-se. Muito aflito, Barnabé deixara o leito, não obstante o estado febril, para acompanhar Loide e Eunice, que, avisadas por Gaio, acorriam com os primeiros socorros.

Todos renderam graças a Jesus, enquanto Paulo tomava pequena dóse de vinho reconfortador. Organização espiritual poderosa, apesar das sevicias físicas, o tecelão de Tarso levantou-se e regressou á casa com os amigos, levemente amparado por Barnabé, que lhe oferecera o braço amigo.

O resto da noite passou-se em conversações carinhosas. Os dois emissários da Boa-Nova temiam agressão do povo ás generosas senhoras que os haviam hospedado e socorrido. Era preciso partir, para evitar maiores incômodos e complicações.

Em vão a palavra de Loide se fez ouvir, procurando dissuadir os pregueiros do Cristo; debalde Timóteo beijou as mãos de Paulo e lhe pediu que não partisse. Receosos de mais tristes consequencias, depois de coordenarem as instruções necessárias á igreja nascente, transpuse-

ram as portas da cidade ao amanhecer, em direção a Derbe, que ficava algo distante.

Depois de penosa caminhada, atingiram o novo setor de trabalho, onde haveriam de estagiari mais de um ano. Embora entregues ao trabalho manual, com que ganhavam o pão da vida, os dois companheiros precisaram de seis meses para restabelecer a saúde comprometida. Como tecelão e oleiro anônimos, Paulo e Barnabé deixaram-se ficar em Derbe longo tempo, sem despertar a curiosidade pública. Só depois de refeitos dos abalos sofridos, recomeçaram a Boa-Nova do Reino de Jesus. Visitando os arredores, provocaram grande interesse da gente simples, pelo Evangelho da redenção. Pequenas comunidades cristãs foram fundadas em ambiente de muitas alegrias.

Após muito tempo de labor, resolveram regressar ao nucleo original do seu esforço. Vencendo etapas difíceis, visitaram e encorajaram todos os irmãos escalonados nas diversas regiões da Licaônia, Galácia e Panfilia.

De Perge desceram á Atália, de onde embarcaram com destino á Seleucia e dali ganharam Antióquia.

Ambos haviam experimentado a dificuldade dos serviços mais rudes. Muita vez se viram perplexos com os problemas intrincados da empresa: em troca da dedicação fraternal, haviam recebido remoques, açoites e acusações périfidas; e contudo, através do abatimento físico e dos gilvazes, irradiavam ondas invisíveis de intenso júbilo espiritual. E' que, entre os espinhos da estrada escabrosa, os dois companheiros desassombrados mantinham ereta a cruz divina e consoladora, espalhando a mancheias as sementes benditas do Evangelho de Redenção.

V

LUTAS PELO EVANGELHO

O regresso de Paulo e Barnabé foi assinalado em Antioquia com imenso regosijo. A comunidade fraternal admirou, profundamente comovida, o feito dos irmãos que haviam levado a regiões tão pobres, e distantes, as sementes divinas da verdade e do amor.

Por muitas noites consecutivas, os recém-chegados apresentaram o relatorio verbal de suas atividades, sem omitir um detalhe. A igreja antioquena vibrou de alegria e rendeu graças ao céu.

Os dois dedicados missionarios haviam voltado em uma fase de grandes dificuldades para a instituição. Ambos perceberam-nas, contristados. As contendas de Jerusalém estendiam-se a toda a comunidade de Antioquia; as lutas da circuncisão estavam acesas. Os proprios chefes mais eminentes estavam divididos pelas afirmativas dogmáticas. Tão alto gráu atingiram os crimes, que as vozes do Espírito Santo não mais se manifestavam. Manahen, cujos esforços na igreja eram indispensaveis, mantinha-se á distancia, em vista das discussões estéreis e venenosas. Os irmãos achavam-se extremamente confusos. Uns eram partidários da circuncisão obrigatoria, outros batiam-se pela independencia irrestrita do Evangelho. Eminentemente preocupado, o pregador tarsense observou as polemicas fúriosas, a respeito de alimentos puros e impuros.

Tentando estabelecer a harmonia geral em torno dos ensinamentos do Divino Mestre, Paulo tomava inu-

tilmente a palavra, explicando que o Evangelho era livre e que a circuncisão era, tão sómente, uma característica convencional da intolerancia judaica. Não obstante sua autoridade inconteste, que se aureolava de prestígio perante a comunidade inteira, em vista dos grandes valores espirituais conquistados na missão, os desentendimentos persistiam.

Alguns elementos chegados de Jerusalém complicaram ainda mais a situação. Os menos rigorosos falavam da autoridade absoluta dos apóstolos galileus. Comentava-se, á sorrelfa, que a palavra de Paulo e Barnabé, por muito inspirada que fôsse nas lições do Evangelho, não era bastante autorizada para falar em nome de Jesus.

A igreja de Antioquia oscilava numa posição de imensa perplexidade. Perdera o sentido de unidade que a caracterizava, dos primórdios. Cada qual doutrinava do ponto de vista pessoal. Os gentios eram tratados com zombarias, organizavam-se movimentos a favor da circuncisão.

Fortemente impressionados com a situação, Paulo e Barnabé combinam um recurso extremo. Deliberam convidar Simão Pedro para uma visita pessoal á instituição de Antioquia. Conhecendo-lhe o espírito liberal de preconceitos religiosos, os dois companheiros endreçam-lhe longa missiva, explicando que os trabalhos do Evangelho precisavam dos seus bons ofícios e insistindo pela sua atuação prestigiosa.

O portador entregou a carta, cuidadosamente, e com grande surpresa para os cristãos antioquenos, o ex-pescador de Cafarnaum chegou á cidade, evidenciando grande alegria, em razão do período de repouso físico que se lhe deparava naquela excursão.

Paulo e Barnabé não cabiam em si de contentes. Acompanhando Simão, viera João Marcos que não abandonara, de todo, as atividades evangélicas. O grupo viveu lindas horas de confidencias intimas, a propósito das viagens missionárias, relatadas inteligentemente pelo ex-rabino, e relativamente aos fatos que se desenrolavam

em Jerusalém, desde a morte do filho de Zebedeu, contados por Simão Pedro com singular colorido.

Depois de bem informado da situação religiosa em Antioquia, o ex-pescador acrescentava:

— Em Jerusalém, nossas lutas são as mesmas. De um lado a igreja cheia de necessitados, todos os dias; de outro as perseguições sem tréguas. No centro de todas as atividades, permanece Tiago com as mais ríspidas exigências. Às vezes, sou tentado a lutar para restabelecer a liberdade dos princípios do Mestre; mas, como proceder? Quando a tempestade religiosa ameaça destruir o patrimônio que conseguimos oferecer aos aflitos do mundo, o farisaísmo esbarra na observância rigorosa do companheiro e é obrigado a paralisar a ação criminosa, encetada, desde muito tempo. Se trabalhar por suprimir-lhe a influência, estarei precipitando a instituição de Jerusalém no abismo da destruição pelas tormentas políticas da grande cidade. E o programa de Cristo? e os necessitados? seria justo prejudicarmos os mais desfavorecidos por causa de um ponto de vista pessoal?

E ante a atenção profunda de Paulo e Barnabé, o bondoso companheiro continuava:

— Sabemos que Jesus não deixou uma solução direta ao problema dos incircuncisos, mas ensinou que não será pela carne que atingiremos o Reino, e sim pelo raciocínio e pelo coração. Conhecendo, porém, a atuação do Evangelho na alma popular, o farisaísmo autoritário não nos perde de vista e tudo envida por exterminar a árvore do Evangelho, que vem desabrochando entre os simples e os pacíficos. É indispensável, pois, todo o cuidado de nossa parte, a fim de não causarmos prejuízos, de qualquer natureza, à planta divina.

Os companheiros faziam largos gestos de aprovação. Revelando sua imensa capacidade para nortear uma ideia e congraçar os numerosos proselitos em divergência, Simão Pedro tinha uma palavra adequada para cada situação, um esclarecimento justo para o problema mais singelo.

A comunidade antioquena regosijava-se. Os gentios não ocultavam o jubilo que lhes ia na alma. O generoso Apóstolo a todos visitava pessoalmente, sem distinção ou preferência. Antepunha sempre um bom sorriso às apreensões dos amigos que receavam a alimentação "impura" e costumava perguntar onde estavam as substâncias que não fossem abençoadas por Deus. Paulo acompanhava-lhe os passos sem dissimular íntima satisfação. Num louvável esforço de congraçamento, o Apóstolo dos gentios fazia questão de leva-lo a todos os lugares onde houvesse irmãos perturbados pelas idéias da circuncisão obrigatória. Estabeleceu-se, rapidamente, notável movimento de confiança e uniformidade de opinião. Todos os confrades exultavam de contentamento.

Eis, porém, que chegam de Jerusalém três emissários de Tiago. Trazem cartas para Simão, que os recebe com muitas demonstrações de estima. Daí por diante, modifica-se o ambiente. O ex-pescador de Cafarnaum, tão dado à simplicidade e à independência em Cristo Jesus, retrai-se imediatamente. Não mais atende aos convites dos incircuncisos. As festividades íntimas e carinhosas, organizadas em sua honra, já não contam com a sua presença alegre e amiga. Na igreja, modificou as mínimas atitudes. Sempre em companhia dos mensageiros de Jerusalém, que nunca o deixavam, parecia austero e triste, jamais referindo-se à liberdade que o Evangelho outorgara à consciência humana.

Paulo observou a transformação, tomado de profundo desgosto. Para o seu espírito habituado, de modo irrestrito, à liberdade de opinião, o fato era chocante e doloroso. Agravava-o a circunstância de partir justamente de um crente como Simão, altamente categorizado e respeitável em todos os sentidos. Como interpretar aquele procedimento em completo desacordo com o que se esperava? Ponderando a grandeza da sua tarefa junto dos gentios, a menor pergunta dos amigos, nesse particular, deixava-o confuso. Na sua paixão pelas atitudes francas, não era dos trabalhadores que conseguem esperar. E após duas semanas de expectação

ansiosa, desejoso de proporcionar uma satisfação aos numerosos elementos incircuncisos de Antioquia, convidado a falar na tribuna para os companheiros, começo por exaltar a emancipação religiosa do mundo, desde a vinda de Jesus Cristo. Passou em revista as generosas demonstrações que o Mestre déra aos publicanos e aos pecadores. Pedro ouvia-o, assombrado com tanta erudição e recurso de hemeneutica para insinuar aos ouvintes os principios mais difíceis. Os mensageiros de Tiago estavam igualmente surpreendidos, a assembléia ouvia o orador atentamente.

Em dado instante, o tecelão de Tarso olhou fixamente para o Apóstolo galileu e exclamou:

— Irmãos, defendendo o nosso sentimento de uniificação em Jesus não posso disfarsar nosso desgosto em face dos ultimos acontecimentos. Quero referir-me á atitude do nosso hóspede muito amado, Simão Pedro, a quem deveríamos chamar "mestre", se esse título não coubesse de fato e de direito ao nosso Salvador. (1)

A surpresa foi grande e o espanto geral. O Apóstolo de Jerusalém tambem estava surpreso, mas parecia muito calmo. Os emissarios de Tiago revelavam profundo mal-estar. Barnabé estava lívido. E Paulo prosseguia sobranceiro:

— Simão tem personificado para nós um exemplo vivo. O Mestre no-lo deixou como rocha de fé imortal. No seu coração generoso temos depositado as mais vastas esperanças. Como interpretar seu procedimento, afastando-se dos irmãos incircuncisos, desde a chegada dos mensageiros de Jerusalém? Antes disso, comparecia aos nossos serões íntimos, comia do pão de nossas mesas. Se assim procuro esclarecer a questão, abertamente, não é pelo desejo de escandalizar a quem quer que seja, mas porque só acredito num Evangelho livre de todos os preconceitos erroneos do mundo, considerando

(1) As observações de Paulo na Epistola aos Gálatas (2: 11-14) referem-se a um fato anterior á reunião dos discípulos. — (Nota de EMMANUEL).

que a palavra de Cristo não está algemada aos interesses inferiores do sacerdócio, de qualquer natureza.

O ambiente carregara-se de nervosismo. Os gentios de Antioquia fitavam o orador, enternecidos e gratos. Os simpatizantes do farisaísmo, ao contrário, não escondiam seu rancor, em face daquela coragem quase audaciosa. Nesse instante, de olhos inflamados por sentimentos indefiníveis, Barnabé tomou a palavra, enquanto o orador fazia uma pausa, e considerou:

— Paulo, sou dos que lamentam tua atitude neste passo. Com que direito poderás atacar a vida pura do continuador de Cristo Jesus?

Isso, inquiria-o ele em tom altamente comovedor, com a voz embargada de lágrimas. Paulo e Pedro eram os seus melhores e mais caros amigos.

Longe de se impressionar com a pergunta, o orador respondeu com a mesma franqueza:

— Temos, sim, um direito: — o de viver com a verdade, o de abominar a hipocrisia, e, o que é mais sagrado — o de salvar o nome de Simão das arremetidas farisaicas, cujas sinuosidades conheço, por constituirem o bátraco escuro de onde pude sair para as claridades do Evangelho da redenção.

A palestra do ex-rabino continuou rude e franca. De quando a quando, Barnabé surgia com um aparte, tornando a contenda mais renhida.

Entretanto, em todo o curso da discussão, a figura de Pedro era a mais impressionante pela augusta serenidade do semblante tranquilo.

Naqueles rápidos instantes, o Apóstolo galileu considerou a sublimidade da sua tarefa no campo de batalha espiritual, pelas vitórias do Evangelho. De um lado estava Tiago, cumprindo elevada missão junto do judaísmo; de suas atitudes conservadoras surgiam incidentes felizes para a manutenção da igreja de Jerusalém, erguida como um ponto inicial para a cristalização do mundo; de outro lado estava a figura poderosa de Paulo, o amigo desassombrado dos gentios, na execução de uma tarefa sublime; de seus atos heroicos, derivava toda uma torrente de iluminação para os povos idóla-

tras. Qual o maior a seus olhos de companheiro que convivera com o Mestre e dele recebera as mais altas lições? Naquela hora, o ex-pescador rogou a Jesus lhe concedesse a inspiração necessaria para a fiel observancia dos seus deveres. Sentiu o espinho da missão cravado em pleno peito, impossibilitado de se justificar com a só intencionalidade de seus atos, a menos que provocasse maior escandalo para a instituição cristã, que mal alvorecia no mundo. De olhos húmidos, enquanto Paulo e Barnabé se debatiam, teve a impressão de ver novamente o Senhor, no dia do Calvario. Ninguem o comprehendera. Nem mesmo os discípulos amados. Em seguida, pareceu vê-lo expirante na cruz do martírio. Uma força oculta induzia-o a ponderar o madeiro com atenção. A cruz de Cristo parecia-lhe, agora, um símbolo de perfeito equilíbrio. Uma linha horizontal e uma linha vertical justapostas, formavam figuras absolutamente retas. Sim, o instrumento do suplício enviava-lhe uma silenciosa mensagem. Era preciso ser justo, sem parcialidade ou falsa inclinação. O Mestre amara a todos, indistintamente. Repartira os bens eternos com todas as criaturas. Ao seu olhar compassivo e magnânimo, gentios e judeus eram irmãos. Experimentava agora, singular acuidade para examinar concienciosamente as circunstancias. Devia amar a Tiago pelo seu cuidado generoso com os israelitas, bem como a Paulo de Tarso pela sua dedicação xetraordinaria a todos quantos não conheciam a idéia do Deus justo.

O ex-pescador de Cafarnaum notou que a maioria da assembléia lhe dirigia curiosos olhares. Os companheiros de Jerusalém deixavam perceber cólera íntima, na extrema palidez do rosto. Todos pareciam convoca-lo á discussão. Barnabé tinha os olhos vermelhos de chorar e Paulo parecia cada vez mais franco, verberando a hipocrisia com a sua logica fulminante. O Apóstolo preferiria o silencio, de modo a não perturbar a fé ardente de quantos se arrebanhavam na igreja sob as luzes do Evangelho; mediu a extensão da sua responsabilidade naquele minuto inesquecível. Encolerizar-se seria negar os valores do Cristo e perder suas obras;

inclinlar-se para Tiago seria a parcialidade; dar absoluta razão aos argumentos de Paulo, não seria justo. Procurou arregimentar na mente os ensinamentos do Mestre e lembrou a inolvidavel sentença: — o que desejasse ser o maior, fôsse o servo de todos. Esse preceito proporcionou-lhe imenso consôlo e grande força espiritual.

A polemica ia cada vez mais ardida. Extremavam-se os partidos. A assembléia estava repleta de cochichos abafados. Era natural prever uma franca explosão.

Simão Pedro levantou-se. A fisionomia estava serena, mas os olhos estavam róridos de lágrimas que não chegavam a correr.

Valendo-se de uma pausa mais longa, ergueu a voz que logo apaziguou o tumulto:

— Irmãos! — disse nobremente — muito tenho errado neste mundo. Não é segredo para ninguem que cheguei a negar o Mestre no instante mais doloroso do Evangelho. Tenho medido a misericordia do Senhor pela profundidade do abismo de minhas fraquezas. Se errei entre os irmãos muito amados de Antioquia, peço perdão de minhas faltas. Submeto-me ao vosso julgamento e rogo a todos que se submetam ao julgamento do Altissimo.

A estupefação foi geral. Compreendendo o efeito, o ex-pescador concluiu a justificativa dizendo:

— Reconhecida a extensão das minhas necessidades espirituais e recomendando-me ás vossas preces, passemos, irmãos, aos comentários do Evangelho de hoje.

A assistencia estava assombrada com o desfêcho imprevisto. Esperava-se que Simão Pedro fizesse um longo discurso em represália. Ninguem conseguia recobrar-se da surpresa. O Evangelho deveria ser comentado pelo Apóstolo galileu, mediante combinação prévia, mas o ex-pescador, antes de sentar-se, de novo exclamou muito sereno:

— Peço ao nosso irmão Paulo de Tarso o obséquio de consultar e comentar as anotações de Levi.

Não obstante o constrangimento natural, o ex-rabino considerou o elevado alcance daquele pedido, renovou num ápice todos os sentimentos extremistas do coração ardente e, num formoso improviso, falou da leitura dos pergaminhos da Boa-Nova.

A atitude ponderada de Simão Pedro salvara a igreja nascente. Considerando os esforços de Paulo e de Tiago, no seu justo valor, evitara o escândalo e o tumulto no recinto do santuário. A' custa de sua abnegação fraternal, o incidente passou quase inapercebido na história da cristandade primitiva, e nem mesmo a referencia leve de Paulo na epistola aos Gálatas, a despeito da forma rígida, expressional do tempo, pode dar idéia do perigo iminente do escândalo que pairou sobre a instituição cristã, naquele dia memorável.

A reunião terminou sem novos atritos. Simão aproximou-se de Paulo e felicitou-o pela beleza e eloquência do discurso. Fez questão de voltar ao incidente para versa-lo com referências amistosas. O problema do gentilismo, dizia ele, merecia, de fato, muito interesse. Como desherdar das luzes de Cristo os que haviam nascido distante das comunidades judaicas, se o próprio Mestre afirmara que os discípulos chegariam do Ocidente e do Oriente? A palestra suave e generosa reaproximou Paulo e Barnabé, enquanto o ex-pescador discorria intencionalmente, acalmando os animos.

O ex-doutor da Lei continuou a defender sua tese com argumentação sólida. Constrangido a princípio, em face da benevolência do galileu, expandiu-se naturalmente, readquirindo a serenidade íntima. O problema era complexo. Transportar o Evangelho para o judaísmo, não seria asfixiar-lhe as possibilidades divinas? — perguntava Paulo, firmando seu ponto de vista. Mas, e o esforço milenário dos judeus? — interrogava Pedro, advertindo que, a seu ver, se Jesus afirmara sua missão como o exato cumprimento da Lei, não era possível afastar-se a nova da antiga revelação. Proceder de outro modo seria arrancar do tronco vigoroso o galho verdejante, destinado a frutecer.

Examinando aqueles argumentos ponderosos, Paulo

de Tarso lembrou, então, que seria razoável promover em Jerusalém uma assembléia dos correligionários mais dedicados, para ventilar o assunto com maior amplitude. Os resultados, a seu ver, seriam benéficos, por apresentarem uma norma justa de ação, sem margem a sofismas tão de gosto e hábito farisáicos.

Como alguém que se sentisse muito alegre por encontrar a chave de um problema difícil, Simão Pedro anuiu de bom grado à proposta, assegurando interessar-se para que a reunião se fizesse quanto antes. Intimamente, considerou que seria ótima oportunidade para os discípulos de Antioquia observarem as dificuldades crescentes em Jerusalém.

A' noite, todos os irmãos compareceram à igreja para as despedidas de Simão e para as preces habituais. Pedro orou com santificado fervor e a comunidade sentiu-se envolvida em benéficas vibrações de paz.

O incidente a todos deixara tal ou qual perplexidade, mas, as atitudes prudentes e afaveis do pescador conseguiram manter a coesão geral em torno do Evangelho, para continuação das tarefas santificantes.

Depois de observar a plena reconciliação de Paulo e Barnabé, Simão Pedro regressou a Jerusalém com os mensageiros de Tiago.

Em Antioquia, a situação continuou instável. As discussões estéreis prosseguiam acesas. A influencia judaizante combatia a gentilidade e os cristãos livres opunham resistência formal ao convencionalismo preconceituoso. O ex-rabino, entretanto, não descansava. Convocou reuniões nas quais esclareceu as finalidades da assembléia que Simão lhes prometera em Jerusalém, na primeira oportunidade. Combatente ativo, multiplicou as energias próprias na sustentação da independência do cristianismo e prometeu publicamente que traria cartas da igreja dos Apóstolos galileus, que garantissem a posição dos gentios na doutrina consoladora de Jesus, alijando-se as imposições absurdas, no caso da circuncisão.

Suas providências e promessas acendiam novas lutas. Os observadores rigorosos dos preceitos antigos

duvidavam de semelhantes concessões por parte de Jerusalém.

Paulo não desanimou. Intimamente, idealizava sua chegada á igreja dos Apóstolos, passava em revista, na imaginação superexcitada, toda a argumentação poderosa a empregar, e via-se vencedor na questão que se delineava a seus olhos como de essencial importância para o futuro do Evangelho. Procuraria mostrar a elevada capacidade dos gentios para o serviço de Jesus. Contaria os sucessos obtidos na longa excursão de mais de quatro anos, através das regiões pobres e quase desconhecidas, onde a gentilidade havia recebido as notícias do Mestre com intenso júbilo e compreensão muito mais elevada que a dos seus irmãos de raça. Alargando os projetos generosos, deliberou levar em sua companhia o jóvem Tito, que, embora oriundo das fileiras pagãs e não obstante contar vinte anos incompletos, representava na igreja de Antioquia uma das mais lúcidas inteligências a serviço do Senhor. Desde a vinda de Tarso, Tito afeiçoara-se-lhe como um irmão generoso. Notando-lhe a índole laboriosa, ensinara-lhe o ofício de tapeceiro e fôra ele o seu substituto na tenda humilde, por todo o tempo que durou a primeira missão. O rapaz seria um expoente do poder renovador do Evangelho. Certamente, quando falasse da reunião, surpreenderia os mais doutos com os seus argumentos de alto teor exegético.

Acariciando esperanças, Paulo de Tarso tomou todas as providências para que o êxito de seus planos não falhasse.

Ao fim de quatro meses, um emissário de Jerusalém trazia a esperada notificação de Pedro, referente á assembleia. Coadjuvado pela operosidade de Barnabé, o ex-rabino acelerou as providências indispensáveis. Na véspera de partir, subiu á tribuna e renovou a promessa das concessões esperadas pelo gentilismo, insensível ao sorriso ironico que alguns israelitas disfarsavam cautelosamente.

Na manhã imediata, a pequena caravana partiu.

Compunham-na Paulo e Barnabé, Tito e mais dois irmãos, que os acompanhavam em caráter de auxiliares.

Fizeram uma viagem vagarosa, escalando em todas as aldeias, para as pregações da Boa-Nova, disseminando curas e consolações.

Depois de muitos dias, chegaram a Jerusalém, onde foram recebidos por Simão, com inexcedível contentamento. Em companhia de João, o generoso Apóstolo ofereceu-lhes fraternal acolhida. Ficaram todos no departamento em que se localizavam numerosos necessitados e doentes. Paulo e Barnabé examinaram as modificações introduzidas na casa. Outros pavilhões, embora humildes, estendiam-se além, cobrindo não pequena área.

— Os serviços aumentaram — explicava Simão bondosamente — os enfermos que nos batem ás portas, multiplicam-se todos os dias. Foi preciso construir novas dependências.

A fileira de catres parecia não ter fim. Aleijados e velhinhos distraíam-se ao sol, entre as árvores amigas do quintal.

Paulo estava admirado com a amplitude das obras. Daí a pouco, Tiago e outros companheiros vinham saudar os irmãos da instituição antioquena. O ex-rabino fixou o Apóstolo que chefiava as pretensões do judaísmo. O filho de Alfeu aparecia-lhe, agora, radicalmente transformado. Suas feições eram de um "mestre de Israél", com todas as características indefiníveis dos hábitos farisíacos. Não sorria. Os olhos deixavam perceber uma presunção de superioridade que raiava pela indiferença. Seus gestos eram medidos como os de um sacerdote do Templo, nos atos ceremoniais. O tecelão de Tarso tirou suas ilações íntimas e esperou a noite em que se iniciariam as discussões preparatórias. A claridade de algumas tochas, sentavam-se em torno de extensa mesa diversos personagens que Paulo não conhecia. Eram novos cooperadores da igreja de Jerusalém, explicava Pedro, com bondade. O ex-rabino e Barnabé não tiveram boa impressão, á primeira vista. Os desconhecidos assemelhavam-se a figuras do Sinhédrio, na sua posição hierárquica e convencional.

Chegados ao recinto, o convertido de Damasco experimentou sua primeira decepção. Observando que os representantes de Antioquia se faziam acompanhar por um jovem, Tiago adiantou-se e perguntou:

— Irmãos, é justo saibamos quem é o rapaz que trazeis a este cenáculo discreto. Nossa preocupação é fundamentada nos preceitos da tradição que manda examinar a procedência da juventude, a-fim-de que os serviços de Deus não sejam perturbados.

— Este é o nosso valoroso colaborador de Antioquia — explicou Paulo entre orgulhoso e satisfeito — chama-se Tito e representa uma de nossas grandes esperanças na seara de Jesus Cristo.

O apóstolo fixou-o sem surpresa e tornou a perguntar:

— E' filho do povo eleito?

— E' descendente de gentios — afirmou o ex-rabino quase com altivez.

— Circuncidado? — interrogou o filho de Alfeu ciosamente.

— Não.

Este não, de Paulo, foi dito com tal ou qual enfado. As exigências de Tiago enervavam-no. Ouvindo a negativa, o Apóstolo galileu esclareceu em tom firme:

— Penso, então, que não será justo admiti-lo na assembléia, visto não ter ainda cumprido todos os preceitos.

— Apelamos para Simão Pedro — disse Paulo convicto — Tito é representante de nossa comunidade.

O ex-pescador de Cafarnaum estava lívido. Colocado entre os dois grandes representantes do judaísmo e da gentilidade, tinha que decidir cristãamente o impasse inesperado.

Como sua intervenção direta demorasse alguns minutos, o tecelão tarsense continuou:

— Aliás, esta reunião deverá resolver estas questões palpitantes, a-fim-de que se estabeleçam os direitos legítimos dos gentios.

Simão, porém, conhecendo ambos os contendores, deu-se pressa em opinar, exclamando em tom conciliador:

— Sim, o assunto será objeto de nosso atencioso exame na assembléia. — E dirigindo intencionalmente o olhar ao ex-rabino, prosseguia explicando: — apelas para mim e aceito o recurso; no entanto, devemos estudar a objeção de Tiago mais detidamente, pois trata-se de um chefe dedicado desta casa e não seria justo desprezar-lhe os prestimos. De fato, o conselho discutirá esses casos, mas isso significa que o assunto ainda não está resolvido. Proponho, então, que o irmão Tito seja circuncidado amanhã, para que participe dos debates com a inspiração superior que lhe conheço. E tão só com essa providencia os horizontes ficarão necessariamente aclarados, para tranquilidade de todos os discípulos do Evangelho.

A sutileza do argumento removeu os impecilhos. Se não agradou a Paulo, satisfez a maioria e, regressando o jovem de Antioquia para o interior da casa, a assembléia começou pelas discussões preliminares. O ex-rabino estava taciturno e abatido. A atitude de Tiago, os novos elementos estranhos ao Evangelho, que teriam de votar na reunião, o gesto conciliador de Simão Pedro, desgostava-o profundamente. Aquela imposição no caso de Tito figurava-se-lhe um crime. Tinha impetos de regressar á Antioquia, acusar de hipócritas e "sepulcros caiados" os irmãos judaizantes. Mas, as cartas de emancipação que havia prometido aos companheiros da gentilidade? Não seria mais conveniente realçar seus melindres feridos por amor aos irmãos de ideal? Não seria mais justo aguardar deliberações definitivas e humilhar-se? A lembrança de que os amigos contavam com as suas promessas acalmou-o. Fundamente desapontado, o convertido de Damasco acompanhou atento os primeiros debates. As questões iniciais davam idéia das grandes modificações que procuravam introduzir no Evangelho do Mestre.

Um dos irmãos presentes chegava a ponderar que os gentios deviam ser considerados como o "gado" do povo de Deus: bárbaros que importava submeter á força, a-fim-de serem empregados nos trabalhos mais pesados dos escolhidos. Outro indagava se os pagãos

eram semelhantes aos outros homens convertidos a Moisés ou a Jesus. Um velho de feições rígidas, chegava ao dispautorio de afiançar que o homem só vingava completar-se depois de circuncisão. A' margem da gentilidade, outros temas futeis vinham á balha. Houve quem lembrasse que a assembléia devia regular os deveres concernentes aos alimentos impuros, bem como sobre o processo mais alequado á ablucão das mãos. Tiago argumentava e discorria como profundo conhecedor de todos os preceitos. Pedro ouvia, com grande serenidade. Nunca respondia quando a tese assumia o caráter de conversação, e aguardava momento oportuno para manifestar-se. Sómente tomou atitude mais enérgica, quando um dos componentes do conselho pediu para que o Evangelho de Jesus fôsse encorporado ao livro dos profetas, ficando subordinado á Lei de Moisés para todos os efeitos. Foi a primeira vez que Paulo de Tarso notou o ex-pescador intransigente e quase rude, explicando o absurdo de semelhante sugestão.

Os trabalhos foram paralisados alta noite, em fase de pura preparação. Tiago recolheu os pergaminhos com anotações, orou de joelhos e a assembléia dispersou-se para nova reunião no dia imediato.

Simão procurou a companhia de Paulo e Barnabé, para dirigir-se aos aposentos de repouso.

O tecelão de Tarso estava consternado. A circuncisão de Tito surgia-lhe como derrota dos seus princípios intransigentes. Não se conformava, fazendo sentir ao ex-pescador a extensão de suas contrariedades.

— Mas que vem a ser tão pequena concessão — interrogava o apóstolo de Cafarnaum sempre afavel — em face do que pretendemos realizar? Precisamos de ambiente pacífico para esclarecer o problema da obrigatoriedade da circuncisão. Não firmaste compromisso com o gentilismo de Antioquia?

Paulo recordou a promessa que fizera aos irmãos e concordou:

— Sim, é verdade.

— Reconhegamos, pois, a necessidade de muita calma para chegar ás soluções precisas. As dificuldades,

neste sentido, não prevalecem tão só para a igreja antioquena. As comunidades de Cesaréia, de Joppe, bem como de outras regiões, encontram-se atormentadas por esses casos transcendentes. Bem sabemos que todas as cerimônias externas são de evidente inutilidade para a alma; mas tendo em vista os princípios respeitaveis do judaísmo, não podemos declarar guerra de morte ás suas tradições, de um momento para outro. Será justo lutar com muita prudencia sem ofender rudemente a ninguem.

O ex-rabino escutou as admoestações do apóstolo e recordando as lutas que ele proprio assistira no ambiente farisáico, pôs-se a meditar silenciosamente.

Mais alguns passos e atingiram a sala arborada em dormitório de Pedro e João. Entraram. Enquanto Barnabé e o filho de Zebedeu se entregavam a animada palestra, Paulo sentou-se ao lado do ex-pescador, mergulhando-se em profundos pensamentos.

Depois de alguns instantes, o ex-doutor da Lei saindo da sua abstração, chamou Pedro, murmurando:

— Custa-me concordar com a circuncisão de Tito, mas não vejo outro recurso.

Atraídos por aquela confissão, Barnabé e João puseram-se tambem a ouvi-lo atentamente.

— Mas, curvando-me á providencia — continuou com inexcedivel franqueza — não posso deixar de reconhecer no fato uma das mais altas demonstrações de fingimento. Concordarei naquilo que não aceito de modo algum. Quase me arrependo de ter assumido compromissos com os nossos amigos de Antioquia; não supunha que a política abominavel das sinagogas houvese invadido totalmente a igreja de Jerusalém.

O filho de Zebedeu fixou no convertido de Damasco os olhos muito lúcidos, ao passo que Simão respondia serenamente:

— A situação é, de fato, muito delicada. Principalmente depois do sacrificio de alguns companheiros mais amados e preinstimosos, as dificuldades religiosas em Jerusalém multiplicam-se todos os dias.

E vagueando o olhar pelo aposento, como se quisesse traduzir fielmente o seu pensamento, continuou:

— Quando se agravou a situação, cogitei da possibilidade de me transferir para outra comunidade; em seguida, pensei em aceitar a luta e reagir; mas, uma noite, tão bela como esta, orava eu neste quarto, quando percebi a presença de alguém que se aproximava devagarinho. Eu estava de joelhos quando a porta se abriu com imensa surpresa para mim. Era o Mestre! Seu rosto era o mesmo dos formosos dias de Tiberíades. Fitou-me grave e terno, e falou: — “Pedro, atende aos ‘filhos do Cálvário’, antes de pensar nos teus caprichos!” A maravilhosa visão durou um minuto, mas, logo após, pôs-me a recordar os velhinhos, os necessitados, os ignorantes e doentes que nos batem á porta. O Senhor recommentava-me atenção para os portadores da cruz. Desde então, não desejei mais que servi-Lo.

O apóstolo tinha os olhos húmidos e Paulo sentia-se bastante impressionado, pois lembrava que ouvira a expressão “filhos do Calvário” dos lábios espirituais de Abigail, quando da sua gloria visão, no silêncio da noite, quando se aproximava de Tarso.

— Com efeito, grande é a luta — concordou o convertido de Damasco, parecendo mais tranquilo.

E mostrando-se convicto da necessidade de examinar o realismo da vida comum, não obstante a beleza das prodigiosas manifestações do plano invisível, voltou a dizer:

— Entretanto, precisamos encontrar um meio de libertar as verdades evangélicas do convencionalismo humano. Qual a razão principal da preponderância farisaica na igreja de Jerusalém?

Simão Pedro esclareceu sem rebuços:

— As maiores dificuldades giram em torno da questão monetária. Esta casa alimenta mais de cem pessoas, diariamente, além dos serviços de assistência aos enfermos, aos orfãos e aos desamparados. Para a manutenção dos trabalhos são indispensáveis muita coragem e muita fé, porque as dívidas contraidas com os socorrentes da cidade são inevitáveis.

— Mas os doentes — interrogou Paulo atencioso — não trabalham depois de melhorados?

— Sim — explicou o apóstolo — organizei serviços de plantação para os restabelecidos e impossibilitados de se ausentarem logo de Jerusalém. Com isso, a casa não tem necessitado de comprar hortaliças e frutas. Quanto aos melhorados, vão tomando o encargo de enfermeiros dos mais desfavorecidos da saúde. Essa providencia permitiu a dispensa de dois homens remunerados, que nos auxiliavam na assistência aos loucos incuráveis ou de cura mais difícil. Como vês, estes detalhes não foram esquecidos e mesmo assim a igreja está onerada de despesa e dívidas que só a cooperação do judaísmo pode atenuar ou desfazer.

Paulo comprehendeu que Pedro tinha razão. No entanto, ansioso de proporcionar independencia aos esforços dos irmãos de ideal, considerou:

— Advirto, então, que precisamos instalar aqui elementos de serviço que habilitem a casa a viver de recursos próprios. Os orfãos, os velhos e os homens aproveitáveis poderão encontrar atividade além dos trabalhos agrícolas e produzir alguma cousa para a renda indispensável. Cada qual trabalharia de conformidade com as próprias forças, sob a direção dos irmãos mais experimentados. A produção do serviço garantiria a manutenção geral. Como sabemos, onde há trabalho há riqueza, e onde há cooperação há paz. E' o único recurso para emancipar a igreja de Jerusalém das imposições do farisaísmo, cujas artimanhas conheço desde o princípio de minha vida.

Pedro e João estavam maravilhados. A idéia de Paulo era excelente. Vinha ao encontro de suas preocupações ansiosas, pelas dificuldades que pareciam não ter fim.

— O projeto é extraordinário — disse Pedro — e viria resolver grandes problemas de nossa vida.

O filho de Zebedeu, que tinha os olhos radiantes de júbilo, atacou, por sua vez, o assunto, objetando:

— Mas, o dinheiro? Onde encontrar os fundos indispensáveis ao grandioso empreendimento?...

O ex-rabino entrou em profunda meditação e esclareceu:

— O Mestre auxiliará nossos bons propositos. Barnabé e eu empreendemos longa excursão a serviço do Evangelho e vivemos, em todo o seu transcurso, a expensas do nosso trabalho. Eu tecelão, ele oleiro, em atividade provisória nos lugares onde passámos. Realizada a primeira experiência, poderíamos voltar agora ás mesmas regiões e visitar outras, pedindo recursos para a igreja de Jerusalém. Provaríamos nosso desinteresse pessoal, vivendo á custa de nosso esforço e recolheríamos as dádivas por toda parte, concientes de que, se temos trabalhado pelo Cristo, será justo também pedirmos por amor ao Cristo. A coleta viria estabelecer a liberdade do Evangelho em Jerusalém, porque representaria o material indispensável a edificações definitivas no plano do trabalho remunerador.

Estava esboçado, assim, o programa a que o generoso Apóstolo da gentilidade haveria de submeter-se pelo resto de seus dias. Seu desempenho teria de sofrer as mais crúas acusações; mas, no santuário do seu coração devotado e sincero, Paulo de par com os grandiosos serviços apostólicos, levaria a coleta em favor de Jerusalém, até o fim da existência terrestre.

Ouvindo-lhe os planos, Simão levantou-se e abraçou-o, dizendo comovido:

— Sim, meu amigo, não foi em vão que Jesus te buscou pessoalmente ás portas de Damasco.

Fato pouco vulgar na sua vida, Paulo tinha os olhos razos de pranto. Fitou o ex-pescador de modo significativo, considerando intimamente suas dívidas de gratidão ao Salvador, e murmurou:

— Não farei mais que o meu dever. Nunca poderei olvidar que Estêvão saiu dos catres desta casa, que já serviram igualmente a mim proprio.

Todos estavam extremamente sensibilizados. Barnabé comentou a idéia com entusiasmo e enriqueceu o plano de numerosos pormenores.

Nessa noite, os dedicados discípulos do Cristo sonharam com a independencia do Evangelho em Jerusalém; com a emancipação da igreja, isenta das absurdas imposições da sinagoga.

No dia imediato procedeu-se solenemente á circuncisão de Tito, sob a direção cuidadosa de Tiago e com a profunda repugnância de Paulo de Tarso.

As assembléias noturnas continuaram por mais de uma semana. Nas primeiras noites, preparando terreno para advogar abertamente a causa da gentilidade, o ex-pesador de Cafarnaum solicitou aos representantes de Antioquia expusessem a impressão das visitas aos pagãos de Chipre, Panfilia, Písidia e Licaonia. Paulo fundamentalmente contrariado com as exigências aplicadas a Tito, pediu a Barnabé falasse em seu nome.

O ex-levita de Chipre fez extenso relato de todos os acontecimentos, provocando imensa surpresa a quantos lhe ouviam as referencias ao extraordinário poder do Evangelho, entre aqueles que ainda não haviam esposado uma crença pura. Em seguida, atendendo ainda a observações de Paulo, Tito falou, fazendo-se admirar pelo proprio Tiago, que o abraçou mais de uma vez, profundamente comovido com a interpretação dos ensinamentos de Cristo e mostrando possuir formosos dons de profecia.

A termo dos trabalhos, discutia-se ainda a obrigatoriedade da circuncisão para os gentios. O ex-rabino seguia os debates, silencioso, admirando o poder de resistencia e tolerancia de Simão Pedro.

Quando o ex-pescador reconheceu que as divergencias prosseguiriam indefinidamente, levantou-se e pediu a palavra, fazendo a generosa e sábia exortação de que os Atos dos Apóstolos (15: 7-11) fornecem notícia:

— Irmãos — começou a dizer em atitude enérgica e serena — bem sabeis que, de ha muito Deus nos elegeu para que os gentios ouvissem as verdades do Evangelho e crescessem no seu Reino. O Pai que conhece os corações, deu aos circuncisos e aos incircuncisos a palavra do Espírito Santo. No dia glorioso do Pentecostes as vozes falaram na praça pública de Jerusalém, para os filhos de Israel e dos pagãos. O Todo-Poderoso determinou que as verdades fôssem anunciatas indistintamente. Jesus afirmou que os coperadores do Reino chegariam do Oriente e do Ocidente. Não comprehendo tantas contro-

versias, quando a situação é tão clara aos nossos olhos. O Mestre exemplificou a necessidade de harmonização constante. Palestrava com os doutores do Templo; frequentava a casa dos publicanos; tinha expressão de bom ânimo para todos os que se baldavam de esperança; aceitou o derradeiro suplício entre os ladrões. Por que motivo devemos guardar uma pretensão de isolamento daqueles que experimentam a necessidade maior? Outro argumento que não deveremos esquecer é o da chegada do Evangelho ao mundo, quando já possuímos a Lei. Se o Mestre no-lo trouxe, amorosamente, com os mais pesados sacrifícios, seria justo enclausurarmo-nos nas tradições convencionais, esquecendo o campo de trabalho? Não mandou o Cristo que prégassemos a Boa-Nova a todas as nações? Claro que não poderemos desprezar o patrimônio dos israelitas. Temos de amar nos filhos da Lei, que somos nós, a expressão de profundos sofrimentos e de elevadas experiências que nos chegam ao coração através de quantos precederam o Cristo, na tarefa milenária de preservar a fé no Deus único; mas esse reconhecimento deve inclinar nossa alma para o esforço na redenção de todas as criaturas. Abandonar o gentio à própria sorte seria criar duro cativéiro, ao invés de praticar aquele amor que apaga todos os pecados. E' pelo fato de muito compreendermos os judeus e de muito estimarmos os preceitos divinos, que precisamos estabelecer a melhor fraternidade com o gentio, convertendo-o em elementos de frutificação divina. Cremos que Deus nos purifica o coração pela fé e não pelas ordenanças do mundo. Se hoje rendemos graças pelo triunfo glorioso do Evangelho, que instituiu a nossa liberdade, como impôr aos novos discípulos um jugo que, intimamente, não podemos suportar? Suponho, então, que a circuncisão não deva constituir ato obrigatório para quantos se convertam ao amor de Jesus Cristo, e creio que só nos salvaremos pelo favor divino do Mestre, estendido generosamente a nós e a eles também.

A palavra do apóstolo cairá na fervura das opiniões como forte jato de água fria. Paulo estava radiante, ao

passo que Tiago não conseguia ocultar o desapontamento.

A exortação do ex-pescador dava margem a numerosas interpretações; se falava no respeito amoroso aos judeus, referia-se também a um jugo que não podia suportar. Ninguém, todavia, ousou negar-lhe a prudência e bom senso indubitáveis.

Terminada a oração, Pedro rogou a Paulo falasse de suas impressões pessoais, a respeito do gentio. Mais esperançado, o ex-rabino tomou a palavra pela primeira vez, no conselho, e convidando Barnabé ao comentário geral, ambos apelaram para que a assembléia concedesse a necessária independência aos pagãos, no que se referia à circuncisão.

Havia, em tudo, agora, uma nota de satisfação geral. As observações de Pedro calaram fundo em todos os companheiros. Foi então que Tiago tomou a palavra, e vendo-se quase só no seu ponto de vista, esclareceu que Simão fôra muito bem inspirado em seu apelo; mas pediu três emendas para que a situação ficasse bem esclarecida. Os pagãos ficavam isentos da circuncisão, mas deviam assumir o compromisso de fugir da idolatria, evitar a luxúria e abster-se das carnes sufocadas.

O apóstolo dos gentios estava satisfeito. Fôra removido o maior obstáculo.

No dia seguinte os trabalhos foram encerrados, lavrando-se as resoluções em pergaminho. Pedro providenciou para que cada irmão levasse consigo uma carta, como prova das deliberações, em virtude da solicitação de Paulo, que desejava exibir o documento como mensagem de emancipação da gentilidade.

Interpelado pelo ex-pescador, quando se achavam a sós, sobre as impressões pessoais dos trabalhos, o ex-doutor de Jerusalém esclareceu com um sorriso:

— Em suma, estou satisfeito. Ficou resolvido o mais difícil dos problemas. A obrigatoriedade da circuncisão para os gentios representava um crime aos meus olhos. Quanto às emendas de Tiago, não me impressionam, porquanto a idolatria e a luxúria são atos

detestaveis para a vida particular de cada um; e quanto ás refeições, suponho que todo cristão poderá comer como melhor lhe pareça, desde que os excessos sejam evitados.

Pedro sorriu e explicou ao ex-rabino seus novos planos. Comentou, esperançoso, a idéia da coleta geral em favor da igreja de Jerusalém, e, evidenciando a peculiar prudencia, falou preocupado:

— Teu projeto de excursão e propaganda da Boa Nova, procurando angariar alguns recursos para solução de nossos mais sérios encargos, causa-me justa satisfação; entretanto, venho refletindo na situação da igreja antioquena. Pelo que observei de visu, concluo que a instituição necessita de servidores dedicados que te substituam nos trabalhos constantes de cada dia. Tua ausência, ademais com Barnabé, trará dificuldades, caso não tomemos as providencias precisas. Eis porque te ofereço a cooperação de dois companheiros devotados, que me têm substituído aqui nos encargos mais pesados. Trata-se de Silas e Barsabás, dois discípulos amigos da gentilidade e dos princípios liberais. De vez em quando, entram em desacordo com Tiago, como é natural, e, segundo creio, serão ótimos auxiliares do teu programa.

Paulo viu no alvitre a providencia que desejava. Junto de Barnabé, que participava da conversação, agradeceu ao ex-pescador, profundamente sensibilizado. A igreja de Antioquia teria os recursos necessarios que os trabalhos evangélicos requeriam. A medida proposta era-lhe muito grata, mesmo porque, desde logo tivera por Silas grande simpatia, presumindo nele um companheiro leal, expedito e dedicado.

Os missionários de Antioquia ainda se demoraram três dias na cidade, após o encerramento do conselho, tempo esse que Barnabé aproveitou para reposar em casa da irmã. Paulo, contudo, declinou do convite de Maria Marcos e permaneceu na igreja, estudando a situação futura, em companhia de Simão Pedro e dos dois novos colaboradores.

Em atmosfera de grande harmonia, os trabalhado-

res do Evangelho versaram todos os requisitos do projeto.

Fato digno de nota a reclusão de Paulo, junto aos Apóstolos galileus, jamais saindo á rua, para não entrar em contacto com o cenário vivo do seu passado tumultuoso.

Finalmente, tudo pronto e ajustado, a missão se dispôs a regressar. Havia em todas as fisionomias um sinal de gratidão e de esperança santificada nos dias do porvir. Verificava-se, no entanto, um detalhe curioso, que é indispensável destacar. Solicitado pela irmã, Barnabé dispusera-se a aceitar a contribuição de João Marcos, em nova tentativa de adaptação ao serviço do Evangelho. Considerando a boa intenção com que acedera aos pedidos da irmã, o ex-levita de Chipre achou desnecessário consultar o companheiro de esforços comuns. Paulo, porém, não se magrou. Acolheu a resolução de Barnabé, um tanto admirado, abraçou o jóvem afetuosamente e esperou que o discípulo de Pedro se pronunciasse, quanto ao futuro.

O grupo, acrescido de Silas, Barsabás e João Marcos, pôs-se a caminho para Antioquia, nas melhores disposições de harmonia.

Revesando-se na tarefa de прégação das verdades eternas, anunciam o Reino de Deus e faziam curas por onde passavam.

Chegados ao destino, com grandes manifestações de júbilo da gentilidade, organizaram o plano colimado para dar-lhe imediata eficiencia. Paulo expôs o propósito de voltar ás comunidades cristãs já fundadas, estendendo a excursão evangélica por outras regiões onde o Cristianismo não fôsse conhecido. O plano recebeu aprovação geral. A instituição antioquena ficaria com a cooperação direta de Barsabás e Silas, os dois companheiros devotados que, até ali, haviam constituído duas fortes colunas de trabalho em Jerusalém.

Apresentado o relatório verbal dos esforços em perspectiva, Paulo e Barnabé entraram a cogitar das ultimas disposições particulares.

— Agora — disse o ex-levita de Chipre — espero concordes com o que resolvi relativamente a João.

— João Marcos? — interrogou Paulo admirado.

— Sim, desejo leva-lo conôsco, a-fim-de afeiçoa-lo á tarefa.

O ex-rabino franziu o sobrecenho num gesto muito seu, quando contrariado, e exclamou:

— Não concordo; teu sobrinho está ainda muito jovem para o cometimento.

— Entretanto, prometi á minha irmã acolhe-lo em nossos labores.

— Não pode ser.

Estabeleceu-se entre os dois uma contenda de palavras, na qual Barnabé deixava perceber seu descontentamento. O ex-rabino procurava justificar-se, ao passo que o discípulo de Pedro alegava o compromisso assumido e impugnava, com tal ou qual amargura, a atitude do companheiro. O ex-doutor, contudo, não se deixou convencer. A readmissão de João Marcos, dizia, não era justa. Poderia falhar novamente, fugir aos compromissos assumidos, desprezar a oportunidade do sacrifício. Lembrava as perseguições de Antioquia da Pisidia, as enfermidades inevitáveis, as dores morais experimentadas em Icônio, o apedrejamento cruel na praça de Listra. Acaso o rapaz estaria preparado, em tão pouco tempo, para compreender o alcance de todos esses acontecimentos, em que a alma era compelida a regosijar-se com o testemunho?

Barnabé estava maguado, de olhos húmidos.

— Afinal, disse em tom comovedor, nenhum desses argumentos me convence e me esclarece, em consciencia. Primeiramente, não vejo porque desfazer nossos laços afetivos...

O ex-rabino não o deixou terminar e concluiu:

— Isso nunca. Nossa amizade está muito acima destas circunstâncias. Nossos élos são sagrados.

— Pois bem — acentuou Barnabé — como interpretar, então, tua recusa? Porque negarmos ao rapaz uma nova experiencia de trabalho regenerativo? Não

será falta de caridade desprezar um ensejo talvez providencial?

Paulo fixou demoradamente o amigo e acrescentou:

— Minha intuição, neste sentido, é diversa da tua. Quase sempre, Barnabé, a amizade a Deus é incompatível com a amizade ao mundo. Levantando-nos para a execução fiel do dever, as noções do mundo se levantam contra nós. Parecemos máus e ingratos. Mas, ouve-me: ninguem encontrará fechadas as portas da oportunidade, porque é o Todo-Poderoso quem no-las abre. A ocasião é a mesma para todos, mas os campos devem ser diferentes. No trabalho propriamente humano, as experiências podem ser renovadas todos os dias. Isso é justo. Mas considero que, no serviço do Pai, se interrompemos a tarefa começada, é sinal de que ainda não temos todas as experiências indispensáveis ao homem completo. Se a criatura ainda não sabe todas as noções mais nobres, relativas á sua vida e deveres terrestres, como consagrarse com êxito ao serviço divino? Naturalmente que não podemos ajuizar se este ou aquele já terminou o curso de suas demonstrações humanas e que, de hoje por diante, esteja apto ao serviço do Evangelho, porque, neste particular, cada um se revelará por si. Creio, mesmo, que teu sobrinho atingirá essa posição, com mais algumas lutas. Nós, entretanto, somos forçados a considerar que não vamos tentar uma experiencia, mas um testemunho. Compreendes a diferença?

Barnabé compreendeu o imenso alcance daquelas razões concisas, irrefutáveis, e calou-se para dizer daí a momentos:

— Tens razão. Desta vez não poderei, portanto, ir contigo.

Paulo sentiu toda a tristeza que transbordava daquelas palavras e, depois de meditar longo tempo, acentuou:

— Não nos entristeçamos. Estou refletindo na possibilidade de tua partida, com João Marcos, para Chipre. Ele encontraria, ali, um campo adequado aos trabalhos que lhe são necessários e, ao mesmo tempo, cuidaria da

organização que fundámos na Ilha. Dentro deste plano, continuariamos em cooperação perfeita, mesmo no que se refere á coleta para a igreja de Jerusalém. Desnecessário será dizer da utilidade de tua presença em Nea-Paphos e Salamina. Quanto a mim, tomaria a Silas, internando-me pelo Tauros e a igreja de Antioquia ficará com a cooperação de Barsabás e Tito.

Barnabé ficou contentíssimo. O projeto pareceu-lhe admirável. Paulo continuava, a seus olhos, como o companheiro das soluções oportunas.

E, dentro de breves dias, a caminho de Chipre, onde serviria a Jesus até que partisse, mais tarde, para Roma, Barnabé foi com o sobrinho para Seleucia, depois de se abraçarem, ele e Paulo, como dois irmãos muito amados, que o Mestre chamava a diferentes destinos.

VI

PEREGRINAÇÕES E SACRIFÍCIOS

Em companhia de Silas, que se harmonizara com as suas aspirações de trabalho, o ex-rabino partiu de Antioquia internando-se pelas montanhas e atingindo sua cidade natal, depois de enormes dificuldades. Breve, o companheiro indicado por Simão Pedro, habituava-se com o seu método de trabalho. Silas era um temperamento pacífico, que se enriquecia de notáveis qualidades espirituais, pelo seu devotamento integral ao Divino Mestre. Paulo, por sua vez, estava plenamente satisfeito com a sua colaboração. Palmilhando longos, impérvios caminhos, alimentavam-se parcamente, quase só de frutas silvestres eventualmente encontradas. O discípulo de Jerusalém, todavia, revelava alegria uniforme em todas as circunstâncias.

Antes de atingir Tarso, pregaram a Boa Nova, no curso mesmo da viagem. Soldados romanos, escravos misérrimos, caravaneiros humildes, receberam de seus lábios as confortadoras notícias de Jesus. E não poucos escreveram, á pressa, uma que outra das anotações de Leví, preferindo as que mais se ajustavam ao seu caso particular. Por esse processo, o Evangelho difundia-se, cada vez mais, enchendo de esperanças os corações.

Na cidade do seu berço, mais senhor das convicções proprias, o tecelão que se consagrara a Jesus, espalhou a mancheias os júbilos do Evangelho da Redenção. Muitos admiraram o conterraneo, cada vez mais singularmente transformado; outros prosseguiram na tarefa

ingrata da ironia e do lamentável esquecimento de si mesmos. Paulo, no entanto, sentia-se forte na fé, como nunca. Defrontou a velha casa em que nascera, reviu o sítio ameno onde brincara os primeiros tempos da infância; contemplou o campo de esportes onde guiara sua biga romana; mas exhumou as recordações sem lhes sofrer a influência depressiva, porque tudo entregava a Cristo como patrimônio em cuja posse poderia entrar mais tarde, quando houvesse cumprido seu divino mandato.

Depois de breve permanência na capital da Cilícia, Paulo e Silas procuraram alcançar os cumes do Taurus, empreendendo nova etapa da rude peregrinação em comêço.

Noites ao relento, sacrifícios numerosos, ameaças de malfeiteiros, perigos sem conta foram enfrentados pelos missionários que, todas as noites, entregavam ao Divino Mestre os resultados da recolha e, pela manhã, rogavam à sua misericórdia não lhes faltasse com a valiosa oportunidade de trabalho, por mais dura que fosse a tarefa diária.

Cheios dessa confiança ativa, chegaram a Derbe, onde o ex-rabino abraçou comovidamente os amigos que ali chegara a fazer, após a dolorosa convalescência, quando na primeira excursão.

O Evangelho continuava a estender seu raio de ação em todos os setores. Profundamente sensibilizado, o convertido de Damasco, no desdobramento natural do serviço, começou a obter notícias da ação de Timóteo. O jovem filho de Eunice, pelo que lhe informavam, soubra enriquecer, de maneira prodigiosa, os conhecimentos adquiridos. A pequena cristandade de Derbe já lhe devia grandes benefícios. Por mais de uma vez, o novo discípulo ali acorrera em missões ativas. Disseminava curas e consolações. Seu nome era abençoado de todos. Cheio de júbilo, após o término de suas tarefas naquela cidade pequenina, o ex-rabino demandou Listra, com ansiedade carinhosa.

Loide o recebeu, bem como a Silas, com a mesma satisfação da primeira vez. Todos queriam notícias de

Barnabé, que Paulo não deixava de fornecer, solícito e prazenteiro. Na tarde desse dia, o convertido de Damasco abraçou Timóteo com imensa alegria a transbordar-lhe da alma. O rapaz chegava da faina diária junto dos rebanhos. Em breves minutos, Paulo conhecia a extensão dos seus progressos e conquistas espirituais. A comunidade de Listra estava rica de graças. O moço cristão conseguira a renovação de muita gente: dois judeus dos mais influentes na administração pública, destacados entre os que promoveram a lapidação do Apóstolo, eram agora seguidores fiéis da doutrina do Cristo. Cuidava-se da construção de uma igreja, onde os doentes fossem amparados e as crianças abandonadas encontrassem um ninho acolhedor. Paulo regosou-se.

Aquela mesma noite, houve em Listra grande assembleia. O Apóstolo dos gentios encontrou uma atmosfera carinhosa, que lhe prodigalizava grande conforto. Expôs o objetivo de sua viagem, revelando suas preocupações pela difusão do Evangelho e acrescentando o assunto pertinente à igreja de Jerusalém. Como em Derbe, todos os companheiros contribuiram com o possível. Paulo não cabia em si de contentamento, observando o triunfo tangível do esforço de Timóteo, nas camadas populares.

Aproveitando sua passagem por Listra, a bondosa Loide confidenciou-lhe suas necessidades particulares. Ela e Eunice tinham parentes na Grécia, por parte do pai de seu neto, os quais lhes reclamavam a presença pessoal, a-fim-de que não lhes faltasse com os socorros afetuosos. Os recursos que lhes restavam, em Listra, estavam prestes a esgotar-se. Por outro lado, desejava que Timóteo se consagrasse ao serviço de Jesus, iluminando o coração e a inteligência. A generosa velhinha e a filha projetavam, então, a mudança definitiva e consultavam ao Apóstolo sobre a possibilidade de aceitar a companhia do rapaz, pelo menos durante algum tempo, não só para que ele adquirisse novos valores no terreno da prática, como também porque isso facilitaria a transferência de todos para lugar tão distante.

Paulo acedeu de bom grado. Aceitaria a cooperação de Timóteo com sincero prazer. O rapaz, a seu turno, conhecendo a decisão, não sabia como traduzir seu profundo reconhecimento, com transportes de alegria.

Nas vésperas da partida, Silas entrou prudentemente no assunto e perguntou ao apóstolo se não era de bom alvitre operar a circuncisão do moço, a-fim-de que o judaísmo não perturbasse os labores apostólicos. Em socorro de sua arguição, invocava os obstáculos e lutas acerbas de Jerusalém. Paulo meditou bastante, recordou a necessidade de espalhar o Evangelho sem escândalo para ninguém, e concordou com a medida aventada. Timóteo teria de pregar publicamente. Conviveria com os gentios, mas, maiormente com os israelitas, senhores das sinagogas e de outros centros, onde a religião era ministrada ao povo. Era justo refletir na providência para que o moço não fosse incomodado em sua companhia.

O filho de Eunice obedeceu sem hesitação. Daí a dias, despedindo-se dos irmãos e das generosas mulheres que ficavam a chorar nos votos de paz em Deus, os missionários demandaram Icônio, cheios de coragem indomita e do firme propósito de servir a Jesus.

No espírito amoroso de прégação e fraternidade, dilatando o poder do Evangelho redentor sobre as almas e jamais esquecendo o auxílio à igreja de Jerusalém, os discípulos visitaram todas as pequeninas aldeias da Galácia, demorando-se algum tempo em Antioquia da Pisídia, onde trabalharam, de algum modo, para se manterem a si mesmos.

Paulo estava satisfeitosíssimo. Seus esforços em companhia de Barnabé, não haviam sido improíbicos. Nos lugares mais remotos, quando menos esperava, eis que surgiam notícias das igrejas anteriormente fundadas. Eram benefícios a necessitados, melhorias ou curas de enfermos, consolações aos que se encontravam em extremo desespero. O apóstolo experimentava o contentamento do semeador que defronta as primeiras flores, como radiosas promessas do campo.

Os emissários da Boa-Nova atravessaram a Frigia e a Galácia sem perseguições de grande envergadura. O nome de Jesus era, agora, pronunciado com mais respeito.

O ex-rabino continuava em franca atividade para a difusão do Evangelho na Ásia quando, uma noite, após as preces habituais, ouviu uma voz que lhe dizia com amoroso acento:

— Paulo, sigamos adiante!... Levemos a luz do céu a outras sombras; outros irmãos te esperam no caminho infinito!...

Era Estêvão, o amigo de todos os minutos, que, representando o Mestre Divino junto do Apóstolo dos gentios, o concitava à semeadura noutros rumos.

O valoroso emissário das verdades eternas compreendeu que o Senhor lhe reservava novos campos a desbravar. No dia seguinte, informando Silas e Timóteo do sucedido, concluia inspirado:

— Tenho, assim, que o Mestre me chama a novas tarefas. É justo. Aliás, reconheço que estas regiões já receberam a semente divina.

E acentuava depois de uma pausa:

— Desta vez, já não encontramos muitas dificuldades. Antes, com Barnabé, experimentámos as expulsões, o cárcere, os açoites, o apedrejamento... Agora, porém, nada disso aconteceu. Quer dizer que por aqui já existem bases seguras para a vitória de Cristo. É preciso, portanto, caminhar para onde se encontrem os obstáculos e vence-los, para que o Mestre seja conhecido e glorificado, pois nós estamos numa batalha e é necessário não desprezar as frentes.

Os dois discípulos ouviram e procuraram meditar na grandeza de semelhantes conceitos.

Decorrida uma semana, lá se foram a pé, procurando a Mísia. E contudo, intuitivamente, Paulo percebeu que não seria ainda ali o novo campo de operações. Pensou em se dirigir para a Bitínia, mas a voz que o generoso apóstolo interpretava como sendo a do "Espírito de Jesus", (1) sugeriu-lhe a alteração do trajeto, induzindo-o a descer para Troade. Chegados ao

ponto do destino, acolheram-se, cansadíssimos, numa hospedaria modesta. E Paulo, numa visão significativa do espírito, viu um homem da Macedônia, que identificou pelo vestuário característico, a acenar-lhe ansiosamente, exclamando: — "Vem e ajuda-nos!" O ex-doutor interpretou o fato como ordenação de Jesus, a respeito de seus novos encargos. Cientificou os companheiros logo pela manhã, não sem ponderar a extrema dificuldade da viagem por mar, baldo que estava de recursos.

— Entretanto, concluia, creio que o mestre lá nos facultará o necessário.

Silas e Timóteo calaram-se respeitosos.

Saindo á rua cheia de sol, pela manhã, eis que o Apóstolo fixa o olhar numa casa de comércio e para lá se dirige com ansiosa alegria. Era Lucas que parecia fazer compras.

O ex-rabino aproximou-se, com os discípulos e bateu-lhe carinhosamente no ombro:

— Por aqui? — disse Paulo com um grande sorriso.

Abraçaram-se alegremente. O pregador do Evangelho apresentou ao médico os novos companheiros, falando-lhe dos objetivos de sua excursão por aquelas paragens. Lucas, a seu turno, explicou que, havia dois anos era encarregado dos serviços médicos, a bordo de grande embarcação ali ancorada, em transito para Samotracia.

Paulo anotou a informação com profundo interesse. Muito impressionado com o encontro, deu-lhe a conhecer a revelação auditiva do roteiro, bem como a videncia da véspera.

E convicto da assistencia do Mestre naquele instante, falava com segurança:

— Estou certo de que o Senhor nos envia os recursos necessários na tua pessoa. Precisamos transportar-nos á Macedonia, mas estamos sem dinheiro.

— Quanto a isso — respondia Lucas com franqueza — não te preocipes. Se não tenho fortuna, tenho ven-

(1) Atos: 16-17. — Nota de EMMANUEL.

cimentos. Seremos companheiros de viagem e tudo pagarei com muita satisfação.

A palestra prosseguiu animada, relatando o antigo hóspede de Antióquia as suas conquistas para Jesus. Nas suas viagens, havia aproveitado todas as oportunidades em prol do Evangelho, transmitindo a quantos se lhe aproximavam, os tesouros da Boa-Nova. Quando contou que estava só no mundo, com a partida da progenitora para a esfera espiritual, Paulo fez-lhe nova observação, acentuando:

— Ora, Lucas, se te encontras sem compromissos imediatos, porque não te dedicas inteiramente aos trabalhos do Mestre Divino?

A pergunta produziu certa emoção no médico, como se valesse por uma revelação. Passada a surpresa, Lucas acrescentou, um tanto indeciso:

— Sim, mas há que considerar os deveres da profissão...

— Mas, quem foi Jesus senão o Divino Médico do mundo inteiro? Até agora tens curado corpos, que, de qualquer modo, cedo ou tarde hão de perecer. Tratar do espírito não seria um esforço mais justo? Com isso não quero dizer que se deva desprezar a medicina propriamente do mundo; no entanto, essa tarefa ficaria para aqueles que ainda não possuem os valores espirituais que trazes contigo. Sempre acreditei que a medicina do corpo é um conjunto de experiências sagradas, de que o homem não poderá preseindir, até que se resolva a fazer a experiência divina e imutável, da cura espiritual.

Lucas meditou seriamente nessas palavras e replicou:

— Tens razão.

— Queres cooperar conosco na evangelização da Macedonia? — interrogou o ex-rabino sentindo-se triunfante.

— Irei contigo — concluiu Lucas.

Entre os quatro discípulos do Cristo houve enorme júbilo.

No dia seguinte, a missão navegava para a Samotracia. Lucas explicou-se como pôde, solicitando ao comando a permissão de se afastar por um ano dos serviços a seu cargo. E porque apresentasse substituto, conseguiu com facilidade o seu intento.

A bordo, como fazia em toda parte, Paulo aproveitou todos os ensejos para a прégação. As menores margens eram grandes temas evangélicos no seu raciocínio superior. O proprio comandante, romano de boa témpera, abandonava-se prazeirosamente ao gôsto de ouví-lo.

Foi nessas viagens que Paulo de Tarso travou relações com grande círculo de simpatizantes do Evangelho, conquistando numerosos amigos, citados nas futuras epístolas.

Desembarcados, os missionários enriquecidos com a cooperação de Lucas, descansaram dois dias em Neápolis, dirigindo-se em seguida para Filipes. Quase ás portas da cidade, Paulo sugeriu que Lucas e Timóteo se dirigessem, por outros caminhos, para Tessalônica, onde os quatro se reuniriam mais tarde. Com esse programa, nem uma aldeia ficaria esquecida e as sementes do Reino de Deus seriam espalhadas nos meios mais simples. A idéia foi aprovada com satisfação.

Lucas não deixou de perguntar se Timóteo era circuncidado. Conhecia as tricas dos judeus e não desejava atritos nas suas tarefas iniciais.

— Esse problema — esclareceu o Apóstolo dos gentios — já foi necesariamente atendido. As duras humilhações infligidas a um jovem confrade que levei a Jerusalém, e não a conselho da sinagoga mas a uma reunião da igreja, levaram-me a refletir na situação de Timóteo, que precisará, muitas vezes, dos favores dos israelitas no curso das прégações. Até que Deus opere a circuncisão de tantos corações endurecidos, é indispensável saibamos agir com prudencia, sem atritos que nos inutilizem os esforços.

Esclarecido o assunto, entraram na cidade onde o médico e o jovem de Listra descansariam um pouco, antes de tomarem o rumo de Tessalônica por estradas diferentes, de modo a multiplicar os frutos da missão.

Hospedaram-se num albergue quase miserável que a população da cidade reservava aos estrangeiros. Depois de três noites ao relento, os amigos de Jesus dirigiram-se á casa de oração, que ficava á margem do rio Gangas. Filipes não possuia sinagoga e o santuário destinado ás preces, embora tomasse o título de "casa", não era mais que um recanto ameno da natureza, rodeado de muros em ruínas.

Ciente da situação religiosa da cidade, Paulo dirigiu-se para lá com os companheiros. Muito surpreendidos, entretanto, os missionários não encontraram senão senhoras e meninas em oração. O ex-rabino penetrou resolutamente no círculo feminino e falou dos objetivos do Evangelho, como se estivesse diante de imenso público. As mulheres estavam magnetizadas por sua palavra ardorosa e sublime. Enxugavam discretamente as lágrimas que lhes afluiam ao rosto, ao receberem notícias do Mestre e uma delas, chamada Lídia, viúva digna e generosa, aproximou-se dos missionários e confessando-se convertida ao Salvador esperado, oferecia-lhes a propria casa para fundarem a nova igreja.

Paulo de Tarso contemplou-a de olhos húmidos. Escutando-lhe a voz desbordante de cristalina sinceridade, recordou que no Oriente, no dia inesquecível do Calvário, só as mulheres haviam acompanhado Jesus no doloroso transe, sendo as primeiras criaturas que o vieram na gloriosa ressurreição; e eram ainda elas que, em doce reunião espiritual, vinham receber a palavra do Evangelho no Ocidente, pela primeira vez. Em silenciosa contemplação, o Apóstolo dos gentios fixou o grande número de meninas que se ajoelhavam á sombra carinhosa das árvores; e observando-lhes os trajes muito claros, teve a impressão de que via á sua frente um gracioso bando de pombas muito alvas, prestes a desferir o vôo glorioso dos ensinamentos de Cristo, pelos céus maravilhosos da Europa.

Foi por isso que, contrariamente á expectativa dos companheiros, o enérgico прégador respondeu á Lídia em tom muito afável:

— Aceitamos vossa hospedagem.

Desde aquele minuto, travou-se entre Paulo de Tarso e sua carinhosa igreja de Filipes, a mais formosa amizade.

Lídia, cuja casa era muito abastada, em vista do movimento comercial de púrpuras, acolheu os discípulos do Messias com júbilo indescritível. Enquanto isso, Lucas e Timóteo continuavam a viagem. Silas e o ex-doutor de Jerusalém consagravam-se ao serviço do Evangelho, entre os generosos filipenses.

A cidade singularizava-se por seu espírito romano. Havia nas ruas vários templos dedicados aos deuses antigos. E como apenas as mulheres procuravam o recinto da casa de orações, Paulo, com o desassombro que o caracterizava, deliberou fazer pregações do Evangelho na praça pública.

Na mesma época, possuia Filipes uma pitonisa que se celebrizara nas redondezas. Como nas tradições de Delfos, suas palavras eram interpretadas como oráculo infalível. Tratava-se de uma rapariga cujos patrões procuraram mercantilizar seus poderes psíquicos. A mediunidade era utilizada por Espíritos menos evoluidos, que se compraziam em dar palpites sobre motivos de ordem temporal. A situação era altamente rendosa para os que a exploravam descaridamente. Aconteceu que a jovem estava presente à primeira pregação de Paulo, recebida pelo povo com êxito inexcedível. Terminando a exposição evangélica, os missionários observam a moça em grandes brados, que impressionavam o público, a exclamar:

— Recebei os enviados do Deus Altíssimo!... Eles anunciam a salvação!...

Paulo e Silas ficaram um tanto perplexos; entretanto, nada replicaram, conservando o incidente no coração, em atitude discretâ. No dia seguinte, porém, repetia-se o fato e, durante uma semana, os discípulos do Evangelho ouviram, após as pregações, a entidade que se assenhoreava da jovem, atirando-lhe elogios e títulos pomposo.

O ex-rabino, no entanto, desde a primeira manifestação, procurara saber quem era a rapariga anônima e ficou conhecendo os antecedentes do caso. Estimulados pelo ganho facil, os patrões haviam instalado um gabinete onde a pitonisa atendia às consultas. Ela, por sua vez, de vítima ia passando a sócia da empresa, que pingues eram os rendimentos. Paulo, que nunca se conformou com a mercância dos bens celestes, percebeu o mecanismo oculto dos acontecimentos e, senhor de todos os particulares do assunto, esperou que o visitante do invisível novamente aparecesse.

Assim que, terminada a pregação na praça, quando a jovem começou a gritar:

“Recebei os mensageiros da redenção! Não são homens, são anjos do Altíssimo!...” — o convertido de Damasco desceu da tribuna a passos firmes e, aproximando-se da locutora dominada por estranha influência, intimou a entidade manifestante, em tom imperativo:

— Espírito perverso, não somos anjos, somos trabalhadores em luta com as próprias fraquezas, por amor ao Evangelho; em nome de Jesus Cristo ordeno que te retires para sempre! Proíbo-te, em nome do Senhor, estabeleceres confusão entre as criaturas, incentivando interesses mesquinhos do mundo em detrimento dos sagrados interesses de Deus!

Imediatamente, a pobre rapariga recobrou energias e libertou-se da atuação malfazeja.

O fato provocou enorme admiração popular.

O próprio Silas que, de algum modo, se comprazia em ouvir as afirmações da pitonisa, interpretando-as como um conforto espiritual, estava boquiaberto.

Quando se viram a sós, quis lhe dissesse Paulo os motivos que o levaram à semelhante atitude, acabando por perguntar:

— Acaso não falava ela do nome de Deus? Sua propaganda não seria para nós valioso auxílio?

O Apóstolo sorriu e sentenciou.

— Porventura, Silas, poder-se-á na Terra julgar

qualquer trabalho antes de concluído? Aquele Espírito poderia falar em Deus, mas não vinha de Deus. Que fizemos para receber elogios? Dia e noite, estamos lutando contra as imperfeições de nossa alma. Jesus mandou que ensinássemos, a-fim-de aprendermos duramente. Não ignoras como vivo em batalha com o espinho dos desejos inferiores. Então? Seria justo aceitarmos títulos imerecidos quando o Mestre rejeitou o qualificativo de "bom"? Claro que, se aquele Espírito viesse de Jesus, outras seriam suas palavras. Estimularia nosso esforço, compreendendo nossas fraquezas. Além do mais, procurei informar-me a respeito da jóvem e sei que ela é hoje a chave de grande movimento comercial.

Silas impressionou-se com os esclarecimentos mais que justos. Mas, dando a entender suas dificuldades para compreender integralmente, acrescentou:

— Todavia, será o incidente uma lição para não entretermos relações com o plano invisível?

— Como pudeste chegar á semelhante conclusão? — respondeu o ex-rabino muito admirado. — O Cristianismo sem o profetismo seria um corpo sem alma. Se fecharmos a porta de comunicação com a esfera do Mestre, como receber seus ensinos? Os sacerdotes são homens, os templos são de pedra. Que seria de nossa tarefa sem as luzes do plano superior? Do sólo brota muito alimento, mas, apenas para o corpo; para a nutrição do espírito é necessário abrir as possibilidades de nossa alma para o Alto e contar com o amparo divino. Nesse particular, toda a nossa atividade repousa nas dádivas recebidas. Já pensaste no Cristo sem resurreição e sem intercambio com os discípulos? Ninguem poderá fechar as portas que nos comunicam com o Céu. Cristo está vivo e nunca morrerá. Conviveu com os amigos, depois do Calvario, em Jerusalém e na Galiléia; trouxe uma chuva de luz e sabedoria aos cooperadores galileus, no Pentecostes, chamou-me ás portas de Damasco, mandou um emissário para a libertação de Pedro, quando o generoso pescador chorava no cárcere...

A voz de Paulo tinha acentos maravilhosos, nessas

profundas evocações. Silas compreendeu e calou-se, de olhos rasos de pranto.

O incidente, entretanto, teria mais vastas repercussões, além daquelas que os Apóstolos do Mestre poderiam esperar. A pitonisa não mais recebeu a visita da entidade que distribuía palpites de toda sorte. Envião, os consulentes viciados lhe bateram á porta. Vendo-se privados da renda facil, os prejudicados fomentaram largo movimento de revolta contra os missionários. Espalhava-se o boato de que Filipes, em virtude da audácia do pregador revolucionario, fôra privada da assistencia dos espíritos de Deus. Os fanaticos exaltaram-se. Daí a três dias, Paulo e Silas foram surpreendidos, em plena praça, com um ataque do povo. Presos a troncos pesadíssimos e flagelados, sem compaixão. Sob os apupos da massa ignorante, submeteram-se, com humildade, ao suplício. Quando sangravam sob as varas impiedosas, houve a intervenção das autoridades e foram então conduzidos ao cárcere, abatidos e cambaleantes. Dentro da noite escura e dolorosa, incapacitados de dormir, pelas dores crudelíssimas, os discípulos de Jesus vigiaram em preces ungidas de luminoso fervor. Lá fôra, rugia a tempestade em trovões terríveis e ventos sibilantes. Filipes inteira parecia abalada em seus alicerces pela tormenta fragorosa. Passava da meia noite e os dois Apóstolos oravam em voz alta. Os prisioneiros vizinhos vendo-os em oração, pareciam acompanhá-los, pela expressão do rosto. Paulo contemplou-os, através das grades e aproximando-se, a custo, começo a pregar o Reino de Deus. Ao comentar a tempestade imprevista que se abatera sobre o ânimo dos discípulos, enquanto Jesus dormia na barca, um fato maravilhoso feriu os olhos dos encarcerados. As portas pesadas das celas numerosas se abriram sem ruído. Silas está lívido. Paulo comprehende e sai ao encontro dos companheiros. Continua pregando as verdades eternas do Senhor, com entonação impressionante; e vendo umas dezenas de homens de peito hirsuto, barbas longas, fisionomias taciturnas, como se estivessem plenamente

esquecidos do mundo, o Apóstolo dos gentios fala, com mais entusiasmo, da missão do Cristo e péde que ninguém tente fugir. Os que se reconhecessem culpados agradecessem ao Pai os benefícios da corrigenda; os que se julgassem inocentes déssem expansão ao regosijo, porque só os martírios do justo podiam salvar o mundo. Esses argumentos de Paulo contiveram toda a estranha e reduzida assembléia. Ninguem procurou alcançar a porta de saída, senão que, reunindo-se em torno daquele desconhecido, que tão bem sabia falar aos desgraçados, muitos se ajoelharam em pranto, convertendo-se ao Salvador que ele anunçava com bondade e energia.

Ao alvorecer, amainada a tormenta, levanta-se o carcereiro, perturbado pelo vozerio singular. Vendo as portas abertas e temendo a sua responsabilidade, tenta matar-se, instintivamente. Mas Paulo avança e impossibilita-lhe o gesto extremo, explicando-lhe a ocorrência. Todos os encarcerados regressaram humildes ao seu cubículo. Converte-se o carcereiro á nova doutrina. Antes que a claridade diurna invadisse a paisagem, ei-lo que trás aos apóstolos os socorros de emergencia, a pensar-lhes as feridas. Lucano, o carcereiro, está sensibilizado como nunca. Residindo ali mesmo, conduz os discípulos ao interior doméstico, manda servir-lhes alimento e vinho recomfortante. Logo nas primeiras horas, os juizes filipenses são informados dos fatos. Cheios de temor, mandam libertar os pregadores; mas, Paulo desejando oferecer garantias ao serviço cristão que se iniciava na igreja fundada em casa de Lídia, alega sua condição de cidadão romano, a-fim-de infundir mais respeito aos magistrados de Filipis pelas idéias do profeta Nazareno. Recusa a ordem de soltura para exigir a presença dos juizes, que comparecem receosos. O apóstolo anuncia-lhes o Reino de Deus e, exibindo seus títulos, obriga-os a escutar suas dissertações relativamente a Jesus. Fê-los sabedores dos trabalhos evangélicos que alvoreciam na cidade, com a cooperação de Lídia e comentou o direito dos cristãos em toda parte. Os magistrados apresentaram-lhe desculpas, garantiram a manutenção da paz para a igreja nascente, e, alegando

a extensão de suas responsabilidades perante o povo, rogaram a Paulo e Silas que deixassem a cidade, por evitar novos tumultos.

O ex-rabino sentiu-se satisfeito e, voltando á residencia da generosa purpureira, em companhia de Silas que lhe reconhecia a fortaleza, sem dissimular grande espanto, ali demorou alguns dias traçando o programa dos trabalhos da nova sementeira de Jesus. Em seguida, fez-se de rumo a Tessalônica, escalando em todos os recantos onde houvesse sítios ou aldeias á espera de notícias do Salvador.

Nesse novo centro de lutas, reecontraram Lucas e Timóteo que os aguardavam ansiosos. Os trabalhos seguiram ativíssimos. Em toda parte, os mesmos choques. Judeus preconceituosos, homens de má fé, ingratos e indiferentes, conluiaavam-se contra o ex-doutor de Jerusalém e seus devotados companheiros.

Paulo mantinha-se forte e superior nas mínimas refregas. Sobrevinham dissabores, angústias na praça pública, acusações injustas, calúnias crueis; poderosas ameaças caiam ás vezes, inesperadamente, sobre o desinteresse divino de suas obras; mas o valoroso discípulo do Senhor prosseguia sempre, sereno e firme através das tormentas, vivendo estritamente do seu trabalho e compelindo os amigos a fazerem o mesmo. Era indispensável que Jesus triunfasse nos corações, esse o seu programa primordial. Desatendia a qualquer capricho, sobreponha essa realidade a quaisquer conveniências, e a missão continuava entre dores e obstáculos formidados, mas, segura e vitoriosa em sua divina finalidade.

Depois de incontestaveis atritos com os judeus, em Tessalônica, o ex-rabino resolveu transferir-se para Beréa. Novos labores, novas dedicações e novos martírios. Os trabalhos missionários, iniciados sempre em paz, continuavam debaixo de lutas extremas.

Os judeus rigorosos, de Tessalônica, não faltaram em Beréa. A cidade movimentou-se contra os discípulos do Evangelho, os animos exaltaram-se. Lucas, Timóteo e Silas foram obrigados a afastar-se, perambulando pelas aldeias circunvizinhas. Paulo foi preso e açoitado. A

custa de grandes sacrifícios dos simpatizantes de Jesus, deram-lhe liberdade, com a condição de retirar-se dentro do menor prazo possível.

O ex-rabino acedeu prontamente. Sabia que atrás de si e através de esforços insanos, sempre ficaria uma igreja doméstica, que se alargaria ao infinito, bafejada pela misericórdia do Mestre, a fim de proclamar a excelência da Boa-Nova.

Era noite quando os irmãos de ideal conseguiram trazê-lo do cárcere para a via pública. O apóstolo dos gentios procurou informar-se sobre os companheiros e soube das vicissitudes que os assoberbavam. Lembrou que Silas e Lucas estavam doentes, que Timóteo necessitava encontrar-se com sua mãe no porto de Corinto. Era melhor proporcionar aos amigos uma trégua no vórtice das atividades renovadoras. Não seria justo requisitar-lhes a cooperação, quando ele próprio experimentava a necessidade de repouso.

Os irmãos de Beréa insistiam pela sua partida. Era uma temeridade provocar novos atritos. Foi aí que Paulo deliberou pôr em prática um velho plano. Visitaria Atenas, satisfazendo um velho ideal. Muitas vezes, impressionado com a cultura helenica recebida em Tarso, alimentara o desejo de conhecer-lhe os monumentos gloriosos, os templos soberbos, o espírito sábio e livre. Muito jovem, cogitava dessa visita á cidade magnificente dos velhos deuses, disposto a levar-lhe os tesouros da fé, guardados em Jerusalém. Procuraria as assembléias cultas e independentes e falaria de Moisés e da sua lei. Pensando, agora, na realização do projeto, considerava que levaria luzes muito mais ricas ao espírito ateniense. Anunciaria á cidade famosa o Evangelho de Jesus. Certo, quando falasse na praça pública, não encontraria os tumultos, tão do gosto israelita. Antegozava o prazer de falar á multidão afeiçoada ao trato das cousas espirituais. Indubitavelmente, os filósofos esperavam notícias de Cristo, com impaciencia. Teriam nas suas pregações evangélicas o verdadeiro sentido da vida.

Embalado por essas esperanças, o Apóstolo dos gentios decidiu a viagem, acompanhado de alguns amigos

mais fiéis. Estes, porém, regressaram das portas atenienses, deixando-o completamente só.

Paulo penetrou na cidade possuído de grande emoção. Atenas ainda ostentava numerosas belezas exteriores. Os monumentos de suas tradições veneraveis estavam quase todos de pé; bandas harmonias vibravam no céu muito azul; vales risonhos atapetavam-se de flores e perfumes. A grande alma do apóstolo extasiou-se na contemplação da natureza. Recordou os nobres filósofos que haviam respirado aqueles mesmos ares, rememorou os fastos gloriosos do passado ateniense, sentindo-se transportado a maravilhoso santuário. Entretanto, o transeunte das ruas não lhe podia ver a alma, e de Paulo viram apenas o corpo esquálido que as privações tornaram exótico. Muita gente o tomou á conta de mendigo, farrapo humano da grande massa que chegava, em fluxo contínuo, do oriente desamparado. O emissário do Evangelho, no entusiasmo de suas generosas intenções, não podia perceber as desencontradas opiniões a seu respeito. Cheio de bom animo, resolveu pregar na praça pública, na tarde desse mesmo dia. Ansiava por defrontar o espírito ateniense, tal como já defrontara as grandezas materiais da cidade.

Seu esforço, no entanto, foi seguido de penoso insucesso. Inúmeras pessoas aproximaram-se no primeiro momento; mas, quando lhe ouviram as referências a Jesus e á ressurreição, grande parte dos assistentes rompeu em gargalhadas de irritante ironia.

— Será este filósofo um novo deus? — perguntava um transeunte com ar de pilhária.

— Está muito desajeitado para tanto — respondia o interpelado.

— Onde já se viu um deus assim? — indagava ainda outro. — Vêde como lhe tremem as mãos! Parece doente e enfraquecido... A barba é selvagem e está cheio de cicatrizes!...

— E' louco — exclamava um ancião com vastas presunções de sabedoria. — Não percamos tempo.

Paulo tudo ouvia, notou a fila dos retirantes, indiferentes e endurecidos, e experimentou muito frio no

coração. Atenas estava muito distanciada das suas esperanças. A assembléia popular deu-lhe a impressão de enorme ajustamento de criaturas envenenadas de falsa cultura. Por mais de uma semana perseverou nas pregações públicas sem resultados apreciaveis. Ninguem se interessou por Jesus e, muito menos, chegou a oferecer-lhe hospedagem por uma simples questão de simpatia. Era a primeira vez, desde que iniciara a tarefa missionária, que se retiraria de uma cidade sem fundar uma igreja. Nas aldeias mais rústicas, sempre aparecia alguem que copiava as anotações de Leví para começar o labor evangélico no recinto humilde de um lar. Em Atenas ninguem apareceu interessado na leitura dos textos evangélicos. Entretanto, foi tanta a insistencia de Paulo junto de alguns personagens em evidencia, que o levaram ao Areópago, para tomar contacto com os homens mais sábios e inteligentes da época.

Os componentes do nobre conclave receberam-lhe a visita com mais curiosidade que interesse.

O Apóstolo ali penetrara por mercê de Dionisio, homem culto e generoso, que lhe atendera ás solicitações, a-fim-de observar até onde ia a sua coragem na apresentação da doutrina desconhecida.

Paulo começou impressionando o auditório aristocrático, referindo-se ao "Deus desconhecido", homenageado nos altares atenienses. Sua palavra vibrante apresentava ambientes singulares; as imagens eram muito mais ricas e formosas que as registadas pelo autor dos Atos. O proprio Dionísio estava admirado. O Apóstolo revelava-se muito diferente do que o vira na praça pública. Falava com alta nobreza, com ênfase; as imagens revestiam-se de extraordinário colorido; mas, quando começou a discorrer sobre a ressurreição, houve forte e prolongado murmúrio. As galerias riam a bandeiras despregadas, choviam remoques acerados. A aristocracia intelectual ateniense não podia ceder nos seus preconceitos científicos.

Os mais ironicos deixavam o recinto com gargalhadas sarcásticas, enquanto os mais comedidos, em consideração a Dionísio, aproximaram-se do Apóstolo com

sorrisos intraduzíveis, declarando que o ouviriam de bom grado por outra vez, quando não se dêsse ao luxo de comentar assuntos de ficção.

Paulo ficou, naturalmente, desolado. No momento, não podia chegar á conclusão de que a falsa cultura encontrará sempre, na sabedoria verdadeira, uma expressão de cousas imaginárias e sem sentido. A atitude do Areópago não lhe permitiu chegar ao fim. Em breve o sumuoso recinto estava quase silencioso. O Apóstolo, então, lembrou que seria preferivel arrostar o tumulto dos judeus. Onde houvesse luta, haveria sempre frutos a colher. As discussões e os atritos, em muitos casos, representavam o revolvimento da terra espiritual para a semente divina. Ali, entretanto, encontrara a frieza da pedra. O mármore das colunas sobrebas deu-lhe imediatamente a imagem da situação. A cultura ateniense era bela e bem cuidada, impressionava pelo exterior magnífico, mas estava fria, com a rigidez da morte intelectual.

Apenas Dionisio e uma jovem senhora de nome Damaris e alguns serviçais do palácio, permaneciam a seu lado, extremamente constrangidos, embora propensos á causa.

Não obstante o desapontamento, Paulo de Tarso fez o possivel por evitar a nuvem de tristeza que pairava sobre todos, a começar por ele proprio. Ensaiou um sorriso de conformação e tentou algo de bom humor. Dionísio consolidou, ainda mais, sua admiração pelas poderosas qualidades espirituais daquele homem de apariencia franzina, tão enérgico e cioso de suas convicções.

Antes de se retirarem, Paulo falou na possibilidade de fundar uma igreja, ainda que fôsse num humilde santuário doméstico, onde se estudasse e comentasse o Evangelho. Mas os presentes não regatearam excusativas e pretextos. Dionísio afirmou que lamentava não lhe ser possivel amparar o cometimento, dada a angústia de tempo; Damaris alegou os impedimentos domésticos; os servos do Areópago, um por um, manifestaram dificuldades extremas. Um era muito pobre, outro muito incompreendido, e Paulo recebeu todas as recusas,

mantendo singular expressão fisionomica, como o semeador que se vê rodeado sómente de pedras e espinheiros.

O Apóstolo dos gentios despediu-se com serenidade; mas, tão logo se viu só, chorou copiosamente. A que atribuir o doloroso insucesso? Não pôde compreender, imediatamente, que Atenas padecia de seculares intoxicações intelectuais, e supondo-se desamparado pelas energias do plano superior, o ex-rabino deu expansão a terrível desalento. Não se conformava com a frieza geral, mesmo porque, a nova doutrina não lhe pertencia e sim ao Cristo. Quando não chorava refletindo na propria dôr, chorava pelo Mestre, julgando que ele, Paulo, não havia correspondido á expectativa do Salvador.

Por muitos dias, não conseguiu desfazer a nuvem de preocupações que lhe ensombrou a alma. Todavia, encorajava-se a Jesus e suplicava-lhe proteção para os grandes deveres da sua vida.

Nesse bulcão de incertezas e amarguras, surgiu o socorro do Mestre ao Apóstolo bem amado. Timóteo chegara de Corinto, carregado de boas notícias.

VII

AS EPISTOLAS

O neto de Loide trazia ao ex-rabino muitas novidades confortadoras. Já havia instalado as duas senhoras na cidade, era portador de alguns recursos e falou-lhe do desenvolvimento da doutrina cristã na velha capital da Acaia. Uma notícia foi, sobretudo, particularmente grata. E' que Timóteo mencionava o encontro com Aquila e Prisca. Os que com ele se fizeram solidarios nas dificuldades extremas do deserto, trabalhavam agora em Corinto pela glória do Senhor. Alegrou-se íntima, profundamente. Além das muitas razões íntimas que o chamavam á Acaia, isto é — as recordações indeléveis de Jeziél e Abigail, o desejo de abraçar o casal amigo foi tambem uma circunstancia decisiva da sua partida imediata.

O valoroso prégador saía de Atenas assaz abatido. O insucesso á face da cultura grega compelia-lhe o espírito indagador aos mais torturantes raciocínios. Começava a compreender a razão porque o Mestre preferira a Galiléia com os seus cooperadores humildes e simples de coração; entendia melhor o motivo da palavra franca do Cristo sóbre a salvação, e decifrava a sua predileção natural pelos desamparados da sorte.

Timóteo notou-lhe a tristeza singular e debalde procurou convencê-lo da conveniencia de seguir por mar, em vista das facilidades no Pireu. Ele fez questão de ir a pé, visitando os sítios isolados no percurso.

— Mas sinto-vos doente — objetava o discípulo, tentando dissuadi-lo. — Não será mais razoável descansardes?

Lembrando os desalentos experimentados, o Apóstolo acentuava:

— Enquanto pudermos trabalhar, ha que esmarmos no trabalho um elixir para todos os males. Além do mais, é justo aproveitar o tempo e a oportunidade.

— Julgo, entretanto — justificava o jovem amigo — que poderíeis adiar um pouco...

— Adiar porque? — redarguia o ex-rabino fazendo o possível por desfazer as máguas de Atenas. — Sempre tive a convicção de que Deus tem pressa do serviço bem feito. Se isso constitue uma característica de nossas mesquinhas atividades nas causas deste mundo, como adiar ou faltar com os deveres sagrados de nossa alma, para com o Todo-Poderoso?

O rapaz ponderou no acérto daquelas alegações e calou-se. Assim venceeram mais de sessenta quilômetros, com alguns dias de marcha e intervalos de prédicas. Nessa tarefa entre gente simples, Paulo de Tarso sentia-se mais feliz. Os homens do campo receberam a Boa-Nova com maior alegria e compreensão. Pequenas igrejas domésticas foram fundadas, não longe do golfo de Saron.

Enlevado pelas recordações cariciosas de Abigail, atravessou o istmo e penetrou na cidade, movimentada e rumorosa. Abraçou Loide e Eunice numa casinha do porto de Kencrées, e logo procurou avistar-se com os velhos amigos do "oásis de Dan".

Os três abraçaram-se, tomados de infinito júbilo. Aquila e a companheira falaram longamente dos serviços evangélicos, aos quais haviam sido chamados pela misericordia de Jesus. De olhos brilhantes, como se houvessem vencido grande batalha, contaram ao apóstolo que haviam realizado o ideal de permanecer em Roma, algum tempo. Como tecelões humildes, habitaram um velho casarão em ruínas, no Trastevere, fazendo as primeiras pregações do Evangelho no ambiente mesmo das pompas cesareanas. Os judeus haviam declarado

guerra franca aos novos princípios. Desde o primeiro rebate da Boa-Nova; iniciaram-se grandes tormentas no "ghetto" do bairro pobre e desprotegido. Prisca relatou como um grupo de israelitas apaixonados lhe assaltara o aposento, à noite, com instrumentos de flagelação e castigo. O marido demorava-se na oficina, e assim não pôde ela esquivar-se aos impiedosos açoites. Só muito tarde, fôra socorrida por Aquila, que a encontrou banhada em sangue. O Apóstolo tarsense exultava. Contou aos amigos, por sua vez, as dores experimentadas em toda a parte, pelo nome de Jesus Cristo. Aqueles martírios em comum eram apresentados como favores de Jesus, como títulos eternos da sua glória. Quem ama inquieta-se por dar alguma causa e os que amavam o Mestre sentiam-se extremamente venturosos em sofrerem algo por devotamento ao seu nome.

Desejoso de reintegrar-se na serenidade de suas realizações ativas olvidando a frieza ateniense, Paulo comentou o projeto da fundação de uma igreja em Corinto, ao que Aquila e sua mulher se prontificaram para todos os serviços. Aceitando-lhes o oferecimento generoso, o ex-rabino passou a residir em sua companhia, ocupando-se diariamente do seu ofício.

Corinto era uma sugestão permanente de lembranças queridas do seu coração. Sem comunicar aos amigos as reminiscências que lhe borbulhavam na alma sensível, procurou rever os sítios a que Abigail se referia sempre com enlevo. Com extremo cuidado, localizou a região onde deveria ter existido o pequeno sítio do velho Jchedeb, agora incorporado ao imenso acervo de propriedades dos herdeiros de Lícínio Minúcio; contemplou a velha prisão de onde a noiva pudera evadir-se para salvar-se dos celerados que lhe haviam assassinado o pai e escravizado o irmão; meditou no porto de Kencrées, de onde Abigail partira, um dia, para conquistar-lhe o coração, sob os desígnios superiores e imutáveis do Eterno.

Paulo entregou-se, de corpo e alma, ao serviço rude. O labor ativo das mãos proporcionara-lhe brando esquecimento de Atenas. Compreendendo a necessidade

de um período de calma, induzira Lucas a descansar em Troade, já que Timóteo e Silas haviam encontrado trabalho como caravaneiros.

Antes, porém, de retomar as pregações, começaram a chegar a Corinto emissários de Tessalônica, de Beréa e outros pontos da Macedonia, onde fundara suas bem amadas igrejas. As comunidades tinham assuntos urgentes, que requeriam delicadas intervenções da sua parte. Sentindo-se em dificuldades para tudo atender com a presteza devida, chamou novamente Silas e Timóteo para a cooperação indispensável. Ambos, valendo-se das oportunidades da profissão, poderiam contribuir de maneira eficaz na solução dos problemas imprevistos.

Confortado pelo concurso dos amigos, Paulo falou, pela primeira vez, na sinagoga. Sua palavra vibrante logrou êxito extraordinário. Judeus e gregos falaram de Jesus com entusiasmo. O tecelão foi convidado a prosseguir nos comentários religiosos, semanalmente. Mas tão logo começou a abordar as relações existentes entre a Lei e o Evangelho, reportaram os atritos. Os israelitas não toleravam a superioridade de Jesus sobre Moisés, e, se consideravam o Cristo como profeta da raça, não o suportavam como Salvador. Paulo aceitou os desafios, mas não conseguiu demover corações tão endurecidos; as discussões prolongaram-se por vários sábados, seguidamente, até que, um dia, quando o verbo inflamado e sincero do Apóstolo surzia os erros farisaicos com veemência, um dos chefes principais da sinagoga intimou-o com aspereza:

— Cála-te, palrador imprudente! A sinagoga tem tolerado teus embustes por verdadeiros prodígios de paciencia; mas, em nome da maioria, ordeno que te retires para sempre! Não queremos saber do teu Salvador, exterminado como os cães da cruz!...

Ouvindo expressões tão desrespeitosas ao Cristo, o Apóstolo sentiu os olhos húmidos. Refletiu maduramente na situação e replicou:

— Até agora, em Corinto, procurei dizer a verdade ao povo escolhido por Deus para o sagrado depósito da unidade divina; mas, se não a aceitais desde hoje,

procurarei os gentios!... Cáiam sobre vós mesmos as injustas maldições lançadas sobre o nome de Jesus Cristo!...

Alguns israelitas mais exaltados quiseram agredí-lo, provocando tumulto. Mas um romano de nome Tito Justo, presente à assembléia e que, desde a primeira pregação sentira-se fortemente atraído pela poderosa personalidade do Apóstolo, aproximou-se e estendeu-lhe os braços de amigo. Paulo pôde sair incólume do recinto, encaminhando-se para a residencia do benfeitor, que pôs á sua disposição todos os elementos imprescindíveis á organização de uma igreja ativa.

O tecelão estava jubiloso. Era a primeira conquista para uma fundação definitiva.

Tito Justo, com auxílio de todos os simpatizantes do Evangelho, adquiriu uma casa para início dos serviços religiosos. Aquila e Prisca foram os principais colaboradores, além de Loide e Eunice, para que se executassem os programas traçados por Paulo, de acordo com a querida organização de Antióquia.

A igreja de Corinto começou, então, a produzir os frutos mais ricos de espiritualidade. A cidade era famosa por sua devassidão, mas o Apóstolo costumava dizer que dos pantanos nasciam, muitas vezes, os lírios mais belos; e como onde ha muito pecado ha muito remorso e sofrimento, em identidade de circunstâncias, a comunidade cresceu, dia a dia, reunindo os crentes mais diversos, que chegavam ansiosos por abandonar aquela Babilonia incendiada pelos vícios.

Com a presença de Paulo, a igreja de Corinto adquiria singular importância e quase diariamente chegavam emissários das regiões mais afastadas. Eram portadores da Galácia a pedirem providências para as igrejas de Pisídia; companheiros de Iconio, de Lístra, de Tessalônica, de Chipre, de Jerusalém. Em torno do Apóstolo formou-se um pequeno colégio de seguidores, de companheiros permanentes, que com ele cooperavam nos mínimos trabalhos. Paulo, entretanto, preocupava-se intensamente. Os assuntos eram urgentes quão variados. Não podia olvidar o trabalho de sua manutenção; as-

sumira compromissos pesados com os irmãos de Corinto; devia estar atento á coleta destinada a Jerusalém; não podia desprezar as comunidades anteriormente fundadas. Aos poucos, comprehendeu que não bastava enviar emissarios. Os pedidos choviam de todos os sítios por onde perambulara, levando as alvícaras da Boa Nova. Os irmãos, carinhosos e confiantes, contavam com a sua sinceridade e dedicação, compelindo-o a lutar intensamente.

Sentindo-se incapaz de atender a todas as necessidades ao mesmo tempo, o abnegado discípulo do Evangelho valendo-se, um dia, do silêncio da noite, quando a igreja se encontrava deserta, rogou a Jesus, com lágrimas nos olhos, não lhe faltasse com os socorros necessários ao cumprimento integral da tarefa.

Terminada a oração, sentiu-se envolvido em branda claridade. Teve a impressão nítida de que recebia a visita do Senhor. Genuflexo, experimentando indizível comoção, ouviu uma advertência serena e carinhosa:

— Não temas — dizia a voz — prossegue ensinando a verdade e não te cales, porque estou contigo.

O Apóstolo deu curso ás lágrimas que lhe fluíam do coração. Aquele cuidado amoroso de Jesus, aquela exortação em resposta ao seu apelo, penetravam-lhe a alma em ondas cariciosas. A alegria do momento dava para compensar todas as dores e padecimentos do caminho. Desejoso de aproveitar a sagrada inspiração do momento que fugia, pensou nas dificuldades para atender as várias igrejas fraternas. Tanto bastou para que a voz dulcissima continuasse:

— Não te atormentes com as necessidades do serviço. E' natural que não possas assistir pessoalmente a todos, ao mesmo tempo. Mas é possível a todos satisfazer, simultaneamente, pelos poderes do espírito.

Procurou atinar com o sentido justo da frase, mas teve dificuldade íntima de o conseguir.

Entretanto, a voz prosseguia com brandura:

— Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa vontade saberão compreender, porque o valor da tarefa não está na

presença pessoal do missionário, mas no conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida. Doravante, Estêvão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e necessidades do mundo.

O dedicado amigo dos gentios viu que a luz se extinguira; o silêncio voltara a reinar entre as paredes singelas da igreja de Corinto; mas, como se houvera sorvido a água divina das claridades eternas, conservava o Espírito mergulhado em júbilo intraduzível. Recomeçaria o labor com mais afinco, mandaria ás comunidades mais distantes as notícias de Cristo.

De fato, logo no dia seguinte, chegaram portadores de Tessalônica com notícias desagradabilíssimas. Os judeus haviam conseguido despertar na igreja novas, estranhas dúvidas e contendas. Timóteo corroborava com observações pessoais. Reclamavam a presença do Apóstolo com urgencia, mas o Apóstolo deliberou pôr em prática o alvitre do Mestre, e recordando que Jesus lhe prometera associar Estêvão á divina tarefa, julgou não dever atuar por si só e chamou Timóteo e Silas para redigir a primeira de suas famosas epístolas.

Assim começou o movimento dessas cartas imortais, cuja essencia espiritual provinha da esfera de Cristo, através da contribuição amorosa de Estêvão — companheiro abnegado e fiel daquele que se havia arvorado, na mocidade, em primeiro perseguidor do Cristianismo.

Percebendo o elevado espirito de cooperação de todas as obras divinas, Paulo de Tarso nunca procurava escrever só; buscava cercar-se no momento dos companheiros mais dignos, socorreria-se de suas inspirações, consciente de que o mensageiro de Jesus, quando não encontrasse no seu tonus sentimental as possibilidades precisas para transmitir os desejos do Senhor, teria nos amigos instrumentos adequados.

Desde então, as cartas amadas e célebres, contendo vibrações de um mundo superior, eram copiadas e sentidas em toda parte. E Paulo continuou a escrever sempre, ignorando, ele proprio, que aqueles documentos su-

blimes, escritos muitas vezes em hora de angústias extremas, não se destinavam a uma igreja particular, mas á cristandade universal. As epistolas lograram êxito rápido. Os irmãos as disputavam nos rincões mais humildes, por seu conteúdo de consolações e o proprio Simão Pedro recebendo as primeiras cópias, em Jerusalém, reuniu a comunidade e lendo-as, comovido, declarou que as cartas do convertido de Damasco deviam ser interpretadas como cartas de Cristo aos discípulos e seguidores, afirmando, mais, que elas assinalavam um novo período luminoso na história do Evangelho.

Altamente confortado, o ex-doutor da Lei procurou enriquecer a igreja de Corinto de todas as experiencias que trazia da instituição antioquena. Os cristãos da cidade viviam num oceano de júbilos indefiniveis. A igreja possuia seu departamento de assistencia aos que necessitavam de pão, de vestuário, de remédios. Venerandas velhinhos revesavam-se na tarefa santa de atender aos mais desfavorecidos. Diariamente, á noite, havia reuniões para comentar uma pasagem da vida de Cristo; em seguida á pregação central e ao movimento das manifestações de cada um, todos entravam em silencio, a-fim-de ponderar o que recebiam do céu através do profetismo. Os não habituados ao dom das profecias, possuíam faculdades curadoras, que eram aproveitadas a favor dos enfermos, em uma sala proxima. O mediunismo evangelizado, dos tempos modernos, é o mesmo profetismo das igrejas apostólicas.

Como acontecia, por vezes, em Antioquia, surgiam tambem ali pequeninas discussões em torno de pontos mais dificeis de interpretação, que Paulo se apressava a acalmar, sem prejuizo da fraternidade edificadora.

Ao fim dos trabalhos de cada noite, uma prece carinhosa e sincera assinalava o instante de repouso.

A instituição progredia a olhos vistos. Aliando-se á generosidade de Tito Justo, outros romanos de fortuna aproximaram-se do Evangelho, enriquecendo a organização de possibilidades novas. Os israelitas pobres encontravam na igreja um lar generoso, onde Deus se lhes manifestava em demonstrações de bondade, ao con-

trário das sinagogas, em cujo recinto, em vez de pão para a fome voraz, de bálsamo para as chagas do corpo e da alma, encontravam apenas a rispidez de preceitos tirânicos, nos lábios de sacerdotes sem piedade.

Irritados com o êxito inexcedivel do empreendimento de Paulo de Tarso, que se demorava na cidade já por um ano e seis meses, tendo fundado um verdadeiro e perfeito abrigo para os "filhos do Calvário", os judeus de Corinto tramaram um movimento terrivel de perseguição ao Apóstolo. A sinagoga esvaziava-se. Era necessário extinguir a causa do seu desprestígio social. O ex-rabino de Jerusalém pagaria muito caro a audacia da propaganda do Messias nazareno em detrimento de Moisés.

Era proconsul da Acaia, com residencia em Corinto, um romano generoso e ilustre, que costumava agir sempre de acordo com a justiça, em sua vida pública. Irmão de Séneca, Junius Gallio era homem de grande bondade e fina educação. O processo iniciado contra o ex-rabino foi ás suas mãos, sem que Paulo tivesse a minima notícia e era tão grande a bagagem de acusações levantadas pelos israelitas, que o administrador foi compelido a determinar a prisão do Apóstolo para o inquérito inicial. A sinagoga pediu, com particular empenho, lhe fosse delegada a tarefa de conduzir o acusado ao tribunal. Longe de conhecer o móvel do pedido, o proconsul concedeu a permissão necessária, determinando o comparecimento dos interessados á audiencia pública do dia seguinte.

De posse da ordem, os israelitas mais exaltados deliberaram prender Paulo na véspera, num momento em que o fato pudesse escandalizar toda a comunidade.

A' noite, justamente quando o ex-rabino comentava o Evangelho, tomado de profundas inspirações, o grupo armado parou á porta, destacando-se alguns judeus mais eminentes que se dirigiram ao interior.

Paulo ouviu a voz de prisão, com extrema serenidade. Outro tanto, porém, não aconteceu com a assembleia. Houve grande tumulto no recinto. Alguns moços

mais exaltados apagaram as tochas, mas o Apóstolo valoroso, num apêlo solene e comovedor, bradou alto:

— Irmãos, acaso quereis Cristo sem testemunho?

A pergunta ressoou no ambiente contendo todos os animos. Sempre sereno, o ex-rabino ordenou que acendessem as luzes e estendendo os pulsos para os judeus admirados, disse com acento inesquecivel:

— Estou pronto!...

Um componente do grupo, despeitado com aquela superioridade espiritual, avançou e deu-lhe com os açoites em pleno rosto.

Alguns cristãos protestaram, os portadores da ordem de Gallio revidaram com aspereza, mas o prisioneiro sem demonstrar a mais leve revolta, clamou em voz mais alta:

— Irmãos, regosijemo-nos em Cristo Jesus. Estejamos tranquilos e jubilosos porque o Senhor nos julgou dignos!...

Grande serenidade estabeleceu-se, então, na assembleia. Várias mulheres soluçavam baixinho. Aquila e a espôsa dirigiram ao Apóstolo um inolvidavel olhar e a pequena caravana demandou o cárcere, na sombra da noite. Atirado ao fundo de uma enxovia húmida, Paulo foi atado ao tronco do suplício e houve de suportar a flagelação dos trinta e nove açoites. Ele proprio estava surpreendido. Sublime paz banhava-lhe o coração de brandos consôlos. Não obstante sentir-se sózinho, entre perseguidores cruéis, experimentava nova confiança em Cristo. Nessas disposições, não lhe doiam as vergastadas impiedosas; debalde os verdugos espicaçavam-lhe o espírito ardente com insultos e ironias. Na prova rude e dolorosa, comprehendeu, alegremente, que havia atingido a região de paz divina, no mundo interior, que Deus concede a seus filhos depois das lutas acerbas e incessantes por eles mantidas na conquista de si mesmos. De outras vezes, o amor pela justiça o conduzia a situações apaixonadas, a desejos mal contidos, a polémicas ríspidas; mas ali, enfrentando os açoites que lhe caíam nos ombros semi-nús, abrindo sulcos sanguinolentos, tinha uma lembrança mais viva do Cristo, a

impressão de estar chegando aos seus braços misericordiosos, depois de caminhadas terríveis e ásperas, desde a hora em que havia caido ás portas de Damasco, sob uma tempestade de lágrimas e trevas. Submerso em pensamentos sublimes, Paulo de Tarso sentiu o seu primeiro grande êxtase. Não mais ouviu os sarcasmos dos algozes inflexiveis, sentiu que sua alma dilatava-se ao infinito, experimentando sagradas emoções de indefinivel ventura. Brando sono lhe anestesiou o coração e, sómente pela madrugada voltou a si do caricioso descanso. O sol visitava-o alegre, através das grades. O valoroso discípulo do Evangelho levantou-se bem disposto, recompôs as vestes e esperou pacientemente.

Só depois do meio dia, três soldados desceram ao cárcere das disciplinas judáicas, retirando o prisioneiro para conduzi-lo á presença do proconsul.

Paulo compareceu á barra do tribunal, com imensa serenidade. O recinto estava cheio de israelitas exaltados; mas o apóstolo notou que a assembleia se compunha, na maioria, de gregos de fisionomia simpática, muitos deles seus conhecidos pessoais dos trabalhos de assistencia da gireja.

Junius Gallio, muito cioso do seu cargo, sentou-se sob o olhar ansioso dos espectadores cheios de interesse.

O proconsul, de conformidade com a praxe, teria de ouvir as partes em litígio, antes de pronunciar qualquer julgamento, apesar das queixas e acusações exaradas em pergaminho.

Pelos judeus falaria um dos maiorais da sinagoga, de nome Sóstenes; mas, como não aparecesse o representante da igreja de Corinto para a defesa do apóstolo, a autoridade reclamou o cumprimento da medida sem perda de tempo. Paulo de Tarso, muito surpreendido, rogava intimamente a Jesus fôsse o patrono de sua causa, quando se destacou um homem que se prontificava a depôr em nome da igreja. Era Tito Justo, o romano generoso, que não desprezava o ensejo do testemunho. Verificou-se, então, um fato inesperado. Os gregos da assembleia prorromperam em frenéticos aplausos.

Junius Gallio determinou que os acusados iniciassem as declarações públicas necessárias.

Sóstenes entrou a falar com grande aprovação dos judeus presentes. Acusava Paulo de blasfemo, desertor da Lei, feiticeiro. Referiu-se ao seu passado, acrimoniosamente. Contou que os próprios parentes o haviam abandonado. O proconsul ouvia atento mas não deixou de manter uma atitude curiosa. Com o indicador da direita comprimia um ouvido, sem atender à estupefação geral. O maioral da sinagoga, no entanto, desconcertava-se com aquele gesto. Terminando o libelo apaixonado quanto injusto, Sóstenes interrogou o administrador da Acaia, relativamente à sua atitude, que exigia um esclarecimento, a fim de não ser tomada à conta de desconsideração.

Gallio, porém, muito calmo, respondeu fazendo humorismo:

— Suponho não estar aqui para dar satisfação de meus atos pessoais e sim para atender aos imperativos da justiça. Mas, em obediência ao código da fraternidade humana, declaro que, a meu ver, todo administrador ou juiz em causa alheia deverá reservar um ouvido para a acusação e outro para a defesa.

Enquanto os judeus franziam o sobrecenho extremamente confundidos, os corintios riam gostosamente. O próprio Paulo achou muita graça na confissão do proconsul, sem poder disfarçar o sorriso bom que lhe iluminou repentinamente a fisionomia.

Passado o incidente humorístico, Tito Justo aproximou-se e falou sucintamente da missão do Apóstolo. Suas palavras obedeciam a largo sopro de inspiração e beleza espiritual. Junius Gallio, ouvindo a história do convertido de Damasco, dos lábios de um compatriício, mostrou-se muito impressionado e comovido. De quando em vez, os gregos prorrumpiam em exclamações de aplauso e contentamento. Os israelitas compreenderam que perdiam terreno de momento a momento.

Ao fim dos trabalhos, o chefe político da Acaia tomou a palavra para concluir que não via crime algum no discípulo do Evangelho; que os judeus deviam, antes

de qualquer acusação injusta, examinar a obra generosa da igreja de Corinto, por quanto, na sua opinião, não havia agravo dos princípios israelitas; que a só controvérsia de palavras não justificava violências, concluindo pela frivolidade das acusações e declarando não desejar a função de juiz em assunto daquela natureza.

Cada conclusão formulada era ruidosamente aplaudida pelos corintios.

Quando Junius Gallio declarou que Paulo devia considerar-se em plena liberdade, os aplausos atingiram ao delírio. A autoridade recomendou que a retirada se fizesse em ordem; mas os gregos aguardaram a descida de Sóstenes e quando surgiu a figura solene do "mestre de Israel", com os trajes característicos, os corintios o atacaram sem piedade. Estabelecido enorme tumulto na escada longa que separava o tribunal da via pública, Tito Justo acercou-se aflito do proconsul e pediu que intervisse. Gallio, entretanto, continuando a preparar-se para regressar à casa, dirigiu a Paulo um olhar de simpatia e acrescentou calmamente:

— Não nos preocupeiemos. Os judeus estão muito habituados a esses tumultos. Se eu, como juiz, resguardar um ouvido, parece-me que Sóstenes deveria resguardar o corpo inteiro, na qualidade de acusador.

E demandou o interior do edifício em atitude impassível. Foi então que Paulo surgindo no topo da escada bradou:

— Irmãos, apaziguai-vos por amor ao Cristo!...

A exortação caiu em cheio sobre a turba numerosa e tumultuária. O efeito foi imediato. Cessaram os rumores e os impropérios. Os últimos contendores paralisaram os braços inquietos. O convertido de Damasco acorreu pressuroso em socorrer Sóstenes, cujo rosto sangrava. O acusador implacável do dia foi conduzido à sua residência pelos cristãos de Corinto, que atenderam aos apelos de Paulo, com extremos cuidados.

Grandemente despeitados com o insucesso, os israelitas da cidade maquinaram novas investidas, mas o Apóstolo reunindo a comunidade do Evangelho, declarou que desejava partir para a Ásia, a fim de atender a

insistentes chamados de João (1), na fundação definitiva da igreja de Éfeso. Os coríntios protestaram amistosamente, procurando retê-lo, mas o ex-rabino expôs com firmeza a conveniencia da viagem, contando regressar muito breve. Todos os cooperadores da igreja estavam desolados. Principalmente Febe, notável colaboradora do seu esforço apostólico em Corinto, não conseguia ocultar as lágrimas do coração. O devotado discípulo de Jesus fez ver que a igreja estava fundada, solicitando apenas a continuidade de atenção e carinho dos companheiros. Não seria justo, a seu ver, enfrentar novamente a ira dos israelitas, parecendo-lhe razoável esperar o concurso do tempo para as realizações necessárias.

Dentro de um mês, partiu em demanda de Éfeso, levando consigo Aquila e a esposa, que se dispuseram a acompanhá-lo.

Despedindo-se da cidade, teve o pensamento voltado para o pretérito, para as esperanças de ventura terrestre que os anos haviam absorvido. Visitou os sítios onde Abigail e o irmão haviam brincado na infância, saturou-se de recordações suaves e inesquecíveis e, no porto de Kencrées, lembrando a partida da noiva bem amada, raspou a cabeça, renovando os votos de fidelidade eterna, consoante os costumes populares da época.

Depois de viagem difícil, repleta de incidentes penosos, Paulo e os companheiros chegaram ao ponto destinado.

A igreja de Éfeso enfrentava problemas torturantes. João lutava sériamente para que o esforço evangélico não degenerasse em polemicas estéreis. Mas os tecelões chegados de Corinto deram-lhe mão forte na cooperação imprescindível.

Em meio das acaloradas discussões que houve de manter com os judeus, na sinagoga, o ex-rabino não olvidou certas realizações sentimentais que almejava desde muito. Com delicadeza extrema, visitou a Mãe de

(1) João iniciou suas atividades na igreja mixta de Éfeso, muito cedo, embora não se desligasse de Jerusalém. — (Nota de EMMANUEL).

Jesus na sua casinha singela, que dava para o mar. Impressionou-se fortemente com a humildade daquela criatura simples e amorosa, que mais se assemelhava a um anjo vestido de mulher. Paulo de Tarso interessou-se pelas suas narrativas cariciosas, a respeito da noite do nascimento do Mestre, gravou no íntimo suas divinas impressões e prometeu voltar na primeira oportunidade, a fim de recolher os dados indispensáveis ao Evangelho que pretendia escrever para os cristãos do futuro. Maria colocou-se à sua disposição, com grande alegria.

O Apóstolo, entretanto, depois de cooperar algum tempo na consolidação da igreja, considerando que Aquila e Prisca se encontravam bem instalados e satisfeitos, resolveu partir, buscando novos rumos. Debalde os irmãos procuraram dissuadi-lo, rogando ficasse na cidade por mais tempo. Prometendo regressar logo que as circunstâncias permitissem, alegou que precisava ir a Jerusalém, levar a Simão Pedro o fruto da coleta de anos consecutivos nos lugares que percorrerá. O filho de Zezedeu, que conhecia o projeto antigo, deu-lhe razão para empreender a viagem sem mais demora.

Como já se encontrassem novamente a seu lado, Silas e Timóteo fizeram-lhe companhia nessa nova excursão.

Através de enormes dificuldades, mas pregando sempre a Boa-Nova com verdadeiro entusiasmo devocional, chegaram ao porto de Cesaréia, onde permaneceram alguns dias, instruindo os interessados no conhecimento do Evangelho. Dali, dirigiram-se a pé para Jerusalém, distribuindo consolações e curas, ao longo dos caminhos. Chegados à capital do judaísmo, o ex-pescador de Cafarnaum recebeu-os com júbilos inexcedíveis. Simão Pedro apresentava grande abatimento físico, em virtude das lutas teríveis e incessantes para que a igreja suportasse, sem maiores abalos, as tempestades primitivas: seus olhos, porém, guardavam a mesma serenidade característica dos discípulos fiéis.

Paulo entregou-lhe, alegremente, a pequena fortuna cuja aplicação iria assegurar maior independência à ins-

tituição de Jerusalém, para o desenvolvimento justo da obra de Cristo. Pedro agradeceu comovido e abraçou-o com lágrimas. Os pobres, os orfãos, os velhos desamparados e os convalescentes, teriam doravante uma escola abençoada de trabalho santificante.

Pedro notou que o ex-rabino também estava alquebrado de corpo. Muito magro, muito pálido, cabelos já grisalhos, tudo nele denunciava a intensidade das lutas empenhadas. As mãos e o rosto estavam cheios de cicatrizes.

O ex-pescador, diante do que via, falou-lhe com entusiasmo das suas epístolas, que se espalhavam por todas as igrejas, lidas com avidez; profundamente experimentado em problemas de ordem espiritual, alegou a convicção de que aquelas cartas provinham de uma inspiração direta do Mestre Divino, observação que Paulo de Tarso recebeu comovidíssimo, dada a espontaneidade do companheiro. Além disso —acrescentava Simão prazerosamente — não podia haver elemento educativo de tão elevado alcance quanto aquele. Conhecia cristãos da Palestina que guardavam cópias numerosas da mensagem aos tessalonicenses. As igrejas de Joppe e Antípatris, por exemplo, comentavam as epítolas, frase por frase.

O ex-rabino sentiu imenso conforto para prosseguir na luta redentora.

Após alguns dias, demandou Antioquia, junto dos discípulos. Descansou algum tempo junto dos companheiros bem amados, mas sua poderosa capacidade de trabalho não permitia maiores intermitências de repouso.

Nessa época, não passava semana que não recebesse representações de diversas igrejas, dos pontos mais distantes. Antioquia da Pisídia sumariava dificuldades; Icônio reclamava novas visitas; Beréia rogava providências. Corinto encarecia esclarecimentos. Colosse insistia por sua presença breve. Paulo de Tarso valendo-se dos companheiros da ocasião, enviava-lhes letras novas, a todos atendendo com o maior carinho. Em tais circunstâncias, nunca mais o Apóstolo dos gentios esteve

só na tarefa evangelizadora. Sempre assistido por discípulos numerosos, suas epístolas, que ficaram para os cristãos do futuro, estão, em sua maioria, repletas de referências pessoais, suaves e doces.

Terminando o estágio em Antioquia, voltou ao berço natal, aí falando das verdades eternas e conseguindo despertar grande número de tarsenses para as realidades do Evangelho. Em seguida, internou-se de novo pelas alturas do Tauros, visitou as comunidades de toda a Galácia e Frígia, levantando o animo dos companheiros de fé, no que empregou elevada percentagem de tempo. Nesse afã incansável e incessante, conseguiu arregimentar novos discípulos para Jesus, distribuindo grandes benefícios em todos os recantos iluminados pela sua palavra edificante, porque também ilustrada em fatos.

Em toda parte, lutas sem tréguas, alegrias e dores, angústias e amarguras do mundo, que não chegavam a lhe arrefecer as esperanças nas promessas de Jesus. De um lado eram os israelitas rigorosos, inimigos ferrenhos e declarados do Salvador; do outro, os cristãos indecisos, vacilando entre as conveniências pessoais e as falsas interpretações. O missionário tarsense, no entanto, conhecendo que o discípulo sincero terá de experimentar as sensações da "porta estreita" todos os dias, nunca se deixou empolgar pelo desânimo, renovando a cada hora o propósito de tudo suportar, agir, fazer e edificar pelo Evangelho, inteiramente entregue a Jesus Cristo.

Vencidas as lutas indefessas, deliberou regressar a Éfeso, interessado na feitura do Evangelho recalcado nas recordações de Maria.

Não mais encontrou Aquila e Prisca, retornados a Corinto em companhia de um tal Apolo, que se notabilizara por sua cultura, entre os recém-convertidos. Embora pretendesse apenas manter algumas conversações mais longas com a filha inesquecível de Nazaré, foi compelido a enfrentar a luta séria com os cooperadores de João. A sinagoga conseguiu grande ascendente político sobre a igreja da cidade, que ameaçava

sossostrar. O ex-rabino percebeu o perigo e aceitou a luta, sem reservas. Durante três meses discutiu na sinagoga, em todas as reuniões. A cidade, que se mantinha em dúvidas atrozes, parecia alcançar uma compreensão mais elevada e mais rica de luzes. Multipliando as curas maravilhosas, Paulo, um dia, tendo imposto as mãos sobre alguns doentes, foi rodeado por claredade indefinível do mundo espiritual. As vozes santiificadas que se manifestavam em Jerusalém e Antioquia, falaram na praça pública. Esse fato teve enorme repercussão e deu maior autoridade aos argumentos do Apóstolo, em contradita aos judeus.

Em Éfeso não se falava de outra cousa. O ex-rabino fôra elevado ao apogeu da consideração, de um dia para outro. Os israelitas perdiam terreno em toda a linha. O tecelão valeu-se do ensejo para lançar raízes evangélicas mais fundas nos corações. Secundando o esforço de João, procurou instalar na igreja os serviços de assistência aos mais desfavorecidos da fortuna. A instituição enriquecia-se de valores espirituais. Compreendendo a importância da organização de Éfeso para toda a Ásia, Paulo de Tarso deliberou prolongar, ali, a sua permanência. Vieram discípulos de Macedónia, Aquila e a esposa regressaram a Corinto, Timóteo, Silas e Tito cooperavam ativamente visitando as fundações cristãs já estabelecidas. Assim vigorosamente auxiliado, o generoso Apóstolo multiplicava as curas e os benefícios em nome do Senhor. Trabalhando pela vitória dos princípios do Mestre, fez com que muitos abandonassem crenças e suposições perigosas, para se entregarem aos braços amorosos do Cristo.

Esse ritmo de trabalho fecundo perdurava há mais de dois anos, quando surgiu um acontecimento de vasta repercussão entre os efésios.

A cidade votava um culto especial à deusa Diana. Pequeninas estátuas, imagens fragmentárias da divindade mitológica surgiam em todos os cantos, bem como nos adornos da população. A pregação de Paulo, entretanto, modificara as preferências do povo. Quase ninguém se interessava mais pela aquisição das imagens

da deusa. Esse culto, porém, era tão lucrativo que os ourives da época, chefiados por um artífice de nome Demétrio, iniciaram veemente protesto perante as autoridades competentes.

Os prejudicados alegavam que a campanha do Apóstolo aniquilava as melhores tradições populares da cidade notável e florescente. O culto a Diana vinha dos antepassados e merecia mais respeito; além disso, toda uma classe de homens válidos ficava sem trabalho.

Demétrio movimentou-se. Os ourives reuniram-se e pagaram amotinadores. Sabiam que Paulo falaria no teatro, naquela mesma noite que sucedeu às combinações definitivas. Pagos pelos artífices, os maliciosos começaram a espalhar boatos entre os mais crédulos. Insinuavam que o ex-rabino preparava-se para arrombar o templo de Diana, a fim de queimar os objetos do culto. Acrescentavam que a malta iconoclasta sairia do teatro para executar o projeto sinistro. Irritaram-se os animos. O plano de Demétrio calava fundo na imaginação dos mais simplórios. Ao entardecer, grande massa popular postou-se na vasta praça, em atitude expectante. A noite fechou, a multidão crescia sempre. Ao acenderem-se no teatro as primeiras luzes, os ourives acreditaram que o Apóstolo lá estivesse. Com imprecações e gestos ameaçadores, a multidão avançou em furiosa grita, mas sómente Gaio e Aristarco, irmãos da Macedónia ali se encontravam, preparando o ambiente das pregações da noite. Ambos foram presos pelos exaltados. Verificando a ausência do ex-rabino, a massa inconsciente encaminhou-se para a tenda de Aquila e Prisca. Paulo, no entanto, lá não estava. A oficina singela do casal cristão foi totalmente desmantelada a golpes impiedosos. Teares quebrados, peças de couro atiradas à rua, furiosamente. Por fim, o casal foi preso, sob os apupos da turba exacerbada.

A notícia espalhou-se com extrema rapidez. A coluna revolucionária arrebanhava aderentes em todas as ruas, dado o seu caráter festivo. Debalde acorreram soldados para conter a multidão. Os maiores esforços tornavam-se inuteis. De vez em quando Demétrio asso-

mava a uma tribuna improvisada e dirigia-se ao povo envenenando os animos.

Recolhido á residencia de um amigo, Paulo de Tarso inteirou-se dos fatos graves que se desenrolavam por sua causa. Seu primeiro impulso foi seguir logo ao encontro dos companheiros capturados, para liberta-los, mas os irmãos impediram-lhe a saída. Essa noite dolorosa ficaria inesquecivel em sua vida. Ao longe, ouvia-se a gritaria estentórica: — "Grande é a Diana de Éfeso! Grande é a Diana de Éfeso!" Mas o Apóstolo, contrangido á força, pelos companheiros, houve que desistir de esclarecer a massa popular, na praça pública.

Só muito tarde, o escrivão da cidade conseguiu falar ao povo, concitando-o a levar a causa a juizo, abandonando o louco proposito de fazer justiça pelas proprias mãos.

A assembléia dispersou-se, pouco antes da meia noite, mas só atendeu a autoridade depois de ver Gaio, Aristarco e o casal de tecelões trancafiados na enxovia.

No dia seguinte, o generoso Apóstolo dos gentios foi, em companhia de João, observar os destroços da tenda de Aquila. Tudo em frangalhos na via pública. Paulo refletiu com imensa máguia nos amigos presos e falou ao filho de Zebedeu, com os olhos mareados de lágrimas.

— Como tudo isto me contrista! Aquila e Prisca têm sido meus companheiros de luta, desde as primeiras horas da minha conversão a Jesus. Por eles devia eu sofrer tudo, pelo muito amor que lhes devo, mas não julgo razoável que sofram por minha causa.

— A causa é de Cristo! — respondeu João com acerto.

O ex-rabino pareceu conformar-se com a observação e sentenciou:

— Sim, o Mestre nos consolará.

E depois de concentrar-se longamente, murmurou:

— Estamos em lutas incessantes na Asia, ha mais de vinte anos... Agora, preciso recolher-me a Jônias, sem demora. Os golpes vieram de todos os lados. Pelo

bem que desejamos, fazem-nos todo mal que podem. Ai de nós se não trouxessemos as marcas do Cristo Jesus!

O prégador valoroso, tão desasombrado e resistente, chorava! João percebeu, contemplou-lhe os cabelos prematuramente encanecidos e procurou desviar o assunto:

— Não te vás por enquanto — disse solícito — ainda és necessário aqui.

— Impossível — respondeu com tristeza — a revolução dos artífices continuaria. Todos os irmãos pagariam caro a minha companhia.

— Mas não pretendes escrever o Evangelho, consoante as recordações de Maria? — perguntou melifluamente o filho de Zebedeu.

— E' verdade — confirmou o ex-rabino com serenidade amarga — entretanto, é forçoso partir. Caso não mais volte, enviarei um companheiro para colher as devidas anotações.

— Contudo, poderias ficar conosco.

O tecelão de Tarso fitou o companheiro com tranquilidade e explicou, em atitude humilde:

— Talvez estejas enganado. Nasci para uma luta sem tréguas, que deverá prevalecer até o fim dos meus dias. Antes de encontrar as luzes do Evangelho, errei criminosamente, embora com o sincero desejo de servir a Deus. Fracassei, muito cedo, na esperança de um lar. Tornei-me odiado de todos, até que o Senhor se compadecesse de minha situação miserável, chamando-me ás portas de Damasco. Então, estabeleceu-se um abismo entre minh'alma e o passado. Abandonado pelos amigos da infancia, tive de procurar o deserto e recomeçar a vida. Da tribuna do Sinhédrio, regressei ao tear pesado e rústico. Quando voltei a Jerusalém, o judaísmo considerou-me doente e mentiroso. Em Tarso experimentei o abandono dos parentes mais caros. Em seguida, recomecei em Antioquia a tarefa que me seduzia, ao serviço de Deus. Desde então, trabalhei sem descanso, porque muitos séculos de serviço não dariam para pagar quanto devo ao Cristianismo. E saí ás pregações. Peregrinei por diversas cidades, visitei cen-

tenas de aldeias, mas de nenhum lugar me retirei sem luta áspera. Sempre saí pela porta do cárcere, pelo apedrejamento, pelo golpe dos açoites. Nas viagens por mar, já experimentei o naufrágio mais de uma vez; nem mesmo no bojo estreito de uma embarcação, tenho podido evitar a luta. Mas Jesus tem-me ensinado a sabedoria da paz interior, em perfeita comunhão de seu amor.

Essas palavras eram ditas em tom de humildade tão sincera que o filho de Zebedeu não conseguia esconder sua admiração.

— És feliz, Paulo — disse ele convicto — porque enteeste o programa de Jesus a teu respeito. Não te doa a recordação dos martírios sofridos, porque o Mestre foi compelido a retirar-se do mundo pelos tormentos da cruz. Regosijemo-nos com as prisões e sofrimentos. Se o Cristo partiu sangrando em feridas tão dolorosas, não temos o direito de acompanhá-lo sem cicatrizes...

O Apóstolo dos gentios prestou enorme atenção a essas palavras consoladoras e murmurou:

— É verdade!...

— Além do mais — acrescentou o companheiro emocionado — devemos contar com calvários numerosos. Se o Cordeiro Imaculado padeceu na cruz da ignomínia, de quantas cruzes necessitaremos para atingir a redenção? Jesus veiu ao mundo por imensa misericórdia. Aacenou-nos brandamente, convocando-nos á uma vida melhor... Agora, meu amigo, como os antepassados de Israel, que saíram do cativeiro do Egito a custa de sacrifícios extremos, precisamos fugir da escravidão dos pecados, violentando-nos a nós mesmos, disciplinando o espírito, a-fim-de nos juntarmos ao Mestre, correspondendo á sua imensa bondade.

Paulo meneou a cabeça, pensativo, e acentuou:

— Desde que o Senhor se dignou convocar-me ao serviço do Evangelho, não tenho meditado noutra cousa.

Nesse ritmo cordial conversaram muito tempo, até que o Apóstolo dos gentios concluiu mais confortado:

— O que de tudo concluo é que minha tarefa no Oriente está finda. O espírito de serviço exige que me

vá além... Tenho a esperança de pregar o Evangelho do Reino em Roma, na Espanha e entre os povos menos conhecidos...

Seu olhar estava cheio de visões gloriosas e João murmurou humildemente:

— Deus abençoará os teus caminhos.

Demorou-se ainda em Éfeso, movimentando os melhores empenhos a favor dos prisioneiros. Conseguida a liberdade dos detentos, resolveu deixar a Jonia dentro do menor prazo possível. Estava, porém, profundamente abatido. Dir-se-ia que as ultimas lutas haviam cooperado no desmantelo de suas melhores energias. Acompanhado de alguns amigos dirigiu-se para Troade, onde se demorou alguns dias, edificando os irmãos na fé. A fadiga, entretanto, acentuava-se cada vez mais. As preocupações enervaram-no. Experimentava no íntimo profunda desolação, que a insônia agravava dia a dia. Paulo, que nunca esquecera a ternura dos irmãos de Filipes, deliberou, então, procurar ali um abrigo, ansioso de repousar alguns momentos. O Apóstolo foi acolhido com inequivocas provas de carinho e consideração. As crianças da instituição desdobraram-se em demonstrações de afetuosa ternura. Outra agradável surpresa ali o esperava: Lucas encontrava-se accidentalmente na cidade e foi abraçá-lo. Esse encontro reanimou-lhe o animo abatido. Avistando-se com o amigo, o médico alarmou-se. Paulo pareceu-lhe extremamente debilitado, triste, não obstante a fé inabalável que lhe nutria o coração e transbordava dos lábios. Explicou que estivera doente, que muito sofrera nas ultimas pregações de Éfeso, que estava sozinho em Filipes, depois do regresso de alguns amigos que o haviam acompanhado, que os colaboradores mais fiéis haviam partido para Corinto, onde o aguardavam.

Muito surpreendido, Lucas tudo ouviu silencioso e perguntou:

— Quando partireis?

— Pretendo aqui ficar duas semanas.

E depois de vaguear os olhos na paisagem, concluiu em tom quase amargo:

— Aliás, meu caro Lucas, julgo ser esta a ultima vez que descanso em Filipes...

— Mas, porque? Não ha motivos para pressentimentos tão tristes.

Paulo notou a preocupação do amigo e apressou-se a desfazer-lhe as primeiras impressões:

— Suponho que terei de partir para o Ocidente — esclareceu com um sorriso.

— Muito bem! — respondeu Lucas reanimado. — Vou ultimar os assuntos que aqui me trouxeram e irei convosco a Corinto.

O Apóstolo alegrou-se. Rejubilava-se com a presença de um companheiro dos mais dedicados. Lucas também estava satisfeito com a possibilidade de assisti-lo na viagem. Com grande esforço procurava dissimular a penosa impressão que a saúde do Apóstolo lhe causara. Magrissimo, rosto pálido, olhos encovados, o ex-rabino dava a impressão de profunda miseria orgânica. O médico, no entanto, fez o possível por ocultar suas dolorosas conjecturas.

Como de hábito, Paulo de Tarso durante a viagem até Corinto, falou do projeto de chegar á Roma, por levar á capital do Império a mensagem do amor de Cristo Jesus. A companhia de Lucas, a mudança das paisagens revigoravam-lhe as fôrças físicas. O próprio médico estava surpreendido com a reação natural daquele homem de vontade poderosa.

Pelo caminho, através das pregações ocasionais de um longo itinerario, juntaram-se-lhes alguns companheiros mais devotados.

Novamente em Corinto, o ex-rabino ratificou as suas epístolas, reorganizou amorosamente os quadros de serviços da igreja e, no círculo dos mais íntimos, não falava de outra causa senão do grandioso projeto de visitar Roma, no intuito de auxiliar os cristãos já existentes na cidade dos Césares, a estabelecerem instituições semelhantes ás de Jerusalém, de Antioquia, de Corinto e outros pontos mais importantes do Oriente. Nesse meio tempo, readquiriu as energias latentes do organismo debilitado. Desdobrava-se no plano, coorde-

nando idéias e mais idéias do programa colimado, na imperial metrópole. Aventou numerosas providencias. Pensou em preparar sua chegada, fazendo-a preceder de carta na qual recapitulasse a doutrina consoladora do Evangelho e nomeasse, com saudações afetuosas, todos os irmãos do seu conhecimento no ambiente romano. Aquila e Prisca tinham voltado de Éfeso para a capital do Império, no intuito de recomeçar a vida. Seriam auxiliares diletos. Para esse fim, Paulo empregou alguns dias na redação do célebre documento, concluindo-o com uma carga de saudações particulares e extensas. Foi aí que se verificou um episódio escassamente conhecido pelos seguidores do Cristianismo. Considerando que todos os irmãos e pregadores eram criaturas excessivamente ocupadas nos mais variados misteres e que Paulo custaria a encontrar portador para a missiva famosa, a irmã de nome Febe, grande cooperadora do Apóstolo dos gentios no porto de Kencrées, comunicou-lhe que teria de ir a Roma, em visita a parentes e se oferecia, de bom grado, a levar o documento destinado a iluminar a cristandade póstera.

Paulo exultou de contentamento, aliás extensivo a toda a confraria. A epístola foi terminada com enorme entusiasmo e júbilo. Tão logo partiu a emissária heróica, o ex-rabino reuniu a pequena comunidade dos discípulos diletos para assentar as bases definitivas da grande excursão. Começou explicando que o inverno estava a começar, mas, tão depressa voltasse o tempo de navegação, embarcaria para Roma. Depois de justificar a excelencia do plano, visto já estar implantado o Evangelho nas regiões mais importantes do Oriente, pediu aos amigos íntimos lhe dissessem como e até que ponto lhes seria possível auxiliá-lo. Timóteo alegou que Eunice não podia, no momento, dispensar seus cuidados, dado o falecimento da veneranda Loide. Segundo expôs que precisava regressar a Tessalônica e Aristarco o secundou nesse parecer. Sopatró falou de suas dificuldades em Beréia. Gaio pretendia partir para Derbe no dia seguinte. Tiquico e Trófimo alegaram a necessidade

urgente de ir á Éfeso, de onde pretendiam mudar para Antióquia, seu berço natal. Quase todos os demais estavam impossibilitados de participar da excursão. Apenas Silas afirmou que poderia faze-lo, fôsse como fôsse. Chegada, porém, a vez de Lucas, que se mantivera ate então calado, disse ele estar pronto e resolvido a compartilhar dos trabalhos e alegrias da missão de Roma. De toda a assembléia, dois apenas poderiam acompanhá-lo. Paulo, todavia, mostrou-se conformado e satisfeitissimo. Bastavam-lhe Silas e Lucas, habituados aos seus métodos de propaganda e com os mais belos títulos de trabalho e dedicação á causa de Jesus.

Tudo corria ás maravilhas, o plano combinado auspiciava grandes esperanças, quando, no dia imediato, um peregrino pobre e triste, surgia em Corinto, desembocado de uma das ultimas embarcações chegadas ao Peloponeso para a ancoragem longa do inverno. Vinha de Jerusalém, bateu ás portas da igreja e procurou insistente por Paulo, a-fim-de entregar-lhe uma carta confidencial. Defrontando o singular mensageiro, o Apóstolo surpreendeu-se. Tratava-se do irmão Abdias, a quem Tiago incumbira de entregar a carta ao ex-rabino. Este, tomou-a e desdobrou-a um tanto nervoso.

A medida que ia lendo, mais pálido se fazia.

Tratava-se de um documento particular, da mais alta importancia. O filho de Alfeu comunicava ao ex-doutor da Lei os dolorosos acontecimentos que se desenrolavam em Jerusalém. Tiago avisava que a igreja sofria nova e violentíssima perseguição do Sinhédrio. Os rabinos haviam decidido reatar o fio das torturas infligidas aos cristãos. Simão Pedro fôra banido e expulso da cidade. Grande numero de confrades eram alvo de novas perseguições e martirios. A igreja fôra assaltada por fariseus sem conciencia e só não sofrera depredações de maior vulto em virtude do respeito que o povo lhe consagrava. Dentro de suas atitudes conciliadoras, conseguira aplacar os animos mais exaltados, mas o Sinhédrio alegava a necessidade de um entendimento com Paulo, a-fim-de conceder tréguas. A ação do Apóstolo dos gentios, incessante e ativa,

conseguira lançar as sementes de Jesus em toda a parte. De todos os lados, o Sinhédrio recebia consultas, reclamações, notícias alarmantes. As sinagogas iam ficando desertas. Tal situação requeria esclarecimentos. Baseado nesses pretextos, o maior tribunal dos israelitas desfechara tremendos ataques contra a organização cristã em Jerusalém. Tiago relatava os acontecimentos com grande serenidade e rogava a Paulo de Tarso não abandonasse a igreja naquela hora de lutas acerbas. Ele, Tiago, estava envelhecido e cansado. Sem a colaboração de Pedro, temia sucumbir. Pedia, então, ao convertido de Damasco fôsse a Jerusalém, afrontasse as perseguições por amor a Jesus, para que os doutores do Sinhédrio e do Templo ficasse bastantemente esclarecidos. Acreditava que lhe não poderia advir nenhum mal, porquanto o ex-rabino saberia melhor dirigir-se ás autoridades religiosas, para que a causa lograsse justo exito. A viagem a Jerusalém teria sómente um objetivo: esclarecer o Sinhédrio, como se fazia indispensavel. Depois disso, que Tiago considerava de suma importancia para salvar a igreja da capital do judaísmo, Paulo voltaria tranquilo e feliz para onde lhe aprovouesse.

A mensagem estava crivada de exclamações amargas e de apelos veementes.

Paulo de Tarso terminou a leitura e lembrou o passado. Com que direito lhe fazia o Apóstolo galileu semelhante pedido? Tiago sempre se colocara em posição antagonica. Em que pesasse a sua indole impetuosa, franca, inquebrantavel, não podia odia-lo; entretanto, não se sentia perfeitamente afim com o filho de Alfeu, a ponto de se tornar seu companheiro adequado em lance tão dificil. Procurou um recanto solitário da igreja, sentou-se e meditou. Experimentando certas relutancias intimas em renunciar á partida para Roma, não obstante o projeto formulado em Éfeso nas vésperas da revolução dos ourives, de só visitar a capital do Império depois de nova excursão a Jerusalém, procurou consultar o Evangelho, por desfazer tão grande perplexidade. Desenrolou os pergaminhos e, abrindo ao acaso,

leu a advertencia das anotações de Levi: — "Concilia-te depressa com o teu adversário". (1)

Dante dessas palavras judiciosas, não dissimulou o assombro, recebendo-as como um alvitre divino para que não desprezasse a oportunidade de estabelecer com o Apóstolo galileu os laços sacrossantos da mais pura fraternidade. Não era justo alimentar caprichos pessoais na obra do Cristo. No feito em perspectiva, não era Tiago o interessado na sua presença em Jerusalém. Era a igreja, era a sagrada instituição que se tornara tutora dos pobres e dos infelizes. Provocar as iras farisáicas sobre ela, não seria lançar uma tempestade de imprevisíveis consequencias para os necessitados e desfavorecidos do mundo? Recordou a juventude e a longa perseguição que chegara a mover contra os discípulos do Crucificado. Teve a nítida recordação do dia em que efetuara a prisão de Pedro entre os aleijados e os enfermos, que o cercavam soluçantes. Lembrou que Jesus o chamara para o divino serviço, ás portas de Damasco; que, desde então, sofrera e pregara, sacrificando-se a si mesmo e ensinando as verdades eternas, organizando igrejas amorosas e acolhedoras, onde os "filhos do Calvário" tivessem consolo e abrigo, de conformidade com as exortações de Abigail; e assim chegou á conclusão de que devia aos sofredores de Jerusalém alguma cousa que era preciso restituir. Em outros tempos, fomentara a confusão, privara-os da assistencia carinhosa de Estêvão, iniciara banimentos impiedosos. Muitos doentes foram obrigados a renegar o Cristo em sua presença, na cidade dos rabinos. Não seria aquela a ocasião adequada para resgatar a dívida enorme? Paulo de Tarso iluminado agora pelas mais santas experiencias da vida com o Mestre Amado, levantou-se e a passos resolutos dirigiu-se ao portador que o esperava em atitude humilde:

— Amigo, vem descansar, que bem precisas. Levarás a resposta em breves dias.

(1) Mateus: 5-25 — (Nota de EMMANUEL).

— Ireis a Jerusalém? — interrogou Abdias com certa ansiedade, como se conhecesse a importancia do assunto.

— Sim — respondeu o Apóstolo.

O emissário foi tratado com todo o carinho. Paulo procurou ouvir-lhe as impressões pessoais sobre a perseguição novamente desfechada contra os discípulos do Cristo; buscou firmar idéias sobre o que competia fazer; mas, não conseguia furtar-se a certas preocupações imperiosas e aparentemente insolubis. Como proceder em Jerusalém? Que espécie de esclarecimentos deveria prestar aos rabinos do Sinhédrio? Qual o testemunho que competia dar?

Grandemente apreensivo, adormeceu aquela noite, depois de pensamentos torturados e exhaustivos. Sonhou, porém, que se encontrava em longa e clara estrada tonalizada de maravilhosos clarores opalinos. Não déra muitos passos, quando foi abraçado por duas entidades carinhosas e amigas. Eram Jeziél e Abigail, que o enlaçavam com indizivel carinho. Extasiado, não pôde murmurar uma palavra. Abigail agradeceu-lhe a ternura das lembranças comovidas, em Corinto, falou-lhe dos júbilos do seu coração e rematou com alegria:

— Não te inquietes, Paulo. E' preciso ir a Jerusalém para o testemunho imprescindivel.

No íntimo, o Apóstolo reconsiderava o plano de excursão á Roma, no seu nobre intuito de ensinar as verdades cristãs na séde do Império. Bastou pensa-lo, porque a voz querida se fez ouvir novamente, em timbre familiar:

— Tranquiliza-te porque irás á Roma cumprir um sublime dever; não, porém, como queres, mas de acordo com os designios do Altíssimo...

E logo esboçando angelical sorriso:

— Depois, então, será a nossa união eternal em Jesus Cristo, para a divina tarefa do amor e da verdade á luz do Evangelho.

Aquelas palavras cairam-lhe na alma com a força de uma profunda revelação. O Apóstolo dos gentios não saberia explicar o que se passou no âmago do seu Es-

pírito. Sentia, simultaneamente, dôr e prazer, preocupação e esperança. A surpresa pareceu impedir o seguimento da visão inesquecível. Jeziél e a irmã, endereçando-lhe gestos amorosos, pareciam desaparecer numa faixa de névoas transparentes. Acordou em sobressalto e concluiu, desde logo, que devia preparar-se para os derradeiros testemunhos.

No dia seguinte, convocou uma reunião dos amigos e companheiros de Corinto. Mandou que Abdias explicasse, de viva voz, a situação de Jerusalém e expôs o plano de passar pela capital do judaísmo antes de seguir para Roma. Todos compreenderam os sagrados imperativos da nova resolução. Lucas, todavia, adiantou-se e perguntou:

— De acordo com a modificação do projeto, quando pretendéis partir?

— Dentro de poucos dias — respondeu resoluto.

— Impossível — respondeu o médico — não podermos concordar com a vossa viagem a pé, a Jerusalém; além de tudo, precisais descansar alguns dias depois de tantas lutas.

O ex-rabino refletiu um momento e concordou:

— Tens razão. Ficarei em Corinto algumas semanas; no entanto, pretendo fazer a viagem por etapas, no intuito de visitar as comunidades cristãs, pois tenho a intuição de minha partida breve, para Roma, e de que não mais verei as igrejas amadas, em corpo mortal...

Essas palavras eram pronunciadas em tom melancólico. Lucas e os demais companheiros ficaram silenciosos e o Apóstolo continuou:

— Aproveitarei o tempo instruindo Apolo sobre os trabalhos indispensáveis do Evangelho, nas diversas regiões da Acaia.

Em seguida, desfazendo a impressão de suas afirmativas menos animadoras, no tocante à viagem à Roma, incutiu novo alento no auditório, emitindo conceitos otimistas e esperançosos. Tragou vasto programa para os discípulos, recomendando atividades à maioria, entre as comunidades de toda a Macedônia, a-fim-de que todos os irmãos estivessem a postos para as suas despedidas;

outros foram despachados para a Ásia com identicas instruções.

Decorridos três meses de permanencia em Corinto, novas perseguições dos judeus foram desfechadas contra a instituição. A sinagoga principal da Acaia havia recebido secretas notificações de Jerusalém. Nada menos que a eliminação do Apóstolo, a qualquer preço. Paulo percebeu a insidiosa e despediu-se prudentemente dos coríntios, partindo em companhia de Lucas e Silas, a pé, para visitar as igrejas de Macedônia.

Por toda a parte pregou a palavra do Evangelho, convencido de que era a última vez que fixava aquelas paisagens.

Despedia-se, comovido, dos velhos amigos de outros tempos. Fazia recomendações, no tom de quem ia partir para sempre. Mulheres reconhecidas, anciãos e crianças acorriam a beijar-lhe as mãos com enterneçimento. Chegando a Filipes, cuja comunidade fraternal lhe falava mais intimamente ao coração, sua palavra suscitou torrentes de lágrimas. A igreja amorosa que vicejava para Jesus à margem do Ganges, consagrava ao Apóstolo dos gentios singular afeição. Lídia e seus numerosos auxiliares, num impulso muito humano, queriam retê-lo em sua companhia, insistiam para que não prosseguisse, receosos das perseguições do farisaísmo. E o Apóstolo, sereno e confiante, acentuava:

— Não choreis, irmãos. Convicto estou do que me compete fazer e não devo esperar flores e dias felizes. Cumpre-me aguardar o fim, na paz do Senhor Jesus. A existência humana é de trabalho incessante e os derradeiros sofrimentos são a coroa do testemunho.

Eram exortações cheias de esperanças e alegrias, por confortar os mais tímidos e renovar a fé nos corações fracos e sofredores.

Dando por terminada a tarefa nas zonas de Filipes, Paulo e os companheiros navegaram com destino a Troade. Nesta cidade, o Apóstolo fez, com inexcitável sucesso, a derradeira pregação na sétima noite de sua chegada, verificando-se o célebre incidente com o jovem Eutico, que caiu de uma janela do terceiro andar do

prédio em que se realizavam as práticas evangélicas, sendo imediatamente socorrido pelo ex-rabino, que o colheu semi-morto e devolveu-lhe a vida em nome de Jesus.

Em Troade, outros confrades se reuniram á pequena caravana. Atentos á recomendação de Paulo, partiram com Lucas e Silas para Asson, a-fim-de contratar a preço módico algum velho barco de pescadores, por quanto o Apóstolo preferia viajar desse modo entre as ilhas e portos numerosos, para despedir-se dos amigos e irmãos que por ali mourejavam. Assim aconteceu; e, enquanto os colaboradores tomavam embarcação confortável, o ex-rabino palmilhou mais de vinte quilometros de estrada, só pelo prazer de abraçar os continuadores humildes da sua grandiosa faina apostólica.

Adquirindo em seguida um barco muito ordinário, Paulo e os discípulos prosseguiram a viagem para Jerusalém, distribuindo consolações e socorros espirituais ás comunidades humildes e obscuras.

Em todas as praias eram gestos comovedores, adeus amargurosos. Em Efeso, porém, a cena foi muito mais triste, porque o Apóstolo solicitara o comparecimento dos anciãos e dos amigos, para falar-lhes particularmente ao coração. Não desejava desembarcar, no intuito de prevenir novos conflitos que lhe retardassem a marcha; mas, em testemunho de amor e reconhecimento, a comunidade em peso lhe foi ao encontro, sensibilizando-lhe a alma afetuosa.

A propria Maria, avançada em anos, acorrera de longe em companhia de João e outros discípulos, para levar uma palavra de amor ao paladino intemperato do Evangelho de seu Filho. Os anciãos receberam-no com ardorosas demonstrações de amizade, as crianças ofereciam-lhe merendas e flores.

Extremamente comovido, Paulo de Tarso prelecionou em despedida e, quando afirmou o pressentimento de que não mais ali voltaria em corpo mortal, houve grandes explosões de amargura entre os éfesios.

Como que tocados pela grandeza espiritual daquele momento, quase todos se ajoelharam no tapete branco

da praia e pediram a Deus protegesse o devotado batallador do Cristo. Recebendo tão belas manifestações de carinho, o ex-rabino abraçou, um por um, de olhos molhados. A maioria atirava-se-lhe nos braços amorosos, soluçando, beijando-lhe as mãos calosas e rudes. Abraçando, por último a Mãe Santíssima, Paulo tomou-lhe a destra e nela depôs um beijo de ternura filial.

A viagem continuou com as mesmas características. Rodes, Pátara, Tiro, Ptolemaida e, finalmente Cesaréia. Nesta cidade, hospedaram-se em casa de Filipe, que ali fixara residência ha muito tempo. O velho companheiro de lutas informou Paulo dos fatos mínimos de Jerusalém, onde muito esperavam do seu esfôrço pessoal para continuação da igreja. Muito velhinho, o generoso galileu falou da paisagem espiritual da cidade dos rabinos, sem disfarsar os receios que a situação lhe causava. Não sómente isso constrangeu os missionários. Agabo, já conhecido de Paulo em Antioquia, viera da Judéia e, em transe mediúnico na primeira reunião íntima em casa de Filipe, formulou os mais dolorosos vaticínios. As perspectivas eram tão sombrias que o proprio Lucas chorou. Os amigos rogaram a Paulo de Tarso que não partisse. Seria preferível a liberdade e a vida a benefício da causa.

Ele, porém, sempre disposto e resoluto, referiu-se ao Evangelho, comentou a passagem em que o Mestre profetizava os martírios que o aguardavam na cruz e concluiu arrebatadamente:

— Porque chorarmos maguando o coração? Os seguidores do Cristo devem estar prontos para tudo. Por mim, estou disposto a dar testemunho, ainda que tenha de morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus!...

A impressão dos vaticínios de Agabo ainda não havia desaparecido, quando a casa de Filipe recebeu nova surpresa, no dia imediato. Os cristãos de Cesaréia levaram á presença do ex-rabino um emissário de Tiago, de nome Mnason. O Apóstolo galileu soubra da chegada do convertido de Damasco ao porto palestinense e déra-se pressa em se comunicar com ele, mediante um portador devotado á causa comum. Mnason explicou ao

ex-rabino o motivo de sua presença, advertindo-o dos perigos que arrostaria em Jerusalém, onde o ódio sectarista esfervilhava e atingia as mais atrozes perseguições. Dadas a exaltação e a vigilância do judaísmo, Paulo não deveria procurar imediatamente a igreja, mas hospedar-se em casa dele mensageiro, onde Tiago iria falar-lhe em particular e assim resolverem o que melhor conviesse aos sagrados interesses do Cristianismo. Isto posto, o Apóstolo dos gentios seria recebido na instituição de Jerusalém, para discutir com os atuais diretores os destinos da casa.

Paulo achou muito razoáveis os cuidados e sugestões de Tiago, mas preferiu seguir os alvitres verbais do portador.

Angustiosas sombras pairavam no espírito dos companheiros do grande Apóstolo, quando a caravana seguida por Mnason, se deslocou de Cesaréia para a capital do judaísmo. Como sempre fazia, Paulo de Tarso anunciou a Boa-Nova nos burgos mais humildes.

Após alguns dias de marcha vagarosa, para que todos os trabalhos apostólicos fôssem suficientemente atendidos, os discípulos do Evangelho transpuseram as portas da cidade dos rabinos, assomados de graves preocupações.

Envelhecido e alquebrado, o Apóstolo dos gentios contemplou os edifícios de Jerusalém, demorando o olhar na paisagem árida e triste que lhe recordava os anos da mocidade tumultuosa e morta para sempre. Elevou o pensamento a Jesus e pediu-lhe que o inspirasse no cumprimento do sagrado ministério.

VIII

O MARTIRIO DE JERUSALÉM

Obedecendo as recomendações de Tiago, Paulo de Tarso hospedou-se em casa de Mnason, antes de qualquer entendimento com a igreja. O Apóstolo galileu prometeu visita-lo na mesma noite.

Pressentindo acontecimentos de importância naquela fase de sua existência, o ex-rabino aproveitou o dia traçando planos de trabalho para os discípulos mais diretos.

A' noite, quando espesso manto de sombras envolvia a cidade, Tiago apareceu, cumprimentando o companheiro em atitude muito humilde. Também ele estava envelhecido, exhausto, doente. O convertido de Damasco, ao contrário de outras vezes, experimentou extrema simpatia pela sua pessoa, que parecia inteiramente modificada pelos revezes e tribulações da vida.

Trocadas as primeiras impressões relativamente às viagens e feitos evangélicos, o companheiro de Simão Pedro pediu ao ex-rabino, lhe marcasse lugar e hora em que pudessem falar mais intimamente.

Paulo atendeu de pronto, seguindo ambos para um aposento particular.

O filho de Alfeu começou explicando o motivo de suas graves apreensões. Havia mais de um ano que os rabinos Eliakim e Enoch deliberaram reviver os processos de perseguições iniciados por ele, Paulo, quando da sua movimentada gestão no Sinhédrio. Alegaram

que o antigo doutor incidira nos sortilépios e feitiçarias da espúria grei, comprometendo a causa do judaísmo, e não era justo continuar tolerando a situação, tão somente porque o doutor tarsense perdera a razão, no caminho de Damasco. A iniciativa ganhara enorme popularidade nos círculos religiosos de Jerusalém e o maior instituto legislativo da raça — o Sinhédrio, aprovou as medidas propostas. Reconhecendo que a obra evangeliadora de Paulo produzia maravilhosos frutos de esperança em toda a parte, conforme as notícias incessantes, de todas as sinagogas das regiões por él percorridas, o grande tribunal começou por decretar a prisão do Apóstolo dos gentios. Numerosos processos de perseguição individual, deixados a meio por Paulo de Tarso, quando de sua inesperada conversão, foram restaurados e, o que era mais grave — quando falecidos os réus, era a pena aplicada aos descendentes, torturados, humilhados, deshonrados!

O ex-rabino tudo ouvia calado, estupefato.

Tiago prosseguia esclarecendo que tudo fizera por atenuar os rigores da situação. Mobilizara influências políticas ao seu alcance, conseguindo atenuar umas tantas sentenças mais iniquas. Não obstante o banimento de Pedro, procurou manter os serviços de assistência aos desvalidos, bem como a colônia de serviço, fundada por inspiração do convertido de Damasco e na qual os convalescentes e desamparados encontravam precioso ambiente de atividade remunerada e pacífica. Depois de vários entendimentos com o Sinhédrio, por intermédio de amigos influentes no judaísmo, teve a satisfação de abrandar o rigor das exigências a serem aplicadas no caso dele Paulo. O ex-doutor de Tarso ficaria com liberdade de agir, poderia continuar propugnando suas convicções íntimas; daria, porém, uma satisfação pública aos preconceitos de raça, atendendo aos quesitos que o Sinhédrio lhe apresentaria por intermédio de Tiago, que se mostrava seu amigo. O companheiro de Simão Pedro explicava que as exigências eram muito rigorosas a princípio, mas agora, mercê de enormes esforços, cingiam-se a uma obrigação de somenos.

Paulo de Tarso escutava-o extremamente sensibilizado. Dono de luminoso cabedal evangélico, entendia chegado o momento de testemunhar seu devotamento ao Mestre, justo através do mesmo órgão de perseguição que a sua ignorância engendrara em outros tempos. Naqueles minutos rápidos, utilizou a mnemônica e lobrigou os quadros terríveis de outrora... Velhos torturados em sua presença, para sentir o prazer da apostasia cristã, com a repetição do voto de fidelidade eterna a Moisés; mães de família arrancadas de seus lares obscuros, obrigados a jurar pela antiga Lei, que renegavam o carpinteiro de Nazaré, abominando a cruz do seu martírio e ignominia. Os soluços daquelas mulheres humildes, que abjuravam da fé porque se viam feridas no que possuíam de mais nobre, o instinto maternal, chegavam, agora, a seus ouvidos como brados de angústia, clamando resgates dolorosos... Todas as cenas antigas desdobravam-se-lhe na retíma espiritual, sem omissão do mais insignificante pormenor. Moços robustos, arrimos de famílias numerosas, que saiam mutilados do cárcere; jovens que pediam vingança, crianças que reclamavam os pais encarcerados. Entestando as revocações encapeladas, passou o quadro da morte horrível de Estêvão com as pedradas e insultos do povo; reviu Pedro e João abatidos e humildes, à barra do tribunal, como se fôssem malfeiteiros e criminosos. Agora, ali estava ele perante o filho de Alfeu, que nunca o compreendera de forma integral, a falar-lhe em nome do passado e em nome do Cristo, como a concita-lo ao resgate de suas derradeiras dividas angustiosas.

Paulo de Tarso sentiu que uma lágrima lhe aponava nos olhos, sem chegar a cair. Que especie de tortura lhe estaria reservada? Quais as determinações da autoridade religiosa a que Tiago se referia com evidente interesse?

Quando o companheiro de Simão fez uma pausa mais longa, o ex-rabino perguntou muito comovido:

— Que pretendem eles de mim?

O filho de Alfeu fixou nele os olhos serenos e explicou:

— Depois de muito relutarem, os israelitas congregados em nossa igreja vão pedir-te, apenas, que pagues as despesas de quatro homens pobres, que fizeram voto de nazireu, comparecendo com eles no templo, durante sete dias consecutivos, para que todo o povo possa ver que continuas bom judeu e lealdoso filho de Abraão... A' primeira vista, a demonstração poderá parecer pueril; entretanto, colima, como vês, satisfazer a vaidade farisaica.

O ex-rabino fez um gesto muito seu, quando contrariado, e replicou:

— Pensei que o Sinhédrio ia exigir minha morte!...

Tiago compreendeu quanto de repugnância transbordava de semelhante observação e objetou:

— Bem sei que isso te repugna e contudo, insisto para que acedas, não por nós, propriamente, mas pela igreja e pelos que de futuro nos hajam de secundar.

— Isso — obtemperou Paulo com enorme desencanto — não representa nobreza alguma. Essa exigência é uma ironia profunda e visa reduzir-nos a crianças, de tão fútil que é. Não é perseguição, é humilhação; é o desejo de exibir homens conscientes como se fôssem meninos volúveis e ignorantes...

Tiago, porém, tomando uma atitude carinhosa que o ex-rabino jamais lhe surpreendera em quaisquer circunstâncias da vida, falou com extrema ternura fraternal, revelando-se ao companheiro surpreendido, por outro prisma:

— Sim, Paulo, comprehendo tua justa aversão. O Sinhédrio, com isso, pretende achincalhar nossas convicções. Sei que a tortura na praça pública te doeria menos; entretanto, supões que isso não represente, para mim, uma dor de muitos anos?... Acreditarias, acaso que minhas atitudes nascessem de um fanatismo inconciente e criminoso? Compreendi, muito cedo, desde a primeira perseguição, que a tarefa de harmonização da igreja, com os judeus, estava mais particularmente em minhas mãos. Como sabes, o farisaísmo sempre viveu numa exuberante ostentação de hipocrisia; mas, convenhamos, também, que é o partido dominante, tradicio-

nal, das nossas autoridades religiosas. Desde o primeiro dia, tenho sido obrigado a caminhar com os fariseus muitas milhas, por conseguir alguma cousa na manutenção da igreja do Cristo. Fingimento? Não julgues tal. Muitas vezes o Mestre nos ensinou, na Galiléia, que o melhor testemunho está em morrer devagarinho, diariamente, pela vitória da sua causa; por isso mesmo, afiançava que Deus não deseja a morte do pecador, porque é na extinção de nossos caprichos de cada dia que encontramos a escada luminosa para ascender ao seu infinito amor. A atenção que tenho dedicado aos judeus é gêmea do carinho que consagras aos gentios. A cada um de nós confiou Jesus uma tarefa diferente na fórmula, mas identica no fundo. Se muitas vezes tenho provocado falsas interpretações das minhas atitudes, tudo isso é máguia para meu Espírito habituado á simplicidade do ambiente galileu. De que nos valeria o conflito destruidor, quando temos grandiosos deveres a cuidar? Importa-nos saber morrer, para que nossas idéias se transmitam e floreçam nos outros. As lutas pessoais, ao contrário, estiolam as melhores esperanças. Criar separações e proclamar seus prejuízos, dentro da igreja do Cristo, não seria exterminarmos a planta sagrada do Evangelho por nossas próprias mãos?

A palavra de Tiago toava imantada de bondade e sabedoria e valia por consoladora revelação. Os galileus eram muito mais sábios que qualquer dos rabinos mais cultos de Jerusalém. Ele, que chegara ao mundo religioso através de escolas famosas, que tivera sempre, na mocidade, a inspiração de um Gamaliél, admirava agora aqueles homens aparentemente rústicos, vindos das choupanas de pesca e em Jefusalém alcançavam inesquecíveis vitórias intelectuais, sómente porque sabiam calar quando oportuno, aliando á experiência da vida uma enorme expressão de bondade e renúncia, á feição do Divino Mestre.

O convertido de Damasco entreviu o filho de Alfeu por um novo prisma. Seus cabelos grisalhos, o rugoso e macilento rosto, falavam de trabalhos árduos e incessantes. Agora, percebia que a vida exige mais compreensão

que conhecimento. Presumia conhecer o apóstolo galileu com o seu cabedal psicológico, e no entanto chegava á conclusão de que apenas naquele instante pudera compreende-lo no tributo que lhe competia.

Quando o companheiro de Simão Pedro fez uma pausa mais longa, Paulo de Tarso contemplou-o com imensa simpatia e falou comovidamente:

— Vejo que tens razão, mas a exigencia requer dinheiro. Quanto terei de pagar pela sentença? Segregado e distante do judaísmo ha muitos anos, ignoro se os ceremoniais sofreram alterações apreciaveis.

— Os preceitos são os mesmos — respondeu Tiago — já que serás obrigado a te purificares com eles e segundo as tradições, custearás a compra de quinze ovelhas, além dos comestíveis preceituais.

— E' um absurdo! — objetou o Apóstolo dos gentios.

— Como sabes, a autoridade religiosa exige de cada nazireu três animais para os serviços da consagração.

— Dura exigencia — disse Paulo comovido.

— No entanto — replicou Tiago com um sorriso — nossa paz vale muito mais que isso e, além dela, somos obrigados a não comprometer o futuro do Cristianismo.

O convertido de Damasco descansou o rosto na mão direita por longo tempo, dando a perceber a amplitude de suas meditações, e acabou falando em diapasão que traia a sua enorme sensibilidade:

— Tiago, como tu mesmo, atingí hoje um nível mais alto de compreensão da vida. Entendo melhor os teus argumentos. A existencia humana é bem uma ascensão das trevas para a luz. A juventude, a presunção de autoridade, a centralização de nossa esfera pessoal, acarretam muitas ilusões, laivando de sombras as cousas mais santas. Assiste-me o dever de curvar-me ás exigencias do judaísmo, consequentes de uma perseguição por mim proprio iniciada em outros tempos.

Deteve-se, evidenciando dificuldade para confessar-se plenamente. Mas tomando uma atitude mais humilde,

como quem não encontra outro recurso, prosseguiu quase timido:

— Nas minhas lutas, nunca me presumi vítima, considerando-me sempre como antagonista do mal. Só Jesus, em sua pureza e amor imaculados, podia alegar a condição de anjo vitimado por nossa maldade sombria, quanto a mim, por mais que me apedrejassem e ferissem, sempre julguei que era muito pouco em relação ao que me competia sofrer nos justos testemunhos. Agora, porém, Tiago, estou preocupado com um pequenino obstáculo. Como não ignoras, tenho vivido absolutamente do meu trabalho de tecelão e, presentemente, não disponho de dinheiro com que possa prover ás despesas em perspectiva... Seria a primeira vez que houvesse de recorrer á bolsa alheia, quando a solução do assunto depende exclusivamente de mim...

Suas palavras demonstravam acanhamento, aliado á tristeza comumente experimentada nos dias de humilhação e de infortunio. Ante aquela expressão de renúncia, Tiago, num movimento de grande espontaneidade, tomou-lhe a mão e beijou-a murmurando:

— Não te afligas: sabemos em Jerusalém da extensão de teus esforços pessoais e não seria razoável que a igreja se desinteressasse dessas imposições que se não justificam. Nossa instituição pagará todas as despesas. Não é pouco concordarmos com o sacrifício.

Conversaram ainda longo tempo, com relação aos problemas interessantes á propaganda evangelica e, no dia seguinte, Paulo e os companheiros compareceram na igreja de Jerusalém, recebidos por Tiago acompanhado de todos os anciãos judeus, simpatizantes do Cristo e seguidores de Moisés, congregados para ouvi-lo.

A reunião começou com rigoroso ceremonial, percebendo o ex-rabino a extensão das influencias farisaias no instituto que se destinava a sementeira luminosa do Divino Mestre. Seus companheiros, acostumados á independencia do Evangelho, não conseguiam ocultar a surpresa; mas, com um gesto, o convertido de Damasco fez com que todos permanecessem silenciosos.

Convidado a explicar-se, o ex-rabino leu um longo relatório de suas atividades junto dos gentios, havendo-se com muita ponderação e inexcedível prudência.

Os judeus, contudo, que pareciam definitivamente instalados na igreja, mantendo as velhas atitudes dos mestres de Israel, pelo seu vogal Cainan, formularam ao ex-doutor conselhos e censuras. Alegaram que também eram cristãos, mas, rigorosos observadores da Lei antiga; que Paulo não deveria trabalhar contra a circuncisão e lhe cumpria dar ampla satisfação de seus atos.

Com profunda admiração dos companheiros, o ex-rabino mantinha-se calado, recebendo as objurgatórias e repreensões com imprevista serenidade.

Por fim, Cainan fez a proposta a que Tiago se referira na véspera. A-fim-de satisfazer a exigência do Sinhédrio, o tecelão de Tarso deveria purificar-se no Templo, com quatro judeus paupérrimos que haviam feito voto de nazireus, ficando o Apóstolo dos gentios obrigado a custear todas as despesas.

Os amigos de Paulo surpreenderam-se, ainda mais, quando o viram levantar-se na assembleia preconceituosa e confessar-se pronto a atender a intimação.

O representante dos anciãos discorreu ainda, pendente e demoradamente sobre os preceitos da raça, ouvido por Paulo com beatífica paciência.

Regressando à casa de Mnason, o ex-rabino procurou informar aos companheiros as razões da sua atitude. Habituidos a acatar-lhe as decisões confiadamente, dispensaram-se de perguntas quiçá supérfluas, mas, desejavam acompanhar o Apóstolo ao Templo de Jerusalém, para experimentarem alguma cousa da sua renúncia sincera, com relação ao futuro do evangelismo. Paulo frisou a conveniência de seguir só, mas Trófimo que ainda se demorava alguns dias em Jerusalém, antes de regressar a Antioquia, insistiu e conseguiu que o Apóstolo lhe aceitasse a companhia.

O comparecimento de Paulo de Tarso no Templo acompanhando quatro irmãos de raça, em mísero estado de pobreza, a-fim-de com eles purificar-se e pagar-lhes

as despesas do voto, causou enorme sensação em todos os círculos do farisaísmo. Acenderam-se discussões violentas e rudes. Assim que viu o ex-rabino humilhado, o Sinhédrio pretendia impôr sentenças novas. Já não lhe bastavam as imposições anteriores. No segundo dia da santificação, o movimento popular cresceu no Templo em proporções assustadoras. Todos queriam ver o célebre doutor que enlouquecera ás portas de Damasco, devido ao sortilégio dos galileus. Paulo observava a efervescência do cenário em torno da sua personalidade e pedia a Jesus não lhe faltasse com as energias suficientes. No terceiro dia, á falta de outro pretexto para condenação maior, alguns doutores alegaram que Paulo tinha o atrevimento de se fazer acompanhar aos lugares sagrados por um homem de origem grega, estranho ás tradições israelitas. Trófimo nasceu em Antioquia, de pais gregos, tendo vivido muitos anos em Éfeso; entretanto, a-pesar-do sangue que lhe corria nas veias, conhecia os preceitos do judaísmo e portava-se nos recintos consagrados ao culto, com inexcedível respeito. As autoridades, contudo, não quiseram ponderar tais particularidades. Era preciso condenar Paulo de Tarso, novamente, haviam de faze-lo a qualquer preço.

O ex-rabino percebeu a trama que se delineava e rogou ao discípulo não mais o acompanhasse ao monte Moria, onde se processavam os serviços religiosos. O ódio farisáico, porém, continuava a fermentar.

Na véspera do último dia da purificação judaica, o convertido de Damasco compareceu ás cerimônias com a mesma humildade. Logo, porém, que se colocou em posição de orar ao lado dos companheiros, alguns exaltados o cercaram com expressões e atitudes ameaçadoras.

— Morte ao deserto!... Pedras á traição! — gritou uma voz estentórica, abalando o recinto.

Paulo teve a impressão de que esses brados eram a senha de maiores violências, porque, imediatamente estourou uma gritaria infernal. Alguns judeus frementes agarraram-no pela gola da túnica, outros travaram-

lhe os braços, violentamente, arrastando-o para o grande pátio reservado aos movimentos do grande público.

— Pagarás teu crime!... — diziam uns.

— E' necessário que morra! Israél se envergonha de tua presença no mundo! — bradavam outros mais furiosos.

O Apóstolo dos gentios entregou-se sem a mínima resistência. Num relance, considerou os objetivos profundos de sua vinda a Jerusalém, concluindo que não fôra convocado tão só para a obrigação pueril de acompanhar ao Templo quatro irmãos de raça, desolados na sua indigência. Cumpria-lhe afirmar, na cidade dos rabinos, a firmeza de suas convicções. Entendia, agora, a sutileza das circunstâncias que o conduziam ao testemunho. Primeiramente, a reconciliação e o melhor conhecimento de um companheiro como Tiago, obedecendo a uma determinação que lhe parecera quase infantil; em seguida, o grande ensenho de provar a fé e a consagração de sua alma a Jesus Cristo. Com enorme surpresa, tomado de profundas e dolorosas reminiscências, notou que os israelitas exaltados deixavam-no à mercê da multidão furiosa, justamente no pátio onde Estêvão havia sido apedrejado vinte anos atrás. Alguns populares desvairados arrebataram-no à força, prendendo-o ao tronco dos suplícios. Engolfado nas suas lembranças, o grande Apóstolo mal sentia os bofetões que lhe aplicavam. Prestes arregimentou as mais singulares reflexões. Em Jerusalém o Mestre Divino padecera os martírios mais dolorosos; ali mesmo, o generoso Jeziél se imolara por amor ao Evangelho, sob os golpes e chufas da populaçā. Sentiu-se então envergonhado pelo suplício infligido ao irmão de Abigail, oriundo de suas próprias iniciativas. Sómente agora, atado ao poste do sacrifício, compreendia a extensão do sofrimento que o fanatismo e a ignorância causavam ao mundo. E refletiu: — O Mestre é o Salvador dos homens e aqui padecerá pela redenção das criaturas. Estêvão era seu discípulo, devotado e amoroso, e aqui experimentou, igualmente, os suplícios da morte. Jesus era o Filho de Deus, Jeziél era seu Apóstolo. E ele? Não estava ali o

passado a reclamar resgates dolorosos? Não seria justo padecer muito, pelo muito que martirizara os outros? Era razoável que sentisse alegria naqueles instantes amargos, não só por tomar a cruz e seguir o Mestre bem amado, como por ter tido o ensejo de sofrer o que Jeziél havia experimentado com grande amargura.

Essas reflexões proporcionavam-lhe algum consolo. A consciência sentia-se mais leve. Ia dar testemunho da fé, em Jerusalém, quando se encontrasse com o irmão de Abigail; depois da morte, podia aproximar-se do seu coração generoso, falando-lhe com júbilo dos seus próprios sacrifícios. Pedir-lhe-ia perdão e exaltaria a bondade de Deus, que o conduzira ao mesmo lugar, para os resgates justos. Alongando o olhar, entreviu a pequena porta de acesso ao pequeno aposento onde estivera com a noiva amada e seu irmão prestes a desprender-se do mundo nas agonias extremas. Parecia ouvir ainda as derradeiras palavras de Estêvão misturadas de bondade e perdão.

Mal não saíra de suas reminiscências, quando a primeira pedrada o despertou para escutar o vozerio do povo.

O grande pátio estava repleto de israelitas sañudos. Objurgatórias sarcásticas cortavam os ares. O espetáculo era o mesmo do dia em que Estêvão partira da Terra. Os mesmos impropérios, as fisionomias escarninhas dos verdugos, a mesma frieza implacável dos carrascos do fanatismo. O próprio Paulo não se furtava à admiração, ao constatar as coincidências singulares. As primeiras pedras acertaram-lhe no peito e nos braços, ferindo-o com violência.

— Esta será em nome da sinagoga dos Cílios! — dizia um jovem, em côro de gargalhadas.

A pedra passou sibilando e dilacerou, pela primeira vez, o rosto do Apóstolo. Um filete de sangue começou a ensopar-lhe as vestiduras. Nem um minuto, porém, deixou de encarar os carrascos com a sua desconcertante serenidade.

Trófimo e Lucas, entretanto, cientes da gravidade da situação, desde os primeiros instantes, através de

um amigo que presenciara a cena inicial do suplício, procuraram imediatamente o socorro das autoridades romanas. Receosos de novas complicações, não declinaram as verdadeiras condições do convertido de Damasco. Alegavam, apenas, tratar-se de um homem que não devia padecer nas mãos dos israelitas fanaticos e inconcientes.

Um tribuno militar organizou incontinentes um troço de soldados. Deixando a fortaleza, penetraram no amplo átrio, com animo decisivo. A massa delirava num turbilhão de altercações e gritarias ensurdecedoras. Dois centuriões, obedecendo ás ordens do comando avançaram, resolutos, desatando o prisioneiro e arrebatando-o á multidão que o disputava ansiosa.

— Abaixo o inimigo do povo!... E' um criminoso! E' malfeitor! Estraçalhemos o ladrão!...

Pairavam no ar as exclamações mais estranhas. Não encontrando rabinos de responsabilidade para os esclarecimentos imprescindíveis, o tribuno romano mandou que o acusado fôsse algemado. O militar estava convencido de que se tratava de perigoso malfeitor que, de ha muito, se transformara em terrível pesadelo dos habitantes da província. Não encontrava outra explicação para justificar tanto ódio.

O peito contuso, ferido no rosto e nos braços, o Apóstolo seguiu para a Torre Antonia, escoltado pelos prepostos de Cesar, enquanto a multidão encaudava o pequeno cortejo, bradando sem cessar: — Morra! Morra!

Iam penetrar o primeiro páteo da grande fortaleza romana quando Paulo, compreendendo afinal que não fôra a Jerusalém tão só para acompanhar quatro nazares paupérrimos ao monte Moria, e sim para dar um testemunho mais eloquente do Evangelho, interrogou o tribuno com humildade:

— Permitíss, porventura, que vos diga alguma cousa?

Percebendo-lhe as maneiras distintas, a nobre inflexão da palavra em puro grego, o chefe da coórté replicou muito admirado:

— Não és tu o bandido egípcio que, ha algum tem-

po, organizou a malta de ladrões que devastam estas paragens?

— Não sou ladrão — respondeu Paulo, parecendo uma figura estranha, em vista do sangue que lhe cobria o rosto e a túnica singela — sou cidadão de Tarso e rogo-vos permissão para falar ao povo.

O militar romano ficou boquiaberto com tamanha distinção de gestos e não teve outro recurso senão ceder, embora hesitante.

Sentindo-se num dos seus grandes momentos de testemunho, Paulo de Tarso subiu alguns degraus da escadaria enorme e começou a falar em hebráico, impressionando a multidão com a profunda serenidade e elegância do discurso. Começou explicando suas primeiras lutas, seus remorsos por haver perseguido os discípulos do Mestre Divino; historiou a viagem a Damasco, a infinita bondade de Jesus que lhe permitira a visão gloriosa, dirigindo-lhe palavras de advertencia e perdão. Rico das reminiscências de Estêvão, falou do êrro que havia cometido em consentir na sua morte.

Ouvindo-lhe a palavra cinzelada de misteriosa beleza, Claudio Lírias, tribuno romano que efetuara a prisão, experimentou sensações indefiníveis. Por sua vez, havia recebido certos benefícios daquele Cristo incompreendido a que se referia o orador em circunstâncias tão amargas. Tomado de escrúpulos, mandou chamar o tribuno Zelphos, de origem egípcia, que adquirira certos títulos romanos, pela expressão de sua enorme fortuna e solicitou:

— Amigo — disse com voz quase imperceptível — não desejo tomar aqui certas decisões, relativamente ao caso deste homem. A multidão está exaltada e é possível que ocorram acontecimentos muito graves. De sejaria tua cooperação imediata.

— Sem dúvida — respondeu o outro resoluto.

E enquanto Lírias procurava examinar, de modo minucioso, a figura do Apóstolo, que falava de maneira impressionante, Zelphos desdobrava-se em providências oportunas. Reforçou a guarnição dos soldados, iniciou

a formatura de um cordão de isolamento, buscando resguardar o orador de um ataque imprevisto.

Paulo de Tarso, depois de circunstanciado relatorio da sua conversão, começou a falar da grandeza do Cristo, das promessas do Evangelho, e quando se detinha a comentar suas relações com o mundo espiritual, de onde recebia as mensagens confortantes do Mestre, a massa inconciente, furiosa, agitou-se em ansias mesquinhias. Grande número de israelitas despia o manto, arrojando poeira no ar, num impulso característico de ignorância e maldade. O momento era gravíssimo. Os mais exaltados tentaram romper o cordão dos guardas para trucidar o prisioneiro. A ação de Zelphos foi rápida. Mandou recolher o Apóstolo ao interior da Torre Antonia. E enquanto Claudio Lísiás se recolhia á residencia, a-fim-de meditar um pouco na sublimidade dos conceitos ouvidos, o companheiro de milícia tomou providencias energicas para dispersar a multidão. Não eram poucos os que teimavam em vociferar na via pública, mas o chefe militar mandou dispersar os recalcitrantes á pata de cavalo.

Conduzido a uma cela húmida, Paulo sentiu que os soldados o tratavam com a maior desconsideração. As feridas doiam-lhe penosamente. Tinha as pernas doloridas e trôpegas. A túnica estava empapaçada de sangue. Os guardas impiados e ironicos amarraram-no a grossa coluna, conferindo-lhe o tratamento destinado aos criminosos comuns. O Apóstolo sentindo-se exausto e febril, chegou á conclusão de que não lhe seria facil resistir á nova provação de martírio. Refletiu que não era justo entregar-se de todo ás disposições perversas dos soldados que o guardavam. Lembrou que o Mestre se imolara na cruz, sem resistir á crueldade das criaturas, mas tambem afirmara que o Pai não deseja a morte do pecador. Não podia alimentar a presunção de entregar-se como Jesus, porque sómente Ele possuia bastante amor para constituir-se Enviado do Todo-Poderoso; e como se reconhecia pecador convertido ao Evangelho, era justo o desejo de trabalhar até o último dia de suas possibilidades na Terra, em favor dos irmãos em huma-

nidade e em benefício da propria iluminação espiritual. Recordou a prudencia que Pedro e Tiago sempre testemunharam para que as tarefas a eles confiadas não sofresssem prejuizos injustificaveis e, verificando as suas escassas probabilidades de resistencia física, naquela hora inesquecivel, gritou aos soldados:

— Prendestes-me á coluna reservada aos criminosos, quando não podeis imputar-me falta alguma!... Vejo, agora, que preparam açoites para a flagelação, quando já me encontro banhado em sangue, no suplício imposto pela turba inconciente...

Um dos guardas, um tanto ironico, procurou cortar-lhe a palavra e sentenciou:

— Ora esta!... Não sois um apóstolo do Cristo? Consta que teu Mestre morreu na cruz caladinho, e, por fim, ainda pediu perdão para os algozes, alegando que ignoravam o que faziam.

Os companheiros do engracado romperam em gargalhadas estrídulas. Paulo de Tarso, entretanto, evidenciando toda a nobreza do coração no fulgor do olhar, replicou sem hesitação:

— Sim, rodeado pelo povo ignorante e inconciente, no dia do Calvário, Jesus pediu a Deus perdoasse as trevas de espírito em que se submergia a multidão, que lhe levantara o madeiro de ignomínia; mas os agentes do governo imperial não podem ser a turba que desconhece os proprios atos. Os soldados de Cesar devem saber o que fazer, porque se ignorais as leis, para cuja execução recebeis sólido, seria mais justo abandonares o posto.

Os guardas ficaram imoveis, tomados de assombro. Paulo, entretanto, continuou em voz firme:

— Quanto a mim, pergunto-vos: — Será lícito açoitardes um cidadão romano, antes de condenado?

O centurião que presidia os serviços da flagelação suspendeu os primeiros dispositivos. Zelphos foi chamado com espanto. Ciente do ocorrido, o tribuno interrogou o Apóstolo, sumamente admirado:

— Dize-me. E's de fato romano?

— Sim.

Ante a firmeza da resposta, Zelphos achou razoável modificar o tratamento do prisioneiro. Receoso de complicações, ordenou que o ex-rabino fosse retirado do tronco, permitindo-lhe ficar à vontade no acanhado âmbito da cela. Sómente então, Paulo de Tarso conseguiu algum repouso num leito duro, recebendo uma bilha de água trazida com mais respeito e consideração. Saciou a sede intensa e dormiu, a-pesar-das feridas sangrentas e dolorosas.

Zelphos, contudo, não estava tranquilo. Desconhecia, por completo, a condição do acusado. Temendo complicações prejudiciais para a sua posição, aliás invejável do ponto de vista político, procurou avistar-se com o tribuno Claudio Lísias. Esclarecendo o motivo de sua preocupação, o outro murmurou:

— Isso me surpreende, porque a mim afirmou que era judeu, natural de Tarso da Cilícia.

Zelphos explicou, então, que tinha dificuldade para discernir a causa, concluindo:

— Pelo que dizes, ele parece-me antes um mentiroso vulgar.

— Isso não — exclamou Lísias — naturalmente possuirá títulos de cidadania do Império e agiu, por motivos que não estamos habilitados a apreciar.

Percebendo que o amigo se irritara intimamente com as suas primeiras alegações, Zelphos apressou-se a corrigir:

— Teus conceitos são justos.

— Tenho de emiti-los em conciencia — acrescentou Lísias bem inspirado — porque esse homem, desconhecido para nós ambos, falou de problemas muito sérios

Zelphos pensou um instante e ponderou:

— Considerando tudo isso, proponho seja apresentado amanhã, ao Sinhédrio. Julgo que sómente assim poderemos encontrar uma fórmula capaz de resolver o assunto.

Claudio Lísias recebeu o alvitre com displicencia. No íntimo, sentia-se mais propenso a patrocinar a defesa do Apóstolo. Sua palavra, inflamada de fé, impressionara-o vivamente. Em breves, rápidos momentos de

meditação, analisou todos os lances pró e contra uma atuação dessa natureza. Subtrair o acusado à perseguição dos mais exaltados era uma ação justa; mas disputar com o Sinhédrio era uma atitude que reclamava mais prudencia. Conhecia os judeus, muito de perto, e, por mais de uma vez, experimentara o gráu de suas paixões e caprichos. Compreendendo, igualmente, que não deveria despertar qualquer suspeita do colega, com relação a suas crenças religiosas, fez um gesto afirmativo e declarou:

— Concordo com o alvitre. Amanhã entrego-lo-emos aos juízes competentes em matéria de fé. Poderás deixar isso a meu cargo, porque o prisioneiro será acompanhado de escolta que o garanta contra qualquer violência.

E assim foi. Na manhã seguinte, o mais alto tribunal dos israelitas foi notificado pelo tribuno Claudio Lísias de que o pregador do Evangelho compareceria perante os juízes para os inquéritos necessários, às primeiras horas da tarde. As autoridades do Sinhédrio experimentaram enorme regosijo. Iam, enfim, rever o desertor da Lei, face à face. A notícia foi espalhada com invulgar rapidez.

Paulo, por sua vez, na solidão do cárcere, sentiu-se felicitado com uma grande surpresa, naquela manhã de sombrias perspectivas. E' que, com permissão do tribuno, uma velha senhora e seu filho, ainda jovem, penetravam na cela a-fim-de visita-lo.

Era sua irmã Dalila com o sobrinho Estefanio, que conseguiram, depois de muito esforço, permissão para uma entrevista ligeira. O Apóstolo abraçou a nobre senhora, com lágrimas de emoção. Ela estava alquebrada, envelhecida. O jovem Estefanio tomou as mãos do tio e beijou-as com veneração e ternura.

Dalila falou das saudades longas, recordou episódios familiares com a poesia do coração feminino, e o ex-doutor de Jerusalém recebia todas as notícias, boas e más, com imperturbável serenidade, como se procedessem de um mundo muito diferente do seu. Buscou, entretanto, confortar a irmã, que, a uma reminiscência

mais dolorosa, se desfazia em prantos. Paulo historiou sucintamente as suas viagens, lutas, obstáculos dos caminhos palmilhados por amor de Jesus. A veneravel senhora, embora alheia ás verdades do Cristianismo muito delicadamente não quis tocar nos assuntos religiosos, detendo-se nos motivos afetuoso de sua visita fraternal e chorando copiosamente ao desperdir-se. Não podia compreender a resignação do Apóstolo, nem apreciava devidamente a sua renúncia. Lastimava-lhe, intimamente, a sorte e, no fundo, tal como a maioria dos compatriotas, desdenhava aquele Jesus que não oferecia aos discípulos senão cruzes e sofrimentos.

Paulo de Tarso, todavia, experimentara grande conforto com a sua presença; sobretudo, a inteligencia e a vivacidade de Estefanio, na ligeira palestra mantida, proporcionavam-lhe enormes esperanças no futuro espiritual do sobrinho.

Ainda repassava na mente essa grata impressão quando numerosa escolta se postava junto á céla, para acompanhá-lo ao Sinhédrio, no momento oportuno.

Logo após o meio dia, compareceu á barra do tribunal e percebeu, de pronto, que o cenáculo dos grandes doutores de Jerusalém vivia um dos seus grandes dias, repleto de compacta massa popular. Sua presença provocava uma aluvião de comentários. Todos queriam ver, conhecer o transfuga da Lei, o doutor que repudiara e deprimira os títulos sagrados. Sobremaneira comovido, o Apóstolo lembrou ainda uma vez a figura de Estêvão. Competia-lhe agora, dar igualmente o testemunho do Evangelho de verdade e redenção. A agitação do Sinhédrio dava-lhe a mesma tonalidade dos tempos ali vividos. Ali, precisamente, infligira as mais duras humilhações ao irmão de Abigail e aos prosélitos de Jesus. Era justo, portanto, esperar, agora, acerbos, remissões sofrimentos. Depois, para cúmulo de amargura, a singular coincidencia: o sumo sacerdote que presidia o feito chamava-se tambem Ananias! Acaso? Ironia do destino?

Tal como se verificou com Jeziél, lido o libelo acusa-

torio, deram a palavra ao Apóstolo para defender-se, em atenção ás prerrogativas de nascimento.

Paulo entrou a justificar-se, sumamente respeitoso. Risos abafados, não raro quebravam o silencio ambiente, a indicarem a termometria sarcasticamente hostil do auditorio.

Quando a sua altiloquente oratória começou a impressionar pela fidelidade do testemunho cristão, o sumo sacerdote lhe impôs silencio e vociferou enfático:

— Um filho de Israél, ainda que portador de títulos romanos, quando desrespeite as tradições desta casa com afirmativas injuriosas á memória dos profetas, torna-se passível de severas reprimendas. O acusado parece ignorar o dever de explicar-se convenientemente, para tresvariar em conceitos sibilinos, proprios da sua desregrada e criminosa obsessão pelo carpinteiro revolucionário de Nazaré! Minha autoridade não permite abusos nos lugares santos. Determino, pois, que Paulo de Tarso seja ferido na bôca, em desafronta aos seus termos insultuosos.

O Apóstolo endereçou-lhe um olhar de serenidade indizível e replicou.

— Sacerdote, vigiai o coração para não incidirdes em repressões injustas. Os homens como vós, são como as paredes branqueadas dos sepulcros, mas não deveis ignorar que tambem sereis ferido pela justiça de Deus. Conheço de sobra as leis de que vós tornastes executor. Se aqui permaneceis para julgar, como e porque mandais ferir?

Antes, contudo, que pudesse prosseguir, um pequeno grupo de prepostos de Ananias avançou com açoites minúsculos, ferindo-o nos lábios.

— Ousas injuriar o sumo sacerdote? — exclamavam fulos de cólera. — Pagarás os insultos!...

As lambadas riscavam o rosto rugoso e venerando do ex-rabino, sob os aplausos gerais. Vozes ironicas elevavam-se, incessantes do seio da turba refece. Uns pediam mais rigor, outros, estentóricos, reclamavam o apedrejamento. A serenidade do Apóstolo dava pleno testemunho e mais acirrava os animos impulsivos e crimino-

sos. Destacaram-se certos grupos de israelitas mais soezes e, cooperando com os verdugos, cuspinham-lhe o rosto. Generalizou-se o tumulto. Paulo tentou falar, explicar-se mais detalhadamente, mas a confusão era tal que nada se ouvia e ninguém se entendia.

O sumo sacerdote permitira a desordem deliberadamente. Os elementos principais do Sinhédrio desejavam exterminar o ex-doutor a qualquer preço. O tribunal só se prestara ao julgamento de entremez, porque havia percebido o interesse pessoal de Claudio Lísias pelo prisioneiro. Não fôra isso, Paulo de Tarso teria sido assassinado em Jerusalém, para satisfazer aos sentimentos odiosos dos inimigos gratuitos da sua abençoada tarefa apostólica. Solicitado pelo tribuno, presente á reunião memorável, Ananias conseguiu restabelecer a calma no ambiente. Depois de apelos desesperados, a assembléia emudeceu, expectante.

Paulo tinha o rosto a sangrar, a túnica em frangalhos; mas, com surpresa e pasmo gerais, revelava no olhar, ao contrário de outros tempos, em circunstâncias dessa natureza, grande tranquilidade fraternal, dando a entender que comprehendia e perdoava os agravos da ignorância.

Supondo-se em posição vantajosa, o sumo sacerdote acentuou em tom arrogante:

— Devias morrer como teu Mestre, numa cruz desprezível! Desertor das tradições sagradas da patria e blasfemo criminoso, não te bastam por justo castigo, os sofrimentos que começas a experimentar entre os legítimos filhos de Israél!...

O Apóstolo, no entanto, longe de acovardar-se, replicou tranquilamente:

— Juizo apressado o vosso... Não mereço a cruz do Redentor, porque a sua auréola é gloriosa demais para mim; entretanto, os martírios todos do mundo seriam justos, aplicados ao pecador que sou. Temeis os sofrimentos porque não conhecéis a vida eterna, considerais as provações como quem nada vê além destes efêmeros dias da existência humana. A política mesquinha vos distanciou o Espírito das visões sagradas.

das dos profetas!... Os cristãos, sabem-o, conhecem outra vida espiritual, suas esperanças não repousam em triunfos mendazes que vão apodrecer com o corpo no sepulcro! A vida não é isto que vemos na banalidade de todos os dias terrestres; é antes afirmação de imortalidade gloriosa com Jesus Cristo!

A palavra do orador parecia magnetizar, agora, a assembléia em peso. O próprio Ananias, não obstante a cólera surda, sentia-se incapaz de qualquer reação, como se algo de misterioso o compelisse a ouvir até o fim. Imperturbável em sua serenidade, Paulo de Tarso prosseguiu:

— Continuai a ferir-me! Escarrai-me na face! Açoitai-me! Esse martirologio me exalta para uma esperança superior, porque já criei no meu íntimo um santuário intangível ás vossas mãos e onde Jesus ha de reinar para sempre!...

— Que desejais — continuou em voz firme — com as vossas arruaças e perseguições? A-final, onde o motivo para tantas lutas estéreis e destruidoras? Os cristãos trabalham, como o fez Moisés, para a crença em Deus e em nossa gloriosa ressurreição. E' inútil dividir, fomentar a discórdia, tentar empanar a verdade com as ilusões do mundo. O Evangelho de Cristo é o só que ilumina as tradições e os fatos da antiga Lei!...

Nesse interim, não obstante a estupefação de muitos, estabeleceu-se nova balbúrdia. Os saduceus atiraram-se contra os fariseus, com gestos e apóstrofes delirantes. Em vão, o sumo sacerdote procurava acalmar os animos. Um grupo mais exaltado tentava aproximar-se do ex-rabino, disposto a estrangulá-lo.

Foi ai que Claudio Lísias apelando para os soldados, fez-se ouvir na assembléia, ameaçando os contendores. Surpreendidos com o fato insólito, porquanto os romanos jamais procuravam intervir em assuntos religiosos da raça, os trêfegos israelitas submeteram-se imediatamente. O tribuno dirigiu-se, então, a Ananias e reclamou o encerramento dos trabalhos, declarando que o prisioneiro voltaria ao cárcere da Torre Antonia, até

que os judeus resolvessem ventilar o caso com mais critério e serenidade.

As autoridades do Sinhédrio não disfarsaram seu enorme espanto; mas, como o governador da província continuava em Cesárea, não seria razoável desatender ao seu preposto em Jerusalém.

Antes que se verificassem novos tumultos, Ananias declarou que o julgamento de Paulo de Tarso, consoante a ordem recebida, prosseguiria na proxima sessão do tribunal, a realizar-se daí a três dias.

Os guardas retiraram o prisioneiro, com grande cautela, enquanto os israelitas mais eminentes buscavam conter os protestos isolados dos que acusavam Claudio Lísias de parcial e simpatizante do novo credo.

Reconduzido á cela silenciosa, Paulo pôde respirar e refazer o ânimo para enfrentar a situação.

Experimentando justa simpatia por aquele homem valoroso e sincero, o tribuno tomou novas providências a seu favor. O ex-doutor da Lei estava mais satisfeito e aliviado. Teve um guarda para atende-lo em qualquer necessidade, recebeu água em abundância, remédio, alimentos e a visita dos amigos mais íntimos. Essas mostras de apreço muito o comoviam. Espiritualmente, sentia-se até mais confortado; doia-lhe porém o corpo ferido, e fisicamente estava exhausto... Depois de palestrar, alguns minutos, conforme a permissão recebida, com Lucas e Timóteo, sentiu que certas preocupações dolorosas lhe amarguravam o coração. Seria justo pensar numa viagem á Roma, quando seu estado físico era assim precário? Resistiria por muito tempo ás tremendas perseguições iniciadas em Jerusalém? Contudo, as vozes do mundo superior haviam-lhe prometido essa viagem á capital do Império... Não deveria duvidar das promessas feitas em nome do Cristo. Certa fadiga aliada a grande amargura, começava a infirmar-lhe as esperanças sempre ativas. Mas caindo numa espécie de modorra, percebeu, como de outras vezes, que uma viva claridade inundava o cubículo, ao mesmo tempo que suavíssima voz lhe sussurrava:

— Regosija-te pelas dores que resgatam e ilumi-

nam a consciência! Ainda que os sofrimentos se multipliquem, renova os júbilos divinos da esperança!... Guarda o teu bom ânimo, porque assim como testificaste de mim, em Jerusalém, importa que o faças também em Roma!...

De pronto sentiu que novas forças lhe retemperavam o combatido organismo.

A claridade da manhã surpreendeu-o quase bem disposto. Nas primeiras horas do dia, Estefanio procurava-o com certa ansiedade. Recebido com afetuoso interesse, o rapaz informou o tio dos graves projetos que se tramavam na sombra. Os judeus haviam jurado exterminar o convertido de Damasco, ainda que para isso houvessem de assassinar o próprio Claudio Lísias. O ambiente no Sinhédrio era de atividades odiosas. Projetoava-se matar o pregador da gentilidade, á plena luz do dia, na proxima sessão do Tribunal. Mais de quarenta comparsas, dos mais fanáticos, haviam prometido, solenemente, a consecução do sinistro designio. Paulo tudo ouviu e calmamente chamando o guarda, disse-lhe:

— Pego-te conduzir este moço á presença do chefe dos tribunos para que o oiça sobre um assunto urgente.

Assim, Estefanio foi levado a Claudio Lísias, apresentando-lhe a denúncia. O arguto e nobre patrício, com o tacto político que lhe caracterizava as decisões, prometeu examinar devidamente a questão, sem deixar presumir a adoção de providências definitivas para burlar a conjura. Agradecendo a comunicação, recomendou ao jovem o máximo cuidado nos comentários da situação, a-fim-de não exacerbar maioriamente os animos partidários.

Na solidão do seu gabinete, o tribuno romano pensou sériamente naquelas perspectivas sombrias. O Sinhédrio, na sua capacidade de intrigar, poderia promover manifestações do povo sempre versatil e agressivo. Rabinos apaixonados podiam mobilizar facinoras e quicâ assassina-lo em condições espetaculares. Mas, a denúncia partiu de um jovem, quase criança. Além disso, tratava-

se de um sobrinho do prisioneiro. Teria dito a verdade ou seria mero instrumento de possível mistificação afetiva, nascida de justas preocupações da família? Ainda bem não conseguira destrinçar as dúvidas para firmar conduta, quando alguém pedia o obséquio de uma entrevista. Desejoso de atrevar cogitações assim graves, acedeu prontamente. Abriu-se a porta luxuosa e um velhinho de semblante calmo apareceu sorridente. Claudio Lísias alegrou-se. Conhecia-o de perto. Devia-lhe favores. O visitante inesperado era Tiago, que vinha interpôr sua generosa influência em favor do grande amigo de suas edificações evangélicas. O filho de Alfeu repetiu o plano já denunciado por Estefânia, minutos antes. E foi mais longe. Contou a história comovedora de Paulo de Tarso, revelando-se como testemunha imparcial de toda sua vida e esclarecendo que o Apóstolo viera à cidade, por insistência de sua parte, a fim de combinarem momentosas providências atinentes à propaganda. Concluia a exposição atenciosa pedindo ao amigo ilustre medidas eficazes, para evitar o monstruoso atentado.

Maiormente apreensivo agora, o tribuno ponderou:

— Vossas considerações são justas; entretanto, sinto dificuldades para coordenar providências imediatas. Não será melhor aguardar que os fatos se apresentem e reagir, então, à força com a força?

Tiago esboçou um sorriso de dúvida e sentenciou:

— Sou de parecer que vossa autoridade encontre recursos urgentes. Conheço as paixões judaicas e o furor de suas manifestações. Nunca poderei esquecer o odioso fermento dos fariseus, no dia do Calvário. Se receio pela sorte de Paulo, temo igualmente por vós mesmo. A multidão de Jerusalém é criminosa muitas vezes.

Lísias franziu a testa e refletiu largo tempo. Mas arrancando-o de sua indecisão, o velho galileu apresentou-lhe a idéia de transferir o prisioneiro para Cesaréia, tendo em vista um julgamento mais justo. A medida teria a virtude de subtrair o Apóstolo ao ambiente irritado de Jerusalém, faria abordar de início

o plano de homicídio; além disso, o tribuno permaneceria a salvo de suspeitas injustas, mantendo integras as tradições de respeito em torno do seu nome, por parte dos judeus malevolentes e ingratos. O feito seria conhecido apenas dos mais íntimos e o patrício designaria uma escolta de soldados corajosos para acompanhar o prisioneiro, devendo sair de Jerusalém depois de meia-noite.

Claudio Lísias considerou a excelência das sugestões e prometeu pô-las em prática nessa mesma noite.

Logo que Tiago se despediu, o romano chamou dois auxiliares de confiança e deu as primeiras ordens para a formação da escolta, forte de cento e trinta soldados, duzentos arqueiros e setenta cavaleiros, sob cuja proteção Paulo de Tarso haveria de comparecer perante o governador Felix, no grande porto palestino. Os prepostos, atendendo às instruções recebidas, reservaram para o prisioneiro uma das melhores matrias.

Alta noite, Paulo de Tarso foi chamado com grande surpresa. Claudio Lísias explicou-lhe, em poucas palavras, o objetivo de sua decisão e a extensa caravana partiu em silêncio, rumo à Cesaréia.

Dado o caráter secreto das providências tomadas, a viagem correu sem incidentes dignos de menção. Apenas, muitas horas depois, partiam da Torre Antonia os respectivos informes, convencendo-se os judeus, com grande desapontamento, da inutilidade de quaisquer represalias.

Em Cesaréia o governador recebeu a expedição com espanto enorme. Conhecia o renome de Paulo e não era estranho às lutas que sustentava com os irmãos de raça, mas aquela caravana de quatrocentos homens armados para proteger um preso, era de causar admiração.

Depois do primeiro interrogatório, o preposto máximo do Império, na província, sentenciou:

— Atento à origem judaica do acusado, nada posso julgar sem ouvir o órgão competente, de Jerusalém.

E mandou que o Sinhédrio se fizesse representar na sede do Governo, com a maior urgência.

Os israelitas estavam sumamente satisfeitos com a ordem.

Consequentemente, cinco dias depois da remoção do Apóstolo, o próprio Ananias fizera questão de chefiar o conjunto de autoridades do Sinhédrio e do Templo, que acorreram a Cesaréia com os projetos mais estranhos, relativamente à situação do adversário. Os velhos rabinos, conhecendo o poder da lógica e a formosura da palavra do ex-doutor de Tarso, fizeram-se acompanhar de Tertúlio, uma das mais notáveis mentalidades que cooperavam no colendo sodalício.

Improvisado o tribunal para decidir o feito, o orador do Sinhédrio teve a prioridade da palavra, usando-a em tremendas acusações contra o indiciado réu, desenhando a cores negras todas as atividades do Cristianismo, e terminando por pedir ao governador a entrega do acusado aos seus irmãos de raça, a fim de ser por eles devidamente julgado.

Concedido ao ex-rabino o ensejo de explicar-se, Paulo começou a falar com grande serenidade. Felix lhe constatou logo os elevados dotes intelectuais, os primores dialeticos e ouvia-lhe a argumentação com in vulgar interesse. Os anciãos de Jerusalém não sabiam ocultar a propria ira. Se possível, teriam espostejado o Apóstolo ali mesmo, tal a irritação que os assomava, a contrastar com a tranquilidade transparente da oratória e da pessoa do orador adverso.

O governador teve grande embaraço para pronunciar o "veredictum". De um lado, via os anciãos de Israél em atitude quase colérica, reclamando direitos de raça; do outro, contemplava o Apóstolo do Evangelho, calmo, imperturbável, senhor espiritual do assunto, a esclarecer todos os pontos obscuros do processo singular, com a sua palavra elegante e refletida.

Reconhecendo o extremo valor daquele homem franzino e envelhecido, cujos cabelos pareciam encanecidos por dolorosas e sagradas experiencias, o governador Felix modificou, apressadamente, suas primeiras impressões e encerrou os trabalhos nestes termos:

— Senhores, reconheço que o processo é mais grave

do que julguei á primeira vista. Neste caso, resolvo adiar a sentença definitiva, até que o tribuno Claudio Lírias seja convenientemente ouvido.

Os anciãos morderam os lábios. Debalde, o sumo sacerdote solicitou a continuação dos trabalhos. O mandatário de Roma não modificou o ponto de vista e a grande assembléia dissolveu-se, com imenso pesar dos israelitas constrangidos a regressar, extremamente desapontados.

Felix, entretanto, passou a considerar o prisioneiro com maior deferencia. No dia seguinte, foi visita-lo, concedendo-lhe permissão para receber os amigos na sala do expediente. Depreendendo que Paulo gozava de grande prestígio entre e perante todos os seguidores da doutrina do profeta Nazareno, imaginou, desde logo, tirar algum proveito da situação. Cada vez que o visitava, surpreendia-lhe maior acuidade mental, a interessava-lo, pela sua palestra viva e palpante de observações sábias, no conceito e na experiência da vida.

Certo dia, o governador abordou jeitosamente o prisma dos interesses pessoais, insinuando-lhe a vantagem da sua libertação, de maneira a atender ás aspirações da comunidade cristã, a que emprestava tanto relêvo.

Paulo, porém, observou resoluto:

— Não sou tanto de vossa opinião. Sempre considerei que a primeira virtude do cristão é estar pronto para obedecer á vontade de Deus, em qualquer parte. Certo, não estou detido á revelia de sua assistencia e proteção, e desta forma acredito que Jesus julga melhor conservar-me prisioneiro, nos dias que correm. Servi-lo-ei, pois, como se estivesse em plena liberdade de corpo.

— Entretanto — continuou Felix, sem coragem para ferir diretamente o ponto — vossa independencia não seria causa muito difícil.

— Como assim?

— Não tendes amigos ricos e influentes em todos os recantos provinciais? — interrogou o preposto governamental, de maneira ambigua.

— Que desejais dizer com isso? — perguntou o Apóstolo por sua vez.

— Creio que se conseguissem o dinheiro suficiente para atender aos interesses pessoais de quantos hajam de funcionar no processo, estariam completamente livre da ação da justiça, dentro de poucos dias.

Paulo comprehendeu as insinuações mal veladas e nobremente revidou:

— Percebo agora. Falais de uma justiça condicionada ao capricho criminoso dos homens. Essa justiça não me interessa. Ser-me-á preferível conhecer a morte no cárcere, a servir de obstáculo à redenção espiritual do mais humilde dos funcionários de Cesaréia. Dar-lhes dinheiro em troca de uma independencia ilícita, seria habituá-los ao apêgo dos bens que lhes não pertencem. Minha atividade seria, então, um esforço reconhecidamente perverso. Além do mais, quando temos a conciencia pura, ninguém nos pode tolher a liberdade e eu me sinto aqui, tão livre como lá fóra, na praça pública.

O governador recebeu a observação franca e áspera, disfarçando o seu enleio. A lição humilhava-o duramente e, desde então, desinteressou-se da causa. Já havia, porém, comentado, entre os amigos mais íntimos, a privilegiada inteligencia do prisioneiro de Cesaréia e daí a dias, sua jovem esposa Drusilia manifestava-lhe o desejo de conhecer e ouvir o Apóstolo. A seu mau grado, não podendo esquivar-se, acabou por leva-la á presença do ex-rabino.

Judia de origem, Drusilia não se contentou, qual fizera o marido, com simples indagações superficiais. Desejosa de sondar-lhe as idéias mais profundas, pediu-lhe um comentário geral da nova doutrina que esposara e procurava difundir.

Perante destacadas figuras da corte provincial, o valoroso Apóstolo dos gentios fez brilhante panegírico do Evangelho, ressaltando a inolvidável exemplificação do Cristo e os deveres do proselitismo que reportava de todos os recantos do mundo. A maioria dos ouvintes escutava-o com evidentes mostras de interesse; mas, quando ele começou a falar da ressurreição e dos deve-

res do homem á face das responsabilidades no mundo espiritual, o governador fez-se pálido e interrompeu a pregação.

— Por hoje basta! — disse com autoridade. Meus familiares poderão ouvir-vos, de outra feita, se lhes aprovarem, pois quanto a mim não creio na existencia de Deus.

Paulo de Tarso recebeu a observação com serenidade e respondeu com benevolencia:

— Agradeço a delicadeza da vossa declaração e todavia, senhor governador, ouso encarecer-vos a necessidade de ponderar o assunto, porque, quando um homem afirma não aceitar a paternidade do Todo-Poderoso, é que, em regra, se arreceia do julgamento de Deus.

Felix langou-lhe um olhar raivoso e retirou-se com os seus, prometendo a si proprio deixar o prisioneiro entregue á sua sorte.

A' vista disso, embora respeitado pela franqueza e lealdade, Paulo houve de amargar dois anos de reclusão em Cesaréia, tempo esse aproveitado em relações constantes com as suas igrejas bem amadas. Inumeraveis mensagens iam e vinham, trazendo consultas e levando pareceres e instruções.

A esse tempo, o ex-doutor de Jerusalém chamou a atenção de Lucas para o velho projeto de escrever uma biografia de Jesus, valendo-se das informações de Maria; lamentou não poder ir a Efeso, incumbindo-o desse trabalho, que reputava de capital importancia para os adeptos do Cristianismo. O médico amigo satisfez-lhe integralmente o desejo, legando á posteridade o precioso relato da vida do Mestre, rico de luzes e esperanças divinas. Terminadas as anotações evangélicas, o espírito dinamico do Apóstolo da gentilidade encareceu a necessidade de um trabalho que fixasse as atividades apóstolicas logo após a partida do Cristo, para que o mundo conhecesse as glorioas revelações do Pentecostes, e assim se originou o magnifico relatório de Lucas, que é — Atos dos Apóstolos.

Não obstante a condição de prisioneiro, o convertido de Damasco não relaxou o trabalho um só dia, valendo-se de todos os recursos ao seu alcance, em favor da difusão da Boa Nova.

O tempo corria célebre. Os israelitas, no entanto, nunca desistiram do primitivo plano de eliminar o valoroso campeão das verdades do Céu. O governador foi abordado, várias vezes, sobre a oportunidade de reenviar o encarcerado a Jerusalém; entretanto, ao lembrar-se de Paulo, a conciencia lhe vacilava. Além do que por si mesmo observara, ouvira o tribuno Claudio Lírias que lhe falara do ex-rabino com indissolvável respeito. Mais por medo dos poderes sobrenaturais atribuídos ao Apóstolo, que por dedicação aos seus deveres de administrador, resistiu a todas as inventivas dos judeus, mantendo-se firme no propósito de custodiar o acusado, até que surgisse o ensejo de um julgamento mais ponderado.

Dois anos de prisão contava a folha corrida do grande amigo dos gentios. Uma ordem imperial transferia Felix para a administração de outra província. Sem esquecer a máguia que a franqueza de Paulo lhe causara, fez questão de o abandonar á propria sorte.

O novo governador, Porcius Festo, chegou á Cesaréia em meio de ruidosas manifestações populares. Jerusalém não queria esquivar-se ás homenagens políticas e, tão logo assumira o poder, o ilustre patrício foi visitar a grande cidade dos rabinos. O Sinhédrio aproveitou o ensejo para requisitar, instantemente, o velho inimigo de tantos anos. Um grupo de doutores da lei antiga buscou avistar-se, ceremoniosamente, com o generoso romano, solicitando a restituição do prisioneiro para julgamento do tribunal religioso. Festo recebeu a comissão, cavalheirescamente, e mostrou-se inclinado a atender, mas, prudente por índole e por dever do cargo, declarou que preferia solucionar a questão em Cesaréia, onde se lhe facultava conhecer o assunto com os detalhes imprescindíveis. Para esse fim, convidava os rabinos a acompanhá-lo no seu regresso. Os israelitas exultaram de contentamento. Espalharam-se os mais

sinistros projetos, para a recepção do Apóstolo em Jerusalém.

O governador ali ficou dez dias, mas, antes que regressasse, alguém se encaminhava a Cesaréia, de coração oprimido e ansioso. Era Lucas, que, esforçado e solícito, propunha-se informar o prisioneiro de todas as singulares ocorrências. Paulo de Tarso ouvia-o com atenção e serenidade; mas quando o companheiro passou a relatar os planos do Sinhédrio, o amigo do gentilismo fez-se pálido. Estava definitivamente assentado que o transfuga seria crucificado, como o Divino Mestre, no mesmo local da Caveira. Havia preparativos para encenar fielmente o drama do Calvário. O acusado carregaria a cruz até lá, arrostando os sarcasmos da população e havia até quem falasse no sacrifício de dois ladrões, para que se repetissem todos os detalhes característicos do martírio do Carpinteiro.

Poucas vezes o Apóstolo manifestara tamanha impressão de espanto. Por fim, acrimonioso e energico, exclamou:

— Tenho experimentado açoites, apedrejamentos e insultos por toda parte, mas, de todas as perseguições e provações esta é a mais absurda...

O próprio médico não sabia como interpretar esse conceito, quando o ex-rabino prosseguiu:

— Temos de evitar isso, por todos os meios ao nosso alcance. Como encarar essa deliberação extravagante de repetir a cena do Calvário? Qual o discípulo que teria a coragem de submeter-se a essa falsa paródia com a idéia mesquinha de atingir o plano do Mestre, no testemunho aos homens? O Sinhédrio está enganado. Ninguém no mundo logrará um Calvário igual ao de Cristo. Sabemos que em Roma os cristãos começam a morrer no sacrifício, tomados á conta de escravos misérrimos. Os poderes perversos do mundo desencandeiam a tempestade de ignomírias sobre a fronte dos seguidores do Evangelho. Se eu tiver de testificar de Jesus, fa-lo-ei em Roma. Saberei morrer junto dos companheiros, como um homem comum e pecador; mas não me submeterei ao papel de falso imitador do Messias pro-

metido. Destarte, já que o processo vai ser novamente debatido pelo novo governador, apelarei para Cesar.

O médico fez um gesto de assombro. Como a maioria dos cristãos eminentes de todas as épocas, Lucas não conseguia compreender aquele gesto, interpretado à primeira vista, como negativa do testemunho.

— Entretanto — objetou com certa hesitação — Jesus não recorreu para as altas autoridades no sacrifício da cruz, e eu receio que os discípulos não saibam interpretar vossa atitude, como convém.

— Discordo de ti — respondeu Paulo, resoluto — se as comunidades cristãs não puderem compreender minha resolução, prefiro passar a seus olhos como pendente e desatento, nesta hora singular de minha vida. Sou pecador e devo desprezar o elogio dos homens. Se me condenarem, não estarão em êrro. Sou imperfeito e preciso testemunhar nessa condição verdadeira de minha vida. De outro modo seria perturbar minha consciencia, provocando um falso apreço humano.

Muito impressionado, Lucas guardou a lição inesquecível.

Três dias depois dessa entrevista, o governador regressava á séde do Governo Provincial, acompanhado de numeroso séquito de israelitas dispostos a conseguir a entrega do famoso prisioneiro.

Porcius Festo, com a serenidade que lhe marcava as atitudes políticas, procurou conhecer imediatamente a situação. Reviu o processo meticulosamente, inteirando-se dos títulos de cidadania romana do acusado, de acordo com a legislação em vigor. E notando a insistência dos rabinos que denotavam enorme ansiedade pela solução do assunto, convocou uma reunião para novo exame das declarações do acusado, no intuito de satisfazer a política regional de Jerusalém.

O convertido de Damasco, alquebrado de corpo mas sempre revigorado de espírito, compareceu á assembléia sob os olhares rancorosos dos irmãos de raça, que pleitavam sua remoção a todo custo. O tribunal de Cesaréia atraía grande multidão, ansiosa de conhecer o novo julgamento. Discutiam os israelitas, os cristãos comen-

tavam os debates em atitude defensiva. Mais de uma vez, Porcius Festo foi obrigado a levantar a voz, reclamando atenção e silêncio.

Abertos os trabalhos da assembléia singular, o governador interrogou o acusado, com energia cheia de nobreza.

Paulo de Tarso, entretanto, respondeu a todas as arguições com a serenidade que lhe era peculiar. Não obstante a manifesta animosidade dos judeus, declarou que em nada os havia ofendido e não se recordava de qualquer ato de sua vida, no qual houvesse atacado o Templo de Jerusalém ou as leis de Cesar.

Festo percebeu que tratava com um espírito culto e eminente, e que não seria tão facil entregá-lo ao Sinhédrio, conforme julgara a princípio. Alguns rabinos haviam insistido para que ordenasse a remoção para Jerusalém, pura e simplesmente, á revelia de preceitos legais, quaisquer. O governador não hesitaria, nesse particular, fazendo valer sua influencia política; mas, não quis praticar um ato arbitrário antes de conhecer as qualidades morais do homem focalizado pelas intrigas judaicas. No íntimo, considerava que, se se tratasse de um personagem vulgar, poderia entregá-lo sem receio á autoridade tiranica do Sinhédrio, que o liquidaria, certo; mas, outro tanto não aconteceria, caso verificasse nobreza e inteligencia no prisioneiro, por quanto, com o seu apurado senso político, não desejava adquirir um inimigo capaz de prejudicá-lo a qualquer tempo. Tendo reconhecido os altos dotes intelectuais e morais do Apóstolo, modificou inteiramente a sua atitude. Passou logo a considerar com mais severidade o interlocutor, chegando á conclusão de que seria crime agir com parcialidade no feito. Além da cultura que o acusado exibia, tratava-se de um cidadão romano por títulos legitimamente adquiridos. Formulando novas conjecturas e com imensa surpresa para os representantes confiados do Sinhédrio, Porcius Festo perguntou ao prisioneiro se consentia em voltar a Jerusalém, a-fim-de lá ser julgado, perante ele proprio, pelo tribunal religioso da sua raça. Paulo de Tarso, compreendendo a cilada

dos israelitas, replicou tranquilamente, enchendo a assembleia de assombro:

— Senhor governador, estou diante do tribunal de Cesar, a-fim-de ser definitivamente julgado. Ha mais de dois anos espero a decisão de um processo que não posso compreender. Como sabeis, a ninguem ofendi. Minha prisão derivou, tão só, das intrigas religiosas de Jerusalém. Desafio, neste particular, o conceito dos mais exigentes. Se pratiquei algum ato indigno, peço, eu mesmo, a sentença de morte. Convocado a novo julgamento, acreditei tivesseis a coragem necessaria para romper com as aspirações inferiores do Sinhédrio, fazendo justiça á vossa longanimidade de administrador conciencioso e réto. Continuo confiando na vossa autoridade, na vossa imparcialidade, extremes de favor, que ninguem poderá exigir dos vossos encargos honrosos e delicados. Examinai detidamente as acusações que me retêm no cárcere de Cesareia! Verificareis que nenhum poder provincial poderá entregar-me á tirania de Jerusalém! Reconhecendo essa valiosa circunstancia e invocando meus títulos, embora creia sinceramente em vossas deliberações sábias e justas, apélo, desde já para Cesar!...

A atitude inesperada do Apóstolo dos gentios provocou geral espanto. Porcius Festo, muito pálido, engolfou-se em sérias cogitações. De sua cátedra de juiz, ensinara, generosamente, o caminho da vida a muitos acusados e malfeitores; entretanto, naquela hora inovável de sua existencia, encontrava um réu que lhe falava ao coração. A resposta de Paulo valia um programa de justiça e de ordem. Com imensa dificuldade pedia o restabelecimento da calma, no recinto. Os representantes do judaísmo discutiam acaloradamente entre si; alguns cristãos, mais apressados, comentavam, desfavoravelmente a atitude do Apóstolo, apreciando-a superficialmente, como se constituísse uma negação do testemunho. O governador reuniu, á pressa, o pequeno conselho dos rabinos mais influentes. Os doutores da lei antiga insistiram pela adoção de medidas mais energicas, no pressuposto de que Paulo se modificaria com

algumas bastonadas. Entretanto, sem desprezar a oportunidade de mais uma prestigiosa lição para sua vida pública, o governador cerrou ouvidos ás intrigas de Jerusalém, afirmando que de modo algum podia transigir no cumprimento do dever, naquele significativo instante de sua vida. Desculpou-se, desapontado, com os velhos políticos do Sinhédrio e do Templo, que o fixaram com olhos rancorosos e pronunciou as célebres palavras:

— Apelaste para Cesar? Irás a Cesar!

Com essa antiga fórmula ficaram encerrados os trabalhos do novo julgamento. Os representantes do Sinhédrio retiraram-se extremamente irritados, exclamando um deles em voz alta, para o prisioneiro que recebeu o insulto serenamente:

— Só os desertores malditos apelam para Cesar. Vai-te para os gentios, indigno intrujo!...

O Apóstolo fixou-o com benignidade, enquanto se preparava para voltar ao cárcere.

O governador, sem perder tempo, determinou se anotasse a petição do réu, para prosseguimento do feito. No dia seguinte demorou-se a estudar o caso e sentiu-se presa de grande indecisão. Não podia enviar o acusado á capital do Império, sem justificar os motivos da prisão, por tanto tempo, nos cárceres de Cesareia. Como proceder? Mas, decorridos alguns dias, Herodes Agripa e Berenice vinham saudar o novo governador, em visita cerimonia e imprevista. O preposto imperial não pôde dissimular as preocupações que o absorviam e depois das solenidades protocolares, devidas a hóspedes tão ilustres, contou a Agripa a história de Paulo de Tarso, cuja personalidade empolgava os mais indiferentes. O rei palestinense, que conhecia a fama do ex-rabino, manifestou desejo de observá-lo de perto, ao que Festo anuiu satisfeitosíssimo, não sómente pela possibilidade de proporcionar um prazer ao hóspede generoso, como também por esperar das impressões do hóspede algo de útil para ilustrar o processo do Apóstolo, que lhe incumbia enviar para Roma.

Porcius deu a esse ato um caráter festivo. Conví-

dou as personaliddaes mais eminentes de Cesaréia, reunindo luzida assembléia em torno do rei, no melhor e mais vasto auditório da Corte Provincial. Primeiramente, houve bailados e música. Em seguida, o convertido de Damasco, devidamente escoltado, foi apresentado pelo proprio governador, em termos discretos mas cordiais e sinceros.

Herodes Agripa impressionou-se logo, vivamente, com a figura alquebrada e franzina do Apóstolo, cujos olhos serenos traduziam a energia inquebrantavel da raça. Curioso por conhece-lo melhor, mandou que se defendesse de viva voz.

Paulo comprehendeu a profunda significação daquele minuto e passou a historiar os transes da sua existencia com grande erudição e sinceridade. O rei ouvia assombrado. O ex-rabino invocou a infancia, deteve-se nas reminiscencias da mocidade, explicou sua aversão aos seguidores do Cristo Jesus e, exuberante de inspiração, traçou o quadro do seu encontro com o Mestre redivivo, ás portas de Damasco, á viva luz do sól. Em seguida, passou a enumerar os feitos da obra de gentilidade, as perseguições sofridas em toda a parte por amor ao Evangelho, concluindo, com veemencia, que, sem embargo, suas pregações não contrariavam, antes corroboravam as profecias da lei antiga, desde Moisés.

Dando curso á imaginação ardente e fácil, o orador tinha os olhos jubilosos e brilhantes. A assembléia aristocratica estava eminentemente impressionada com os fatos narrados, denotando entusiasmo e alegria. Herodes Agripa, muito pálido, tinha a impressão de haver encontrado uma das mais profundas vozes da revelação divina. Porcius Festo não ocultava a surpresa que lhe assaltara subitamente o Espírito. Não presumia no prisioneiro tamanho cabedal de fé e persuasão. Ouvindo o Apóstolo descrever as cenas mais belas do seu apostolado com os olhos repletos de alegria e de luz, transmitindo ao auditorio atento e comovido idéias imprevistas e singulares, o governador considerou que se trataria de um louco sublime e disse-lhe, em alta voz, na intercorrencia de uma pausa mais prolongada:

— Paulo, és um desvairado! As muitas letras fazem-te delirar!...

O ex-rabino, longe de se atemorizar, respondeu nobremente:

— Enganai-vos! Não sou um louco! Diante da vossa autoridade de romano ilustre, eu não me atreveria a falar desta maneira, pois reconheço que não estais devidamente preparado para ouvir-me. Os patrícios de Augusto são tambem de Jesus Cristo, mas ainda não conhecem plenamente o Salvador. A cada qual, devemos falar de acordo com sua capacidade espiritual. Aqui, porém, senhor governador, se falo com ousadia é porque me dirijo a um rei, que não ignora o sentido de minhas palavras. Herodes Agripa terá ouvido Moisés, desde a infancia. E' romano pela cultura, mas alimentou-se da revelação de Deus aos seus antepassados. Nenhuma de minhas afirmações lhe pode ser desconhecida. De outro modo, ele traíria sua origem sagrada, pois todos os filhos da nação que aceitou o Deus único devem conhecer a revelação de Moisés e dos profetas. Crêdes assim, rei Agripa?

A pergunta causou enorme espanto. O proprio administrador provincial não teria coragem de se dirigir ao rei com tamanha desenvoltura. O ilustre descendente de Antípata estava altamente surpreendido. Extrema palidez cobria-lhe o semblante. Ninguem assim lhe falara, em toda a vida.

Percebendo-lhe a atitude mental, Paulo de Tarso completou a poderosa argumentação, acrescentando:

— Sei que credes!...

Confuso com o desembaraço do orador, Agripa sacudiu a fronte como se desejassem expulsar alguma idéia importuna, esboçou um sorriso vago, dando a entender que estava senhor de si, e disse em tom de gracejo:

— Ora esta! por pouco me persuades a fazer uma profissão de fé cristã...

O Apóstolo não se deu por vencido e revidou:

— Oxalá que, por pouco ou muito, vos fizesseis discípulo de Jesus; não sómente vós, mas todos quantos nos ouviram hoje.

Porcius Festo comprehendeu que o rei estava muito mais impressionado do que se supunha e, desejoso de modificar o ambiente, propôs que as altas personalidades se retirassem para a refeição da tarde, em palácio. O ex-rabino foi reconduzido ao cárcere, deixando aos ouvintes imorredoura impressão. Berenice, sensibilizada, foi a primeira a manifestar-se, reclamando clemência para o prisioneiro. Os demais seguiram a mesma corrente de benévolas simpatias. Herodes Agripa tentou uma fórmula digna para que o Apóstolo fosse restituído à liberdade. O governador, porém, explicou que, conhecendo a fibra moral de Paulo, tomara a sério o seu recurso para Cesar, estando já pergaminhadas as primeiras instruções a respeito. Cioso das leis romanas, pôs embargos ao alvitre, embora pedisse o socorro intelectual do rei para a carta de justificação, com que o acusado deveria apresentar-se à autoridade competente, na capital do Império. Desejoso de conservar sua tranquilidade política, o descendente dos Herodes não aventou qualquer nova sugestão, lamentando apenas que o prisioneiro já houvesse recorrido em derradeira instância. Procurou, então, cooperar na redação do documento, mostrando-se contrário ao pregador do Evangelho tão só pela circunstância de haver suscitado muitas lutas religiosas na camada popular, em desacordo com a unidade de fé colimada pelo Sinhédrio, como baluarte defensivo das tradições do judaísmo. Para isso, o próprio rei assinara como testemunha, emprestando maior importância às alegações do preposto imperial. Porcius Festo registrou o auxílio, extremamente satisfeito. Estava resolvido o problema e Paulo de Tarso poderia partir com a primeira leva de sentenciados, para Roma.

Escusado dizer que recebeu a notícia com serenidade. Depois de um entendimento com Lucas, pediu que a igreja de Jerusalém fosse avisada, bem como a de Sidon, onde o navio, certo haveria de receber carga e passageiros. Todos os amigos de Cesaréia foram mobilizados no serviço das comovedoras mensagens que o ex-rabino dirigiu às amadas igrejas, menos Timóteo,

Lucas e Aristarco, que se propunham acompanhá-lo à capital do Império.

Os dias correram, céleres, até que chegou o momento em que o centurião Julio com a sua escolta foi buscar os prisioneiros para a viagem tormentosa. O centurião tinha plenos poderes para determinar todas as providências e logo evidenciando simpatia pelo Apóstolo, ordenou fosse ele conduzido à embarcação desaljado, em contraste com os demais prisioneiros.

O tecelão de Tarso, apoiado ao braço de Lucas, reviu, placidamente a tela clara e barulhenta das ruas, afagando a esperança de uma vida mais alta, em que os homens pudessem gozar fraternidade em nome do Senhor Jesus. Seu coração mergulhava em doces reflexões e preces ardentes, quando foi surpreendido com a compacta multidão que se premia e agitava na extensa praça a beira-mar.

Filas de velhos, de jovens e crianças, aglomeraram-se junto dele, a poucos metros da praia. À frente, Tiago alquebrado e velhinho, vindo de Jerusalém com grande sacrifício, por trazer-lhe o ósculo fraternal. O ardente defensor da gentilidade não conseguiu dominar a emoção. Bandos de crianças atiraram-lhe flores. O filho de Alfeu reconhecendo a nobreza daquele Espírito heroico, tomou-lhe a destra e beijou-a com efusão. Ali estava com todos os cristãos de Jerusalém, em condições de fazer a viagem. Ali estavam confrades de Joppe, de Lida, de Antipatris, de todos os quadrantes provinciais. As crianças da gentilidade uniam-se aos pequeninos judeus, que saudavam carinhosamente o Apóstolo prisioneiro. Velhos aleijados aproximavam-se, respeitosos e exclamavam:

— Não deverieis partir!...

Mulheres humildes agradeciam os benefícios recebidos de suas mãos. Doentes curados comemoravam a colonia de trabalho que ele sugerira e ajudara a fundar na igreja de Jerusalém e proclamavam sua gratidão em altas vozes. Os gentios convertidos ao Evangelho, beijavam-lhe as mãos, murmurando:

— Quem nos ensinará, doravante, a sermos filhos do Altíssimo?

Meninos amorosos apegavam-se-lhe á túnica, sob os olhares de mães estarrecidas.

Todos lhe pediam que ficasse, que não partisse, que voltasse breve para os serviços abençoados de Jesus.

Subitamente, recordou a velha cena da prisão de Pedro, quando, arvorado em verdugo dos discípulos do Evangelho, visitara a igreja de Jerusalém, chefiando uma expedição punitiva. Aqueles carinhos do povo lhe falavam brandamente á alma. Significavam que já não era o algoz implacável que, até então, não pudera compreender a misericórdia divina; traduziam a quitação do seu débito com a alma do povo. De conciencia um tanto aliviada, recordou-se de Abigail e começou a chorar. Sentia-se, ali, como no seio dos "filhos do Calvário" que o abraçavam, reconhecidos. Aqueles mendigos, aqueles aleijados, aquelas criancinhas eram a sua família. Naquele inesquecível minuto da vida, sentia-se plenamente identificado no ritmo da harmonia universal. Brisas suaves de mundos diferentes balsamizavam-lhe a alma, como se houvesse atingido uma região divina, depois de vencer grande batalha. Pela primeira vez, alguns pequeninos chamaram-no de "pai". Inclinou-se, com mais ternura, para as criancinhas que o rodeavam. Interpretava todos os episódios daquela hora inolvidável como uma bênção de Jesus que o ligava a todos os sérões. A sua frente, o oceano em calma assemelhava-se a um caminho infinito e promissor de misteriosas e inefáveis belezas.

Julio, o centurião da guarda, aproximou-se comovido e falou com brandura:

— Infelizmente, chegou o momento de partir.

E, testemunha das manifestações tributadas ao Apóstolo, também ele tinha os olhos húmidos. Muitos réus se lhe haviam já separado naquelas circunstâncias, e eram todos revoltados, desesperados, ou penitentes arrependidos. Aquele, porém, estava sereno e quase feliz. Jubilo indizível lhe transbordava dos olhos brilhantes. Além disso, sabia que aquele homem dedicado ao

bem de todas as criaturas, não cometera falta alguma. Por isso mesmo, conservou-se ao seu lado, como querendo compartilhar dos transportes afetuosos do povo, como a demonstrar a consideração que lhe merecia.

O Apóstolo dos gentios abraçou os amigos pela última vez. Todos choravam discretamente, á maneira dos sinceros discípulos de Jesus, que não pranteiam sem consôlo. As mães ajoelhavam-se com os filhinhos na areia alva, os velhos, apoiando-se a rudes cajados, com imenso esforço. Todos os que abraçavam o campeão do Evangelho, punham-se de joelhos, rogando ao Senhor que abençoasse o seu novo roteiro.

Concluindo as despedidas, Paulo acentuava com serenidade heróica:

— Choremos de alegria, irmãos! Não ha maior glória neste mundo que a de estar o homem a caminho de Cristo Jesus!... O Mestre foi ao encontro do Pai, através dos martírios da Cruz! Abençoemos nossa cruz de cada dia. E' preciso trazermos as marcas do Senhor Jesus! Não acredito possa voltar aqui, com este alquebrado corpo de minhas lutas materiais. Espero que o Senhor me conceda o derradeiro testemunho em Roma; entretanto, estarei convosco pelo coração; voltarei ás nossas igrejas em Espírito; cooperarei no vosso esforço nos dias mais amargos. A morte não nos separará, tal como não separou o Senhor da comunidade dos discípulos. Nunca estaremos distantes uns dos outros e, por isso mesmo, prometeu Jesus que estaria ao nosso lado até o fim dos séculos!...

Julio ouviu a exortação, comovidamente. Lucas e Aristarco soluçavam baixinho.

A seguir, o Apóstolo tomou o braço do médico amigo e, seguido de perto pelo centurião, caminhou resoluto e sereno em demanda do barco.

Centenas de pessoas acompanharam as manobras da largada em santificado recolhimento regado de lágrimas e preces. Enquanto o navio se afastava lento, Paulo e os companheiros contemplavam Cesareia, de olhos humedecidos. A multidão silenciosa dos que ficavam em pranto acenava e ondeava na praia que a distância aos

poucos diluia. Jubiloso e reconhecido, Paulo de Tarso descansava o olhar no campo de suas lutas acerbas, meditando nos longos anos de viltas e reparações necessárias. Recordava a infância, os primeiros sonhos da juventude, as inquietações da mocidade, os serviços dignificantes de Cristo, sentindo que deixava a Palestina para sempre. Grandiosos pensamentos o empolgavam quando Lucas se aproximou e, apontando á distancia os amigos que continuavam genuflexos, exclamou brandamente:

— Poucos fatos me comoveram tanto no mundo, como este! Registarei nas minhas anotações como fostes amado por quantos receberam o benefício de Jesus das vossas mãos fraternais!...

Paulo pareceu ponderar profundamente a advertencia e acentuou:

— Não, Lucas. Não escrevas sobre virtudes que não tenho. Se me amas não deves expôr meu nome a falsos julgamentos. Deves falar, isso sim, das perseguições por mim movidas aos seguidores do santo Evangelho; do favor que o Mestre me dispensou ás portas de Damasco, para que os homens mais empedernidos não desesperem da salvação e aguardem a sua misericórdia no momento justo; citarás os combates que temos travado desde o primeiro instante, em face das imposições do farisaísmo e das hipocrisias do nosso tempo; comentarás os obstáculos vencidos, as humilhações dolorosas, as dificuldades sem conta, para que os futuros discípulos não esperem a redenção espiritual com o repouso falso do mundo, confiantes no favor incompreensível dos deuses e sim com trabalhos ásperos, com sacrifícios abençoados pelo aperfeiçoamento de si mesmos; falarás de nossos recontros com os homens poderosos e cultos; de nossos serviços junto dos favorecidos da sorte, para que os seguidores do Evangelho, no futuro não se arreiem das situações mais dificeis e escabrosas, conscientes de que os mensageiros do Mestre os assistirão, sempre que se tornem instrumentos legitimos da fraternidade e do amor, ao longo dos caminhos que se desdobram á evolução da Humanidade.

E depois de longa pausa, em que observou a atenção com que Lucas lhe acompanhou os inspirados raciocínios, prosseguiu em tom sereno e firme:

— Cala sempre, porém, as considerações, os favores que tenhamos recolhido na tarefa, porque esse galardão só pertence a Jesus. Foi Ele quem removeu nossas misérias angustiosas, enchendo o nosso vácuo; foi sua mão que nos tomou caridosamente e nos conduziu ao caminho santo. Não me contaste tuas lutas amarguradas no passado distante? Não te contei como fui perverso e ignorante, em outros tempos? Assim como iluminou minhas veredas sombrias, ás portas de Damasco, levou-te ele á igreja de Antioquia, para que lhe ouvisses as verdades eternais. Por mais que tenhamos estudado, sentimos um abismo entre nós e a sabedoria eterna; por mais que tenhamos trabalhado, não nos encontramos dignos d'Aquele que nos assiste e guia desde o primeiro instante da vida. Nada possuímos de nós mesmos!... O Senhor enche o vácuo de nossa alma e opera o bem que não possuímos. Esses velhinhos tremulos que nos abraçaram em lágrimas, as crianças que nos beijaram com ternura, fizeram-no ao Cristo. Tiago e os companheiros não vieram de Jerusalém tão só para manifestar-nos sua fraternidade afetuosa; vieram trazer testemunhos de amor ao Mestre que nos reuniu na mesma vibração de solidariedade sacrossanta, embora não saibam traduzir o mecanismo oculto dessas emoções grandiosas e sublimes. No meio de tudo isso, Lucas, fomos apenas míseros servos que se aproveitaram dos bens do Senhor para pagar as próprias dívidas. Ele nos deu a misericórdia para que a justiça se cumprisse. Esses júbilos e essas emoções divinas lhe pertencem... Não tenhamos, portanto, a mínima preocupação de relatar episódios que deixariam uma porta aberta para a vaidade incompreensível. Que nos baste a profunda convicção de havermos liquidado nossos débitos clamorosos...

Lucas ouviu admirado essas considerações oportunas e justas, sem saber definir a surpresa que lhe causavam.

— Tendes razão — disse finalmente — somos fracos demais para nos atribuirmos qualquer valor.

— Além disso — acrescentou Paulo — a batalha do Cristo está começada. Toda vitória pertencerá ao seu amor e não ao nosso esforço de servos endividados... Escreve, portanto, tuas anotações do modo mais simples e nada comentes que não seja para glorificação do Mestre no seu evangelho imortal!...

Enquanto Lucas procurava Aristarco para transmitir-lhe aquelas sugestões sábias e afetuosas, o ex-rabino continuou fitando o casario de Cesária, que se apagava agora no horizonte. A embarcação navegava suavemente, afastando-se da costa... Por longas horas, deixou-se ficar ali, meditando o passado que lhe surgia aos olhos espirituais, qual imenso crepúsculo. Mergulhado nas reminiscencias entrecortadas de preces a Jesus, ali permaneceu em significativo silencio, até que começaram a brilhar no firmamento muito azul os primeiros astros da noite.

IX

O PRISIONEIRO DE CRISTO

O navio de Adramiette da Mísia, em que viajavam o Apóstolo e os companheiros, no dia imediato tocou em Sidon, repetindo-se as cenas comovedoras da véspera. Julio permitiu que o ex-rabino fosse ter com os amigos, na praia, verificando-se as despedidas entre exortações de esperanças e muitas lágrimas. Paulo de Tarso ganhou ascendencia moral sobre o comandante, marinheiros e guardas. Sua palavra vibrante conquistara as atenções gerais. Falava de Jesus, não como de uma personalidade inatingivel, mas como de um mestre amoroso e amigo das criaturas, a seguir de perto a evolução e redenção da Humanidade terrena desde os seus primórdios. Todos desejavam ouvir-lhe os conceitos, relativamente ao Evangelho e quanto á sua projeção no futuro dos povos.

A embarcação, frequentemente deixava divisar paisagens gratíssimas ao olhar do Apóstolo. Depois de costear a Fenícia, surgiram os contornos da Ilha de Chipre, cariciosas recordações. Nas proximidades da Panfília exultou de intima alegria pelo dever cumprido, e assim chegou ao porto de Mira, na Lícia.

Foi ai que Julio resolveu tomar passagem numa embarcação alexandrina, que se dirigia para a Itália. Assim que a viagem continuou com perspectivas desfavoráveis. O navio levava excesso de carga. Além de grande quantidade de trigo, tinha a bordo duzentas e setenta e seis pessoas. Aproximava-se o periodo difícil

para os trabalhos da navegação. Os ventos sopravam de rijo contrariando a rota. Depois de longos dias, ainda vogavam na região de Cnide. Vencendo dificuldades extremas, conseguiram tocar em alguns pontos de Creta.

Observando os obstáculos da jornada e obedecendo à propria intuição, o Apóstolo, confiado na amizade de Julio, chamou-o em particular e sugeriu o inverncio em Kaloi-Limenes. O chefe da coórte tomou o alvitre em consideração e apresentou-o ao comandante e ao piloto, os quais o houveram por descabivel.

— Que significa isso, centurião? — perguntou o capitão, enfático, com um sorriso algo ironico. — Dar crédito a esses prisioneiros? Pois estou a ver que se trata de algum plano de fuga, maquinado com sutileza e prudencia... Mas, seja como fôr, o alvitre é inaceitável, não só pela confiança que devemos ter em nossos recursos profissionais, como porque precisamos atingir o porto de Fenix, para o repouso necessário.

O centurião desculpou-se como pôde, retirando-se um tanto vexado. Desejaria protestar, esclarecendo que Paulo de Tarso não era um simples réu comum; que não falava por si só, mas tambem por Lucas, que também fôra marítimo dos mais competentes. Não lhe convinha, porém, comprometer sua brilhante situação militar e política, em antagonismo com as autoridades provincianas. Era melhor não insistir, sob pena de ser mal compreendido pelos homens de sua classe. Procurou o Apóstolo e fê-lo sabedor da resposta. Paulo, longe de maguar-se, murmurou calmamente:

— Não nos entristeçamos por isso! Estou certo de que os óbices hão de ser muito maiores do que possamos suspeitar. Haveremos, porém, de lograr algum proveito, porque, nas horas angustiosas recordaremos o poder de Jesus, que nos avisou a tempo.

A viagem continuou entre receios e esperanças. O proprio centurião estava agora convencido da inopportunidade da arribada em Kaloi-Limenes, porque, nos dois dias que se seguiram ao conselho do Apóstolo, as condições atmosféricas melhoraram bastante. Logo, porém, que se fizeram ao mar alto, rumo a Fenix, um

furacão imprevisto caiu de súbito. De nada valeram providencias improvisadas. A embarcação não podia enfrentar a tempestade e forçoso foi deixa-la á mercê do vento impetuoso, que a arrebatou para muito longe, envolta em denso nevoeiro. Começaram, então, padecimentos angustiosos para aquelas criaturas isoladas no abismo revolto das ondas encapeladas. A tormenta parecia eternizar-se. Havia quase duas semanas que o vento rugia incessante, destruidor. Todo o carregamento de trigo foi alijado, tudo que representava excesso de peso, sem utilidade imediata, foi tragado pelo monstro insaciavel e rugidor!

A figura de Paulo foi encarada com veneração. A tripulação do navio não podia esquecer o seu alvitre. O piloto e o comandante estavam confundidos e o prisioneiro tornara-se alvo de respeito e consideração unâmes. O centurião, principalmente, permanecia constantemente junto dele, crente de que o ex-rabino dispunha de poderes sobrenaturais e salvadores. O abatimento moral e o enjôo espalharam o desanimo e o terror. O Apóstolo generoso, no entanto, acudia a todos, um por um, obrigando-os a se alimentarem e confortando-os moralmente. De quando a quando, soltava o verbo eloquente e, com a devida permissão de Julio, falava aos companheiros da hora amarga, procurando identificar as questões espirituais com o espetáculo convulsivo da natureza:

— Irmãos! — dizia em voz alta para a assembléia estranha, que o ouvia transida de angustia — eu creio que tocaremos breve a terra firme! Entretanto, assumamos o compromisso de jamais olvidar a lição terrível desta hora. Procuraremos caminhar no mundo qual marinheiro vigilante, que, ignorando o momento da tempestade, guarda a certeza da sua vinda. A passagem da existencia humana para a vida espiritual assemelha-se ao instante amarguroso que estamos vivendo neste barco, há muitos dias. Não ignorais que fomos avisados de todos os perigos, no último porto que nos convidava a estagiari, livres de acidentes destruidores. Buscamos o mar alto, de propria conta. Também Cristo Jesus nos

concede os celestes avisos no seu Evangelho de Luz, mas, frequentemente optamos pelo abismo das experiências dolorosas e trágicas. A ilusão, como o vento sul, parece desmentir as advertências do Salvador, e nós continuamos pelo caminho da nossa imaginação viciada; entretanto, a tempestade chega de repente. E preciso passar de uma vida para outra, a-fim-de retificarmos o rumo iniludível. Começamos por alijar o carregamento pesado dos nossos enganos crueis, abandonamos os caprichos criminosos para aceitar plenamente a vontade augusta de Deus. Reconhecemos nossa insignificância e miséria, alcança-nos um tédio imenso dos erros que nos alimentavam o coração, tal como sentimos o nada que representamos neste arcabouço de madeiras frágeis, flutuante no abismo, tomados de singular enjôo, que nos provoca náuseas extremas! O fim da existência humana é sempre uma tormenta como esta, nas regiões desconhecidas do mundo interior, porque nunca estamos apercebidos para ouvir as advertências divinas e procuramos a tempestade angustiosa e destruidora, pelo roteiro de nossa própria autoria.

A assembléia amedrontada ouvia-lhe os conceitos, empolgada de inominável pavor. Observando que todos se abraçavam, confraternizando-se na angústia comum, continuava:

— Contemplemos o quadro dos nossos sofrimentos. Vêde como o perigo ensina a fraternidade imediata. Estamos aqui patrícios romanos, negociantes de Alexandria, plutocratas da Fenícia, autoridades, soldados, prisioneiros, mulheres e crianças... Embora diferentes uns dos outros, perante Deus a dor nos irmana os sentimentos para o mesmo fim de salvação e restabelecimento da paz. Creio que a vida em terra firme seria muito diferente, se as criaturas lá se compreendessem tal como acontece aqui, agora, nas vastidões marinhas.

Alguns sopitavam o despeito, ouvindo a palavra apostolar, mas a grande maioria acercava-se, reconhecendo-lhe a inspiração superior e desejosa de configurar-se à sombra da sua virtude heróica.

Decorridos quatorze dias de cerração e tormenta, o barco alexandrino atingiu a Ilha de Malta. Enorme, geral alegria; mas, o comandante, ao ver afastado o perigo e sentindo-se humilhado com a atitude do Apóstolo durante a viagem, sugeriu a dois soldados o assassinato dos prisioneiros de Cesaréia, antes que pudessem evadir-se. Os prepostos do centurião assumiram a paternidade desse alvitre, mas Julio se opôs, terminantemente, deixando perceber a transformação espiritual que o felicitava agora, à luz do Evangelho redentor. Os presos que sabiam nadar atiraram-se à água corajosamente; os demais agarrawam-se aos botes improvisados, buscando a praia.

Os naturais da Ilha, bem como os poucos romanos que lá residiam a serviço da administração, acolheram os naufragos com simpatia; mas, por numerosos, não havia acomodação para todos. Frio intenso enregelava os mais resistentes. Paulo, todavia, dando mostras do seu valor e experiência no afrontar intempéries, tratou de dar o exemplo aos mais abatidos, para que se fizesse fogo, sem demora. Grandes fogueiras foram acesas rapidamente para aquecimento dos quase naufragos; mas, quando o Apóstolo atirava um feixe de ramos secos à labareda crepitante, uma víbora cravou-lhe na mão os dentes venenosos. O ex-rabino susteve-a no ar com um gesto sereno, até que ela caisse nas chamas, com estupefação geral. Lucas e Timóteo aproximaram-se desolados. O chefe da coorte e alguns amigos estavam desolados. E' que os naturais da Ilha, observando o fato, davam alarme, asseverando que o réptil era dos mais venenosos da região, e que as vítimas não sobreviviam mais que horas.

Os indígenas, impressionados, afastavam-se discretamente. Outros, assustadiços afirmavam:

— Este homem deve ser um grande criminoso, pois, salvando-se das ondas bravias veiu encontrar aqui o castigo dos deuses.

Não eram poucos os que aguardavam a morte do Apóstolo, contando os minutos; Paulo, no entanto, aquecendo-se como lhe era possível, observava a expressão

fisionômica de cada um e orava com fervor. Diante do prognóstico dos nativos da Ilha, Timóteo aproximou-se mais intimamente e buscou científica-lo do que diziam a seu respeito.

O ex-rabino sorriu e murmurou:

— Não te impressiones. As opiniões do vulgo são muito inconscientes, tenho disso experiência própria. Estejamos atentos aos nossos deveres, porque a ignorância sempre está pronta a transitar da maldição ao elogio e vice-versa. É bem possível que daqui a algumas horas me considerem um deus.

Com efeito, quando viram que ele não acusara nem memo a mais leve impressão de dôr, os indígenas passaram a observá-lo como entidade sobrenatural. Já que se mantivera indene ao veneno da vibora, não poderia ser um homem comum, antes algum enviado do Olimpo, a que todos deveriam obedecer.

A esse tempo, o mis alto funcionário de Malta Públis Apiano, chegara ao local e ordenava as primeiras providências para socorrer os naufragos. Sendo eles conduzidos a vastos galpões desabitados, próximo de sua residência, lá recebendo caldos quentes, remédio e roupas. O preposto imperial reservou os melhores cômodos da própria moradia para o comandante do navio e o centurião Julio, atento ao prestígio dos respectivos cargos, até que pudesse obter novas acomodações na Ilha. O chefe da corte, no entanto, sentindo-se agora extremamente ligado ao Apóstolo dos gentios, solicitou ao generoso funcionário romano acolhesse o ex-rabino com a deferência a que fazia jús, ao mesmo tempo que elogiava as suas virtudes heroicas.

Ciente da elevada condição espiritual do convertido de Damasco e ouvindo os fatos maravilhosos, que lhe atribuíam no capítulo das curas, lembrou comovidamente ao centurião:

Ainda bem! Lembrança preciosa a vossa, mesmo porque, tenho aqui meu pai enfermo e desejaría experimentar as virtudes desse santo varão do povo de Israél!...

Convidado por Julio, Paulo aquiesceu desassombreado e assim compareceu em casa de Públis. Levado á presença do ancião enfermo, impôs-lhe as mãos calosas e enrugadas, em prece comovedora e ardente. O velhinho que ardia e se consumia em febre letal, experimentou imediato alívio e rendeu graças aos deuses de sua crença. Tomado de surpresa, Públis Apiano viu-o levantar-se procurando a destra do benfeitor para um ósculo santo. O ex-rabino, no entanto, valeu-se da situação e, ali mesmo, exaltou o Divino Mestre, pregando as verdades eternas e esclarecendo que todos os bens provenham do seu coração misericordioso e justo e não de criaturas pobres e frágeis, quanto ele.

O preposto do Império quis conhecer o Evangelho imediatamente. Arrancando os pergaminhos da Boa-Nova, das dobras da túnica em frangalhos, único patrimônio que lhe ficara nas mãos, depois da tempestade, Paulo de Tarso passou a exhibir os pensamentos e ensinos de Jesus, quase com orgulho. Públis ordenou que o documento fosse copiado e prometeu interessar-se pela situação do Apóstolo, utilizando suas relações em Roma, a fim de lhe conseguir a liberdade.

A notícia do feito espalhou-se em poucas horas. Não se falava de outra causa, senão do homem providencial que os deuses haviam mandado á Ilha, para que os doentes fôssem curados e o povo recebesse novas revelações.

Com a complacência de Julio, o ex-rabino e os companheiros obtiveram um velho salão do administrador, onde os serviços evangélicos funcionaram regularmente durante os meses do inverno rigoroso. Multidão de enfermos foram curados. Velhos misérrimos, na claridade dos tesouros de Cristo alcançaram novas esperanças. Quando voltou a época da navegação, Paulo já havia criado em toda Ilha uma vasta família cristã, cheia de paz e nobres realizações para o futuro.

Atento aos imperativos da sua comissão, Julio resolveu partir com os prisioneiros no navio "Castor e Polux", que ali invernara e se destinava á Italia.

No dia do embarque, o Apóstolo teve a consolação de aferir o interesse afetuoso dos novos amigos do Evangelho, recebendo, sensibilizado, manifestações de fraternal carinho. A bandeira augusta de Cristo também ali ficara desfraldada, para sempre.

O navio demandou a costa italiana debaixo de ventos favoráveis.

Chegados à Siracusa, na Sicília, amparado pelo generoso centurião, agora devotado amigo, Paulo de Tarso aproveitou os três dias de permaneceria na cidade, em pregações do Reino de Deus, atraindo numerosas criaturas ao Evangelho.

Em seguida, a embarcação penetrou o estreito, tocou em Reggio, apropriadamente daí a Pouzzeles, não longe do Vesúvio.

Antes do desembarque, o centurião aproximou-se do Apóstolo, respeitosamente, e falou:

— Meu amigo, até agora estiveste sob o amparo da minha amizade pessoal, direta; daqui por diante, porém, temos de viajar sob os olhares indagadores de quantos habitam nas proximidades da metrópole e ha que considerar vossa condição de prisioneiro...

Notando-lhe o natural constrangimento, mescla de humildade e respeito, Paulo exclamou:

— Ora esta, Julio, não te incomodes! Sei que tens necessidade de algemar-me os pulsos para a exata execução de teus deveres. Apressa-te a fazê-lo, pois não me seria lícito comprometer uma afeição tão pura, qual a nossa.

O chefe da coórté tinha os olhos molhados, mas, retirando as algemas da pequena bolsa, acentuou:

— Disputo a alegria de ficar convosco. Quisera ser, como vós, um prisioneiro do Cristo!...

Paulo estendeu a mão, extremamente comovido, permanecendo ligado ao centurião, sob o olhar carinhoso dos três companheiros.

Julio determinou que os prisioneiros comuns fôssem instalados em prisões gradeadas e que Paulo, Timóteo, Aristarco e Lucas ficassem em sua companhia, numa pensão modesta. Em face da humildade do Apóstolo

e de seus colaboradores, o chefe da coórté parecia mais generoso e fraternal. Desejoso de agradar ao velho discípulo de Jesus, mandou sindicar, imediatamente, se em Pouzzeles havia cristãos e, em caso afirmativo, que fôssem á sua presença, para conhecêrem os trabalhadores da semeadura santa. O soldado incumbido da missão, daí a poucas horas, trazia consigo um generoso velhinho, de nome Sexto Flacus, cuja fisionomia transbordava a mais viva alegria. Logo á entrada, aproximou-se do velho Apóstolo e osculou-lhe as mãos, regou-as de lágrimas, em transportes de espontâneo carinho. Estabeleceu-se, imediatamente, consoladora palestra de que Paulo de Tarso participava comovido. Flacus informou que a cidade tinha ha muito a sua igreja; que o Evangelho ganhava terreno nos corações; que as cartas do ex-rabino eram tema de meditação e estudo em todos os lares cristãos, que reconheciam em suas atividades a missão de um mensageiro do Messias salvador. Tomando a velha bolsa arrancou, ali mesmo, a cópia da epítolia aos romanos, guardada pelos confrades de Pouzzeles com especial carinho.

Paulo tudo ouvia gratamente impressionado, parecendo-lhe que chegava a um mundo novo.

Julio, por sua vez, não cabia em si de contente E, dando largas ao seu entusiasmo natural, Sexto Flacus expediu recados aos companheiros. Aos poucos, a modesta estalagem enchia-se de caras novas. Eram padeiros, negociantes e artífices que vinham, ansiosos, apertar a mão do amigo da gentilidade. Todos queriam beber os conceitos do Apóstolo,vê-lo de perto, beijar-lhe as mãos. Paulo e companheiros foram convidados a falar na igreja aquela mesma noite e, cientes de que o centurião pretendia partir para Roma no dia imediato, os sinceros discípulos do Evangelho, em Pouzzeles, rogararam a Julio permitisse a demora de Paulo entre eles, ao menos por sete dias, ao que o chefe da coórté atendeu de bom grado.

A comunidade viveu horas de júbilo imenso. Sexto Flacus e os companheiros expediram dois emissários a Roma, para que os amigos da cidade imperial tivessem

conhecimento da vinda do Apóstolo dos gentios. E cantando louvores no coração, os crentes passaram dias de ilimitada ventura.

Decorrida a semana de trabalhos frutuosos, felizes, o centurião fez ver a necessidade de partir.

A distância a vencer excedia de duzentos quilômetros, com sete dias de marcha consecutiva e fatigante.

O pequeno grupo partiu acompanhado de mais de cincuenta cristãos de Pouzzeles, que seguiram o ex-rabino até Forum d'Appius, em cavalos resistentes, montando carinhosa guarda aos carros dos guardas e prisioneiros. Nessa localidade, distante de Roma quarenta e poucas milhas, aguardava o Apóstolo dos gentios a primeira representação dos discípulos do Evangelho na cidade imperial. Eram anciãos comovidos, cercados por alguns companheiros generosos, que, por pouco carregavam o ex-rabino nos braços. Julio não sabia como disfarsar a surpresa que lhe ia n alma. Jamais viajara com um prisioneiro de tamanho prestígio. De Forum d'Appius a caravana demandou o sítio denominado "As Três Tavernas", acrescida agora do grande veículo que levava os anciãos romanos, e sempre rodeada de cavaleiros fortes e bem dispostos. Nessa região, singularmente nomeada, em vista do grande conforto de suas hospedarias, outros carros e novos amigos esperavam Paulo de Tarso com sublimes demonstrações de alegria. O Apóstolo, agora, contemplava as regiões do Lácio empolgado por emoções suaves e doces. Tinha a impressão de haver aportado a um mundo diferente da sua Ásia cheia de combates acerbos.

Com permissão de Julio, a figura mais representativa dos anciãos romanos tomara assento junto de Paulo, naquele jubiloso fim de viagem. O velho Apollodorus, depois de certificar-se da simpatia do chefe da corte pela doutrina de Jesus, tornou-se mais vivo e minucioso no seu noticiário verbal, atendendo às perguntas afetuosas do Apóstolo dos gentios.

— Vindes a Roma em boa época — acentuava o velhinho em tom resignado — temos a impressão de que nossos sofrimentos por Jesus vão ser multiplica-

dos. Estamos em 61, mas há três anos que os discípulos do Evangelho começaram a morrer nas arenas do circo pelo nome augusteo do Salvador.

— Sim — disse Paulo de Tarso solicitamente. — Eu ainda não havia sido preso em Jerusalém, quando ouvi referências às perseguições indiretas, movidas aos adeptos do Cristianismo pelas autoridades romanas.

— Não são poucos — acrescentou o ancião — os que têm dado seu sangue nos espetáculos homicidas. Nossos companheiros têm caído às centenas, aos apertos do povo inconsciente, estraçalhados pelas feras ou nos postes do martírio...

O centurião, muito pálido, interrogou:

— Mas como pode ser isso? Ha medidas legais que justifiquem esses feitos criminosos?

— E quem poderá falar em justiça no governo de Nero? — replicou Apollodorus com um sorriso de santa resignação. — Ainda agora, perdi um filho amado nessas horrorosas carnificinas.

— Mas, como? — tornou o chefe da corte admirado.

— Muito simplesmente — esclareceu o velhinho — os cristãos são conduzidos aos circos do martírio e da morte, como escravos faltosos e misérrimos. Como ainda não existe um fundamento legal que justifique semelhantes condenações, as vítimas são designadas como cativeiros que mereceram os supícios extremos.

— Mas não existe um político, ao menos, que possa desmascarar o torpe sofisma?

— Quase todos os estadistas honestos e justos estão exilados, para não falar dos muitos induzidos ao suicídio pelos prepostos diretos do Imperador. Acreditamos que a perseguição declarada aos discípulos do Evangelho não tardará muito. A medida tem sido retardada sómente pela intervenção de algumas senhoras convertidas a Jesus, que tudo têm feito pela defesa de nossos ideais. Não fôra isso, talvez a situação se revelasse mais dolorosa.

— Precisamos nos negar a nós mesmos e tomar a

cruz — exclamou Paulo de Tarso, compreendendo o rigor dos tempos.

— Tudo isso é muito estranho para nós outros — ponderou Julio acertadamente — pois não vemos razão para tamanha tirania. E' um contra-senso a perseguição aos adeptos do Cristo, que trabalham pela formação de um mundo melhor, quando por ai medram tantas comunidades de malfiteiros, a reclamarem repressão legal. Com que pretexto se promove esse movimento de sorrate?

Apollodorus pareceu concentrar-se e replicou:

— Acusam-nos de inimigos do Estado, a solapar-lhe as bases políticas com idéias subversivas e destruidoras. A concepção de bondade, no Cristianismo, dá azo a que muitos interpretem mal os ensinamentos de Jesus. Os romanos abastados, ou ilustres, não toleram a idéia de fraternidade humana. Para eles o inimigo é inimigo, o escravo é escravo, o miserável é miserável. Não lhes ocorre abandonar, por um momento sequer, o festim dos prazeres fáceis e criminosos, para cogitar da elevação do nível social. Raríssimos os que se preocupam com os problemas da plebe. Um patrício cardoso é apontado com ironias. Num tal ambiente, os desfavorecidos da sorte encontraram no Cristo Jesus um Salvador bem amado, e os avarentos um adversário a eliminar, para que o povo não alimente esperanças. Examinada essa circunstância, podemos imaginar o progresso da doutrina cristã, entre os aflitos e os pobres, tendo-se em vista que Roma sempre foi um enorme carro de triunfo mundano, que segue com os verdugos autoritários e tirânicos na boléia, cercado de multidões famintas, que vão apanhando as migalhas de sobejo. As primeiras pregações cristãs passaram despercebidas; mas, quando a massa popular demonstrou entender o elevado alcance da nova doutrina, começaram as lutas acerbas. De culto livre em suas manifestações, o Cristianismo passou a ser rigorosamente fiscalizado. Dizia-se que nossas células eram originárias de feitiçarias e sortilégiros. Em seguida, como se verificaram pequenas rebeliões de escravos, nos palácios nobres da cidade,

nossas reuniões de preces e benefícios espirituais foram proibidas. As agremiações foram dissolvidas á força. Em vista, porém, das garantias de que gozam as cooperativas funerárias, passamos a nos reunir alta noite no amago das catacumbas. Ainda assim, descobertos pelos sequazes do Imperador, nossos nucleos de oração têm experimentado pesadas torturas.

— E' horrível tudo isso! — exclamou o centurião compungido — e o que admira é haver funcionários dispostos a executar determinações tão injustas!

Apolodorus sorriu e acentuou:

— A tirania contemporânea tudo justifica. Não levais, vós mesmo, um apóstolo prisioneiro? Entretanto, reconheço que sois dele um grande amigo.

A comparação do velho e arguto observador fez empalidecer ligeiramente o centurião.

— Sim, sim — murmurava ele tentando explicar-se.

Paulo de Tarso, todavia, reconhecendo a posição e o embaraço do amigo, acudiu esclarecendo:

— Mas a verdade é que não fui encarcerado por malvadez ou inópia dos romanos, desconhecedores de Jesus Cristo, mas por meus próprios irmãos de raça. Aliás, tanto em Jerusalém como em Cesaréia, encontrei a mais sincera boa vontade dos prepostos do Império. Em tudo isso, amigos, preponderam as injunções do serviço do Mestre. Para o exito indispensável dos seus esforços remissores, os discípulos não poderão caminhar no mundo sem as marcas da cruz.

Os interlocutores entreolharam-se satisfeitos. A explicação do Apóstolo vinha elucidar completamente o problema.

O grupo numeroso alcançou Alba Longa, onde novo contingente de cavaleiros esperava o valoroso missionário. Daí até Roma, a caravana moveu-se mais vagarosa, experimentando sublimadas sensações de alegria. Paulo de Tarso, muito sensibilizado, admirava a beleza singular das paisagens desdobradas ao longo da Via Appia. Mais alguns minutos e os viajores atingiam a Porta Capena, onde centenas de mulheres e crianças aguardavam o Apóstolo. Era um quadro comovente!

O cortejo parou para que os amigos o abraçassem. Eminentemente emocionado, o centurião acompanhou a cena inesquecível, contemplando anciãs de cabelos nevados osculando as mãos de Paulo, com infinito carinho.

O Apóstolo enlevado naquelas explosões de afeto, não sabia se havia de contemplar os panoramas prodígioes da cidade das sete colinas, se paralisar o curso das emoções para prosternar-se em Espírito, num preito justo de reconhecimento a Jesus.

Obedecendo a ponderações amigas de Apolodorus, o grupo dispersou-se.

Roma inteira banhava-se suavemente no crepúsculo de opalas. Brisas cariciosas sopravam, de longe, balsamizando a tarde quente. Considerando que Paulo precisava de repouso, o centurião resolveu passar a noite numa hospedaria e apresentar-se com os prisioneiros no dia imediato, ao Quartel dos Pretorianos, depois de refeitos da longa e exhaustiva viagem.

Sómente na manhã seguinte, compareceu perante as autoridades competentes, apresentando os acusados. Feliz expediente aquele, porque o ex-rabino sentia-se perfeitamente reconfortado. Na véspera, Lucas, Timóteo e Aristarco separaram-se dele, a-fim-de se instalarem na companhia dos irmãos de ideal, até poderem fixar a sua posição.

O centurião de Cesárea encontrou no Quartel da Via Nomentana altos funcionários que podiam perfeitamente atendê-lo, com referência ao assunto que o trazia à capital do Império; mas, fez questão de esperar o General Burrus, amigo pessoal do Imperador e conhecido por suas tradições de honestidade, no intuito de esclarecer o caso do Apóstolo.

O General o atendeu com presteza e solicitude e ficou suficientemente informado da causa do ex-rabino, tanto quanto dos seus antecedentes pessoais e das lutas e sacrifícios que vinha amargurando. Prometeu estudar o caso com o maior interesse, depois de guardar solícito, os pergaminhos remetidos pela Justiça de Cesárea. Na presença do Apóstolo, afirmou ao centurião

que, caso os documentos provassem a cidadania romana do acusado, ele poderia gozar das vantagens da "cidadia libera", passando a viver fóra do cárcere, apenas acompanhado por um guarda, até que a magnanimidade de Cesar decidisse o seu recurso.

Paulo foi recolhido à prisão com os demais companheiros, como medida preliminar ao exame da documentação trazida. Julio despediu-se comovido, os guardas abraçaram o ex-rabino, contristados e respeitosos. Os altos funcionários do Quartel acompanharam a cena com indissolvável surpresa. Prisioneiro algum havia ali entrado, até então, com tamanhas manifestações de carinho e apreço.

Depois de uma semana, em que lhe fôra permitido o contacto permanente com Lucas, Aristarco e Timóteo, o Apóstolo recebia ordem para fixar residência nas proximidades da prisão — privilégio conferido pelos seus títulos, embora obrigado a permanecer sob as vistas de um guarda policial, até que o seu recurso fosse definitivamente julgado.

Auxiliado pelos confrades da cidade, Lucas alugou um aposento humilde na Via Nomentana, para lá se transferindo o valoroso pregador do Evangelho, cheio de coragem e cofiança em Deus.

Longe de esmorecer diante dos obstáculos, continuou redigindo epístolas consoladoras e sábias ás comunidades distantes. No segundo dia de sua nova instalação, recomendou aos três companheiros procurassem trabalho, para não serem pesados aos irmãos, explicando que ele, Paulo, viveria do pão dos encarcerados, como era justo, até que Cesar pudesse atender ao seu apêlo.

Assim o fez, de fato, e diariamente lá se ia ás grades do calabouço, onde tomava a sua ração alimentar. Aproveitava, então, essas horas de convivência com os celerados ou com as vítimas da maldade humana para pregar as verdades confortadoras do Reino, ainda que algemado. Todos o ouviam em deslumbramento espiritual, jubilosos com a notícia de que não se encontravam desamparados pelo Salvador. Eram criminosos

do Esquilino, bandidos das regiões provincianas, malfeiteiros da Saburra, servos ladrões entregues á justiça pelos senhores para a necessária regeneração, e pobres perseguidos pelo despotismo da época, que sofriam a terrível influencia dos vícios da administração.

A palavra de Paulo de Tarso atuava como bálsamo de santas consolações. Os prisioneiros ganhavam novas esperanças e muitos se converteram ao Evangelho, como Onésimo, o escravo regenerado, que passou á história do Cristianismo na carinhosa epístola a Filemon.

No terceiro dia da nova situação, Paulo de Tarso chamou os amigos para resolver determinados empreendimentos que julgava indispensaveis. Encareceu a diligencia de um entendimento com os israelitas. Precisava transmitir-lhes as claridades da Boa Nova. No entanto, era impossível, no momento, uma visita á sinagoga. Sem paralisar, contudo, os impulsos dinamicos da sua mentalidade vigorosa, pediu a Lucas convocasse os maiorais do judaísmo na capital do Império, a-fim-de lhes apresentar uma exposição de princípios, que supunha conveniente.

Na mesma tarde, grande número de anciãos de Israel compareciam no seu aposento.

Paulo de Tarso expõe as notícias generosas do Reino de Deus, esclarece a sua posição, refere-se ás preciosidades do Evangelho. Os ouvintes mostram-se algo interessados, mas, ciosos de suas tradições, acabam tomando atitude reservada e duvidosa.

Quando terminou a oração entusiastica, o rabi Menandro exclamou em nome dos demais:

— Vossa palavra merece nossa melhor consideração; entretanto, amigo, ainda não recebemos nenhuma notícia da Judéia, a vosso respeito. Temos, todavia, algum conhecimento desse Jesus a quem vos referis com ternura e veneração. Fala-se dele, em Roma, como de um revolucionário criminoso, que mereceu o suplício reservado aos ladrões e malfeiteiros, em Jerusalém. Sua doutrina é havida por contrária á essencia da Lei de Moisés. Sem embargo, desejamos sinceramente vos ouvir sobre o novo profeta, com a calma necessária. Por outro

lado é justo que não sejamos nós, apenas, ou ouvintes dessas notícias singulares. Convém que vosso conceitos sejam dirigidos á maioria dos nossos irmãos, a-fim-de que os julgamentos isolados não prejudiquem os interesses do conjunto.

Paulo de Tarso percebeu a sutileza da observação e pediu que marcassem o dia da pregação a uma assembleia maior, alvitre esse que foi recebido pelos velhos judeus com justo interesse.

No dia aprazado, vasta aglomeração de israelitas comprimia-se e desbordava do quarto humilde onde o ex-rabino montara a nova tenda de trabalhos evangélicos. Ele pregou a lição da Boa-Nova e explicou, pacientemente, a missão gloria da Jesus, desde a manhã até a tarde. Alguns rares irmãos de raça pareciam compreender os novos ensinamentos, enquanto que a maioria se entregava a interpelações ruidosas e a polemicas estéreis. O Apóstolo recordou o tempo de suas viagens, vendo ali a repetição exata das cenas irritantes das sinagogas asiáticas, onde os judeus se empenhavam em combates acérrimos.

A noite avizinhava-se e as discussões prosseguiam acaloradas. O sól despedia-se da paisagem, dourando o cume das colinas distantes. Observando que o ex-rabino fizera uma pausa para ganhar algum fôlego, Lucas aproximou-se e confidenciou:

— Dói-me constatar quanto esforço despendeis para vencer o espírito do judaísmo!

Paulo de Tarso meditou alguns momentos e respondeu:

— Sim, verificar a rebeldia voluntária dá enfado ao coração; contudo, a experiência do mundo tem-me ensinado a discernir, de algum modo, a posição dos Espíritos. Há duas classes de homens para as quais se torna mais difícil o contacto renovador de Jesus. A primeira é a que vi em Atenas e se constitui dos homens envenenados pela falaciosa ciencia da Terra; homens que se cristalizam numa superioridade imaginária e muito presumem de si mesmos. São estes, a meu ver, os mais infelizes. A segunda é a que conhecemos nos

judeus recalcitrantes, que, possuindo um patrimônio precioso do passado, não compreendem a fé sem lutas religiosas, petrificam-se no orgulho de raça e perseveram numa falsa interpretação de Deus. De tal arte, entendemos melhor a palavra do Cristo, que classificou os simples e pacíficos da Terra como criaturas bem-aventuradas. Poucos gentios cultos e raros judeus cren tes na Lei antiga estão preparados para a escola ben dita da perfeição com o Divino Mestre.

Lucas passou a considerar o justo conceito do Apóstolo; mas, a esse tempo, as palestras ruidosas e irritantes dos israelitas pareciam o fermento rápido de pugilatos inevitáveis. O ex-rabino, porém, desejoso de paz, subiu novamente à tribuna e exclamou:

— Irmãos, evitemos as contendas estéries e ouçamos a voz da própria consciência! Continuai examinando a Lei e os Profetas, nos quais encontrareis sempre a promessa do Messias, que já veiu... Desde Moisés, todos os mentores de Israel referiram-se ao Mestre, com caracteres de fogo... Não somos culpados da vossa surdez espiritual. Invocando as discussões ferinas de há pouco, recordo a lição de Isaías quando declara que muitos hão de ver sem enxergar e ouvir sem entender. São os Espíritos endurecidos que, agravando as próprias enfermidades, culminam em lutas desesperadoras para que Jesus possa, mais tarde, converter-los e cura-los com o bálsamo do seu infinito amor. No entanto, podeis estar convictos de que esta mensagem será auspiciosamente recebida pelos gentios simples e infelizes, que são na verdade, os bem-aventurados de Deus.

A declaração franca e veemente do Apóstolo caiu na assembléia como um raio, impondo absoluto silêncio. Mas, destoando dos sentimentos da maioria, um velhinho judeu aproximou-se do convertido de Damasco e disse:

— Reconheço o exato sentido da vossa palavra, mas desejaría pedir-vos que este Evangelho continuasse a ser ministrado à nossa gente. Ha seguidores de Moisés bem intencionados, que podem aproveitar o ensino de Jesus, enriquecendo-se com os seus valores eternos.

O apelo carinhoso e sincero era proferido em tom comovedor. Paulo abraçou o simpatizante da nova doutrina, fundamentalmente sensibilizado e acrescentou:

— Este aposento humilde é também vosso. Vinde conhecer o pensamento de Cristo, sempre que vos prover. Podereis copiar todas as anotações que possúo.

— E não ensinais na sinagoga?

— Por enquanto, prêso como estou, não poderei fazê-lo, mas hei de escrever uma carta aos nossos irmãos de boa vontade.

Dentro de poucos minutos, a compacta reunião se dissolvia com as primeiras sombras da noite.

Daí por diante, aproveitando as últimas horas de cada dia, os companheiros de Paulo viram que ele escrevia um documento a que dedicava profunda atenção. Às vezes, era visto a escrever com lágrimas, como se desejasse fazer da mensagem um depósito de santas inspirações. Em dois meses entregava o trabalho a Aristarco para copia-lo, dizendo:

— Esta é a epístola aos hebreus. Fiz questão de gráfi-la, valendo-me dos próprios recursos, pois que a dedico aos meus irmãos de raça e procurei escrevê-la com o coração.

O amigo compreendeu o seu intuito e, antes de começar as cópias, destacou o estilo singular e as idéias grandiosas e incomuns.

E Paulo continuou trabalhando incessantemente a benefício de todos. A situação, como prisioneiro, era a mais confortadora possível. Fizera-se benfeitor desvelado de todos os guardas que lhe testemunhavam o esforço apostólico. A uns aliviara o coração com as alegrias da Boa-Nova; a outros curara moléstias crônicas e dolorosas. Frequentemente, o benefício não se restringia ao interessado, porque os legionários romanos lhe traziam os parentes, os afeiçoados e os amigos, para se beneficiarem ao contacto daquele homem dedicado aos interesses de Deus. Logo ao terceiro dia deixou de ser algemado, porque os soldados dispensavam a formalidade, apenas guardando-lhe a porta como simples amigos. Não poucas vezes, esses militares benévolos

o convidavam a passear pela cidade, especialmente ao longo da Via Appia, que se havia tornado o local da sua predileção.

Sensibilizado, o Apóstolo agradecia essas provas de condescendência.

Os benefícios do seu convívio tornavam-se dia-a-dia mais evidentes. Impressionados com a sua palestra educativa e com as suas maneiras atenciosas, muitos legionários, antes relapsos e negligentes, transformavam-se em elementos úteis à administração e à sociedade. Os guardas começaram a disputar o serviço de sentinelas ao seu aposento, e isso lhe valia pelo melhor atestado de valor espiritual.

Visitado, incessantemente, por irmãos e emissários das suas igrejas queridas, da Macedônia e da Ásia, prosseguia desdobrando energias na tarefa de amorosa assistência aos amigos e colaboradores distantes, mediante cartas inspiradíssimas.

Havia quase dois anos que o seu recurso a Cesar jazia esquecido nas mesas dos juizes displicentes, quando sobreveiu um acontecimento de magna importância. Certo dia, um legionário amigo levou ao convertido de Damasco um homem de feições másculas e enérgicas, aparentando quarenta anos mais ou menos. Tratava-se de Acácio Domitius, personalidade de grande influência política, e que de algum tempo tinha cegado em misteriosas circunstâncias.

Paulo de Tarso o acolheu com bondade e, depois de impor-lhe as mãos, esclarecendo-o sobre o que Jesus desejava de quantos lhe aproveitavam a munificência, exclamou comovidamente:

— Irmão, agora, convido-te a ver, em nome do Senhor Jesus Cristo!

— Vejo! Vejo! — gritou o romano tomado de júbilo infinito; e logo num movimento instintivo, ajoelhou-se em pranto e murmurou:

— Vosso Deus é verdadeiro!...

Profundamente reconhecido a Jesus, o Apóstolo deu-lhe o braço para que se levantasse e, ali mesmo, Domitius procurou conhecer o conteúdo espiritual da nova dou-

trina, a fim de reformar-se e mudar de vida. Solicito, anotou logo as informações relativas ao processo do ex-rabino, acentuando ao despedir-se:

— Deus me ajudará para que possa retribuir o bem que me fizestes! Quanto à vossa situação, não duvideis do desfecho merecido, porque, na próxima semana teremos resolvido o processo com a absolvição de Cesar!

De fato, decorridos quatro dias, o velho servidor do Evangelho foi chamado a depôr. De conformidade com as ordens legais, compareceu sozinho perante os juizes, respondendo com admirável presença de espírito às menores arguições que lhe foram desfechadas. Os magistrados patrícios verificaram a inconsistência do libelo, a infantilidade dos argumentos apresentados pelo Sinhédrio e, não só atendendo à situação política de Acácio, que empenhara no feito os bons ofícios de que podia dispôr, como pela profunda simpatia que a figura do Apóstolo despertava, instruiram o processo com os mais nobres pareceres, restituindo-o, por intermédio de Domitius, para o veredito do Imperador.

O generoso amigo de Paulo regosijou-se com a vitória inicial, convencido da próxima liberdade do seu bemfeitor. Sem perda de tempo, mobilizou as melhores amizades, entre as quais contava Popela Sabina, conseguindo, afinal, a absolvição imperial.

Paulo de Tarso recebeu a notícia com votos de reconhecimento a Jesus. Mais que ele próprio, rejugilavam-se os amigos, que celebraram o acontecimento com expansões memoráveis.

O convertido de Damasco, entretanto, não viu nisso tão só um motivo para regosijo pessoal, mas a obrigação de intensificar a difusão do Evangelho de Jesus.

Durante um mês, no princípio do ano 63, visitou as comunidades cristãs de todos os bairros da capital do império. Sua presença era disputada por todos os círculos, que o recebiam entre carinhosas manifestações de respeito e de amor pela sua autoridade moral. Organizando planos de serviço para todas as igrejas domésticas que funcionavam na cidade, e depois de inú-

meras prédicas gerais nas catacumbas silenciosas, o incansável trabalhador resolveu partir para a Espanha. Debalde intervêm os colaboradores, rogando-lhe que desistisse. Nada o demove. De ha muito, alimentava o desejo de visitar o Extremo do Ocidente e, se fôsse possível, desejaria morrer convicto de haver levado o Evangelho aos confins do mundo.

X

AO ENCONTRO DO MESTRE

A's vésperas da partida em busca da gentilidade espanhola, eis que o Apóstolo recebe uma carta comovente de Simão Pedro. O ex-pescador de Cafarnaum escrevia-lhe de Corinto, avisando sua proxima chegada á cidade imperial. A missiva era afetuosa e enternecedora, cheia de confidencias amargas e tristes. Pedro confiava ao amigo suas derradeiras desilusões na Ásia e mostrava-se vivamente interessado pelo que lhe sucedera em Roma. Ignorando que o ex-rabino fôra restituído á liberdade, procurava confortá-lo fraternalmente. Também ele, Simão, deliberara exilar-se junto dos irmãos da metrópole imperial, esperando ser útil ao amigo, em quaisquer circunstâncias. Ainda no mesmo documento íntimo, rogava aproveitasse o portador para comunicar aos confrades romanos o propósito de se demorar algum tempo entre eles.

O convertido de Damasco leu e releu a mensagem amiga, altamente sensibilizado.

Pelo emissário, irmão da igreja de Corinto, foi avisado de que o venerando Apóstolo de Jerusalém chegaria ao porto de Ostia dentro de dez dias, mais ou menos.

Não hesitou um momento. Lançou mão de todos os meios ao seu alcance, preveniu os íntimos e preparou uma casa modesta, onde Pedro pudesse alojar-se com a família. Criou o melhor ambiente para a recepção do respeitável companheiro. Valendo-se do argumento

de sua proxima excursão á Espanha, dispensava as dádivas dos amigos, indicando-lhes as necessidades de Simão, para que nada lhe faltasse. Transportou quanto possuia, em objetos de uso doméstico, do singelo aposento que alugara junto á porta Lavernal para a casinha destinada a Simão, proximo dos cemitérios israelitas da Via Appia. Esse exemplo de cooperação foi altamente apreciado por todos. Os irmãos mais humildes fizeram questão de oferecer pequeninas utilidades ao Apóstolo venerando que chegaria desprovido.

Informado de que a embarcação entrava no porto, o ex-rabino largou-se pressurosamente para Ostia. Lucas e Timóteo, sempre em sua companhia, junto de outros cooperadores devotados, o amparavam nos pequenos acidentes do caminho, dando-lhe o braço, aqui e ali.

Não fôra possível organizar uma recepção mais ostensiva. A perseguição surda aos adeptos do Nazareno apertava o cerco por todos os lados. Os últimos conselheiros honestos do Imperador estavam desaparecendo. Roma assombrava-se com a enormidade e quantidade de crimes que se repetiam diariamente. Nohres figuras do patriciado e do povo eram vítimas de atentados crueis. Atmosfera de terror dominava todas as atividades políticas e, no cômputo dessas calamidades, os cristãos eram os mais rudemente castigados, em vista da atitude hostil de quantos se acomodavam com os velhos deuses e se regalavam com os prazeres de uma existência dissoluta e facil. Os seguidores de Jesus eram acusados e responsabilizados por quaisquer dificuldades que sobrevinham. Se caía uma tempestade mais forte, devia-se o fenômeno aos adéptos da nova doutrina. Se o inverno era mais rigoroso, a acusação pesava sobre eles, porquanto, ninguem como os discípulos do Crucificado havia desprezado tanto os santuários da crença antiga, abominando os favores e os sacrifícios aos numes tutelares. A partir do reinado de Claudio, espalhavam-se lendas torpes a respeito das práticas cristãs. A fantasia do povo, ávido das distribuições de trigo nas grandes festas do circo, imaginava situações inexistentes, gerando conceitos extravagantes e absurdos, com relação aos crentes

do Evangelho. Por isso mesmo, desde o ano de 58, os cristãos imbeles eram levados ao circo como escravos revolucionários ou rebeldes, que deveriam desaparecer. A opressão agravara-se dia-a-dia. Os romanos mais ou menos ilustres, pelo nome ou pela situação financeira, que simpatizavam com a doutrina de Cristo, continuavam indenes de publicos vexames; mas os pobres, os operários, os filhos da plebe, eram levados ao martírio, ás centenas. Assim que, os amigos do Evangelho não prepararam nenhuma homenagem pública á chegada de Simão Pedro. Ao invés, procuraram dar ao fato um cunho todo íntimo, de maneira a não despertar repreensões dos esbirros da situação.

Paulo de Tarso estendeu os braços ao velho amigo de Jerusalém, tomado de alegria. Simão trouxera a esposa e os filhos, além de João. Sua palavra generosa estava cheia de novidades para o Apóstolo do gentilismo. Em poucos minutos, ficou sabendo da morte de Tiago e das novas torturas infligidas pelo Sinhédrio á igreja de Jerusalém. O velho pescador contava as últimas peripécias da sua sorte, bem humorado. Comentava o testemunhos mais pesados com um sorriso nos lábios e intercalava toda a narrativa de louvores a Deus. Depois de reportar-se ás lutas que empenhara em muitas e repetidas peregrinações, contava ao ex-rabino que se refugiara alguns dias em Éfeso, junto de João, sendo acompanhado pelo filho de Zebedeu até Corinto, onde resolveram demandar a capital do Império. Paulo, por sua vez, relatou as tarefas recebidas de Jesus, nos últimos anos, e era de ver-se o otimismo e a coragem desses homens que, inflamados do espírito messianico e amoroso do Mestre, comentavam as desilusões e as dores do mundo como láureas da vida.

Depois das suaves alegrias do reencontro, o grupo se encaminhou discretamente para a casinha reservada a Simão Pedro e sua família.

O ex-pescador sentindo a excelencia da acolhida carinhosa, não encontrava palavras para traduzir os júbilos d'alma. Como Paulo quando chegou a Pouzoles,

tinha a impressão de estar num mundo diferente daquele em que vivera até então.

Com a sua chegada, recrudesceram os serviços apostólicos; mas o pregador do gentilismo não abandonou a idéia de ir á Espanha. Alegando que Pedro o substituiria com vantagem, deliberou embarcar no dia prefixado, num pequeno navio que se destinava á costa gaulesa. Não valeram amistosos protestos, nem mesmo a insistencia de Simão para que adiasse a viagem. Acompanhado de Lucas, Timóteo e Demas, o velho advogado dos gentios partiu ao amanhecer de um dia lindo, cheio de projetos generosos.

A missão visitou parte das Galias, dirigindo-se ao território espanhol, demorando-se mais na região de Tortosa. Em toda parte, a palavra e feitos do Apóstolo ganhavam novos corações para Cristo, multiplicando os serviços do Evangelho e renovando as esperanças populares, á luz do Reino de Deus.

Em Roma, todavia, a situação prosseguia cada vez mais grave. Com a perversidade de Tigelinus á frente da Prefeitura dos Pretorianos, acentuara-se o terror entre os discípulos de Jesus. Faltava sómente um edicto em que os cidadãos romanos, simpatizantes do Evangelho, fossem condenados publicamente, porque os libertos, os descendentes de outros povos e os filhos da plebe já enchiam as prisões.

Simão Pedro, como figura de relevo do movimento, não tinha descanso. Não obstante a fadiga natural da senetide, procurava atender a todas as necessidades emergentes. Seu Espírito poderoso sobreponha-se a todas as vicissitudes e desempenhava os mínimos deveres com devotamento máximo á causa da Verdade. Assistia aos doentes, pregava nas catacumbas, percorria longas distâncias, sempre animoso e satisfeito. Os cristãos do mundo inteiro jamais poderão esquecer aquela falange de abnegados que os precedeu nos primeiros testemunhos da fé, afrontando situações dolorosas e injustas, regando com sangue e lágrimas a semementeira do Cristo, abraçando-se mutuamente confortados nas horas mais negras da história do Evangelho, nos espetáculos he-

diondos do circo, nas preces de aflição que se elevavam dos cemitérios abandonados.

Tigelinus, grande inimigo dos prosélitos do Nazareno, buscava agravar a situação por todos os meios ao alcance da sua autoridade odiosa e perversa.

O filho de Zebedeu preparava-se para regressar á Asia, quando um grupo de esbirros dos perseguidores o colheu em pregação carinhosa e inspirada, na qual se despedia dos confrades de Roma, com exortações de tocante reconhecimento a Jesus. Apesar das atenciosas explicações, João foi preso e esbordado impiedosamente. E com ele, dezenas de irmãos foram trancados nos cárceres imundos do Esquilino.

Pedro recebeu a notícia dolorosamente surpreendido. Conhecia a extensão dos trabalhos que aguardavam na Asia o companheiro generoso e rogou ao Senhor não o abandonasse, a-fim-de obter absolvição justa. Como proceder em tão difíceis circunstâncias? Recorreu ás relações prestigiosas que a cidade lhe oferecia. Entretanto, seus afeiçoados eram igualmente pobres de influencia política nos gabinetes administrativos da época. Os cristãos de posição financeira mais destacada não ousavam enfrentar a onda avassaladora, de perseguição e tirania. O antigo chefe da igreja de Jerusalém não desanimou. Precisava libertar o amigo, concorrendo para isso, com todo o potencial de energia, na esfera de suas possibilidades. Compreendendo a timidez natural dos romanos simpatizantes de Cristo, buscou reunir apressadamente uma assembléia de amigos íntimos, para examinar o caso.

No meio dos debates alguém se lembrou de Paulo. O Apóstolo dos gentios dispunha na capital do Império de grande número de afeiçoados eminentes. No caso da sua absolvição, a providencia partira do círculo dileto de Popéia Sabina. Muitos militares colaboradores de Afranius Burrus, eram seus admiradores. Acácio Domitius, que dispunha de valiosos empenhos junto dos pretorianos, era seu amigo dedicado e incondicional. Ninguem melhor que o ex-tecelão de Tarso poderia in-

cumbir-se da delicada missão de salvar o prisioneiro. Não seria razoável pedir sua ajuda? Comentava-se o caráter urgente da medida, mesmo porque, numerosos cristãos morriam todos os dias na prisão do Esquilino, vítimas das queimaduras de azeite fervente. Tigelinus e alguns comparsas da administração criminosa, traíam-se com as súplicas das vítimas. O azeite era lançado aos infelizes no poste do martírio. Outras vezes, os prisioneiros manietados eram mergulhados em grandes barris de água em ebólition. O Prefeito dos Pretorianos exigia que os correligionários assistissem ao suplício, para escarmento geral. Os encarcerados acompanhavam as tristes operações, banhados em pranto silencioso. Verificada a morte da vítima, um soldado se encarregava de lançar as vísceras aos peixes famintos, nos tanques vastos das prisões odiosas. Dada a situação geral, apavorante, poder-se-ia contar com a intervenção de Paulo? A Espanha ficava muito distante. Era possível que a sua vinda não aproveitasse ao caso pessoal de João. Pedro, porém, considerou a oportunidade do recurso e advertiu que seguiriam trabalhando a favor do filho de Zebadeu. Nada impedia, porém, de recorrer desde logo para o prestígio de Paulo, ainda porque a situação piorava de instante a instante. Aquele ano de 4 começara com terríveis perspectivas. Não se podia dispensar um homem enérgico e resoluto à frente dos interesses da causa.

Dado este parecer do venerando Apóstolo de Jerusalém, a assembléia concordou com a medida aventada. Um irmão que se tornara devotado cooperador de Paulo, em Roma, foi mandado à Espanha, com urgência. Esse emissário era Crescencio, que saiu de Ostia, com enorme ansiedade, levando a missiva de Simão.

O Apóstolo dos gentios, depois de muito peregrinar, demorava-se em Tortosa, onde conseguira reunir grande número de colaboradores devotados a Jesus. Suas atividades apostólicas continuavam ativas, conquanto atenuadas, em virtude do cansaço físico. O movimento das epístolas diminuira mas não se interrompera de todo. Atendendo à necessidade das igrejas do Oriente, Timóteo

partira da Espanha para a Ásia, carregado de cartas e recomendações amigas. Em torno do Apóstolo agrupava-se novo contingente de cooperadores diligentes e sinceros. Em todos os recantos, Paulo de Tarso ensinava o trabalho e a renúncia, a paz da consciência e o culto do bem.

Quando planejava novas viagens na companhia de Lucas, eis que surge em Tortosa o mensageiro de Simão.

O ex-rabino lê a carta e resolve regressar à cidade imperial, imediatamente. Através das linhas afetuosas do velho amigo, entreviu a gravidade dos acontecimentos. Além disso, João necessitava voltar à Ásia. Não ignorava a influência benéfica que ele exercia em Jerusalém. Em Éfeso, onde a igreja se compunha de elementos judaicos e gentios, o filho de Zebadeu fôra sempre um vulto nobre e exemplar, indene de espírito sectarista. Paulo de Tarso passou em revista as necessidades do serviço evangélico entre as comunidades orientais, e concluiu pela urgência do regresso de João, deliberando intervir no assunto sem perda de tempo.

Como de outras vezes, nada valeram as considerações dos amigos, no tocante ao problema de sua saúde. O homem enérgico e decidido, apesar dos cabelos brancos, mantinha o mesmo ânimo resoluto, elevado e firme, que o caracterizava na mocidade distante. Favorecido pela grande movimentação de barcos, nos princípios de maio de 64, não lhe foi difícil retornar ao porto de Ostia, junto dos companheiros.

Simão Pedro recebeu-o enternecido. Em poucas horas o convertido de Damasco conhecera a situação intolerável criada em Roma pela ação delituosa de Tigelinus. João continuava encarcerado, apesar dos recursos levados aos tribunais. O antigo pescador de Cafarnaum, em significativas confidencias, revelava ao companheiro que o coração lhe pressagiava novas dores e testemunhos cruciantes. Um sonho profético anunciava-lhe perseguições e provas ásperas. Numa das últimas noites, contemplara um quadro singular, em que uma cruz de proporções gigantescas parecia envolver com sua sombra toda a família dos discípulos do Senhor. Paulo de Tarso

ouviu-o, com interesse, manifestando-se de inteiro acôrdo com os seus pressentimentos. Apesar dos horizontes carregados, deliberaram uma ação conjunta para libertar o filho de Zebadeu.

Corria o mês de junho.

O ex-rabino desdobrou-se em atividades intensas, procurou Acácio Domitius, solicitando a sua intervenção e valimento. Mais ainda: considerando que as providencias morosas poderiam redundar num fracasso, auxiliado por amigos eminentes procurou avistar-se com áulicos numerosos da corte imperial, chegando á presença de Popéia Sabina, a fim de rogar seus bons ofícios, no caso do filho de Zebadeu. A célebre favorita ouviu-lhe a confidencia com enorme surpresa. Aquelas revelações de uma vida eterna, aquela concepção da Divindade assustavam-na. Embora inimiga declarada dos cristãos, dada a simpatia que mantinha pelo judaísmo, Popéia impressionou-se com a figura ascética do Apóstolo e com os argumentos de refôrço ao seu pedido. Sem ocultar sua admiração, prometeu atende-lo, apontando desde logo as providencias imediatas.

Paulo retirou-se esperançoso da absolvição do companheiro, porque Sabina prometera liberta-lo dentro de três dias.

Voltando á comunidade, deu ciencia aos irmãos, da entrevista que tivera com a favorita de Nero; mas, terminada a exposição, notou, algo surpreso, que alguns companheiros reprovavam a sua iniciativa. Pediu, então, que o esclarecessem e justificassem quaisquer dúvidas. Surgiram fracas considerações que ele acolheu com a sua inexgotável serenidade. Alegava-se que não era louvável dirigir-se a uma cortezã dissoluta, para impetrar um favor. Semelhante proceder afigurava-se desfeso a seguidores do Cristo. Popéia era mulher de vida notadamente dissoluta, banqueteava-se nas orgias do Palatino, caracterizava-se por sua luxúria escandalosa. Seria razoável pedir-lhe proteção para os discípulos de Jesus?

Paulo de Tarso aceitou as mofinas arguições com beatifica paciencia e objetou sensatamente:

— Respeito e acato a vossa opinião, mas, antes de tudo, considero necessário libertar João. Fôsse eu o prisioneiro e não haveria de julgar o caso tão urgente e tão grave. Estou velho, alquebrado, e, portanto, melhor me fôra e mais útil quicá, meditar na misericordia de Jesus, através das grades do cárcere. Mas João está relativamente moço, é forte e dedicado; o Cristianismo da Asia não pode dispensar-lhe a atividade construtiva, até que outros trabalhadores sejam chamados á semeadura divina. Com referencia ás vossas dúvidas, porém, cumpre-me aduzir um argumento que requer ponderação. Porque considerais imprópria uma solicitação a Popéia Sabina? Terieis a mesma idéia, se me dirigisse á Tigelinus ou ao proprio imperador? Não serão eles vítimas da mesma prostituição que estigmatiza as favoritas de sua corte? Se combinasse com um militar embriagado, do Palatino, as providencias imprescindíveis á libertação do companheiro, talvez aplaudisseis meu gesto, sem restrições. Irmãos, é indispensável compreender que a derrocada moral da mulher, quase sempre, vem da prostituição do homem. Concordo em que Popéia não é a figura mais conveniente ao feito, em virtude das inquietações da sua vida; entretanto, é a providencia que as circunstâncias indicaram e nós precisamos libertar o devotado discípulo do Senhor. Aliás, procurei valer-me de semelhantes recursos, recordando a exortação do Mestre, na qual recomenda ao homem granjeiar amigos com as riquezas da iniquidade. Considero que quaisquer relações com o Palatino constituem expressões da fortuna iníqua, mas suponho útil mobilizar os que se conservam "mortos" no pecado para algum ato de caridade e de fé, pelo qual se desliguem dos laços com o passado delituoso, auxiliados pela intercessão de amigos fiéis (1).

A elucidadora do Apóstolo espalhou grande calma em todo o recinto. Em poucas palavras, Paulo de Tarso fizera ver aos companheiros transcendentes conclusões de ordem espiritual.

(1) Lucas: 16:9. — (Nota de EMMANUEL).

A promessa não falhara. Em três dias o filho de Zebedeu era restituído á liberdade. João estava abatíssimo. Os maus tratos, a contemplação dos quadros terríveis do cárcere, a espectação angustiosa, haviam-lhe mergulhado o Espírito em perplexidades dolorosas.

Pedro regosijava-se, mas o ex-rabino atento á tensão ambiente, sugeriu o regresso do Apóstolo galileu á Asia, sem perda de tempo. A igreja de Efeso esperava-o. Jerusalém devia contar com a sua colaboração desinteressada e amiga. João não teve tempo para muitas considerações, porque Paulo, como que possuido de amargos pressentimentos, foi ao porto de Ostia para predispor o seu embarque, aproveitando um navio napolitano prestes a largar para Mileto. Colhido pelas providencias e impossibilitado de resistir ao resoluto ex-rabino, o filho de Zebedeu embarcou em fins de junho de 64, enquanto os demais amigos permaneceriam em Roma para a boa batalha em prol do Evangelho.

Quanto mais sombrios os horizontes, mais coeso se tornava o grupo dos irmãos na fé, em Cristo Jesus. Multiplicavam-se as reuniões nos cemitérios distantes e abandonados. Naqueles dias de sofrimento, as pregações pareciam mais belas.

Paulo de Tarso e os cooperadores dosdobravam-se em edificações espirituais, quando a cidade foi sacudida, de súbito, por espantoso acontecimento. Na manhã de 16 de julho de 64 irrompeu violento incêndio nas proximidades do Grande Circo, abrangendo toda a região do bairro localizado entre o Celio e o Palatino. O fogo começara em vastos armazens repletos de material inflamável e propagara-se com rapidez assombrosa. Debalde foram convocados os operários e homens do povo para atenuar-lhe a violencia; em vão a turba numerosa e compacta movimentou recursos para aliviar a situação. As labaredas subiam sempre, alastrando-se com furor, deixando montões de escombros e ruínas. Roma inteira acudia a ver o sinistro espetáculo, já empolgada pelas suas paixões ameaçadoras e terríveis. O fogo, com prodigiosa rapidez, deu volta ao Palatino e invadiu o Velabro. O primeiro dia findava-se com angustiosas

perspectivas. O firmamento cobria-se de fumo espesso, iluminando-se grande parte das colinas com o clarão odioso do incêndio terrível. As elegantes construções do Aventino e do Célio pareciam árvores secas de flor-esta em chamas. Acentuara-se a desolação das vítimas da enorme catástrofe. Tudo ardia nas adjacências do Fórum. Começou o êxodo com infinitas dificuldades. As portas da cidade congestionavam-se de pessoas tomadas de profundo terror. Animais espavoridos corriam ao longo das vias públicas, como acossados por perseguidores invisíveis. Prédios antigos, de sólida construção, ruíam com sinistro estrondo. Todos os habitantes de Roma desejavam distanciar-se da zona comburente. Ninguem mais se atrevia a atacar a fogueira indómita. O segundo dia apresentou-se com o mesmo espetáculo inesquecível. Os populares desistiram de salvar alguma cousa; contentavam-se em poder enterrar os mortos sem conta, encontrados nos locais de possível acesso. Dezenas de pessoas percorriam as ruas em gargalhadas de horrível acento; a loucura generalizava-se entre as criaturas mais impressionáveis. Macas improvisadas conduziam feridos sem destino certo. Longas procissões invadiam os santuários para salvar as suntuosas imagens dos deuses. Milhares de mulheres acompanhavam a figura impassível dos numes tutelares, em dolorosas súplicas, fazendo votos de penosos sacrifícios, em vozes ententóricas. Homens piedosos apanhavam no remoinho das multidões estonteadas, as crianças massacradas ou apenas feridas. Toda a zona de acesso á Via Appia, em direção de Alba Longa, estava entupida de retirantes apressados, e desiludidos. Centenas de mães gritavam pelos filhinhos desaparecidos e, não raro, tomavam-se providências, á pressa, para socorrer as que enlouqueciam. A população em peso desejava abandonar a cidade, ao mesmo tempo. A situação tornara-se perigosa. A turba amotinada atacava as liteiras dos patrícios. Sómente os cavaleiros desassombrados conseguiam romper a móle humana, provocando novas blasfemias e lamentações.

O fogo já havia devorado, quase totalmente, os pa-

lacetes nobres e preciosos das Carinas e continuava destruindo os bairros romanos, entre os vales e as colinas, onde a população era muito densa. Durante uma semana, dia e noite, lavrou o fogo destruidor, espalhando desolações e ruínas. Das quatorze circunscrições em que se dividia a metrópole imperial, apenas quatro ficaram incólumes. Três eram uma aluvião de escombros fumegantes e as outras sete conservavam tão só alguns vestígios dos edifícios mais preciosos.

O imperador estava em Antium, quando irrompeu a foguira por ele mesmo idealizada, pois a verdade é que, desejoso de edificar uma cidade nova com os imensos recursos financeiros que chegavam das províncias tributárias, projetara o incêndio famoso, assim vencendo a oposição do povo, que não desejava a transferência dos santuários.

Além dessa medida de ordem urbanística, o filho de Agripina caracterizava-se, em tudo, pela sua originalidade satânica. Presumindo-se genial artista, não passava de monstruoso histrião, assinalando a sua passagem pela vida pública com crimes indeléveis e odiosos. Não seria interessante apresentar ao mundo uma Roma em chamas? Nenhum espetáculo, a seus olhos, seria inesquecível como esse. Depois das cinzas mortas, reedificaria os bairros destruídos. Seria generoso para com as vítimas da imensa catástrofe. Passaria à história do Império, administrador magnânimo e amigo dos súditos sofredores.

Alimentando tais propositos, combinou o atentado com os áulicos de sua maior confiança e intimidade, ausentando-se da cidade para não despertar suspeitas no espírito dos políticos mais honestos.

Entretanto, não pudera prever, ele próprio, a extensão da espantosa calamidade. O incêndio tomara proporções indesejáveis. Seus conselheiros menos dignos não puderam pressentir a amplitude do desastre. Arrançado, à pressa, dos seus prazeres criminosos, o imperador chegou a tempo de observar o último dia de fogo, verificando o caráter da medida odiosa. Dirigindo-se a um dos pontos mais elevados, contemplou o montão de

ruínas e sentiu a gravidade da situação. O extermínio da propriedade particular atingira proporções quase infinitas. Não se pudera prever tão dolorosas consequências. Reconhecendo a irritação justa do povo, Nero procurou falar, em público, esboçando algumas lágrimas na sua profunda capacidade de dissimulação. Prometeu auxiliar a restauração das casas particulares, declarou que compartilhava do sofrimento geral e que Roma se levantaria novamente sobre os escombros fumegantes; mais imponente e mais bela. Imensa multidão ouvia-lhe a palavra, atenta aos seus mínimos gestos. O imperador, na sua mímica teatral, assumia atitudes comovedoras. Referia-se aos santuários perdidos, debulhado em pranto. Invocava a proteção dos deuses, a cada frase de maior efeito. A turba sensibilizara-se. Jamais o Cesar se mostrara tão paternalmente comovido. Não seria razoável dúvida das suas promessas e observações. "Em dado instante, a sua palavra vibrou mais patética e expressiva. Comprometia-se, solenemente, com o povo, a punir inexoravelmente os responsáveis. Procuraria os incendiários, vingaria a desgraça romana sem piedade. Rogava, mesmo, a todos os habitantes da cidade cooperassem com ele, procurando e denunciando os culpados.

Nesse interim, quando o verbo imperial se tornara mais significativo, notou-se que a massa popular se agitava estranhamente. Maioria esmagadora irmanava-se, agora, num grito terrível:

— Cristãos às feras! A's feras!

O filho de Agripina encontrara a solução que procurava. Ele que procurava, em vão, no espírito super-excitado, as vítimas novas das suas maquinações execradas, às quais pudesse atribuir a culpa dos sucessos lamentáveis, viu no brado ameaçador da turba uma resposta às próprias cogitações sinistras. Nero conhecia o ódio que o vulgo votava aos seguidores humildes do Nazareno. Os discípulos do Evangelho mantinham-se alheios e superiores aos costumes dissolutos e brutais da época. Não frequentavam os circos, afastavam-se dos templos pagãos, não se prosternavam diante dos

ídolos nem aplaudiam as tradições políticas do Império. Além disso, pregavam ensinamentos estranhos e pareciam aguardar um novo reino. O grande histerião do Palatino sentiu uma onda de alegria invadir-lhe os olhos míopes e congestos. A escolha do povo romano não poderia ser melhor. Os cristãos deviam ser mesmo os criminosos. Sobre eles deveria cair o gládio vingador. Trocou um olhar inteligente com Tigelinus, como a exprimir que haviam apanhado, ao acaso, a solução imprevista e logo afirmou á massa enfurecida que tomaria providências imediatas para reprimir os abusos e castigar os culpados da catástrofe; finalmente, que o incêndio seria considerado crime de lesa-majestade e sacrilégio, para que os castigos também fossem excepcionais.

O povo aplaudia freneticamente, antecipando as sensações do circo, com esgares de feras e canticos de martírio.

A nefanda acusação pesou sobre os discípulos de Jesus, como fardo hediondo.

As primeiras prisões realizaram-se como flagelo maldito. Numerosas famílias refugiaram-se nos cemitérios e nos arredores da cidade meio-destruída, receosas dos algozes implacáveis. Praticava-se toda a espécie de abusos. Jovens indefesos eram entregues, nos cárceres, ao instinto feroz de soldados sem entradas. Anciãos respeitáveis conduzidos á enxovia, sob algemas e pancadas. Os filhos arrancados do colo maternal, entre lágrimas e apelos comovedores. Tempestade sinistra caíra sobre os seguidores do Crucificado, que se submetiam a punições injustas, de olhos postos no céu.

De nada valeram, para Nero, as ponderações dos patrícios ilustres, que ainda cultivavam as tradições de prudência e honestidade. Quantos se aproximaram da autoridade imperial, com a valiosa contribuição de alvizes justos, eram declarados suspeitos, agravando a situação.

O filho de Agripina e seus áulicos imediatos deliberaram que se oferecesse ao povo o primeiro espetáculo no princípio de Agosto de 64, como positiva demonstração das providências oficiais, contra os supostos autores

no nefando atentado. As demais vítimas, isto é, todos os prisioneiros que chegassem ao cárcere depois da festa inicial, serviriam de ornamento aos futuros regosijos, á medida que a cidade pudesse recompor-se com as novas construções em perspectiva. Para isso, determinara-se a reedificação imediata do Grande Circo. Antes de atender ás próprias necessidades da Corte, o imperador desejava as simpatias do povo ignorante e sofredor, alimentando o que pudesse satisfazer seus estranhos caprichos.

A primeira carnificina, destinada a distrair o ânimo popular, foi levada a efeito em jardins imensos, na parte que permanecera imune da destruição, por entre orgias indecorosas, de que participaram a plebe e a grande fração do patriciado que se entregara á dissolução e ao desregramento. A festividade prolongou-se por noites sucessivas. A claridade de esplendida iluminação, orquestras numerosas inundavam o ar de melodias enternecedoras. Nos lagos artificiais deslizavam barcos graciosos, artisticamente iluminados. No seio da paisagem, favorecida pelas sombras da noite, que as tochas poderosas não conseguiam afastar de todo, repastava-se a devassidão em jôgo franco. Ao lado das expressões festivas, enfileiravam-se as do martírio dos pobres condenados. Os cristãos eram entregues ao povo para o castigo que ele julgasse mais justo. Para isso, com intervalos regulares, os jardins estavam cheios de cruzes, de postes, de açoites e numerosos instrumentos outros de flagelação. Havia guardas imperiais para auxiliar as atividades punitivas. Em fogueiras preparadas, encontravam-se água e azeite fervente, bem como pontas de ferro em brasa, para os que desejasse apli-
ca-las.

Os gemidos e soluços dos desgraçados casavam-se ironicamente com as notas harmoniosas dos alaúdes. Uns expiravam entre lágrimas e preces, aos apupos do povo; outros, entregavam-se estoicamente ao martírio, contemplando o céu alto e estrelado.

A linguagem mais forte será pobre para traduzir as dores imensas da grei cristã, naqueles dias angustio-

sos. Nada obstante os tormentos inenarraveis, os seguidores fiéis de Jesus revelaram o poder da fé áquela sociedade perversa e decadente, afrontando as torturas que lhes cabiam. Interrogados nos tribunais, em momento tão tragico, declaravam abertamente sua confiança em Cristo Jesus, aceitando os sofrimentos com humildade, por amor ao seu nome. Aquele heroísmo parecia acirrar, ainda mais, os animos da multidão animalizada. Inventavam-se novos generos de suplício. A perversidade apresentava, diariamente, numeros novos em sua venenosa facundia. Mas os cristãos pareciam possuidos de energias diferentes das conhecidas nos campos de batalhas sanguinolentas. A paciencia invencivel, a fé poderosa, a capacidade moral de resistencia, assombravam os mais afoitos. Não foram poucos os que se entregaram ao sacrifício cantando. Muita vez, diante de tanta coragem, os verdugos improvisados temeram o misterioso poder triunfante da morte.

Terminada a chacina de agosto, com grande entusiasmo popular, continuou a perseguição sem tréguas, para que não faltasse o contingente de vitimas nos espetáculos periódicos, oferecidos ao povo em regosijo pela reconstrução da cidade.

Diante das torturas e da carnificina, o coração de Paulo de Tarso sangrava de dor. A tormenta operava confusão em todos os setores. Os cristãos do Oriente, em sua maioria, trabalhavam por desertrar do campo da luta, forçados por circunstancias imperiosas da vida particular. O velho Apóstolo, entretanto, unindo-se a Pedro, reprovava essa atitude. A' exceção de Lucas, todos os cooperadores diretos, conhecidos desde a Ásia, haviam regressado. O ex-tecelão, todavia, fazendo causa comum com os desamparados, fez questão de assistí-los no transe inaudito. As igrejas domésticas estavam silenciosas. Fechados os grandes salões alugados na Suburra para as pregações da doutrina. Restava aos seguidores do Mestre apenas um meio de se entreverem e se reconfortarem na prece e nas lágrimas comuns: era as reuniões nas catacumbas abandonadas. E a verdade é que não poupavam sacrifícios para acorrer a esses

lugares tristes e ermos. Era nesses cemitérios esquecidos que encontravam o confôrto fraternal, para o momento trágico que os visitava. Ali oravam, comentavam as luminosas lições do Mestre e hauriam novas forças para os testemunhos impendentes.

Amparando-se em Lucas, Paulo de Tarso enfrentava o frio da noite, as sombras espessas, os caminhos ásperos. Enquanto Simão Pedro cogitava de atender a outros setores, o ex-rabino encaminhava-se aos antigos sepulcros, levando aos irmãos aflitos a inspiração do Mestre Divino, que lhe borbulhava na alma ardente. Muitas vezes as pregações se realizavam alta madrugada, quando soberano silêncio dominava a natureza. Centenas de discípulos escutavam a palavra luminosa do velho Apóstolo dos gentios, experimentando o poderoso influxo da sua fé. Nesses recintos sagrados, o convertido de Damasco associava-se aos cânticos que se misturavam de prantos dolorosos. O espírito santificado de Jesus, nesses momentos, parecia pairar na frente daqueles mártires anônimos, infundindo-lhes esperanças divinas.

Dois meses haviam decorrido, após a festa hedionda e o movimento das prisões aumentava dia-a-dia. Esperavam-se grandes comemorações. Alguns edifícios nobres do Palatino, reconstruídos em linhas sóbrias e elegantes, reclamavam homenagens dos poderes públicos. As obras de reedição do Grande Circo estavam adiantadíssimas. Era imprescindível programar festejos condignos. Para esse fim, os cárceres estavam repletos. Não faltariam figurantes para as cenas trágicas. Projetavam-se naumaquias pitorescas, bem como caçadas humanas no circo, em cuja arena seriam igualmente representadas peças famosas de sabor mitológico.

Os cristãos oravam, sofriam, esperavam.

Certa noite, Paulo dirigia aos irmãos a palavra afeituosa, no comentário do Evangelho de Jesus. Seus conceitos pareciam, mais que nunca, divinamente inspirados. As brisas da madrugada penetravam a caverna mortuária, que se iluminava de algumas tochas bru-

xoleantes. O recinto estava repleto de mulheres e crianças, ao lado de muitos homens embuçados.

Depois da pregação comoovedora, ouvida por todos, com os olhos molhados de lágrimas, o ex-tecelão de Tarso perorava solícito:

— Sim, irmãos, Deus é mais belo nos dias trágicos. Quando as sombras ameaçam o caminho, a luz é mais preciosa e mais pura. Nestes dias de sofrimento e morte, quando a mentira destronou a verdade e a virtude foi substituída pelo crime, lembremos Jesus no madeiro infamante. A cruz tem, para nós outros, uma divina mensagem. Não desdenhemos o testemunho sagrado, quando o Mestre, não obstante imaculado, só alcançou neste mundo batalhas silenciosas e sofrimentos indefiníveis. Fortaleçamo-nos na idéia de que seu reino ainda não é deste mundo. Alcemos o Espírito à esfera do seu amor imortal. A cidade dos cristãos não está na Terra; ela não poderia ser a Jerusalém que crucificou o Enviado Divino, nem a Roma que se compraz em derramar o sangue dos mártires. Neste mundo, estamos em uma frente de combate incruento, trabalhando pelo triunfo eterno da paz do Senhor. Não esperemos, portanto, repousar no lugar do trabalho e dos testemunhos vivos. Da cidade indestrutível da nossa fé, Jesus nos contempla e balsamiza o coração. Caminhemos ao seu encontro, através dos suplícios e das perplexidades dolorosas. Ele ascendeu ao Pai, do cimo do Calvário; nós lhe seguiremos as pégadas aceitando com humildade os sofrimentos que, por seu amor, nos foram reservados...

O auditório parecia estático, ouvindo as palavras proféticas do Apóstolo. Entre as lajes frias e impassíveis, os irmãos na fé sentiam-se mais unidos entre si. Em todos os olhares cintilava a certeza da vitória espiritual. Naquelas expressões de dor e de esperança havia o tácito compromisso de seguir o Crucificado até o seu Reino de Luz.

O orador fizera uma pausa, sentindo-se dominado por estranhas comoções.

Nesse instante inesquecível, um magote de guardas rompeu afoito no recinto. O centurião Volumnio, á testa

da patrulha armada fazia intimações em alta voz, enquanto os crentes pacíficos estavam surpresos.

— Em nome de Cesar! — bradava o preposto imperial, exultando de contentamento. E ordenando aos soldados que fechassem o círculo em torno dos cristãos indefesos, continuava gritando de modo espetacular. — E que ninguém fuja! Quem o tentar, morre como um cão!

Apoiando-se a forte cajado, pois, nessa noite não tivera a companhia de Lucas, Paulo ereto, evidenciando sua energia moral, exclamou firmemente:

— E quem vos disse que fugiríamos? Ignorais, porventura, que os cristãos conhecem o Mestre a quem servem? Sois emissário de um príncipe do mundo, que estes sepulcros esperam; mas nós somos trabalhadores do Salvador magnanimo e imortal!...

Volumnio fitou-o surpreso. Quem seria aquele velho, cheio de energia e combatividade? A-pesar-da admiração que lhe inspirava, o centurião manifestou seu desagrado num sorriso de ironia. Medindo o ex-rabino de alto a baixo, com olhar de profundo desprezo acrescentou:

— Atentem bem no que aqui dizem e fazem...

E depois de uma gargalhada, dirigiu-se a Paulo com insolência:

— Como ousas afrontar a autoridade de Augusto? Devem existir de fato, diferenças singulares entre o imperador e o crucificado de Jerusalém. Não sei onde estaria seu poder de salvação para deixar suas vítimas ao abandono, no fundo dos cárceres ou nos postes do martírio...

Essas palavras eram pontilhadas de mordaz ironia, mas o Apóstolo respondeu com a mesma nobreza de convicção:

— Enganai-vos, centurião! As diferenças são apreciáveis!... E' que vós obedeceis a um infeliz e odioso perseguidor e nós trabalhamos por um salvador que ama e perdoa. Os administradores romanos, impensadamente, poderão inventar crueldades; mas Jesus nunca cessará de nutrir a fonte das benções!...

A resposta produzira grande sensação no auditó-

rio. Os cristãos pareciam mais calmos e confiantes, os soldados não ocultavam a enorme impressão que os dominava. O centurião, embora reconhecendo o desassombro daquele espírito varonil, não queria parecer fraco aos olhos dos subalternos e exclamou irritado:

— Vamos, Lucílio: três bastonadas neste velho atrevido.

O nomeado avançou para o Apóstolo impassível. Ante a admiração silenciosa dos presentes, o bastão zuniu no ar, bateu em cheio no rosto do Apóstolo que, nem por isso, se alterou. As três pancadas foram rápidas; no entanto, um filete de sangue lhe escorria da face dilacerada.

O ex-rabino, a quem haviam tomado o cajado de apoio, mantinha-se de pé com certa dificuldade, mas sem trair o bom ânimo que lhe caracterizava a alma enérgica. Fixou os verdugos com firmeza e sentenciou:

— Não podeis ferir senão o corpo. Podereis amarrar-me de pés e mãos; quebrar-me a cabeça, mas as minhas convicções são intangíveis, inacessíveis aos vossos processos de perseguição.

Dante de tanta serenidade, Volumnio quase recuou aterrado. Não podia compreender aquela energia moral que se lhe deparava aos olhos cheios de espanto. Começava a acreditar que os cristãos, desprotegidos e anônimos, retinham um poder que a sua inteligência não lograva atingir. Impressionando-se com semelhante resistência, organizou, às pressas, as filas dos pobres perseguidos, que, humildes, obedeciam sem vacilar. O velho Apóstolo tarsense tomou lugar entre os prisioneiros sem trair o mínimo gesto de enfado ou rebeldia. Observando atentamente a conduta dos guardas, exclamou, quando se deslocava o bloco de vítimas e verdugos, ao primeiro contacto com o relento frio da madrugada.

— Exigimos o máximo respeito para com as mulheres e crianças!...

Ninguem ousou responder à observação, articulada em tom grave de advertência. O próprio Volumnio parecia obedecer inconscientemente às admoestações daquele homem de fé poderosa e invencível.

O grupo marchou em silêncio, atravessando as estradas desertas e chegando à Prisão Mamertina quando listravam o horizonte os primeiros clarões da aurora.

Atirados, préviamente, num páteo escuro, até serem alojados individualmente nas divisões gradeadas e infectas, os discípulos do Senhor aproveitaram esses momentos rápidos para conforto mútuo, para trocarem idéias e conselhos edificantes.

Paulo de Tarso, todavia, não descansou. Solicitou audiencia ao administrador da Prisão, prerrogativa conferida ao seu título de cidadania romana, sendo prestes atendido. Expôs sua doutrina sem rebuços e, impressionando a autoridade com seu verbo fluente e sedutor, encareceu as providências atinentes ao seu caso, pedindo a presença de vários amigos como Acácio Domitius e outros, para deporem no concernente à sua conduta e antecedentes honestos. O administrador vacilava na resolução a tomar. Tinha ordens terminantes de recolher ao cárcere todos os componentes de assembléias que se filiassem à crença perseguida e execrada. No entanto, as determinações de ordem superior continham certas restrições, no sentido de preservar, de algum modo, os "humiliores" (1), aos quais a Corte oferecia recursos de liberdade, caso prestassem juramento a Júpiter, abjurando o Cristo Jesus. Examinando os títulos de Paulo e conhecendo, através de seus informes verbais as prestigiosas relações de que podia dispor nos círculos romanos, o chefe da Prisão Mamertina resolveu consultar Acácio Domitius, sobre as providências cabíveis no caso.

Chamado ao estudo da questão, o amigo do Apóstolo compareceu solícito, procurando falar com o prisioneiro depois de longa entrevista com o diretor da prisão.

Domitius explicou ao benfeitor que a situação era muito grave; que o Prefeito dos Pretorianos estava investido de plenos poderes para dirigir a campanha como

(1) "Humiliores" eram as pessoas de condição humilde sem qualquer título de dignidade social. — (Nota de Emmanuel).

melhor entendesse; que toda a prudencia era indispensável e que, como último recurso, só restava um apelo á magnanimidade do imperador, perante quem o Apóstolo deveria comparecer para defender-se pessoalmente, caso fôsse deferida a petição apresentada a Cesar naquele mesmo dia.

Ouvindo essas ponderações, o ex-rabino recordou que uma noite, em meio á tempestade, entre a Grecia e a Ilha de Malta, ouvira a voz profética de um mensageiro de Jesus, que lhe anuniciava o comparecimento perante Cesar, sem esclarecer os motivos do evento. Não seria aquele o momento previsto? Milhares de irmãos estavam presos ou em extrema desolação. Acusados de incendiários, não haviam encontrado uma voz firme e resoluta que lhes advogasse a causa com o preciso desassombro. Percebia em Acácio a preocupação pela sua liberdade; mas, por trás das insinuações delicadas, havia um convite discreto para que ocultasse a sua fé perante o imperador, na hipótese de ser admitido á real entrevista. Compreendia os receios do amigo, mas, intimamente, desejava alcançar a audiencia de Nero, a-fim-de esclarece-lo quanto aos sublimes princípios do Cristianismo. Constituir-se-ia advogado dos irmãos perseguidos e desditosos. Afrontaria de face a tirania ovante, clamaria pela retificação do seu ato injusto. Se fôsse novamente preso, voltaria ao cárcere com a conciencia edificada no cumprimento de um sagrado dever.

Depois de rápida meditação sóbre a conveniencia do recurso que lhe parecia providencial, insistiu com Domitius para que o patrocinasse com os empenhos ao seu alcance.

O amigo do Apóstolo multiplicou atividades pessoais para alcançar os fins em vista. Valendo-se do prestígio de todos os que viviam em condições de subalternidade junto do imperador, conseguiu a desejada audiencia para que Paulo de Tarso se defendesse, como convinha, no apelo direto á autoridade de Augusto.

No dia aprazado, foi conduzido entre guardas, á presença de Nero, que o recebeu curioso num vasto

salão onde costumava reunir os favoritos ociosos da sua Corte criminosa e bizarra. Interessava-lhe a personalidade do ex-rabino. Queria conhecer o homem que mobilizara grande número de seus íntimos para apoiar-lhe o recurso. A presença do Apóstolo dos gentios causou-lhe enorme decepção. Que valor poderia ter aquele velho insignificante e franzino? Ao lado de Tigelinus e de outros conselheiros perversos, fixou ironicamente a figura de Paulo. Era incrivel tamanho interesse em torno de uma criatura tão vulgar. Quando se dispunha a recambia-lo á prisão sem lhe ouvir o apelo, um dos áulicos lembrou que seria conveniente facultar-lhe a palavra, para que se lhe aferisse a indigencia mental. Nero que jamais perdia occasião de ostentar suas presunções artísticas, considerou o alvitre bem apresentado e ordenou ao prisioneiro que falasse á vontade:

Ladeado por dois guardas, o inspirado pregador do Evangelho levantou a fronte cheio de nobreza, fitou Cesar e os companheiros do seu séquito leviano e começou, resoluto:

— Imperador dos romanos, comprehendo a grandeza desta hora em que vos falo, apelando para os vossos sentimentos de generosidade e justiça. Não me dirijo, aqui, a um homem falível, a uma personalidade humana, simplesmente, mas ao administrador que deve ser consciente e justo, ao maior dos principes do mundo e que, antes de tomar o cetro e a corôa de um império imenso, deve considerar-se o pai magnanimo de milhões de criaturas!

As palavras do velho Apóstolo ecoavam no recinto com o carater de uma profunda revelação. O imperador fixava-o, admirado e enternecido. Seu temperamento caprichoso era sensivel ás referencias pessoais, onde predominassem as imagens brilhantes. Percebendo que se impunha ao reduzido auditório, o convertido de Damasco prosseguiu mais corajoso:

— Confiado em vossa longanimidade, pleiteei esta hora inesquecivel, a-fim-de apelar para o vosso coração,

não sómente por mim, mas por milhares de homens, mulheres e crianças, que padecem nos cárceres ou sucumbem nos circos do martírio. Falo, aqui, em nome dessa multidão incontável de sofredores, perseguida com requintes de crueldade por favoritos de vossa Corte, que deveria ser constituída de homens íntegros e humanitários. Acaso não chegarão aos vossos ouvidos os lamentos angustiosos da viuvez, da velhice e da orfandade? Oh! Augusto imperante do trono de Claudio, sabei que uma onda de perversidades e crimes odiosos varre os bairros da cidade imperial, arrancando soluços dolorosos aos vossos tutelados miserandos! Ao lado da vossa atividade governamental, por certo, rastejam viboras venenosas que é necessário extirpar, a bem da tranquilidade e do trabalho honesto do vosso povo. Esses cooperadores perversos desviam vossos esforços do caminho réto, espalham o terror entre as classes desfavorecidas da sorte, ameacam os mais infelizes! São eles os acusadores dos prosélitos de uma doutrina de amor e redenção. Não acrediteis no embuste dos seus conselhos que reçumam crueldade. Ninguem trabalhou, talvez, quanto os cristãos, no socorro ás vítimas do incendio vorágino. Enquanto os patrícios ilustres fugiam de Roma desolada, enquanto os mais tímidos se recolhiam aos lugares mais abrigados de perigo, os discípulos de Jesus percorriam os quarteirões em chamas, aliviando as vítimas infortunadas. Alguns imolaram a vida ao altruísmo dignificador. E por fim, vêde, os trabalhadores sinceros do Cristo foram recompensados com a pecha de autores do crime hediondo, de caluniadores sem entradas. Acaso, não vos doeu a conciencia ao endossar tão infames alegações, á revelia de uma sindicacia imparcial e rigorosa? No esfervilhar das calunias, não vi surgir uma voz que vos esclarecesse. Admito que participais, certamente, de tão trágicas ilusões, porque não creio no desvirtuamento da vossa autoridade reservada ás melhores resoluções em favor do Império E' por isso — ó imperador dos romanos! — que, reconhecendo o grandioso poder enfeixado em vossas mãos, ouso levantar minha voz para esclarecer-vos. Atentai para a

extensão gloria de vossos deveres. Não vos entregueis á sanha de políticos inconscientes e cruéis. Lembrai-vos de que, numa vida mais elevada que esta, ser-vos-ão pedidas contas de vossa conduta nos atos públicos. Não alimenteis a pretensão de que vosso cétro seja eterno. Sois mandatario de um Senhor poderoso, que reside nos céus. Para vos convencerdes da singularidade de semelhante situação, volvei um olhar, apenas, ao passado brumoso. Onde os vossos antecessores? Em vossos palácios faustos perambularam guerreiros triunfantes, reis improvisados, herdeiros vaidosos de suas tradições. Onde estão eles? A história nos conta que chegaram ao trono com os aplausos delirantes das multidões. Vinham soberbos, ostentando magnificencias nos carros do triunfo, decretando a morte dos inimigos, adornando-se com os despojos sangrentos das vítimas. Entretanto, bastou um sôpro para que resvalassem do esplendor do trono para a escuridão do sepulcro. Uns partiram pelas consequencias fatais dos proprios excessos destruidores; outros assassinados pelos filhos da revolta e do desespêro. Recordando semelhante situação, não desejo transformar o culto da vida em culto da morte, mas demonstrar que a fortuna suprema do homem é a paz da conciencia pelo dever cumprido. Por todas essas razões, apelo para a vossa magnanimidade, não só por mim como por todos os correligionarios que gemem á sombra dos cárceres, esperando o gládio da morte!...

Observando-se longa pausa no verbo eloquente do orador, podia ver-se a estranha sensação que a sua palavra havia causado. Nero estava lívido. Tigelinus, profundamente irritado, procurava um recurso para insinuar-se com alguma observação menos digna, a respeito do postulante. As raras cortezãs presentes não disfarsavam a indizível comoção que lhes abalara o sistema nervoso. Os amigos do Prefeito dos Pretorianos mostravam-se indignados, rubros de cólera. Depois de ouvir um áulico, o imperador ordenou que o apelante se conservasse em silencio, até que tomasse as primeiras deliberações.

Estavam todos surpreendidos. Não se podia esperar de um velho franzino e doente tamanho poder de persuasão, um desassombro que raiava pela loucura, segundo as noções do patriciado. Por muito menos, velhos e probos conselheiros da Corte haviam alcançado o exílio ou a sentença de morte.

O filho de Agripina parecia abalado. Não mais assestava no olho a impertinente esmeralda, á guisa de monóculo. Tinha a impressão de haver escutado sinistros vaticínios. Entregava-se, automaticamente, aos seus gestos característicos, quando impressionado e nervoso. As advertencias do Apóstolo penetravam-lhe o coração, suas palavras pareciam ecoar-lhe nos ouvidos para sempre. Tigelinus percebeu a delicadeza da situação e aproximou-se.

— Divino — exclamou o Prefeito dos Pretorianos em atitude servil, a voz quase imperceptível — se quiserdes, o atrevido poderá morrer aqui mesmo, ainda hoje!

— Não, não — redarguiu Nero comovido — este homem é dos mais perigosos que tenho encontrado. Ninguem ousou comentar a presente situação nestes termos. Vejo, por detrás da sua palavra, muitos vultos talvez eminentes, que, conjugando valores, poderiam fazer-me grande mal.

— Concordo — disse o outro hesitante, em voz muito baixa.

— Assim, pois — continuou o imperador prudentemente — é preciso parecer magnanimo e sagaz. Dar-lhe-ei o perdão, por agora, recomendando que não se afaste da cidade, até que se esclareça de todo a situação dos seguidores do Cristianismo...

Tigelinus escutava com um sorriso ansioso, enquanto o filho de Agripina rematava em voz sumida:

— Mas vigiarás seus menores passos, mante-lo-ás em custódia oculta, e quando vier a festividade da reconstrução do Grande Circo, aproveitaremos a oportunidade para despachá-lo a lugár distante, onde deverá desaparecer para sempre.

O odioso Prefeito sorriu e acentuou:

— Ninguem resolveria melhor o intrincado problema.

Terminada a breve conversão, imperceptível aos demais, Nero declarou com enorme surpresa dos palacianos, conceder ao apelante a liberdade que pleiteava em sua primeira defesa, mas reservava o ato de absolvição para quando se apurasse definitivamente a responsabilidade dos cristãos. Dessarte, o defensor do Cristianismo poderia permanecer em Roma, á vontade, submetendo-se, contudo, ao compromisso de não se ausentar da séde do Império, até que seu caso pessoal fôsse bastante esclarecido. O Prefeito dos Pretorianos lavrou a sentença em pergaminho. Paulo de Tarso, por sua vez, estava confortado e radiante. O cíviloso monarca pareceu-lhe menos mau, digno de amizade e reconhecimento. Sentia-se possuído de grande alegria, por isso que os resultados da sua primeira defesa eram de molde a proporcionar nova esperança aos seus irmãos na fé.

Paulo retornou ao cárcere, ficando o administrador notificado das últimas disposições a seu respeito. Só então lhe deram liberdade.

Assaz esperançado, procurou os amigos; mas, por toda parte, só encontrava desoladoras notícias. A maioria dos colaboradores mais íntimos e prestimosos havia desaparecido, presos ou mortos. Muitos haviam abandonado, temerosos do extremo sacrifício. Por fim, sempre teve a satisfação de reencontrar Lucas. O piedoso médico informou-o dos acontecimentos dolorosos e trágicos que se repetiam, diariamente. Ignorando que um guarda o seguia de longe, para lhe situar a nova residencia, Paulo acompanhado do amigo, atingiu uma casa pobre nas proximidades da Porta Capena. Necessitando repousar e fortalecer o corpo debilitado, o velho pregador procurou dois generosos irmãos, que o receberam com imensa alegria. Tratava-se de Lino e Cláudia, dedicados servidores de Jesus.

O Apóstolo dos gentios instalou-se no lar pobre, com a obrigação de comparecer á Prisão Mamertina, de

três em três dias, até que se aclarasse a situação, de modo definitivo.

Não obstante o consólo de que se sentia possuído, o venerável amigo do gentilismo experimentava singulares presságios. Surpreendia-se a refletir no coroamento da carreira apostólica como se nada mais lhe restasse senão morrer por Jesus. Combatia tais pensamentos, no propósito de continuar propugnando pela difusão dos ensinamentos evangélicos. Não mais pôde encaminhar-se á pregação das catacumbas, dada a prostração física, mas valia-se da colaboração afetuosa e dedicada de Lucas para as epístolas que julgava necessárias. Nessas, inclue-se a derradeira carta que escreveu a Timóteo, aproveitando dois amigos que partiram para a Ásia. Paulo escreve esse último documento ao discípulo muito amado, tomado-se de singulares emoções que lhe enchem os olhos de lágrimas abundantes. Sua alma generosa deseja confiar ao filho de Eunice as últimas disposições, mas luta consigo mesmo, de modo a não se dar por vencido na luta. O ex-rabino ao traçar conceitos afetuoso, sente-se qual discípulo chamado a esferas mais altas, sem poder furtar-se á condição de homem que não deseja capitular na luta. Ao mesmo tempo que confia a Timóteo a convicção de haver terminado a carreira, pede-lhe que envie a ampla capa de couro deixada em Troade, em casa de Carpo, visto necessitar de agasalho para o corpo abatido. Enquanto lhe envia as últimas impressões cheias de prudência e carinho, roga os seus bons ofícios para que João Marcos venha á séde do Império, afim de auxilia-lo no serviço apostólico. Quando a mão trêmula e rugosa escreve melancolicamente: — "Só Lucas está comigo" (1), o convertido de Damasco interrompe-se para chorar sobre os pergaminhos. Nesse instante, porém, sente afagar-lhe a fronte um como flabelo de asas que adejassem de leve. Brando conforto lhe invade o coração amoroso e intrépido. Nesse ponto da carta, recobra novo ânimo e volta a demonstrar decisão de luta, terminando com

(1) II Epistola a Timóteo: 4-11 (Nota de EMMANUEL).

as recomendações atinentes ás necessidades da vida material e aos seus labores evangélicos.

Paulo de Tarso, entretanto, entrega a missiva a Lucas para expedi-la, sem conseguir disfarsar os seus lugubres pressentimentos. Em vão, o carinhoso médico e devotado amigo procura desfazer aquelas apreensões. Debalde Lino e Cláudia tentam distraí-lo.

Embora não abandonasse os trabalhos condizentes com a nova situação, o velho Apóstolo mergulhou-se em profundas meditações, das quais apenas se forrava para atender ás necessidades triviais.

Efetivamente, decorridas algumas semanas após a carta a Timóteo, um grupo armado visitou a residência de Lino, depois de meia noite, na véspera das grandes festividades com que a administração pública desejava assinalar a reconstrução do Grande Circo. O dono da casa, a esposa e Paulo de Tarso foram presos, escapando Lucas pelo fato de pernoitar em outra parte. As três vítimas foram conduzidas a um cárcere do monte Esquilino, dando provas de poderosa fé á face do martírio que começava.

O Apóstolo foi atirado a uma cela escura e incommunicável. Os próprios soldados se intimidavam da sua coragem. Ao desperdir-se de Lino e sua mulher, enquanto esta se desfazia em lágrimas, o valoroso pregador abraçava-os, dizendo:

— Tenhamos coragem. Esta deve ser a última vez em que nos saudamos com os olhos materiais; mas havemos de nos avistar no reino do Cristo. O poder tirânico de Cesar não atinge senão o corpo miserável...

Em virtude da ordem expressa de Tigelinus, o prisioneiro ficou isolado de todos os companheiros.

Na escuridão do cárcere, que mais se assemelhava a uma cova húmida, deu um balanço retropectivo a todas as atividades de sua vida, entregando-se a Jesus, inteiramente confiado na sua divina misericórdia. De-sejou sinceramente permanecer junto dos irmãos que, por certo, se destinavam aos espetáculos nefandos do dia imediato, esperando com eles comungar a hóstia dos martírios, quando chegasse a hora extrema.

Não pôde dormir, a considerar as horas transcorridas desde o momento da prisão, e concluiu que o dia do sacrifício estaria iminente. Nem uma réstea de luz penetrava o cubículo infecto e acanhado. Percebia, sómente, vagos rumores longínquos, que lhe davam idéia da aglomeração popular nas vias públicas. As horas passaram em expectativas que pareciam intermináveis. Depois de angustioso cansaço, conseguiu algumas horas de sono. Acordou, mais tarde, já incapacitado de calcular as horas decorridas. Tinha sede e fome, mas orou com fervor, sentindo que fluiam brandas consolações para sua alma, das fontes da providência invisível. No fundo, estava preocupado com a situação dos companheiros. Um guarda o informara de que enorme contingente de cristãos seria levado ao circo e ele sofria por não ter sido chamado a perecer com os irmãos, na arena do martírio, por amor a Jesus. Mergulhado nessas reflexões, não tardou a sentir que alguém abria, cautelosamente, a porta da enxovia. Conduzido ao exterior, o ex-rabino defrontou seis homens armados que o aguardavam junto de um veículo de regulares proporções. Ao longe, no horizonte pontilhado de estrelas, delineavam-se os tons maravilhosos da madrugada próxima.

O Apóstolo, silencioso, obedeceu à escolta. Ataram-lhe as mãos calejadas, brutalmente, com grosseiras cordas. Um vigilante noturno, visivelmente embriagado, aproximou-se e escarrou-lhe na face. O ex-rabino recordou os sofrimentos de Jesus e recebeu o insulto sem revelar o mínimo gesto de amor-próprio ofendido.

Mais uma ordem, tomou lugar no veículo, junto dos seis homens armados que o observavam, admirados de tanta serenidade e coragem.

Os cavalos trotaram lépidos como se quisessem atenuar a friagem húmida da manhã.

Chegados aos cemitérios que se enfileiravam ao longo da Via Appia, as sombras noturnas se desfaziam quase completamente, auspiciando um dia de sol radios.

O militar que chefiava a seleta mandou parar o carro e, fazendo descer o prisioneiro, disse-lhe hesitante.

— O Prefeito dos Pretorianos, por sentença de Cesar, ordenou que fôsseis sacrificado no dia imediato ao da morte dos cristãos votados às comemorações do circo, realizadas ontem. Deveis saber, portanto, que estais vivendo os últimos minutos.

Calmo, olhos brilhantes e mãos amarradas, Paulo de Tarso, mudo até então, exclamou, surpreendendo os verdugos com a sua majestosa serenidade:

— Ciente da tarefa criminosa que vos incumbe desempenhar... Os discípulos de Jesus não temem os algozes que só lhes podem aniquilar o corpo. Não julgueis que vossa espada possa eliminar-me a vida, de vez que, vivendo estes fugazes minutos em corpo carnal, isso significa que vou penetrar, sem mais demora, nos tabernáculos da vida eterna, com o meu Senhor Jesus Cristo, o mesmo que vos tomará contas, tanto quanto a Nero e Tigelinus!...

A patrulha sinistra estarrecia de assombro. Aquela energia moral no momento supremo, era de molde a abalar os mais fortes. Percebendo a surpresa geral e cioso do seu mandato, o chefe da escolta tomou a iniciativa do sacrifício. Os demais companheiros pareciam desorientados, nervosos, tremulos. O inflexível preposto de Tigelinus, porém, ordenou ao prisioneiro que desse vinte passos à frente. Paulo de Tarso caminhou serenamente, embora, no íntimo, se recomendasse a Jesus, compreendendo a necessidade de amparo espiritual para o testemunho supremo.

Ao chegar no local indicado, o sequaz de Tigelinus desembainhou a espada, mas, nesse instante, tremeu-lhe a mão fixando a vítima e falou-lhe em tom quase imperceptível:

— Lastimo ter sido designado para este feito e intimamente não posso deixar de lamentar-vos...

Paulo de Tarso, erguendo a fronte quanto lhe era possível, respondeu sem hesitar:

— Não sou digno de lástima. Tende antes compaixão de vós mesmo, porquanto morro cumprindo deveres sagrados, em função de vida eterna; enquanto que vós ainda não podeis fugir às obrigações grosseiras da vida

transitória. Chorai por vós, sim, porque eu partirei buscando o Senhor da Paz e da Verdade, que dá vida ao mundo; ao passo que vós, terminada vossa tarefa de sangue, tereis de voltar á hedionda convivencia dos mandantes de crimes tenebrosos da vossa época!...

O algoz continuava a fita-lo com assombro e Paulo, notando a tremura com que ele empunhava a espada, concitou resoluto:

— Não tremais!... Cumpri vosso dever até o fim!

Um golpe violento fendeu-lhe a garganta, seccionando quase inteiramente a velha cabeça que se nevara aos sofrimentos do mundo.

Paulo de Tarso caiu redondamente, sem articular uma palavra. O corpo alquebrado embolou-se no sólo, como um despojo horrendo e inutil. O sangue jorrava em golfões nas últimas contrações da agonia rápida, enquanto a expedição regressava penosamente muda, dentro da luz matinal e triunfante.

O valoroso discípulo do Evangelho sentia a angústia das derradeiras repercussões físicas; mas, aos poucos, experimentava uma sensação branda de alívio reparador. Mãos carinhosas e solícitas pareciam toca-lo de leve, como se arrancassem tão só, nesse contacto divino, as terríveis impressões dos seus amargurosos padecimentos. Tomado de surpresa, verificou que o transportavam a local distante e pensou que amigos generosos desejavam assistí-lo, em lugar mais conveniente, para que lhe não faltasse a doce consolação da morte tranquila. Depois de alguns minutos as dores haviam desaparecido por completo. Guardando a impressão de permanecer á sombra de alguma árvore frondosa e amiga, experimentava a carícia das brisas matinais que passavam em lufadas frescas. Tentou levantar-se, abrir os olhos, identificar a paisagem. Impossível! Sentia-se fraco, qual convalescente de moléstia prolongada e gravíssima. Reuniu as energias mentais, como lhe foi possível e orou, suplicando a Jesus permitisse o esclarecimento de sua alma, naquela nova situação. Sobretudo, a falta de visão deixava-o submerso em angustiosa expectativa. Recordou os dias de Damasco, quando a

cegueira lhe invadira os olhos de pecador, ofuscados pela luz gloria do Mestre. Lembrou o carinho fraternal de Ananias e chorou ao influxo daquelas singulares reminiscencias. Depois de grande esforço, conseguiu levantar-se e refletiu que o homem precisava servir a Deus, ainda que tateasse em densas trevas.

Foi aí que ouviu passos de alguém que se aproximava de leve. Ocorreu-lhe súbitamente o dia inesquecível em que fôra visitado pelo emissário de Cristo, na pensão de Judas.

— Quem sois? — perguntou como o fizera outrora, naquele lance inolvidável.

— Irmão Paulo... — começou a dizer o recém-chegado.

Mas o Apóstolo dos gentios, identificando aquela voz bem amada, interrompeu-lhe a palavra, bradando com júbilo inexprimível:

— Ananias!... Ananias!...

E caiu de joelhos, em pranto convulsivo.

— Sim, sou eu — disse a veneranda entidade pousando a mão luminosa na sua fronte — um dia Jesus mandou que te restituisse a visão, para que pudesses conhecer o caminho áspero dos seus discípulos e hoje, Paulo, concedeu-me a dita de abrir-te os olhos para a contemplação da vida eterna. Levanta-te! Já venceste os últimos inimigos, alcançaste a corôa da vida, atingiste novos planos da Redenção!...

O Apóstolo levantou-se afogado em lágrimas de jubilosa gratidão, enquanto Ananias pousando a destra nos seus olhos apagados, exclamou com carinho:

— Vê, novamente, em nome de Jesus!... Desde a revelação de Damasco, dedicaste os olhos ao serviço do Cristo! Contempla, agora, as belezas da vida eterna, para que possamos partir ao encontro do Mestre amado!...

Então, o devotado trabalhador do Evangelho reconheceu as maravilhas que Deus reserva aos seus cooperadores no mundo cheio de sombras. Tomado de espanto, identificou a paisagem que o rodeava. Não longe estavam as catacumbas da Via Appia. Misterio-

sas forças o haviam afastado do quadro triste em que se decompunham os despojos sangrentos. Sentiu-se jovem e feliz. Compreendia, agora, a grandeza do corpo espiritual no ambiente estranho aos organismos da Terra. Suas mãos estavam sem rugas, a epiderme sem cicatrizes. Tinha a impressão de haver sorvido um misterioso elixir de juventude. Uma túnica de alvura resplandecente envolvia-o em graciosas ondulações. Mal despertava do seu deslumbramento, quando alguém lhe bateu levemente no ombro: Era Gamaliél que lhe trazia um ósculo fraternal. Paulo de Tarso sentiu-se o mais ditoso dos sérões. Abraçando-se ao velho mestre e a Ananias, num só gesto de ternura exclamava entre lágrimas:

— Só Jesus me poderia conceder alegria igual a esta!

Mal não acabara de o dizer, começaram a chegar velhos companheiros de lutas terrenas, amigos de outros tempos, irmãos desvelados que lhe vinham trazer as boas vindas, ao transpôr os umbrais da eternidade. Os deslumbramentos do Apóstolo sucediam-se ininterruptos. Como se ficassem em Roma, à sua espera, todos os mártires das festividades da véspera chegaram cantando, nas proximidades das catacumbas. Todos queriam abraçar o generoso discípulo, oscular-lhe as mãos. Nesse interim, dando a impressão de nascer em maravilhosas fontes do mais além, ouviu-se uma cariçosa melodia acompanhada de vozes argentinas, que deviam ser angelicas. Surpreendido com a beleza da composição, intransladável na linguagem humana, Paulo ouvia o venerando amigo de Damasco que explicava solícito:

— Este é o hino dos prisioneiros libertados!...

Observando-lhe a intensa comoção, Ananias perguntou qual o seu primeiro desejo na esfera dos redimidos. Paulo de Tarso, intimamente recordou Abigail e os anelos sagrados do coração, como aconteceria a qualquer sér humano; mas, integrado no ministério divino, que manda esquecer os caprichos mais singelos, e sem trair a gratidão á misericórdia de Cristo, respondeu comovidamente:

— Meu primeiro desejo seria rever Jerusalém, onde pratiquei tantos males e, ali, orar a Jesus, para ofertar-lhe o meu agradecimento.

Tão depressa o disse e a luminosa assembléia se punha em movimento. Assombrado com o poder da volição, Paulo observava que as distâncias nada representavam agora para as suas possibilidades espirituais.

De mais alto continuavam fluindo harmonias de sublimada beleza. Eram hinos que exaltavam a ventura dos trabalhadores triunfantes, e a misericórdia das bençãos do Todo Poderoso.

Paulo desejava imprimir á divina excursão o sabor de suas reminiscências. Para esse fim, o grupo seguiu ao longo da Via Appia até Arícia, de onde se desviou em direção a Pouzziol, em cuja igreja se deteve em preces, por alguns minutos de ventura inigualável. Daí a caravana espiritual demandou a Ilha de Malta, transportando-se em seguida para o Pelopóneso, onde Paulo se extasiou na contemplação de Corinto, dando curso a recordações carinhosas e doces. Inflamados de entusiasmo fraternal, os componentes da caravana acompanhavam o valoroso discípulo no caminho das sagradas lembranças que lhe vibravam no coração. Atenas, Tessalônica, Filipes, Neapolis, Troade e Éfeso foram pontos nos quais o Apóstolo estacionara, demoradamente, orando com lágrimas de gratidão ao Altíssimo. Atravessadas as zonas de Panfilia e da Cilícia, entraram na Palestina, tomados de júbilo e sagrado respeito. Em todos os caminhos incorporavam-se emissários e trabalhadores de Cristo. Paulo não conseguia avaliar a alegria da chegada a Jerusalém, sob o prodigioso azul do crepúsculo.

Obedecendo ao alvitre de Ananias, reuniram-se no cimo do Calvário e ali cantaram hinos de esperança e de luz.

Lembrando os erros do passado amargurado, Paulo de Tarso ajoelhou-se e elevou a Jesus ferovorosa súplica. Os companheiros remidos recolheram-se em êxtase, enquanto ele transfigurado, em pranto, procurava exprimir

a mensagem de gratidão ao Divino Mestre. Desenhou-se então, na tela do Infinito, um quadro de beleza singular. Como se houvesse rasgado a umbela azul, imensurável, surgiu na amplidão do espaço uma senda luminosa e três vultos que se aproximavam radiantes. O Mestre estava no centro, conservando Estêvão á direita e Abigail ao lado do coração. Deslumbrado, arrebatado, o Apóstolo apenas pôde estender os braços, porque a voz lhe fugia no auge da comoção. Lágrimas abundantes perolavam-lhe no rosto também transfigurado. Abigail e Estêvão adiantaram-se. Ela tomou-lhe delicadamente as mãos num assomo de ternura, enquanto Estêvão o abraçava com efusão.

Paulo quis lançar-se nos braços dos dois irmãos de Corinto, beijar-lhes as mãos no seu arroubo de ventura, mas, qual a criança dócil que tudo devesse ao mestre dedicado e bom, procurou o olhar de Jesus, para sentir-lhe a aprovação.

O Mestre sorriu, indulgente e carinhoso, e falou:

— Sim, Paulo, sê feliz! Vem, agora, a meus braços, pois é da vontade de meu Pai que os verdugos e os mártires se reunam, para sempre, no meu reino!...

E assim unidos, ditosos, os fiéis trabalhadores do Evangelho da redenção seguiram as pégadas de Cristo, em demanda ás esferas da Verdade e da Luz...

Lá em baixo, Jerusalém contemplava, embevecida, o dilúculo vespertino, esperando o luar que não tardaria com os primeiros clarões...

FIM

Obras básicas

Para o estudo do Espiritismo

O Livro dos Espíritos	Allan Kardec
O Livro dos Médiums	Allan Kardec
O Evangelho segundo o Espiritismo	Allan Kardec
Os Quatro Evangelhos	Roustaing

— E todas as demais de Allan Kardec —

Para estudos complementares, recomendamos os seguintes autores: Dénis Delanne, Bezeira de Menezes, Pietro Ubaldi, Bozzano, Bittencourt Sampaio Saito, Flammarion, Crookes, Gibier, Dejean, Imbassahy, Pellicer, Fernando Lacerda, Moses, Vinicius, Aguard, Marchal e muitos outros cujos nomes figuram em nosso Catálogo.

Como obras de grande valor literário e filosófico, aconselhamos as recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Como leitura atraente, educativa e emocional, indicamos os romance e obras literárias constantes do nosso Pregário.

Enviamos gratuitamente o nosso Catálogo a quem nô-lo solicitar, bem como atenderemos a pedidos para qualquer localidade do interior por intermédio do SERVIÇO DE REVISÓIS. O comprador só pagará no momento em que receber os livros das mãos de seu Agente do Correio.

Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro